



Tais Leal de Oliveira

**Teoria Queer e estigma: a
construção de performances
homoafetivas em narrativas de
histórias de vida**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Departamento de Letras da Puc-Rio como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Professora Doutora Maria das Graças Dias
Pereira

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Tais Leal de Oliveira

**Teoria Queer e estigma: a construção de performances
homoafetivas em narrativas de histórias de vida**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor pelo Programa de
Pós-graduação em Letras do Departamento de
Letras do Centro de Teologia e Ciências
Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão
Examinadora abaixo assinada.

Dra. Maria das Graças Dias Pereira
Orientadora
PUC-Rio

Dr. Luiz Paulo da Moita Lopes
UFRJ

Dra. Maria Cláudia Coelho
UERJ

Dra. Diana de Souza Pinto
UNIRIO

Dra. Liliana Cabral Bastos
PUC-Rio

Dra. Branca Falabella Fabrício
UFRJ (Suplente)

Dra. Lucia Pacheco de Oliveira
PUC-Rio (Suplente)

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 31 de março de 2006

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Tais Leal de Oliveira

Graduou-se em Letras – Português-Inglês na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, em 1998. Pós-graduou-se em Língua Inglesa em 1999 pela PUC-Rio. Mestre em Letras – Estudos da Linguagem pela PUC-Rio em 2002. Participou de diversos congressos na área de Estudos da Linguagem. Atuou como professora no MBA de Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas – FGV.

Ficha catalográfica

Oliveira, Tais Leal de

Teoria Queer e estigma : a construção de performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida / Tais Leal de Oliveira ; orientadora: Maria das Graças Dias Pereira. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Letras, 2006.

2 v. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras.

Inclui referências bibliográficas.

1. Letras – Teses. 2. Homoafetividade. 3. Teoria queer. 4. Performance. 5. Posicionamento e alinhamento. 6. Estigma. I. Pereira, Maria das Graças Dias. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Para minha filha Luiza e meus pais

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria das Graças Dias Pereira, por sua orientação, sua atenção aos detalhes, sua compreensão. Seu estímulo às idéias de seus alunos, mesmo as mais inusitadas, promove a construção de novos conhecimentos. Assim como o fez durante meu mestrado, misturou afeto, ensinamento e exigência tornando possível esta tese.

À Professora Doutora Liliana Cabral Bastos, por ter me recebido no grupo de estudos que coordena, Narrativa, Identidade e Trabalho, permitindo, assim, que pudesse desfrutar de todas as reflexões que ali emergiram. Agradeço, sobretudo, a sugestão de que retomasse as leituras sobre estigma, que se revelaram tão importantes na análise de meus dados.

A todos os participantes do grupo de estudos acima citado, pelas críticas construtivas e pelas discussões conjuntas de textos teóricos. Em especial, agradeço à Dra. Liliana Cabral Bastos e à colega Sônia Rosas por suas reflexões acerca de posicionamento e alinhamento.

Aos professores do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ, por tudo que me ensinaram.

Aos funcionários do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ, especialmente à Chiquinha, sempre disponível para atender os alunos.

A CAPES, pela bolsa fornecida, que tornou esta pesquisa possível.

Aos sujeitos de pesquisa, que tão generosamente deram seus depoimentos.

À psicanalista Priscilla Corrêa de Oliveira, pela paciência com que sempre esclareceu questões relativas à psicanálise e pelo empréstimo de vários livros sobre o assunto.

À Miriam Lobo de Andrade pelas transcrições cuidadosas.

Aos meus pais pelo estímulo que sempre me deram em todos os projetos que tive.

À minha prima, Cecilia, mais uma vez responsável pelo projeto gráfico.

Resumo

Oliveira, Tais Leal de; Pereira, Maria das Graças Dias. Teoria Queer e estigma: a construção de performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida. **Rio de Janeiro, 2006. 2 v. Tese de Doutorado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.**

A tese “Teoria Queer e estigma: a construção de performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida” investiga a construção de performances homoafetivas a partir de histórias de vida narradas por quatro indivíduos, nas faixas etárias de 20-30 anos e 40-50 anos, de nível superior, pertencentes às camadas média e média alta, moradores da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. As narrativas são analisadas através da articulação da Teoria Queer e dos Estudos Feministas, da Análise da Narrativa, dos conceitos de posicionamento e alinhamento, e de estigma. A perspectiva do trabalho é interdisciplinar, incluindo conceitos oriundos da Psicologia Social, da Sociologia, da Antropologia e da História. A pesquisa procura demonstrar que os indivíduos constroem performances homoafetivas através do deslocamento e da manutenção da matriz cultural de inteligibilidade, que estabelece uma relação mimética entre sexo-gênero-prática sexual. Tais deslocamentos e manutenções são revelados pelos posicionamentos e alinhamentos assumidos no ato de narrar histórias de vida. Buscou-se observar, ainda, como o estigma afeta o cotidiano dos sujeitos entrevistados, sobretudo no que se refere a questões afetivas, principalmente aquelas relativas à família. O estudo realizado traz contribuições relevantes no que tange os estudos de gênero, sobretudo aqueles que se propõem a investigar indivíduos cujas práticas sexuais sejam estigmatizadas socialmente.

Palavras-chave:

Homoafetividade; teoria queer; performance; posicionamento e alinhamento, estigma.

ABSTRACT

Oliveira, Tais Leal de; Pereira, Maria das Graças Dias (Advisor). **Queer Theory and Stigma in the Construction of Homoaffection Performances in Life Stories Narratives**. Rio de Janeiro, 2006. 2 v. PhD Dissertation - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The dissertation "Queer Theory and Stigma in the Construction of Homoaffection Performances in Life Stories Narratives" investigates the construction of homoaffection performances through life stories narrated by four subjects, 20-30 years old and 40-50 years old, with university degree, belonging to middle and high middle class, living in the south zone of Rio de Janeiro. The narratives are analysed through the articulation of Queer Theory and Feminist Studies, Narrative Analysis, positioning and alignment concepts, and stigma. The perspective of this work is interdisciplinary, including concepts given by Social Psychology, Sociology, Anthropology, and History. The research aims at demonstrate that the subjects construe gay performances by displacing, and preserving the cultural matrix of intelligibility, which establishes a mimetic relation among sex-gender-sexual practice. Such displacements and preservations are revealed through positionings and alignments assumed in the act of telling life stories. I also tried to show how stigma affects the interviewer's daily routine, particularly in terms of emotions, mainly those related to affection in the family. The study brings relevant contributions to gender studies, above all the ones which purpose is the investigation of subjects whose sexual practices are socially stigmatized.

Keywords:

Homoaffection, queer theory, performance, positioning and alignment, stigma.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. Introdução | 16 |
| 1.1 O posicionamento teórico da pesquisa | 16 |
| 1.2 Escolha do termo homoafetividade | 21 |
| 1.3 Tema da pesquisa | 22 |
| 1.4 Perguntas de pesquisa | 22 |
| 1.5 Objetivos da pesquisa | 23 |
| 1.6 Justificativa da pesquisa | 24 |
| | |
| 2. A construção sócio-histórica da homossexualidade | 27 |
| 2.1 O movimento homófilo | 30 |
| 2.2 O movimento gay | 31 |
| 2.3 Homoafetividade no Brasil | 32 |
| | |
| 3. Arcabouço teórico e metodológico | 35 |
| 3.1 Teoria Queer | 36 |
| 3.1.1 O sexo como construção social | 38 |
| 3.1.2 Gênero e performance | 41 |
| 3.1.3 Os postulados de Sedwick | 46 |
| 3.1.3.1 Axiomas | 46 |
| 3.1.3.2 Discussão sobre sair do armário | 48 |
| 3.2 Estigma | 50 |
| 3.3 Análise da Narrativa | 53 |
| 3.3.1 Estrutura das narrativas | 54 |
| 3.3.2 O modelo de tempo de Mishler | 56 |
| 3.3.3 Histórias de vida | 56 |
| 3.3.3.1 Narrativa | 58 |
| 3.3.3.2 Crônica | 59 |
| 3.3.3.3 Explicação | 60 |
| 3.3.4 Mecanismos lexicais e interacionais | 61 |
| 3.4 Posicionamento e alinhamento | 63 |
| 3.5 Sociolinguística Interacional | 66 |
| 3.6 Metodologia | 68 |

| | | |
|---------|--|-----|
| 3.6.1 | Contextualização da coleta de dados | 69 |
| 3.6.2 | Entrevistas | 71 |
| 3.6.3 | Entrevistados selecionados | 71 |
| 3.6.4 | A divisão por temas | 72 |
| 4. | Análise dos dados | 74 |
| 4.1 | Gabe | 74 |
| 4.1.1 | Homoafetividade e família | 75 |
| 4.1.1.1 | Viagem a Portugal | 75 |
| 4.1.1.2 | Em Roma com o irmão | 90 |
| 4.1.1.3 | Contando para minha mãe | 95 |
| 4.1.2 | Homoafetividade e relacionamentos amorosos | 104 |
| 4.1.2.1 | Como casei com Mauro | 104 |
| 4.1.2.2 | Não era minha onda | 113 |
| 4.1.2.3 | Amor frustrado | 125 |
| 4.2 | Lauro | 137 |
| 4.2.1 | Homoafetividade | 137 |
| 4.2.1.1 | Ser gay | 137 |
| 4.2.1.2 | Me apaixonei | 140 |
| 4.2.1.3 | Cultura gay | 140 |
| 4.2.1.4 | Vivendo com estigma | 147 |
| 4.2.1.5 | Mulher | 153 |
| 4.2.2 | Homoafetividade e relacionamentos amorosos | 154 |
| 4.2.2.1 | Era o que eu queria | 154 |
| 4.2.2.2 | Relacionamento com Zélio | 156 |
| 4.2.2.3 | Casamento com Zélio | 162 |
| 4.2.2.4 | Casamento | 166 |
| 4.2.2.5 | Cantando na nota errada | 172 |
| 4.3 | Zélio | 179 |
| 4.3.1 | Homoafetividade e família | 179 |
| 4.3.1.1 | Ser gay é como ser hetero | 179 |
| 4.3.1.2 | Minha família não quer saber | 182 |
| 4.3.1.3 | Sou gay | 184 |
| 4.3.1.4 | Eu sentia uma atração diferente | 187 |

| | | |
|-----------|--|-----|
| 4.3.2 | Homoafetividade e relacionamentos amorosos | 190 |
| 4.3.2.1 | Não tive muitos casos | 190 |
| 4.3.2.2 | Casamento com Lauro | 192 |
| 4.4 | Mauro | 201 |
| 4.4.1 | Homoafetividade e família | 201 |
| 4.4.1.1 | Percebi que era gay | 201 |
| 4.4.1.2 | A psicologia me ajudou | 205 |
| 4.4.1.3 | Minha família ficou sabendo | 210 |
| 4.4.1.4 | Preconceito | 214 |
| 4.4.1.5 | Promiscuidade está ligada à masculinidade | 218 |
| 4.4.2 | Homoafetividade e relacionamentos amorosos | 221 |
| 4.4.2.1 | Meu primeiro namorado | 221 |
| 4.4.2.2 | Sedução | 228 |
| 4.4.2.3 | Relacionamento com Gabe | 230 |
| 5. | Considerações finais | 234 |
| 5.1 | Resultados da análise | 234 |
| 5.1.1 | Resultados de Gabe | 234 |
| 5.1.2 | Resultados de Lauro | 236 |
| 5.1.3 | Resultados de Zélio | 238 |
| 5.1.4 | Resultados de Mauro | 239 |
| 5.1.5 | Resultados dos quatro entrevistados | 241 |
| 5.2 | Teoria Queer, gênero e performance, e estigma | 242 |
| 5.2.1 | Teoria Queer e matriz cultural de inteligibilidade | 242 |
| 5.2.2 | Gênero e performance homoafetiva | 244 |
| 5.2.2.1 | Ser gay | 245 |
| 5.2.2.2 | Homoafetividade e relacionamentos amorosos | 246 |
| 5.2.2.2.1 | Relacionamentos com homens | 246 |
| 5.2.2.2.2 | Relacionamentos com mulheres | 248 |
| 5.2.2.2.3 | Romances | 248 |
| 5.2.2.2.4 | Relacionamento do casal | 249 |
| 5.2.2.3 | Performance homoafetiva | 250 |
| 5.2.3 | Estigma | 252 |
| 5.2.3.1 | Sair do armário | 253 |

| | |
|--------------------------------|-----|
| 5.2.3.2 O estigma no cotidiano | 254 |
| 5.3 Conclusão | 255 |
| 6. Bibliografia | 258 |
| 7. Anexos | 266 |
| 7.1 Gabe | 266 |
| 7.2 Lauro | 305 |
| 7.3 Zélio | 330 |
| 7.4 Mauro | 354 |

Convenções de Transcrição

| Símbolos | Especificação |
|-----------------|--|
| ... | pausa não medida |
| (1,5) | pausa medida |
| . | entonação descendente ou final de elocução |
| ? | entonação ascendente |
| , | entonação de continuidade |
| -- | fragmentação da unidade entonacional antes da conclusão do contorno entonacional projetado |
| - | final projetado da palavra não enunciado |
| : ou :: | alongamentos |
| sublinhado | ênfase ou no volume ou na altura |
| MAIÚSCULA | ênfase muito forte ou no volume ou na altura |
| () | fala incompreensível |
| hh | aspiração ou riso |
| .hh | inspiração |
| /.../ | indicação de transcrição parcial ou de eliminação |
| [[| início de turno simultâneo |
| [] | sobreposição localizada |
| = | elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas |
| °palavra° | fala em voz baixa |
| >palavra< | fala acelerada |
| <palavra> | fala mais devagar |
| “palavra” | fala relatada |
| (palavra) | fala duvidosa |
| (()) | descrição de fala não verbal (riso, tosse, gestos, entre outros) |
| ↑ | subida de entonação |
| ↓ | descida de entonação |

Convenções baseadas nos estudos da Análise da Conversação (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974; Atikson e Heritage, 1984), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987), Tannen (1989), Castillo e Petri (1987) e Gago (2002).

*Vocês sustentam que homem é homem e mulher é mulher.
Eu sustento que nada é simplesmente o que é, e que o ponto em que isso acontece
se chama morte. Portanto, exijo que meus defensores sejam metafísicos em vez de
advogados, e que o júri seja composto pelos meus pares – poetas, pervertidos,
vagabundos e gênios.*

Oscar Wilde

1.INTRODUÇÃO¹

1.1 O posicionamento teórico da pesquisa

Nos últimos vinte anos, gênero tem sido visto como responsável por certos comportamentos, práticas ou ações lingüísticas em contextos sociais específicos. As pessoas falam de determinada maneira porque são homens ou mulheres e a fala reflete essa diferença (Tannen, 1990; Lakoff, 1975). Os modelos de dominação e diferença relativos às interações entre homens e mulheres vêm sendo criticados devido ao seu reducionismo e naturalização dos dois sexos, negligenciando as diferenças intra-gêneros (McIlvenny, 2002: 1). Entre outros aspectos, as feministas criticam o fato de os modelos não contemplarem todas as mulheres em sua categoria de mulheres, excluindo aquelas consideradas marginais e diferentes (McIlvenny, 2002:5).

Segundo McIlvenny (2002:2), com a mudança da visão essencialista para uma visão construcionista nos estudos de gênero e linguagem, os estudos passaram a tratar do gênero em sua manifestação cotidiana e nas práticas comunicativas. Gênero não é mais visto como algo que somos, mas como um efeito que produzimos a partir do que fazemos (Butler, 1990). Assim, é a partir desta mudança de paradigma que, nos anos 90, a preocupação com o discurso das lésbicas, gays, bissexuais e transexuais foi colocado em foco, uma vez que questionou-se pensar gênero como reflexo de uma condição biológica.

No modelo de dominação e diferença, a base para a distinção sexo x gênero é a distinção natureza x cultura, ou seja, sexo estaria para matéria-prima (natural) assim como gênero estaria para o fabricado (cultural). Entretanto, natural e natureza estão submetidos a um contexto cultural que os define. Portanto, não são pré-discursivos. Logo, o sexo relacionado à natureza também não é pré-discursivo. Se o sexo é tão fabricado quanto o gênero, então, um não está dando significado ao outro, não havendo necessidade de existirem em igual número, podendo haver várias expressões de gênero e apenas dois sexos (Butler, [1990]2003:65-66). Dessa forma, o modelo da dominação e diferença, pautado no binarismo sexo-gênero para tratar de linguagem e gênero, mostra-se inadequado e outras abordagens se fazem necessárias.

¹ Todas as traduções são de minha inteira responsabilidade.

Respondendo à necessidade de outras abordagens, a Teoria Queer surgiu, nos anos 90, desafiando as concepções tradicionais de linguagem e gênero. Segundo Seidman ([1996]1997), a Teoria Queer contesta a construção de uma identidade específica, inclusive a assunção de uma identidade homossexual, tratando homossexualidade e heterossexualidade não como *status* social e identitário, mas como categorias de conhecimento. Muda-se, assim, o foco de uma preocupação com a liberação do sujeito homossexual para uma análise das práticas institucionais e dos discursos que produzem conhecimento sexual e das formas com que organizam a vida social, com foco na maneira com que estes conhecimentos e práticas sociais reprimem as diferenças (Seidman, [1996]1997: 13).

Consonante com a proposta da Teoria Queer, Heilborn (1999: 40) coloca que a “cultura (em sentido lato) é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros”. Na mesma linha de raciocínio de Heilborn, Loyola argumenta que “Na sociedade humana, o sexo constitui, ainda, um instrumento poderoso de criação de vínculos sociais e, ao mesmo tempo, uma constante ameaça às regras estabelecidas” (Loyola, 1999:34). Para a autora, temos que repensar as relações entre os sexos, a sexualidade e a reprodução biológica e social para podermos rever a estrutura das relações sociais que foi montada a partir desta relação. Ou seja, o foco deve estar no conhecimento dos mecanismos de relações sexo-gênero-prática sexual que promovem a construção dos binarismos e, conseqüentemente, a criação de categorias identitárias. Mas, se falamos de categorias de identidade, temos que pensar o que seria identidade.

Butler ([1990]2003:38) alega que a filosofia vê “identidade pessoal” centrada “nas características internas da pessoa, naquilo que estabeleceria sua continuidade ou auto-identidade no decorrer do tempo”, o que a leva a indagar: “em que medida as *práticas reguladoras* de formação e divisão de gênero constituem a identidade, a coerência interna do sujeito, e, a rigor, o *status* auto-idêntico da pessoa? /.../ E como as *práticas reguladoras* que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade?” (p.38) [grifos da autora]. Em outras palavras, é possível se falar em

identidade sem falar em gênero? E é possível falar em gênero sem falar de noções culturalmente inteligíveis de identidade?

Ainda segundo a autora, “sendo a ‘identidade’ assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de ‘pessoa’ se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é ‘incoerente’ ou ‘descontínuo’” (p.38). E se gêneros inteligíveis são aqueles em que o gênero decorre do sexo e que a “‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos é a manifestação do desejo através da prática sexual”, certos tipos de identidade não poderiam existir (p.39). Contudo, é fato que existem indivíduos que não vivem segundo essas normas de continuidade entre sexo-gênero-prática sexual, o que desvela que a noção de heterossexualidade e das identidades de gênero são construtos.

Se gêneros inteligíveis são “expressão” ou “efeitos”, então, são performances que produzem uma identidade que dizem expressar. Dessa forma, não há uma identidade pré-existente, não há masculinidade ou feminilidade verdadeiras e, portanto, outras performances podem existir (Butler, [1990]2003:201). Contudo, performance não deve ser entendida como uma encenação. Performance é um processo de repetição de normas, regular e restrito, que permite a constituição do sujeito, ou seja, não é um ato realizado por uma pessoa. É uma produção ritualizada (Butler, 1993:95).

Partindo da premissa de que não há uma identidade de gênero verdadeira, pré-existente, e que gênero é performance, investigo de que maneira as performances homoafetivas² são produzidas a partir dos posicionamentos e alinhamentos assumidos nas narrativas de histórias de vida dos sujeitos entrevistados.

Nas histórias de vida, o que o indivíduo é no presente altera a visão que tem de suas experiências passadas, o que o leva a revisar, mudar, abandonar significados antigos e adicionar novos a determinadas partes das histórias, logo, é um recurso de criação e manutenção do eu (Linde, 1993; Mishler, 2002). Tendo “como avaliação principal um ponto sobre o falante, não um ponto geral sobre como o mundo é” (Linde, 1993:21), ou seja, que tipo de pessoa o falante alega ser (p.81), as histórias de vida permitem que possamos perceber de que maneira o sujeito está se construindo. Ao mesmo tempo, ao se colocar como um determinado tipo de pessoa, o indivíduo molda o seu próprio eu e age

² O termo homoafetivo corresponde a homoerótico, a homossexual.

como esse eu representado na interação (Wortham, 2001:xi-xii). Assim, parece útil trabalhar com histórias de vida, posto que revelam as construções que os indivíduos fazem de si, através de posicionamentos e alinhamentos que assumem ao longo das narrativas.

Tratar de posicionamento e alinhamento requer que eu esclareça que distinção estou fazendo entre esses conceitos³. Goffman (1979), tratando de *footing*, estabelece que representa o alinhamento ou projeção pessoal do participante em relação ao outro, a si mesmo ou ao discurso em construção, ou seja, pode ser visto como eminentemente interacional. Segundo Davies e Harré (1990:48), posicionamento é o “processo discursivo através do qual os eus se colocam nas conversações como participantes subjetivamente coerentes, passíveis de observação, na produção conjunta de histórias”. Em artigo publicado anos mais tarde, Harré e Van Langenhove (1999:196) acrescentam que o posicionamento pode requerer atribuição de características pessoais que não são necessárias no alinhamento. Assim, posicionamento, além de tratar da relação com o outro no contexto interacional em nível micro, trata da relação do sujeito com o contexto social em nível macro e do sujeito com ele mesmo. Ou seja, estou considerando que o foco do alinhamento é a relação com o outro no momento da interação, em nível micro, enquanto que o foco no posicionamento pode estar na relação com o mundo social, em nível macro. Evidentemente, os níveis micro e o macro estão interligados, operando simultaneamente, contudo, ao distinguir os dois conceitos, estou buscando enfatizar os focos estabelecidos no momento da interação.

Como tratei a distinção de alinhamento e posicionamento em termos de sua relação com contextos micro e macro, faz-se necessário explicitar como vejo estes contextos. O que chamo de contexto em níveis micro e macro é baseado no que Knoblauch (2001:15) define como contexto imediato e como contexto social. Para o autor, o contexto imediato diz respeito ao momento da interação face-a-face, ao momento imediato da interação entre os participantes. O contexto social seria aquele relativo ao mundo social mais amplo, de ações simbólicas, ligado a coletividades, que transcende o alcance real ou potencial dos participantes da comunicação. Entretanto, como dito

anteriormente, os níveis operam simultaneamente na medida em que as micro experiências comunicativas representam, de alguma maneira, as macro realidades e estas se modificam através das micro experiências (Ellis, 1999:34). Em suma, se produzem e se reproduzem mutuamente.

Assim, conceitos sociais em nível macro podem ser entendidos e identificados em nível micro. No caso específico desta pesquisa, o conceito social de estigma é de suma importância, posto que a homoafetividade é vista como culpa de caráter individual (Goffman, 1963), estigmatizando os indivíduos que praticam sexo com pessoas de mesmo sexo. Segundo Goffman (1963), o estigma pode dificultar as relações do sujeito estigmatizado, na medida em que as pessoas com que se relaciona podem vê-lo apenas sob o prisma do estigma, deixando de perceber seus outros atributos, diferentes daquele marginalizado. Assim, os indivíduos que portam o estigma de culpa de caráter individual podem escolher se encobrirem, aumentando ainda mais a distância entre eles e os outros. Por outro lado, pessoas que portam estigmas possuem recursos para lidar com a sociedade. Segundo Shih (2004:176), as estratégias de resiliência se dão através de processos de compensação (maior persistência e assertividade, por exemplo), interpretações estratégicas de seu ambiente social (atribuição ao preconceito no caso de críticas negativas, por exemplo) e enfoque em múltiplas identidades (colocação do foco em identidades não estigmatizadas, de acordo com a interação em curso, por exemplo). Se consideramos que o conceito social de estigma interfere nas relações dos indivíduos que o portam, os pressupostos da Sociolinguística Interacional são úteis nesta pesquisa, pois trata “tanto dos processos interpretativos no nível local como dos processos interpretativos mais gerais, societários” (Gumperz, 2002: 32). Ou seja, na interação estão em jogo “o contexto de forma micro – captando mais especificamente as informações de natureza sócio-interacional que informam uma conversa” e o contexto “de forma macro – refletindo sobre a visão sócio-histórica e institucional que ancora o discurso” (Ribeiro e Pereira, [2002] 2004:2).

Essa investigação busca demonstrar como as performances homoafetivas são construídas, a partir do posicionamento e alinhamento assumidos nas narrativas de

³ A reflexão conduzida é a minha elaboração a partir das reflexões da Dra. Liliana Cabral Bastos e Sônia Rosas, coordenadora e colega, respectivamente, do grupo de estudos do qual faço parte, Narrativa,

histórias de vida de dois casais homoafetivos. Para esse fim, baseio-me nos pressupostos teóricos da Teoria Queer e dos Estudos Feministas (Butler, 1990,1993; Seidman, 1996), levando em consideração o conceito de estigma (Goffman, 1963; Shih, 2004), através da utilização das categorias teóricas de posicionamento (Davies e Harré, 1990; Harré e Van Langenhove, 1999; Moita Lopes, 2001) e de alinhamento (Goffman, 1979). A análise dos dados utiliza os instrumentos fornecidos pela Análise da Narrativa (Mishler, 2002; Linde, 1993; Bastos, 2005), apoiada nos pressupostos da Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1982, 2002; Ribeiro e Pereira, [2002]2004; Pereira, 2002).

A abordagem desta pesquisa é interdisciplinar, contando com as contribuições da História (Fout, 1992; Berutti, 2000), da Antropologia (Heilborn, 1999; Parker, 1999), da Sociologia (Bourdieu, 1998; Adelman, 2000) e da Psicologia Social (Nunan, 2001), pois estas áreas de estudo contribuem sobremaneira para compreendermos o contexto de ordem social em que estão inseridas as narrativas e os sujeitos de pesquisa.

1.2 Escolha do termo homoafetividade

Nessa pesquisa senti necessidade de um termo que refletisse melhor as questões levantadas aqui. Costa (1992:21-22) já havia manifestado a inadequação dos termos homossexual/homossexualidade, posto que remetem a noções de doenças físicas ou psicológicas, e propôs os termos homoeróticos/homoerotismo. Além de evitar alusões a doenças, negaria a idéia de uma substância orgânica ou psíquica comum a todas as pessoas que fazem sexo com pessoas de mesmo sexo. Ainda que concorde com o fato de que deve-se evitar alusões a doenças ou substâncias orgânicas ou psíquicas, o termo por ele escolhido remete a um dos aspectos constituintes do preconceito contra gays: interesse e atividade sexual exacerbados, que os levariam a olhar para todos como possíveis objetos de desejo. Além disso, a palavra erotismo remete apenas ao desejo, subtraindo o aspecto afetivo das relações entre as pessoas.

Heilborn (2004:15/nota de rodapé) propõe homocorporalidade, contudo, esta palavra também acarreta problemas. Por um lado, assim como homoerotismo, o termo remete apenas à relação entre corpos, ficando o afeto sem espaço; por outro lado, ao

remeter a corpos, corre o risco de promover, nos termos de Costa (1992), uma substância orgânica ou psíquica comum a todos os gays.

Preferi, assim, adotar os termos homoafetivo e homoafetividade, pois abarcam a prática sexual e o afeto entre as pessoas, sem fazer quaisquer referências a doenças ou substâncias orgânicas ou psíquicas. Entretanto, quando estiver citando autores que tenham usado os termos homossexual e homossexualidade, ou quando estiver me referindo à categoria sócio-construída dos homossexuais, posso vir a usar os termos homossexual e homossexualidade.

1.3 Tema da pesquisa

Na pesquisa, procuro perceber como as performances homoafetivas se realizam no discurso dos entrevistados, a partir dos posicionamentos e dos alinhamentos assumidos nas histórias de vida narradas, partindo da noção de matriz cultural de inteligibilidade, que estabelece uma relação mimética entre sexo-gênero-prática sexual. Essa matriz cultural de inteligibilidade prevê apenas heterogêneros, ou seja, aqueles em que o gênero decorre do sexo, portanto, a prática sexual somente pode ser realizada entre indivíduos de sexos opostos. Busco, então, perceber como os indivíduos mantêm e deslocam a matriz a fim de construir suas performances. O estudo, portanto, insere-se no âmbito da Teoria Queer e dos Estudos Feministas (Sedwick, 1990; Butler, 1990; Seidman, 1996), que discutem questões de gênero. Considerando-se que a matriz cultural de inteligibilidade não vê como inteligíveis performances homoafetivas, logo, consideram-nas marginais, outro aspecto do tema é a interferência do estigma (Goffman, 1963) na construção das performances dos indivíduos e como a estigmatização afeta a vida cotidiana dos entrevistados, sobretudo no que se refere às suas relações familiares e às suas posturas na vida pública.

1.4 Perguntas de pesquisa

A percepção da construção das categorias de sexo e de gênero, pautadas em uma matriz cultural de inteligibilidade (Butler, 1990, 1993), implicou na desconstrução da

visão essencialista, que postulava uma relação binária entre sexo e gênero, ou seja, que o fato de nascer com um determinado sexo implica em um determinado gênero (Tannen, 1990; Lakoff, 1975). Entretanto, o deslocamento de foco instaurado pela Teoria Queer e pelos Estudos Feministas nas investigações acerca de construção de performances de gênero ainda não foi totalmente explorado, sobretudo no que se refere à manipulação da matriz cultural de inteligibilidade nas construções de performances.

As indagações que nortearam essa investigação dizem respeito à mudança de visão na relação entre sexo, gênero e prática sexual, através da relação entre as interações situadas e a sociedade, percebidas nas narrativas dos sujeitos entrevistados.

Abaixo, coloco as perguntas que norteiam essa pesquisa.

Perguntas:

- 1) de que maneira se dá o rompimento das linhas causais entre sexo, gênero e prática sexual, como estabelece a matriz cultural de inteligibilidade?
- 2) de que maneira as performances homoafetivas podem ser vistas como próprias, não desvios de performances previstas pela matriz cultural de inteligibilidade?

1.5 Objetivos da pesquisa

O objetivo desta pesquisa é, sob o olhar da Teoria Queer e dos Estudos Feministas (Butler, 1990,1993; Seidman, 1996), estudar como os sujeitos entrevistados mantêm e deslocam a matriz cultural de inteligibilidade, a fim de construir suas performances homoafetivas. Um segundo ponto é buscar identificar os possíveis motivos que levam as pessoas a enxergá-las somente do ponto de vista do desvio, como masculinidades desviantes, sem atribuir características próprias.

Considerando-se que as performances homoafetivas são vistas como marginais, é necessário buscar entender a dimensão e a interferência do estigma (Goffman, 1963; Shih, 2004) nas performances dos sujeitos, ou seja, como estas performances e o estigma se articulam.

Para esses fins, procuro identificar os posicionamentos (Davies e Harré, 1990; Harré e Van Langenhove, 1999) e os alinhamentos (Goffman, 1979), construídos nas narrativas, que deslocam a matriz cultural de inteligibilidade, promovendo o rompimento da relação causal entre sexo, gênero e prática sexual.

É, ainda, considerando os posicionamentos e os alinhamentos que busco perceber a articulação do estigma (Goffman, 1963) com as performances homoafetivas.

A fim de perceber as performances homoafetivas, reveladas através dos posicionamentos e alinhamentos assumidos nas histórias de vida, bem como a interferência do estigma nas relações cotidianas dos entrevistados, utilizo os instrumentos fornecidos pela Análise da Narrativa (Mishler, 2002; Linde, 1993; Bastos, 2005).

A seguir, coloco os objetivos específicos dessa investigação, que possibilitam atingir os objetivos mais gerais aqui estabelecidos.

Objetivos específicos:

- 1) analisar como os sujeitos mantêm e deslocam a matriz cultural de inteligibilidade a fim de construírem suas performances homoafetivas, através da identificação dos posicionamentos e dos alinhamentos tomados para si e para os outros no ato de contar histórias de vida;
- 2) analisar em que consistem as performances homoafetivas, buscando perceber os motivos que as levam a serem vistas como desvios;
- 3) analisar a articulação entre estigma e performance homoafetiva;
- 4) analisar os recursos lingüísticos e paralingüísticos utilizados nas construções das performances.

1.6 Justificativa da pesquisa

A relevância desta investigação é tanto de ordem teórica quanto de ordem social.

Quanto à ordem teórica, estudar a construção de performances homoafetivas na perspectiva da Teoria Queer e dos Estudos Feministas (Butler, 1990; Seidman, 1996) é

relevante posto que inaugura um novo olhar nas análises sobre questões que envolvem sexo, gênero e prática sexual.

Justifica-se esta pesquisa, sobretudo, por desvelar a falácia da matriz cultural de inteligibilidade, que estabelece uma relação causal entre sexo, gênero e prática sexual. Percebemos, ao longo do trabalho, que sexo não implica em um gênero, tampouco este é expresso por uma prática sexual determinada.

Pensar gênero pela ótica da Teoria Queer e dos Estudos Feministas permite que questionemos as práticas institucionais e os discursos que produzem conhecimento sexual, ao invés de nos preocuparmos com a homoafetividade no âmbito da política de minorias, que acaba por reificar gays como diferentes, não normais. Entretanto, não implica em abandono de categorias, posto serem necessárias para a representação social. A questão é buscar uma representação própria, deslocada da visão binária, que estabelece a oposição homossexual x heterossexual. Assim, investigar a construção de performances homoafetivas pode promover novas formas de representação social.

Utilizar os instrumentos da Análise da Narrativa para levantar os posicionamentos e os alinhamentos assumidos nas narrativas de histórias de vida também é importante, pois revelam as relações entre as interações situadas, no nível micro, e as questões sociais mais amplas, no nível macro. Estudos feitos por Wood (1997: 258), com base em narrativas de sair do armário⁴ feitas por lésbicas, revelaram que a coda daquelas narrativas apontavam para o processo interminável de sair do armário e não para a completude da história, ou seja, o mundo social onde estavam inseridas ficou revelado pela forma como narravam.

Quanto à ordem social, estudar construção de identidades gays é relevante, pois, como argumenta McIntosh ([1968, 1996]1997: 35), o fato de os homossexuais serem vistos como desviantes revela mecanismos de controle social, tornando públicas as normas de comportamento. Consonante com McIntosh, Foucault ([1978]1988: 22) alega que os discursos sobre sexo no campo do poder têm relação com o crescimento populacional, as fontes de trabalho, de mão-de-obra, obrigando os governos a administrarem o sexo.

⁴ “Sair do armário” é uma expressão utilizada quando alguém revela a si próprio ou a outros que é gay.

Essas práticas governamentais de exclusão, contudo, por vezes têm que ser modificadas em virtude de situações de perigo. Quando, no início dos anos 80, a sociedade se viu ameaçada pela epidemia da Aids, diversas atividades formais foram fundadas com o objetivo de atender à comunidade gay, com homens assumidamente gays como líderes (Parker [1999]2002: 131). Ou seja, quando uma questão de saúde pública surgiu, as instituições tiveram que modificar sua abordagem com relação aos indivíduos homoafetivos, tornando-os visíveis e até mesmo parceiros no controle da doença.

Percebemos, assim, que mudanças na ordem social afetam de forma prática a vida dos gays. Se os indivíduos fazem parte da sociedade e, ao mesmo tempo em que a reproduzem, a produzem, o estudo das performances homoafetivas pode provocar alterações no campo social, afetando os mecanismos das relações de poder. Assim, investigar essas construções contribui para uma maior visibilidade, que pode vir a acarretar ganhos políticos.

Sendo uma pesquisa de natureza qualitativa e interpretativa, minha proposta é a de provocar reflexões que venham a contribuir para os estudos de gênero. Por outro lado, perceber a performance homoafetiva como própria, não um desvio, tira o caráter de anormalidade dos sujeitos que fazem sexo com pessoas de mesmo sexo, o que também pode vir a acarretar ganhos sociais e políticos.

Quanto à organização do trabalho, o capítulo 2 trata da construção sócio-histórica da homossexualidade. O capítulo 3 versa sobre o arcabouço teórico e metodológico que norteia esta pesquisa; no capítulo 4, analiso os dados coletados. No capítulo 5, faço considerações finais.

2. A CONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA HOMOSSEXUALIDADE

Nesse capítulo, abordo a construção sócio-histórica da categoria de homossexual e dos movimentos de resistência dela decorrentes. Ainda nessa capítulo, traço um panorama da homoafetividade no Brasil.

Minha preocupação não é a questão do desejo, se nasce ou não com o indivíduo, se é construído ou não; meu foco está na construção sócio-histórica da categoria. Meu posicionamento tem como suporte os estudos de McIntosh ([1968, 1996]1997), que argumenta que a questão não é discutir se a homossexualidade é inata ou adquirida; a questão é por que motivo a homossexualidade é colocada como condição, como um problema social. Para ela, rotular pessoas como desviantes é um dos mecanismos de controle social tornando públicas as normas de comportamento, isolando os desviantes como se faz com criminosos que desobedecem as leis (McIntosh, [1968,1996]1997: 35). Dessa forma, a homossexualidade no mundo ocidental seria uma construção com raízes na história política e econômica.

Nos séculos anteriores ao século XIX, não havia a categoria homossexual, que viria a surgir, como veremos, com o discurso médico. Até então, existia a figura do sodomita, que não era uma categoria identitária, mas alguém que cometia o ato da sodomia. Para compreender como e por que houve esta transição de concepção enquanto ato para identidade sexual, temos que percorrer o caminho da construção da categoria homossexualidade através da história.

Na Inglaterra, durante o governo de Henrique VIII, a bestialidade foi considerada crime passível de pena de morte, permanecendo assim até 1861. Bestialidade era definida como qualquer ato contra a natureza (sodomia), fosse entre homens e mulheres, homens e animais ou homens e homens. Weeks ([1996]1997: 45) coloca que o ponto importante desta lei é o de que ela fala de atos e não de pessoas, ou seja, a sodomia não estava vinculada a um determinado tipo de pessoa, mas era vista como um comportamento passível a qualquer indivíduo.

Foucault ([1978]2005: 22) localiza o século XVIII como o início da multiplicação dos discursos sobre sexo no campo do poder. As questões relativas a crescimento

populacional, fontes de trabalho e mão de obra obrigaram os governos a administrarem o sexo, fazendo com que os discursos sobre o sexo viessem sob “forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais” (p.26-27). Necessitava-se pensar na população como geradora de economia do Estado, portanto, sua reprodução passou a ser de interesse público. Entretanto, não devemos interpretar que os discursos sobre sexo eram dirigidos apenas às classes populares que, em última análise, representavam o maior número de trabalhadores. Os discursos sobre sexo tinham, em primeiro lugar, que garantir a longevidade e a descendência das classes dominantes, como meio de controle econômico e político (p.116). Se na aristocracia o relevante era o sangue, garantindo uma homogeneidade social, na burguesia era a saúde. Os casamentos não eram mais governados somente pela paridade financeiro-social, mas pela ameaça da hereditariedade. A manutenção da saúde dos corpos representava manter-se no poder, perpetuar uma “raça” (p.117-118), protegida pelos papéis sexuais e as divisões de poder inerentes a eles.

Trumbach (1992: 96) alega que, no século XVIII, havia dois tipos de corpos (homem e mulher) e três tipos de gênero (masculino, feminino e sodomita), uma vez que o sodomita experienciava seus desejos como resultado de educação ou socialização corrompida, não devido a uma condição do corpo. Na sociedade burguesa emergente daquele século, o sodomita tinha importância, pois garantia a manutenção das relações de poder entre homens e mulheres, já que destacava o comportamento sexual (desejo por homens, sentido por sodomitas e mulheres) como marca de diferença de gênero (homens só desejavam mulheres). Isso nos remete a Laqueur (apud Nunan, 2001:8), que estabelece que a busca por estabelecer diferenças só ocorreu porque “essas diferenças se tornaram politicamente importantes.”

Podemos ver que, embora houvesse o sodomita, este era única e exclusivamente pautado no comportamento sexual, não existindo, ainda, a categoria homossexual. Esta só viria a surgir no século XIX, com o discurso médico. Foi depois do advento da separação da medicina geral do corpo da medicina do sexo, com a publicação, em 1846, da *Psychopatia Sexualis*, de Heinrich Kaan, que passou a vigorar “um domínio médico-psicológico das ‘perversões’, que viria a tomar o lugar das velhas categorias morais de devassidão e da extravagância” (Foucault, [1978]2005: 111).

Ao longo do século XIX, médicos lançaram diversas teorias acerca do comportamento homossexual: homossexuais seriam almas femininas presas em corpos masculinos, homossexuais constituiriam um terceiro sexo (Hekma, 1992: 238). A psicanálise de Freud teve papel de destaque naquele período, pois, embora falasse em instinto sexual, o desvinculava de questões hereditárias, logo, de racismo e eugenismo (Foucault, [1978]2005: 112-113). É ainda Freud quem estabelece que parte da civilização restringe a vida sexual e regula os relacionamentos mútuos e sociais entre os seres humanos em busca de uma unidade cultural a partir da infância (Freud, [1929, 1930]1996:109-110). Assim, ainda que tenha contribuído para a patologização da homossexualidade, estabelece o papel da sociedade nas restrições às diferentes manifestações sexuais, pois é ela que prescreve “um tipo único de vida sexual para todos, não leva em consideração as dessemelhanças, inatas ou adquiridas, na constituição sexual dos seres humanos; cerceia, em bom número deles, o gozo sexual, tornando-se assim fonte de grave injustiça” (p.109-110). Portanto, apesar de ter desempenhado um papel na medicalização do sexo, a Psicanálise “foi, até os anos 40, a única que se opôs, rigorosamente, aos efeitos políticos e institucionais do sistema perversão-hereditariedade-degenerescência” (Foucault, [1978]2005: 112-113).

O Brasil, seguindo o modelo europeu, passa a buscar abordagens científicas para a homossexualidade. Os médicos a vêem como “inversão congênita ou psíquica”, estudam suas origens e prescrevem os tratamentos (Trevisan, 2000:179), ou seja, aqui, também, homossexualidade passa à categoria identitária.

O que podemos observar é uma rede de discursos voltados para a questão da homossexualidade. Segundo Foucault ([1978]2005: 64), há uma reduplicação de discursos através de procedimentos de confissão e discursividade científica, considerando-se que os indivíduos apenas trocaram a confissão da igreja pela confissão médica e os sermões de púlpito foram substituídos pelos discursos médicos. Essa argumentação poderia dar a impressão de que a homossexualidade já era tratada nos séculos anteriores. Contudo, se no discurso anterior o “sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (Foucault, [1978]2005:44).

A partir do momento em que o comportamento sexual passa a categoria identitária, cria-se uma minoria que fica passível de discriminação social. Entretanto, não

houve uma conformidade absoluta com as restrições impostas aos indivíduos cuja prática sexual era considerada desviante. Houve, como veremos nas sub-seções seguintes, movimentos e organizações criados com a finalidade de buscar legitimidade social e política para os homossexuais. Ainda que, de certa forma, acabassem por dar substância a essa identidade, reforçando a noção de diferença, esses movimentos foram importantes na medida em que contribuíram para a posição que os homoafetivos ocupam hoje, sobretudo no que se refere ao desenvolvimento de sua resiliência com relação ao estigma de serem gays. A visibilidade que agora têm só é possível devido aos movimentos do passado.

2.1 O movimento homófilo

Originárias na Europa, principalmente na Alemanha, as organizações homófilas buscavam reformas políticas com o intuito de aumentar a tolerância e descriminalizar a homossexualidade. Quando a Alemanha, em 1869, considerava um novo código penal que criminalizaria o sexo entre pessoas do mesmo sexo, Benkert, médico alemão, escreveu ao Ministro da Justiça, alegando que a homossexualidade era inata, portanto, não era culpa do indivíduo, tampouco era nociva à sociedade. Não obteve sucesso: o artigo 175 entrou em vigor em 1871 (Jagose, 2000:23).

Hirschfeld, neurologista também alemão, fundou o Comitê Científico Humanitário em 1897, com o objetivo de abolir o código acima citado. Assim como seu colega, enfatizou a natureza congênita da homossexualidade, que seria, na verdade, um terceiro sexo (Hekma, 1992; Fout, 1992; Jagose, 2000). Segundo o médico, os hormônios teriam papel expressivo no desenvolvimento da diferença sexual (Weeks, [1996]1997: 51). O que é surpreendente é o fato de que esse tipo de postura, bastante compreensível em sua época, esteja hoje sendo repetido por cientistas que buscam o DNA responsável pela homossexualidade, ou seja, voltamos ao século XIX, pesquisando fatores físicos que levariam indivíduos a desejarem fazer sexo com pessoas de mesmo sexo, desviando-nos da questão sobre os motivos de a prática sexual ter passado a ser tão relevante.

Segundo Fout (1992), na mesma década das colocações de Hirschfeld, havia sido iniciado um movimento organizado de moral puritana. As associações de moral puritana tinham como objetivo analisar questões que ameaçavam os valores cristãos, como

casamento e família. Eram compostas, em sua maioria, por homens da elite profissional: educadores, pastores, funcionários públicos, militares e homens de negócios. Naquela época, as mulheres e as feministas estavam começando a buscar algumas dessas profissões, representando, assim, um perigo para a hegemonia masculina (Fout, 1992: 277). O ataque à homossexualidade por parte das associações de moral puritana tinha razão de ser, pois era uma forma de preservar o mito da supremacia masculina, impedindo que o poder mudasse de mãos (Fout, 1992: 280).

Os movimentos de resistência não se restringiram à Europa. Em 1924, nos Estados Unidos, foi fundada a Chicago Society for Human Rights, que buscava proteger os interesses daqueles que tinham anormalidades mentais e psíquicas (os homossexuais). A partir dela, várias outras organizações foram criadas, mas talvez as mais significativas tenham sido a Mattachine Society e as Daughters of Bilitis, de 1951 e 1955 (Jagose, 2000).

A Mattachine Society, cuja grande parte dos fundadores eram membros do Partido Comunista, via homossexuais como uma minoria oprimida por uma cultura dominante. Devido à repressão perpetrada pelo macartismo, a sociedade acabou se dividindo. A Daughters of Bilitis era direcionada às lésbicas e suas questões. Ambas as organizações repudiavam travestis ou lésbicas masculinizadas e alegavam que a condição homossexual era congênita.

Embora os homófilos possam parecer conservadores para os padrões de hoje, temos que manter em perspectiva que foram esses grupos que abriram caminho para a reflexão sobre os direitos dos homossexuais (Jagose, 2000).

2.2 O movimento gay

O marco do movimento gay foram os acontecimentos de 1969, no Stonewall Inn, bar frequentado por homossexuais, em New York. Esse bar vinha sofrendo incursões policiais repetidamente, até que, em 28 de junho daquele ano, os gays reagiram a pedradas e garrafadas, ou seja, não se submeteram como sempre ocorria durante as incursões (Nunan, 2001; Jagose, 2000). A reação foi possível devido ao contexto da

época, pois a década de 60 foi marcada pela contra-cultura, pelo desafio à cultura dominante.

O movimento gay se articulava com outros movimentos de liberação, como o movimento negro, o feminismo. Não admitia liberdade para uns, sem libertar os outros. Para os ativistas gays, o sistema social vigente tinha que ser destruído, pois acreditavam que aqueles que participavam do sistema jamais o transformariam. “Uma identidade gay era uma identidade revolucionária que buscava acabar com o sistema que havia marginalizado e patologizado a homossexualidade” (Jagose, 2000: 37). Segundo Jagose (2000:38), o que mais distingue a estratégia do movimento gay do homófilo é o fato de aquele desacreditar a opinião profissional médico-psiquiátrica e buscar que as pessoas assumissem publicamente sua identidade gay.

Os participantes do movimento gay argumentavam que os conceitos tradicionais de sexo e gênero impediam as pessoas de perceberem seus verdadeiros eus. Livrar o mundo dos conceitos de sexo e gênero permitiria que as pessoas não fossem mais obrigadas a se reconhecerem como heterossexuais ou homossexuais (Jagose, 2000: 41). Hoje, vemos estes mesmos conceitos serem questionados, sobretudo pela Teoria Queer, muito embora seus teóricos não estejam preocupados em libertar gays da opressão a partir do reconhecimento de uma identidade específica.

O movimento gay americano se expandiu pelo mundo, alterando a organização social ocidental ao gerar uma identidade gay pública, funcionando politicamente.

2.3 Homoafetividade no Brasil

Segundo Parker ([1999]2002), para se compreender o surgimento de comunidades gays hoje, há que se considerar o desenvolvimento econômico e político do Brasil. No campo econômico, devido aos processos de industrialização e urbanização, que substituíram a agricultura e a produção doméstica, os filhos e a procriação passaram a ser menos necessários. Esse aspecto, aliado aos novos sistemas de transporte que facilitavam o deslocamento, permitia que os indivíduos se deslocassem em busca de trabalho em outros lugares (p.166), saindo do jugo familiar a que eram submetidos e entrando em contato com novas formas de pensar. Entretanto, a divisão rígida de classes sociais ainda

imperando no país impedia a formação de grupos baseados em orientação sexual, pois a questão primordial era a ascensão em termos de classe social.

No campo político,

“o modelo autoritário de organização política que predominou na vida brasileira durante mais de vinte anos de ditadura militar também limitou severamente o domínio da liberdade pessoal e a própria noção de identidade pessoal (sexual e outras) como um modelo de organização política.” (Parker, [1999]2002: 169).

É necessário lembrar que não só os militares foram responsáveis pela opressão à homoafetividade. Segundo Green (2004), a esquerda brasileira dos anos 60, inspirada no Maoísmo e na Revolução Cubana, associava homossexualidade à contra-revolução e atrelava as relações entre pessoas de mesmo sexo à burguesia. Assim, “aqueles que apresentassem tais comportamentos” ficavam “na posição de inimigos da classe” (Green, 2004:424). O autor coloca, ainda, que, no Primeiro Congresso de Educação e Cultura de Cuba, de 1971, foi declarado que “a homossexualidade era ‘anti-social’”, influenciando os revolucionários brasileiros que eram treinados naquele país, sobretudo porque essa premissa se afinava com a visão predominante sobre homoafetividade no Brasil (p.424).

Com a redemocratização da sociedade brasileira ao longo das décadas de 80 e 90, uma política de homossexualidade em torno de uma noção de identidade gay começou a vigorar. No campo econômico, o contexto neoliberal que buscava aproximar a realidade brasileira às democracias neoliberais, sobretudo aos Estados Unidos, favorecia essa política (Parker, [1999]2002:171). A “interação entre sistemas sociais locais e forças econômicas e políticas generalizadas ao longo das últimas décadas do século XX” proporcionaram uma reestruturação “na natureza da vida brasileira e o caráter da interação do Brasil com o sistema global maior” (Parker, [1999]2002:294-5). O contato com o exterior, a importação de estilos e símbolos gays internacionais é uma realidade hoje. Entretanto, não é simplesmente uma adoção da cultura anglo-européia, mas uma resignificação em nível local. (p.296-7).

O capitalismo neoliberal e sua política de mercados facilitou, indiretamente, a difusão da homossexualidade. Os gays agora também são vistos como consumidores e consumidores com dinheiro na mão para usufruir de lazer e compras. Segundo Trevisan

(2000), o conceito importado de GLS – gays, lésbicas e simpatizantes – permitiu a expansão do gueto para quaisquer pessoas, proporcionando maior visibilidade. Essa estratégia que ultrapassa “os padrões convencionais de militância”, confundindo “os limites entre atividades lúdicas, comerciais e militantes”, gerou uma “prática cultural diversificada”, “sem a exasperação das bandeiras levantadas” (p.378-9).

No campo da mídia, a homoafetividade ganhou espaço significativo nos últimos anos. Revistas começaram a apresentar capas e matérias extensas sobre gays. Na edição de junho de 2003, a revista *Veja* exibiu em sua capa o título da reportagem em foco: “Gays. A vida fora do armário”. Explorando as dificuldades encontradas no seu cotidiano, a reportagem enfatizou a importância do gay como consumidor, portanto, para o comércio. Na *Super Interessante* de julho de 2004, a matéria em destaque responsável pela capa é o casamento gay. Nela, a revista se posiciona claramente a favor da união civil entre pessoas de mesmo sexo, apontando para a injustiça do tratamento desigual entre homo e heterossexuais. Jornais publicam matérias favoráveis e novelas apresentam gays de forma menos estereotipada.

Entretanto, o estigma que cerca a homoafetividade é ainda muito presente. Os jornais e revistas, além das matérias citadas acima, publicam dezenas de episódios de agressões homofóbicas sofridas por gays. As novelas, mesmo que passem uma imagem mais “normal” dos homoafetivos, ainda não se sentem confortáveis de mostrar cenas de afeto entre pessoas de mesmo sexo. A novela *América*, exibida pela TV Globo em 2005, simplesmente não mostrou o beijo esperado entre os personagens Bruno e Zeca. No campo jurídico, gays ainda esperam pela aprovação do projeto de Parceria Civil Registrada, de autoria de Marta Suplicy e apresentado ao Congresso Nacional em 1995.

Assim, podemos perceber que, se o Brasil mudou suas políticas com relação à homoafetividade na vida pública, por outro lado, ainda tem fortemente enraizado a visão da homoafetividade como prática sexual marginal, impedindo aqueles que se relacionam com pessoas de mesmo sexo de gozarem dos mesmos privilégios dos heterossexuais.

3. ARCABOUÇO TEÓRICO E METODOLÓGICO

O modelo teórico adotado aqui está inserido no âmbito dos estudos de gênero da Teoria Queer e dos Estudos Feministas (Sedwick, 1990; Butler, 1990; Seidman, 1996), do conceito de estigma (Goffman, 1963; Shih, 2004), dos conceitos de posicionamento (Davies e Harré, 1990; Harré e Van Langenhove, 1999; Moita Lopes, 2001) e alinhamento (Goffman, 1979), da Análise da Narrativa (Mishler, 2002; Linde, 1993; Labov, 1972; Bastos, 2005), e da Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1982; Pereira, 2002), contando com contribuições da Sociologia (Bourdieu, 1999; Adelman, 2000), da Antropologia (Heilborn, 1999; Parker, 1999), da Filosofia (Foucault, 1978), da Psicologia Social (Nunan, 2001) e da História (Fout, 1992; Berutti, 2000). A natureza da pesquisa é, portanto, interdisciplinar.

Para podermos analisar, compreender e interpretar as narrativas dos sujeitos entrevistados, a perspectiva da Teoria Queer e dos Estudos Feministas sobre sexo e gênero são fundamentais.

Segundo a Teoria Queer e os Estudos Feministas, sexo e gênero são vistos como construções sociais, portanto, em nenhum momento são considerados óbvios ou naturais. Essa abordagem é necessária sobretudo para que possamos compreender como a matriz cultural de inteligibilidade foi construída e como os sujeitos deslocam e mantêm esta matriz a fim de construir suas performances homoafetivas.

Como a matriz de inteligibilidade estabelece que certas performances de gênero são ininteligíveis, colocando-as como marginais, o conceito de estigma é de grande valia, pois ajuda-nos a perceber de que maneira o estigma interfere nas construções de performances dos sujeitos analisados.

Considerando-se que as performances homoafetivas são realizadas a partir de narrativas de histórias de vida dos sujeitos, é necessário identificar os posicionamentos e alinhamentos construídos que revelem estas performances, o que faço através dos instrumentos da Análise da Narrativa.

A matriz cultural de inteligibilidade e o conceito de estigma têm relação com contextos sociais mais amplos, logo, com o nível macro, contudo, sua percepção se dá na

interação local, no momento de narrar histórias de vida, portanto, no nível micro. Dessa forma, a Sociolinguística Interacional é útil, pois estabelece ligações entre os dois níveis.

Assim, as seções seguintes abordarão mais especificamente Teoria Queer, conceito de estigma, Análise da Narrativa, posicionamento e alinhamento, Sociolinguística Interacional.

A metodologia, de natureza qualitativa e interpretativa, será abordada mais detalhadamente na última parte desse capítulo.

3.1 Teoria Queer

Pensar em investigar construções de performances homoafetivas implica em repensar o binarismo homoafetividade x heterossexualidade, o que é feito pela Teoria Queer.

A Teoria Queer, criação acadêmica de professores das áreas humanas e feministas, tenta mudar o debate de explicar a homossexualidade moderna para questionar como o binarismo hetero/homossexual funciona; de uma preocupação exclusiva com os homossexuais para colocar em foco a heterossexualidade como princípio de organização política e social; de uma política de minoria para uma política do conhecimento e da diferença (Seidman, [1996]1997: 9).

Para os teóricos da Teoria Queer, as identidades são múltiplas e se combinam, sendo que qualquer visão de construção identitária específica seria arbitrária e excludente. Sendo assim, a teoria contesta a assunção de uma identidade homossexual, preferindo trabalhar com a transgressão e a rebelião permanentes (Seidman, [1996]1997: 11). Entretanto, o objetivo não é abandonar a identidade como categoria, mas mantê-la aberta e sujeita à contestação (Seidman, [1996]1997:12). De fato, se não estabelecermos algum tipo de categoria, fica difícil, se não impossível, buscar representação social. Como bem coloca Butler ([1990]2003: 22), “a tarefa é formular”, dentro das estruturas de poder, “uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam.”

Principais pontos da Teoria Queer:

- “1) um conceito de sexualidade que vê poder sexual incorporado em diferentes níveis da vida social, expresso discursivamente e reforçado através de fronteiras e divisões binárias;
- 2) a problematização das categorias de sexo e gênero e de identidades em geral. Identidades são sempre um terreno incerto, levando a deslocamentos de identificação e conhecimento;
- 3) uma rejeição às estratégias dos direitos civis em favor da política do carnaval, da transgressão e da paródia, que leva à desconstrução, à descentralização, às leituras revisionistas e a uma política anti-assimilacionista;
- 4) uma vontade de questionar áreas que normalmente não são vistas no terreno da sexualidade e de conduzir leituras queer de textos ostensivamente heterossexuais ou não sexuais.”

(Stein & Plummer, [1996]1997: 134)

Os teóricos da Teoria Queer alegam, ainda, que as estratégias gays existentes e as estratégias de grupos minoritários em geral, no que se refere à representação política, tendem a se basear em dualismos que reforçam a noção de minoria como outro e criam oposições binárias que deixam o centro intacto (Stein & Plummer, [1996]1997: 134). Apesar de concordar com o fato de que a tendência dos grupos minoritários é de se basear em dualismos (masculino x feminino; homossexual x heterossexual, por exemplo), argumento que a questão não é abandonar totalmente estratégias de direitos civis, mas sim problematizar os dualismos, porém agindo dentro das estruturas do poder de forma a provocar mudanças.

Nesse sentido, Butler ([1990]2003: 22), tratando das questões feministas, alerta que “Por sua conformação às exigências da política representacional de que o feminismo articule um sujeito estável, o feminismo abre assim a guarda a acusações de deturpação cabal de representação”, porém, no parágrafo seguinte da página citada, coloca que a tarefa não é recusar a política representacional, mesmo porque não há como fazê-lo. Se levarmos esse raciocínio para as questões relativas aos homoafetivos, percebemos que, apesar de rejeitar a dicotomia homo/hetero, a representação deve ser buscada, contudo, problematizando essas categorias, colocando-as como construtos sociais oriundos de uma política de sexualização da sociedade para fins de garantir a hegemonia do grupo dominante. Assim, concordo com Epstein ([1996]1997: 156) que coloca que o ponto é

“manter a identidade e a diferença em tensão produtiva e se basear nas noções de identidade e política identitária, permanecendo sempre alerta contra a reificação”, ou seja, criticar as categorias e suas representações, pois, como colocam alguns críticos, não trabalhar com uma política de gêneros pode impedir uma ação política (Jagose, 2000:112).

Para Jagose (2000: 98), queer é um termo indeterminado, que marca a suspensão da identidade como algo fixo, coerente e natural. Também pode ser aplicado para descrever uma situação aberta cuja característica compartilhada não é a identidade em si, mas um posicionamento anti-normativo com relação à sexualidade. Pode, assim, incluir todos aqueles cujas identificações sexuais não sejam consideradas normais ou sancionadas. Desnaturalizar é sua estratégia principal (Jagose, 2000: 99).

Namaste ([1996]1997: 205-206) lembra que o fato de a teoria queer abranger uma multiplicidade de identidades (transexuais, bissexuais, drag queens, gays, heterossexuais, etc) expande a política sexual contemporânea para além da oposição hetero/homossexual, pois coloca em destaque as várias posições não heterossexuais disponíveis, bem como posições heterossexuais não legitimadas, pondo em foco o deslocamento da heterossexualidade e da homossexualidade e a relação entre elas.

Um dos fatos de grande importância da Teoria Queer para qualquer estudo de gênero é que, ao questionar as diversas categorizações sociais que fazemos e o olhar binário que temos sobre o mundo social, permite um espaço maior de construção individual de performances, já que recusa a consolidação de grupos onde um sujeito estável seja articulado. Contudo, para trabalhar com essa teoria a fim de investigar performances homoafetivas, temos que entender o desenvolvimento da construção do sexo biológico e suas conseqüências na visão de gênero. Assim, as sub-seções seguintes versarão sobre esses temas.

3.1.1 O sexo como construção social

Para podermos compreender questões de gênero e da matriz cultural de inteligibilidade que legitima uns em detrimento de outros, temos que questionar o sexo biológico dito natural. Como apontado na introdução, a noção de sexo como matéria-prima,

natural, portanto, anterior à cultura, impede que percebamos os meios discursivos pelos quais foi criado.

Lembro aqui que não estou falando de uma anatomia, ou seja, do órgão sexual, mas do significado atribuído a ele, que passa despercebido no nosso cotidiano. De fato, por ser visível e palpável, sujeito a explicações científicas baseadas em hormônios e DNA, ganha uma aparência de naturalidade que não possui, mascarando sua eleição como forma de controle social. Bourdieu ([1998]1999:16), ao tratar da sociedade cabila, revela que a oposição masculino x feminino é reificada por outras oposições, que, por sua vez, acabam por dar substância àquela:

“Arbitrária em estado isolado, a divisão das coisas e das atividades (sexuais e outras) segundo uma oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/baixo, /.../ fora (público)/dentro (privado)” etc., que, para alguns, correspondem a movimentos do corpo (alto/baixo//subir/descer, fora/dentro//sair/entrar). Semelhantes na diferença, tais oposições são suficientemente concordes para se sustentarem mutuamente, no jogo e pelo jogo inesgotável de transferências práticas e metáforas; e também suficientemente divergentes para conferir, a cada uma, uma espécie de espessura semântica, nascida da sobredeterminação pelas harmonias, conotações e correspondências.” (Bourdieu, [1998]1999:16).

Assim, as oposições ganham *status* de naturais, confirmando e reificando as oposições masculino/feminino, pautadas na oposição de corpos que, numa comparação com movimentos corporais, ganham substância e invertem relações de causas e efeitos. Ou seja, a própria divisão de movimentos corporais de forma opositiva cria uma idéia de oposição real, não construída, que vem a validar outras oposições construídas, a partir de uma impressão de objetividade, posto que, por exemplo, subir e descer são atos não só visíveis, como passíveis de experimentação. Contudo, subir e descer não são necessariamente opostos; são simplesmente movimentos corporais que ganharam esse valor de oposição com finalidades sociais. Da mesma maneira, fundada nas divisões e oposições socialmente construídas, a oposição dos corpos, igualmente visíveis, ganha aparência natural porque está inscrita na objetividade, impedindo a percepção da subjetividade das oposições (Bourdieu, [1998]1999).

Transportando essa reflexão para a nossa sociedade hoje, esses princípios de oposição binária acabam por consagrar a ordem estabelecida, causando a impressão de que a divisão entre os sexos é natural. Ao estabelecer essa oposição binária dos sexos, corpos machos x corpos fêmeas, como pré-discursiva, logo, natural, abre-se o caminho para outras oposições, culturais, que se justificam por sua inscrição na natureza, alimentando a ilusão de realidade e reificando aquela estabelecida como natural.

O corpo representado como natural, portanto, lugar de inscrição de significados culturais, permite a criação dos gêneros como correspondência de oposições binárias naturais, impedindo a compreensão de gêneros que não se baseiem em corpos. Assim, fica estabelecida uma matriz cultural de inteligibilidade pautada em oposições de gênero que, por sua vez, estão pautadas em oposições de sexo, que seria natural e, dessa forma, indiscutível (Butler, 1990). Entretanto, como vimos, as oposições são construções sociais, logo, o sexo como oposição também é uma construção social. Então, a relação sexo/natureza como base para a relação gênero/cultura não é verdadeira. Perseguindo nesse raciocínio, se sexo está para a cultura como gênero está para cultura, um não pode ser inscrição sobre o outro. Dessa maneira, fica desvelada a falácia da matriz cultural de inteligibilidade que estabelece “linhas causais ou expressivas de ligação entre sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual” (Butler, [1990]2003:38).

Do mesmo modo, a heterossexualidade compulsória também fica desvelada. Se gênero é colocado como havendo uma ligação causal com sexo, e a “expressão” ou “efeito” de ambos é a manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual, então somente a heterossexualidade poderia existir.

Com o advento da transformação de ato sexual em identidade sexual, instaura-se uma outra oposição binária: heterossexualidade x homossexualidade (Sedwick, [1990]1994:2). Porém, como também é pautada, em última análise, em corpos sexuados e suas relações com gêneros, o mesmo raciocínio aplicado anteriormente cabe aqui, ou seja, não existem heterossexualidade ou homossexualidade verdadeiras, não são substâncias, mas construções sociais.

Podemos perceber que a matriz cultural de inteligibilidade foi construída com base em uma oposição dita natural de corpos machos x corpos fêmeas. Assim, são inteligíveis

apenas os gêneros que tenham uma relação mimética com os sexos. Em outras palavras, os sexos “espelham” os gêneros e vice-versa. Dessa forma, apenas dois gêneros poderiam existir. Entretanto, uma vez revelada a construção social dessa oposição binária, as possibilidades de expressão de gênero se expandem. Mas, então, que gênero é esse? Revestidos da idéia de sexo como construção, podemos agora passar a discutir gênero e performance na próxima sub-seção.

3.1.2 Gênero e performance

Talvez o livro que tenha causado mais impacto nas questões de gênero tenha sido *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, de Judith Butler, publicado em [1990] 2003. Ainda que seu foco seja o feminismo, ao questionar a naturalidade do sexo, revelando, dessa forma, os princípios que governam o gênero que, por sua vez, privilegia a heterossexualidade, Butler legitima homoafetivos como posições de sujeito.

Butler ([1990]2003: 38) argumenta que os gêneros tidos como inteligíveis seriam aqueles que instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Ou seja, há que existir “linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a expressão ou efeito de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual”. Sendo assim, somente dois tipos de gênero poderiam existir, pois

“A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não ‘decorrem’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’.”

(Butler, [1990]2003: 39) [grifos da autora]

Entretanto, o próprio fato de existirem outras identidades de gênero que não condizem com a norma de inteligibilidade cultural expõe “os limites e os objetivos reguladores desse campo de integibilidade e, conseqüentemente”, dissemina “nos próprios termos dessa matriz de integibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem de gênero” (Butler, [1990]2003: 39).

Butler ([1990]2003: 56-57) argumenta que o construto da heterossexualidade e das identidades de gênero fica revelado no momento em que é repetido nas culturas homoafetivas (como as identidades de *butch*¹ e *femme*, por exemplo), causando sua desnaturalização e mobilizando as categorias de gênero. A identificação com a masculinidade que se manifesta na identidade *butch* não é uma simples assimilação dos padrões de heterossexualidade, mas uma re-significação de masculinidade, ou seja, embora o cenário heterossexual seja evocado, é também deslocado (Butler, [1990]2003: 177-178).

Mais adiante, a autora coloca que os

“atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na *superfície* do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade.”

(Butler, [1990]2003: 194) [grifos da autora]

Ou seja, a própria performance produz a identidade que diz expressar. Se a performance produz a identidade de gênero que diz expressar, então os gêneros “somente são produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável” (Butler, [1990]2003: 195). A performance repetida do gênero seria uma reprodução e também uma nova experiência de significados socialmente estabelecidos, bem como uma forma de legitimação (Butler, [1990]2003: 200).

Por outro lado, se os atributos do gênero são performativos, “então constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam”, isto é, não haveria uma identidade pré-existente, portanto, não haveria masculinidade ou feminilidade verdadeiras, o que possibilita outras performances de gênero diferentes daquelas impostas pela noção binária de sexo e gênero (Butler, [1990]2003: 201). Assim, abre-se um espaço para a homoafetividade como possibilidade de gênero.

¹ *Butch* é a lésbica que se veste e age de forma masculinizada.

Contudo, o fato de a performance ser uma construção não significa que seja livre de restrições. Tampouco que essas restrições restringem a performatividade; ao contrário, “impulsionam e sustentam a performatividade”. A performatividade deve ser compreendida como uma repetição de normas regular e restritiva (Butler, 1993:95):

“E essa repetição não é feita *por* um sujeito; essa repetição é o que permite um sujeito e constitui uma condição temporal para o sujeito. A iterabilidade implica que ‘performance’ não é um ‘ato’ ou evento singular, mas uma produção ritualizada, um ritual reiterado sob e através de restrições, sob e através da força da proibição e do tabu, com a ameaça de ostracismo e mesmo morte controlando e compelindo a forma da produção, mas sem, vou insistir, determiná-la completamente a priori.” (Butler, 1993:95) [grifos da autora]

Assim, performance é uma produção ritualizada, que não é feita por um sujeito em particular; o sujeito é constituído por ela. Os atos performativos, por sua vez, são formas de discursos autorizados (Butler, 1993:225). Traçando uma distinção entre sua visão de performatividade da de Austin, Butler coloca que, quando um juiz fala “Eu os declaro...”, sua autoridade vem da citação da lei, ou seja, de um discurso anterior a ele, não da pessoa do juiz. Dessa forma, “performatividade é um domínio no qual o poder age *como* discurso” (p.225).

Na questão de gênero, a prática da incorporação de normas é compulsória, além de ser um processo de repetição. Quando um bebê nasce e o médico diz “É uma menina” está produzindo esta pessoa como sujeito feminino, posto que gênero é visto como decorrente de sexo, portanto, sua feminilidade não é uma escolha, mas uma imposição. Essa imposição carrega assunções de normas de comportamento a serem seguidas a fim de qualificá-la para que possa ser um sujeito viável (Butler, 1993:232). Dessa forma, podemos inferir que essas normas são heteronormas, pois a matriz cultural de inteligibilidade que estabelece os gêneros possíveis somente prevê heterogêneros.

A esse respeito, Ingraham ([1996]1997: 168) argumenta que a teoria feminista, ao colocar gênero como categoria social, inadvertidamente o canonizou, tornando-o óbvio. Para ela, gênero deveria ser tratado como heterogênero, pois assim revelaria sua relação com a heterossexualidade, desnaturalizando-a (Ingraham, [1996]1997: 169). Na mesma linha de raciocínio de Butler, a autora também reclama que as teorias de gênero dos anos 80

colocam o sexo como uma identidade biológica e gênero como comportamentos aprendidos socialmente associados aos dois sexos. Estabelecer sexo como biológico e gênero como comportamento aprendido reforçaria o binarismo natureza/cultura, pois o sexo estaria ligado à biologia, portanto, natural, e ligado à ciência, o que impediria a percepção de como a biologia está ligada à cultura (Ingraham, [1996]1997: 182-183). Assim, está em consonância com a argumentação da seção anterior deste capítulo, que estabelece o sexo como construção social, apartado da biologia, natural.

Ainda segundo a autora, o sexo deveria ser examinado com relação aos interesses que sua definição leva, ou seja, à construção das categorias macho e fêmea como suporte para a criação da categoria gênero, mantendo a assunção heterossexual intacta (Ingraham, [1996]199: 184-186). Eu acrescento que não só mantém a assunção heterossexual intacta, como as relações de poder que representa.

Esterberg ([1996]1997: 261), em sua pesquisa feita com lésbicas, discute a questão da performatividade, alegando que as performances vêm das noções tradicionais de masculinidade e feminilidade e que, portanto, sofrem restrições. Segundo ela, não há uma escolha livre, ilimitada: fazer e refazer identidades é dentro de fronteiras de convenções. Se a pessoa transgredir as fronteiras, corre-se o risco de tornar a performance ininteligível.

Reforçando as noções de Butler (1990) sobre performatividade e matriz cultural heterossexual, Esterberg ([1996]1997: 275) coloca que as entrevistas que realizou com lésbicas revelam um trabalho de construção identitária através de uma auto-representação baseada em vestimenta, comportamento e detalhes que sinalizem seu desejo por mulheres. Embora a nova imagem de lésbica dos anos 90 tenha mudado na mídia, apresentando-a como jovem, branca e glamurosa, refletindo uma maior aceitação em nossa sociedade heterossexista, a maior parte das entrevistadas não se sentiu parte dessa imagem, pois se codificam como não femininas, de alguma forma masculinas (Esterberg, [1996]1997: 275-276). Ou seja, se articulam com o gênero masculino, revelando a matriz heterossexual através de suas performances, ainda que, de alguma maneira, uma matriz deslocada.

Mas talvez a mais impressionante forma de percepção da performatividade seja a das bio queens. As bio queens são mulheres biológicas “que conscientemente desempenham gêneros femininos como um meio de engajamento, crítica e/ou celebração.

As performances² de bio queens insistem que há muitas formas de representar o gênero que podem se parecer com a identidade de uma pessoa fora do palco, mas não estão automaticamente associadas a ela” (versão curta do *Bio Queen Manifesto*, por Eve Humphrey, Kentucky Fried Woman, Tristan Taormino e Venus Envy in Berutti, 2004: 60).

Podemos perceber que as bio queens fazem uma representação de palco da performance de gênero feminino de forma consciente, ressaltando, assim, o aspecto performativo de suas construções de gênero:

“(…) ouvimos muitas pessoas falarem sobre o poder transgressor do drag. Ouvimos que a noção de performance de gênero é central para essa transgressão e que o drag enfatiza que gênero é um ato performático. Independentemente de nossas identidades específicas de gênero fora do palco, o gênero é algo que pode ser e é representado no palco. Podemos ver o potencial e poder de performances feitas por drag kings trans; podemos permitir a indivíduos o direito de reivindicar suas identidades transgender e representar variações dessas identidades em drag. Portanto, precisamos abrir nossa definição de transgressor para incluir todas as performances de gênero.”

(versão curta do *Bio Queen Manifesto*, por Eve Humphrey, Kentucky Fried Woman, Tristan Taormino e Venus Envy in Berutti, 2004: 61)

Parece, então, haver uma postura clara de que gênero é um ato performativo realizado dentro e fora do palco e que exacerbar esta performance em um espetáculo é transgredir e derrubar o mito do gênero feminino como uma correspondência natural de sexo feminino. Contudo, não podemos deixar de lembrar que “Se drag é performativo, isso não significa que toda performatividade deva ser entendida como drag” (Butler, 1993:231). A performatividade fora do palco não é voluntária; é uma prática compulsória.

Resumindo, gênero aqui está sendo visto como performance. Essa performance é constituída através da repetição de atos, gestos e desejo restritos e regulados, que constituem o sujeito. As performances sancionadas socialmente, por sua vez, são reguladas por uma matriz cultural de inteligibilidade, que podemos chamar de heteromatrix, que impõe uma relação causal entre sexo, gênero e prática sexual, onde gênero decorre de sexo e a expressão de ambos é através do desejo sexual por meio da prática sexual com indivíduos de sexos opostos. Uma performance homoafetiva, portanto, há que romper com

² Performance aqui não é a performance de Butler, mas o trabalho de atuação em palco.

a relação causal sexo, gênero e prática sexual, deslocando a matriz cultural de inteligibilidade que a sustenta.

3.1.3 Postulados de Sedwick

No mesmo ano em que Butler lançou seu livro *Problemas de gênero*, Sedwick lançou *Epistemology of the Closet*. Com a finalidade primordial de fazer uma investigação anti-homofóbica, Sedwick ([1990]1994) alegou que sua proposta era discutir as contradições entre visões minotarizantes, que vêem questões da oposição homo/hetero apenas como de interesse para a minoria homoafetiva, e universalizantes, que vêem essas questões como determinantes para todos, bem como discutir as contradições entre ver a homoafetividade como transitividade de gêneros ou como reflexo de um impulso separatista intragênero (p.1-2). Veremos, nas sub-seções seguintes, algumas questões levantadas pela autora.

3.1.3.1 Axiomas

Sedwick (1990) começa seu livro com alguns axiomas, que norteiam seu trabalho. Destaco, abaixo, aqueles que têm relação direta com esta investigação:

As pessoas são diferentes entre si, mesmo que compartilhem as mesmas categorias (p.22). Como exemplo, exponho uma das várias formas de pensamento sobre sexualidade que apontou como diferenciação: “algumas pessoas, homo, hetero ou bissexuais, experienciam suas sexualidades como profundamente encaixadas em uma matriz de significados de gênero e diferenciais de gênero; outros das mesmas orientações sexuais não” (p.25-26). Essa visão contribuiu para a análise de meus dados, na medida em que, entre outras coisas, impediu que visse de forma uniforme os procedimentos e os posicionamentos decorrentes nas histórias de vida dos sujeitos entrevistados.

O estudo da sexualidade não é co-extensivo ao estudo de gênero; tampouco a investigação anti-homofóbica é co-extensiva à investigação feminista, contudo não há como saber em que são diferentes (p.27). Meu interesse é pela primeira parte do axioma. De fato, não são co-extensivos, contudo, como, freqüentemente, são co-ocorrentes, há uma

falsa impressão de total dependência. Como exemplo dessa argumentação, a autora estabelece que determinadas dimensões de escolha sexual, auto ou alo-erótica, dentro ou entre gerações, não têm nada a ver com gênero (p.31). Portanto, tratar de gênero não é necessariamente tratar de sexualidade, ainda que, por vezes, isso ocorra.

A busca histórica por uma grande mudança de paradigma pode obscurecer as condições presentes da identidade sexual (p.44). Ou seja, temos que tomar cuidado para não perdermos de vista que a percepção e a reflexão que temos sobre as coisas, e acrescento que não só em relação à busca histórica acerca de identidade sexual, estão intimamente ligadas a contextos e estruturas históricas e culturais. Sedwick, falando sobre a questão da homossexualidade em termos de história, alega que, por outro lado, pensar em conhecimento em termos de condições presentes pode ser perigoso, posto que reforça a idéia de um conhecimento que, na realidade, não existe de fato. Argumento que, embora realmente possa dar a impressão de um conhecimento definitivo, o fato de precisar o momento em que é tratado garante a possibilidade de questionamento futuro.

Os caminhos da alo-identificação e da auto-identificação tendem a ser estranhos e recalcitrantes (p.59). A autora coloca que identificar-se como inclui múltiplos processos de identificação com e como contra. Dependendo do regime discursivo em questão, a pessoa vai ser identificada de forma diferente. Usando a si mesma como exemplo, argumenta que, em determinados regimes discursivos, é identificada como pervertida sexual; sob outros, como judia (p.61). Esse axioma tem relação direta com posicionamentos e alinhamentos. Quando alguém se posiciona de uma determinada maneira está, de alguma forma, se identificando com aquela maneira. Porém, dentro de uma determinada situação, ainda que, por vezes, a pessoa acredite que assim o faz em todas as situações e momentos de sua vida. Portanto, os caminhos são realmente estranhos, pois não são nem constantes, nem uniformes, tampouco definitivos.

Os axiomas destacados são extremamente relevantes para a análise de dados. Estar alerta para o fato de que compartilhar categorias não significa que as pessoas são iguais evita que se busque, *a priori*, traços similares entre os indivíduos. Isso não quer dizer que não se possa, *a posteriori*, verificar recorrências, apenas que buscá-las antes pode impedir que o analista perceba as diferenças e faça generalizações inadequadas.

Perceber que gênero e sexualidade são diferentes também é importante, mesmo que não se consiga compreender exatamente em que reside esta diferença. Como, frequentemente, são co-ocorrentes, passam a impressão de que são a mesma coisa. Nesse estudo, o foco é o gênero, portanto, o detalhamento das práticas sexuais dos entrevistados não foi discutido. Contudo, a escolha de parceiros, bem como a quantidade de parceiros, têm relevância para a construção de performances. Assim, em alguns momentos, questões relativas à sexualidade ganham relevância.

O terceiro axioma destacado também é importante na medida em que mantém a perspectiva de reflexão do trabalho, sem a presunção de um conhecimento definitivo, mantendo abertas as portas para sua contestação futura, a partir de outros conhecimentos que venham a surgir.

A importância do último axioma colocado aqui diz respeito aos posicionamentos e alinhamentos assumidos no momento das interações. Dependendo da interação em curso, as identificações, expressas nos posicionamentos e alinhamentos, vão se alterar.

3.1.3.2 Discussão sobre sair do armário

Sair do armário ainda é uma questão passível de discussão. Segundo Sedwick ([1990]1994:67-68), mesmo os gays mais abertos estão deliberadamente no armário com alguém pessoalmente, economicamente ou institucionalmente importante para eles. Assim, o armário representa uma forma de opressão.

Através de uma comparação com a revelação bíblica de Esther de que é judia, a autora discorre sobre as consequências de sair do armário (p.79-82):

- a) a identidade de judia de Esther não é colocada em questão e é imutável; quando um gay sai do armário, as pessoas podem questionar (você tem certeza? não quer ir a um terapeuta?), expondo a resistência à homoafetividade e até que ponto sua definição se distanciou do próprio sujeito homoafetivo;
- b) Esther espera que o marido se surpreenda com a revelação e ele se surpreende, ou seja, ela tem controle sobre o conhecimento das pessoas sobre ela; gays no armário não têm certeza sobre quem tem controle da informação sobre sua identidade sexual;

- c) Esther se preocupa se sua revelação vai destruí-la ou que não consiga impedir a destruição de seu povo, mas não crê que vá causar problemas para o marido e não causa; quando gays, numa sociedade homofóbica, saem do armário com alguém, têm consciência de um potencial de mágoa que pode ir em ambas as direções. O segredo patogênico pode circular contagiosamente como um segredo. A autora dá como exemplo o caso de uma mãe que disse que seu filho sair do armário a jogou no armário com relação à sua comunidade conservadora;
- d) a identidade étnica/religiosa de Esther não interfere com a do marido, nem a relação que têm é vista diferentemente após a revelação; a mágoa potencial quando o gay sai do armário resulta, em parte, do fato de que a identidade erótica da pessoa que recebe a informação pode ser implicada e perturbada por ela. Isso se dá porque a identidade erótica nunca está circunscrita *per se*, não tem como não ser relacional, nunca é percebida como fora de uma estrutura de transferência e contra-transferência;
- e) não há sugestão de que o marido de Esther possa ser um judeu disfarçado; mas vários gays acham que a figura homofóbica no poder tem, no mínimo, uma tendência desproporcional de ser gay e estar no armário. Sair do armário não coloca um fim na relação com o armário;
- f) Esther sabe quem é seu povo e tem relação direta com ele; gays não costumam crescer em famílias gays, estando expostos a uma cultura homofóbica; diferentes de Esther, que manteve intactas uma identidade, uma história e um compromisso através dos quais foi criada e legitimada na figura do guardião, gays têm que costurar, a partir de fragmentos de uma comunidade, uma herança, uma política de sobrevivência e resistência;
- g) o reconhecimento de Esther ocorre dentro e perpetua um sistema coerente de subordinação de gênero. Se a história de Esther reflete uma escolha firme de uma política de minorias baseada na reinscrição conservadora de papéis de gênero, esta escolha nunca foi possível entre os gays.

Através destas comparações, Sedwick ([1990]1994) expõe todas as implicações decorrentes do ato de sair do armário, visto, freqüentemente, como simplesmente uma

escolha pessoal. Em primeiro lugar, o indivíduo arrisca-se a ser questionado quanto ao seu desejo. Em segundo lugar, não sabe como aquele que o escuta vai reagir. Sua revelação pode colocar no armário quem passa a saber, que pode vir a ser avaliado de forma diferente pelos que o cercam. Sair do armário também significa se expor a uma sociedade homofóbica, obrigando o sujeito a desenvolver estratégias de resistência. Além disso, sair do armário implica em um questionamento implícito dos sistemas que governam os gêneros. As conseqüências descritas desvelam, sobretudo, o estigma que paira sobre os homoafetivos e como esse estigma interfere em suas vidas.

Em vista do fato de que a homoafetividade é vista como um estigma e que este interfere no cotidiano dos homoafetivos, portanto, também interfere nas construções de performances, a próxima seção será sobre estigma.

3.2 Estigma

Goffman (1963) alega que a sociedade categoriza as pessoas e estabelece quais atributos são considerados normais; quando o indivíduo é diferente da expectativa das pessoas, cria-se o estigma. Para ele, há alguns tipos básicos de estigma:

- a) abominações do corpo;
- b) culpas de caráter individual – prisão, vício, homossexualismo, etc;
- c) raça, nação e religião (Goffman, [1963]1975:14), que vêm a impedir as pessoas de prestarem atenção a outros atributos do indivíduo que não aquele estigmatizado.

O rótulo social provoca uma separação entre “nós” e “eles” e, quando essa separação é particularmente refinada, membros do grupo estigmatizado podem aceitar estereótipos sobre si e se verem como fundamentalmente diferentes e inferiores que os outros (Link, Yang, Phelan e Collins, 2004:4). A aceitação da diferença como inferioridade é devido ao fato de o indivíduo estigmatizado ter as mesmas crenças que os “normais”, tendo incorporado padrões de sociedade que o tornam suscetível ao que os outros vêem como seu defeito (Goffman, [1963]1975:16-17). A crença de que é inferior pode levar o

estigmatizado a tentar corrigir seu defeito, através de cirurgias (plástica de nariz, por exemplo), da aquisição de habilidades físicas (cego perito em esqui, por exemplo), enfim, pode levar o indivíduo a se sujeitar a desconfortos ou até sofrimentos a fim de corrigir o que acredita ser um defeito. No caso específico de homoafetivos, enquadrados nas culpas de caráter individual, os indivíduos podem tentar se relacionar com mulheres, buscando viver como heterossexuais.

Entretanto, há indivíduos que se recusam a aceitar serem tratados como inferiores e buscam a militância. Porém, a militância acarreta outros problemas:

“Os problemas associados com a militância são bem conhecidos. Quando o objetivo político último é retirar o estigma do atributo diferencial, o indivíduo pode descobrir que os seus esforços podem politizar toda a sua vida, tornando-a mais diferente da vida normal que lhe foi inicialmente negada /.../ ao chamar a atenção para a situação de seus iguais ele está, de uma certa forma, consolidando uma imagem pública de sua diferença como uma coisa real e de seus companheiros estigmatizados como constituindo um grupo real. Por outro lado, se ele procura algum tipo de separação, e não de assimilação, pode descobrir que está necessariamente apresentando os seus esforços militantes na linguagem e no estilo de seus inimigos. /.../ Em resumo, a não ser que exista alguma cultura de natureza diferente na qual ele possa refugiar-se, quanto mais ele, estruturalmente, se separa dos normais, mais parecido com eles ele se tornará nos aspectos culturais” (Goffman, [1963] 1975:125-126).

Link, Yang, Phelan e Collins (2004:4) destacam que a divisão “nós” e “eles” acarreta respostas emocionais tanto por parte do estigmatizador quanto do estigmatizado. Segundo os autores, do ponto de vista do estigmatizador, a identificação de diferenças, de atributos indesejados tende a ser associada a emoções como raiva, irritação, ansiedade, pena e medo. Do ponto de vista do estigmatizado, emoções como embaraço, vergonha, medo, alienação ou raiva são possíveis, sendo que a vergonha é central para o estigma, pois os processos de envergonhamento podem provocar conseqüências dolorosas para os estigmatizados. O receio das respostas emocionais, aliadas à reprovação social podem levar ao que Goffman chama de encobrimento.

Goffman ([1963]1975) classifica os estigmatizados em duas categorias: desacreditados (com uma característica evidente, por exemplo, falta de uma perna) e desacreditáveis (sem característica evidente, por exemplo, gays). O desacreditável pode

escolher não informar sobre o seu “defeito” e, portanto, encobri-lo. Segundo o autor, esse encobrimento pode ser seletivo, mas sua manipulação do estigma é algo que pertence fundamentalmente à esfera pública. Contudo, na intimidade, o encobrimento também ocorre, como, por exemplo, acontece com vários homoafetivos que não saem do armário com a família por muitos anos, sendo que, por vezes, nunca o fazem. Em alguns casos, quando revelam a seus pais e irmãos, não o fazem com o restante da família, até por temerem que sejam “contagiados” pelo estigma. Afinal, o fato de estar com alguém ou privar da intimidade deste alguém pode ser usado como fonte de informação a respeito da identidade social da pessoa (Goffman, [1963]1975:57). No caso específico de gays, pode-se passar a questionar toda a moral da família, ou seja, todos podem ficar igualmente passíveis de vergonha e discriminação.

Entretanto, a pessoa estigmatizada pode usar seu estigma para ganhos secundários, como justificar fracassos oriundos de outras fontes; pode ver suas privações como bênçãos, como tendo aprendido algo através do sofrimento que os outros não têm como aprender (Goffman, [1963]1975: 20-21). Ou seja, pode inverter o papel de estigmatizado, colocando o outro como digno de pena.

A estratégia de inversão de papéis me remete a Shih (2004: 176), que argumenta que indivíduos estigmatizados possuem recursos para lidar com o estigma. Segundo a autora, sujeitos estigmatizados lidam com a estigmatização através de processos de compensação, interpretações estratégicas de seu ambiente social e através de focar múltiplas identidades:

- a) compensação: maior persistência e assertividade; refinamento de habilidades na interação social (por exemplo, estigmatizados monitoram mais as reações das pessoas); distanciamento de si do grupo estigmatizado a fim de evitar preconceito; desvalorização das dimensões que trazem desvantagem e valorização daquelas em que seu grupo não está em desvantagem;
- b) interpretações estratégicas do ambiente social: comparações seletivas (por exemplo, se comparam com pessoas de seu grupo, não com aquelas de outros grupos); manipulam o tipo de atribuições que fazem para explicar eventos sociais (por exemplo, atribuem ao preconceito quando recebem uma crítica negativa);

podem minimizar ou negar a discriminação e o preconceito a fim de proteger seu senso de valor (pesquisadores alegam que os indivíduos frequentemente vêem o preconceito e a discriminação dirigidos ao grupo, não a si individualmente);

c) enfoque em identidades múltiplas: alternam as identidades de acordo com a interação, colocando em foco as não estigmatizadas (Shih, 2004:170).

Mas talvez o mais relevante no artigo de Shih seja o fato de tirar o foco das conseqüências negativas do estigma para colocá-lo nas estratégias de superar os efeitos da discriminação. Essa mudança de foco também faz com que vejamos indivíduos estigmatizados como pessoas resilientes, não como pessoas passivas nas interações sociais.

3.3 Análise da Narrativa

Sendo o tema dessa pesquisa a construção de performances homoafetivas através de histórias de vida, os instrumentos fornecidos pela Análise da Narrativa são imprescindíveis, pois as “histórias de vida expressam nosso senso de eu: quem somos e como ficamos desta forma”, bem como são o meio pelo qual esse senso de eu é comunicado e negociado (Linde, 1993:3).

Ao analisar as entrevistas dos sujeitos, levei em consideração vários elementos: a estrutura das narrativas, o tipo de história que estava sendo contada e os mecanismos lingüísticos em níveis lexicais e interacionais utilizados durante o ato de narrar, posto que, juntos ou separados, poderiam apontar os diversos posicionamentos e alinhamentos dos indivíduos.

Essa seção será sub-dividida em quatro partes. Primeiramente, trato da estrutura das narrativas (Labov, 1972; Norrick, 2000; Polanyi, 1985). A segunda sub-seção versa sobre o modelo de tempo de Mishler (2002), seguida da uma sub-seção sobre histórias de vida *per se* e suas unidades discursivas (Linde, 1993; Bastos, 2005). A quarta parte aborda alguns mecanismos lingüísticos lexicais e interacionais que emergiram nas histórias (Tannen, 1989; De Fina, 2003).

3.3.1 Estrutura das narrativas

Brockmeier & Carbaugh (2001:3) alegam que, em termos de uma epistemologia histórica das ciências humanas, a atenção para a narrativa e o discurso tem relação com a exploração de novas perspectivas construcionistas que surgiram a fim de complementar o paradigma positivista. Os autores colocam que a narratologia surgiu nos anos 60 e 70 com a finalidade de estudar textos narrativos da literatura de ficção, passando, mais tarde, a abranger outros tipos de narrativas, como danças, rituais, linguagem oral, etc (Brockmeier & Carbaugh, 2001: 4). Ainda segundo os autores, a narratologia seria de cunho estruturalista, com seus dualismos, vista como *langue* saussureana, limitando-se à sintaxe no nível da sentença e tendo como objetivo aplicar universalmente o modelo analítico dual. Labov e Waletzky foram os autores que mudaram os rumos dos estudos sobre narrativa, passando a incluir a não ficção no âmbito das investigações (Brockmeier & Carbaugh, 2001: 6).

Entretanto, a grande mudança operada nos estudos de narrativas foi feita por Labov (1972), ao definir e levantar os elementos estruturais da narrativa. Segundo o autor, narrativa é “um método de recaptular uma experiência passada, combinando seqüências verbais de orações a seqüências de eventos que (infere-se) ocorreram” (Labov, 1972:359-60). São ordenadas em seqüências temporais e a alteração da ordem altera a interpretação semântica (p.360). Assim, a narrativa consiste em uma série de orações narrativas ordenadas temporalmente. As orações que não têm relação com um passado temporal seriam orações livres ou soltas.

Ainda segundo o autor, as narrativas orais contêm seis elementos básicos em sua estrutura: 1) resumo (que diz do que a história irá tratar); 2) orientação (que estabelece onde ocorre a história, seus personagens, quando aconteceu, etc); 3) ação complicadora (que conta o que aconteceu); 4) avaliação (que avalia o que está sendo narrado, podendo ocorrer em qualquer parte da narrativa); 5) resultado ou solução (término dos eventos da ação); 6) coda (que finaliza a história).

Norrick (2000) amplia a quantidade de elementos propostos por Labov, fazendo uma divisão mais detalhada das narrativas: a) introdução/resumo (que diz do que a história irá tratar); b) avaliação (que avalia o evento narrado, podendo ocorrer em qualquer parte da

narrativa); c) enquadre geral (que estabelece a orientação geral da história, dizendo quem, quando, onde, o que acontece); d) enquadre específico (que estabelece o momento específico da história); e) informação (que informa acerca de elementos que não são necessariamente relevantes para o ponto da história); f) ação principal (o que realmente aconteceu); g) resultado (o resultado do que aconteceu); h) coda (que põe fim à história).

O detalhamento sugerido por Norrick é bastante útil no momento da análise, contudo, ao aplicá-lo, verifiquei que a informação freqüentemente é relevante para a condução ao ponto da história, seja por contribuir com elementos que ajudem a compreensão do ponto, seja para esclarecer algum ponto ao interlocutor, evitando que o narrador interrompa o fluxo da narrativa. Ou seja, ainda que a informação não faça parte diretamente da história, podendo dar a impressão que de que pode ser retirada, por vezes, é necessária. O termo enquadre também não é adequado, pois remete a outros significados além da orientação. Por isso, em minha análise, substituí por orientação geral e orientação específica.

Polanyi (1985) aponta para o fato de que as narrativas são compostas por eventos, definidos como “uma ocorrência em algum mundo que é descrita como tendo caráter instantâneo, não durativo ou iterativo”(p.10), e proposições descritivo-durativas, que são “aquelas que tratam da situação do mundo narrativo que não sejam eventos pontuais da linha de tempo principal” (p.12). Ainda segundo a autora (p.13), histórias consistiriam de eventos que acarretariam o surgimento de estados de coisas que contrastariam com a situação do início da história, o que ajudaria a perceber o ponto da história. Sendo as proposições descritivo-durativas as responsáveis pelo esclarecimento do estado de coisas, ao analisar uma história, deve-se colocá-las em foco, caso contrário, perde-se o ponto da narrativa.

Evidentemente, há problemas na definição de Labov, que serão discutidos na próxima sub-seção. Contudo, seu trabalho forneceu um ponto de partida para analisar narrativas de não ficção.

3.3.2 O modelo de tempo de Mishler

Mishler (2002), em artigo que discute o modelo descritivo de tempo do relógio/cronológico em contraposição ao modelo descritivo de tempo narrativo/experencial, critica a proposta de Labov (1972) de que o critério fundamental que distingue as narrativas de outros gêneros seria a ordem temporal. Segundo o autor, ordem temporal não é um critério suficiente, pois não daria conta de distinguir meras listas de eventos de histórias (Mishler, 2002:98). Argumenta, ainda, que, nas narrativas pessoais de experiências passadas, percebe-se que as tramas são governadas pela maneira com que terminam, pela situação atual na qual os narradores se encontram depois do que aconteceu a eles no passado. É o que chama de mão dupla do tempo (p.104). Ao narrarmos uma experiência, reformulamos nosso passado, nos reposicionamos com relação aos eventos e às pessoas envolvidas, reenquadramos as experiências de acordo com nossa vida atual. A ordem temporal seria apenas uma estratégia para organizar os eventos da trama.

Mishler (2002:110) alega, ainda, que os modelos de ordem temporal de mudança progressiva têm a tendência de tratar o desenvolvimento identitário como um processo unitário, suprimindo as identidades múltiplas que refletem posicionamentos em contextos relacionais diferentes e ignorando seqüências de eventos que se sobrepõem e se intersectam. Assim, parece que, para analisar histórias de vida com a finalidade de perceber construções de performances, o modelo descritivo de tempo narrativo/experencial é mais adequado, pois propicia a percepção dos diferentes posicionamentos e alinhamentos tomados durante o ato de narrar, que venham a desvelar as construções de performances.

3.3.3 Histórias de vida

Linde (1993:3) estabelece que “histórias de vida expressam nosso senso de eu: quem somos e como ficamos desta forma”. Para a autora, há uma expectativa em termos de cronologia, pois a seqüência dos eventos faz com que possamos inferir a causalidade e noções de causalidade; acidente e razões são cruciais para formar o significado da história. Contudo, por ser uma unidade descontínua (é contada em partes separadas durante um

longo período de tempo), está sujeita a revisões e mudanças conforme o falante abandona significados antigos e adiciona novos a determinadas partes da história.

Embora possa parecer, à primeira vista, que Linde e Mishler estejam discordando quanto à seqüência, não é exatamente isso que ocorre. Ao questionar a colocação da ordem dos eventos em uma análise, Mishler está alertando contra uma ordem cronológica que estabelece um sujeito contínuo, produto de um passado vivido em linha reta. O que compreendo de sua proposta é que o que o indivíduo é hoje é fundamental para como ele vê suas experiências passadas e como as reconstrói de acordo com a situação em que se encontra atualmente. Linde, ao estabelecer que os indivíduos revisam, mudam, abandonam significados antigos e adicionam novos a determinadas partes da história, está também colocando a relevância do que o narrador é hoje, a situação em que se encontra na hora do relato, portanto, não vê o sujeito como contínuo, produto de um passado vivido em linha reta.

Além de contar eventos, as narrativas de histórias de vida apresentam comentários morais sobre como as coisas são, ou deveriam ser, e, sobretudo, que tipo de pessoa o falante alega ser (Linde, 1993:81). Sendo assim, narrativa é uma apresentação do eu e a avaliação em particular estabelece o tipo de eu que está sendo apresentado naquele momento. Portanto, o eu do passado deve ser relevante para o presente, promovendo alguma continuidade (Linde, 1993:100).

Linde define história de vida como

“Uma história de vida consiste de todas as histórias e unidades discursivas associadas, como explicações e crônicas, e as conexões entre elas, contadas por um indivíduo durante o curso de sua vida, que satisfaça os dois critérios seguintes:

- 1) as histórias e unidades discursivas associadas contidas na história de vida têm que ter como avaliação principal um ponto sobre o falante, não um ponto geral sobre como o mundo é;
- 2) as histórias e unidades discursivas associadas têm reportabilidade extensiva, ou seja, são contáveis e são contadas e recontadas no curso de um longo período de tempo.”

(Linde, 1993: 21)

As unidades discursivas que podem ocorrer dentro da história de vida são:

- a) narrativa – baseada no conceito de Labov (1972), que define as narrativas como forma de recapturar experiências através da combinação de seqüências de orações verbais às seqüências de eventos que ocorreram (Linde, 1993:68)
- b) crônica – pode ser parte da história de vida e consiste em recontar uma seqüência de eventos que não tenha um único ponto avaliativo unificador (Linde, 1993:85);
- c) explicação – começa com uma afirmativa de alguma proposição a ser comprovada, seguida de uma seqüência de declarações de razões sobre o porquê de se acreditar na proposição (Linde, 1993: 90).

A seguir, trato de cada uma das unidades discursivas expostas aqui.

3.3.3.1 Narrativa

Linde (1993:68) aponta dois aspectos problemáticos da definição de Labov: falar em eventos que ocorreram e estabelecer que é uma seqüência de orações no passado simples. Para ela, o fato de terem realmente acontecido ou não é irrelevante; o que importa é que o falante apresenta como se tivessem ocorrido. Consonante com esta observação, Bastos (2005:80) argumenta que, ao falarmos sobre nossas experiências passadas, estamos “guiados pelo filtro de nossas emoções, o que nos leva a freqüentemente transformar e recriar essa experiência.” Ainda segundo a autora:

“Podemos, dessa forma, compreender o relato da narrativa mais como uma construção social do que como uma representação do que aconteceu, no sentido de que construímos as histórias que contamos em função da situação de comunicação (quando, onde e para quem contamos), de filtros afetivos e culturais, e do que estamos fazendo ao contar uma história” (Bastos, 2005:80).

Assim, não só é irrelevante os eventos narrados terem verdadeiramente ocorrido ou não, como também a narrativa não diz respeito a relatos de realidades, mas de construção de realidades, restringidas pela situação local de interação.

Quanto ao passado simples, Linde (1993) alega que raramente temos narrativas que utilizam somente este tempo verbal. De fato, ao analisar narrativas de histórias de vida,

podemos perceber que suas observações têm fundamento: não só há versões diferentes de ocorrência de eventos em momentos diferentes durante uma entrevista, por exemplo, como também freqüentemente outros tempos verbais ocorrem. Contudo, a proposta de Labov (1972) de estrutura de narrativa compensa possíveis problemas de definição.

Linde também ressalta a importância da avaliação para o ponto da história. Segundo a autora, do ponto de vista interacional, a avaliação é a parte da narrativa que revela aos participantes como a história deve ser compreendida e que tipo de reação o falante espera. “Assim, é a parte da narrativa mais importante socialmente” (Linde, 1993:72). Entretanto, as formas lingüísticas utilizadas para a avaliação são várias: podem ser expressas abertamente (“Achei legal”), podem ser expressas através da escolha de palavras (“Até que enfim chegou”) ou através de uma repetição (“Pensei, pensei, pensei e não descobri”). Mudar de discurso direto para indireto e vice-versa também é uma forma de expressar avaliação; aumento de volume da voz ou gestos são outras formas utilizadas (p.72).

Se avaliação é a parte que revela o que o falante espera do outro participante da interação, então, também revela como o falante está se posicionando com relação ao evento narrado. Portanto, é bastante útil para análise de construções de performances.

3.3.3.2 Crônica

Linde (1993:85) estabelece que “a crônica consiste em recontar uma seqüência de eventos que não têm um ponto avaliativo unificador” e que a ordem em que os eventos são contados é compreendida como a ordem dos eventos (p.87). Ainda segundo a autora, a crônica pode ser vista como ponto de partida para outras narrativas encaixadas (p.88).

De Fina (2003:98) acrescenta que, além de uma ordem temporal, durante pesquisa realizada com imigrantes, verificou uma ordem espacial. Um outro ponto de discordância seria a questão de as crônicas não apresentarem introdução/resumo, orientação ou coda.

As observações de De Fina tanto no que tange à presença de introdução/resumo, orientação ou coda, que, durante minha análise de dados, em alguns casos estiveram presentes, quanto à ordem espacial, procedem. Além desses aspectos mencionados pela autora, verifiquei que a menção de três espaços seguida de uma seqüência também pode ser

considerada uma crônica. Ao contar uma história, Zélio encaixou uma crônica na primeira parte, que era uma explicação, em que mencionava três espaços - casa, casa de amigos e reuniãozinha com amigos - e a seguir relatava uma seqüência de movimentos de carinho.

Uma observação que não pode deixar de ser feita é a de que, ao analisar as entrevistas dos sujeitos dessa pesquisa, percebi que, embora não possuísse um ponto avaliativo unificador, as avaliações localizadas em cada evento revelaram posicionamentos dos indivíduos. Como na maioria dos casos as crônicas surgiram como forma de esclarecimento de algum ponto, encaixadas em narrativas, talvez esse seja o motivo de isso ter ocorrido.

3.3.3.3 Explicação

Linde (1993:90) começa seu argumento esclarecendo que a unidade discursiva explicação não deve ser confundida com a função social da explicação. O que a distingue, sobretudo, é a sua estrutura. Segundo a autora, a unidade discursiva explicação “começa com a afirmativa de alguma proposição a ser provada, seguida de uma seqüência de afirmativas sobre as razões (freqüentemente inúmeras razões encaixadas) do motivo pelo qual deve-se acreditar na proposição” (p.90), freqüentemente usando os marcadores porque e então (p.91).

Ainda que não seja uma explicação no sentido de uma função social, que pode ser realizada através de outras unidades discursivas, tem caráter explicativo. Em outras palavras, quando expõe razões para uma proposição, de alguma maneira, explica a proposição. Por outro lado, tem caráter opinativo, pois, quando um indivíduo estabelece uma proposição, está, de alguma maneira, expressando uma opinião acerca de algum assunto. Essa opinião pode ser baseada em algum conhecimento de senso comum ou de versões populares de sistemas ou teorias, em experiências passadas ou em algum conhecimento científico, mas o fato é que, ao emitir uma opinião, o sujeito está se posicionando com relação a algum dado apresentado ou a alguma pergunta emitida pelo(s) outro(s) participante(s) da interação. Assim, essa unidade discursiva também é útil para análise de construção de performances homoafetivas através de histórias de vida a partir de

posicionamentos e alinhamentos dos indivíduos, posto que opinar sobre algo tem relação com se posicionar sobre esse algo.

3.3.4 Mecanismos lexicais e interacionais

Ao analisar histórias de vida nessa pesquisa, enfoquei não só o que era dito, mas como era dito, pois, como bem coloca De Fina (2003:23), a construção³ de identidades tem ligação com o uso de elementos lingüísticos e estratégias de comunicação e retórica.

De Fina (2003:24) estabelece três níveis de dispositivos para análise: nível lexical (pronomes, verbos, construções sintáticas, entre outros), nível pragmático (tipos de implicaturas, relações de causa e efeito, dispositivos de coesão e coerência, entre outros) e nível interacional (estratégias de envolvimento, repetição, instrumentos e estratégias de mudança do mundo da história para o mundo interacional, entre outros).

Em minha análise, enfoquei principalmente os elementos dos níveis lexical e interacional, detalhados abaixo:

lexical

- a) pronomes, verbos, adjetivos, construções sintáticas

interacional

- a) discurso reportado, ritmo, altura e tom de voz, repetição, marcadores discursivos
- b) estratégias de envolvimento ou distanciamento com relação aos personagens da história e à entrevistadora

Como a repetição e o discurso reportado foram muito utilizados pelos entrevistados, é necessário apontar algumas de suas características.

Repetição

Segundo Tannen ([1989]1996), a repetição tem várias funções no discurso. Por estabelecer um paradigma e simplesmente adicionar informações novas, promove produção (p.48). Ao repetir, o falante produz um discurso leve, portanto, facilita a compreensão

³ De Fina usa a palavra expressão, contudo, esta palavra implica em que a identidade já está pronta, esperando para ser expressa. Como não concordo com a idéia de identidade pré-existente, substitui pela palavra construção.

(p.49). Talvez a função mais relevante da repetição seja a conexão, pois ela evidencia a atitude do falante, contribuindo para o significado do discurso (p.50). Repetição também tem função de interação, ligando os participantes entre si e com o discurso (p.52). Por facilitar produção, compreensão, conexão e interação, promove o envolvimento interpessoal (p.52).

Repetir serve a vários propósitos, entre eles, adiar um tópico. Em sua entrevista, Gabe, por exemplo, utiliza a repetição de adiamento, revelando seu desconforto com o tópico tratado e a dificuldade que tinha de falar sobre ele.

Discurso reportado

Tannen ([1989]1996:101) argumenta que há uma relação dinâmica entre discursos reportado e contexto reportado. No momento que um discurso é transportado para outro contexto, ele se altera. De fato, ao analisar as falas de Gabe e Mauro, ambos utilizaram discurso reportado para contar sobre o momento em que decidiram viver juntos. Ambos, através de discurso reportado, se colocam como agentes do casamento. Estariam mentindo propositamente? Se considerarmos os contextos e os posicionamentos assumidos no momento em que as versões foram contadas, percebemos que não. Ambos sentem-se como agentes e, na hora do relato, assim reproduzem suas posições, de forma consonante com posicionamentos assumidos naquelas narrativas. Assim, podemos perceber que o discurso reportado é “um ato tão criativo quanto a criação de um diálogo na ficção ou no drama” (p.101).

Por seu caráter teatral, dando voz a personagens, o discurso reportado cria envolvimento. Dar voz a personagens, ou seja, representar personagens, é uma forma de avaliar a situação narrada. Se a avaliação revela como o falante se posiciona com relação ao evento narrado, como dito na sub-seção anterior, então, o discurso reportado é relevante para perceber posicionamentos.

Histórias de vida possibilitam a construção das diferentes performances de narradores na situação local, bem como as práticas sociais e as crenças ligadas a elas. A análise das estruturas das narrativas mostra a relevância do instrumental fornecido pela Análise da Narrativa para esta pesquisa. Perceber que tipo de história temos, se história de vida, se crônica, se explicação, é um primeiro passo para analisarmos as entrevistas.

Perceber sua estrutura, buscando destacar que avaliações o falante faz, não só o que está sendo contado, mas como é contado, é fundamental para percebermos o que está em questão e como o narrador se posiciona. Assim, para investigar construções de performances homoafetivas, a análise da narrativa é útil, pois contribui sobremaneira para a percepção dos posicionamentos e alinhamentos assumidos e, portanto, para a percepção da construção no momento da interação.

3.4 Posicionamento e alinhamento

Davies e Harré (1990: 48) definem posicionamento como o “processo discursivo através do qual os eus se colocam nas conversações como participantes subjetivamente coerentes, passíveis de observação, na produção conjunta de histórias”. Ainda segundo os autores, o que uma pessoa diz pode tanto posicioná-la como posicionar o outro.

Prosseguindo no tema, argumentam que temos que levar em consideração algumas dimensões para que possamos estabelecer que alguém se posicionou ou posicionou o outro:

- a) palavras utilizadas podem conter imagens e metáforas que invocam maneiras de ser;
- b) os participantes podem não estar cientes disso e podem acreditar que é uma maneira de falar naquele tipo de ocasião, contudo, o fato de ter sido definida como uma determinada ocasião é que a faz aquela ocasião;
- c) a maneira como a ocasião é vista pelos participantes pode variar;
- d) as posições criadas para si e para os outros não fazem parte de uma autobiografia linear, sendo fragmentos acumulados de uma autobiografia vivida;
- e) as posições podem ser vistas em termos de papéis conhecidos ou podem ser efêmeras e envolver mudanças de poder ou de determinadas características de identidades assumidas ou desejadas (Davies e Harré, 1990: 49).

Ou seja, as dimensões consideradas apontam para a importância da interação nos posicionamentos.

Harré & Van Langenhove (1991: 395-6) acrescentam que o posicionamento numa conversação é um conceito metafórico, que faz referência aos atributos morais ou pessoais

do participante da conversação ou narrativa, ressaltando o papel do outro participante na conversação. Se o falante se posiciona como dependente, por exemplo, seu grito de dor vai ser interpretado como pedido de ajuda; se estiver se posicionando como dominador, o mesmo grito de dor será tomado como protesto. Assim, enfatizam o aspecto interativo do posicionamento.

Em artigo publicado anos mais tarde, Harré e Van Langenhove (1999: 196) procuraram relacionar o conceito de posicionamento a outros conceitos, que chamaram de irmãos. Eles argumentaram que papel e posição se determinam mutuamente. Papel estaria para posição assim como cor está para vermelho, ou seja, o papel determina um conjunto de posições compatíveis a ele; por outro lado, a posição assumida só é possível dentro de determinados papéis. No mesmo parágrafo, estabelecem a relação de posição e *footing*, colocando que podem ocorrer simultaneamente, porém, “a posição pode requerer a revelação ou atribuição de características pessoais que não eram relevantes para o *footing*”. Os autores, exemplificando, alegam que um pouco de conhecimento de *rugby* pode dar um dado *footing* a alguém numa discussão sobre um jogo, mas que a pessoa pode mesmo assim ser posicionada como ingênua conforme a conversa prossegue. Ou seja, embora relacionados e, em alguns casos, podendo ocorrer juntos, posicionamento e *footing* seriam diferentes.

Goffman (1979) estabelece que *footing* representa o alinhamento, ou porte, ou posicionamento, ou postura, ou projeção pessoal do participante em relação ao outro, a si próprio ou ao discurso em construção. Segundo o autor, “Uma mudança de *footing* implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na forma em que conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução” (Goffman, ([1979]1998:75). Se considerarmos que mudamos constantemente de *footing* ao longo das interações e se considerarmos que o *footing* representa alinhamento, podemos dizer que alteramos constantemente nossos alinhamentos durante as interações. Mas então alinhamento e posicionamento seriam o mesmo? Concordo com Harré e Van Langenhove (1999) que não são iguais, ainda que, por vezes, sejam coincidentes. Parece-me que alinhamento estaria totalmente vinculado ao contexto interacional, no nível micro, e posicionamento, ainda que interacional e ligado ao micro, também estaria ligado ao social,

no nível macro, bem como trataria de posições do indivíduo consigo mesmo.⁴ Por exemplo, uma pessoa pode se posicionar como gay e, ao mesmo tempo, se alinhar com mulheres heterossexuais. Um dos entrevistados relata que está menos interessado em sexo hoje do que seu marido, pois preocupa-se mais com o aspecto de companheirismo entre os dois, que atribui à feminilidade, portanto, diz que se sente mais feminino. Ou seja, seu posicionamento claramente é como gay (o relato é sobre seu casamento com um homem), mas se alinha com mulheres heterossexuais. Não se posiciona como mulher; se alinha às mulheres na medida em que reconhece em si alguns atributos que interpreta como de mulheres. É nesta perspectiva que faço a distinção e é nesse sentido que argumento que o alinhamento está mais ligado à interação, no nível micro e que o posicionamento estaria ligado aos dois níveis simultaneamente.

Bamberg (1999: 21), tratando de posicionamento, acrescenta que as pessoas, ao se posicionarem em relação umas às outras, estão, na verdade, produzindo umas às outras como seres sociais.

Segundo o autor, o processo de posicionamento se dá em três níveis: como os participantes se posicionam dentro do evento relatado, como o falante se posiciona com relação à audiência e como o falante se posiciona com relação a si mesmo. O autor ainda especifica que estes níveis de posicionamento podem ser analisados tanto em narrativas de primeira pessoa, quanto de terceira pessoa; tanto em ficções, quanto em autobiografias, ou mesmo em descrições de eventos que ocorreram (Bamberg, 1999: 221-222).

Moita Lopes (2001: 64) coloca que as noções de posicionamento parecem ser úteis para trabalhar questões identitárias, pois possibilitam ver como os locutores se situam nas narrativas, pois “o relato das histórias que vivenciamos é uma forma de trazer à tona como fomos construídos ou como estamos continuamente nos (re-)construindo no próprio ato de relatar as histórias para novos/mesmos interlocutores em outros momentos e espaços” (Moita Lopes, 2001: 65). Ainda segundo o autor, as identidades sociais surgem através da dinâmica de se relatar o que se passou (Moita Lopes, 2001: 65).

Essa colocação nos remete a Wortham (2001:xi-xii), que argumenta que o discurso auto-biográfico tem função representacional, ou seja, ao se descrever como sendo de um

⁴ A reflexão conduzida é a minha elaboração a partir das reflexões da Dra. Liliana Cabral Bastos e Sônia Rosas, coordenadora e colega, respectivamente, do grupo de estudos do qual faço parte Narrativa, Identidade e Trabalho.

determinado tipo, a pessoa molda o próprio eu. Por exemplo, ao descrever eventos em que supera problemas e passa a controlar a própria vida, o narrador reforça e até mesmo cria um eu mais ativo e mais assertivo. Ao mesmo tempo, tem função interacional, pois, quando se representa como superador de problemas, o narrador passa a agir de forma mais assertiva e ativa com relação ao outro participante da interação e, através dessa atuação, se torna esse tipo de pessoa.

Assim, os diversos posicionamentos e alinhamentos assumidos nas interações contribuem para a construção de performances, contudo, como dependem de contextos sociais que estão em constante mudança e na resposta dos outros com relação ao seu posicionamento, essa construção está sempre em andamento (Wortham, 2001:12).

De Fina (2003:20) argumenta que “pesquisadores investigando a representação do eu no mundo das histórias apontaram para os diferentes tipos de posições que os narradores atribuem para si como figuras no mundo das histórias, ao olhar para as escolhas lingüísticas que sinalizavam papéis sociais ou pessoais tanto no mundo da história quanto no mundo interacional”. Dessa forma, o posicionamento articula o mundo social mais amplo ao momento da interação.

Os conceitos teóricos de posicionamento e alinhamento, então, são bastante úteis para tratar de construções de performances homoafetivas, posto que articulam performance, interação e mundo social.

3.5 Sociolingüística Interacional

Gumperz e Cook-Gumperz ([1982]1997:1) estabelecem que gênero, etnia e classe são parâmetros e fronteiras dentro das quais criamos nossa identidade social, e que são inconstantes, produzidos comunicativamente. Portanto, para entender questões de identidade e como afetam e são afetadas por divisões sociais, políticas e étnicas, precisamos entender os processos comunicativos pelos quais surgem, analisando a comunicação em termos de seu efeito na vida das pessoas.

Segundo Pereira, Oliveira e Bastos (1995) e Pereira (2001, 2002), a sociolingüística interacional focaliza a interação face a face, em contextos espontâneos e institucionais,

entre eles a fala espontânea e as entrevistas. Ainda segundo as autoras, trata-se de interações situadas, em comunidades específicas ou no cruzamento cultural.

Entretanto, não devemos interpretar que por serem interações situadas estejam desvinculadas da sociedade no seu nível macro. Respondendo à entrevista da revista *PaLavra*, Gumperz coloca

“Ainda que eu nem sempre tenha sido claro a esse respeito, o meu trabalho de fato busca dar conta tanto dos processos interpretativos no nível local como dos processos interpretativos mais gerais, societários, das ideologias lingüísticas e de como eles fazem parte do insumo para os processos inferenciais que determinam os julgamentos de sentido.”

(Gumperz, 2002: 32)

Assim, a Sociolingüística Interacional focaliza tanto as práticas comunicativas realizadas “a partir de forças políticas e econômicas e os relacionamentos de poder”, como também a partir de uma perspectiva construcionista, “que reivindica que nossos mundos sociais são moldados através da interação” (Pereira e Bastos, 2002: 170).

Schiffrin (1997: 42) argumenta que, enquanto contam histórias, os falantes constroem identidades situadas, dentro de um mundo interacional no qual identidades e *status* estão abertos à negociação. Contudo, as histórias também revelariam identidades que pensa-se estarem além daquela situação de fala (como classe, gênero, etnia, etc), tanto através da forma com que são contadas, como pela escolha do que é dito.

Ainda segundo a autora, nos estudos da narrativa e do discurso, a identidade e o contexto são situados localmente, sendo que as diferentes identidades dos participantes vão ser enfatizadas ou apagadas durante momentos diferentes da interação. O contexto seria moldado e remoldado durante as fases da atividade, de modo que as definições da situação emergem ao mesmo tempo que a própria situação (Schiffrin, 1997: 52).

Dessa forma, as identidades que surgem durante as narrativas seriam situadas, porém também teriam uma ligação com o mundo social mais amplo, na medida em que questões de classe, de gênero, de etnia, entre outras, que estariam além da fala daquele momento, podem aparecer. Entretanto, se partimos do pressuposto que as identidades são construídas na interação, então, as questões do mundo social mais amplo e as identidades que estariam além da situação da fala são re-construídas no momento da interação; o

diálogo que se estabelece entre a situação da interação e o mundo social mais amplo as re-significa.

Ellis (1999:39), tratando da questão micro-macro em termos de comunicação, argumenta que as “macro-estruturas são reificações e idealizações que estão logicamente e empiricamente relacionadas aos micro-eventos (encontros comunicativos)”. Nesse sentido, “devem sua existência aos micro-eventos, que, por sua vez, devem sua existência, em parte, às macro-realidades”. Ou seja, o mundo social está inserido nas interações que, por sua vez, reinterpretam e alteram o mundo social. Assim, suas colocações sobre as relações entre os níveis micro e macro se afinam com a Sociolinguística Interacional, que percebe os encontros sociais tanto a partir da situação local, quanto a partir de forças oriundas do mundo social mais amplo.

Em termos de condução das narrativas, a relação entre os níveis micro e macro se faz presente. O estigma social da homoafetividade, por exemplo, permeia os discursos dos entrevistados, influenciando e sendo percebido na situação local de interação; por outro lado, a situação local da interação também alterou o curso e os posicionamentos e alinhamentos das narrativas.

No caso específico dessa pesquisa, a Sociolinguística Interacional será de suma importância, posto que articula o nível macro ao micro e vice-versa. Se consideramos que as construções de performances se fazem localmente, porém em constante diálogo com o mundo social mais amplo, essa articulação é necessária.

3.6 Metodologia

A pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista. Qualitativa porque diz respeito ao como e ao porque algo ocorre (Johnstone, 2000:35), pois o objetivo não é a generalização, mas a reflexão sobre os dados. Interpretativista porque busca interpretar a realidade social a partir dos participantes em um contexto específico, sem pretender oferecer a única interpretação possível (Santana, 2003:235).

O método empregado é a entrevista gravada em áudio, pois alguns sujeitos não queriam ser filmados.

Linde (1993:59-60) aponta para o fato de que a situação de entrevista não exclui a natureza social da linguagem, pois nos vimos frequentemente em situações de entrevista (entrevista em consulta médica, no cabeleireiro, etc), ou seja, a “entrevista é parte da realidade da vida”. Ainda segundo a autora, no caso específico da história de vida, dados obtidos em entrevista podem ser utilizados “porque a história de vida, como meio principal de auto-representação, ocorre naturalmente numa grande variedade de contextos (inclusive entrevistas)” (p.61). Entretanto, o pesquisador deve tomar cuidado para não induzir o falante a produzir um discurso que não seria produzido em outras circunstâncias (p.59).

Devido a isso, nas entrevistas, na medida do possível, procurei não fazer perguntas acerca dos temas que queria tratar, pois acreditava que poderiam ocorrer naturalmente, sem minha interferência, o que de fato aconteceu com relação a vários deles.

Um outro aspecto deve ser abordado: o distanciamento e a familiaridade com relação ao universo pesquisado. Por um lado, posso dizer que há familiaridade com relação aos sujeitos analisados, posto que todos pertencem às camadas médias e médias altas, são moradores da zona sul da cidade do Rio de Janeiro e possuem nível superior como eu. Por outro, há distanciamento, considerando-se que não porto o estigma que carregam, entre outros fatores. Enfim, o universo abordado é, nos termos de Heilborn (2004:70), “exótico e familiar”. Porém, o valor de se levantar essa questão é o fato de que evidencia o caráter interacional das pesquisas. Há um diálogo, ainda que não expresso verbalmente, na hora em que o pesquisador analisa os dados, sobretudo quando a pesquisa é interpretativa. O que o pesquisador faz é uma interpretação possível, jamais a única.

É assim que me posiciono com relação a esta investigação: faço aqui uma interpretação dos dados coletados, sem a pretensão de ter esgotado todas as possibilidades.

Passo agora para as sub-seções desse capítulo, onde trato da contextualização da coleta dos dados, de como fiz as entrevistas, dos indivíduos selecionados e da forma com que dividi em temas as histórias narradas.

3.6.1 Contextualização da coleta de dados

Foram entrevistados dez sujeitos: seis na faixa etária entre 40 e 50 anos e quatro entre 20 e 30 anos. Todos os sujeitos têm nível superior, pertencem às camadas médias e

médias altas e são moradores da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Todos os sujeitos foram indicados por parentes minhas: os quatro sujeitos entre 20 e 30 anos são amigos de uma sobrinha; dos entrevistados na faixa entre 40 e 50 anos, três são amigos de uma prima, um é companheiro de trabalho de uma cunhada e dois são amigos de uma tia. Eu já conhecia os quatro amigos de minha sobrinha, porém apenas de festas e eventos familiares, não podendo dizer que são amigos meus; para eles, sou a tia legal da Pati⁵, divertida, boa de papo, mas nada mais que isso. Quanto aos outros sujeitos, não conhecia nenhum deles, com exceção de um amigo de minha prima que conhecia por telefone, do tempo em que trabalhava com revisão, quando ligava para ele a fim de saber o quanto podia cobrar de meus clientes (ele estava sempre atualizado com as tabelas). Porém, como passei a me dedicar exclusivamente aos estudos desde 2000, ano do meu ingresso no mestrado, não falava com Joel há 3 anos.

As entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados, com exceção de três deles, que foram à minha casa. Todas as entrevistas foram realizadas ao longo do ano 2003. Todas tiveram de uma a duas horas de duração.

Devido ao fato de as entrevistas terem sido longas, cujo resultado foi um material vasto demais, selecionei quatro delas para esta tese: duas feitas com indivíduos casados⁶ entre si, na faixa etária entre 20 e 30 anos e duas com indivíduos também casados entre si, na faixa etária entre 40 e 50 anos. Procurei escolher dois casais pois, para investigar a construção que os sujeitos fazem sobre casamento, acreditei ser mais útil examinar aqueles que se encontravam nessa situação.

A transcrição das fitas foi feita da seguinte maneira: a) Gabe e Mauro - uma pessoa contratada por mim fez a transcrição, sem colocar as convenções de transcrição e depois eu revisei o trabalho e coloquei as convenções de transcrição necessárias; b) Zélio – uma pessoa contratada por mim fez a transcrição com as convenções de transcrição e eu depois revisei e alterei conforme necessário; c) Lauro – uma pessoa contratada por mim fez a transcrição, outra colocou as convenções de transcrição e eu depois revisei e alterei o que achei necessário⁷.

⁵ Todos os nomes dos sujeitos e das pessoas relacionadas a eles foram trocados a fim de garantir privacidade.

⁶ Estou chamando de casados aqueles que partilham de uma vida em comum, financeira e afetivamente, residindo na mesma casa.

3.6.2 Entrevistas

Procurei fazer o mínimo de perguntas programadas a fim de evitar influenciar as histórias que seriam contadas. Evidentemente, o próprio fato de ser uma entrevista já é um dado de influência, posto que as narrativas não surgiram de uma conversa espontânea. Entretanto, ao trabalhar com temas e não com perguntas pré-estabelecidas, várias histórias surgiram sem que eu as tivesse estimulado diretamente. Antes da entrevista, falava aos sujeitos que, com exceção das perguntas de praxe (idade, escolaridade, profissão, religião, número de irmãos, pais), eu só faria uma pergunta, que funcionaria como estopim, caso fosse necessário. Esta pergunta, “o que é ser gay para você?”, em alguns casos, foi feita no início, após as perguntas de praxe e, em outros, foi feita no meio da entrevista. Também foi colocado que eu tinha temas que queria abordar e que, se não fossem mencionados naturalmente, ao longo das histórias, iria abordá-los. Contudo, não revelei antecipadamente nem as perguntas, nem os temas.

Os temas foram: a) casamento ou relacionamentos estáveis e suas implicações (fidelidade, ciúme, relacionamento social, paternidade); b) quando e como “saiu do armário” (com relação a si mesmo, aos parentes e amigos, ao trabalho); c) início da vivência da sexualidade (encontros homo e/ou heterossexuais); d) aspectos relativos a discriminações (positiva e negativa); e) relação com o gueto (ida a bares exclusivamente gays ou gls⁸, consumo de produtos destinados ao universo homoafetivo, uso de internet).

3.6.3 Entrevistados selecionados

Gabe, na ocasião da entrevista, tinha vinte e sete anos de idade. Formado em Comunicação, trabalhava em uma ong como fotógrafo e editor de imagem. Morava no Horto, bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro e estava casado com Mauro há cerca de cinco anos.

Lauro tinha quarenta e três anos e estava terminando o Doutorado em Educação. Trabalhava em uma universidade na cidade do Rio de Janeiro como técnico em assuntos educacionais em convênio de pesquisa e consultoria para um órgão internacional na área de

⁷ Conferir as convenções de transcrição nas páginas 13 e 14.

junventude, violência e cidadania e também lecionava sociologia e políticas públicas para calouros em Educação. Na ocasião da entrevista, Lauro estava casado com Zélio há cerca de quinze anos.

Mauro tinha vinte e sete anos. Formado em Psicologia, trabalhava na mesma ong que Gabe exercendo diversas atividades, entre elas produção, organização, contratação, entrevistas, bem como ensino.

Zélio tinha quarenta e dois anos. Formado em Hotelaria e Turismo, trabalhava na administração do posto de gasolina de seu pai. Além desta atividade, trabalhava como enfermeiro em um hospital público de Niterói.

Gabe e Mauro continuam casados e se mudaram para o Bairro Peixoto, em Copacabana. Gabe hoje trabalha como professor universitário e Mauro continua na mesma atividade. Lauro e Zélio também continuam casados e morando no mesmo apartamento, mas não obtive informações quanto a suas vidas profissionais.

3.6.4 A divisão por temas

As histórias pinçadas das entrevistas foram divididas em dois temas principais: homoafetividade e família e homoafetividade e relacionamentos amorosos. Entretanto, como Lauro menciona família apenas em uma explicação encaixada, no caso dele, dividi em homoafetividade e homoafetividade e relacionamentos amorosos. O objetivo de tal divisão é que quis analisar casos de sair do armário consigo mesmo e com a família, bem como analisar os relacionamentos amorosos que tiveram e o casamento que viviam na época.

Das histórias analisadas de Gabe, três foram sobre sair do armário (com seu pai, com sua mãe e com seu irmão) e três sobre relacionamentos amorosos (seu casamento com Mauro, seu namoro com Tati e sua paixão por Omar).

Das cinco histórias analisadas de Lauro acerca de homoafetividade, uma tratava de quando se apaixonou pela primeira vez e quatro sobre sua experiência como gay, envolvendo sua definição sobre ser gay, sua vivência com o estigma, sua relação com a cultura gay e sua afinidade com mulheres. Quanto a relacionamentos amorosos, analisei

⁸ Gls é a sigla para gays, lésbicas e simpatizantes.

três histórias sobre seu relacionamento com o marido, uma sobre casamento em geral e uma sobre sua visão no que se refere a casos amorosos fortuitos.

As histórias de Mauro sobre homoafetividade e família analisadas foram cinco: três sobre sair do armário consigo mesmo e com sua família, uma sobre preconceito contra gays e uma sobre a relação entre promiscuidade e homoafetividade. As três histórias sobre relacionamentos amorosos compreendem seu primeiro namorado, seu relacionamento com uma mulher e seu casamento com Gabe.

Analisei quatro histórias de Zélio sobre homoafetividade e família: uma sobre sua relação com os pais e a irmã, duas sobre homoafetividade *per se* e uma sobre seus sentimentos na infância. Quanto a relacionamentos amorosos, analisei uma sobre seu casamento e uma sobre casos amorosos sem importância.

A razão de haver disparidade do número de histórias analisadas é o fato de algumas serem muito longas e outras curtas, motivo pelo qual analiso as narrativas de cada indivíduo separadamente para depois traçar um quadro geral dos quatro.

Os instrumentos utilizados foram a análise da narrativa e os conceitos de posicionamento e alinhamento, a partir da teoria queer e das questões relativas a estigma, levando em conta os pressupostos da sociolinguística interacional.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Nesse capítulo, analiso a construção das performances homoafetivas em histórias de vida, a partir dos posicionamentos e alinhamentos assumidos pelos sujeitos nas narrativas.

Durante suas narrativas, os sujeitos entrevistados lembraram o passado, porém alterando seu significado, se reposicionando e reposicionando os outros, segundo as suas situações no presente, em quem se transformaram (Mishler, 2002:105). As novas posições e alinhamentos que assumiram permitiram que se percebesse como construíram suas performances homoafetivas, através do deslocamento e da manutenção da matriz cultural de inteligibilidade (Butler, 1990), que estabelece uma relação mimética entre sexo-gênero-prática sexual, portanto, tornando inteligíveis apenas os heterogêneros.

O capítulo está dividido em quatro seções. Na primeira analiso as histórias de Gabe; na segunda, as de Lauro; na terceira, as de Zélio e na quarta, as de Mauro.

4.1 Gabe

Gabe me concedeu a entrevista em sua casa, no Horto, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Como dito anteriormente, já o conhecia de festas, pois era e ainda é amigo de uma sobrinha. Sua entrevista foi longa, cerca de duas horas, em parte porque estava em um momento específico de sua análise¹, ou seja, estava organizando suas emoções e sua história naquele período, o que criou uma maior receptividade às poucas perguntas feitas por mim. Além de ser uma pessoa envolvente no trato social, também o é como contador de histórias, tendo domínio de vários recursos para este fim.

¹ Segundo me disse na época, estava aprendendo a falar sobre si, colocar para fora suas emoções e refletir sobre elas.

4.1.1 Homoafetividade e família

Nesta sub-seção, tratarei de histórias que lidam com os momentos em que Gabe “saiu do armário” consigo mesmo e com sua família.

4.1.1.1 Viagem a Portugal

Essa história surgiu quando perguntei a Gabe se seus irmãos sabiam que era gay. Ele respondeu que sim, embora nunca tenha dito diretamente para eles, e começou a narrar sobre uma viagem que fez com um deles. Logo interrompeu e iniciou a história sobre como contou a seu pai que era gay. Esta história, que chamo de “Viagem a Portugal”, é composta de duas partes – “Contando para o pai” (turnos 40-46) e “A reação do pai” (turnos 47-54) – e de uma narrativa encaixada – “Minha mãe não deixa eu contar” (turno 46).

Viagem a Portugal

- T40 – Gabe foi até a época que eu falei quando fui contar pro meu pai que eu que eu era gay, ia casar com o mauro e tal, foi a ocasião que eu contei isso foi quando a gente tava indo viajar pra portugal↓ >que minha família toda é de portugal< meu pai e minha mãe são portugueses né...
/.../
- T41 – Tais [()
- T42 – Gabe e.. eh>mas a minha mãe tem uma família grande lá tem oito irmãos<então eh e é só ela> da família toda<só ela que veio pro brasil. então eles vão com muita frequência pra portugal e aí esse ano que foi dois mil... dois mil ou dois mil e um↓ em dois mil e um a gente-- ah aconteceu essa história de a gente ir pra portugal reunir a família pra passar o natal junto. a família toda queria passar o natal junto↓ há muito tempo que a minha mãe não ia também↓ a gente não-- eu e meus irmãos a gente não ia lá há... muitos anos. a última vez que eu tinha ido antes (dess) dessa viagem eu tinha: quatorze pra quinze anos então... foram quase dez anos (né). então aí a gente aí ficou aquela coisa vamos passar o natal, passar o natal junto, passar o natal e o ano novo e tal e eu queria passar o ano novo com meu marido↓ eh
- T43 – Tais ((risos))
- T44 – Gabe então eu (fui) bom eh e eu queria comunicar ao meu pai que eu, sabe, tipo meu pai tava me da:ndo a passagem né↑ pra ir pra portugal e meu pai ia pagar isso, e eu e o mauro a gente tinha nossas economias e eu (quis) ia comprar uma passagem pra ele ir também↓ ele que né↑ pra gente ir junto, mas eu sabia que não tinha a menor condição de eu chegar em portugal depois de dez anos no meio da minha família toda sabe↑ e (ia) chegar com meu marido. “(olha) gente esse aqui é meu marido (mauro)↓” não tinha a menor condição↓ minha mãe ia ficar louca. eh então a idéia era a gente-- (mas) ao mesmo tempo não tinha como eu... né↑

eu precisava conversar isso com meus pais né (tipo dizer) que ele tava indo que eu não ia passar o ano novo com eles >(que eu ia) passar o natal com eles< mas que depois eu ia passar o ano novo com o mauro. né↑ (tipo) né↑ (tinha)--
 precisei justificar o fato de não estar o ano novo com a família depois de dez anos e tal. (aí) né veio toda a conversa e foi aí que eu chamei meu pai pra almoçar.
 a gente saiu pra almoçar um dia (no centro) na hora do almoço dele do trabalho.
 foi super assim... eu tenho meia hora pra contar pro meu pai [(que eu sou gay)
 [((risos))

T45 – Tais
 T46 – Gabe

então vamos sentar no restaurante (vamos) direto ao assunto.
 eu já tava até com revista na bolsa pra dar pro meu pai, sem saber a reação dele, estava com revista sabe, na bolsa sabe, falando sobre o assunto pra ver se eu dava alguma coisa para ele ler pra ele, mas no... fim das contas não foi preciso.
 quando eu cheguei no almoço >pra almoçar< minha mãe minha mãe chegou um pouco na frente, meu pai tava vindo atrás, a minha mãe veio falar comigo “ah já falei com seu pai não sei que. ele já tá sabendo mas você fala e tal.” >minha mãe se adiantou e falou< (né). e eu não (falava)--muitas vezes adiei essa conversa com meu pai por conta da minha mãe também sabe↓
 minha mãe tava o tempo inteiro dizendo “não não fala não sei que. não sei como é que ele vai reagir... melhor não falar, não precisa e tal,” e sempre botando uma (pi-) sabe↑
quando eu precisava justamente de um incenTlvo ((ruídos)) me encorAJAr e fãLAr sabe↑ (aí o)-- sabe↑ minha mãe sempre botando sabe fazendo aquele jogo contra né.
 eu não conseguia falar nunca↓ (nem...) sabe eu-- já era difícil pra mim ter coragem por mim mesmo sabe↓ e vir alguém desencoraja:r eu.. sabe↓ amarelava sempre.
 então eu não conseguia. aí nesse dia eu consegui (assim) falar com ele eh não consegui aí tipo aí assim não conseguia e ao mesmo tempo achava eh constrangedor e... constrangedor... pra mim e pra ele chegar e e tacar pá a frase eu sou gay sabe tipo achava achava... que... eu tentei encontrar sabe outra forma de falar isso↓
 (a gente)-- aí eu sentei e falei “olha pai, você sabe que eu moro com o ma:uro há tanto te:mpo”>na época eu tinha mais de dois anos já que a gente tava junto< eh... eh...
 aí eu falei eu fiquei falan- falei isso↓
 “a gente mora jun- a gente mora junto porque: a gente é amigo sabe↓ a gente mora junto porque: a gente tá junto sabe↓ eh... o mauro é minha família, agora, sabe, a gente...”
aí eu comecei a (falar a) falar que eu quer- aí falei que eu queria estar junto de:le no ano no:vo sabe. “eu sei que ele não podia estar comigo lá:”
 e então... aí fui... levando fui levando por esse caminho.

T47 – Tais
 T48 – Gabe

(e como que ele reagiu?)
 (ele ficou) “não tudo bem↓ eu sei↓ já sei↓ não precisa (não preci-” aí só que aí ele) me cortou assim de uma maneira que eu fiquei até... aí meio “já sei disso” sabe
 “num num quero falar sobre esse assunto” sabe.
 “isso eu já sei↓ isso você não precisa me falar”↓ eh...
 “o que eu quero saber é se você vai viajar↓ que dia você vai↓ eu quero marcar a passagem não sei que e tal.” eh...
 “o resto não quero mais saber↓ <não quero saber se ele vai se ele não vai se vai>.”
 aí eu () “eu vou viajar e tal↓ ele vai também↓ a gente vai”↓
 (aí enfim) consegui fazer um esquema de eu conseguir uma passagem até mais barata↓ depois aí consegui depois acertar tudo↓ ainda consegui convencer meu pai a não comprar minha passagem pela pela varig porque ia sair mais caro, comprar minha passagem pela pela alitalia porque aí conseguia pegar um vô, que eu consegui uma passagem né, que eu consegui uma perna de de lisboa pra roma sem ter que pagar mais por isso entendeu↓
 que eu fui me encontrar com mauro em roma. que o mauro não quis nem pisar

T49 – Tais
 T50 – Gabe
 T51 – Tais

((risos))
 em lisboa.
 ((gargalhada))

- T52 – Gabe depois dessa história ele falou “não não quero nem pisar em lisboa↓
(quero ir) direto pra roma↓ <a gente se encontra em roma e passa o reveillon em roma>”.
e foi o que a gente fez. a gente foi direto pra roma.
- T53 – Tais bom, eu nunca fui a lisboa, mas eu fico imaginando que o reveillon em roma deve ser
uma delícia.
- T54 – Gabe é (muito bom). uma delícia. foi ótimo.

“Contando para o pai” – primeira parte da história

No turno 40, Gabe introduz a história, falando que na ocasião de uma viagem a Portugal contou ao pai que era gay - o restante do turno é uma narrativa sobre a família do pai. Nas duas primeiras linhas do turno 42, Gabe reintroduz a história da viagem a Portugal, explicando o porquê da escolha daquele país (os irmãos da mãe moram lá).

Ainda no turno 42, Gabe resume a história, como podemos ver no segmento a seguir:

Segmento 1

- T42 - Gabe então eles vão com muita frequência pra portugal e aí esse ano que foi dois mil...
dois mil ou dois mil e um dois mil e um↓ em dois mil e um a gente-- ah aconteceu essa
história de a gente ir pra portugal reunir a família pra passar o natal junto.
/.../
então aí a gente aí ficou aquela coisa vamos passar o natal, passar o natal junto, passar o
natal e o ano novo e tal e eu queria passar o ano novo com meu marido↓ eh
- T43 - Tais ((risos))

Gabe resume de que tratará a história: ele quer passar o ano novo com o marido, o que pode causar conflito, como podemos perceber pelo uso do verbo *querer* no pretérito imperfeito, apontando para uma possível inviabilidade de seu desejo. Os risos que emiti após a fala do sujeito corroboram com a idéia de que ele quer passar o ano novo com o marido é uma situação inusitada para aquela família.

Ao longo desse turno, Gabe encaixa uma informação (Norrick, 2000) no meio do resumo:

Segmento 2

T42 – Gabe ah aconteceu essa história de a gente ir pra Portugal reunir a família pra passar o natal junto. a família toda queria passar o natal junto↓
há muito tempo que a minha mãe não ia também↓ a gente não-- eu e meus irmãos a gente não ia lá há... muitos anos a última vez que eu tinha ido antes (dessa-) dessa viagem eu tinha.. quatorze pra quinze anos então... foram quase dez anos (né).

Gabe repete expressões de tempo como *há muito tempo*, *há muitos anos*, *eu tinha quatorze pra quinze anos*, *foram quase dez anos*, marcando a importância da viagem para a família, pois não se viam há muito tempo. Além desse recurso, repete expressões como *reunir a família*, *a família toda*, *a minha mãe*, *a gente*, *eu e meus irmãos*, *a gente*, reforçando a ideia de reunião familiar e criando uma imagem de encontro entre parentes saudosos para depois quebrá-la, quando retoma seu resumo e coloca a possível dificuldade que terá por querer levar o marido, expressa pelo uso do pretérito imperfeito do verbo querer (*e eu queria passar o ano novo com meu marido*↓), dando uma pista para o ouvinte do que virá a seguir. Pista esta que mostro ter captado, na hora em que ri, interpretando que seria inusitado para a família de Gabe ele ser casado com um homem, como também a introdução daquele marido em uma reunião familiar.

Embora Norrick (2000) estabeleça que a informação é algo que pode ser retirado da história, pois não atrapalha seu andamento, não é o que ocorre nesse caso. A informação, no segmento 2, serve de pista para o restante da narrativa. Além disso, o uso de detalhamento e repetição promove o envolvimento dos participantes de uma conversação (Tannen [1989] 1996). Gabe, que se revelou um bom contador de histórias, também usa desses recursos para envolver a entrevistadora na narrativa que está começando.

No turno 44, Gabe orienta a história e faz avaliações.

Segmento 3

T43 – Tais ((risos))

T44 – Gabe então eu (fui) bom eh e eu queria comunicar ao meu pai que eu, sabe, tipo meu pai tava me da:ndo a passagem né↑ pra ir pra Portugal e meu pai ia pagar por isso, e eu e o Mauro

a gente tinha nossas economias e eu (quis) ia comprar uma passagem pra ele ir também↓
ele que né↑ pra gente ir junto,

/.../

eh então a idéia era a gente-- (mas) ao mesmo tempo não tinha como eu... né↑
eu precisava conversar isso com meus pais né (tipo dizer) que ele tava indo que eu não ia
passar o ano novo com eles > (que eu ia) passar o natal com eles <
mas que depois ia passar o ano novo com o mauro. né↑ (tipo) né↑
(tinha)-- precisei justificar o fato de não estar o ano novo com a família depois de dez
anos e tal. (aí) né veio toda a conversa e foi aí que eu chamei meu pai pra almoçar. a
gente saiu para almoçar um dia (no centro) na hora do almoço dele do trabalho.

Na orientação, no segmento 3, Gabe estabelece os participantes (ele, o pai, a mãe), de que tratará a história (contar ao pai que é gay e que por isso não passará o ano novo com a família) e onde e quando acontecerá o evento (durante um almoço, no centro, já que Gabe diz que será no intervalo do trabalho do pai).

Segmento 4

T44 – Gabe mas eu sabia que não tinha a menor condição de eu chegar em portugal depois de dez
anos no meio da minha família toda sabe↑ e (ia) chegar com meu marido.
“(olha) gente esse aqui é meu marido (mauro)↓” não tinha a menor condição↓
minha mãe ia ficar louca.

Nessa avaliação, no segmento 4 acima, encaixada na orientação, Gabe aponta para o problema que enfrentaria, caso apresentasse Mauro como seu marido para sua família portuguesa. Ao enfatizar a palavra *toda* quando fala que não poderia chegar no meio da família toda com o marido, Gabe não tem dúvidas de que todos ficariam chocados com o fato de ele ser homoafetivo. Ele ainda reforça essa idéia através da repetição e da ênfase no final da palavra *menor*, quando diz que não tinha a menor condição (*não tinha a menor condição de eu chegar em portugal; não tinha a menor condição*↓).

O entrevistado usa o recurso da construção de imagem para não só envolver o outro participante, como também para sublinhar o que acredita ser verdade. Podemos imaginar a cena de Gabe apresentando seu marido para os parentes, a partir do discurso

Segmento 6

T45 – Tais

[[risos]]

T46 – Gabe

então vamos sentar no restaurante (vamos) direto ao assunto.

/.../

quando eu cheguei no almoço > pra almoçar <

minha mãe minha mãe chegou um pouco na frente, meu pai tava vindo atrás, a minha mãe veio falar comigo

“ah já falei com seu pai não sei que. ele já tá sabendo mas você fala e tal.”

No segmento 6, Gabe estabelece o que vai acontecer (ele quer ir direto ao assunto), quando e onde (durante um almoço) e os personagens (pai, mãe e filho). Nesse momento, acrescenta a presença da mãe, que só havia sido mencionada antes dentro da palavra *pais*, mostrando sua relevância no desenrolar da história através de uma fala reportada. Quando coloca, sob forma de discurso direto, que sua mãe já contou ao seu pai o que ele iria contar, nos mostra que a história vai ter outro rumo, diferente daquele anunciado, pois sua revelação não é para mostrar algo novo ao seu pai, mas sim para colocá-lo mais próximo. Se fosse apenas para contar, não precisaria contar mais nada, pois o pai já sabia. O que passa a buscar é a aprovação e a cumplicidade do pai. Além disso, coloca a mãe como intermediária e controladora da relação dos dois: a mãe conta antes o que ele vai contar, como se preparasse seu terreno, independentemente de ele querer ou não.

Gabe encaixa uma informação na orientação citada acima:

Segmento 7

T46 – Gabe

eu já tava até com revista na bolsa pra dar pro meu pai, sem saber a reação dele, estava com revista sabe, na bolsa sabe, falando sobre o assunto pra ver se eu dava alguma coisa para ele ler pra ele, mas no... fim das contas não foi preciso.

Assim como a informação em turno anterior, essa informação do segmento 7 é importante. Embora não seja necessária para o andamento da história, é fundamental para entendermos que Gabe buscava não só contar ao pai, como também fazê-lo entender o

que é ser homoafetivo e obter sua aprovação e cumplicidade. Gabe leva revistas porque não sabe a reação que o pai terá, o que mostra seu desejo de aceitação.

Segmento 8

T46 – Gabe > minha mãe se adiantou e falou <

Essa avaliação é também uma introdução à narrativa encaixada, que trata do porquê de Gabe nunca ter contado ao pai que era gay. Quando ele diz que a mãe se adianta e conta, está fazendo uma crítica ao fato de a mãe não ter deixado que contasse ao pai sobre sua preferência sexual, transferindo para ela a responsabilidade de não ter saído do armário antes. Ele não conta porque ela não deixa; não deixou agora (contou antes) e não havia deixado em outra ocasião. Assim, Gabe a posiciona como repressora e a si mesmo como reprimido por ela.

“Minha mãe não deixa eu contar” – narrativa encaixada

Após a introdução avaliativa ilustrada no segmento 8, Gabe faz o resumo da história, estabelecendo o ponto - sua mãe não o deixa contar ao pai que é gay:

Segmento 9

T46 – Gabe (né) e eu não (falava)-- muitas vezes eu adiei essa conversa com meu pai por conta da minha mãe também sabe↓

A seguir, começa a ação principal, fazendo avaliações:

Segmento 10

T46 – Gabe minha mãe tava o tempo inteiro dizendo “não não fala sei que não sei como é que ele vai reagir... melhor não falar, não precisa e tal”, e sempre botando uma (pi-) sabe↑
quando eu precisava justamente de um incenTIvo ((ruídos)) me encoraJAR e faLAR sabe↑
minha mãe sempre botando sabe fazendo aquele jogo contra né.

Gabe se constrói como aquele que quer contar, mas que é frágil, precisava de incentivo para o fazer. Se coloca como vítima da vontade materna. Ele usa de recursos variados para enfatizar o que diz: dá ênfase à palavra inteiro, para entendermos o esforço que ela fez para que não contasse; usa de fala reportada direta para visualizarmos a mãe falando; dá ênfase ao fato de que precisava de incentivo, precisava de coragem, precisava de falar; enfatiza a palavra contra, mostrando o trabalho de desestímulo da mãe. Ao fazer isso, posiciona a mãe como repressora de seus desejos. Por outro lado, constrói seu ambiente familiar como um ambiente tradicional, ao revelar os papéis de gênero de seus pais: o pai tem mais poder (existe uma preocupação grande em como o pai vai reagir) e a mãe tem como dever servir de intermediária nas questões entre o pai e os filhos.

Nessa ação principal também podemos perceber que ser homoafetivo é algo passível de reprovação social. Gabe precisa de incentivo e coragem para sair do armário, ou seja, Gabe sabe que seu estilo de vida é estigmatizado.

Segmento 11

T46 – Gabe eu não conseguia falar nunca↓ (nem...) sabe eu--
já era difícil pra mim ter coragem por mim mesmo sabe↓
e vir alguém desencoraja:r eu.. sabe↓ amarelava sempre. então eu não conseguia.

O resultado é que Gabe é impedido de falar. Assim, se posiciona como frágil e oprimido. Ao mesmo tempo em que se coloca como frágil (não tem coragem por si próprio; se alguém o desencoraja, não consegue fazer o que quer; “amarela”, se não tem ajuda), atribui a responsabilidade de sua derrota à mãe que o desencorajava, novamente colocando-a como repressora. Sua impotência fica mais clara ainda quando usa com ênfase as palavras *nunca* e *sempre* (ele não conseguia falar nunca; amarelava sempre).

Segmento 12

T46 – Gabe aí nesse dia eu consegui (assim) falar com ele

A fala é a coda da narrativa encaixada ao mesmo tempo em que reintroduz a história da viagem a Portugal, o que podemos perceber através do uso das palavras *aí* e

consegui, finalizando a narrativa anterior e fazendo uma ligação com o que estava contando antes.

Essa coda é um exemplo da argumentação de Mishler (2002) de que, ao olhar para o passado, o narrador constrói sua vida retrospectivamente e aponta que a sua importância é determinada pela situação na qual o narrador se encontra no presente. O fato de, no passado, Gabe não ter conseguido contar ao pai, só é relevante porque, no presente, conseguiu.

“Contando para o pai” – primeira parte da história

Segmento 13

T46 - Gabe aí nesse dia eu consegui (assim) falar com ele eh não consegui aí tipo assim não conseguia e ao mesmo tempo achava eh constrangedor e... constrangedor.. pra mim e pra ele chegar e e tacar pá a frase eu sou gay sabe tipo achava achava.. que.. eu tentei encontrar sabe outra forma de falar isso↓

Gabe retoma a história, colocando que conseguiu falar com o pai. Na avaliação, coloca que achava constrangedor não só para ele, como também para o pai, apontando para uma falta de intimidade entre os dois. Quando fala que era constrangedor tacar pá a frase eu sou gay, revela como acredita que isso vai ser complicado para seu pai, ou seja, posiciona seu pai como alguém tradicional, que ficará constrangido de saber que seu filho vive uma sexualidade marginal, sobretudo porque, para os homens tradicionais, a masculinidade é dever do pai², ou seja, ter um filho homoafetivo significa falhar na educação que deu. Ao mesmo tempo, posiciona o pai como aquele que detém o poder (Gabe tem que achar uma forma especial para contar, não pode ser direto) e se posiciona como submisso a este poder.

Um outro aspecto interessante dessa reintrodução à história, é que o pai, apesar de o filho morar há anos com alguém, jamais levar uma namorada sequer para conhecer a

² Cf. Oliveira, T.L. “Sei lá maluco, aí...”: estratégias de evitação de posicionamento do adolescente na construção de identidades masculinas. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ, 2002.

família, nunca perguntou se o filho era gay. Se, por um lado, isso pode ser visto como não querer invadir a privacidade do filho, por outro, mostra o distanciamento entre eles.

Segmento 14

T46 Gabe aí eu sentei e falei “olha pai, você sabe que eu moro com o ma:uro há tanto tempo”
 /.../
 eh eh aí eu falei eu fiquei falan- falei isso↓
 “a gente não mora jun- a gente mora junto porque: a gente é amigo sabe↓
 a gente mora junto porque: a gente tá junto sabe↓
 eh... o mauro é minha família, agora, sabe, a gente...”
aí eu comecei a (falar a) falar que eu quer- aí falei que eu queria estar junto de:le no ano
 no:vo sabe.

A ação principal é o próprio ato de falar. Gabe novamente usa de fala reportada para envolver o participante, criando uma imagem da cena do restaurante. Um ponto muito importante aqui é o fato de Gabe hesitar, pois ele sabia que seu pai já tinha conhecimento de que era gay, ou seja, sua hesitação não é causada pelo possível choque que o pai teria, mas por medo da reação que poderia ter (Link, Yang, Phelan e Collins, 2004:4). Um outro ponto relevante é o fato de Gabe recorrer a valores de família que compartilha com o pai na hora de falar sobre o marido (*o mauro é minha família agora*), colocando o casamento como formação de núcleo familiar. Estes dois pontos deixam claro que Gabe está buscando aceitação e aproximação.

Por outro lado, ao colocar Mauro como sua família em termos de valores tradicionais de família, Gabe está deslocando a matriz cultural de inteligibilidade, pois a família que propõe é composta por dois homens e não um casal heterossexual.

Por fim, Gabe consegue comunicar ao pai que não passaria o *reveillon* com a família porque passará com o marido, fator que desencadeou a questão de sair do armário.

Segmento 15

T46 – Gabe > na época eu tinha mais de dois anos já que a gente tava junto <

Esta informação encaixada é para mim, pois o pai certamente sabia que Gabe morava com alguém durante todo aquele tempo, só não sabia, até a mãe de Gabe contar, a natureza da relação entre Mauro e Gabe. Aqui fica destacado o caráter interacional do ato de contar histórias: narrativas não representam somente personalidades e eventos; tratam, também, de estabelecer relações entre o narrador e a audiência (Wortham, 2001:1).

Segmento 16

T46 – Gabe “eu sei que ele não podia estar comigo lá: “

Gabe adota uma postura conciliadora: quer passar o ano novo com o marido, mas não vai expor a família a nenhum desconforto. Essa avaliação mostra que Gabe se posiciona não só como conciliador, como também como alguém que sabe e aceita que seu estilo de vida é marginalizado.

Segmento 17

T46 – Gabe e então.. aí fui.. levando fui levando por esse caminho

Gabe finaliza a primeira parte da história, mas sua hesitação indicava que a continuação da conversa tinha sido diferente do que ele esperava e que não iria oferecer voluntariamente o resto, por isso resolvi fazer uma pergunta direta, suscitando a segunda parte da história, que vou chamar de “A reação do pai”.

“A reação do pai” – segunda parte da história

Na segunda parte da história, conforme apontado na reintrodução de “Contando para o pai”, percebemos que o pai realmente fica constrangido, porém continua na posição de quem detém o poder, já que corta a fala do filho de forma autoritária:

Segmento 18

T47- Tais (e como ele reagiu?)

T48 - Gabe (ele ficou) “não tudo bem↓ eu sei↓ já sei↓ não precisa (não perci- “ aí só que aí ele) me cortou assim de uma maneira que eu fiquei até...

Gabe começa a segunda parte da história com um resumo e uma avaliação que, ao mesmo tempo, já fazem parte da ação. Por um lado está resumindo, pois coloca que o pai disse que já sabia e que impediu sua narrativa; por outro, está avaliando, pois a palavra cortar dita com ênfase mostra o que Gabe sentiu com a reação do pai: o filho está propondo uma aproximação e o pai está respondendo com um corte, ou seja, quer manter a distância. Gabe avalia a situação dizendo *fiquei até*, mostrando sua perplexidade com a reação do pai, que usa de ênfase para dizer que já sabia, deixando claro que não estava disposto a uma aproximação, aos detalhes da vida do filho, mas apenas precisava de fatos relativos a arranjos de viagem. Ao mesmo tempo, já é parte da ação, pois, através de discurso reportado, começa a narrar a fala do pai e a ação desta parte da história é a mesma da primeira parte: o próprio ato de falarem.

Segmento 19

T48 – Gabe aí meio “já sei disso” sabe “num num quero falar sobre esse assunto” sabe. “isso eu já sei↓ isso você não precisa me falar”↓ que dia você vai↓ eu quero marcar a passagem não sei que e tal”. eh.. “o resto não quero mais saber↓ <não quero saber se ele vai se ele não vai se vai>.”
aí eu () “eu vou viajar e tal e ele vai também a gente vai”

Na ação principal, Gabe continua a posicionar o pai como aquele que quer distanciamento. Segundo a fala reportada de Gabe, o pai usa o verbo *saber* como forma de marcar distanciamento - ele já sabe do fato, não precisa conversar mais. Percebemos também, através do uso das palavras *disso* e *assunto*, enfatizadas, bem como o uso da palavra *resto*, a visão de Gabe quanto ao incômodo que sua homoafetividade estaria provocando no pai: não pode sequer pronunciar o que já sabe, que o filho é gay (*já sei disso; num num quero falar sobre esse assunto; o resto não quero mais saber*).

Gabe posiciona o pai como autoritário, usando o verbo *querer* como forma de estabelecer o tempo todo que o que importa é sua vontade (*quero saber é se você vai*

viajar; que dia você vai viajar; quero marcar a passagem), que não é se aproximar e conversar sobre a homoafetividade do filho ou sobre o marido deste (*o resto não quero mais saber; não quero saber se ele vai ou se ele não se vai*).

Ao falar sobre o que quer saber, o pai, ao mesmo tempo, está mudando de tópico, fazendo com que se transforme em ações sobre a viagem, desviando, desta forma, do assunto que o incomoda, que é a homoafetividade do filho (*isso você não precisa me falar, o que quero saber é se você vai viajar, que dia você vai, eu quero marcar a passagem*). Gabe aceita a mudança de tópico, respondendo que vai viajar e que Mauro vai também (*eu vou viajar e tal ele vai também a gente vai*). Entretanto, apesar de aceitar a mudança de tópico proposta pelo pai, indiretamente coloca, novamente, que é homoafetivo, quando reafirma sua união com o marido através da expressão *a gente*. Assim, ainda que posicione o pai como autoritário, não se posiciona como submisso, diferente da forma com que posicionou-se quando tratava da mãe na história encaixada.

Um outro aspecto interessante dessa parte é o fato de o pai não ter aceito a proposta de deslocamento da matriz de inteligibilidade que Gabe faz, buscando o silêncio sobre o assunto através de evitar o uso da palavra casamento e de conversar sobre a vida homoafetiva do filho.

Segmento 20

T48 – Gabe (aí enfim) consegui fazer um esquema de eu conseguir uma passagem até mais barata↓ depois aí consegui depois acertar tudo↓ ainda consegui convencer meu pai a não comprar minha passagem pela varig porque ia sair mais caro, comprar minha passagem pela pela alitalia porque aí conseguia pegar um vôo, que eu consegui uma passagem né que eu consegui uma perna de de lisboa pra roma sem ter que pagar mais por isso entendeu↓

Esta informação sob forma de crônica (Linde, 1993) continua com Gabe se posicionando como uma pessoa forte, que não só não se submete ao pai autoritário, como também o influencia a facilitar sua viagem com o marido. Gabe usa o verbo *conseguir* sete vezes, indicando as dificuldades que teve para atingir seu objetivo, ao mesmo tempo em que marca o sucesso de sua empreitada, posicionando-se como alguém firme, que não se deixa curvar diante de problemas (*consegui fazer um esquema de eu conseguir uma*

passagem até mais barata; consegui depois acertar tudo; consegui convencer meu pai; porque aí conseguia pegar um vôo; que eu consegui uma passagem; que eu consegui uma perna). Usa também a palavra *ainda* aliada ao verbo *conseguir*, dando mais ênfase à dificuldade de convencer o pai a fazer o que ele queria, posicionando ambos como pessoas fortes, porém se colocando como mais firme, posto que o convenceu (*ainda consegui convencer meu pai*). Além disso, Gabe marca sua posição de agente através do uso do pronome *eu*, enfatizando sua capacidade de resolver problemas.

Segmento 21

- T48 – Gabe que eu fui me encontrar com mauro em roma. que o mauro não quis nem pisar
 T49 – Tais ((risos))
 T50 – Gabe em lisboa.
 T51 – Tais ((gargalhada))
 T52 – Gabe depois dessa história ele falou “não não quero pisar em lisboa↓
 (quero ir) direto pra roma↓ > a gente se encontra em roma e passa o reveillon em roma <”

Nesta passagem, vemos que Gabe, embora tenha atingido seu objetivo de passar o *reveillon* com Mauro, tendo inclusive a ajuda financeira do pai, não conseguiu a aproximação que buscava com este. De fato, a história revela um distanciamento entre pai e filho, no que se refere ao casamento de Gabe com Mauro. Mauro afirma que não quer nem pisar em Lisboa, ou seja, não quer se aproximar do pai de Gabe. Agora, além de o pai não querer saber de seu relacionamento com o marido, o marido também não quer saber do sogro e Gabe cede ao desejo de ambos: vai passar o ano novo em Roma com Mauro e não toca mais no assunto da aproximação com o pai, o que fica claro na coda destacada a seguir.

Segmento 22

- T52 – Gabe e foi o que a gente fez. a gente foi direto pra roma.
 T53 – Tais bom, eu nunca fui a lisboa, mas eu fico imaginando que o reveillon em roma deve ser uma delícia.
 T54- Gabe é (muito bom). uma delícia. foi ótimo.

Gabe encerra a história da viagem a Portugal colocando que não só conseguiu o que queria, passar o *reveillon* com o marido, como também avaliando que foi ótimo.

4.1.1.2 Em Roma com o irmão

A história surge quando pergunto se seus irmãos sabem que é gay. Após responder que nunca disse diretamente, mas que eles sabiam, Gabe fala que nunca foi muito companheiro dos irmãos. Comenta, então, que é mais próximo do mais velho, que presencia mais seu relacionamento com Mauro. Passa a falar de viagens que fez com seu marido e seu irmão, o que o leva à história “Em Roma com meu irmão”. Esta começa no turno 40, é interrompida pela narrativa “Viagem a Portugal”, retomada no turno 54 e finalizada no turno 58.

Em Roma com o irmão

- T40 – Gabe /.../
>a gente fez uma viagem também< eh teve uma vez-- foi até a época que eu falei quando fui contar pro meu pai que eu que eu era gay, ia casar com o mauro e tal,
- T54 – Gabe /.../
o meu irmão foi pra roma comigo↓ essa história TOda que ah
°não que não fosse eh útil pra entrevista° essa história toda foi pra chegar no fato de que o meu irmão foi pra roma comigo e foi a primeira vez que que aconteceu essa situação de passar algum-- vários dias seguidos eu meu irmão e o mauro sabe.
foi a primeira situação assim tipo... porque tava aquela situação
“(ih) >como é que vai ser com seu irmão? e tal↑” aquela coisa
“seu irmão vai também pra roma↓ como é que vai ser<↑ (a gente vai)”--
só que aí... meu irmão não ia. meu irmão ia ficar só quatro dias↓
ele ia ficar só dias >vinte e seis vinte e sete vinte e oito e vinte e nove de dezembro<↓
ele não ia passar o ano novo.
eh e aí ficou aquele clima a gente achando que a gente (ia ter) que segurar quatro dias fingindo alguma coisa até meu irmão ir embora pra depois a gente relaxar,
só que a gente-- tava com-- a gente em roma encontrou outras pessoas, outras amigas e tal que já tava aí com gale::ra. foi um exploração total sabe↓
as meninas falando da mulher que ela pegou e não sei que sabe↓
- T55 – Tais ((risos))
- T56 – Gabe e aí ahn “que eu sou apaixonada por fulana...” as meninas falando da outra menina↓
e aí na época aconteceu a história que morreu a cassia eller nesse nesse ano novo e a outra menina já ficou assim “ai meu deus a cassia eller morreu e eu não dei um beijo na boca de:la, não sei que”.
- T57 – Tais ((risos))
- T58 – Gabe as meninas falando isso e meu irmão ali no meio sabe, então já tava tão escrachado o negócio que acabou sendo mais tranquilo. (a gente não precisou) falar nada.
as meninas escracha:ram sabe e... eh meu irmão né...

o meu irmão acho que já também já sabia né↓ (de certa forma) desconfiava e tal, mas ele não tinha-- além de não ter tido a convivência ele não tinha (né)↓ não tinha se deparado com a situação e tal. ((ruídos)) não conhecia bem uma ()
 T59 – Tais ((ruídos)) nunca sei onde faz a pausa ((referindo-se ao gravador))

No turno 40, Gabe introduz a história que vai narrar, a viagem com seu irmão, mas a interrompe para contar sobre quando revelou ao pai que era gay. No turno 54, retoma a narrativa:

Segmento 23

T54 – Gabe /.../
 o meu irmão foi pra roma comigo↓ essa história TOda que ah
 °não que não fosse eh útil pra entrevista° essa história toda foi pra chegar no fato de que o meu irmão foi pra roma comigo e foi a primeira vez que que que aconteceu essa situação de passar algum-- vários dias seguidos eu meu irmão e o mauro sabe. foi a primeira situação assim tipo...

Gabe retoma a história que ia contar, estabelecendo que é sobre a primeira vez que seu irmão viaja com ele e seu marido. Nessa introdução, justifica que narrou sobre quando contou ao pai que era gay para chegar à história que se dispõe a contar agora. Contudo, faz um reparo, avaliando positivamente a história contada anteriormente.

Segmento 24

T54 – Gabe porque tava aquela situação “(ih) >como é que vai ser com seu irmão? e tal↑”
 aquela coisa “seu irmão vai também pra roma↓ como é que vai ser<↑ (a gente vai)”--

Nesse momento, Gabe coloca onde se passará a história (Roma), quem são os personagens principais (ele, o marido e o irmão) e de que tratará a história (a primeira vez que o casal Gabe/Mauro vai conviver com alguém da família em uma viagem). Podemos notar que, nessa orientação, Gabe gera uma expectativa de como vai se conduzir a narrativa através do uso de discurso direto, ou seja, faz também uma avaliação da situação que irá ocorrer. A forma com que fala nos leva a pensar que será uma situação complicada, que mais tarde descobriremos que não procede. Na verdade, o casal não

tinha a intenção de sair do armário com o irmão de Gabe naquele momento, ou, pelo menos, não daquela forma, e estava vendo sua ida como um obstáculo aos seus planos para o *reveillon*.

Segmento 25

T54 – Gabe só que aí... meu irmão não ia. meu irmão ia ficar só quatro dias↓ ele ia ficar só dias >vinte e seis vinte e sete vinte e oito e vinte e nove de dezembro<↓ ele não ia passar o ano novo.

Como na história “Viagem a Portugal”, a informação do segmento 25 é importante, contrariando a argumentação de Norrick (2000) de que pode ser retirada da narrativa sem prejudicar seu andamento. Gabe precisa informar que seu irmão não pretendia passar o *reveillon* com o casal para que possamos compreender o porquê de ele e Mauro estarem surpresos e preocupados com sua ida. Se não der essa informação, a história fica sem sentido, pois eles teriam tido tempo antes para contar ao irmão da situação deles ou para dar um jeito de ele não ir junto. Ou seja, a informação garantiu a reportabilidade da história.

Segmento 26

T54 – Gabe eh e aí ficou aquele clima a gente achando que a gente (ia ter) que segurar quatro dias fingindo alguma coisa até meu irmão ir embora pra depois a gente relaxar, só que a gente-- tava com-- a gente em roma encontrou outras pessoas, outras amigas e tal que já tava aí com gale::ra.

Gabe já havia estabelecido o lugar do evento a ser narrado (Roma), mas agora especifica o espaço de tempo em que se passará a história (quatro dias), bem como acrescenta participantes (além do casal e do irmão, havia outras pessoas, havia uma “galera”). Gabe, ao estabelecer a situação específica a ser narrada (como eles iriam fingir algo até que o irmão fosse embora), faz uma avaliação. Quando diz que iriam relaxar depois que o irmão partisse, está, ao mesmo tempo, dando a entender que estariam tensos enquanto ele permanecesse, gerando uma expectativa com relação à condução da história.

Entretanto, quando coloca que encontraram outras pessoas lá, usando a expressão *só que*, insinua que a narrativa pode se encaminhar de forma diferente da esperada.

Segmento 27

T54 – Gabe foi um exploração total sabe↓
 as meninas falando da mulher que ela pegou e não sei que sabe↓

No segmento 27, Gabe começa a ação com uma avaliação – *foi um exploração total sabe*↓ - para depois passar à ação, que é o fato de as meninas falarem abertamente sobre seus casos na frente de seu irmão, revelando, ainda que indiretamente, que Gabe e Mauro são gays. Isso nos remete à argumentação de Goffman (1963), que coloca que quem convive com o estigmatizado é considerado parte do grupo dos estigmatizados, como se o estigma fosse de alguma forma contagioso. Faço essa observação porque Gabe interpreta que seu irmão percebeu que era homoafetivo devido ao fato de ter lésbicas como amigas, quando isso, na verdade, não deveria significar nada (uma pessoa pode ter amigos gays sem ser gay). Toda a ação da história, inclusive a continuação no turno seguinte, é sobre o que as meninas dizem, ou seja, toda a percepção do irmão, segundo Gabe, é a partir do que as amigas falam, não o que o autor da narrativa faz.

Segmento 28

T55 – Tais ((risos))
T56 – Gabe e aí ahn “que eu sou apaixonada por fulana...” as meninas falando da outra menina↓
 e aí na época aconteceu a história que morreu a cassia eller nesse nesse ano novo
 e a outra menina já ficou assim
 “ai meu deus a cassia eller morreu e não dei um beijo na boca de:la, não sei que.”

No segmento 28, Gabe prossegue com a ação, inclusive usando discurso reportado, característica de suas narrativas, que sempre buscam o envolvimento dos participantes da interação. Segundo sua versão, seu irmão fica sabendo pela fala das suas amigas, não por ele.

Gabe encaixa uma informação – *e aí na época aconteceu a história que morreu a cassia eller nesse nesse ano novo* – porém, dessa vez, ela não é importante para a condução da história. Se ele tirasse essa informação, não faria a menor diferença, pois a relevância da fala da menina é o fato de querer ter tido a oportunidade de dar um beijo na boca da artista, não de esta de ter morrido.

Segmento 29

T57 – Tais ((risos))

T58 – Gabe as meninas falando isso e meu irmão ali no meio sabe, então já tava tão escrachado o negócio que acabou sendo mais tranquilo. (a gente não precisou) falar nada.
as meninas escracha:ram sabe e... eh meu irmão né...
o meu irmão acho que já também já sabia né↓

Gabe conclui a ação, as meninas falando e seu irmão ouvindo, e avalia que o fato de terem “escrachado” facilitou a tarefa dele e de seu marido, pois o resultado da história é que não precisaram dizer nada. As meninas falaram de tal forma, que ficou claro que os dois eram um casal, sobretudo porque Gabe achava que o irmão sabia.

Segmento 30

T58 – Gabe (de certa forma) desconfiava e tal, mas ele não tinha--
além de não ter tido a convivência ele não tinha (né)↓
não tinha se deparado com a situação e tal. ((ruídos)) não conhecia bem uma ()

T59 – Tais ((ruídos)) nunca sei onde faz a pausa ((referindo-se ao gravador))

No segmento 30, Gabe encerra a história dizendo que a situação de conviver no universo gay foi uma novidade para o irmão. Saber que Gabe e Mauro eram um casal, não, isso ele já desconfiaria ou saberia - houve apenas uma confirmação de algo que já desconfiaria. Entretanto, a convivência com homoafetivos que não estão dentro do armário, isso teria sido diferente para o irmão.

Gabe se posiciona como alguém frágil, levado ao sabor do vento. Assim como na história em que sai do armário com o pai, quando diz que não contou antes devido à interferência de sua mãe, aqui quem interfere são suas amigas, que, de certa forma,

contam para seu irmão que é gay. Novamente, podemos perceber que sabe que ser homoafetivo é algo passível de reprovação social (coloca como um problema seu irmão viajar com ele), que ser homoafetivo é ser estigmatizado. Como bem no início da entrevista ele comenta que viajou outras vezes com este irmão, portanto o irmão não parece ter problemas com isso, percebemos que ele se antecipa em termos do que acredita que será a reação de terceiros, típico de estigmatizados, segundo Goffman (1963).

Um outro aspecto interessante de ambas as histórias é o fato de Gabe não nomear os parentes. Usa sempre os termos irmão, pai, mãe, marcando os laços de parentesco, mas marcando também um distanciamento entre eles em termos de companheirismo. O fato de não nomear as pessoas quando fala sobre a situação de sair do armário (não deu os nomes das meninas na narrativa), também indica seu desconforto com o fato de ter que expor sua vida homoafetiva para a família. Ao longo da entrevista, quando narra sobre sua vida social com seus amigos, todos têm nome - não diz “o meu amigo da faculdade”, por exemplo. Todos têm nome, apontando para a ligação que têm consigo.

4.1.1.3 Contando para minha mãe

A história surge após eu perguntar sobre se houve alguma mudança com seus pais depois de saberem que era gay. Gabe diz que não, que, na verdade, sempre teve dificuldade de relacionamento com o pai e depois começa a narrar como contou para sua mãe.

Contada nos turnos 62 a 64, a história é composta de duas partes, “Convencendo a mãe” e “Felicidade”, e uma narrativa encaixada, “Tristeza”.

Contando para minha mãe

- T61 – Tais ((ruidos)) mas os seus pais com-- depois da história mudou alguma coisa? você acha que continuou igua::!? o que você achou?
- T62 – Gabe olha, eu acho que não senti muita mudança não. eh... na verdade eh... porque assim na verdade eu sempre tive muita dificuldade de relacionamento com meu pai entendeu? com a minha mãe foi aquele choque inicial quando eu falei pra ela, ela-- aí eu tinha uma história muito de me comunicar com a minha mãe por carta entendeu↓ do tipo quando ela queria me falar alguma coisa conversar comigo ela escrevia um bilhete... deixava na minha mesa aí eu ia respondia deixava na mesa dela sabe por dificuldade de conversar e tal. isso é muito da idade tipo desde a minha adolescência já era assim sabe.

e aí depois a gente acabava conversando.
 e aí nesse sabe quando eu contei pra ela eu contei mesmo sabe↓
 (na verdade) eu eu ahn tava super deprimi::do, tava passando semanas triste sabe.
 era época que eu era hum eu tava eu tava mals tava na maior fossa porque eu tava ().
 eu tinha me apaixonado pelo meu melhor ami::go, que eu era gay e tava péssimo↓
 assim, não tava conseguindo mais lidar com a situação.
 eu tava no limite assim de loucura né. e foi a primeira vez que eu realmente me apaixonei
 por outro homem sabe, antes eu tinha tesão eu tinha desejo e tal, mas era uma coisa muito
 velada que eu ficava-- eu mesmo reprimia eu dava um jeito de fingir que não tava
 acontecendo pra mim mesmo e tal, mas aí chegou num ponto que não dava mais né.
 e eu tava apaixonado que ah sabe fica aquela coisa.
 e aí eu cheguei a ficar mals assim fiquei-- tava triste direto↓
 chegava em casa fechava a porta do meu quarto não queria falar com ninguém e tal e tal.
 tava sempre triste↓ aí aí um dia ((dirige-se a outra pessoa – é pra mim?)) ((ruidos))
 enfim, aí eu contei pra minha mãe pra--
 minha mãe me viu chorando um dia, veio me perguntar (que diabo) que tava
 acontecendo↓ quando eu contei pra ela falei que eu tava apaixonado por um amigo.
 aí ela ficou tensa “aí meu deus e tal mais não sei que”, aí ela vira e “será que você não tá
 confundindo as coisas? às vezes é admiração.” não é isso” (eu disse) “mãe, eu não tô
 confundindo↓ eu sei muito bem sabe↓ (eu não--)) eu sei muito bem o que eu tô sentindo”.
 e aí expliquei e tal ela se convenceu. e ficou (por isso mesmo).
 >”ah mas eu não vou falar com seu pai porque não sei, não vou falar com ele, que não
 vou falar nada com ele, melhor você também não falar nada pra ele”<
 (eu falei) “não eu também--” nessa época nesse momento eu não tinha a menor...
 eu não tinha nem vontade de falar com meu pai sobre isso. então... eh... nessa--
 ficou por isso durante um tempo.
 eh... até que um tempo depois quando eu comecei a namorar o mauro que eu aí eh depois
 eu também saí da casa dos meus pais.
 antes de eu estar com o mauro eu já tava morando sozinho↓
 eu (já) tava dividindo apartamento com dois amigos né↓ eh e isso↓
 depois eu fui morar sozinho. entrei-- acho que três meses depois foi que eu conheci o
 mauro e a gente começou a namorar. e aí depois de um tempo já com o mauro↓
 depois de uns três ou quatro meses de namoro que acho-- mais ou menos depois de uns
 seis meses de eu já estar morando (so-) né eh de eu já estar morando fora, eu resolvi eh
 conversar com a minha mãe (expli-) dizer que eu tava-- que eu ia morar com ele e tal↓
 que ia e dizer que eu tava bem que eu tava feliz sabe que eu tava... numa outra onda.
 que não tava mais naquela depressão... eh que sabe era minha escolha que tava sendo
 ótimo. e enfim... eh e aí... mas ainda assim minha mãe não quis falar nada pra ele, sabe,
 e eu também, sabe, eu já tinha dificuldade pra falar com ele↓ ela me pediu pra não falar↑
 então tá↓ então não vou falar sabe↓ ficou por isso.

T63 – Tais ((risos))
 T64 – Gabe então só depois de dois anos já casado com o mauro que eu pude conversar com meu pai.
 e... eu num eu realmente não percebia não percebi uma-- nenhuma mudança deles
 comigo.

“Convencendo a mãe” – primeira parte da história

Gabe introduz a narrativa, fazendo uma avaliação: a mãe teve um *choque inicial*, ou seja, provavelmente depois se conformou com o fato de o filho ser homoafetivo. No

meio da introdução, encaixa uma informação sob forma de crônica para que possamos compreender como foi importante e difícil contar verbalmente:

Segmento 31

T62 – Gabe com a minha mãe foi aquele choque inicial quando eu falei pra ela, ela--
 aí eu tinha uma história muito de me comunicar com a minha mãe por carta entendeu↓
 do tipo quando ela queria me falar alguma coisa conversar comigo ela escrevia um bilhete... deixava na minha mesa aí eu ia respondia deixava na mesa dela sabe por dificuldade de conversar e tal.
 isso é muito da idade tipo desde a minha adolescência já é era assim sabe.
 e aí depois a gente acabava conversando.
 e aí nesse sabe quando eu contei pra ela eu contei mesmo sabe↓

“Tristeza” – narrativa encaixada

Esta narrativa encaixada trata do estado de espírito de Gabe em um determinado período, o que provocou a conversa em que conta para a mãe que é homoafetivo.

Segmento 32

T62 – Gabe (na verda) eu eu ahn tava super deprimi::do, tava passando semanas triste sabe.
 era época que eu era hum eu tava eu tava mals tava na maior fossa porque eu tava ().
 eu tinha me apaixonado pelo meu melhor ami::go, que eu era gay e tava péssimo↓
 assim, não tava conseguindo mais lidar com a situação. eu tava no limite da loucura né.

Gabe introduz a narrativa falando de sua tristeza, que é o ponto da história. Passa então à orientação, estabelecendo quando se passa – na época em que estava triste –, quem é o personagem da história – ele mesmo, e de que se tratará – do motivo de sua tristeza. Logo após, resume a história: se apaixonou por um amigo, o que fez com que tivesse que encarar que era gay e não sabia lidar com isso, por isso a tristeza.

Gabe repete avaliações a fim de que possamos captar a profundidade de sua tristeza: *tava super deprimi::do, tava mals, tava na maior fossa, tava péssimo*. Essa

repetição é feita de forma crescente, que culmina com a avaliação *tava no limite da loucura*.

Segmento 33

T62 – Gabe e foi a primeira vez que eu realmente me apaixonei por outro homem sabe, antes eu tinha tesão eu tinha desejo e tal, mas era uma coisa muito velada que eu ficava-- eu mesmo reprimia eu dava um jeito de fingir que não tava acontecendo pra mim mesmo e tal, mas aí chegou num ponto que não dava mais né. e eu tava apaixonado que ah sabe fica aquela coisa.

Gabe se apaixonou por um homem e é obrigado a encarar que é gay. Nesse momento, podemos perceber que ele tentava não assumir nem para si mesmo que era homoafetivo. O interessante dessa parte é o fato de que precisou se apaixonar para aceitar sua condição gay, desvinculando a imagem de que ser gay está somente relacionado a sexo. Enquanto era só desejo, era algo que tinha como lidar, podia até reprimir, fingir para si e para os outros. Amor, contudo, não era possível, pois deixava claro que não era um sentimento passageiro, fruto de uma curiosidade sexual, talvez. Era algo contra o qual não podia lutar, portanto, tinha que se assumir.

Segmento 34

T62 – Gabe e aí eu cheguei a ficar mals assim fiquei-- tava triste direto↓
chegava em casa fechava a porta do meu quarto não queria falar com ninguém e tal e tal.

O resultado é que Gabe não quer falar com ninguém, quer estar só com sua tristeza e, sobretudo, com o que descobriu de si mesmo.

Segmento 35

T62 – Gabe tava sempre triste↓

Gabe encerra a narrativa falando de sua tristeza, que era o ponto da história.

Mais uma vez, a argumentação de Mishler (2002) de que, ao olhar para o passado, o narrador constrói sua vida retrospectivamente e aponta que sua importância é determinada pela situação na qual o narrador se encontra no presente, é relevante aqui. Só é importante essa história porque, no presente, Gabe precisa me fazer entender porque contou para sua mãe que era gay naquele momento específico. Embora a tristeza de se perceber gay e de ter se apaixonado por outro homem apontem para a dificuldade de sair do armário consigo mesmo, a narrativa só se realiza nesse ponto da entrevista porque ele quer traçar um quadro geral de seu estado e da época em que contou para sua mãe sobre ser homoafetivo. Ao mesmo tempo em que é uma narrativa encaixada, orienta o restante da história.

“Contando para minha mãe” - continuação

Gabe retoma a primeira parte da história, usando de fala reportada para narrar o evento, como é seu estilo. Ele começa a ação, que é a própria conversa entre mãe e filho, com uma orientação, encaixa o resultado e a coda, que, ao mesmo tempo, aponta para uma próxima narrativa, para depois retomar a ação.

Segmento 36

T62 – Gabe aí aí um dia /.../ enfim, aí eu contei pra minha mãe pra--
 minha mãe me viu chorando um dia, veio me perguntar (que diabo) que tava
 acontecendo↓ quando eu contei pra ela falei que eu tava apaixonado por um amigo.
 aí ela ficou tensa “ai meu deus e tal mais não sei que”, aí ela vira e “será que você não tá
 confundindo as coisas? às vezes é admiração”. “não é isso” (eu disse) “mãe, eu não tô
 confundindo↓ eu sei muito bem sabe↓ (eu não--) eu sei muito bem o que eu tô sentindo”.
 /.../ “ah! >mas eu não vou falar com seu pai porque não sei, não vou falar com ele, que
 não vou falar nada com ele, melhor você também não falar nada pra ele<” (eu falei) “não
 eu também--”

No segmento 36, começa estabelecendo a orientação da história: os personagens serão ele e sua mãe (*minha mãe me viu chorando*), o momento não será particularizado (*um dia*) e a história será a conversa que terão a partir do momento que a mãe resolve

perguntar sobre o porquê de estar chorando. Gabe faz avaliações sobre as emoções de sua mãe logo no início da ação – *que diabo que tava acontecendo* -, marcando que a mãe estava preocupada com sua tristeza, para depois fazer outra quando conta que está apaixonado por um amigo – *ai ela ficou tensa* -, o que nos revela como a mãe passou de um estado a outro, preocupação para tensão, ao saber do motivo da tristeza do filho, e nos aponta o conflito da ação: a mãe não aprova, no princípio sequer acredita, que o filho seja homoafetivo. Gabe enfatiza o estado de angústia que a revelação teria provocado em sua mãe, quando reproduz o que seria a sua fala - “*ai meu deus e tal mas não sei que*” -, bem como na argumentação que ela teria feito acerca dos sentimentos dele – “*será que você não tá confundindo as coisas? às vezes é admiração*”. Gabe se posiciona como alguém firme, que sabe de si – “*não é isso*” (*eu disse*) “*mãe, eu não tô confundindo*” *eu sei muito bem sabe*” (*eu não--*) *eu sei muito bem o que eu tô sentindo*”, o que podemos perceber pela sua colocação sem hesitações, e uso de *muito bem*, o que denota sua certeza quanto aos seus próprios sentimentos. Embora, à primeira vista, possa parecer que está hesitando, quando interrompe sua fala – (*eu não--*), não me parece que este tenha sido o caso. Nesse momento, a interrupção me parece ser devido a um esforço de se lembrar o mais precisamente possível das palavras trocadas na ocasião.

Um outro aspecto revelador nesse segmento é o fato de a mãe questionar a validade da informação que Gabe dá de que é gay. Sedwick ([1990]1994:79-82), comparando a situação de sair do armário com a revelação bíblica de Esther de que é judia, coloca que a identidade de judia de Esther não é posta em questão, enquanto que a homoafetividade é tão resistida pelos outros, que estes se sentem autorizados a questionar sua veracidade.

Gabe retoma a ação para falar sobre o fato de sua mãe não querer que ele contasse para o seu pai sobre ser homoafetivo, posicionando sua mãe como tradicional: não só ela não quer contar para o marido, como também não quer que conte, apontando para a posição de autoridade e poder do pai e para a reprovação social da escolha do filho – ser homoafetivo é algo ruim, passível de reprovação ao ponto de não poderem contar para quem detém o poder na família. Gabe concorda em não contar, só que desta vez não por

ser reprimido pela mãe, como na narrativa anterior, mas porque não quer contar também, reforçando a idéia de estigmatização de sua prática sexual.

Segmento 37

T62 – Gabe nessa época nesse momento eu não tinha a menor... eu não tinha vontade de falar com meu pai sobre isso.

Em contraste com a narrativa anterior sobre sair do armário com a mãe, encaixada na história “Viagem a Portugal”, Gabe, aqui, coloca que não quer contar para o pai também. Se, por um lado, se posiciona como alguém sem poder, que teme uma reação paterna, por outro, não se posiciona mais como reprimido pela mãe: Gabe não conta porque não quer, não porque sua mãe o impede.

Segmento 38

T62 – Gabe e aí expliquei e tal e ela se convenceu.

O resultado da ação não é o fato de que ele contou, mas o fato de que convenceu a mãe de que sabia o que sentia, posicionando-se como agente da ação narrada.

Segmento 39

T62 – Gabe e ficou (por isso mesmo). /.../ então... eh... nessa-- ficou por isso durante um tempo.

A coda do segmento 39 finaliza a narrativa, nada mudou, contudo, serve para apontar uma futura história, o que podemos perceber pelo uso de *durante um tempo*, o que nos indica que vai acontecer algo depois e que ele vai contar que algo é este. Isso nos remete à argumentação de Wood (1997:258), que estabelece que nas narrativas de sair do armário, a coda não finaliza a história, mas aponta para outras narrativas de sair do armário. Aqui, não é uma narrativa diferente, mas a segunda parte da história de sair do armário com a mãe.

De fato, essa coda é também introdução da segunda parte da história.

“Felicidade” – segunda parte da história

Após introduzir a segunda parte da história (*eh... até que um tempo depois quando eu comecei a namorar com o mauro que eu*), Gabe fornece uma informação sob forma de crônica, que vai explicar o porquê de retomar a conversa com sua mãe: quer tranquilizá-la e dizer que estava tudo bem com ele. Ao mesmo tempo, encaminha o desfecho da narrativa “Contando para minha mãe” e orienta em termos de quando se passa (meses depois) e em termos de seu tipo de vida (já havia passado pela experiência de viver com amigos, de viver sozinho):

Segmento 40

T62 – Gabe aí eh depois eu também saí da casa dos meus pais antes de eu estar com o mauro eu já tava morando sozinho↓ eu (já) tava dividindo apartamento com dois amigos né↓ eh e isso↓ depois eu fui morar sozinho. entrei--
acho que três meses depois foi que eu conheci o mauro e a gente começou a namorar.

Gabe orienta sobre quando especificamente ocorre a história que vai contar (meses depois), quem vai participar (ele e sua mãe) e do que se trata o evento (contar para a mãe que ia se casar com o mauro):

Segmento 41

T62 – Gabe e aí depois de um tempo já com o mauro↓
depois de uns três ou quatro meses de namoro que acho-- mais ou menos depois de uns seis meses de eu já estar morando (so-) né eh de eu já estar morando fora, eu resolvi eh conversar com a minha mãe (expli-) dizer que eu tava-- que eu ia morar com ele e tal↓

Passa então para a ação, fazendo avaliações:

Segmento 42

T62 – Gabe que ia e dizer que eu tava bem que eu tava feliz sabe que eu tava... numa outra onda.
que eu não tava mais naquela depressão... eh
que sabe era minha escolha que tava sendo ótimo.

e enfim... eh e aí... mas ainda assim minha mãe não quis falar nada com meu pai e ficava me pedindo para não falar nada pra ele, sabe, e eu também, sabe, eu já tinha dificuldade pra falar com ele↓ ela me pediu pra não falar↑

Começa a narrar a ação usando verbos no pretérito imperfeito, revelando que planejou o que iria falar para a mãe (trocou vou dizer por ia dizer, já que estava me relatando algo do passado): estava bem consigo mesmo. Contudo, as hesitações de sua fala (pausas, uso de *eh*) nos indicam que a conversa tomou outro rumo, diferente do esperado. Ao usar a expressão adversativa *mas ainda assim*, percebemos que o maior objetivo não era tranquilizar sua mãe, mas obter aprovação e cumplicidade com relação à sua escolha. O fato de a mãe insistir para que não falasse com seu pai demonstra que a questão que a afligia não era mais a possibilidade de ele ainda estar deprimido, mas sua homoafetividade e a reação que o pai poderia ter. Novamente, a colocação da mãe, segundo a versão de Gabe, nos remete a Sedwick (1990). A autora, ainda na comparação com a revelação de Esther, alega que sair do armário com os pais em uma sociedade homofóbica pode causar mágoas, pois pode vir a jogar no armário a pessoa para quem a revelação foi feita. Na narrativa aqui analisada, o ato de contar para mãe jogou o próprio Gabe para um ponto mais fundo do armário com seu pai, pois agora está sendo impedido pela mãe, ou seja, perdeu o controle sobre a informação. Ao mesmo tempo, a mãe também é colocada no armário com relação ao marido, porém, por escolha.

Gabe se posiciona como reprimido e frágil e a mãe como repressora, exatamente como na história “Viagem a Portugal”, posto que ela recusou-se a ser sua cúmplice. Ao argumentar que tinha dificuldade de falar com o pai, enfatizada pelo termo *já*, coloca que o pedido da mãe era impossível de ser contrariado, pois seria mais um obstáculo a ser ultrapassado. Ele inclusive busca se justificar quando sobe o tom no final da frase *ela me pediu pra não falar* ↑, o que nos leva a pensar que ele não teria outra saída que não fosse concordar com o desejo da mãe (a idéia que nos dá é de que poderia ter outra frase como “o que poderia fazer?”; se a mãe manda, há que se obedecer).

Segmento 43

T62 – Gabe então tá↓ então não vou falar sabe↓ ficou por isso.

O resultado é que Gabe obedece a mãe, resolve não contar ao pai. É interessante observar que o ponto da história, que seria tranquilizar a mãe, mostrá-la que estava feliz, muda para o fato de que ela o impediu de contar para o pai. Dessa forma, o que, na primeira parte da história, coloca como sua decisão, nesta segunda parte reverte-se para uma decisão da mãe. O que seria uma narrativa de preocupação de um filho com a mãe, torna-se uma narrativa de ressentimento com a mãe.

Segmento 44

T63 – Tais ((risos))

T64 – Gabe então só depois de dois anos já casado com o mauro que eu pude conversar com meu pai.

A coda reforça a impressão deixada pela ação e pelo resultado: o ponto da narrativa reverteu-se na questão de Gabe não ter podido contar para seu pai, na época, sobre seu relacionamento com homens e, sobretudo, seu casamento com Mauro. O ressentimento fica enfatizado através dos marcadores *só* e *já*, que demonstram que Gabe avalia como sendo tardia a hora em que revelou ao pai que era gay e estava casado. O uso do verbo *poder* também evidencia o posicionamento de Gabe como reprimido, pois marca a impossibilidade de ele contar ao pai, devido à repressão da mãe.

4.1.2 Homoafetividade e relacionamentos amorosos

Nessa parte, vou tratar de três relacionamentos amorosos de Gabe: como iniciou seu romance com seu marido, sua tentativa de namoro com uma mulher e seu primeiro amor gay.

4.1.2.1 Como casei com Mauro

A história emerge depois de Gabe contar sobre relacionamentos anteriores. Surge como um fechamento de um ciclo: Gabe finalmente conhece alguém que o completa.

A primeira parte, “Paquera”, começa no turno 130, é interrompida por uma narrativa sobre sua amizade com uma pessoa da faculdade, retomada no turno 133, novamente interrompida no turno 134, reintroduzida no turno 140 e finalizada no turno 161; a segunda parte, “Namoro”, começa no turno 162 e termina no turno 164.

A primeira interrupção é necessária para Gabe traçar um perfil da faculdade: conta de sua amizade com Marcio, única pessoa, além dele próprio, a assumir publicamente que era gay. A segunda interrupção é para relatar como conhecia Lana, personagem importante da história “Como casei com Mauro”, e como ela sabia que ele era homoafetivo.

Como casei com Mauro

- T130 – Gabe até que conheci o mauro através da lana numa coisa numa situação totalmente inusitada↓ assim tipo eu tava numa festa de faculdade sabe tipo na faculdade era onde não rolava nada né↓ na faculdade era um enrustimento só sabe tipo sabe tinha um monte de gay↓ mas sabe era tudo todo mundo meio enrustido tal.
então eu e o marcio éramos os únicos assim que sabe ainda dávamos uma eschachada de vez em quando sabe↓ /.../
/.../
- T133 – Tais aí teve essa festa aquela hora [()
T134 – Gabe [e teve a fe:sta↓ a lana (me falou)--
aí eu encontrei a lana↓ a lana tava nessa (fes-) /.../
/.../
- T140 – Gabe aí ela falou “ah então pô tem uma galera da psicologi:a e tal tem uma galera que tá sempre comigo”.
ela falou “pô, tem um amigo meu que até te acha bonitinho o mauro augusto que tá sempre comigo não sei se você já viu”↓ e quando ela falou isso eu me lembrei dele.
sabia quem ele tipo sabia já quem era o mauro↓ sabia quando ela falou que era amigo que tava sempre com ela já associei logo que eu sempre vi ela com ele.
ela falou (“ó) você pode tomar uma cerveja com a gente conhecer a gale:ra e tal não sei que↓ chama seu ami:go vamos tomar uma cerveja ju:nto e tal.”
falei “pô manero legal conhecer mais conhecer amigos ga:y:s e tal manero”. e aí ela falou que o menino tinha me achado bonitinho eu também tinha achado já achava ele bonitinho.
falei “bom ótimo né (q-) já vou conhecer um cara”. aí por coincidência nessa mesma semana eu () tava no no sujinho lá tomando uma cerveja lá na faculdade e eles tavam comemorando ah que eles tinham tinham estreado uma peça de teatro e tal↓ eles tavam lá comemorando justamente essa (gale) essa galera da lana os amigos gays da lana e eu tava lá tomando uma cerveja com meus amigos também. e a lana passava abraçadinha com o mauro né. “ah e aí gabe? vamos lá tomar uma cerveja com a gente”↓
“ah vou lá vou lá não sei que.” eu crente que ela sabe que ela tava, não crente não, ela tava passando exibindo o mauro pra mim.
só que o mauro na verdade nunca tinha falado que me achava [bonitinho↓
T141 – Tais [((gargalhadas))
T142 – Gabe [nunca tinha falado com a
lana falar nada comigo↓
T143 – Tais [((gargalhadas))

- T144 – Gabe [ele não tava sabendo de
nada↓ ele tava completamente de gaiato na história↓
a lana tava inventando essa [história↓
- T145 – Tais [a lana tava de [cupido
T146 – Gabe e [passando com o mauro ali na minha
frente exibindo o mauro. foi () “vamo lá tomar cerveja.” eu crente que ele tinha
comentado alguma coisa, tava botando pilha pra ela vir falar comigo né↓
então eu fui na certa né↓ então falei “bom vou lá na cerveja já sei que o cara tá a fim vou
lá.” aí fiquei lá tomando cerveja com eles↓ passamos a noite inteira até o bar fechar
tomando cerveja. aí eu chamei eles pra ir na minha casa pra gente continuar a noite lá
que o bar fechou. fomos (leve) a galera toda na minha casa↓
não conhecia ninguém (“ah) vamos pra minha casa”↓ que já tava morando so- já tava
dividindo apartamento com uns amigos tava curtindo a onda de ter uma casa sem pais né↓
que poderia levar
- T147 – Tais quem [quisesse
T148 – Gabe [quem quisesse. levei a galera toda pra lá que tava lá tomando cerveja e eu lá
dando mole pro mauro já descaradamente e o mauro nada. e eu assim “pô esse cara é
[devagar”
- T149 – Tais [((risos))
T150 – Gabe [() não tava interessado. aí eu falava “pô”↓ fui na cozinha chamava ele pra ir na cozinha
ver se saía do meio do né↓ ver se conseguia ficar sozinho com ele e nada↓
e a lana ficava “vai [vai atrás dele não sei que↓
T151 – Tais [((risos))
T152 – Gabe [ele quer ficar com você e tal vai lá”.
T153 – Tais [((risos))
T154 – Gabe ele ficou meio assim até que uma hora ele foi e aí a gente acabou eu acabei mandando
uma↓ a gente acabou ficando. depois é que eu fui saber que ele nunca tinha falado nada↓
- T155 – Tais [((risos))
T156 – Gabe [e eu tava lá muito na certa e na verdade
T157 – Tais [((risos)) a lana é que resolveu
T158 – Gabe [a lana é [que
T159 – Tais () [((risos))
T160 – Gabe é
T161 – Tais é
T162 – Gabe aí a gente começou a se ver na faculdade se:mpre. e aí acabou né tipo combinamos de sair
ju:ntos e tal. foi saindo. foi ficando. aí depois acabou a coisa foi que sabe foi fluindo
assim↓ a gente... sabe (de--) começou a sair começou a namorar foi ficando...
acabou que a gente chegou um ponto que a gente não conseguia mais dormir sem o outro.
ele dormia na minha casa todos os [dias.
- T163 – Tais [é
T164 – Gabe aí depois dele estar dormindo na minha casa todos os dias eu falei “bom, já que você
dorme aqui todo dia vem morar aqui”. aí ele foi morar comigo.
e a gente oficializou a história↓ aí que eu fui contar pra minha mãe que tava...
casando com com ele assim casando né↓ (estávamos) morando juntos e aí assim foi.

“Paquera” – primeira parte da história

Gabe introduz a narrativa com uma avaliação, conheceu Mauro *numa situação totalmente inusitada*, gerando uma expectativa quanto ao desenrolar da história:

certamente não será um encontro comum. A princípio, como logo encaixa uma informação acerca do ambiente da faculdade – não era um ambiente propício a paqueras gays, pois a maioria dos homoafetivos da faculdade eram enrustidos, ou seja, não se assumiam, pode-se pensar que o inusitado é ter conhecido alguém naquele lugar. Contudo, veremos mais tarde que a avaliação se dá por outra razão: o fato de Lana tê-lo levado a acreditar que Mauro estava interessado nele:

Segmento 45

T130 – Gabe até que conheci o mauro através da lana numa situação totalmente inusitada↓ assim tipo eu tava numa festa de faculdade sabe tipo na faculdade era onde não rolava nada né↓ na faculdade era um enrustimento só sabe tipo sabe tinha um monte de gay↓ mas sabe era tudo todo mundo meio enrustido tal então eu e o marcio éramos os únicos assim que sabe ainda dávamos uma escrachada de vez em quando sabe↓

Gabe interrompe a narrativa para comentar sobre sua amizade com Marcio e sobre o próprio Marcio. Percebendo, através de sinais de hesitação, que estava um pouco perdido, fiz uma pergunta para que retomasse a história:

Segmento 46

T133 – Tais aí teve essa festa aquela hora [()

Gabe retoma o assunto da festa, reintroduzindo personagens da narrativa – ele e Lana. Interrompe novamente a história para relatar uma conversa com ela, onde esta confirma que ele é gay, pergunta se conhece gays no departamento de comunicação (ela é da psicologia) e comenta que tem um amigo que o acha bonitinho.

Após contar a conversa que teve com Lana, Gabe volta à história, orientando a ouvinte – quando ocorreu (na mesma semana da festa em que havia conversado com Lana); onde (no sujinho, bar da faculdade); personagens (ele, Lana, Mauro e amigos):

Segmento 47

T140 – Gabe aí por coincidência nessa mesma semana eu () tava no no sujinho lá tomando uma cerveja lá na faculdade e eles tavam comemorando ah que eles tinham tinham estreado

uma peça de teatro e tal↓ eles tavam lá comemorando justamente essa (gale) essa galera da lana os amigos gays da lana e eu tava lá tomando uma cerveja com meus amigos também.

A ação da narrativa começa com Lana exibindo Mauro para Gabe, a fim de estimulá-lo a ir para o seu grupo. Gabe, excelente contador de histórias, através de discurso reportado direto, cria uma imagem da cena:

Segmento 48

T140 – Gabe e a lana passava abraçadinha com o mauro né. “ah e aí gabe? vamos lá tomar uma cerveja com a gente”↓ “ah vou lá vou lá não sei que.” eu crente que ela sabe que ela tava, não crente não, ela tava passando exibindo o mauro pra mim. só que o mauro na verdade nunca tinha falado que me achava [bonitinho↓

T141 – Tais [((gargalhadas))

No segmento 48, Gabe estabelece o que será o conflito da história – Mauro não havia dito que era bonito. Após minhas gargalhadas, reforça a ação complicadora da primeira parte da história, acrescentando que Mauro jamais havia pedido a interferência de Lana para um futuro relacionamento:

Segmento 49

T141 – Tais [((gargalhadas))

T142 – Gabe [nunca tinha falado com a lana falar nada comigo↓

Incentivado por minhas gargalhadas, Gabe repete que Mauro não sabia de nada:

Segmento 50

T143 – Tais [((gargalhadas))

T144 – Gabe [ele não tava sabendo de nada↓ ele tava completamente de gaiato na história↓ a lana tava inventando essa [história↓

Através de concordância expressa em repetição, continuo estimulando a narrativa de Gabe:

Segmento 51

T145 – Tais [a lana tava de [cupido

Gabe continua a ação da história repetindo que Lana estava exibindo o amigo para ele. Por acreditar que Mauro havia comentado alguma coisa, resolve ir para a mesa de Lana:

Segmento 52

T146 – Gabe e [passando o mauro ali na minha frente exibindo o mauro.
foi () “vamos lá tomar cerveja.” eu crente que ele tinha comentado alguma coisa, tava botando pilha pra ela vir falar comigo né↓então eu fui na certa né↓
então falei “bom vou lá na cerveja já sei que o cara tá a fim vou lá.” aí fiquei lá tomando cerveja com eles↓ passamos a noite inteira até o bar fechar tomando cerveja.
aí eu chamei eles pra ir na minha casa pra gente continuar a noite lá que o bar fechou. fomos (leve) a galera toda na minha casa↓
não conhecia ninguém (“ah) vamos pra minha casa”↓

Gabe se constrói como agente da conquista. Embora suas ações fossem, a princípio, motivadas por uma certeza – *eu crente que ele tinha comentado alguma coisa, tava botando pilha pra ela vir falar comigo né↓então eu fui na certa né↓* –, não espera um movimento do outro, se dirige à mesa, passa a noite inteira bebendo e, quando o bar fechou e nada aconteceu, leva todos para sua casa, mesmo não conhecendo ninguém.

Após informar que naquela época já morava sozinho e, portanto, poderia levar quem quisesse para sua casa, Gabe continua a ação:

Segmento 53

T148 – Gabe levei a galera toda pra lá que tava lá tomando cerveja e eu lá dando mole pro mauro já descaradamente e o mauro nada. e eu assim “pô esse cara é [devagar”

T149 – Tais [((risos))

T150 – Gabe [() não tava interessa:do.

aí eu falava “pô”↓ fui na cozinha chamava ele pra ir na cozinha ver se saía do meio né↓
ver se conseguia ficar sozinho com ele e nada↓

- e a lana ficava “vai [vai atrás dele não sei que↓
 T151 – Tais [((risos))
 T152 – Gabe [ele quer ficar com você e tal vai lá.”

Gabe prossegue se construindo como agente da conquista. Segundo sua própria avaliação, dá *mole já descaradamente*, e o outro não esboça reação. Como Lana havia lhe dito que Mauro estava interessado nele, o avalia como devagar – “*pô esse cara é [devagar*. O conflito anunciado no turno anterior, é reportado agora: Gabe, acreditando que o outro está interessado nele, se expõe, deixando claro que também se interessa, e estranha o comportamento daquele que quer conquistar, porque este último não toma nenhuma atitude concreta, o que reforça ao enfatizar a palavra nada – *e o mauro nada*.

Gabe enfatiza sua surpresa pela falta de resposta de Mauro, através de sua própria fala reportada “*pô*”, bem como sua persistência na conquista através do uso de verbos no imperfeito, marcando uma continuidade na ação de chamá-lo, antes que, finalmente, aceitasse – *fui na cozinha chamava ele pra ir na cozinha ver se saía do meio né↓ ver se conseguia ficar sozinho com ele e nada↓*. Ainda através de verbo no imperfeito, marca a insistência de Lana para que prosseguisse na tentativa de conquista – *e a lana ficava”vai [vai atrás dele não sei que↓*. Na fala reportada dela, usa de repetição “*vai [vai*”, também construindo Lana como agente em sua conquista.

Segmento 54

- T153 – Tais [((risos))
 T154 – Gabe ele ficou meio assim até que uma hora ele foi e aí a gente acabou eu acabei mandando uma↓ a gente acabou ficando.

Gabe estabelece que foi ele quem fez todos os movimentos para que ficassem juntos, o que podemos perceber quando interrompe a construção *a gente acabou* e faz o reparo *eu acabei mandando uma*, ou seja, ele tomou a iniciativa.

Gabe reforça sua agência ao avaliar que Mauro não estava tão interessado naquele ponto – *ele ficou meio assim* – e que foi difícil conquistá-lo, o que fica claro pela escolha

do verbo acabar – *ai a gente acabou eu acabei mandando uma* ↓ *a gente acabou ficando* – e pelo uso da expressão *até que* – *até que uma hora ele foi*.

Segmento 55

- T154 – Gabe depois é que eu fui saber que ele nunca tinha falado nada ↓
 T155 – Tais [((risos))
 T156 – Gabe [e eu tava lá muito na certa e na verdade
 T157 – Tais [((risos)) a lana é que resolveu
 T158 – Gabe [a lana é [que
 T159 – Tais () [((risos
 T160 – Gabe é
 T162 – Tais é

Na coda desta primeira parte da história, Gabe retoma o ponto estabelecido no início através de uma avaliação: seu encontro foi inusitado. Devido a uma mentira contada por Lana, que queria uni-lo a Mauro, ele partiu para a conquista.

Se, por um lado, assim como nos relatos de sair do armário analisados anteriormente, Gabe se posiciona como alguém freqüentemente levado pelas situações – não consegue contar para o pai que é gay porque a mãe não permite; não chega a contar diretamente para o irmão porque as meninas que viajaram para Roma falavam tão abertamente a homoafetividade delas, que, de certa forma, se anteciparam a ele; parte para uma paquera devido a uma mentira de uma amiga –, por outro, posiciona-se como agente de sua própria vida – busca cumplicidade do pai e da mãe; enfrenta a viagem com o irmão; apesar de Mauro não sinalizar interesse, não se intimida e consegue conquistá-lo. Percebemos, assim, que, ao longo de uma narrativa, há posicionamentos múltiplos e que estes podem, inclusive, serem opostos e ocorrerem simultaneamente.

“Namoro” – segunda parte da história

Gabe introduz a segunda parte da história, estabelecendo de que vai se tratar – a evolução daquela noite em que ficaram juntos. Prossegue com a narrativa, usando verbos no gerúndio e no imperfeito, marcando o desenvolvimento gradual do relacionamento,

No segmento 58, Gabe finaliza a história dizendo que, após a decisão de morarem juntos, foi comunicar à mãe seu casamento. O ato de contar para a mãe ratifica o novo *status* do casal e reforça sua condição de homoafetivo.

Gabe liga esta narrativa à narrativa anterior, “Contando para minha mãe”, o que nos reporta a Linde (1993:100), que estabelece que o eu do passado deve ser relevante para o presente, promovendo um eu contínuo.

4.1.2.2 Não era minha onda

A história surge motivada pela minha pergunta sobre se havia namorado muito antes de casar com Mauro. Após relatar alguns namoros de pouca duração, Gabe narra sobre um relacionamento longo que teve com uma garota, Tati.

A narrativa começa no turno 76 e se estende até o turno 96. É composta de duas partes – “Tentei me educar” (turnos 76-80) e “Amor sem desejo” (turnos 89-96) – e uma narrativa encaixada – “Sou capaz” (turnos 82-88).

Não era minha onda

T75 – Tais antes dele você namorou muito?

T76 – Gabe

/.../

e depois eu namorei eh a tati foi minha namorada né↓ entre as meninas que eu namorei minha namorada de mais tempo que a gente namorou durante sete meses né↓ e foi minha última namora:da né↓ depois dela foi assim sabe tipo eu foi quando quando eu tive que me dar conta que não daria certo sabe eh... tipo que mulher não era a parada e que não dava↓

T77 – Tais não era sua onda

T78 – Gabe

não era minha onda me:smo.

foi depois do namoro com ela que quando ela quando ela ela que terminou o namoro é. eu ela falou que () “tem alguma coisa errada não dá:” sabe tipo↓ porque tipo não tinha sexo na nossa relação sabe tipo↓ eh... a gente era um era uma relação estranha realmente (né o... e) eu eh só que eu tava tipo eu investi num relacionamento com ela porque eu gostava muito dela gostava mesmo↓ assim gostava muito sabe e eu (investi) eu acreditava que era assim sabe↓ era como se fosse assim a minha salvação↓ tipo sabe a tati (é minh-) sabe tipo foi (uma pess-) foi eh a primeira vez que eu que eu aquela coisa de eu ver uma pessoa sabe↓ vi a vi a tati o primeiro dia que eu vi eu achei ela linda sabe e sabe aquela coisa↓ a conquista sabe assim tipo eu achei achava ela linda↓ não conhecia↓ dei um jeito de me aproximar↓ me aproximei↓ ela se interessou e tal e foi aquela coisa de tipo sabe ela↓ tem a mulher mais linda do mundo sabe↓ é minha namorada sabe↓ é um tipo... uma mulher dos meus sonhos sabe↓ aquela coisa tipo família↓ (não) agora tipo com ela não vai ter sabe tipo eu vou sabe↓ eu achava que eu ia esquecer homem sabe que eu não ia mais pensar em homem sabe↓

- eu tava como sabe só que num né tipo a coisa não acontecia sabe tipo... eh... eu eu tentava e sabe tentava eh... era uma coisa tipo tava-- me forçar sabe↓ eu eu forçava meu desejo↓ na verdade era era uma coisa sabe tipo eu (tent) eu tava tentando me educar sabe↓ a a a me relacionar com sabe uma mulher sabe tava me (educ-) sabe↓ me educar isso num sabe era
- T79 – Tais ((rindo)) não adianta
- T80 – Gabe não adianta. tava lutando sabe contra mim mesmo era (não não)
- T81 – Tais você chegava a ter tesão nela?
- T82 – Gabe olha, a primeira vez que a primeira vez que a gente transou, foi assim pra mim sabe foi ah eh... foi ao mesmo tempo foi estranho sabe porque eu eh eu consegui↓ eu tive tesão sabe↓ a gente a gente sabe tipo consegui. sabe tipo porque é complicado sabe↓ homem não tem tesão a coisa [não sobe num [é sem disfarce
- T83 – Tais
- T84 – Gabe acontece. mas a () sabe a coisa aconteceu sabe↓ eu tive prazer sabe↓ foi legal e eu (sab) sabe. ao mesmo tempo eu que eu fiquei sabe, ao mesmo tempo foi assim fiquei feliz tipo assim “sou capaz” sabe↓ tipo de aquela coisa de você “eu sou capaz de de ter desejo sabe por uma mulher e tal”↓ e tipo “sou capaz de” sabe↓ “eu sou capaz de transar com a tati” sabe↓ de a gente “eu posso” eh sabe “eu posso viver essa relação” sabe↓ “eu posso sustentar isso” sabe↓ mas ao mesmo tempo eh tinha o contrário também tipo assim “eu sei que não” né↑ sabe↑ “eu sei que foi um esforço” sabe. “eu sei que não foi natural não foi uma coisa tipo eu tô morrendo de tesão eu quero transar com você”↓ [agora [ahã
- T85 – Tais
- T86 – Gabe sabe foi uma coisa tipo caralho sabe “eu tenho que transar com a tati” ((risos))
- T87 – Tais ((risos))
- T88 – Gabe ((risos)) não foi sabe (completa) foi totalmente o inverso sabe ((acabou a fita)) ((ruídos))
- T89 – Tais (mas aí) você tava se tocando que não era bem por aí. mas ao mesmo tempo era um grilo? quer dizer, [você queria
- T90 – Gabe [sei. eu queria
- T91 – Tais ser homem () porque era mais fácil?
- T92 – Gabe exatamente. porque eu não eu não eu num assim eu nunca tinha tido eh eh uh anh eu nunca tinha tido relação com homem nenhum e eu sabe↓ queria (sabe) eu acreditava que eu era capaz de a minha vida assim (). por mais que eu desejasse isso sabe secretamente entendeu. eh... mas que eu era mas sabe eu... () enfim, eu achava que eu que que era uma coisa que sei lá:... achava que de repente ia passa::r↓ que de repente eu depois (que) sabe depois que eu que eh sei lá sabe↓ eu me relacionando eu ia eh sei lá com a tati e a coisa pudesse se desenvolver. conseguisse sabe de repente passar a ter tesão sabe. mas a coisa não aconteceu e assim eh... eh... é óbvio que ela percebia sabe↓ que ela sentia ela sentia péssima↓ sentia uma merda (né)↑ porque porra (sabe)... ela achava com algum problema né (com--) “qual meu problema? qual meu problema? que esse cara [num [não tá se interessando
- T93 – Tais
- T94 – Gabe não tá se interessando” sabe↓ e ao mesmo tempo eu era super romântico apaixonado↓ levava presente mandava cartão (escrev-) sabe (faz-) sabe. tinha todo um outro lado sabe romântico de carinho de sabe uma coisa apaixonada que sabe no na carne não (refl-) não se refletia sabe. e ela não conseguia e ela não entendia sabe↓ pra ela era muito estranho (sabe)↓ e... a gente conversou isso uma vez pra dar um tempo no namoro. ficou um tempo sem se encontrar pra gente se ver na faculdade né. então ficava aquela coisa: e acabava acabou começando acabou voltando tentando mais uma vez↓ a coisa num (sabe) não mudou. (ela falou o) sabe num ela me perguntava

- “mas como é que era com as (suas) outras namoradas? porque não sei que↓”
 porque a gente eh sabe tipo ela (perguntou)↓ e aí ela fala::va sabe ela me dizia assim
 “ah é porque não é só por causa ()” sabe “não é só pela falta de sexo e tal.”
 mas [era
 T95 – Tais [é
 T96 – Gabe entendeu. não era só por i:sso↓ “a gente não tem mesmo intimidade”↓
 “a gente não tem uma intimidade de namorado”↓ não sei que
 “a gente é como se fosse o melhor amigo” sabe. ela vinha com esse papo.
 () e perguntava como é que era com as minhas outras namoradas e tal↓
 só que... eu (quer dizer) não tinha tido muitas outras namoradas sabe↑
 eu só tinha tido sabe ela foi a segunda pessoa com quem sabe eh a segunda com quem eu
 tive com quem eu transei sabe↑ então (tipo) eu não tinha muita experiência pra dizer
 como é que era antes sabe↓ e e ao mesmo tempo eu não conseguia dizer pra ela que
 (“oh na verdade eu tenho (minh-) minhas dúvidas se eu (gos-) sabe se eu acho que gosto
 de homem” sabe↓ não tinha a menor coragem de falar isso sabe↓
 isso era uma coisa que eu escondia de mim mesmo como é que eu ia falar isso pra
 alguém? sabe, não tinha como eu conversar sobre isso com ela↓
 era um sabe eu escondia de mim mesmo↓ era pra mim era como sabe eu () eu escondia
 ta:nto de mim que eu acredita:va que não (exist-) sabe↑
 que não existia nessas horas entendeu↓ eh... (foi) muito muito maluco.

“Tentei me educar” – primeira parte da história

Gabe faz um resumo da história: sua última namorada foi Tati, durante 7 meses, e foi através desse relacionamento que percebeu que não tinha como forçar um interesse por mulheres. O fato de colocar a expressão “ter que dar conta” nos revela que a história tratará de sua percepção quanto à impossibilidade de se relacionar amorosamente com mulheres.

As hesitações (*tipo sabe tipo*), pausas (*eh...*), repetições de adiamento (*quando quando* – Tannen, [1989]1996: 64-65]) que apresenta nesse resumo revelam que foi algo difícil para ele:

Segmento 59

T75 – Tais antes dele você namorou muito?

T76 – Gabe /.../

e depois eu namorei eh a tati foi minha namorada né↓ entre as meninas que eu namorei
 minha namorada de mais tempo que a gente namorou durante sete meses né↓
 e foi minha última namora:da né↓ depois dela foi assim tipo sabe tipo eu foi quando
 quando eu tive que me dar conta que não daria certo sabe eh... tipo que mulher não era a
 parada e que não dava

Gabe continua o resumo, ao mesmo tempo em que nos orienta sobre quem serão os personagens (Gabe e Tati), do que se tratará (da falta de sexo no relacionamento):

Segmento 60

T77 – Tais não era sua onda

T78 – Gabe não era minha onda mesmo. foi depois depois do namoro com ela que quando ela ela que terminou o namoro né. eu ela falou que () tem alguma coisa errada não dá:: sabe tipo↓ porque tipo não tinha sexo na nossa relação sabe tipo↓ eh... a gente era um era uma relação realmente estranha (né o...) eu eh só que eu tava tipo eu investi num relacionamento com ela porque eu gostava muito dela gostava mesmo↓ assim gostava muito sabe e eu (investi) eu acreditava que era assim sabe↓ era como se fosse assim a minha salvação↓

O fato de Gabe usar o termo “investir”, ao falar de sua relação com Tati, marca seu empenho no namoro, pois, mais do que gostar dela, a vê como *salvação*. Ou seja, ele precisava de ser salvo de sua homoafetividade, condição que o estigmatizaria. Podemos perceber, então, que seu namoro é uma tentativa de “entrar no armário” e, por isso mesmo, ele próprio avalia como uma relação *realmente estranha*.

Gabe se alinha com homoafetivos estigmatizados no que diz respeito à falta de desejo por mulheres. Portanto, precisa de alguém para salvá-lo, para desviá-lo do que percebe como uma ameaça em termos de aceitação social: a homoafetividade. Dessa forma, está transferindo totalmente a responsabilidade da satisfação do desejo para esse alguém. Esse outro é que tem que despertar seu interesse, posto que ele não é capaz de senti-lo por si mesmo. Apesar de usar o pronome em primeira pessoa ao longo dessa parte, marcando sua posição de agente na narrativa – ele toma decisões, ele investe na relação – deixa a cargo do outro a salvação. Esse outro não é apenas Tati, é também a possibilidade de relação com ela.

Segmento 61

T78 – Gabe tipo sabe a tati (é minh-) sabe tipo foi (uma pess-) foi eh a primeira vez que eu que eu aquela coisa de eu ver uma pessoa sabe↓ vi a vi a tati o primeiro dia que eu vi eu achei ela

linda sabe e sabe aquela coisa↓ a conquista sabe assim tipo eu achei achava ela linda↓
 não conhecia↓ dei um jeito de me aproximar↓ me aproximei↓ ela se interessou e tal e foi
 aquela coisa de tipo sabe ela↓ tem a mulher mais linda do mundo sabe↓
 é minha namorada sabe↓ é um tipo... uma mulher dos meus sonhos sabe↓
 aquela coisa tipo família↓ (não) agora tipo com ela não vai ter sabe tipo eu vou sabe↓
 eu achava que eu ia esquecer homem sabe que eu não ia mais pensar em homem sabe↓
 eu tava como sabe só que num né tipo a coisa não acontecia sabe tipo... eh... eu eu tentava
 e sabe tentava eh... era uma coisa tipo tava-- me forçar sabe↓ eu eu forçava meu desejo↓
 na verdade era era uma coisa sabe tipo eu (tent-) eu tava tentando me educar sabe↓
 a a a me relacionar com sabe uma mulher sabe tava me (educ-) sabe↓
 me educar isso num sabe era

Esta ação, que é a própria tentativa de Gabe de viver uma vida dentro dos padrões sociais – ele fala *aquela coisa tipo família*↓ -, revela o quanto gostaria de se enquadrar ao mundo dos chamados “normais”. Ele forçava o desejo, tentava se educar, buscava se interessar por mulher, o fazendo através de esforço consciente, o que podemos notar não só pelos verbos utilizados, como também pela ênfase que dá a eles durante a narrativa. O que o atraiu em Tati foi sua beleza, a avalia como *linda*, pois acreditou que, estando com a mulher dos sonhos, perderia o interesse por homens. Gabe não quer sair do armário consigo mesmo, não quer carregar o estigma da homoafetividade.

Assim como na narrativa sobre seu casamento com Mauro, posiciona-se como assertivo: ele não conhecia Tati, deu um jeito de conhecê-la e a conquistou. Ao mesmo tempo, posiciona-se como estigmatizado, reprimido pela sociedade: esforça-se para esquecer seu desejo por homens, busca uma garota que poderia apresentar para a família.

Gabe usa o recurso da repetição (Tannen, [1989]1996: 52) a fim de evidenciar sua atitude, contribuindo para o significado do discurso: usa o pronome “eu” diversas vezes, marcando seu compromisso com o que havia planejado para si – namorar uma garota; repete que Tati era linda várias vezes, marcando o que o havia motivado; repete o verbo “aproximar”, marcando seu movimento em direção a ela; repete o verbo “forçar”, marcando seu esforço; repete o verbo “educar”, marcando sua intenção de transformação; repete o verbo “tentar”, marcando que foi uma tentativa, não uma realização do que

queria; repete a expressão *eu ia esquecer homem, eu não ia mais pensar em homem*, marcando sua intenção de ser diferente do que era.

Segmento 62

- T79 – Tais ((rindo)) não adianta
 T80 – Gabe não adianta. tava lutando sabe contra mim mesmo era (não não)

Gabe repete minhas palavras, confirmando o resultado e avaliando que estava fazendo um esforço enorme, uma verdadeira batalha interna, o que podemos confirmar pela ênfase da palavra *lutando*.

“Sou capaz” – narrativa encaixada

Eu pergunto se Gabe chegou a sentir desejo pela namorada, o que o leva a narrar sobre sua primeira relação sexual com Tati:

Segmento 63

- T81 – Tais você chegava a ter tesão nela?
 ((ruídos))
 T82 – Gabe olha, a primeira vez que a gente transou, foi assim pra mim sabe foi ah eh... foi ao mesmo tempo foi estra:nho sabe porque eu eh eu consegui↓ eu tive tesão sabe↓ a gente a gente sabe tipo consegui.

Gabe resume a história que vai contar: a primeira vez em que teve relações sexuais com Tati e como se sentiu. Embora tenha dito antes que queria manter um relacionamento com ela, avalia como estranho o fato de ter conseguido sentir desejo – *foi estra:nho sabe porque eu eh eu consegui* -, ou seja, apesar de usualmente não ter atração física por mulheres, conseguiu senti-la por Tati, o que o surpreendeu.

Gabe fornece uma informação a fim de mostrar a situação constrangedora em que ficaria, caso não tivesse conseguido sentir desejo pela namorada:

Segmento 64

- T82 – Gabe sabe tipo porque é complicado sabe↓ homem não tem tesão a coisa [não sobe num
T83 – Tais [é sem disfarce
T84 – Gabe acontece.

Gabe finaliza o resumo dizendo que a coisa aconteceu, ou seja, que teve ereção, que teve relações sexuais com ela e avalia que foi *legal*, que teve *prazer*:

Segmento 65

- T84 – Gabe sabe a coisa aconteceu sabe↓ eu tive prazer sabe↓ foi legal e eu (sab) sabe.

A ação é a reflexão que Gabe faz sobre os sentimentos que teve após a relação sexual com Tati, onde ação e avaliação estão operando juntas:

Segmento 66

- T84 – Gabe ao mesmo tempo eu que eu fiquei sabe, ao mesmo tempo foi assim fiquei feliz tipo assim “sou capaz” sabe↓ tipo de aquela coisa de você “eu sou capaz de de ter desejo sabe por uma mulher e tal”↓ e tipo “sou capaz de” sabe↓
“eu sou capaz de transar com a tati” sabe↓ de a gente “eu posso” eh sabe “eu posso viver essa relação” sabe↓ “eu posso sustentar isso” sabe↓ mas ao mesmo tempo eh tinha o contrário também tipo assim “eu sei que não” né ↑ sabe↑
“eu sei que foi um esforço” sabe. “eu sei que não foi natural não foi uma coisa tipo eu tô morrendo de tesão eu quero transar com você”↓ [agora
T85 – Tais [ahã

Gabe avalia que ficou feliz porque descobriu que era *capaz*, dando ênfase à palavra não só através de aumento de volume da última sílaba, como também através de repetição – “sou capaz”, *sou capaz de de ter desejo sabe por uma mulher e tal*”, “sou capaz de”, “sou capaz de transar com a tati”. A repetição de que tem capacidade de sentir desejo por mulheres denota também sua surpresa – “sou capaz de de ter desejo sabe por uma mulher e tal”, “sou capaz de transar com a tati”.

Gabe, ao longo de toda a ação/avaliação, usa de repetição para deixar claro o que sentiu e pensou. Sua felicidade não é apenas porque conseguiu transar, é também porque transar significava poder levar a relação adiante, evitar a estigmatização da homoafetividade – “*eu posso*”, “*eu posso viver essa relação*”, “*eu posso sustentar isso*”. Por outro lado, percebe que não foi uma reação espontânea, que “*foi um esforço*”, “*eu sei que não foi natural*”, “*não foi uma coisa tipo eu tô morrendo de tesão eu quero transar com você*”, apontando para os problemas que aquele relacionamento iria ter.

Se, por um lado, Gabe percebe que pode alinhar-se com os homens heterossexuais e viver uma relação com uma mulher, por outro, alinha-se aos homoafetivos, na medida em que a capacidade de ter “tesão” pela namorada é oriunda de um esforço – não foi espontânea. Contudo, seu posicionamento é menos contraditório do que os alinhamentos poderiam sugerir: ele pode se posicionar como heterossexual, porém, não se posiciona como tal, posto que seu desejo, para ele marca de orientação sexual, não é espontâneo, é forçado. Posiciona-se, assim, como homoafetivo, ainda que naquela época não quisesse assumir.

Segmento 67

- T85 – Tais [ahã
 T86 – Gabe foi uma coisa tipo caralho sabe “eu tenho que transar com a tati” ((risos))
 T87 – Tais ((risos))

No segmento acima, percebemos que o resultado de sua reflexão é o sentimento de obrigação de ter relacionamento sexual com uma mulher, não prazer. Ao mesmo tempo, Gabe mostra o absurdo dessa situação através de sua risada, no que concordo, rindo também.

A narrativa é encerrada com uma avaliação:

Segmento 68

- T87 – Tais ((risos))
 T88 – Gabe ((risos)) não foi sabe (completa) foi totalmente inverso sabe

O resultado foi *totalmente inverso* do que esperava: embora tenha conseguido ter relação sexual com Tati, foi algo que necessitou esforço e, portanto, ao invés de ser um passo em direção à heterossexualidade, foi a constatação de sua homoafetividade.

“Amor sem desejo” – segunda parte da história

Após a interrupção da entrevista para que a fita do gravador pudesse ser trocada, retomo a história, faço um resumo, e pergunto se não desejar espontaneamente uma mulher era um problema para ele e se queria ser heterossexual por ser mais fácil, gerando a segunda parte da narrativa:

Segmento 69

- T89 – Tais (mas aí) você tava se tocando que não era bem por aí. mas ao mesmo tempo era um grilo? quer dizer, [você queria
- T90 – Gabe [sei. eu queria
- T91 – Tais ser homem () porque era mais fácil?
- T92 – Gabe exatamente. porque eu não eu não eu num assim eu nunca tinha tido eh eh uh anh eu nunca tinha tido relação com homem nenhum e eu sabe↓ queria (sabe) eu acreditava que eu era capaz de a minha vida assim (). por mais que eu desejasse isso sabe secretamente entendeu. eh... mas que eu era mas sabe eu... () enfim, eu achava que eu que que era uma coisa que sei lá::... achava que de repente ia passa::r↓ que de repente eu depois (que) sabe depois que eu que eh sei lá sabe↓ eu me relacionando eu ia eh sei lá com a tati e a coisa pudesse se desenvolve:r. conseguisse sabe de repente passar a ter tesão sabe. mas a coisa não aconteceu e assim

Gabe não só responde dizendo *exatamente*, ou seja, queria ser heterossexual por ser mais fácil, como também informa que *nunca tinha tido relação com homem nenhum, por mais que desejasse secretamente*. O uso de *secretamente* indica que ainda não tinha saído do armário consigo mesmo.

Segmento 70

- T92 – Gabe eh... eh... é óbvio que ela percebia sabe↓ que ela sentia ela sentia péssima↓
sentia uma merda (né)↑ porque porra (sabe)... ela achava com algum problema né (com--)
“qual meu problema? qual meu problema? que esse cara [num
T93 – Tais [não tá se interessando
T94 – Gabe não tá se interessando” sabe↓

No segmento 70, Gabe começa a ação avaliando que Tati se sentia péssima, uma *merda*, pois percebia que ele não sentia desejo por ela. Faz discurso reportado sobre o que acredita que ela pensava, que o problema seria dela – “*qual meu problema? qual meu problema? que esse [num não tá se interessando*”, estabelecendo o conflito da história: a namorada percebe que ele não se sente atraído por ela sexualmente e, a princípio, acha que é a responsável por sua atitude.

Segmento 71

- T94 – Gabe e ao mesmo tempo eu era super romântico apaixonado↓ levava presente mandava cartão (escrev-) sabe (faz-) sabe. tinha todo um outro lado sabe romântico de carinho de sabe uma coisa apaixonada que sabe no na carne não (refl-) não se refletia sabe.
e ela não conseguia e ela não entendia sabe↓ pra ela era muito estranho (sabe)↓
e.. a gente conversou isso uma vez pra dar um tempo no namoro.
ficou um tempo sem se sem se encontrar pra gente se ver na faculdade né.
então ficava aquela coisa: e acabava acabou começando acabou voltando tentando mais uma vez↓ a coisa num (sabe) não mudou. (ela falou o) sabe num ela me perguntava “mas como é que era com as (suas) outras namoradas?” porque não sei que↓
porque a gente eh sabe tipo ela (perguntou)↓ e aí ela fala::va sabe ela me dizia assim “ah é porque não é só por causa ()” sabe “não é só pela falta de sexo e tal”.
mas [era
T95 – Tais [é
T96 – Gabe entendeu. não era só por isso↓ “a gente não tem mesmo intimidade”↓
“a gente não tem uma intimidade de namorado”↓
não sei que “a gente é como fosse o melhor amigo” sabe. ela vinha com esse papo. ()
e perguntava como é que era com as minhas outras namoradas e tal↓ só que... eu (quer dizer) não tinha tido muitas outras namoradas sabe↑ eu só tinha tido sabe ela foi a segunda pessoa com quem sabe eh a segunda com quem eu tive com quem eu transei↑

então (tipo) eu não tinha muita experiência pra dizer como é que era antes sabe↓
 e e ao mesmo tempo eu não conseguia dizer pra ela que (“oh) na verdade eu tenho
 (minh-) minhas dúvidas se eu (gos-) sabe se eu acho que gosto de homem” sabe↓
 não tinha a menor coragem de falar isso sabe↓ isso era uma coisa que eu escondia de mim
 mesmo como é que eu ia falar isso pra alguém?

Gabe se avalia como *super romântico apaixonado* e passa a narrar como agia no relacionamento - *levava presente mandava cartão (escrev-), tinha todo um outro lado sabe romântico de carinho -*, se construindo como pessoa devotada à namorada. Por outro lado, se constrói como desinteressado em sexo – *uma coisa apaixonada que sabe no na ca:rne não (refl-) não se refletia sabe*. Sua devoção aliada ao desinteresse sexual enviava mensagens confusas para a namorada, que não conseguia entender o que se passava. Avalia que ela achava estranho, o que os levou a terminarem o namoro. Contudo, voltaram a namorar e repetiram a mesma situação: não só de devoção e desinteresse sexual, mas de falta de informação – Tati continua intrigada com a situação e ele não esclarece. Ela parece agora perceber que o problema pode ser dele, pois passa a perguntar sobre relacionamentos anteriores: “*mas como é que era com as (suas) outras namoradas?*”. Gabe coloca que a namorada argumenta que quer entender o que ocorre, que “*não só pela falta de sexo*”, mas avalia: *mas [era, ou seja, sabia o que a estava angustiando, mas não esclarecia*. Sua justificativa era a de que não tinha experiência suficiente para dizer como era com outras garotas – só havia se relacionado com uma mulher antes - e, ao mesmo tempo, alega que não conseguia revelar que tinha dúvidas acerca da própria sexualidade. Ele continua justificando, alegando que não tinha coragem de falar sobre isso, que escondia de si mesmo.

Assim, se posiciona como frágil, se constrói como alguém repleto de dúvidas e sem coragem de encarar sua própria homoafetividade. A assertividade que ocorre em narrativas anteriores não ocorre aqui: ele se posiciona como inseguro.

Segmento 72

T96 – Gabe sabe, não tinha como eu conversar sobre isso com ela↓
 era um sabe eu escondia de mim mesmo↓ era pra mim era como sabe eu () eu escondia
 ta:nto de mim que eu acredita:va que não (exist-) sabe↑

que não existia nessas horas entendeu↓

O resultado da narrativa, no segmento 72, é que não tinha como conversar com ela sobre suas dúvidas, sobretudo porque escondia tanto de si mesmo, que acabava por acreditar que não tinha desejo por homens. A finalidade de Gabe de tentar viver como heterossexual através de um relacionamento com uma mulher que dizia estar apaixonado não se concretiza. De fato, serviu apenas para perceber que tinha dúvidas quanto à sua sexualidade: não apresentava o desejo sexual esperado de um heterossexual, contudo, não conseguia encarar seu desejo por pessoas do mesmo sexo – *eu escondia ta:nto de mim que eu acredita:va que não (exist) sabe ↑ que não existia nessas horas entendeu↓*.

Portanto, continua se posicionando como alguém confuso, incapaz de olhar dentro de si mesmo, enfim, inseguro.

Segmento 73

T96 – Gabe eh... (foi) muito muito maluco.

Gabe avalia o namoro como *muito maluco*. O que seria a solução de seus problemas não dá certo e o deixa ainda mais desconcertado. Foi um relacionamento muito complicado para ele, o que é revelado pela quantidade de hesitações que apresenta em todas as narrativas dentro da história “Não era minha onda”. Embora hoje perceba que não era “sua onda”, na época estava inseguro.

Os posicionamentos adotados por ele refletem o conflito de sentimentos por que passava, bem como sua perplexidade perante a eles: ora é assertivo, ora é frágil e reprimido. Ora se posiciona como homoafetivo, ora busca alinhamento com heterossexuais. O que parece claro é que a busca por uma identidade sexual homoafetiva, estigmatizada, é algo doloroso, que causa perplexidade e requer experiências diversas antes de sua aceitação.

4.1.2.3 Amor frustrado

A história surge após eu perguntar como foi a primeira vez que saiu com um homem. Gabe fala que percebeu que realmente não se interessava sexualmente por mulheres e que passou a perguntar para amigos e amigas sobre homoafetividade, quando se apaixonou por um rapaz.

A narrativa começa no turno 100 e se estende até o turno 114. Ela apresenta uma explicação encaixada – “Pensei que era mútuo” (turnos 102-104) e duas narrativas encaixadas – “Reveillon” (turno 104) e “Triângulo amoroso” (turno 108).

Amor frustrado

- T97 – Tais e como é que como é que você como é que rolou assim a primeira vez que você saiu com algum cara?
- T98 – Gabe é. [aí
- T99 – Tais [rolou um lance que aí não tinha jeito?
- T100 – Gabe /.../
bom↓ o que aconteceu foi que nesse meio nesse tempo foi quando eu conheci o cara que eu apaixonei. o tal cara que assim eu me apaixonei à primeira vista assim viu↓ (ca::ra) >eu tava fazendo o curso de fotografia no primeiro dia de aula o cara chegou na sala< eu olhe::i eh sabe olhei no olho pensei [“fudeu”
- T101 – Tais ((risos))
- T102 – Gabe “quem é esse cara?” e... se-- o curso durou o curso não durou mais que duas semanas por falta de alunos né. o curso aí teve que ser encerrado porque não tinha muitos alunos↓ só tinha na verdade no fim das contas ficavam só dois↓ eu e ele né↑ e aí a professora encerrou o curso e eu fiquei assim↓ “(e agora?) como é que eu vou ver esse cara?” sabe↑ “eu não vou mais ter motivo pra encontrar ele”↓ mas aconteceu da gente (fic-) em pouco tempo gente se tornou melhores amigos↓ (quer dizer) a gente se via todos os dias tipo eu chegava da faculdade tinha um recado dele pra mim lá↓ em casa a gente (se via--) eu telefonava pra ele todos os dias, ele me ligava todos os dias a gente fazia tudo junto. as pessoas chegavam aí depois a gente descobriu que tinha alguns amigos em comum as pessoas me perguntavam por ele sabe↑ tipo me encontrava “ah gabe tudo bom? e aí? como é que tá o omar?” e tal. omar o nome da figura. “aí como é que ele tá?” não sei que. me perguntavam como se fosse meu namorado sabe↑ como as pessoas perguntam pra mim “ah e o mauro? como é que tá?” não sei que. perguntavam por ele sabe e ficou-- e a gente era muito muito junto assim o tempo inteiro viajava juntos só os dois sabe↓ e várias situações estranhas dormia na mesma cama sabe eh... eh... tipo de chegar ao ponto de um sabe uma situação que tinha uma viagem que tinha nós dois mais um casal↓ tinham três quartos na casa↓ um quarto com uma cama de casal o outro quarto com uma cama maiorzinha, mas que não chegava a ser de casal e um outro quarto com uma cama de solteiro. o casal foi pro quarto de cama de casal e ele sugeriu que a gente ficasse dividisse a outra cama, que ficasse junto no mesmo quarto, porque o outro quarto era muito empoeirado. como se a casa inteira não fosse toda igualmente empoeirada.
- T103 – Tais ((risos))
- T104 – Gabe e aí eu comecei a acreditar que poderia acontecer alguma coisa porque várias coisas↑

tipo assim a primeira vez que a gente saiu junto foi pra ir no mercado mundo mix, que é uma coisa super super gay, e ele que me convidou pra ir↓ segunda vez que a gente saiu junto foi pra ir no cinema ver beleza rouba:da que é um filme super romântico↓ depois a gente fez essa viagem junto que ele sugere que a gente durma na mesma cama↓ então eu tava acreditando que era uma coisa mútua que sabe tava rolando acreditava que ia acontecer↓ >mas ao mesmo tempo eu não tinha coragem de tomar a iniciativa< e assim se passaram seis meses. a gente... unha e carne ali sabe vivendo igual namorado mas num rolava nenhum abraquinho nada sabe↓ nesses seis meses eu não vi ele ficar com ninguém↓ a gente vivia junto então eu saberia se ele tava sabia (que vivia--) de repente ele ficou com uma menina depois outra e outra e começou a galinha:r enlouquecidamente↓ ficava com uma mulher cada dia e aí () a minha desilusão foi um foram situações realmente difíceis porque eh eh ele... tipo assim dia trinta e um de dezembro onze horas e cinquenta e nove, a gente fazendo contagem regressiva pro ano novo, quando todo mundo começa a se abraçar que eu acho que vou abraçar ele ele abraça e vira pro outro lado abraça outra mulher e começar a beijar entendeu↑ isso depois de seis meses sem eu ver ele dar um beijo na boca de ninguém acreditando que ele ia ser meu namorado↓ hum sabe mais cedo ou mais tarde entendeu↑ e aí foi tipo meu mundo caiu nesse momento↓ falei “fudeu” sabe tipo eh “agora não sei o que eu faço” sabe↓ eu ()

T105 – Tais vai ver ele tava na mesma coisa [que você tava

T106 – Gabe eu não sei [sabe

T107 – Tais ()

T108 – Gabe eu não sei. e... mesmo isso durou a:nos↓ sabe tipo a gente passou o ano bom sabe↓ eu continuei um bom tempo eh sabe tipo fixa:do sabe↓ eu tava obsessivamente fixa:do nele sabe↓ eu eu não conseguia imagina:r sabe (outr-) sabe pra mim ele era sabe era o amor da minha vida sabe↓ (eh) mas era uma loucura platônica da minha cabeça↓ fantasiei sabe↓ idealizei sabe↓ coloquei nele todas as minhas sabe tipo achava que eh sabe↓ coloquei que ele era perfeito que ele era a pessoa e não conseguia tirar isso da minha cabeça e fiquei investindo nisso mesmo sabendo sabe aí veio um papo aí depois veio com um papo que (ele tinha) um amigo (ai)↓ (depois ele) conheceu através de mim sabe uma amiga minha que na época era minha amiga mais pró:xima uma pessoa que eu dividia tu:do sabe↓ conversava tudo↓ e aí foi se apaixonar por ela entendeu? e aí começou (esse) triângulo louco↓ ele apaixonado por e:la e ela sabendo que eu gostava de:le e ele achava que-- aí depois eu acabei contando pra ele que era apaixonado por ele↓ ele depois começou a achar que ela não ficava com ele porque eu sabia que eu era apaixonado por ele. e aí ficou essa loucu:ra. até que um dia (a gente teve que dar) um ponto final nisso. eh... a gente saiu pra conversar eu e ele sabe↓ colocar as coisas e e falar↓ ele num às vezes me ligava pra falar da maria perguntava “ah e aí? () não agüento mais só penso na maria só penso na maria↓ que que você a:cha que (voc-)” sabe↑ me pedindo opinião até que um dia eu falei “ó vamos sair pra conversar e tal↓ a gente conversa sobre isso.” sentei e falei “olha só, não me liga mais pra perguntar da mari:a sabe↓ não me pergunta o que que eu acho, o que a maria sente por você, o que você sente pela maria porque não dá pra mim sabe↓ resolve você sua vida com a marj:a sabe↓ eu tô fora entendeu↓ porque sabe você sabe o que eu sinto por você entendeu↓ então não vem me dizer nem perguntar se você quer que eu sabe que que eu Acho sabe↓ então sabe não quero mais saber disso↓ chega.” aí ele ficou “é (pô) tem razã:o↓ eu nunca tinha me dado conta disso sabe↓ de como deve ser difi:cil pra você: e ta:l não sei que↓” e (veio com) aquele papo todo de melhor amigo. aí depois ele (ainda) veio com o papo “ah você viu aquele filme threesome?” falei “vi cara vi sim” ele “ah então” eu falei assim eu “então [o que? [((risos))

T109 – Tais

- T110 – Gabe no threesome todo mundo comeu todo mundo entendeu↓ no threesome todo mundo comeu todo mundo e até agora ninguém comeu ninguém.
- T111 – Tais [((risos))]
- T112 – Gabe [então (não) sabe eu acho que se fosse isso se fosse isso eu tava feliz sabe↓ mas não é nem isso entendeu↓ o negócio é que a gente está nessa (porra) há mais de um ano que a gente está nessa punheta sabe↓ e ninguém pega ninguém ninguém come ninguém eu não agüento mais sabe↓ eu tô tirando meu time”].
a partir daí a gente se afastou um tempo. o detalhe que nesse mesmo dia que a gente saiu pra conversar a gente tinha saído pra ir ver um estúdio, que a gente ia alugar um estúdio junto↓ °>que ele também é fotógrafo<° a gente ia alugar um estúdio junto ia montar uma empresa e tal↓ começar a trabalhar junto.
claro que depois desse dia a gente nunca mais se ligou pra falar de estúdio.
- T113 – Tais é
- T114 – Gabe morreu ali a história do estúdio automaticamente. e aí eu pensei foi quando eu pensei “cara agora eu tenho que entrar de outro homem porque esse eu tô descartando” sabe↓

Gabe introduz a história que irá contar: a primeira vez que se apaixonou por um homem. Fala que foi à primeira vista, que após olhar intensamente para o rapaz – *olhe::i eh sabe olhei no olho* –, pensou [“fudeu”, ou seja, começa a narrativa construindo sua paixão como nos romances populares, nas novelas, onde os olhos são espelhos da alma, portanto, só de olhar pode-se cair de paixão.

Segmento 74

- T101 – Tais [((risos))]
- T102 – Gabe “quem é esse cara?” e.. se-- /.../ e aí a professora encerrou o curso e eu fiquei assim↓
“(e agora?) como é que eu vou ver esse cara?” sabe↑
“eu não vou mais ter motivo pra encontrar ele”↓ mas aconteceu da gente (fic-) em pouco tempo gente se tornou melhores amigos↓ (quer dizer) a gente se via todos os dias tipo eu chegava da faculdade tinha um recado dele pra mim lá↓ em casa a gente (se via--)
eu telefonava pra ele todos os dias, ele me ligava todos os dias a gente fazia tudo junto.
as pessoas chegavam aí depois a gente descobriu que tinha alguns amigos em comum as pessoas me perguntavam por ele sabe↑ tipo me encontrava “ah gabe tudo bom? e aí? como é que tá o omar?” e tal. omar o nome da figura. “aí como é que ele tá?” não sei que.
me perguntavam como se fosse meu namorado sabe↑ como as pessoas perguntam pra mim “ah e o mauro? como é que tá?” não sei que. perguntavam por ele sabe e ficou--
e a gente era muito muito junto assim o tempo inteiro viajava juntos só os dois sabe↓
e várias situações estranhas dormia na mesma cama sabe eh...

No segmento 74, o relacionamento com Omar é relatado como algo similar a um namoro, havendo, inclusive, uma comparação com seu relacionamento com o atual marido. Saem sempre juntos, se telefonam todos os dias, até mesmo os amigos comuns fazem perguntas a ele sobre o rapaz. Aparentemente, tinha motivos para acreditar que tudo se encaminhava para um relacionamento amoroso.

Gabe posiciona-se aqui como alguém lúcido, que, apesar de ter falado em amor à primeira vista, o que poderia nos levar a vê-lo como ingênuo, tinha elementos para acreditar que Omar também se interessava por ele.

“Pensei que era mútuo” – explicação encaixada

T102 – Gabe e várias situações estranhas dormia na mesma cama sabe eh... eh... tipo de chegar ao ponto de um sabe uma situação que tinha uma viagem que tinha nós dois mais um casal↓ tinham três quartos na casa↓ um quarto com uma cama de casal o outro com uma cama maiorzinha, mas não chegava a ser de casal e um outro quarto com uma cama de solteiro. o casal foi pro quarto da cama de casal e ele sugeriu que a gente ficasse dividisse a outra cama, que ficasse junto no mesmo quarto, porque o outro quarto era muito empoeirado. como se a casa inteira não fosse toda igualmente empoeirada.

T103 – Tais ((risos))

T104 – Gabe e aí eu comecei a acreditar que poderia acontecer alguma coisa porque várias coisas↑ tipo assim a primeira vez que a gente saiu junto foi pra ir no mercado mundo mix, que é uma coisa super super gay, e ele que me convidou pra ir↓ segunda vez que a gente saiu junto foi pra ir no cinema ver beleza rouba:da que é um filme super romântico↓ depois a gente fez essa viagem junto que ele sugere que a gente durma na mesma cama↓ então eu tava acreditando que era uma coisa mútua que sabe tava rolando acreditava que ia acontecer↓ >mas ao mesmo tempo não tinha coragem de tomar a iniciativa< e assim se passaram seis meses.

Segundo Linde (1993:90), a explicação como unidade discursiva específica começa com uma afirmativa de alguma proposição a ser comprovada, seguida de uma seqüência de declarações de razões sobre o porquê de se acreditar na proposição.

A primeira proposição de Gabe, no turno 102, é a de que tinha motivos para interpretar as atitudes de Omar como de alguém igualmente interessado devido a várias

coisas estranhas. Começa dando uma razão – Omar ter proposto dormirem na mesma cama, quando havia camas e quartos disponíveis para todos e depois repete, no turno 104, sua proposição – *e aí eu comecei a acreditar que poderia acontecer alguma coisa porque várias coisas* ↑, usando o marcador discursivo *porque* a fim de começar a enumerar as razões: Omar o convidou para ir a um lugar que Gabe avalia como *super super gay*; foram ver um filme, que avalia como *super romântico*; o rapaz sugeriu que dormissem na mesma cama. Através do uso do marcador *então*, retoma a proposição de que tinha motivos para acreditar que o sentimento era mútuo – *então eu tava acreditando que era uma coisa mútua que sabe tava rolando acreditava que ia acontecer* ↓ – ainda que não tivesse coragem de tomar a iniciativa.

Gabe finaliza a explicação colocando que se passaram seis meses, reintroduzindo a história “Amor frustrado”.

“Amor frustrado” – continuação

Gabe reintroduz a história, fazendo um resumo: durante meses saíam juntos o tempo todo, mas o final não foi o esperado de uma situação como essa – *depois veio a desilusão sabe* ↓.

Prosseguindo com a história, narra sobre o porquê da desilusão. Omar não saiu com ninguém durante seis meses, mas *de repente*, começa a sair com uma menina após a outra. Gabe usa de repetição para reforçar a idéia de uma quantidade significativa de garotas com quem o amigo saía: *ficou com uma menina depois outra e outra, ficava com uma mulher cada dia*, avaliando que “galinhava” *enlouquecidamente*. A escolha do termo “galinhar” já é, de alguma maneira, uma avaliação. Quando usamos este termo, estamos implicando que trata-se de um volume bastante grande de parceiras, maior do que o comum. Aliado ao termo “enlouquecidamente”, temos um quadro de alguém que está tendo uma vida sexual extremamente ativa, mas sem envolvimento de sentimentos. Se considerarmos que o entrevistado, mais tarde, narra um momento da sua vida³, quando realmente assume que é gay e começa a “transar” com inúmeros homens, colocando que

³ Conferir entrevista completa no capítulo 7.

não estava sendo seletivo, apenas queria “trepar” e que diz que estava “galinhando”, percebemos que o uso desta palavra para definir o momento de Omar não foi acidental. Há um julgamento inserido em seu uso.

Gabe avalia que estes foram tempos difíceis para ele, pois o levaram a se desiludir, novamente se posicionando como alguém iludido anteriormente. Contudo, não está se posicionando como ingênuo: antes do relato dos casos de Omar, conta que este estava há seis meses sem sair com ninguém além dele, o que indicava que tinha razões suficientes para acreditar que poderiam ser namorados, ou seja, embora iludido, Gabe não é ingênuo.

A fim de entendermos exatamente o grau de desilusão que sofreu, narra outra história.

“Reveillon” – narrativa encaixada

- T104 – Gabe porque eh eh ele... tipo assim dia trinta trinta e um de dezembro onze horas e cinquenta e nove, a gente fazendo contagem regressiva pro ano novo, quando todo mundo começa a se abraçar que eu acho que vou abraçar ele ele abraça ele vira pro outro lado abraça outra mulher e começar a beijar entendeu↑ isso depois de seis meses sem eu ver ele dar um beijo na boca de ninguém acreditando que ele ia ser meu namorado↓
hum sabe mais cedo ou mais tarde entendeu↑
e aí foi tipo meu mundo caiu nesse momento↓
falei “fudeu” sabe tipo eh “agora não sei o que eu faço” sabe↓ eu ()
- T105 – Tais vai ver que ele tava na mesma coisa [que você tava
- T106 – Gabe eu não sei [sabe
- T107 – Tais ()
- T108 – Gabe eu não sei.

Gabe introduz sua narrativa com os marcadores *porque* e *tipo assim*, o que nos permite perceber que se tratará de uma narrativa com o intuito de esclarecer porque se desiluiu. Ele estabelece quando o evento ocorreu, quem participa – ele e Omar –, qual o evento – ano novo. Contudo, ao precisar 11:59h, está mais do que especificando o horário; está gerando uma expectativa no ouvinte, posto que a meia-noite é a hora mais

importante em noites de *reveillon*. Aqui, mais do que mudar o ano do calendário, poderia mudar o relacionamento dos dois.

Gabe tem a expectativa de que Omar vai abraçá-lo, mas este se vira e abraça e beija uma mulher. Seu mundo desmorona. Ele estava o tempo todo esperando namorar Omar e agora percebe que isso nunca vai acontecer, pois o abraço e o beijo que deu em outra mulher, na sua frente, mostrou que não só não estava interessado em Gabe, como também tinha como escolha a heterossexualidade.

“Amor frustrado” – continuação

Gabe faz avaliações sobre o período em que tinha esperanças de ter um relacionamento amoroso com Omar. Usa expressões como obsessão, fixação, loucura platônica, fantasia, idealização, perfeição, posicionando-se como alguém que agora percebe que ele mesmo criou uma expectativa que talvez não existisse:

Segmento 75

T108 – Gabe e... mesmo isso durou a:nos↓ sabe tipo a gente passou o ano bom sabe↓ eu continuei um bom tempo eh sabe tipo fixa:do sabe↓ eu tava obsessivamente fixa:do nele sabe↓ eu eu não conseguia imagina:r sabe (outr-) sabe pra mim ele era sabe era o amor da minha vida sabe↓ (eh) mas era uma loucura platônica da minha cabeça↓ fantasiei sabe↓ idealizei sabe↓ coloquei nele todas as minhas sabe tipo achava que eh sabe↓ coloquei que ele era perfeito que ele era a pessoa e não conseguia tirar isso da minha cabeça e fiquei investindo nisso mesmo sabendo sabe aí veio um papo aí depois veio com um papo que (ele tinha) um amigo (aí)↓

Embora diferentes, as expressões usadas por Gabe são repetições de uma mesma idéia: estava obcecado por Omar – *eu tava obsessivamente fixa:do nele sabe↓; pra mim ele era sabe o amor da minha vida sabe↓* -, mas aquele homem por quem se apaixonara não existia – *fantasiei sabe↓ idealizei sabe↓; coloquei que ele era perfeito que ele era a pessoa*. Gabe constrói aquele período como um período de insanidade, de obsessão – *mas era uma loucura platônica da minha cabeça; coloquei que ele era perfeito que ele era a*

pessoa e não conseguia tirar isso da minha cabeça -, mas assume toda a responsabilidade por isso. Posiciona-se, assim, como iludido, insano no passado e, por oposição, realista e são no presente, no momento em que conta a história, o que nos remete a Mishler (2002), quando argumenta que, ao narrarmos uma experiência, reformulamos nosso passado, nos reposicionamos com relação eventos e às pessoas envolvidas, reenquadramos as experiências de acordo com nossa vida atual.

Gabe passa, então, para outra narrativa encaixada a fim de nos conduzir ao final da história “Amor frustrado”.

“Triângulo amoroso” – narrativa encaixada

T108 – Gabe (depois ele) conheceu através de mim sabe uma amiga minha que na época era minha amiga mais pró:xima uma pessoa que eu dividia tu:do sabe↓ conversava tudo↓ e aí foi se apaixonar por ela entendeu?↑ e aí começou (esse) triângulo louco↓ ele apaixonado por e:la e ela sabendo que eu gostava de:le e ele achava que-- aí depois eu acabei contando pra ele que era apaixonado por ele↓ ele depois começou a achar que ela não ficava com ele porque eu sabia que eu era apaixonado por ele. e aí ficou essa loucu:ra. até que um dia (a gente teve que dar) um ponto final nisso.

A princípio, poderíamos pensar que este segmento é uma crônica, pois narra uma sucessão de fatos, contudo, na definição de Linde (1993: 85), esta unidade discursiva não possui um ponto avaliativo unificador. Aqui, portanto, temos uma narrativa, pois a avaliação *e aí ficou essa loucu:ra* é unificadora, refere-se ao conjunto de eventos narrados.

Gabe introduz a história que irá contar - o período em que Omar se apaixonou por sua amiga – ao mesmo tempo em que orienta sobre os personagens da narrativa – ele, a amiga confidente e Omar. Gabe avalia como sendo um *triângulo louco*, pois, como veremos na ação, era um triângulo amoroso onde nada acontecia de concreto.

Nada, na verdade, acontece: Gabe ama Omar que ama Maria que não ama ninguém. Gabe conta para Omar que é apaixonado por ele e este passa a acreditar que Maria não fica com ele por causa do amigo, o que não fica estabelecido na narrativa.

Como o foco de interesse da história é seu relacionamento com Omar, Gabe não se detém nos sentimentos da amiga.

O resultado é a própria avaliação que Gabe faz: *e aí ficou essa loucu:ra*, ou seja, nada resultava daquela situação. Gabe encerra a narrativa dizendo que chegou um momento em que eles tiveram que solucionar o problema, reintroduzindo a história “Amor frustrado”.

“Amor frustrado” – continuação

Gabe retoma a história de seu relacionamento com Omar, apontando para o fim da narrativa, quando diz que dariam *um ponto final nisso*:

Segmento 76

T108 – Gabe até que um dia (a gente teve que dar) um ponto final nisso. eh... a gente saiu pra conversar eu e ele sabe↓ colocar as coisas e e falar↓ ele num às vezes me ligava pra falar da maria perguntava “ah e aí? () não agüento mais só penso na maria só penso na maria↓ que que você a:cha que que (voc-)” sabe↑ me pedindo opinião até que um dia eu falei “ó vamos sair pra conversar e tal↓ a gente conversa sobre isso.”

Como em outras vezes, a informação tem papel importante nos relatos de Gabe. Ela acrescenta informações sobre o porquê de terem que sair para resolver a situação. Omar, sentindo-se amigo de Gabe, pede opiniões sobre Maria, confia que só pensa nela, causando desconforto em Gabe, que podemos perceber pela expressão *até que um dia*, que mostra que esta situação estava se prolongando por um tempo e que havia chegado ao seu limite.

Gabe posiciona-se como agente de sua vida – vai resolver o problema, vai conversar com o amigo e acabar com aquela situação:

Segmento 77

- T108 – Gabe sentei e falei “olha só, não me liga mais pra perguntar da maria: a sabe↓ não me pergunta o que que eu acho, o que a maria sente por você, o que você sente pela maria porque não dá pra mim sabe↓ resolve você sua vida com a maria sabe↓ eu tô fora entendeu↓ porque sabe você sabe o que eu sinto por você entendeu↓ então não vem me dizer nem perguntar se você quer que eu sabe que que eu Acho sabe↓ então sabe não quero mais saber disso↓ chega.” aí ele ficou “é (pô) tem razão: o↓ eu nunca tinha me dado conta disso sabe↓ de como deve ser difícil pra você: e ta:l não sei que↓” e (veio com) aquele papo todo de melhor amigo. aí depois ele (ainda) veio com o papo “ah você viu aquele filme threesome?” falei “vi cara vi sim” ele “ah então” eu falei assim “então [o que?
- T109 – Tais [((risos))
- T110 – Gabe no threesome todo mundo comeu todo mundo entendeu↓ no threesome todo mundo comeu todo mundo e até agora ninguém comeu ninguém.
- T111 – Tais [((risos))
- T112 – Gabe [então (não) sabe eu acho que se fosse isso se fosse isso eu tava feliz sabe↓ mas não é nem isso entendeu↓ o negócio é que a gente está nessa (porra) há mais de um ano que a gente está nessa punheta sabe↓ e ninguém pega ninguém ninguém come ninguém eu não aguento mais sabe↓ eu tô tirando meu time.”

Gabe coloca para Omar que não quer mais se envolver em seus problemas com Maria, posicionando Omar como incapaz de resolver seus problemas sozinho – *resolve você sua vida com a maria sabe↓ eu tô fora entendeu↓* -, ao mesmo tempo em que se posiciona como assertivo, posto que tomou a atitude de finalizar o triângulo. É agressivo ao estabelecer o que quer, aumentando o volume na fala reportada que faz – *olha só: não dá pra mim sabe; eu tô fora; não vem me dizer nem perguntar se você quer que eu sabe que que eu Acho; chega*. Mais adiante, enfatiza a palavra *punheta*, colocando em foco a questão de aquele relacionamento não estar indo a lugar algum, razão porque estar decidido a acabar a amizade.

Finaliza a história dizendo que vai buscar outro homem para se relacionar, ou seja, vai começar outra etapa na sua vida. O interessante é que ele fala *esse eu tô descartando*, o que poderia dar a impressão que foi ele quem rejeitou Omar. Na verdade, ele está descartando é o relacionamento insatisfatório que tem com o amigo. Gabe, aqui, inverte as posições: de rejeitado passa a rejeitador. Entretanto, se voltarmos a examinar a

narrativa encaixada “Tristeza”, da história “Contando para minha mãe”, vemos outro estado de espírito. Naquela narrativa, Gabe coloca que está deprimido, triste o tempo todo, chorando por causa de seu relacionamento com Omar. Ou seja, está se posicionando como vítima de um amor não correspondido, além da já citada situação de se descobrir gay. Sua angústia era tão grande, que sua mãe ficou aflita, o que o levou a sair do armário com ela. Ele ainda, na mesma história, relata que meses depois foi tranquilizá-la, dizer que estava bem, que estava morando com um rapaz. Isso comprova que os sentimentos relatados em narrativas têm relação estreita com o contexto em que a história está sendo contada: em “Contando para minha mãe”, Gabe precisava relatar o porquê de a conversa com sua mãe ocorrer, o que o levou a falar de seu sentimento de tristeza quando se apaixonou por Omar; em “Amor frustrado”, Gabe está preocupado em relatar o desenvolvimento do relacionamento com o amigo, portanto, narra a revolta após a decepção, momento que não ocorre na narrativa de sair do armário, cujo foco é outro.

Gabe passa a entrevista inteira relatando histórias sequenciais que o teriam tornado quem é hoje em dia, o que nos remete a Bourdieu ([1986]1998: 186), quando alega que, no mundo social, a identidade é “entendida como constância em si mesmo”, “à maneira de uma história bem construída”. Quando não exatamente em seqüência, Gabe faz observações a fim de que eu localize o momento de sua vida em que a história ocorreu. Uma observação que não pode deixar de ser feita é a de que o entrevistado estava, naquela época, segundo ele, em um momento muito intenso da análise que estava fazendo. Talvez por isso o excesso de detalhes e reparos, pois estava, durante a entrevista, organizando sua história também do ponto de vista de uma consulta de psicanálise. Ele mesmo fez este comentário ao final da entrevista. Embora possa parecer, à primeira vista, que isso não teria relevância, posto que tenho como pressuposto que as identidades se constroem na interação, em consonância com as premissas da sociolinguística interacional, lembro que Gumperz (2002:32) argumenta que seu trabalho busca dar conta “tanto dos processos interpretativos no nível local como dos processos interpretativos mais gerais, societários, das ideologias lingüísticas e de como eles fazem parte do insumo para os processos inferenciais que determinam julgamentos de sentido”. Ou seja, o nível macro tem interferência no nível micro. O contexto macro da entrevista com Gabe, seu

momento de psicanálise⁴ tem influência em como a história é relatada em nível micro, sobretudo no que diz respeito à sua organização. Gabe estrutura suas histórias de maneira a fazer sentido também em seu processo de auto-conhecimento, que implica em buscar ordem dos acontecimentos. Além disso, seu conhecimento do mundo social é de extrema importância no que se refere aos posicionamentos que assume, principalmente com relação ao estigma. Por outro lado, o contexto no nível micro, do momento da interação, fez diferença nos seus posicionamentos e na forma com que contou suas histórias. Portanto, ao analisarmos narrativas, temos que levar em conta ambas as interferências quando fazemos interpretações de sentido do momento da interação.

⁴ Coloco como macro porque a psicanálise aqui está ligada ao mundo social mais amplo, não ao momento de interação.

4.2 Lauro

Lauro me concedeu a entrevista em sua casa, em Botafogo. Durante nosso encontro seu marido estava ausente (chegou somente no final, mas não ficou na sala), o que propiciou maior liberdade para falar não só de si, mas de seu companheiro e do relacionamento que mantinham.

Ao longo da entrevista, Lauro apresenta diferentes posicionamentos e alinhamentos em suas narrativas, privilegiando a unidade discursiva explicação em suas histórias, marcando seu intuito de estabelecer pontos e prová-los. A repetição, o aumento de volume, a fala mais vagarosa são alguns dos recursos que utiliza a fim de dar ênfase a algumas passagens e determinar suas posições.

4.2.1 Homoafetividade

Nesta seção, analisarei a construção da homoafetividade em Lauro. Veremos as diferentes facetas que emergem nas histórias por ele narradas.

4.2.1.1 Ser gay

Esta história surge logo no início da entrevista, motivada por uma pergunta que fiz sobre o que é ser gay para Lauro. Começa no turno 18 e se estende até o turno 20, sendo composta de duas explicações: “Ser gay é ter coragem” (todo o turno 18) e “Meio diferente” (todo o turno 20).

“Ser gay é ter coragem”

Segmento 1

T17 – Tais escuta vou fazer (a) eu falo da pergunta estopim↓ o quê que é ser gay pra você?

T18 – Lauro o quê que é ser gay? ser ga:y é ter muita coragem né↓
 acho que todo mundo vai te dizer isso↓ antes de qualquer coisa tem que ter muita
 coragem cara tem que tem que-- é como diz um amigo meu né↓
 que não é gay mas que é preto né↓ e é casado com uma negra.
 eh ele mata um a gente mata <dois leões> por dia porque... agora↑
 nem ta:nto assim nem tanto mas no começo né↓
 eu tinha lá uns dezoito, dezessete anos era <barra pesada>. () com a minha família nem
 tanto mas mais pra sociedade mesmo eh... é barra pesa:da.
 são muitas bata:lhas mas tem suas compensações sabe↑ tem suas compensações.

A primeira parte da história é uma explicação, no sentido da definição de Linde (1993:90). Segundo a autora, a unidade discursiva explicação começa com uma proposição a ser comprovada, seguida de uma seqüência de razões sobre o porquê de se acreditar nela.

A proposição de Lauro é a de que ser gay é *ter muita coragem*, e ele passa a enumerar as razões para isso: *todo mundo vai te dizer isso*; tem que matar *dois leões por dia*; ser gay é enfrentar uma <barra pesada>, sobretudo com relação à sociedade em que vivemos – *mas mais pra sociedade mesmo eh... é barra pesa:da*; ser gay é enfrentar muitas *bata:lhas*.

Lauro usa de várias formas de ênfase para marcar como é difícil viver a homoafetividade: a expressão barra pesada é dita mais devagar, depois é repetida com aumento de volume e alongamento de vogal na sílaba tônica. Também alonga a vogal da sílaba tônica da palavra batalha com a mesma finalidade. A fim de tornar mais claro para a entrevistadora a dificuldade de ser gay, faz uma comparação com o que os negros têm que enfrentar socialmente: *é como diz um amigo né↓ que não é gay mas que é preto né↓ e é casado com uma negra. eh ele mata um a gente mata <dois leões> por dia*, dando ênfase na expressão dois leões através de uma fala mais vagarosa. Entretanto, finaliza a explicação dizendo que *tem suas compensações*, repetindo a expressão para marcar sua posição: ser gay é difícil, há que se ter coragem, mas vale a pena.

“Meio diferente”

Segmento 2

T19 – Tais você falou dezessete dezoito anos. foi a época que você=
 T20 – Lauro =foi. quando eu me quando eu-- é é aquele papo né↓ eu (acho) (sempre) achei que eu fosse meio <diferente> assim... dos meni:nos >se bem< que tem uma certa idade na adolescência na infância que você não... eu não me sentia muito diferente

>porque eu achava também que todos os meninos< não eram nem muito pra fêmea nem muito pra macho. >todo mundo era assim meio que< menino né↓
 uma categoria assim... de meninos. mas depois eu fui sacando que tinha alguma diferença <embora eu nunca tenha me sentido...> exclusivamente gay sabe↓ (eu) nunca... tive essa. eu sempre achei que até por conta da barra ser pesada, no meu caso eu... transei mais a coisa de ser gay... né↑ mais gay mais homossexual assim (hum) uma coisa de atitude sei lá o quê↓ mas na minha cabeça eu nunca me achava muito eu nunca me achei muito gay pra te falar a verdade. sempre gostei de homem mas nunca me achei muito gay↓ sempre tive atração por mulheres também, mas acho que foi até por uma questão de... falta de tempo falta de contato↓ eu eu não consegui já consegui algumas vezes ter relações mas menos do que eu acho que deveria, pra te falar a verdade. esquisito né↑ mas é verdade.

Lauro começa com a proposição de que sempre se achou meio diferente, novamente usando do recurso da fala mais devagar para dar ênfase: *eu (acho) (sempre) achei que eu fosse meio <diferente> assim... dos meni:nos*. Depois, começa a enumerar as razões de sua proposição: não se sentia *muito diferente*, pois, na infância, os meninos *não eram nem muito pra fêmea nem muito pra macho*. >todo mundo era assim meio que< *menino né*↓; depois foi percebendo *que tinha alguma diferença*, embora nunca tenha se sentido *exclusivamente gay*; via ser gay como *uma coisa de atitude sei lá o quê*; sempre gostou de homem, mas também sempre teve atração por mulheres.

Lauro reforça sua argumentação de que era meio diferente falando que não se achava muito gay – *eu nunca me achei muito gay* – e alega que, embora gostasse de homem, também tinha atração por mulheres e só não teve mais relacionamentos amorosos com elas por *falta de tempo falta de contato*. Alega, ainda, que deveria ter tido mais relacionamentos. Ainda avalia *esquisito né↑ mas é verdade*, ou seja, é meio diferente não só por ser gay, como também por não ser exclusivamente gay, por achar que ser gay é uma questão de atitude, por achar que deveria ter tido mais relações com mulheres.

Lauro se posiciona, nas duas explicações, como pessoa diferente, mas comprometida com suas escolhas. Reconhece o estigma social de ser gay em uma sociedade heterossexista – *mata dois leões por dia; ser gay é uma questão de atitude*, mas acredita que vale a pena viver sua homoafetividade; também não seria um gay como os outros, pois sentia atração por mulheres, embora não tenha tido a quantidade de

- T136 – Lauro certo certo
- T137 – Tais em certos lugares você vai-- [sei lá na churrascaria porção
- T138 – Lauro [certo... certo fica difícil né↓
- T139 – Tais é. se você fizer um carinho nada nada impede a lei até [protege
- T140 – Lauro [entendi entendi
- T141 – Tais o restaurante inteiro vai ficar virando (pra sua mesa)
- T142 – Lauro eu tô muito condicionado ô tais. eu a gente já tá muito condicionado muito embora eu tenha muito carinho e tenho muita vontade às vezes de demonstrar e o zélio também. o zélio é mais carinhoso do que eu até eu sou mais... mais contido eh... a gente a gente é um negócio essa (cerceamento) de limites que a sociedade me colocou... dentro né do-- já foram tão-- porque já não sinto realmente eu eh... sabe? eu já internalizei já introjetei. quer dizer eu não me sinto em desvantagem por estar num lugar e não estar afetando assim sabe↓ não estar fazendo tendo um gesto de carinho às vezes a gente tem né↓ quando dá bate aquela coisa você olha “pôrra que cara legal como eu gosto desse cara. é legal estar com esse cara”. aí já sabe aperta a mão aquelas coisas, mas a gente não se sente em desvantagem (com o que) nem está se dando liberdade em lugares heterossexuais que são a maior parte dos lugares que eu vou↓ porque eu já fui muito a lugar gay mas pra te falar a verdade eu eu eu me sinto meio que um gay assim meio atípico sabe↓ eu não eu não me identifico muito com a cultura gay eu... >adoro ser gay< hum hum
- T143 – Tais
- T144 – Lauro não posso te (men-) adoro. eu acho que se eu não fosse gay eu eu não sei como é que eu ia ser porque isso dá muita liberdade pra gente↓ quando você se coloca você se é como você se sente meio que... empoderado sabe↓ mas ao mesmo tempo a cultura gay da forma como ela se apresenta... não me interessa muito↓ já me interessou.
(a gen-) chega uma época que freqüentava <mas freqüentava muito mais> uma coisa mais antropológica pra conhecer pra tentar entender os mecanismos do que por admiração--então eu ia a boate pra ver basfond boate gay da zona sul
>e pra seduzir também que eu sempre gostei muito de seduzir pra te falar a verdade< sempre gostei de jogar sedução né↓ novo não sei que↓ sem finalizar porque a (fin) a finalização realmente nunca me interessou muito↓ mas seduzir eu sempre gostei muito a paquera
- T145 – Tais
- T146 – Lauro paquera. de seduzir não >nem paquerar muito eu sempre gostei< assim (pra te fa-) eu pode parecer pretensão mas é assim eu sempre fui muito bonitinho e sempre chamei atenção, então por conta disso sempre me senti muito na na situação de não precisar fazer nada pra chamar pra coisa e sempre ((risos)) e gostava de me mostrar pra ter [()
[(é gostoso)
- T147 – Tais
- T148 – Lauro alimentado o ego sabe assim
- T149 – Tais mas é gostoso [(mesmo)
- T150 – Lauro [de alimentar o ego sabe de assim
“ai meu deus que... continua ali não sei que”. hoje menos, bem menos. bem menos. a idade ih também não tem mais vinte nem trinta ↓ mas hoje menos. e também já é uma coisa que não ((tais tosse)) não me interessa muito não.mas assim o lugar gay a coisa do gueto eu nã:o hoje eu não <°tolero°> () eu até tô ((risos)) tendo que fazer uma mea culpa sabe↓ porque eu estou tentando pensar o que que é que não está funcionando comigo. eh até sei não é mas eu acho às vezes o ambiente meio baba:ca então hoje eu tenho a gente se relaciona o zé também.
mas ele ele até tem mais tolerância com lugar gay do que eu. eu entro fico dez minutos acho a música ridícula horrorosa parece que o mercado direcionado pro gay é (im-) é imbecilizante é de músicas bate estaca
((interrupção da fita))
eu não encontro eu não encontro assim em ambiente gay <dificilmente>
eu encontro pares entendeu?

- T151 – Tais hã hã
- T152 – Lauro então não↓ então a maior parte dos meus amigos são todos hetero são todos heterossexuais tenho muita gay amiga né↓ sapatão viado sapatão↓ eu falo assim porque hum ã essa palavras (não me dizem) elas são pesadas são mas não pesam muito comigo não eu me sinto à vontade de falar↓ mas mas mas não sei... hoje o melhor o casal mais amigo da gente não é gay.
- T153 – Tais hum hum
- T154 – Lauro e assim no meu trabalho só eu sou gay. mas a gente tem uma relação com a amanda com a >leila flávia mauro< uma relação tão (que tudo) na verdade parece muito igual. depois que você ultrapassa determinadas conquistas que você tem determinadas conquistas assim como né de modo de vida, o que me interessa são as relações e como é que as pessoas vivem as relações e isso eu encontro mais tenho encontrado mais ((tais tosse)) com o pessoal heterossexual, você entendeu? fica muito mais parecido com o que eu vivo do que por exemplo outras relações↓ eu tenho amigos assim às vezes são casados também mas que não por exemplo um um casal de amigos que () muito mariqui:nha sabe↓ uma coisa (um pouco) eu não acho não sei não não bate muito comigo
- T155 – Tais hum hum
- T156 – Lauro eh então esse eu vou. eu vou. assim às vezes eu vou porque a gente vai. esses meus amigos também adoram, meu amigo é super viado o marido da minha amiga né, ele tem uma alma ele é animado ali, ele é super viado sem sem ser né↓ e aí a gente vai porque a gente se diverte. e:le gosta às vezes de ficar rindo acha a cultura gay muito engraçada de travesti↓ eu acho mas já achei mais e cada vez acho menos entendeu↓ eu tô meio que cansado. mas ainda vou. mas freqüento mais lugar heterossexual hh

“Tô condicionado” – primeira parte

Segmento 3

- T142 – Lauro eu tô muito condicionado ô tais. eu a gente já tá muito condicionado muito embora eu tenha muito carinho e tenho muita vontade às vezes de demonstrar e o zélio também. o zélio é mais carinhoso do que eu até eu sou mais... mais contido eh... a gente a gente é um negócio essa (cerceamento) de limites que a sociedade me colocou... dentro né do-- já foram tão-- porque já não sinto realmente eu eh... sabe? eu já internalizei já introjetei. quer dizer eu não me sinto em desvantagem por estar num lugar e não estar estar afetando assim sabe↓ não estar fazendo tendo um gesto de carinho às vezes a gente tem né↓ quando dá bate aquela coisa você olha “pôrra que cara legal como eu gosto desse cara. é legal estar com esse cara.” aí já sabe aperta a mão aquelas coisas, mas a gente não se sente em desvantagem (com o que) nem está se dando a liberdade em lugares heterossexuais que são a maior parte dos lugares que eu vou↓

Lauro tem consciência de que a homoafetividade é estigmatizada. Coloca que está condicionado, que internalizou, que introjetou os cerceamentos, os limites que a

sociedade impôs, entretando, alega que *não se sente em desvantagem*, apesar de não estar *se dando a liberdade em lugares heterossexuais*, que são os lugares que mais frequenta.

Goffman ([1963]1975:16-17) argumenta que o indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que os “normais”, tendo incorporado padrões de sociedade que o tornam suscetível ao que os outros vêem como seu defeito, fazendo com que, às vezes, concorde que ficou abaixo da expectativa, que tem realmente um defeito. No caso de Lauro, há uma percepção de que ser gay não é aceito entre os “normais”, contudo, não sente que tem um defeito, mas que é diferente do que a sociedade acredita ser normal. Ele incorporou os padrões da sociedade – *eu tô muito condicionado, já internalizei, já introjetei* –, a divisão dicotômica heterossexual x homoafetivo, e os segue quando necessário.

“Cultura gay não me interessa muito”

Segmento 4

T142 – Lauro porque eu já fui muito a lugar gay mas pra te falar a verdade eu eu eu me sinto meio que um gay assim meio atípico sabe↓ eu não eu não me identifico muito com a cultura gay eu...

Lauro introduz a narrativa dizendo que já foi a muitos lugares gays, mas que não se identifica com a cultura gay. Como na explicação “Meio diferente”, se diz um gay meio atípico, o que o leva à explicação “Adoro ser gay”.

Adoro ser gay – explicação encaixada

Segmento 5

T142 – Lauro >adoro ser gay<

T143 – Tais hum hum

T144 – Lauro não posso te (men-) adoro.eu acho que se eu não fosse gay eu eu não sei como é que eu ia ser porque isso dá muita liberdade pra gente↓ quando você se coloca você se é como você se sente meio que... empoderado sabe↓ dá uma parece que você pode (qualquer) coisa muita coisa quando você assume sabe↓

Lauro estabelece a proposição “adoro ser gay” e passa a enumerar as razões para isso: se não fosse gay não sabe como seria; ser gay dá muita liberdade; ser gay é se sentir *empoderado*. Essa explicação encaixada tem a finalidade de esclarecer à entrevistadora de que não se identifica com a cultura gay, mas isso não quer dizer que não goste de ser gay.

Por outro lado, inverte o papel de estigmatizado: ao invés de desvantagem, ser gay o empodera. Sua estratégia de resiliência, contudo, não repousa especialmente naquelas descritas por Shih (2004). Segundo a autora (p.178), uma das estratégias é fazer comparações seletivas, ou seja, procurar se comparar sempre com pessoas igualmente estigmatizadas. Lauro faz exatamente o oposto: implicitamente, compara-se com o mundo dos “normais” ao dizer que ser gay dá liberdade e empodera. A maior liberdade seria o fato de não sofrer as mesmas restrições, posto que já as transgrediu. Por ter ultrapassado obstáculos a fim de viver sua homoafetividade, ficou mais forte, mais empoderado.

Após a explicação, Lauro retoma a narrativa “Cultura gay não me interessa muito”.

“Cultura gay não me interessa muito”

Lauro retoma a narrativa dizendo que a cultura gay como se apresenta hoje em dia não o interessa. Apresenta, então, uma informação (Norrick, 2000) sobre o período em que se interessava e os motivos para isso: tentava entender os mecanismos dos lugares e também porque gostava de seduzir. Essa sedução não pressupunha realização de conquista, pois fala *a finalização realmente nunca me interessou muito* ↓ e atribui o interesse pela sedução como forma de alimentar o ego. Termina a informação dizendo que hoje isso não o interessa mais. Boate gay, assim, não era um espaço que freqüentava por sentir afinidade; era um espaço que freqüentava por curiosidade e para alimentar o ego através da sedução:

Segmento 6

- T144 – Lauro /.../
 já me interessou. (a gen-) chega uma época que freqüentava <mas freqüentava muito mais> uma coisa mais antropológica pra conhecer pra tentar entender os mecanismos do que por admiração-- então eu ia a boate pra ver basfond boate gay de zona sul >e pra seduzir também que eu sempre gostei muito de seduzir pra te falar a verdade <sempre gostei de jogar sedução né↓ novo não sei que↓ sem finalizar porque a (fin-) a finalização realmente nunca me interessou muito↓
 mas seduzir eu sempre gostei muito
 /.../
- T146 – Lauro /.../ eu pode parecer pretensão mas é assim eu sempre fui muito bonitinho e sempre chamei atenção, então por conta disso sempre me senti muito na na situação de não precisar fazer nada pra chamar pra coisa e sempre ((risos)) e gostava de me mostrar pra ter [()]
- T147 – Tais [é gostoso
- T148 – Lauro alimentado o ego sabe assim
- T149 – Tais mas é gostoso [(mesmo)
- T150 – Lauro [de alimentar o ego sabe assim
 “ai meu deus que... continua ali não sei que”. hoje menos, bem menos. bem menos.
 a idade ih também não tem mais vinte nem trinta anos↓ /.../ mas assim o lugar gay a coisa do gueto eu nã:o hoje eu não <°tolero°> /.../ mas eu acho às vezes o ambiente meio baba:ca então hoje eu tenho a gente se relaciona o zé também.
 mas ele ele até tem mais tolerância com lugar gay do que eu.
 eu entro fico dez minutos acho a música ridícula horrorosa parece que o mercado direcionado pro gay é (im) é imbecilizante é de músicas bate estaca

No segmento acima, Lauro se constrói, quando jovem, como muito *bonitinho*, tão bonitinho que não precisava *fazer nada pra chamar atenção*; hoje, é diferente – *a idade ih também não tem mais vinte nem trinta anos* –, portanto, perdeu o interesse pelos ambientes homoafetivos, já que seu maior interesse seria a sedução. Contudo, não se dá conta de que talvez não tolere mais as boates por estar mais velho. Quando reclama da música ridícula horrorosa e alega que o mercado direcionado ao gay *é imbecilizante é de músicas bate estaca*, está repudiando é o mercado jovem como um todo – a música bate estaca não é tocada somente em ambientes gays; é tocada em boates em geral, pois estes ambientes costumam ter como foco jovens, que gostam desse ritmo para dançar. Talvez a

questão não seja que é meio atípico, mas que está com mais de quarenta anos e estes lugares sejam voltados para pessoas mais novas.

Segmento 7

T152 – Lauro então não↓ então a maior parte dos meus amigos são todos hetero são todos heterossexuais tenho muita amiga gay né↓ sapatão viado sapatão↓ eu falo assim porque hum ã essa palavras (não me dizem) elas são pesadas são mas não pesam muito comigo não eu me sinto à vontade de falar↓ mas mas mas não sei...
hoje o melhor o casal mais amigo da gente não é gay.

Após declarar que dificilmente encontra pares em ambientes gays, alega que todos os seus amigos são heterossexuais para logo depois retificar dizendo que tem muitas amigas gays, mas também amigos gays – *tenho muita amiga gay*↓ *sapatão viado sapatão*. Lauro justifica o uso destas palavras porque, embora pesadas, não pesam para ele, o que pode ser explicado pelo fato de também ser gay, ou seja, faz parte do grupo, podendo utilizar quaisquer termos que quiser sem soar ofensivo. Assim, posiciona-se como homoafetivo, ainda que se alinhe aos heterossexuais ao dizer que a maior parte de seus amigos são heterossexuais.

Segmento 8

T153 – Tais hum hum

T154 – Lauro e assim no meu trabalho só eu sou gay. mas a gente tem uma relação com a amanda com a >leila flávia mauro< uma relação tão (que tudo) na verdade parece tudo muito igual. depois que você ultrapassa determinadas conquistas que você tem determinadas conquistas assim como né de modo de vida, o que interessa são as relações e como é que as pessoas vivem as relações e isso eu encontro mais tenho encontrado mais ((tais tosse)) com o pessoal heterossexual, você entendeu?
fica muito mais parecido com o que eu vivo do que por exemplo outras relações↓

Lauro continua argumentando que tem se relacionado mais com pessoas heterossexuais, pois *na verdade parece tudo muito igual*. Ou seja, desloca a dicotomia homoafetivo x heterossexual. Não a elimina, posto que fala *parece*, não que é muito igual. Assim, constrói-se como um ser homoafetivo deslocado, pois seu foco são as

relações entre as pessoas como um todo, podendo se alinhar com qualquer um, independentemente de sua prática sexual.

Segmento 9

T155 – Tais hum hum

T156 – Lauro eh então esse eu vou. eu vou. assim às vezes eu vou porque a gente vai. esses meus amigos também adoram, meu amigo é super viado o marido da minha amiga né, ele tem uma alma ele é animado ali, ele é super viado sem sem ser né↓
e aí a gente vai porque a gente se diverte.
e:le gosta às vezes de ficar rindo acha a cultura gay muito engraçada de travesti↓
eu acho mas já achei mais e cada vez acho menos entendeu↓ eu tô meio cansado.
mas ainda vou. mas freqüento mais lugar heterossexual hh

Lauro prossegue deslocando as posições de gênero ao afirmar que às vezes vai a ambientes gays porque o marido de sua amiga, que define como *super viado sem sem ser*, gosta de rir da cultura travesti. Ou seja, ele, homoafetivo, somente freqüenta lugares gays para agradar o casal heterossexual, cujo homem seria *super viado*, ainda que se relacione sexualmente com mulher. Neste momento, Lauro desnaturaliza a relação sexo-gênero-prática sexual, revelando que a matriz cultural de inteligibilidade não é capaz de dar conta do que acontece na realidade.

4.2.1.4 Vivendo com estigma

A história surge após eu perguntar se já sofreu preconceito por ser homoafetivo. Compreende os turnos 162 ao 178 e é composta de duas partes – “Gay tem que se impor” (turnos 162-172) e “Provocação” (turnos 176-178).

Vivendo com o estigma

T161 – Tais eu queria te perguntar também também era nessa coisa que a gente tava falando do afeto não sei que e preconceito. já você já se viu em alguma situação [assim

T162 – Lauro [eu já já já vi sim e
me vejo ainda sou professor eh mas a gente eu acostumo.
olha só, é aquilo que eu te falei né↓
eu sempre fui uma característica né↓ eu sempre fui muito impositivo sempre assim sabe↓
e tive que ser assim por questão até de sobrevivência

- >porque senão não sei como é que eu ia ser<
 é eu não sei uma bichinha fraquinha ou sei lá o que. não sei.
 mas a gente tem que se impor pra caramba e eu sinto entre os os os caras né, os heterossexuais homens, sinto uma (sei que) muitas vezes eles quase se colocam a mercê dos gays >sabe assim tipo< a a situação às vezes se inverte né↓
 quando homem é assim né↓ homem que não é gay eh quando tá com outro (grrr) desdenha, quando tá sozinho parece que fica se sentindo ameaçado fica quase como se fosse uma moça que vai ser atacada por um lobão. um lobo né?
- T163 – Tais hum hum
 T164 – Lauro mas mas eu sinto sim já senti sinto muito cada vez me importo menos com isso, já me importei claro assim... já tive já já tive que em alguns momentos o fato de ser viado chegou na frente
- T165 – Tais hum hum
 T166 – Lauro isso me deixou chateado né↓ porque eu nunca me senti assim né↓
 assim super viado eu sempre achei que né↓ é é isso que eu tô te falando eu nunca me senti assim um o gay um gay () como eu sinto que eu sinto como algumas pessoas se sentem. assim é... sempre me impus sempre foi a minha maneira política de viver mas assim nunca me senti... hum nem com tesão de levantar determinadas bandeiras porque eu acho que é uma coisa tão absurda intolerância coisa você sabe↑
 eu não sei eu eu sou guerreiro de uma outra frente
- T167 – Tais hum hum
 T168 – Lauro tem gente que é guerreira mesmo de chegar bater fazer, eu sou uma pessoa me imponho já meti... o bati forte assim “pôrra sou viado sim e daí? qual é o problema? não tô a fim de ninguém aqui não.”
- T169 – Tais [(claro)
 T170 – Lauro *[já fiz isso em ambiente de trabalho↓ já fiz isso e já provei isso em outras sem falar assim mas já já dei essa prova↓ só que é assim é igual a cara do pt né↓ até por ser viado pra ter que ser respeitado você tem que praticamente ser santo.*
- T171 – Tais hã hã
 T172 – Lauro você entendeu? porque é sabe igual como diz o pessoal do pt “pôrra, petista não pode deslizar uma vez não pode ter uma mulher que corneie, não pode um dia ((risos)) sei lá fazer uma negociata (aprontar) com não sei quem porque fudeu, nego joga pra joga pra baixo”.⁵ quer dizer às vezes você tem um cara corrupto que faz faz uma coisa absurda “ah é tá tudo bem ele é assim, não presta mesmo.”
 agora aquele não pode mijar fora do penico porque senão cai tudo.
 com a minha situação praticamente eu senti que é mais ou menos assim.
 eu sempre tive muita necessidade de me impor e de me dar ao respeito.
 não sei se tava errado se tava certo mas foi a maneira foi a estratégia que eu arranjei de me fazer respeitar na vida entendeu↓
- T173 – Tais agora já aconteceu assim na rua de alguém=
 T174 – Lauro =já: [()
 T175 – Tais [eh ser agressiva até
 T176 – Lauro já. não porque também quando eu era mais jovem eu >(eu tô falando com você mas)< eu era mais danadinho eu botava gostava de botar roupas botava (o que assim) calças (verm-)-- há vinte anos vinte e cinco anos usar calça vermelha-- botava roupas que os homens que não eram gays né, que os heterossexuais não usavam muito né assim↓ gostava de ter uma... acho que eu também gostava de chamar atenção e de ser polêmico mas ao mesmo tempo eu também não me sentia muito forte mas eu fazia aquela coisa que você vai fazer (uma opção) sei lá. hoje eu nunca parei pra pensar sobre isso (e se tinha não me dava--) como é que chama mesmo no mundo gay? dar coió me vaiava “é é é viado” falavam assim e muitas vezes já me senti muito encabulado com isso,

⁵ Esta entrevista ocorreu em 2003, portanto, antes dos escândalos que envolveram o governo petista no ano de 2005.

- muito encabulado↓ até porque nunca é como eu te falei apesar de ser às vezes até ter uma postura meio agressiva né↓ na roupa no jeito não sei que né↑ dando pinta sei lá o que. eu achava que (ainda) acho que na minha cabeça é uma coisa tão secundária
- T177 – Tais hã hã
- T178 – Lauro sei lá. eu não achava uma coisa eu ainda me chocava com o que eu despertava muito embora eu tivesse consciência de que eu ficava... fazendo pra chocar mesmo. mas eu ainda me chocava com a imbecilidade das pessoas de aceitar uma provocação tão boba. uma calça uma meia uma meia de outra cor uma camisa estampada isso achava uma <imbecilidade>. eu acho que isso é que me tocava no gênero humano sabe↓ era meio que decepcionado e um pouco envergonhado mas eu também não conseguia deixar de ser assim

“Gay tem que se impor”

Lauro se avalia como impositivo, porém por uma questão de sobrevivência, portanto, o atributo aqui é desejado. A seguir, afirma que os homoafetivos têm *que se impor pra caramba*, mas logo depois fala que os heterossexuais homens *quase se colocam a mercê dos gays*, pois se são desdenhosos ou agressivos em grupo – (*grr*) –, quando estão sós, sentem-se ameaçados como se fossem *uma moça que vai ser atacada por um lobão*.

Essa colocação nos remete a Link, Yang, Phelan e Collins (2004:4), quando argumentam que uma das emoções que a identificação de diferenças pode despertar no estigmatizador é o medo e que esta resposta emocional pode ser detectada pela pessoa estigmatizada. Assim, o estigmatizador sentir medo quando se depara sozinho com o estigmatizado é menos contraditório do que aparenta: em grupo, sentiriam-se seguros, sozinhos, poderiam sofrer represálias daqueles que costumam atacar. Lauro, além de construir os heterossexuais preconceituosos como covardes, que só agriem em conjunto, os constrói como indivíduos fracos, indefesos, através da metáfora da moça atacada por um lobo. Ele se coloca como pertencente ao grupo dos homoafetivos e os posiciona como impositivos, no sentido de pessoas que se impõem, portanto, assertivas. Novamente, Lauro inverte os papéis de gênero, pois o homem heterossexual, símbolo da masculinidade, é indefeso como uma moça, enquanto os homoafetivos, normalmente tidos como femininos, são assertivos e impositivos.

Segmento 10

T162 – Lauro

[eu já já já vi sim e

me vejo ainda sou professor eh mas a gente eu acostumo.

olha só, é aquilo que eu te falei né↓

eu sempre fui uma característica né↓ eu sempre fui muito impositivo sempre assim sabe↓

e tive que ser assim por questão até de sobrevivência

>porque senão não sei como é que eu ia ser<

é eu não sei uma bichinha fraquinha ou sei lá o que. não sei. mas a gente tem que se

impor pra caramba e eu sinto entre os os os caras né, os heterossexuais homens, sinto

uma (sei que) muitas vezes eles quase se colocam a mercê dos gays >sabe assim tipo<

a a situação às vezes se inverte né↓ quando homem é assim né↓ homem que não é gay eh

quando tá com outro (grr) desdenha, quando tá sozinho parece que fica se sentindo

ameaçado fica quase como se fosse uma moça que vai ser atacada por um lobão.

um lobo né?

/.../

T164 – Lauro

mas mas eu sinto sim já senti sinto muito cada vez me importo menos com isso, já me

importei claro assim... já tive já já tive que em alguns momentos o fato de ser viado

chegou na frente

/.../

T166 – Lauro

isso me deixou chateado né↓ porque eu nunca me senti assim né↓

assim super viado eu sempre achei que né↓ é é isso que eu tô falando eu nunca me senti

assim um o gay um gay () como eu sinto que eu sinto como algumas pessoas se sentem.

assim é... sempre me impus sempre foi a minha maneira política de viver mas assim

nunca me senti... hum nem com tesão de levantar determinadas bandeiras porque eu acho

que é uma coisa tão absurda a intolerância coisa você sabe↑

eu não sei eu eu sou guerreiro de uma outra frente

/.../

T168 – Lauro

tem gente que é guerreira mesmo de chegar bater fazer, eu sou uma pessoa me imponho já

meti... o bati forte assim “pôrra sou viado sim e daí? qual é o problema?

não tô a fim de ninguém aqui não”.

/.../

T170 – Lauro

[já fiz isso em ambiente de trabalho↓ já fiz isso e já provei isso em outras sem falar assim

mas já já dei essa prova↓ só que é assim é igual a cara do pt né↓

até por ser viado pra ter que ser respeitado você tem que ser praticamente santo.

/.../

T172 – Lauro

com a minha situação praticamente eu senti que é mais ou menos assim.

eu sempre tive muita necessidade de me impor e de me dar ao respeito.
 não sei se tava errado se tava certo mas foi a maneira foi a estratégia que eu arranjei de
 me fazer respeitar na vida entendeu↓

No segmento acima, Lauro prossegue dizendo que já não se importa muito com isso, mas alega que ficou chateado em momentos em que *o fato de ser viado chegou na frente*, pois nunca se definiu como gay, nunca teve *tesão de levantar determinadas bandeiras porque eu acho que é uma coisa tão absurda a intolerância coisa você sabe* ↑ *eu não sei eu eu sou guerreiro de uma outra frente*. À primeira vista, pode parecer estranho essa colocação, pois se a intolerância é tão absurda, nada mais lógico do que militar para liquidá-la, entretanto, se considerarmos os argumentos de Goffman, podemos compreender melhor. Segundo Goffman ([1963]1975:125-126),

“Os problemas associados com a militância são bem conhecidos. Quando o objetivo político último é retirar o estigma do atributo diferencial, o indivíduo pode descobrir que os seus esforços podem politizar toda a sua vida, tornando-a ainda mais diferente da vida normal que lhe foi inicialmente negada – mesmo que a próxima geração de companheiros tire um bom proveito desses esforços, obtendo maior aceitação. Mais do que isso, ao chamar a atenção para a situação de seus iguais ele está, de uma certa forma, consolidando uma imagem pública de sua diferença como uma coisa real e de seus companheiros estigmatizados como constituindo um grupo real.”

Voltando à fala de Lauro, reconhecer a intolerância como objeto de militância significa, de alguma maneira, reconhecer sua diferença como real e viver de forma mais diferente ainda do que se não militar. Assim, ele opta por viver sua homoafetividade sem ser ativista. Contudo, isso não implica em se encobrir, nem aceitar provocações.

A fala reportada “*pôrra sou viado sim e daí? qual é o problema? não tô a fim de ninguém aqui não*” revela um segundo aspecto do estigma de ser homoafetivo – gays estão sempre querendo sexo com os homens. Lauro, aqui, além de se posicionar como uma pessoa firme, destemida, recusa-se a ser posicionado como um ser sexual descontrolado e promíscuo.

Finaliza a primeira parte colocando que gay, para ser respeitado, tem que ser praticamente santo, pois já portam um estigma social. O que podemos perceber aqui é que o estigma de ser gay invade o cotidiano de quem não o encobre, obrigando aqueles que o portam a terem uma postura assertiva a fim de poderem participar da sociedade em que vivem.

“Provocação”

Segmento 11

- T176 – Lauro já. não porque também quando eu era mais jovem eu >(eu tô falando com você mas)< eu era mais danadinho eu botava gostava de botar roupas botava (o que assim) calças (verm)-- há vinte anos vinte e cinco anos usar calça vermelha-- botava roupas que os homens que não eram gays né, que os heterossexuais não usavam muito né assim↓ gostava de ter uma... acho que eu também gostava de chamar atenção e de ser polêmico mas ao mesmo tempo eu também não me sentia forte mas eu fazia aquela coisa que você vai fazer (uma opção) sei lá.
eu nunca parei pra pensar sobre isso (e se tinha não me dava--) como é que chama mesmo no mundo gay? dar coió me vaiava “é é é viado” falavam assim e muitas vezes já me senti muito encabulado com isso, muito encabulado↓ até porque nunca é como eu te falei apesar de ser às vezes até ter uma postura meio agressiva né↓ na roupa no jeito não sei que né↑ dando pinta sei lá o que.
eu achava que (ainda) acho que na minha cabeça é uma coisa secundária
/.../
- T178 – Lauro sei lá. eu não achava uma coisa eu ainda me chocava com o que eu despertava muito embora eu tivesse consciência de que eu ficava... fazendo pra chocar mesmo.
mas eu ainda me chocava com a imbecilidade das pessoas de aceitar uma provocação tão boba. uma calça uma meia uma meia de outra cor uma camisa estampada isso achava uma <imbecilidade>. eu acho que isso é que me tocava no no gênero humano sabe↓ era meio que decepcionado e um pouco envergonhado mas eu também não conseguia deixar de ser assim

Lauro se posiciona como provocador, meio agressivo, mas também como envergonhado pelo estigma. Naquela época, as vaias o deixavam constrangido, reação de quem aceita internamente que é passível de vergonha por ser o que é, ou seja, incorporava padrões da sociedade e concordava que havia ficado abaixo da expectativa, que tinha realmente um defeito (Goffman, [1963]1975: 16-17). Por outro lado, avalia aqueles que o vaiavam como imbecis, que aceitavam suas provocações, invertendo as posições, posto que quem se decepcionava com o comportamento era ele, o passível de vergonha, não aqueles que o estigmatizavam.

4.2.1.5 Mulher

A história surge quando pergunto para que faixa etária leciona. Lauro responde que é para calouros de Pedagogia e diz que noventa e tantos por cento de seus alunos são mulheres.

Mulher

- T197 – Tais você tá dando aula pra que faixa etária? [()
T198 – Lauro [eu dou aula para jovem pro pessoal que tá
entrando na universidade. dou aula de
T199 – Tais [ah então deve ser
T200 – Lauro [sociologia e de [políticas públicas
T201 – Tais [dezenove vinte anos
T202 – Lauro dezenove vinte anos. eu levo pancada pra caramba de aluno aquela coisa natural↓ né↑
que você leva de aluno que fica muito-- como eu dou turma de pedagogia muita mulher
mulher muita noventa [e tantos por cento
T203 – Tais [é pedagogia é que nem letras [é que nem a minha área
T204 – Lauro [noventa e tantos por cento.
mulher adoro mulher me dou sempre me dei muito melhor (com) mulher↓ teve uma certa
fase da vida que eu comecei “pô será que eu sou mulher?” (com) né↓ cabeça de mulher.
T205 – Tais hã hã
T206 – Lauro não. mas eh eh eh depois que eu comecei a sacar que é não é questão de identificação,
opressão que... as mulheres vivem mais da mesma forma que eu... sempre vivem mais né?
opressão por ser por ser viado e isso sempre me deu uma identificação muito maior então
eu sempre preferi ficar com as mulheres do que ficar com os homens.
>(sempre penso) que o mundo masculino é muito sem graça< sem graça entendeu?
T207 – Tais futebol e cerveja ((risos))
T208 – Lauro mui:to sem graça () achava as mulheres-- também tem tem cada tipinho que não presta
(de nada), mas no geral eu sempre tive muita mais interlocução opção por mulher por
conta disso↓ e é assim eu acho que essa coisa da discriminação da questão de ser minoria
cria muita cumplicidade... entendeu? (assim)

Lauro introduz a narrativa dizendo que *adora mulher* e que, em certa fase da vida, começou a refletir se tinha cabeça de mulher – “*pô será que sou mulher?*” (com) né↓ *cabeça de mulher*. Contudo, relata que percebeu que sua identificação com as mulheres é devido ao fato de ambos serem oprimidos. Logo a seguir, destaca um outro fator, através de uma avaliação: *o mundo masculino é muito sem graça*. Lauro usa de repetição, de ênfase e alongamento de vogal a fim apontar a importância desta avaliação – a opressão exercida pelos homens aliada a um universo masculino sem graça o levaram a se identificar mais com as mulheres.

Dessa forma, estabelece a oposição universo masculino x mulheres, ligando sexo e gênero mimeticamente (Butler, 1990:24). As mulheres, aqui representando o universo

feminino, seriam mais interessantes sobretudo por não fazerem parte do mundo masculino que os estigmatiza. Contudo, não é qualquer mulher – *também tem tem cada tipinho que não presta (de nada)* – é a mulher que rejeita a condição de exclusão, aquela que também se sente oprimida, estigmatizada, parte de uma minoria.

Lauro finaliza avaliando que a discriminação provoca cumplicidade entre os oprimidos, posicionando-se, assim, como estigmatizado e oprimido e posicionando as mulheres como igualmente estigmatizadas e oprimidas pelos homens, estigmatizadores e opressores.

4.2.2 Homoafetividade e relacionamentos amorosos

Nesta parte, tratarei da construção que Lauro faz de seu casamento com Zélio e de seu desinteresse por aventuras amorosas sem importância.

4.2.2.1 Era o que eu queria

A história emerge após Lauro fazer uma narrativa sobre o fato de não gostar de ficar namorando indiscriminadamente. Compreende os turnos 40 e 42.

Era o que eu queria

- T40 – Lauro /../
 aí↑ acabei aí quando eu conheci o zélio eu tinha vinte e um anos. (ah pô) já estou com o zélio vinte e três anos↓ eu tinha vinte e um vinte anos vinte anos. foi em oitenta.
 aí eu fiquei: i idas e vindas relutei pra cara:mba pra ficar junto porque eu achava que eu não podia ficar junto que não era uma coisa muito legal que eu tinha que experimentar mais↓ aí eu me separa:va aí queri:a eh mas não consegui:a achava muito chato↓
 aí voltava. o zélio sempre foi muito () ele sempre foi muito determinado com o que queria↓ então a determinação dele-- sempre me esperou sempre insistiu e eu acho que isso acabou me ganhando porque no fundo (eu acho o que) é o que eu sempre queria entendeu↓
- T41 – Tais hum hum
- T42 – Lauro estar assim meio que casa:do essas coisas

No segmento abaixo, Lauro introduz e orienta a história: do que tratará (como começou seu relacionamento com Zélio), quem são os personagens (ele e Zélio) e quando ocorreu (anos oitenta, quando tinha vinte anos):

Segmento 12

T40 – Lauro aí↑ acabei aí quando eu conheci o zélio eu tinha vinte e um anos. (ah pô) já estou com o zélio vinte vinte e três anos↓ eu tinha vinte e um vinte anos vinte anos. foi em oitenta.

Na ação, Lauro narra o início de seu relacionamento com Zélio: relutou para assumir que queria ficar com ele devido a cobranças que se fazia de viver aventuras, contudo, sempre voltava para o namorado, pois avaliava como *muito chato* as experiências que tinha.

Lauro se posiciona como indeciso, mas também como desejado – Zélio sempre o aceitava quando queria reatar o namoro:

Segmento 13

T40 – Lauro aí eu fique:i idas e vindas relutei pra cara:mba pra ficar junto porque eu achava que eu não podia ficar junto que não era uma coisa muito legal que eu tinha que experimentar mais↓ aí eu me separava aí queri:a eh mas não consegui:a achava muito chato↓
aí voltava.

Na avaliação do segmento abaixo, percebemos que, ao contrário do que se poderia imaginar - Zélio sempre o aceitando de volta – Lauro avalia como determinação o que o motivava, não fraqueza:

Segmento 14

T40 – Lauro o zélio sempre foi muito () ele sempre foi muito determinado com o que queria↓

Lauro acaba ficando com Zélio porque este, com sua determinação, o conquistou definitivamente. Contudo, Lauro alega que no fundo era o que sempre quis, ou seja, a união também se deu por sua causa:

Segmento 15

T40 – Lauro então a determinação dele-- sempre me esperou sempre insistiu e eu acho que isso acabou me ganhando porque no fundo (eu acho o que) é o que eu sempre queria entendeu↓

- T41 – Tais hum hum
 T42 – Lauro estar assim meio casa:do essas coisas

Lauro finaliza a narrativa se posicionando como estável, como alguém que sempre quis estar casado. Embora construa Zélio como determinado e afirme que sua insistência é que o conquistou, Lauro não é passivo – ele vai e volta quando quer - e ficou porque quis – *porque no fundo (eu acho o que) é o que eu sempre queria.*

Esta narrativa é mais um reforço do posicionamento de Lauro como alguém *meio diferente*, que, ao contrário do esperado de um rapaz jovem, quer um relacionamento estável, não uma sucessão de casos sem importância.

4.2.2.2 Relacionamento com o Zélio

Esta história é composta de duas partes, “Namoro com o Zélio” (turnos 64-68) e “Morando com o Zélio” (crônica compreendida entre os turnos 68-70), com uma explicação encaixada, “Famílias” (turno 68), e surge após eu querer esclarecer quando Lauro casou com Zélio.

Relacionamento com o Zélio

- T61 – Tais agora você falou que você você foi veio morar com o zélio quando você tinha uns vinte vinte e um=
 T62 – Lauro =não [não
 T63 – Tais [você morava com seus pais?
 T64 – Lauro =não não. eu não morei com o zélio. foi assim, a gente começou eu tinha vinte e um... e o zélio tinha:... dezoito depois ele fez vinte. a diferença da gente é um ano e pouco eu sou mais velho. eh então aí >idas e vindas idas e vindas idas e vindas aquilo< não sabia se queria se eh eh >aquela coisa toda< até que há <quinze> (dezesseis)-- eu me considero casado porque na verdade... eu vou te falar (a verd--)-- eu nem me lembro direito como é que é a vida sem o zélio você entendeu?
 T65 – Tais hum hum
 T66 – Lauro a gente tá junto há tanto tempo e junto ou não muito junto a gente tá há tanto tempo que pra mim é é... como se fosse uma... (um desses) quase uma geração vinte e três anos↓ parece uma coisa só que não teve interrupção, não teve hiato. então mas morar a gente-- quando ele-- >foi assim< aí eu tinha a minha casa. na minha casa morava com a minha mãe morava com a minha família mas o zélio dormia lá. sabe eu não dava muitas explicações (assim) acho que eu sempre fui muito impositivo. eu também não sei se foi legal isso mas sempre fui muito impositivo. aí o zélio dormia minha mãe briga:va ela sempre brigou muito brigava comigo falava [mas (não)

- T67 – Tais [ela ela percebia que vocês [(transavam)
 T68 – Lauro [ela percebia mas ela já percebeu o outro anterior...
 ela percebeu (mas eu às vezes) eu não sei sabe↓ ela sempre gostou muito do zélio ele... adorava minha família adorava... ele. ele namorava minha prima.
 pra você ter uma idéia né quando a gente começou ele era namorado da minha prima. e foi ele que começou a dar em cima de mim não fui eu que comecei a dar em cima dele não. e assim né ele namorava-- é aquela coisa de criança né↑ a minha prima era mais no:va o que ela tinha uns dezesseis dezessete anos ele já devia ter e aí a gente assim não sei que e aí “não não sei que” mas aí depois ele terminou com ela e a gente engatou. aí foi assim aí às vezes ele dormia na minha casa, outras vezes eu entrava escondido na casa dele que ele era meu vizinho né e a gente dormia junto↓ mas assim a minha família (tá acostu-) acho que ela foi se acostumando também igual a mim a ter aquela figura na minha vida. assim no começo não era muito legal mas eu já não me lembro <quando>. eu já não me lembro eu já não sei precisar pra você (qual) é que foi o tempo que eles... pararam de... tem tanto tempo↓ pararam de implicar com o zélio assim minha irmã no começo era muito ciumenta mas hoje ela ado:ra aquela coisa eh (devia estar aquela) coisa monótona a gente se dá bem↑ é quer dizer com a minha família. eu com a família dele eu não me dou bem↓ não a família dele (se vai) é outra história. é radical. não acei:ta ah engole mas não aceita a coisa não é verbalizada↓ com a minha família eu acho que por eu ser mais impositivo então a coisa sempre foi mais às claras e a minha família é mais tolerante também↓ muito <doida> família meio maluca mais louca mais tolerante mais assim... agora a gente começou a morar junto o que uns quinze anos... quinze anos talvez quando ele comprou um (apartam-)-- aí ele quis sair da casa dele que ele também não se sentia bem aí comprou um apartamento lá em são gonçalo (onde) a gente morava↓ aí eu ficava muito lá. ficava lá quatro dias dois dias na casa da minha mãe. aí meu pai já tinha morrido meu pai morreu em oitenta e cinco↓ oitenta e cinco por aí e aí a gente (fica) ficava na casa da minha mãe ficava lá e ele ficava lá em casa não sei que e aquilo↓ agora morar junto na mesma casa direto a gente mora desde noventa e... acho que noventa e cinco↓ quando essa minha amiga morreu quando essa minha amiga morreu. há uns oito nove anos por aí essa minha amiga que eu quase tive um filho morreu. aí aí vocês aí já vieram pra cá morar=
 T69 – Tais =é. aí não aí a gente veio aí eu comprei um apartamento no no catete↓
 T70 – Lauro aí fiz uma reforma e a gente veio pra cá, o zé não queria vir mas eu sempre trabalhei aqui no rio e... queria mudar. aí a gente veio pra cá aí a vida ficou junto ficou boa aí a gente depois mudou de lá ficou um tempo aí veio morar aqui em botafogo aí nós depois viemos (mudamos pra cá) continuamos aqui em botafogo↓ aí compramos essa casa essa casa (já) foi comprada por nós dois. o apartamento do catete foi comprado por mim, o de botafogo aqui na são clemente foi comprado por mim↓ mas essa aqui já foi comprada por nós dois a gente já... as nossas coisas são todas divididas >(é tudo meio misturado mas)< misturada sabe

“Namoro com o Zélio” – primeira parte

Na introdução, Lauro narra que começaram a se relacionar com cerca de 20 anos e, entre idas e vindas, estão juntos há vinte e três anos. Lauro avalia que *parece uma coisa só que não teve interrupção, não teve hiato*. A relação que tem com Zélio faz parte

dele – *eu nem me lembro direito como é que é a vida sem o zélio* –, ou seja, seu comprometimento é tamanho que, numa metáfora, penetraria a sua própria memória.

Lauro resume a narrativa: ele morava com a família e Zélio dormia lá:

Segmento 16

T66 – Lauro /.../ >foi assim< aí eu tinha a minha casa. na minha casa morava com a minha mãe morava com a minha família mas o zélio dormia lá.

Lauro fala que não dava muitas explicações à mãe, que brigava muito com ele. Ele avalia que sempre foi muito *impositivo*, usando de ênfase para marcar uma característica que acredita ter e que também não consegue avaliar se é uma coisa boa ou ruim. Também avalia que a mãe *sempre brigou muito*, ou seja, não brigava apenas devido à situação de Zélio, mas, possivelmente, porque ele queria impor à mãe suas vontades. Impositivo, nesta narrativa, não é mais apenas um atributo ligado à assertividade, mas um atributo ligado ao autoritarismo. Por isso Lauro não conseguir precisar se era uma característica boa ou ruim: ser impositivo no sentido de se impor é uma coisa; ser impositivo no sentido de impor as próprias vontades aos outros é outra:

Segmento 17

T66 – Lauro /.../ sabe eu não dava muitas explicações (assim) acho que eu sempre fui muito impositivo. eu também não sei se foi legal isso mas sempre fui muito impositivo.
aí o zélio dormia minha mãe briga:va ela sempre brigou muito brigava comigo falava [mas (não)]

No segmento abaixo, Lauro dá uma informação (Norrick, 2000), dizendo que a mãe já sabia que ele era gay na ocasião que começou a namorar Zélio. Informa, ainda, que a família já conhecia Zélio porque ele namorava sua prima e que não só Zélio adorava sua família, como parece que era correspondido (a impressão que se tem quando se ouve a fita é que ele usa o objeto da oração *ele adorava minha família* e o coloca como sujeito de outra oração *minha família adorava... ele.*):

Segmento 18

T67 – Tais [ela ela percebia que vocês [(transavam)]
 T68 – Lauro [ela percebia mas ela já percebeu o outro anterior...
 ela percebeu (mas eu às vezes) eu não sei sabe↓ ela sempre gostou muito do zé.
 ele adorava minha família adorava... ele. ele namorava minha prima.

Lauro estabelece quando se passa a história – no início do namoro com Zélio –, quem participa – ele, sua prima e Zélio – e do que tratará – de como começaram a namorar. Coloca que Zélio começou a *dar em cima* dele, enfatizando a palavra ele, a fim de marcar quem foi o agente da conquista. Lauro ainda faz um discurso reportado de uma suposta hesitação de sua parte – “não não sei que”, enfatizando o primeiro não e a palavra que, simbolizando seus argumentos para não ceder, marcando sua resistência às investidas do atual marido:

Segmento 19

T68 – Lauro /.../ pra você ter uma idéia né quando a gente começou ele era namorado da minha prima. e foi ele que começou a dar em cima de mim não fui eu que comecei a dar em cima dele não. e assim né ele namorava-- é aquela coisa de criança né↑ a minha prima era mais no:va o que ela tinha uns dezesseis dezessete anos ele já devia ter... e aí a gente assim não sei que e aí “não não sei que” mas aí depois ele terminou com ela e a gente engatou.

Lauro fala que depois Zélio terminou com a namorada e eles começaram a namorar, o que nos revela que as investidas de seu marido se deram enquanto ele ainda estava namorando a prima dele. Justifica a preferência de Zélio por ele através da avaliação de que o namoro com a prima era *aquela coisa de criança*, e também pelo fato de que a prima *era mais no:va*. O uso da expressão *ele já devia ter*, quando coloca *que ela tinha dezesseis dezessete anos ele já devia ter...*, nos leva a pensar que haveria uma distância grande de idade entre os dois e por isso o desinteresse, contudo, no início da narrativa “Namoro com o Zélio”, havia dito que ele tinha dezenove anos, ou seja, não era tão mais velho que a menina.

Lauro se posiciona como desejado e Zélio como desejante; se constrói como alguém passível de ser conquistado e constrói Zélio como determinado. Aliás, na

narrativa “Era o que eu queria”, Lauro também constrói Zélio como determinado e como aquele que o conquistou.

Segmento 20

T68 – Lauro /.../ aí foi assim aí às vezes ele dormia na minha casa, outras vezes eu entrava escondido na casa dele que ele era meu vizinho né e a gente dormia junto↓

No segmento acima, Lauro conta que os dois começaram a namorar, revesando a casa onde se encontravam. Narra que *entrava escondido* na casa de Zélio, o que nos leva a deduzir que a família deste não aprovava os encontros, o que é confirmado na explicação “Famílias”.

“Famílias” – explicação encaixada

Segmento 21

T68 – Lauro assim no começo não era muito legal mas eu já não lembro <quando>. eu já não me lembro eu já não sei precisar pra você (qual) é que foi o tempo que eles... pararam de... tem tanto tempo↓ pararam de implicar com o zélio assim minha irmã no começo era muito ciumenta mas hoje ela ado:ra aquela coisa eh (devia estar aquela) coisa monótona a gente se dá bem↑ é quer dizer com a minha família. eu com a família dele eu não me dou bem↓ não a família dele (se vai) é outra história. é radical. não acei:ta ah engole mas não aceita a coisa não é verbalizada↓ com a minha família eu acho que por eu ser mais impositivo então a coisa sempre foi mais às claras e a minha família é mais tolerante também↓ muito <doida> família meio maluca mais louca mais tolerante mais assim...

Lauro faz a proposição de que, no começo, o relacionamento com a família não era muito bom, mas que depois pararam de implicar com o Zélio. A partir daí, enumera as razões: a irmã tinha ciúmes, mas passou; Lauro impôs à família suas escolhas, que sempre foram às claras, sem subterfúgios; sua família é mais tolerante; sua família é mais doida.

A segunda proposição é a de que não se entende com a família de Zélio. Enumera, então as razões: a família de Zélio é radical; a família de Zélio não aceita, *engole*, seu relacionamento com Lauro.

Nessa explicação, Lauro constrói sua família como tolerante e a do Zélio como intolerante. Mais uma vez se posiciona como uma pessoa impositiva, entretanto, aqui, isso é um atributo desejado, pois faz com que haja mais clareza nas relações familiares.

“Morando com Zélio” – segunda parte

Nessa crônica, Lauro começa dizendo que começaram a morar juntos há uns quinze anos, mas depois acrescenta que *morar junto na mesma casa direto* foi a partir de noventa e cinco. Para Lauro, morar junto tem relação com dormir junto, pois menciona que, após Zélio comprar um apartamento, dormia muito lá – *ficava lá quatro dias dois dias na casa da minha mãe*. Coloca, ainda, que, após a morte de seu pai, Zélio ficava na casa dele também:

Segmento 22

T68 – Lauro *agora* a gente começou a morar junto o que uns quinze anos... quinze anos talvez quando ele comprou um (apartam-)-- aí ele quis sair da casa dele que ele também não se sentia bem aí comprou um apartamento lá em são gonçalo (onde) a gente morava↓
aí eu ficava muito lá. ficava lá quatro dias dois dias na casa da minha mãe.
aí meu pai já tinha morrido meu pai morreu em oitenta e cinco↓ oitenta e cinco por aí e aí a gente (fica) ficava na casa da minha mãe ficava lá e ele ficava lá em casa não sei que e aquilo↓ agora morar junto na mesma casa direto a gente mora desde noventa e... acho que noventa e cinco↓ quando essa minha amiga morreu quando essa minha amiga morreu.
há uns oito nove anos por aí essa minha amiga que eu quase tive um filho morreu.

T69 – Tais *aí aí vocês aí já vieram pra cá morar=*

T70 – Lauro *=é. aí não aí a gente veio aí eu comprei um apartamento no catete↓ aí fiz uma reforma e a gente veio pra cá, o zé não queria vir mas eu sempre trabalhei aqui no rio e... queria mudar. aí a gente veio pra cá aí a vida ficou junto ficou boa aí a gente depois mudou de lá ficou um tempo aí veio morar aqui em botafogo aí nós depois viemos (mudamos pra cá) continuamos aqui em botafogo↓ aí compramos essa casa essa casa (já) foi comprada por nós dois. o apartamento do catete foi comprado por mim, o de botafogo aqui na são*

clemente foi comprado por mim↓ mas essa aqui já foi comprada por nós dois a gente já...
as nossas coisas são todas divididas >(é tudo meio misturado mas)< misturada sabe

Lauro marca o início de seu casamento com duas mortes: na primeira etapa, passam a dormir juntos, seja no novo apartamento de Zélio, seja em sua casa, após a morte de seu pai; na segunda etapa, no ano em que sua amiga morreu. Assim, relaciona dois grandes momentos de sua vida – casamento e morte, marcando aquele como transformação tão contundente quanto este.

Lauro enumera as diversas residências que ele e Zélio tiveram e finaliza a crônica dizendo que o último apartamento, o lugar onde estava dando entrevista, foi comprado pelos dois e que dividiam tudo, tudo é uma misturada. Constrói, então, seu casamento como um relacionamento de total parceria.

4.2.2.3 Casamento com o Zélio

Essa história é composta de duas partes, “Muito senhorio” (turnos 114-126) e “Papel feminino” (turnos 126-130). Ela foi gerada quando indaguei sobre ciúme.

Casamento com o Zélio

- T113 – Tais e ciúme é uma coisa...
- T114 – Lauro eu sou ciumento e disfarço muito bem sabe↓ eu sou ciumento mas de atenção sabe
- T115 – Tais hum hum
- T116 – Lauro sabe assim disfarço bem. já fui menos ciumento e estou ficando cada vez mais ciumento↓ e tento me (disfarçar) e tento me segurar porque... não acho que é uma coisa legal não é legal pra mim também. acho que não é legal pra ele e... estou ficando mais ciumento mais possessivo. o tempo tá me dando muito senhorio que eu não tô gostando
- T117 – Tais hum hum
- T118 – Lauro sabe igual como diz uma música “pegando muito ar daquelas” (sabe) “de minha senhora”. é uma música de de sua senhora. fátima guedes é que fala pegando muito ar de sua senhora. não tô gostando. não tô gostando desse negócio (em mim).
ando me segurando mas tô mais possessivo tô fazendo mais cara feia↓ tô isso tô assim mas não acho que tá sendo uma coisa legal. e o zélio por sua vez eu tenho percebido que ele tá mais solto mais leve >ele sempre foi muito mais desesperado< nessa relação sabe↓ (sempre foi muito mais) sempre dava a impressão de que gostava muito mais de mim do que eu gostava dele... e não é que tenha que eu esteja gostando mais ou menos mas é porque eu tô mais possessivo e ele tá menos possessivo muito embora assim a... as demonstrações de carinho de afeto continuam as mesmas↓
aliás ele permanece ele é igual e parece a mesma coisa de quando eu conheci↓

- eu mudei muito mas ele parece a mesma coisa de quando eu conheci há vinte e três anos atrás↓ parece mesmo.
eu mudei eu realmente a frequência sexual eh diminuiu pra caramba↓
 agora outras coisas entram no jo:go outros valo:res. isso no meu caso né me apeguei mais mas ele (cons-) continua com a mesma paixão inclusive física
- T119 – Tais hum hum
- T120 – Lauro sabe aquela paixão física aquele
- T121 – Tais que bom
- T122 – Lauro aquele desejo é legal mas (viu) hh aí fica uma coisa (às vezes eu até não pô)
- T123 – Tais dá um descompasso
- T124 – Lauro dá um certo descompasso porque hoje eu tô muito mais feminino sabe assim dentro do que
- T125 – Tais [hã hã
- T126 – Lauro [dessa coisa de papel feminino eu acho o companheirismo mais bacana mais legal (outro) também gosto mas gosto né↓ a gente gosta de ter relação sexual↓ mas não é com a mesma frequência de jeito nenhum e não é na mesma proporção do zélio entendeu?
- T127 – Tais hã hã
- T128 – Lauro já foi mais agora não. meus valores são outros. eu consigo ficar ah semanas sem transar e o zélio se puder transa todo dia. você entendeu?
- T129 – Tais entendi (lógico)
- T130 – Lauro é um descompasso né mas a gente tenta equacionar isso↓ eu já brigo muito às vezes “porra (ó) isso vai acabar com a nossa relação porque é ruim você se sentir forçado” não sei que. “ah mas se não forçar às vezes não der uma uma prensa você não vai porque você não gosta do”-- e o pior é que eu não acho que eu acho que eu gosto até mais só que... gosto mais ou tô mais... sei lá mais ciente da nossa situação e me sinto até mais feliz com a situação mas ao mesmo tempo: não tenho o mesmo impulso entendeu↓
 >nem pra ele nem pra outros<... >(a mesma coisa)<

“Muito senhorio” – primeira parte

Lauro introduz a narrativa respondendo a pergunta da entrevistadora: *eu sou ciumento e disfarço muito bem sabe*↓ *eu sou ciumento mas de atenção sabe*↓, contudo, coloca já foi menos ciumento e está cada vez mais ciumento e avalia que isso não é *uma coisa legal* para ele, nem para Zélio, o que nos leva a perceber que vai tratar das mudanças ocorridas em seu casamento. Isso é confirmado pela fala no final da introdução, quando diz *o tempo tá me dando muito senhorio*, ou seja, o desenvolvimento do casamento e suas conseqüências serão os temas dessa narrativa.

Lauro prossegue fazendo uma comparação de como tem se sentido com a letra de uma música: está possessivo como se fosse dono de seu marido e avalia que isso não é bom: *tô isso tô assim mas não acho que tá sendo uma coisa legal*. Por outro lado, constrói Zélio como alguém que está mais tranquilo, que os anos de casamento deram

mais segurança: *ele tá mais solto mais leve >ele sempre foi muito mais desesperado< nessa relação sabe*↓.

Ao longo da narrativa, Lauro relata as mudanças ocorridas dentro de si ao mesmo tempo em que fala que Zélio, embora tenha mudado na questão da possessividade, não mudou nas atitudes: *aliás ele permanece ele é igual e parece a mesma coisa de quando eu conheci*↓ *eu mudei muito mas ele parece a mesma coisa de quando eu conheci há vinte e três anos atrás*↓.

A repetição que faz acerca da constância de Zélio nos leva a perceber que algum fato específico o está incomodando - *ele permanece, ele é igual, parece a mesma coisa, ele parece a mesma coisa, parece mesmo* -, o que se confirma quando passa a exemplificar uma de suas mudanças e uma das permanências de Zélio: *eu mudei eu realmente a frequência sexual eh diminuiu pra caramba*↓, *ele (cons-) continua com a mesma paixão inclusive física*. Diante da minha falta de reação, que apenas fiz *hum hum*, Lauro repete – *sabe aquela paixão física aquele* –, o que provoca uma fala minha que não era a desejada – *que bom* –, fazendo com que Lauro precise ser direto – *aquele desejo é legal mas (viu) hh aí fica uma coisa (às vezes eu até não pô)* –, o que permite que eu finalmente entenda aonde quer chegar e complete – *dá um descompasso* –, observação que Lauro concorda, repetindo o que eu disse – *dá um certo descompasso*, esclarecendo o problema.

“Papel feminino” – segunda parte

Segmento 23

- T124 – Lauro porque hoje eu tô muito mais feminino sabe assim dentro do que
- T125 – Tais [hã hã
- T126 – Lauro [dessa coisa de papel feminino eu acho o companheirismo mais bacana mais legal (outro) também gosto mas gosto né↓ a gente gosta de ter relação sexual↓ mas não é com a mesma frequência de jeito nenhum e não é na mesma proporção do zélio entendeu?
- T127 – Tais hã hã
- T128 – Lauro já foi mais agora não. meus valores são outros. eu consigo ficar ah semanas sem transar e o zélio se puder transa todo dia. você entendeu?
- T129 – Tais entendi (lógico)

T130 – Lauro é um descompasso né mas a gente tenta equacionar isso↓ eu já brigo muito às vezes “porra (ó) isso vai acabar com a nossa relação porque é ruim você se sentir força:do” não sei que. “ah mas se não forçar às vezes não der uma prensa você não vai porque você não gosta do”-- e o pior é que eu não acho que eu acho que eu gosto até mais só que... gosto mais ou tô mais... sei lá mais ciente da nossa situação e me sinto até mais feliz com a situação mas ao mesmo tempo: não tenho o mesmo impulso entendeu↓
>nem pra ele nem pra outros<... >(a mesma coisa)<

Lauro começa a segunda parte da história avaliando que hoje em dia é mais feminino e acrescenta *dentro do que [dessa coisa de papel feminino*, fazendo referência a papéis sociais.

Os papéis sociais femininos e masculinos a que se refere são os tradicionais: o homem mantendo intacto seu desejo sexual x valores femininos de companheirismo – *[dentro do que [dessa coisa de papel feminino eu acho o companheirismo mais bacana mais legal*. Lauro busca uma cumplicidade feminina comigo, dizendo: *a gente gosta de ter relação sexual↓ mas não é com a mesma freqüência de jeito nenhum*, ou seja, como sou mulher, também teria essa característica dita feminina de não ter um desejo sexual tão exacerbado quanto o dos homens. Assim, Lauro se coloca dentro de um papel social tradicional, porém deslocado, posto que é um homem dizendo-se mais feminino.

Lauro finaliza a introdução dizendo que seu desejo *não é na mesma proporção* do Zélio, *já foi mais* agora não, *seus valores são outros*, consegue ficar *semanas sem transar* e seu companheiro *se puder transa todo dia*, por isso o descompasso, que será explorado durante a narrativa.

Lauro fala que tentam equacionar o problema e usa de fala reportada, mostrando o tipo de discussão que esse descompasso gera: “porra (ó) isso vai acabar com a nossa relação porque é ruim você se sentir força:do” /.../ “ah mas se não forçar às vezes não der uma uma prensa você não vai porque você não gosta do”. Ele alega que o fato de não querer com a mesma freqüência não quer dizer que goste menos de relações sexuais: *e o pior é que eu não acho que eu acho que eu gosto até mais só que... gosto mais*, contudo, reflete *ou tô mais...sei lá mais ciente da nossa situação e me sinto até mais feliz com a situação mas ao mesmo tempo: não tenho o mesmo impulso*, ou seja, está

desvinculando o desejo sexual do companheirismo, colocando este último como ter consciência da importância do relacionamento em oposição àquele. Lauro finaliza afirmando enfaticamente que não tem o mesmo impulso *nem pra ele nem pra outros*, certamente para que eu perceba que não é um simples desinteresse após anos de casamento, mas uma mudança de postura, que associa ao papel feminino.

4.2.2.4 Casamento

Essa história é composta de duas explicações, “Sou bem casado” (turnos 292-302) e “Vida a dois” (turnos 332, 334-338, 342), e duas explicações encaixadas “Individualismo exacerbado” (turnos 334, 338) e “Eu também me enganei” (turnos 338-340). Ela surge após Lauro falar sobre o fato de que deveria de ter tido mais relacionamentos com mulheres, mas que não aconteceu e ele tem que conviver com isso.

Casamento

- T292 – Lauro no entanto hoje meu tipo de vida com a vida que eu tenho↓ (pô) eu sou bem casado eu acho que eu sou um cara bem casado sabe↓ assim acho que eu tenho uma posição privilegiada em relação a a muita gente então o cara é bacana é legal, eu sou bacana legal a gente se... (entende)↓ sei lá tem horas assim que eu fico pensando “meu deus”. eu tava falando com a minha sobrinha isso “minha filha não é sexo. é alma.” é uma compreensão tã:ô maior do que (eh) assim é uma cumplicidade que se estabelece tão maior tão mais profunda do que a física que >até física nem tanta né, assim né tem um certo descompasso< mas tem uma cumplicidade espiritual que não é espírito (você me entendeu↓) você entende↑
- T293 – Tais [entendo o que você tá falando
- T294 – Lauro [no sentido do espírito da da da coisa de você conhecer o outro o outro te conhecer, você mentiu o outro saber que você tá mentindo↓ esse jogo pra mim é uma coisa tão excitante↓ tão fascinante sabe↑ da convivência... e do e do amor também (isso tudo) é mesclado com amor é um negócio que (tu me) é um negócio que é muito grande. você entende↑ é uma coisa muito grande é um negócio que não dá pra abrir mão.
- T295 – Tais hã hã
- T296 – Lauro então por mais que eu tenha os meus problemas eu não consigo-- pelo menos até hoje é igual a (aquilo)↓ até hoje eu sei. eu não conseguiria abrir mão hoje conscientemente não conseguiria (abrir) abrir mão disso por mais que isso seja represente algum proble:ma não sei que que “ah e se:?” sabe↑ “e se?” e a vida não é laboratório entendeu ou é isso ou é aquilo. infelizmente. >mas então< isso que eu tenho hoje e que não é só questão de ter uma vida juntos financeira e relativamente estável é uma cumplicidade:: espiritual no sentido de... que às vezes me assusta↓ isso me juro que me assusta é saber que não posso mentir que eu não vou conseguir mentir ou que eu vou mentir e que ele vai saber que eu estou mentindo mas ele vai aceitar porque ele sabe que eu sou assim que às vezes as pequenas mentiras a gente mente faz isso faz aquilo. como eu também percebo assim

- sabe[↑] é uma coisa muito esquisita tais. é muito esquisita[↓] eh e isso é um negócio que eu hoje não conseguiria abrir mão. pra resolver outras coisas você entendeu[↓]
- T297 – Tais é até porque no fundo no fundo todo mundo tá buscando é isso
- T298 – Lauro ih eu acho que [(sim)
- T299 – Tais [encontrar um pessoa
- T300 – Lauro [eu acho que sim.
- T301 – Tais [que afine de não precisar às vezes nem falar=
- T302 – Lauro =não precisar falar e é é uma coisa assim que eu também eu tenho muito disso.
/.../
- T332 – Lauro =entendeu? você é você é e assim e amizade e tolerância e casamento é assim eh...
o limite é saber que você tem seu limite o outro saber que você tem seu limite e assim tentar... manejar né (que) se valer a pena[↓] a gente só tá junto porque vale a pena.
é isso que eu te digo nosso casamento só funciona porque vale a pena[↓] eu não saberia te dizer o quê que eu poderia fazer de melhor se não tivesse o zélio. não sei. não sei.
sinceramente. pode ser que eu veja °(não tô te dizendo)°, mas eu não saberia te dizer se eu poderia estar tendo uma coisa melhor hoje. eu acho que de jeito nenhum estaria então eu estou na situação que eu queria estar. você entendeu?
- T333 – Tais hã hã
- T334 – Lauro é pois é[↓] graças a deus. eh agora tem muita gente ô ô tais que não pensa assim.
eu não sei não sei... menos entre as mulheres (mun-) no mundo gay tem muita gente que pensa assim[↓] não sei também se (pessoas) amigos meus que são meio que desiludidos com com as relação:es né[↑] aí é um pouquinho introjetado demais essa maluquice da: subjetividade individualidade do eu acima de tudo porque pra viver uma relação você tem que... não tô dizendo não tô dizendo não tô dando receita mas assim se pra no meu caso a gente tem que abafar um pouco o ego e é difícil pra caramba
- T335 – Tais hum hum
- T336 – Lauro enxergar o outro ver o limite do outro o espaço do outro... é difícil pra caramba né[↓]
é difícil muito difícil. isso às vezes é pesado a gente briga (pra) caramba mas prevalece sabe[↓] aquilo que eu te falei[↓] a coisa do valer a pena sabe () a gente se engalfinha[↓]
briga mesmo. eu fico insuportável ele também fica insuportável mas prevalece o que é bom[↓] o que é bom tá guardado sabe[↓] não
- T337 – Tais hum hum
- T338 – Lauro o que é bom continua ali muito embora arranhe volta. é legal é legal agora eu sei que não é todo mundo que consegue e também as relações não tão pra isso. eu acho acho inclusive que o mundo não tem preparado as pessoas pra viver isso e nem as pessoas estão convencidas hoje pela própria:: sociedade de que isso é uma coisa muito válida.
estão muito individualizadas (são) “ai o meu espaço”. então às vezes tu vê (a coisa) “ai ai o meu espaço”-- ficam introjetando uma coisa sabe[↑] um (indiv-) um individualismo exacerbado que não traz felicidade e ao mesmo tempo elas ficam sem saber como... dar a volta naquilo. mas é isso que tão que tão passando como: positivo como socialmente válido hoje e:: sabe[↑] até isso eu tive que quebrar porque eu também me enganei com isso. “não e eu e meu prazer e meu corpo e eu eu eu”. quando eu fui perceber que eu não tô sozinho no mundo mesmo. não tem esse papo de que... eu (só me) construo-- a sociologia é maravilhosa né[↓] você só se constrói como o homem (vivendo) na sociedade através do olhar do outro você se enxerga.
eu dependo sinceramente dependo profundamente do outro entendeu[↑]
dependo <profundamente sem sombra de dúvida>. não tenho a mínima vergonha não, eu dependo sim dependo porque só assim é que eu (me) consigo me entender [sabe[↑]
[hum hum
- T339 – Tais
- T340 – Lauro mas só assim. é isso.
- T341 – Tais () bom eu acho que é por aí mesmo. eu acho também [()
- T342 – Lauro [é. é. eu também né[↓]
sei lá[↑] né[↓] de repente-- (mas) tô vivendo assim-- tá, de vez em quando eu ()

mas vamos vivendo assim↓ mas a gente vive bem. se dá bem né↓

“Sou bem casado” – primeira parte

Na primeira explicação, Lauro estabelece a proposição de que é bem casado e que isso é um privilégio. A seguir enumera suas razões: ambos são legais; não é só sexo, é alma; há compreensão; há cumplicidade; ambos se conhecem profundamente; os problemas são menores do que as compensações; há cumplicidade espiritual, não só financeira; não consegue mentir ou se conseguir, será aceito.

Ao mesmo tempo, faz várias avaliações acerca do relacionamento: é fascinante; é excitante; é muito grande; é muito esquisito e é assustador, mas não conseguiria viver sem isso.

Lauro constrói sua relação com Zélio como algo mais espiritual do que físico ou financeiro. Constrói a vida a dois como um romance, usando todos os clichês, onde tudo pode ser superado, inclusive as falhas pessoais – *eu não vou conseguir mentir ou que eu vou mentir e que ele vai saber que eu estou mentindo mas ele vai aceitar porque ele sabe que eu sou assim que às vezes as pequenas mentiras a gente mente faz isso faz aquilo*. Dessa maneira, Lauro também está se construindo e construindo seu companheiro como pessoas comuns, com defeitos e virtudes, mas pessoas românticas que acreditam no amor como cumplicidade e conhecimento mútuo.

Após falar sobre amizades e relacionamentos em geral, Lauro retoma a questão do casamento.

“Vida a dois” – segunda parte

A primeira proposição é a de que casamento é tolerância e as razões são: tem que se manejar os limites de ambos; tem que abafar egos; tem que enxergar o outro; tem que ver o espaço do outro:

Segmento 24

T332 – Lauro =entendeu? você é você é e assim e amizade tolerância e casamento é assim eh...

- o limite é saber que você tem seu limite o outro saber que você tem seu limite e assim tentar... manejar né (que) se valer a pena↓
/.../
- T334 – Lauro porque pra viver uma relação você tem que... não tô dizendo não tô dizendo não tô dando receita mas assim se pra no meu caso a gente tem que abafar um pouco o ego e é difícil pra caramba
- T335 – Tais hum hum
- T336 – Lauro enxergar o outro ver o limite do outro o espaço do outro... é difícil pra caramba né↓ é difícil muito difícil. isso às vezes é pesado

A segunda proposição dessa explicação é que o casamento de Lauro vale a pena. As razões são que Lauro não sabe o que poderia fazer melhor sem o Zélio; não teria nada melhor do que tem; o que há de bom supera as brigas:

Segmento 25

- T332 – Lauro /.../
a gente só tá junto porque vale a pena. é isso que eu te digo nosso casamento só funciona porque vale a pena↓ eu não saberia te dizer o quê que eu poderia fazer de melhor se não tivesse com o zélio. não sei. não sei. sinceramente. pode ser que eu veja né °(não tô te dizendo)°, mas eu não saberia te dizer se eu poderia estar tendo uma coisa melhor hoje. eu acho que de jeito nenhum estaria então eu estou na situação que eu queria estar. você entendeu?
- T333 – Tais hã hã
- T334 – Lauro é pois é↓ graças a deus.
/.../
- T336 – Lauro a gente briga (pra) caramba mas prevalece sabe↓ aquilo que eu te falei↓ a coisa do valer a pena sabe () a gente se engalfinha↓ briga mesmo. eu fico insuportável ele também fica insuportável mas prevalece o que é bom↓ o que é bom tá guardado sabe↓ não
- T337 – Tais hum hum
- T338 – Lauro o que é bom continua ali muito embora arranhe volta. é legal. é legal

Lauro constrói a vida a dois como algo difícil, que requer tolerância, tato e sacrifício. Chega a repetir quatro vezes a palavra *difícil*, enfatizando duas vezes, através das palavras *pra caramba* e *muito* – é difícil pra caramba; é difícil pra caramba; é difícil é muito difícil –, além de usar a expressão *às vezes é pesado*, a fim de marcar o grau de trabalho que um casamento necessita.

Ao construir a vida a dois dessa forma, Lauro também está se construindo, posto que é casado, como alguém que respeita os limites do outro, que consegue abafar o próprio ego a fim de garantir um bom relacionamento. Se posiciona como tolerante e determinado, pois ultrapassa dificuldades para viver bem com Zélio. Por outro lado, se constrói e constrói o marido como indivíduos comuns, capazes de ter brigas violentas

com frequência – *a gente briga (pra) caramba; a gente se engalfinha* ↓ *briga mesmo* –, passíveis de mau-humor – *eu fico insuportável ele também fica insuportável*.

O casamento dos dois vale a pena porque, embora sejam pessoas como outras quaisquer, são tolerantes e determinados a fazer a relação funcionar e é isso que prevalece – isso é o lado bom.

“Individualismo exacerbado” – explicação encaixada

A proposição dessa explicação encaixada é a de que nem todos são como Lauro, desejosos de partilhar a vida com alguém. A seguir, enumera as razões: talvez porque desiludidos com as relações; porque têm introjetado demais a subjetividade e a individualidade; o mundo não preparou as pessoas para as relações; a sociedade introjetou nas pessoas de que o individualismo exacerbado é válido; as pessoas não sabem como lidar com o individualismo nas relações:

Segmento 26

T334 – Lauro /.../

eh agora tem muita gente ô ô tais que não pensa assim. eu não sei não sei... menos entre as mulheres (mun-) no mundo gay tem muita gente que pensa assim ↓ não sei também se (pessoas) amigos meus que são meio que desiludidos com com as relação:es né ↑
aí é um pouquinho introjetado demais essa maluquice da: subjetividade individualidade do eu acima de tudo

/.../

T338 – Lauro /.../

agora eu sei que não é todo mundo que consegue e também as relações não tão pra isso. eu acho acho inclusive que o mundo não tem preparado as pessoas pra viver isso e nem as pessoas estão convencidas hoje pela própria:: sociedade de que isso é uma coisa muito válida. estão muito individualizadas (são) “ai o meu espaço”.
então às vezes tu vê (a coisa) “ai ai o meu espaço”-- ficam introjetando uma coisa sabe ↑
um (indiv-) um individualismo exacerbado que não traz felicidade e ao mesmo tempo elas ficam sem saber como... dar a volta naquilo. mas é isso que tão que tão passando como: positivo como socialmente válido hoje

Lauro constrói as pessoas que não estão interessadas em casamentos como pessoas que têm um individualismo exacerbado e, mesmo aquelas que desejariam manter relacionamentos estáveis, não conseguiriam porque teriam introjetado valores de individualidade tão profundamente que isso as tornaria incapazes de lidar com os sacrifícios necessários para a convivência a dois. Assim, marca o social como

determinante da vida dos sujeitos. Por oposição, ele, que é casado, não seria tão determinado pelo social, teria conseguido contornar essa influência, o que podemos confirmar pela explicação encaixada a seguir.

“Eu também me enganei”

Lauro estabelece uma proposição: ele também se enganou como as outras pessoas. A seguir, enumera os motivos: não está sozinho no mundo; as pessoas só se constroem a partir do outro; ele depende do outro; ele só se entende a partir do outro:

Segmento 27

T338 – Lauro /.../

e:: sabe[↑] até isso eu tive que quebrar porque eu também me enganei com isso. “não e eu e meu prazer e meu corpo e eu eu eu”. quando eu fui perceber que eu não tô sozinho no mundo mesmo. não tem esse papo de que... eu (só me) construo-- a sociologia é maravilhosa né[↓] você só se constrói como o homem (vivendo) na sociedade através de olhar o outro você se enxerga. eu dependo sinceramente dependo profundamente do outro entendeu[↑] dependo <profundamente sem sombra de dúvida>. não tenho a mínima vergonha não, eu dependo sim dependo porque só assim é que eu (me) consigo me entender [sabe[↑]

T339 – Tais

[hum hum

T340 – Lauro

mas só assim. é isso.

Lauro encaixa essa explicação mostrando, novamente, que é um homem comum. Como as pessoas de uma maneira geral, também foi seduzido pela idéia de individualismo, da preocupação consigo próprio. Contudo, superou essa fase, aprendeu que precisa do outro.

Lauro marca a necessidade que tem do outro através de repetição e ênfase: *eu não tô sozinho no mundo mesmo; você só se constrói como o homem (vivendo) na sociedade através do olhar do outro você se enxerga; eu dependo sinceramente dependo profundamente do outro; dependo <profundamente sem sombra de dúvida>; eu dependo sim dependo porque só assim é que eu (me) consigo me entender*. Lauro, ainda, amplia o escopo da dependência acrescentando ao verbo “depende” a palavra *profundamente*, que depois repete enfatizando tanto no volume, quanto na fala mais vagarosa – <profundamente sem sombra de dúvida> –, como também pelo acréscimo da expressão *sem sombra de dúvida*. Dessa forma, se posiciona como dependente, mas este é um

atributo desejado, posto que é resultado de uma reflexão e está em oposição ao individualismo, que torna as pessoas intolerantes e incapazes de se relacionar com os outros.

“Vida a dois”

Lauro retoma a explicação “Vida a dois” a fim de finalizar a história, concluindo que ele e Zélio vivem bem:

Segmento 28

T341 – Tais () bom eu acho que é por aí mesmo. eu acho também [()
 T342 – Lauro [é.é. eu também né↓
 sei lá↑ né↓ de repente-- (mas) tô vivendo assim-- tá, de vez em quando eu () mas vamos vivendo assim↓ mas a gente vive bem. se dá bem né↓

4.2.2.5 Cantando na nota errada

A história surge após eu perguntar sobre a fase de “galinhagem”, quando uma pessoa tem vários casos fortuitos. Compreendendo os turnos 36-40, é composta de duas partes: “Antes de tudo sou homem” (turnos 36, 40) e “Namoricos” (turno 38).

Cantando na nota errada

T25 – Tais =todo mundo me fala de uma (fa-) de uma primeira fase de=
 T26 – Lauro =adolescência?
 T27 – Tais é. de quando [()
 T28 – Lauro [de juventude?
 T29 – Tais () é. de juventude↓ de uns dezenove anos↓ uma fase (que a gente chama de fa-) fase da galinhagem.
 T30 – Lauro é?
 T31 – Tais () a maioria [()
 T32 – Lauro [não não [eu
 T33 – Tais [(você deu) sorte [(logo no princípio)
 T34 – Lauro [é. eu nunca fui eu--
 sempre assim sabe↓ assim eu sempre quis ser mais galinha mas eu nunca fui galinha. sempre fui (meio) assim
 T35 – Tais (nunca foi seu seu instinto)
 T36 – Lauro nunca foi. eu até me forçava antes da gente se conhecer de ter essa auto conhecimento né↓ você fica assim “ah pô perai pô eu não sou feio eu não sou isso não sou aquilo pô, deixa eu aproveitar.” mas... era como se eu tivesse cantando na nota errada. não me saía bem não gostava↓ acho (mas ao) mesmo tempo que eu achava ridículo querer já ficar

- junto de sabe assim meio casado meio achava ridículo, “não↓ tem que aproveitar porra↓ sou homem antes de tudo sou homem né↓ tem que botar pra quebrar.” mas tu sabe que eu vou te falar eu tive muitas a... tive muitas oportunidades, mas se eu te disser que eu conto nas minhas mãos as vezes a... as transas que eu já tive↓ é é isso. eu não tive não tive uma vida... assim sexual amorosa. tive () gostei me interessava mas sexual nunca tive muita porque também não não era não batia muito comigo, muito embora eu me sentisse como homem na obrigação de galinhar↓ mas é aquilo que eu te disse↓ achava que eu estava cantando na nota errada↓ mal. me sentia mal.
- T37 – Tais e você logo que você começou você abriu logo pra pra tua família
- T38 – Lauro olha só é assim↓ eu tinha quando era menor quinze treze doze anos sei lá o quê, a gente tem aqueles contatos com os coleguinhas rola mesmo quer dizer pelo menos comigo rolou é primos, colegas, assim↓ mas é uma coisa mas pode ser com prima também↓ podia ser com prima essas coisas... (pra) depois eu me apaixonei por muitas meninas também me apaixonei por muitas meninas↓ assim nunca tive () sempre fui tímido também nunca fui galinha essas-- (uma porção de) de coisas malucas mas mas assim com... dezoito anos foi que eu realmente me apaixonei e aí fiquei logo junto. fiquei junto o que? uns nove meses por aí. aí depois fiquei um tempão sozinho↓ uns dois anos↓ você imagina vinte anos dezoito anos dezoito anos vinte anos uns dois anos sozinho aí tive uma um caso assim↓ (uns) três meses que não era nada pessoa sem graça não achava a menor graça. aí depois também (mal) só uma vez que eu consegui transar com uma pessoa que eu conheci no mesmo dia pra você ter uma idéia↓ só uma vez. é uma coisa que não não bate comigo. e achei horrível sabe↓ (eu não queria) é chato ()
- T39 – Tais [((risos))
- T40 – Lauro [“(uma pessoa) muito legal tenho que me dar liberdade” sabe↑ (aquele) papo furado “tenho que me dar liberdade, tenho que transar, tenho que me dar, tenho que conhecer.” qual nada. achei uma porcária.

Podemos perceber que Lauro não entende minha pergunta: eu pergunto sobre uma fase de “galinhagem” devido à necessidade de experimentar relacionamentos gays diversos e ele interpreta como uma simples fase da juventude; por fim, desisto e trato dessa “galinhagem” em termos de juventude. Lauro demonstra sua surpresa com a pergunta *é?* e justifico alegando que a maioria dos meus entrevistados menciona essa fase.

“Antes de tudo sou homem” – primeira parte

Como Lauro interpretou meu interesse pela sua fase de aventuras em geral, não como uma fase seguinte à descoberta de sua homoafetividade, começa a sua narrativa dentro daquele tema.

Segmento 29

T36 – Lauro nunca foi. eu até me forçava antes da gente se conhecer de ter essa auto conhecimento né↓ você fica assim “ah pô peraí pô eu não sou feio eu não sou isso não sou aquilo pô, deixa eu aproveitar.” mas... era como se eu tivesse cantando na nota errada. não me saía bem não gostava↓

Lauro introduz a narrativa resumindo do que tratará: de como acreditava dever ter relações casuais, mas de como isso não era sua maneira de ser. Usa de fala reportada para marcar o porquê de ter que sair mais, mas avalia que estava *cantando na nota errada*, que não se saía bem.

Segmento 30

T36 – Lauro /.../
 acho (mas ao) mesmo tempo que eu achava ridículo querer já ficar junto de sabe assim meio casado meio achava ridículo, “não↓ tem que aproveitar porra↓ sou homem antes de tudo sou homem né↓ tem que botar pra quebrar.” mas tu sabe que eu vou te falar eu tive muitas a... tive muitas oportunidades, mas se eu te disser que eu conto nas minhas mãos as vezes a... as transas que eu já tive↓

No segmento acima, Lauro usa de discurso reportado para marcar seu conflito interno, como se estivesse brigando consigo mesmo, inclusive enfatizando a palavra *porra*. A argumentação que faz para si mesmo é baseada em papéis de gênero: faz parte de ser homem ter vários relacionamentos.

Segundo Goldenberg (1991:22), dois dos componentes fundamentais da construção social da identidade masculina no Brasil são a afirmação da masculinidade através do relacionamento sexual com uma mulher e a negação da homossexualidade. Ainda segundo a autora, a performance sexual está ligada à potência e à frequência, não necessariamente ao prazer com os parceiros (Goldenberg, 1991:22). Heilborn observa a importância dos relacionamentos sexuais na construção de identidade masculina. Segundo ela, “Na construção do gênero masculino, a despeito das significativas diferenças de classes, há um patamar compartilhado que se refere a certos contornos culturais da sociedade brasileira: o manejo da atividade sexual por parte dos sujeitos é capital para a constituição de suas identidades de gênero” (Heilborn, 1999:43). A

necessidade de sexo se inscreve corporalmente e se une ao desejo de dar satisfação à sociedade de mostrar-se homem (Heilborn, 1999:45).

Aparentemente, é uma contradição: Lauro é gay, mas está se cobrando atitudes de homens heterossexuais, que visam a estabelecer uma identidade de gênero masculina. Contudo, se considerarmos a reflexão de Bourdieu ([1998]1999:9),

“As aparências biológicas e os efeitos, bem reais, que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social produziu nos corpos e nas mentes conjuram-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada (os “gêneros” como *habitus* sexuais), como o fundamento *in natura* da arbitrária divisão que está no princípio não só da realidade como também da representação da realidade”,

percebemos que Lauro está, novamente, estabelecendo uma ligação mimética entre sexo e gênero (Butler, 1990:24). Lauro quer agir como o esperado dele, vários casos fortuitos, mas coloca que *eu conto nas minhas mãos as vezes a... as transas que eu já tive*↓, novamente revelando uma outra opção de performance diferente daquelas que a sociedade colocava à sua disposição. Embora Goldenberg (1991:26) alegue que a variedade de parceiras sexuais seja vista criticamente pelos homens moradores da zona sul hoje (década de 90), Lauro está tratando da época em que tinha em torno de 18, 20 anos, ou seja, de cerca de 22 anos atrás, mais precisamente da década de 80 que se, por um lado, foi a década seguinte à revolução sexual no Brasil, por outro, foi uma década marcada pela retomada de alguns valores tradicionais, representados pela figura do *yuppie* em contraposição ao *hippie*.

Lauro, embora seja um doutorando em educação, ou seja, tem acesso à informação especializada, não consegue, em sua vida privada, distanciar-se completamente dos papéis de gênero de uma sociedade dicotomizada, onde homem x mulher é quase que sinônimo de masculino x feminino, e da questão de ter que escolher qual o seu lugar nesta dicotomia. Ora, se possuir sexo masculino, biológico, é o mesmo que pertencer ao gênero masculino, então, não lhe resta outra alternativa que não seja buscar o padrão comportamental esperado dele. Por outro lado, Lauro se desvia dessa

matriz de heterossexualidade (Butler, 1990), ao buscar relacionamentos casuais com pessoas do mesmo sexo, desnaturalizando, assim, as performances de gênero. Lauro se posiciona como homem, mas como um homem deslocado, que não segue o esperado dele em termos de papéis sociais.

Segmento 31

T36 – Lauro é é isso. eu não tive não tive uma vida... assim sexual amorosa. tive () gostei me interessava mas sexual nunca tive muita porque também não não era não batia muito comigo, muito embora eu me sentisse como homem na obrigação de galinhar↓

O resultado de seu conflito é que, embora se *sentisse como homem na obrigação de galinhar*, não conseguia, pois *não batia muito* com ele.

Segmento 32

T36 – Lauro mas é aquilo que eu te disse↓ achava que eu estava cantando na nota errada↓ mal. me sentia mal.

Lauro finaliza avaliando que se *sentia mal*, que *estava cantando na nota errada*, ou seja, estava tentando ser/fazer aquilo não era/não queria fazer. Ele encerra a primeira parte da história se construindo como um homem deslocado da matriz de heterossexualidade (Butler, 1990).

“Namoricos” – segunda parte

Essa narrativa surgiu após uma pergunta minha que foi ignorada; o sujeito queria continuar a falar sobre não gostar de casos fortuitos.

Segmento 33

T37 – Tais e você logo que você começou você abriu logo pra tua família

T38 – Lauro olha só é assim↓ eu tinha quando era menor quinze treze doze anos sei lá o quê, a gente tem aqueles contatos com os coleguinhas rola mesmo quer dizer pelo menos comigo rolou é primos, colegas, assim↓ mas é uma coisa mas pode ser com prima também↓

podia ser com prima essas coisas... (pra) depois eu me apaixonei por muitas meninas também me apaixonei por muitas meninas↓ assim nunca tive () sempre fui tímido também nunca fui galinha essas-- (uma porção de) de coisas malucas mas assim com... dezoito anos foi que eu realmente me apaixonei e aí liquei logo junto. fiquei junto o que? uns nove meses por aí. aí depois fiquei um tempão sozinho↓ uns dois anos↓ você imagina vinte anos dezoito anos dezenove anos vinte anos uns dois anos sozinho e aí tive uma um caso assim↓ (uns) três meses que não era nada pessoa sem graça não achava a menor graça. aí depois também (mal) só uma vez que eu consegui transar com uma pessoa que eu conheci no mesmo dia pra você ter uma idéia↓ só uma vez. é uma coisa que não não bate comigo. e achei horrível sabe↓ (eu não queria) é chato ()

Lauro começa dizendo *olha só é assim*↓, o que gerou a expectativa de que iria responder à minha proposta, mas não é isso que ocorre. Nessa narrativa, ele enumera namoricos que teve ao longo de sua adolescência: fala de contatos com colegas, primos, primas; fala que se apaixonou por meninas. Por fim, coloca que se apaixonou aos 18 anos e que ficou estável por cerca de 9 meses. Após este namoro, fala de dois anos em que ficou sozinho e avalia: *aí depois fiquei um tempão sozinho*↓; *você imagina vinte anos dezoito anos dezenove anos vinte anos uns dois anos sozinho*. A ênfase no espaço de tempo e o estabelecimento da idade que tinha na época nos permite concluir que acreditava este ser um longo período sozinho, considerando-se sua idade na ocasião.

Lauro prossegue relatando que teve um caso de cerca de 3 meses e avalia: *(uns) três meses que não era nada pessoa sem graça não achava a menor graça*. Ainda seguindo em sua enumeração, comenta, avaliando, que somente uma vez conseguiu ter relações com alguém que conheceu no mesmo dia. Por fim, encerra com uma avaliação: *é uma coisa que não não bate comigo. e achei horrível sabe*↓ *(eu não queria) é chato ()*

Lauro continua a se construir como um homem deslocado. Destaca, através da enumeração de namoricos, que teve seus casos, porém, que isto não se afina com sua maneira de ser. Essa narrativa reafirma a anterior, que trata de seu desconforto com a suposta obrigação a que os indivíduos do sexo masculino têm: “galinhar”. Assim, confirma sua posição de homem deslocado.

“Antes de tudo sou homem”

Segmento 34

T39 – Tais [(risos)]

T40 – Lauro [“(uma pessoa) muito legal tenho que me dar liberdade” sabe↑ (aquele) papo furado “tenho que me dar liberdade, tenho que transar, tenho que me dar, tenho que conhecer.” qual nada. achei uma porcaria.

Lauro retoma a primeira parte, “Antes de tudo sou homem”, a fim de encerrar a história “Cantando na nota errada”. Ele volta a narrar acerca de suas exigências internas – “(uma pessoa muito legal tenho que me dar liberdade”; “tenho que me dar liberdade, tenho que transar, tenho que me dar, tenho que conhecer” –, faz avaliações – (aquele) papo furado; qual nada; achei uma porcaria. –, novamente se construindo como homem deslocado, cuja experiência vivida mostrou que casos fortuitos não se afinavam a sua maneira de ser.

Lauro, através de suas histórias, se posiciona sobretudo como um ser deslocado, *meio diferente*: pode se alinhar com heterossexuais, sejam homens ou mulheres, se posicionando como homoafetivo. Mas mesmo como homoafetivo seria deslocado, não teria os comportamentos e atitudes esperados da maioria dos gays.

Ao falar de seu amigo super viado, casado com uma mulher, Lauro desnaturaliza categorias de gênero, estabelecendo que a homoafetividade não é mera prática de desejo por pessoa de mesmo sexo.

O que fica claro, a partir de suas narrativas, é que a matriz cultural que torna uma identidade de gênero inteligível, isto é, que liga sexo biológico, gênero culturalmente constituído e a expressão de ambos através do desejo sexual pela prática sexual (Butler, [1990] 2003: 38), não dá conta do que ocorre na realidade.

4.3 Zélio

A entrevista foi feita em sua casa, após ter entrevistado seu marido (Lauro não ficou presente na sala, embora estivesse em casa). Zélio contou menos histórias que os outros sujeitos de pesquisa aqui analisados, contudo, os relatos foram bem interessantes e analisei aqueles que retratavam seu casamento, sua visão sobre homoafetividade, sua infância e sua família.

Assim como Lauro, apresenta posicionamentos e alinhamentos variados. Entretanto, não privilegia uma unidade discursiva em particular em suas histórias: foram quatro explicações, seis narrativas e uma crônica. Quanto a marcadores discursivos, a repetição foi o instrumento mais utilizado por ele.

4.3.1 Homoafetividade e família

Nessa parte, analiso as histórias que tratam de definições que Zélio fornece acerca de homoafetividade, de suas impressões sobre seus sentimentos durante a infância e da reação de sua família com sua escolha.

4.3.1.1 Ser gay é como ser hetero

Esta história foi motivada por uma pergunta minha, no início da entrevista. Compreende os turnos 38 a 44, sendo composta de duas partes: uma explicação, “Não tem problema ser gay” (turnos 38-42) e a narrativa “Quero essa relação” (turnos 42-44).

Ser gay é como ser hetero

T37 – Tais isso aí é só pra eu () eh que que é pra você ser gay, zélio?

T38 – Zélio ... nada muito diferente do que não ser eh entendeu↓
 é... ou um pouco opção ou uma u:m o que↑ surgiu na minha vida uma opção e:: foi super tranquilo assumir isso, eu tinha dezoito anos de idade e eu cheguei: >sei lá< eu tinha uma namorada tinha tido já algumas namoradas mas acabei sentindo atração por (por) homem e:: tudo bem. fui embora ver o que que era, entendeu↓ e foi foi tranquilo sem problema. sem problema. então eu não vejo... é quer dizer é claro existe um... preconcei:to né↑

- que você ainda percebe algumas coisinhas, mas acho que é muito é muito de como você se coloca entendeu↓ né↑ ver aquelas pessoas e... eu nu:m não tenho nenhum problema não.
- pra mim eu acho que ser gay é: como ser hetero ()
- T39 – Tais hã hã
- T40 – Zélio não sinto uma diferença assim muito grande
- T41 – Tais e você (falou que essa transição) de assumir foi super tranqüila sem problema.
- T42 – Zélio tranqüilo. sem problema. sem problema nenhum. não tive nenhum problema↑ foi tipo assim “bem eu acho que:... eu gosto disso. vou ver qual é a boa” entendeu↓ e e começou logo com uma relação: o↓ foi com o lauro↓ começou logo com uma relação com ele uma relação eh legal quer dizer (hum)... a gente brigou muito↓ acho que é porque eu era muito novo também né↑
- T43 – Tais [hã hã
- T44 – Zélio [eh tipo assim “ah eu quero conhecer muitas pessoas quero ter muitas experiências.” e com isso:: você acaba >quer dizer< isso mais por parte dele. eu tava muito a fim de investir na relação↑ e:: ele: sempre meio mais maluquinho do que eu né↓ ma:s eu fui insis- muito certo do que eu queria.
(assim) “não, tô a fim de investir vou investir nessa relação e tal”. aí foi meio complicado no início mas depois... foi super tranqüilo.

“Não tem problema ser gay” – primeira parte

Zélio começa a explicação com uma proposição sobre o que é ser gay – *nada muito diferente do que não ser*. As razões seriam: porque não teve problemas para assumir sua homoafetividade; porque soube se colocar.

A fim de reforçar sua proposição, repete exaustivamente que não teve problemas para assumir sua homoafetividade: *foi super tranqüilo assumir isso, foi tranqüilo sem problema, sem problema, eu nu:m tenho nenhum problema, tranqüilo, sem problema, sem problema nenhum*. Embora estabeleça que a pessoa precisa se colocar, reconhecendo, então, que há um estigma em torno de sua prática sexual, não aceita o estigma e alinha-se com os “normais”.

A seguir estabelece outra proposição – *ser gay é um pouco opção* – e coloca a razão: porque havia tido relacionamentos com mulheres, mas, quando sentiu-se atraído por homens, resolveu *ver o que que era*.

Zélio repete a primeira proposição duas vezes – *pra mim eu acho que ser gay é: como ser hetero, não sinto uma diferença assim muito grande* –, ou seja, desafia a matriz cultural de inteligibilidade, rompendo com a relação sexo-gênero-prática sexual-desejo e dissemina uma matriz rival e subversiva de desordem de gênero (Butler, [1990]2003:39). Assim, posiciona-se como gay, mas não no sentido binário, em oposição ao

heterossexual, posto que, ao estabelecer que ser gay é como ser heterossexual, está se alinhando com este.

“Quero essa relação” – segunda parte

Segmento 1

T42 – Zélio /.../

não tive nenhum problema[↑] foi tipo assim “bem eu acho que:... eu gosto disso. vou ver qual é a boa” entendeu[↓] e e começou logo com uma relação: o foi com o lauro[↓] começou logo com uma relação com ele uma relação eh legal quer dizer (hum)... a gente brigou muito[↓] acho que é porque eu era muito novo também né[↑]

T43 – Tais [hã hã

T44 – Zélio [eh tipo assim “ah eu quero conhecer muitas pessoas quero ter muitas experiências”. e com isso:: você acaba >quer dizer< isso mais por parte dele. eu tava muito a fim de investir na relação[↑] e:: ele: sempre meio mais maluquinho do que eu né[↓] ma:s eu fui insis- muito certo do que eu queria. (assim) “não, tô a fim de investir vou investir nessa relação e tal”. aí foi meio complicado no início mas depois... foi super tranqüilo.

Zélio introduz a narrativa com uma reflexão – *não tive nenhum problema[↑]* - e relata, através de discurso reportado, marcando sua reflexão interna, que resolveu experimentar uma relação homoafetiva. Contudo, a questão de ter ou não problema não se refere mais ao fato de assumir que podia ser gay, mas ao seu namoro com Lauro. Embora avalie sua relação como *legal*, inclusive enfatizando a palavra, resume do que tratará a segunda parte da história: das brigas que tiveram – *a gente brigou muito[↓]*.

A ação começa com uma avaliação – *acho que é porque eu era muito novo também né[↑]* –, o que nos leva a pensar que o discurso reportado que vem a seguir é uma fala do próprio Zélio, entretanto, logo faz um reparo dizendo que se trata de Lauro, que mais adiante avalia como *meio maluquinho*. Finaliza a história falando que no início foi meio complicado, mas que depois tudo foi super tranqüilo, isto é, teve problemas, mas foram resolvidos.

Zélio posiciona-se como determinado e assertivo. Nas falas reportadas, se coloca como alguém que sabe o que quer e luta para conseguir seu objetivo. Ainda que

possamos perceber que talvez pudesse ter evitado alguns conflitos, posto que se auto-avalia como muito novo na época do início do namoro, ou seja, em alguns momentos pode ter brigado por motivos infantis, sua posição é a de uma pessoa que assume seus desejos e não recua diante de problemas.

Na história “Ser gay é como ser hetero”, Zélio posiciona-se como gay, mas alinha-se com os heterossexuais, revelando que o binarismo não dá conta do que ocorre na realidade. Além disso, na segunda parte da história, os conflitos narrados acerca de seu namoro com Lauro não têm relação com o fato de serem homoafetivos; são brigas comuns a qualquer relacionamento que se inicia, sobretudo porque avalia que o fato de ser novo é que pode ter contribuído para os problemas. Assim, confirma seu posicionamento como gay e seu alinhamento com heterossexuais, deslocando a matriz cultural de inteligibilidade.

4.3.1.2 Minha família não quer saber

Na história anterior, ao falar sobre ter assumido que era gay, Zélio não menciona a reação de sua família, o que me levou a perguntar sobre a reação de sua irmã, motivando a explicação “Minha família não quer saber” (turnos 46-60).

Minha família não quer saber

- T45 – Tais e na na sua família a sua irmã como é que ela
 T46 – Zélio ah não eh eh quer dizer... minha irmã já já abri pra ela e meus pais preferem que eu não abra né↓
 T47 – Tais hum hum
 T48 – Zélio preferem que:... >quer dizer< que eu não... fale pra eles. mas claro que sabem. ((palavra anterior meio rindo)) minha mãe não. minha mãe é mais tranquila mas meu pai não gosta, com certeza acha que eu deveria casar essa coisa toda. minha irmã também: m ela não se mete mas também não é muito legal >entendeu↓< porque ela é... ela é:... ela é protestante então já acha que isso não é muito ce::rto aquela coisa toda=
 T49 – Tais =e qual igreja?=
 T50 – Zélio =universal do reino de deus.
 T51 – Tais universal do reino
 T52 – Zélio é. essa coisa essa maravilhosa igreja↓
 T53 – Tais ((risos)) eu sou (muito suspeita pra falar) [() [
 T54 – Zélio [eu odeio essa igreja. eu odeio. olha que podia pode ser qualquer outra ((palavra anterior meio rindo)) menos essa. eu falo pra ela “não podia ter escolhido uma outra qualquer? logo essa?”
 T55 – Tais ((risos))

- T56 – Zélio eu escullhambo ((palavra anterior meio rindo)) (com ela).
mas ela tá feliz eu acho que sei lá. é
- T57 – Tais é escolha dela
- T58 – Zélio é escolha dela. é isso aí. o seu caminho
- T59 – Tais e... e você falou que seus pais você acha que eles preferem... não saber↓
- T60 – Zélio é. não, saber eles sa- claro que eles sabem pô. há-- que? há vinte e poucos anos que eu não apareço com uma namorada ((palavra anterior meio rindo)) na casa deles ((risos)) e vou e vivo com outro homem↑

A primeira proposição feita por Zélio é a de que seus pais preferem que não fale que é gay. No início da explicação, coloca que preferem que *não abra*, depois faz um reparo dizendo, com ênfase no verbo falar, que preferem que *não... fale pra eles* e enumera as razões: eles já sabem, pois, além de não aparecer nunca com nenhuma mulher, há muitos anos vive com um homem; o pai não gosta de sua opção. Talvez o aspecto mais interessante dessa proposição seja de que a questão não é saberem que é gay, mas de ouvirem do filho que é gay. É como se falar sobre o assunto desse mais substância a ele, tornando-o mais real e, portanto, obrigando as pessoas a se posicionarem com relação ao fato narrado. Se considerarmos que uma das estratégias de evasão na conversação é o silêncio (Galansinski, 1996; Maynard, 1980), percebemos o porquê de os pais preferirem que Zélio não fale sobre sua homoafetividade, evitando, assim, uma situação de conflito. Contudo, não podemos deixar de lembrar que é ele quem diz que não querem que fale, portanto, talvez seja ele próprio quem esteja evitando o conflito, atribuindo aos pais sua decisão.

A segunda proposição é a de que sua irmã não interfere, mas também não ajuda – *minha irmã també:m ela não se mete mas também num não é muito legal*. A razão para isso seria o fato de ela ser evangélica e evangélicos não aprovariam sua prática sexual.

Respondendo à pergunta da entrevistadora, Zélio encaixa uma informação (Norrick, 2000) na explicação, onde relata sua insatisfação com a escolha religiosa da irmã:

Segmento 2

- T49 – Tais =e qual igreja?=
T50 – Zélio =universal do reino de deus.
T51 – Tais universal do reino
T52 – Zélio é. essa coisa essa maravilhosa igreja↓

- T53 – Tais ((risos)) eu sou (muito suspeita pra falar) [()
- T54 – Zélio [eu odeio essa igreja. eu odeio. olha que podia pode ser qualquer outra ((palavra anterior meio rindo)) menos essa. eu falo pra ela “não podia ter escolhido uma outra qualquer? logo essa?”
- T55 – Tais ((risos))
- T56 – Zélio eu esculhambo ((palavra anterior meio rindo)) (com ela). mas ela tá feliz eu acho que sei lá. é
- T57 – Tais é escolha dela
- T58 – Zélio é escolha dela. é isso aí. o seu caminho.

Zélio desaprova veementemente a igreja que sua irmã frequênta, não o fato de ser evangélica. Ainda assim, coloca que se está feliz, só lhe resta aceitar – *mas ela tá feliz eu acho que sei lá.; é escolha dela. é isso aí. o seu caminho* – posicionando-se, então, como tolerante.

Percebemos que a informação aqui é importante no curso da história, pois revela um posicionamento do falante. Um outro ponto que não podemos deixar de mencionar é o de que pode ser encaixada na unidade discursiva explicação, não só na narrativa de tipo laboviano, ampliando, assim, os elementos possíveis dentro daquela unidade discursiva.

4.3.1.3 Sou gay

A história emergiu após eu pedir para que dissesse como se via em termos de identidade de gênero. Zélio respondeu pensando em termos de posicionamento político. Ele mesmo percebeu que talvez tivesse desviado do foco da pergunta e confirmou comigo se era aquilo que eu queria. Embora meu objetivo fosse outro, achei melhor deixar que prosseguisse com sua linha de raciocínio para ver aonde queria chegar.

A história é uma explicação e começa no turno 314, se estendendo até o turno 332.

Sou gay

- T311 – Tais e me diz uma coisa e nessa coisa da identidade ((tosse)) a gente sempre... eh divide- claro que a gente sabe que as coisas não são estãques né↑ sempre divide. eh sexo biológico a orientação sexual que tá pautada num na atividade sexual preferida.

- e a questão de identidade de gênero... pra você como é que é?
(quem que) você acha que tem uma identidade... gay... sua ou ou não é nada disso não não tem identidade de gênero ou é masculino ou é feminino ou é um contínuo [como é que é pra você
- T312 – Zélio [como eu me acho (se eu ah) que eu sou...
- T313 – Tais assim identidade de gênero. como você se vê em identidade de gênero.
- T314 – Zélio não, eu sou gay. eu sou gay até politicamente e sou a coisa que: né↑ você ah eu sou eu sou eu sou:: eu me acho... eu sou homem-- não, eu sou homem claro.
mas politicamente correto eu sou gay ((batida)) e: eu acho que todo gay tem que ser gay ((batida)) até pra poder fortalecer isso e tentar acabar um pouco com o preconceito.
não sei se é isso que você tá querendo que eu [né↑ a pergunta
[não eu queria isso mesmo
- T315 – Tais
- T316 – Zélio né↑ entendeu de tentar romp- fazer com as pessoas né↑ assumir isso de uma maneira legal não é se coloc- não é-- por exemplo muita gente acha que o gay é é: aquela bicha maluca que vai sair dando pra todo mundo comendo todo mundo ou ou agarrando: entendeu↓ o primeiro homem que vê na rua
- T317 – Tais [associa com
- T318 – Zélio [bicha maluca né bicha maluca
- T319 – Tais [associa com promiscuidade e (irresponsabilidade)
- T320 – Zélio [promiscuida:de ou então aquela ou então aquela: aquela festa da banda de ipanema que é legal divertida entendeu↓ mas que o gay é aquilo é
- T321 – Tais hã hã
- T322 – Zélio é é carnaval fantasia. não. gay não é:: um modo- quer dizer é modo de vida né↓ modo de vida não, mas é uma opção sexual que tem que ser () tem que ser respeitada entendeu como qualquer outra e... e eu acho então que a gente tem que se colocar e e se fazer respeitado e assumir que é gay até porque as pessoas “tá vendo? olha”... não tem nada a ver entendeu↓ eh... não tem nada não é diferente de ninguém.
é igual é igual a qualquer um. é uma opção sexual que vive igual a mim igual a qualquer outra pessoa, fica de galinhagem um dia com com os amigos, que eu já fiquei muitas vezes de galinhagem como te falei (em praia) de de brincadeira de de de farra e: como qualquer pessoa também que você pega os seus amigos e () nenhum é é isso entendeu↓ eu sou eu sou gay me assumo como gay ((duas batidas)) porque eu acho que a gente tem que assumir ((batida)) pra poder fortalecer isso e fazer com que isso hh transforme um pouco né↓ essa opinião de: gueto (promiscuo)... é é (bo) são bolhas né↑
- T323 – Tais hã hã
- T324 – Zélio não tem nada muito:
- T325 – Tais (>é isso que eu acho<) e essa coisa do do você você já fez parte de algum grupo?
- T326 – Zélio não
- T327 – Tais de...
- T328 – Zélio não
- T329 – Tais de militância (qualquer)?
- T330 – Zélio não não. só do pt.
- T331 – Tais hum hum
- T332 – Zélio eu fiz parte assim >quer dizer< não a militância gay dentro do pt. mas a única única militância ((batida)) que eu fiz até hoje foi partici- partidário.

Zélio começa a explicação se posicionando como gay e faz a proposição de que gay tem que assumir que é gay – *eu acho que todo gay tem que ser gay*. A seguir, enumera as razões: para fortalecer isso (homoafetividade); para diminuir o preconceito;

para alterar a imagem que as pessoas têm de gays; para ser respeitado; para mostrar que gays são como qualquer outra pessoa; para causar transformações.

Segundo Goffman ([1963]1975:13), o estigma é “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo”. Zélio, ao colocar que deve-se alterar a imagem que as pessoas têm de gays, está tratando dos estereótipos (*bicha maluca*, que quer “comer” ou “agarrar” todo mundo; travestis do carnaval, festeiros), que acabam por exacerbar a consciência do “eu” e do “outro” nas interações mistas (Goffman, [1963]1975:28):

Segmento 3

T322 – Zélio /.../

e eu acho então que a gente tem que se colocar e e se fazer respeitado e assumir que é gay até porque as pessoas “tá vendo? olha”

No segmento abaixo, Zélio busca uma definição para gay diferente dos estereótipos que havia citado:

Segmento 4

T322 – Zélio /.../

gay não é:: um modo- quer dizer é modo de vida né↓ modo de vida não, mas é uma opção sexual que tem que ser () tem que ser respeitada entendeu como qualquer outra

/.../

[gay] é igual é igual a qualquer um.

é uma opção sexual que vive igual a mim a qualquer outra pessoa

Primeiramente, Zélio coloca que gay não é um modo de vida, seguido de um reparo, onde diz que é modo de vida. Ou seja, trata acarretamento como definição – por ser estigmatizado, pode acarretar um modo de vida em particular, uma busca pelos guetos, uma postura combativa, etc. Insatisfeito com a própria definição, estabelece que gay é uma opção sexual que tem que ser respeitada. Mais adiante, diz que gay é igual a qualquer um. Então, gay não é a opção sexual, ainda que a inclua.

Na verdade, Zélio tratou gênero como categoria de representação política. Ainda que afirme que nunca fez militância gay, assume sua homoafetividade também como forma de transformação social. Quando, em sua explicação, coloca que ser gay é ser igual a qualquer pessoa, mas, ao mesmo tempo, propõe que todo gay tem que se assumir,

portanto, marcar sua prática sexual como representação de um gênero, está buscando representatividade política, ainda que à custa de correr o risco de reificar inconscientemente as relações de gênero estabelecidas (Butler, [1990]2003: 22-23), já que não há como recusar a política representacional (p.22). Entretanto, o gênero que apresenta está fora da matriz de inteligibilidade, logo, está, de certa forma, formulando, “no interior dessa estrutura constituída, uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam” (Butler, [1990]2003: 22).

4.3.1.4 Eu sentia uma atração diferente

A conversa transcorria sobre um episódio que havia acontecido na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro quando um deputado sugeriu tratamento para reversão de homossexuais. Zélio ficou surpreso com o meu comentário de que o Conselho Regional de Psicologia proibia qualquer tratamento com fins de alteração de orientação sexual e falou que não sabia disso. Eu, então, disse que havia pesquisado antes de fazer as entrevistas, pois não era homem, nem gay, portanto, tinha que me informar. Essa observação suscitou a curiosidade do entrevistado, que perguntou se a pesquisa era apenas com homens gays. Após receber uma resposta afirmativa, com a justificativa do porquê de serem somente homoafetivos de sexo masculino, Zélio começou sua história.

A narrativa começou no turno 466 e se estendeu até o turno 474.

Eu sentia uma atração diferente

- T464 – Zélio [esse seu trabalho esse seu trabalho é só com gays [homens
 T465 – Tais [masculinos. ((Zélio fala °ah°))...
 porque eu fiz um mestrado com masculinidade. então... esse lastro do que deve ter sido a
 infância em termos de de ideais e expectativas isso eu tinha estudado. o homem↓
 mas eu eu não fiz construção de de de [identidade feminina
 T466 – Zélio [agora é agora é engraçado.
 isso não é é uma coisa que você-- mesmo eu quando era criança eu tinha: e:h e:h minhas
 namoradinhas eu sempre soube eu percebia que eu sentia uma atração diferente.
 se bem que eu acho que não dá nem pra comparar porque criança sente atração por tudo
 né↓=
 T467 – Tais =hum hum=

- T468 – Zélio =acho que é a descoberta↓ não dá nem pra dizer que que isso poderia-- isso já eu já tinha definido isso quando era criança não. que eu que eu gostava de homem (lá) de-- mas... mas estranho eu sentia. eu: achava bonito homem assim bonito... (engraçado mesmo)↓ eu sentia uma-- um meus col- eu tinha algum colega que você eles eh né↑ eu ia-- aquele-- quando eu-- aquele colega-- eu tinha um amigo, gostava assim ó (eu não não) ((Tais tosse)) uma escola, coisa e outra... eh aquele o certo amigo ali sempre tinha uma relação mais... mais afeti:va entendeu↑ [isso
[hum hum
- T469 – Tais
- T470 – Zélio >é claro< não rolava nada... mas... sempre eu achava eu gostava ma:is↓ agora não sei se isso aí de repente é é porque toda criança... não tem maldade né↓ ou de repente é aberta a tudo né↑
- T471 – Tais é
- T472 – Zélio ou se de repente já era minha minha sexualidade né↓ que já
- T473 – Tais que tava... [se manifestando de alguma maneira
- T474 – Zélio [já já... já... é é é... () muito estranho (isso)... ((tsc)) mas é isso.

Zélio introduz a narrativa com uma avaliação – *agora é agora é engraçado* – para depois fazer um resumo:

Segmento 5

- T466 – Zélio isso não é é uma coisa que você-- mesmo eu quando era criança eu tinha: e:h e:h minhas namoradinhas eu sempre soube eu percebia que eu sentia uma atração diferente.

Já no resumo, podemos perceber que o assunto de que a história tratará – sua reflexão sobre sua atração “diferente” na infância – é um tema complexo, pois Zélio que, em narrativas anteriores, não apresentou uma fala com muitos sinais de hesitação, agora o faz. Aliás, toda a narrativa é repleta de marcadores de hesitação: pausas, reparos, interrupção do fluxo do pensamento, repetições de adiamento.

Ainda no turno 466, Zélio começa a ação com uma reflexão – *se bem que eu acho que não dá nem pra comparar porque criança sente atração por tudo né↓* – e prossegue no turno seguinte:

Segmento 6

- T467 – Tais =hum hum=
- T468 – Zélio =acho que é a descoberta↓ não dá nem pra dizer que que isso poderia-- isso já eu já tinha definido isso quando era criança não. que eu que eu gostava de homem (lá) de-- mas... mas estranho eu sentia. eu: achava bonito homem assim bonito... (engraçado mesmo)↓ eu sentia uma-- um meus col- eu tinha algum colega que você eles eh né↑ eu ia-- aquele-- quando eu-- aquele colega-- eu tinha um amigo, gostava assim ó (eu não não)

- ((Tais tosse)) uma escola, coisa e outra... eh aquele o certo amigo ali sempre tinha uma
 relação mais... mais afeti:va entendeu↑ [isso
 T469 – Tais [hum hum
 T470 – Zélio >é claro< não rolava nada... mas... sempre eu achava eu gostava ma:is↓

Zélio está nitidamente confuso em sua reflexão, o que podemos perceber pelo volume de marcadores de hesitação presentes nessa parte. A fala é constantemente interrompida, causando dificuldade de compreensão. O que podemos extrair desse segmento é que Zélio lembra de um colega por quem sentia mais afeto e de que considerava os homens bonitos. Por outro lado, a mesma indefinição que possivelmente sentia quando criança aqui é revelada através de seu discurso desconexo, espelho de sua própria preplexidade.

Isso nos remete Wortham (2001:xi-xii), quando alega que o narrador autobiográfico age como se representa e que essa atuação se constrói dessa maneira. Zélio se apresenta como confuso naquela época e atua como confuso, terminando por se construir como confuso hoje.

Ele avalia como *estranho, engraçado mesmo*, a percepção que tinha de que sentia atração por homens – *mas... mas estranho eu sentia. eu: achava bonito homem assim bonito....*

Segmento 7

- T470 – Zélio /.../
 agora não sei se isso aí de repente é é porque toda criança... não tem maldade né↓
 ou de repente é aberta a tudo né↑
 T471 – Tais é
 T472 – Zélio ou se de repente já era minha minha sexualidade né↓ que já
 T473 – Tais que tava... [se manifestando de alguma maneira
 T474 – Zélio [já já... já... é é é... ()

No segmento acima, percebemos que o resultado de sua reflexão é o fato de não ter chegado à conclusão alguma: as mesmas dúvidas do início acerca da atração “diferente” que sentia permaneceram. Ele continuou sem entender o que sentia na época, manifestando estranhamento, o que podemos perceber pela coda:

Segmento 8

T474 – Zélio /.../
 muito estranho (isso) ((tsc)) mas é isso.

Zélio posiciona-se, nessa narrativa, como uma criança perplexa. Percebe seus sentimentos, mas não os entende, revelando que o estranhamento permanece até os dias de hoje. A própria forma da história desvela sua confusão: interrompe a linha de raciocínio, hesita, faz pausas. Embora esses marcadores freqüentemente indiquem desconforto com o tópico tratado, aqui sobretudo revelam que ainda não conseguiu compreender aquela fase de sua vida com relação a seus sentimentos, principalmente se considerarmos que ele foi quem iniciou o assunto. Parece-me que, quando falei sobre o fato de ter escolhido somente homens gays porque já tinha algum conhecimento acerca dos ideais e expectativas com relação a crianças de sexo masculino, a palavra *infância*, proferida por mim, provocou alguma lembrança daquele período. Ou seja, o contexto situacional em nível micro motivou a história narrada.

4.3.2 Homoafetividade e relacionamentos amorosos

Nesta parte, analiso duas histórias – “Não tive muitos casos” e “Casamento com Lauro” –, que tratam de seus relacionamentos amorosos.

4.3.2.1 Não tive muitos casos

A história surge como resposta à pergunta que fiz sobre casos fortuitos. Compreende os turnos 138-142, onde Zélio relata sobre o porquê de não ter tido muitos namoros.

Não tive muitos casos

T135 – Tais falando em namorar muito quando você-- tem uma coisa que tem aparecido em todas as entrevistas que eu faço, é que no início de quando descobre eh que pode que pode ser gay que pode usufruir do do do do desejo sexual que quiser.
 eh segue logo (a seguir) um período de >muita galinhagem<

T136 – Zélio não↓

- T137 – Tais você teve esse período?
 T138 – Zélio não, não tive não. vontade eu tive. eu tive vontade (de assim) de galinhar mesmo. mas como a gente tinha uma relação: o entendeu, até por exemplo eh a gente... brigou muito né↓ a gente ficava separado um mês dois meses alguma das brigas, no início até uns vinte e poucos anos e:h às vezes acontecia de nesse período arrumar uma outra paque:ra entendeu↑
 T139 – Tais hã hã↑
 T140 – Zélio mas ((assovio)) mas nada que fosse assim quantidade não, °entendeu°↓ (eram só) envolvimento (que uma vez eu tive)
 T141 – Tais uma namoricadinha
 T142 – Zélio é é é é. até com até com mulher também. não era só com com homem não com mulher também... mas não foi assim, dá pra contar ((risos)) não foram muitas pessoas não...

Zélio introduz a narrativa respondendo que não teve o período de “galinhagem” porque já tinha uma relação, mas que teve vontade de ter casos. Diferente de Lauro, não atribui essa vontade a uma obrigação vinculada ao fato de ser homem, simplesmente queria, mas não podia porque estava namorando.

Segmento 9

- T138 – Zélio /.../
 até por exemplo eh a gente... brigou muito né↓ a gente ficava separado um mês dois meses alguma das brigas, no início até uns vinte e poucos anos e:h às vezes acontecia de nesse período arrumar uma outra paque:ra entendeu↑
 T139 – Tais hã hã↑

No segmento acima, Zélio começa a ação dizendo que ele e o namorado brigavam muito, que ficavam um ou dois meses separados e que, por isso, ocorreram outros envolvimento. Ele orienta que isso aconteceu quando eram jovens, ou seja, no início do relacionamento dos dois.

Zélio constrói ambos como fiéis – só tinham casos durante o período de separação; também vincula as brigas e paqueras ao início do relacionamento, à época de sua juventude, ou seja, agora, mais velhos e com um casamento sólido, isso não ocorre mais.

Segmento 10

- T139 – Tais hã hã↑

T140 – Zélio ma:s ((assovio)) mas nada que fosse assi:m quantidade não, °entendeu°↓
(eram só) envolvimentos (que uma vez eu tive)

A minha subida de entonação indicava que queria mais detalhes, contudo, Zélio dá o resultado da história dizendo que não foram muitos os envolvimentos que teve.

Segmento 11

T141 – Tais uma namoricadinha

T142 – Zélio é é é é. até com até com mulher também. não era só com com homem não com mulher também... mas não foi assim, dá pra contar ((risos)) não foram muitas pessoas não...

Insisto no detalhamento e Zélio me satisfaz parcialmente, fornecendo uma informação (Norrick, 2000) – não só teve casos com homens, teve com mulheres também –, para logo finalizar a história dizendo que foram poucas as pessoas com quem se relacionou.

Nessa história, Zélio alinha-se tanto com os homoafetivos quanto com os heterossexuais, contudo, de uma forma deslocada, posto que, diferente do esperado tanto de gays quanto de heterossexuais, relaciona-se com homens e mulheres. Mas, sobretudo, posiciona-se como um indivíduo tradicional, no sentido do namoro e casamento tradicionais onde a fidelidade é importante, porém, novamente deslocado, pois um relacionamento amoroso tradicional implica em pessoas de sexos diferentes. Assim, corroborando com narrativas anteriores, desafia a matriz cultural de inteligibilidade (Butler, [1990]2003), que estabelece que relacionamentos sexuais entre pessoas de mesmo sexo são ininteligíveis.

4.3.2.2 Casamento com Lauro

A história surge após eu perguntar sobre a frequência a lugares gays. Depois de conversarmos sobre a questão dos guetos, inclusive na América, o assunto é retomado.

Do turno 210 ao 230, Zélio narra sobre sua relação com Lauro como forma de explicar por que motivo não sente necessidade de acarinhar o marido em público. Assim,

diferente do companheiro, não fala em termos de ter introjetado comportamentos, mas de evolução do casamento, apontando para uma fase mais calma entre os dois, menos ansiosa em termos de contato físico.

A história é composta de quatro partes: uma explicação – “A gente não fica se abraçando na rua” (turnos 210-214) –, uma informação sob forma de crônica encaixada na explicação – “Carinho” (turno 212) – e três narrativas – “No início era diferente” (turnos 214-218), “Cotidiano” (turnos 218-226) e “Evolução” (turnos 226-230).

Casamento com Lauro

- T203 – Tais /.../
mas eu te perguntei até mais voltada pra questão do afeto público (a única) coisa chata... né porque o que eu (queria) que tava falando com ele [()
[ah certo certo mas=
- T204 – Zélio
T205 – Tais =quer fazer um carinho vamos dizer assim=
T206 – Zélio =é é mas=
T207 – Tais =isso é porque eu sou peguenta=
T208 – Zélio =é mas=
T209 – Tais =então isso ()=
T210 – Zélio =certo. não, mas olha só por exemplo, a gente é quer dizer não tem essa coisa de ficar se abraçando na rua até acho que até que de repente... como isso nunca foi muito assim permitido né↓ a gente:... até não faz muito. mas na rua não.
mas também quando eu vou pra um bar desses uma uma boate uma coisa, a gente também não fica se agarrando também. entendeu↓ (então) ah porque lá pode (se agarrar) eu faria isso lá. mas lá também a gente não faz↓
- T211 – Tais hã hã
T212 – Zélio em casa a gente faz muito isso, ou de repente na casa de algum amigo, você tá numa reuniãozinha com os amigos e tal e com as amigas e de repente um faz um comentário você chega faz um carinho tal
- T213 – Tais é.
T214 – Zélio isso tem mas... não é: assim. de repente até tantos anos que a gente não precisa ficar. hh né↓ quer dizer não é não é que você tenha que mostrar o carinho mas, a gente faz quanto tá a fim, né↓ quanto tá a fim tá tudo a gente: não tem que ficar:-- no início-- >péra aí eu tô acabando me confundindo< no início a gente até: tinha uma coisa muito de ficar se agarrando ou de mão da:da de repente às vezes dirigindo e tal mas assim
- T215 – Tais hã hã
T216 – Zélio tá tocando é uma coisa né↑... e:: precisava até mais disso. até fazia às vezes na rua, até mesmo na boate e tal quando ia a um bar ou >sei lá<. mas... num num era assim. não era (não) fazia muito. a gente não ficava se abraçando se agarrando na na rua. mas foi passando o tempo e tal e: a gente: >sei lá< não não não sente necessidade disso (sabia)↓ de ficar se agarrando em público ou dentro de uma boate ou um bar. pode até acontecer de ir num bar e rolar um um afago qualquer mas...
é não é porque é ali não entendeu↓=
- T217 – Tais =hum hum=
T218 – Zélio =porque ali pode não... é porque acho que a gente-- pô a gente vive junto a gente se dá super bem não tem um dia que a gente que um chegue em casa o outro chega e tal,

- que a gente não não sente-- por exemplo às vezes eu chego antes espero ela pra gente jantar junto. então a gente tá sempre conversando muito, tá sempre eh se toca:ndo né↓ fazendo um cari:inho ou falando alguma coisa carinhosa↓
então eh a gente se dá muito bem. eu acho que isso já, de repente: né↑
você não precisa: ser toda hora, né=
- T219 – Tais =hã hã=
T220 – Zélio =ficar toda hora fazendo isso que a gente em casa. hh... a gente assis- eh a gente deita pra assistir filme (fica) “ah vamos ver um filme” “vamos embora”↓ a gente () leva um vinho pra cama pra ficar tomando vinho conversando assistindo o vinho o filme, às vezes pára o filme, se for um vídeo, pára o filme pra continuar conversando depois continua, então a gente tem sempre muito pra falar, é incrível.
(eu digo assim) meu deus do céu como é que a gente fala↓ ((tais risos))
fala mas a gente tem sempre muita coisa pra falar. quando é até da própria relação, da relação com os amigos, da dos projetos que a gente tá a fim de fazer junto, mas é muita coisa. você não você não acredita como a gente fala.
- T221 – Tais aí↑ que bom↓
T222 – Zélio não, é é é incrível. legal mesmo. (e procura) a gente procura acorda-- a não ser quando eu tenho que sair muito cedo, a gente procura (sempre) tomar o café junto,
aí tá sempre conversando, falando alguma coisa o:u ou o que vai fazer o problema que vai tem que resolver o que a gente precisa fazer na casa precisa
precisa fazer ou a, se a gente vai viaja:r e tal. tá sempre a gente tá sempre procurando ficar junto fazendo as coisas juntos em casa principalmente que é a hora que a gente tá mais perto, pra pode:r pra poder né↑ sei lá↑ falar um pouco um do outro e tal.
- T223 – Tais é. aproveitar também [a hora que tá junto
T224 – Zélio [aproveitar [claro claro ()
T225 – Tais [porque durante o dia cada um trabalha num
lugar, né?
- T226 – Zélio é↓ e outra coisa e::: e se eu passasse sinceramente eh se eu passasse o dia inteiro junto ((batida)) não-- eu com certeza tenho certeza não ia rolar (isso) de ficar enjoa:do não. ((fim da fita)) mas eu queria investir (naquilo). fui investindo fui investindo, e cada vez foi melhorando melhorando e hoje eu acho que a minha relação acho uma relação super sólida. super sólida. não sei. pode até--... eu acho que comigo não acontece entendeu↑ ah de repente dar a louca e: se apaixonar por uma outra pessoa querer investir numa outra relação... eu acho que não vale a pena. até porque: tô feliz amo gosto muito gosto do que (a gente) tá construindo juntos gosto do tempo junto
- T227 – Tais [hã hã
T228 – Zélio [eu gosto tipo assim pô a gente tem vinte e três anos juntos. eu acho legal eu gosto disso=
T229 – Tais =bacana isso=
T230 – Zélio =isso vai pesando né↓ vai pesando... tipo assim como vale a pena né↑ como vale a pena entendeu↓ então quer dize:r cada vez vai ficando melhor... (olha só) pra mim é coisa definitiva. sólida definitiva. é isso que eu quero e vai ser e pronto.

Zélio começa a unidade discursiva explicação (Linde, 1993:90) com a proposição *a gente é quer dizer não tem essa coisa de ficar se abraça:ndo na rua*. A seguir, passa a refletir sobre as razões: porque não era muito permitido, porém, logo faz um reparo dizendo que também não o faziam em lugares permitidos; por fim, conclui que o motivo era o fato de viverem juntos há muitos anos. Durante a explicação, ele encaixa uma

informação sob forma de crônica em que exemplifica os locais onde faziam carinho, todos lugares privados, reforçando sua proposição de que não faziam carinhos na rua:

“Carinho” – crônica encaixada

T212 – Zélio em casa a gente faz muito isso, ou de repente na casa de algum amigo, você tá numa reuniãozinha com os amigos e tal e com as amigas e de repente um faz um comentário você chega faz um carinho tal

Zélio, coerente com a razão de sua proposição, narra o início de seu relacionamento:

“No início era diferente” – segunda parte

T214 – Zélio /.../
no início a gente até: tinha uma coisa muito de ficar se agarrando ou de mão da:da de repente às vezes dirigindo e tal mas assim

T215 – Tais hã hã

T216 – Zélio tá tocando é uma coisa né↑... e:: precisava até mais disso. até fazia às vezes na rua, até mesmo na boate e tal quando ia a um bar ou >sei lá<. mas... num num era assim. não era (não) fazia muito. a gente não ficava se abraçando se agarrando na na rua. mas foi passando o tempo e tal e: a gente: >sei lá< não não não sente necessidade disso (sabia)↓ de ficar se agarrando em público ou dentro de uma boate ou um bar. pode até acontecer de ir num bar e rolar um um afago qualquer mas... é não é porque é ali não entendeu↓=

T217 – Tais =hum hum=

T218 – Zélio =porque ali pode não...

Após provocar um corte a fim de introduzir a narrativa - >pera aí eu tô acabando me confundindo< -, Zélio inicia a narrativa dizendo que, no começo do relacionamento, ele e Lauro se tocavam mais em público, necessitavam mais de toque. Porém, com o passar do tempo, essa necessidade diminuiu, ainda que esporadicamente aconteça de se acarinharem em boates ou bares.

A narrativa é contraditória: se, por um lado, afirma que no início tinha uma coisa muito de ficar se agarrando, por outro, fala *mas... num num era assim. não era (não) fazia muito. a gente não ficava se abraçando se agarrando na na rua*. Logo depois, faz outra

afirmativa dizendo *mas foi passando o tempo e tal e: a gente: >sei lá< não não não sente necessidade disso (sabia)↓*. O uso do marcador *mas* nos indica que está contrapondo um evento ao outro, ou seja, se depois do passar do tempo não sentem mais necessidade disso é porque antes sentiam. Entretanto, se considerarmos a argumentação de Bourdieu ([1986]1998:186), que estabelece que o “mundo social /.../ tende a identificar a normalidade com a identidade entendida como constância em si mesmo /.../ à maneira de uma história bem construída”, podemos perceber a necessidade de tentar manter uma coerência de comportamento através da narrativa. Embora se tocassem mais, Zélio precisa dizer que não era tanto assim, de forma a criar uma unidade identitária que se estendesse do passado ao presente.

A seguir, Zélio inicia a terceira parte da história:

“Cotidiano” – terceira parte

- T218 – Zélio /.../
 é porque acho que a gente-- pô a gente vive junto a gente se dá super bem não tem um dia que a gente que um chegue em casa o outro chega e tal, que a gente não não sente-- por exemplo às vezes eu chego antes espero ela pra gente jantar junto.
 então a gente tá sempre conversando muito, tá sempre eh se toca:ndo né↓
 fazendo um cari:nho ou falando alguma coisa carinhosa↓
 então eh a gente se dá muito bem. eu acho que isso já, de repente: né↑
 você não precisa: ser toda hora, né=
- T219 – Tais =hã hã=
- T220 – Zélio =ficar toda hora fazendo isso que a gente em casa .hh... a gente assis- eh a gente deita pra assistir filme (fica) “ah vamos ver um filme” “vamos embora”↓
 a gente () leva um vinho pra cama pra ficar tomando vinho conversando assistindo o vinho o filme, às vezes pára o filme, se fôr um vídeo, pára o filme pra continuar conversando depois continua, então a gente tem sempre muito pra falar, é incrível.
 (eu digo assim) meu deus do céu como é que a gente fala↓ ((tais risos))
 fala mas a gente tem sempre muita coisa pra falar. quanto é até da própria relação, da relação com os amigos, da dos projetos que a gente tá a fim de fazer junto,
 mas é muita coisa. você não você não acredita como a gente fala.
- T221 – Tais ai↑ que bom↓
- T222 – Zélio não, é é é incrível. legal mesmo. (e procura) a gente procura acorda-- a não ser quando eu tenho que sair muito cedo, a gente procura (sempre) tomar o café junto, aí tá sempre

A fita acabou e o princípio da última parte da história ficou perdido. Contudo, percebe-se que estava falando da relação e dos conflitos iniciais do casal:

“Evolução” – quarta parte

T226 – Zélio /.../

((fim da fita)) mas eu queria investir (naquilo). fui investindo fui investindo, e cada vez foi melhorando melhorando melhorando e hoje eu acho que a minha relação acho uma relação super sólida. super sólida. não sei. pode até--... eu acho que comigo não acontece entendeu↑ ah de repente dar a louca e: se apaixonar por uma outra pessoa querer investir numa outra relação... eu acho que não vale a pena. até porque: tô feliz amo gosto muito gosto do que (a gente) tá construindo juntos gosto do tempo junto

T227 – Tais [hã hã

T228 – Zélio [eu gosto tipo assim pô a gente tem vinte e três anos juntos. eu acho legal eu gosto disso=

T229 – Tais =bacana isso=

T230 – Zélio =isso vai pesando né↓ vai pesando... tipo assim como vale a pena né↑ como vale a pena entendeu↓ então quer dize:r cada vez vai ficando melhor... (olha só) pra mim é coisa definitiva. sólida definitiva. é isso que eu quero e vai ser e pronto.

Como dito acima, a introdução da narrativa ficou perdida, pois não foi gravada. Entretanto, podemos perceber pela ação que trata da evolução dos acontecimentos do casamento de Zélio.

Assim como na narrativa “Cotidiano”, Zélio usa de repetição. Usa o verbo “investir” quatro vezes, apontando seu esforço na construção do relacionamento. O verbo “melhorar” é dito também quatro vezes, evidenciando o seu esforço e o caminho percorrido em direção ao seu objetivo. Repete, com variações, o resultado dessa evolução – *relação super sólida. super sólida; coisa definitiva. sólida definitiva*. Repete, ainda, a expressão “valer a pena”, marcando a importância de seu casamento: é uma construção que requer trabalho, mas vale tão a pena, que sequer acredita que poderia se deixar apaixonar por outra pessoa:

Segmento 12

T226 – Zélio /.../

eu acho que comigo não acontece entendeu↑ ah de repente dar a louca e: se apaixonar por uma outra pessoa querer investir numa outra relação... eu acho que não vale a pena.

Por outro lado, também vale a pena pelo tempo em que estão juntos:

Segmento 13

T228 – Zélio /.../

pô a gente tem vinte e três anos juntos.

/.../

T230 – Zélio =isso vai pesando né↓ vai pesando... tipo assim como vale a pena né↑

como vale a pena entendeu↓

Embora fale que é uma construção do casal – *tô feliz amo gosto muito gosto do que (a gente) tá construindo juntos* –, só menciona o seu investimento na relação – *fui investindo fui investindo* – ou seja, o nome de Lauro não comparece. Ele, Zélio, é quem está trabalhando para que o casamento funcione. Na coda, isso fica bastante claro:

Segmento 14

T230 – Zélio /.../

é isso que eu quero e vai ser e pronto.

Assim, Zélio se posiciona como agente da relação, determinado, assertivo e autoritário. Ele investe no relacionamento, seu investimento dá os resultados desejados, sobretudo porque é o que quer e, então, é o que vai acontecer. É como se sua vontade fosse o suficiente para que tudo funcionasse.

Se, por um lado, sua determinação também é mencionada na entrevista de Lauro como tendo sido fundamental para a união estável dos dois, por outro, Lauro coloca como um esforço conjunto a construção do relacionamento, onde os dois cedem aos desejos do outro para manter o casamento. Na narrativa “Cotidiano”, terceira parte da história, Zélio estabelece um companheirismo baseado em conversas, decisões conjuntas, ou seja, seu posicionamento não é autoritário, diferente de “Evolução”, comprovando as palavras de Davies e Harré:

“os posicionamentos criados para si e para os outros não são parte de uma autobiografia linear, sem contradições, ao contrário, são fragmentos acumulados de uma autobiografia vivida” (Davies e Harré, 1990:49).

Zélio, ao longo da entrevista, se constrói como assertivo e determinado. Posiciona-se como gay, mas teve casos e desejo por mulheres, ou seja, ser gay, para ele, é sentir desejo por homens também, não exclusivamente. Alinha-se com heterossexuais em seu desejo por mulheres, mas casa-se com alguém do mesmo sexo.

Segundo Butler ([1990]2003:45), a concepção de gênero da heterossexualidade institucional pressupõe “uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo”, sendo o gênero regulado “como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual”. Os posicionamentos e alinhamentos de Zélio revelam a fragilidade dessa concepção de gênero, pois seu desejo não reflete nem exprime gênero algum. Assim, também abala a “hipótese de uma relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” (Butler, [1990]2003:24).

4.4 Mauro

A entrevista com o sujeito foi feita em minha casa. Foi à noite, após sua sessão de análise. No início, Mauro organiza suas histórias em seqüência, com exceção daquelas que suscitei através de perguntas ou observações. Entretanto, não o faz por uma questão de organizar seu pensamento como no caso de seu marido. Como se propõe a dizer como é o Mauro gay, começa a contar sua vida em ordem, do momento em que percebeu que sentia desejo por homens ao seu casamento com Gabe.

Privilegia a narrativa de tipo laboviano para contar suas histórias, ainda que use a unidade discursiva explicação em algumas ocasiões (não analisei todas as histórias narradas; aqui há apenas uma, entretanto, há mais no corpo todo da entrevista).

Seu estilo é de alto envolvimento, utilizando diversas vezes fala reportada. A repetição também é um de seus instrumentos para evidenciar sua atitude e contribuir para o significado do discurso (Tannen, [1989]1996: 50).

4.4.1 Homoafetividade e família

Nessa parte, analiso histórias que tratam de como Mauro saiu do armário consigo mesmo e com sua família, bem como de histórias ligadas a questões de discriminação e promiscuidade.

4.4.1.1 Percebi que era gay

A história surgiu motivada pela pergunta que fiz sobre o que era ser gay para Mauro. Após falar sobre teorias psicanalíticas quanto à escolha de objeto, ele conclui que é melhor falar de como é o Mauro ser gay. Eu concordo e ele começa a narrar.

A história é composta de duas partes: “Primeiro beijo” (turnos 70-80) e “O desejo estava ali” (turno 80).

Percebi que era gay

- T70 – Mauro pôxa é complicado. sei lá. hum eh cara eh eu gosto muito de homens sabe↓ ((risos)) ((Tais risos)) então acho que
- T71 – Tais não, concordo. acho homem o máximo. ((risos))
- T72 – Mauro ((risos)) não vamos entrar nisso porque senão daqui a pouco eu vou estar falando de outras coisas que não têm nada a ver. ((Tais risos)) eh... deixa eu pensar... eh tudo tudo foi tão-- eu acho que eu não questionei as coisas. eu acho que eu estou fazendo assim essa esse resgate agora sabe↓ porque foi (tu-) tudo tão natural sabe↓ que foi acontecendo na minha vida acho que fica mais legal eu falar do de como foi né↑ porque aí eu não preciso pegar um conceito alguma coisa
- T73 – Tais é. não, não, (é).
- T74 – Mauro né? eh... assim eu vim de uma família evangélica e tal em que-- e que em determinado momento esse desejo começa a (apa-) aparecer né↓ aí começa a ser... a ser... a ser claro pra mim.
- T75 – Tais você era pequeno ainda
- T76 – Mauro não, eu não era pequeno. eu já tinha quinze anos de idade quando eu quando eh... isso ficou claro pra mim né↓ porque... acho que antes disso eu tinha pensado sabe aquela coisa aquele pensamento que você sabe↑ “quem eu sou?”↑ “que isso” sabe↑
- T77 – Tais hã hã
- T78 – Mauro e você tenta de certa forma excluir da sua da sua consciência, mas é foda né↑ porque não não vai embora né fica ali. fica ali né↓ e aí em determinado momento acho que com uns quinze anos de idade eu fiquei com um cara do meu trabalho↓ eu fazia estágio-- na verdade que era um estágio-- eh eu tava na secretaria de trabalho né↓ que eu desde pequeno sempre quis trabalha:r ser independente e tal, eu até acho que é por essas coisas mais inconscientes sabe, até porque acho que minha família não aceitari:a minha forma de de de vida sei lá minhas escolhas↓ aí resolvi ser independente muito cedo e... no trabalho tinha um cara que eu achava lindo maravilhoso mas eu olhava pra ele e não sabia o que que me atraía naquele cara↓ eu queria ver eu queria estar perto dele sabe↓ era um cara que era que trabalhava no almoxarifado. eh... e: aí esse cara começou a olhar pra mim também. ele-- e eu achava estranho aquilo e um dia eu fui-- eu eu inventava sempre um motivo pra pra ir no almoxarifado. era buscar era fazer uma requisição de material
- T79 – Tais hã hã
- T80 – Mauro aí fui no dia e no dia que eu cheguei ele pegou e trancou a porta. assim. trancou a porta. e ele se aproximou de mim e veio e me deu um beijo assim sim sem nada sabe↓ eu abri a porta e fui embora sabe↓ desesperado. fui embora pra minha casa↓ assim. cheguei eu lembro que eu cheguei em casa eu me lavava.sabe↑ como me lavava. “que nojo. que coisa horrososa isso.” e aí fiquei uns dois dois anos sem sem querer estar com nenhum outro homem. só que tava ali né↓ aquele dese:jo e tal e eu querendo lutar contra aquilo↓ e eu cheguei ao ponto de eh não ir à praia porque eu ia à praia e achava os homens de sunga sabe↓ ficava de pau duro porque via homem de sunga sabe↓ aí eu deixei de ir à praia. só que aí no meio da rua tinha um problema porque eu olhava pros homens e não olhava pras mulheres. eu falei “bom, tá acontecendo alguma coisa” né: e aí eu resolvi que na rua eu ia andar de cabeça baixa pra poder não ver. ((risos)) e aí eh... e aí fui ficando com meninhas e tal só que nada muito: muito: sério sabe↓ não tinha a menor vontade de ficar com meninas só ficava porque era uma cobrança

(pra mim) >me sentia cobrado< e era uma cobrança que eu fazia né↓ eh... aí eu fiquei aí quando eu tinha dezenove anos eu fiquei com um cara aí era meu namoradinho assim.

Mauro introduz a história “Primeiro beijo” dizendo que acha melhor narrar o que foi acontecendo em sua vida, pois assim não precisaria se atrelar a um conceito. Coloca que foi algo natural, o que me levou a pensar que teria sido um processo simples, contudo, no decorrer da narrativa, vemos que, ao contrário, foi um processo interno extremamente complexo. Acredito que o natural a que se refere tem relação com o surgimento do desejo, não a sua reação a ele.

Passa, então, ao resumo da narrativa dizendo que quando tinha quinze anos seu desejo por homens ficou claro para ele. Ressalta que antes havia pensado nisso, ao mesmo tempo em que tentava excluir de sua mente, mas que não conseguiu, e finaliza dizendo que em dado momento ficou com um cara do trabalho. Interessante ele usar a palavra “ficar”, que normalmente é utilizada como sinônimo de estar junto trocando algum tipo de carícia, pois, como veremos, não houve troca de carinho, apenas um beijo, dado sem consentimento em Mauro, que provocou nele repulsa.

Segmento 1

T78 – Mauro /.../

e aí em determinado momento acho que com uns quinze anos de idade eu fiquei com um cara do meu trabalho↓ eu fazia estágio-- na verdade que era um estágio-- eh eu tava na secretaria do trabalho né↓

Mauro orienta a história dizendo quando ocorreu (há cerca de doze anos atrás), onde (em seu local de trabalho) e quem são os envolvidos (ele e um colega de trabalho).

A seguir dá uma informação (Norrick, 2000) sobre o porquê de trabalhar tão jovem para depois começar a ação, que veremos no segmento abaixo:

Segmento 2

T78 – Mauro /.../

no trabalho tinha um cara que eu achava lindo maravilhoso mas eu olhava pra ele e não sabia o que que me atraía naquele cara↓ eu queria ver eu queria estar perto dele sabe↓

era um cara que era que trabalhava no almoxarifado. eh... e: aí esse cara começou a olhar pra mim também. ele-- e eu achava estranho aquilo e um dia eu fui-- eu eu inventava sempre um motivo pra pra ir no almoxarifado. era buscar era fazer uma requisição de material

T79 – Tais

hã hã

T80 – Mauro

aí fui no dia e no dia que eu cheguei ele pegou e trancou a porta. assim. trancou a porta. e ele se aproximou de mim e veio e me deu um beijo assim sim sem nada sabe↓ eu abri a porta e fui embora sabe↓ desesperado. fui embora pra minha casa↓ assim. cheguei eu lembro que eu cheguei em casa eu me lavava. sabe↑ como me lavava. “que nojo. que coisa horrorosa isso.”

Mauro avalia que seu colega era *lindo, maravilhoso*, mas ainda não entendia porque se sentia atraído. Sentia necessidade de se aproximar, inventava desculpas para vê-lo, contudo, achou estranho quando o rapaz começou a olhar para ele.

Percebe-se que realmente não entendia que estava demonstrando interesse quando finaliza a ação dizendo que ele *deu um beijo assim sim sem nada*. Na verdade, estava sinalizando sua atração e o colega percebeu, tomando a atitude que acreditava seria bem-vinda. Entretanto, para Mauro, foi um choque. Ele faz duas avaliações sobre o incidente: na primeira, ficou desesperado; na segunda, sentiu nojo, achou aquilo horrível. Além de repetir o verbo lavar duas vezes, o faz no imperfeito para marcar uma ação repetitiva, contínua, enfatizando o quanto achava asqueroso um beijo de um homem naquela ocasião. Essa reação é bastante coerente com alguém criado em ambiente religioso, como ele menciona no início da entrevista⁷, tendo inclusive participado do coro da igreja.

O resultado da história é que ficou traumatizado, pois ficou dois anos sem ficar com nenhum homem:

Segmento 3

T80 – Mauro

/.../

e aí fiquei uns dois dois anos sem sem querer estar com nenhum outro homem.

⁷ Conferir entrevista completa no capítulo 7.

Nessa primeira parte de “Percebi que era gay”, Mauro se posiciona como gay, mas como um gay que ainda não saiu do armário para si mesmo. Seu desespero, sua reação de lavar o corpo inteiro revelam que o que acha nojento é o próprio desejo, caso contrário só lavaria os lábios que haviam sido tocados. A segunda parte da história, “O desejo estava ali”, esclarece esse ponto.

“O desejo estava ali” – segunda parte

T80 – Mauro /.../

só que tava ali né↓ aquele dese:jo e tal e eu querendo lutar contra aquilo↓ e eu cheguei ao ponto de eh não ir à praia porque eu ia à praia e achava os homens de sunga sabe↓ ficava de pau duro porque via um homem de sunga sabe↓ aí eu deixei de ir à praia. só que aí no meio da rua tinha um problema porque eu olhava pros homens e não olhava pras mulheres. eu falei “bom, tá acontecendo alguma coisa” né. e aí eu resolvi que na rua eu ia andar de cabeça baixa pra poder não ver. ((risos)) e aí eh... e aí fui ficando com meninhas e tal só que nada muito: muito: sério sabe↓ não tinha a menor vontade de ficar com meninas só ficava porque era uma cobrança (pra mim) >me sentia cobrado< e era uma cobrança que eu fazia né↓ eh... aí eu fiquei aí quando eu tinha dezenove anos eu fiquei com um cara, aí era meu namoradinho assim.

Mauro resume do que a história tratará: de sua luta contra o desejo que sentia. Toda a segunda parte é sobre o esforço que fez para não desejar: evitava praia, andava na rua de cabeça baixa, namorava meninas. Sua luta e sua cobrança era em relação ao desejo, não à ação. A questão não era somente se iria se relacionar ou não com homens; não podia sequer desejá-los.

Mauro finaliza a história sem explicar o processo por que passou para conseguir namorar um homem, passando logo à narrativa sobre seu primeiro amor, o que fez com que eu retomasse a questão de ele sair no armário consigo mesmo no turno 247.

4.4.1.2 A psicologia me ajudou

A história surgiu através de uma pergunta que fiz sobre seu processo de assumir que era homoafetivo. Compreende os turnos 248-254 e é composta de duas partes: “Sofri muito” (turnos 248-250) e “A primeira vez que transei com homem” (turnos 252-254).

A psicologia me ajudou

- T247 – Tais como é que é esse negócio de assim de assumir-- pra família tudo bem (você já falou) não sei que. mas e com você? com você foi muito complicado?
- T248 – Mauro foi. eu não te falei que eu me cobrava tanto eh eh eh a não ter esse tipo de comportamento? eu me cobrava não não ser gay sabe↓ que eu achava-- era na bíblia. tá lá sabe↓ você não pode entendeu↓ um homem não (envelhece) com outro homem sei lá o que entendeu=
- T249 – Tais =como é que você transou isso na sua cabeça pra você conseguir [(ultrapassar)
- T250 – Mauro [cara eu sofri muito eu sofri muito sabe↓ eu eu não aceitava eu ficava com meninas e não sentia tesão↓ eu: eu: sofria eu não era uma coisa legal sabe↓ e eu não aceitava isso então eu tive que mudar, em algum momento eu ia sabe↓ “esse desejo vai diminuir” só que acontece que ele aumentava toda vez que eu tentava diminuir ele aumentava sabe↓ e aí chegou uma hora que eu falei “(não vou) não vou me questionar mais sabe. não vou questionar. eu vou ficar sabe.” e aí é assim eu faço eh eu (estud-) eu eu eu eh eh faço psicologi:a né↑ estudei psicologi:a e tal isso me ajudou pra cacete entendeu↓ a (ques-) a olhar pra um outro pra uma outra via sabe↓ de não me de não de não uma coisa eh de não olhar pela pela doença sabe↓ mas uma coisa de comportamento mesmo sabe↓ pega a psicaná:lise (a opção) da esco:lha enfim tudo isso me ajudou. hoje em dia eu faço aná:lise sabe.
- T251 – Tais a primeira vez que você ficou mesmo com um cara transou com um cara como--? depois isso foi uma coisa que te grilou foi? ou foi uma coisa de “ai graças a deus finalmente”?
- T252 – Mauro eu tinha muita vontade de transar com homem mas eu tinha muito medo sabe↓ mas medo↓ eu não sei de onde vinha meu medo↓ era um medo absurdo. eu eu uma vez saí fui prum bar e aí tinha um cara maravilhoso lindo assim pra mim assim, não estou dizendo que essas pessoas são maravilhosas não, mas pra mim eram sabe=
- T253 – Tais =hã hã=
- T254 – Mauro =eu falava assim “caralho muita areia pro meu caminhão” e aí essa cara começou a olha:r pra mim começou a olha:r e aí a gente sentou junto começou a conversa:r, enfim aí eu contei pra ele que eu nunca tinha transado com homem. aí (isso) acendeu assim sabe↓ o cara falou assim “como assim? você vai transar com um cara agora.” (assim) “vamos pra minha casa”. aí eu fui pra casa desse cara e tal, eh a gente transou foi ótimo e tal, não gozei, ((risos gerais)) mas transei com ele e eh e foi estranho↓ ficou uma coisa meio não fiz por inteiro entendeu↓ a coisa né↑ mas já tava-- quando eu transei com homem a coisa já tava tão: trabalha:da sabe↓ que eu acho que quando eu transei já tava tranquilo↓ já “é isso mesmo” sabe↓ “agora esse é só o caminho. é só descobrir o que tem de bom. tem muita coisa boa aí né na frente.”

Mauro começa “Sofri muito”, primeira parte da história, fazendo um resumo: sofreu muito, não aceitava, mas sabia que teria que mudar. A seguir passa para a ação e usa de fala reportada para mostrar sua expectativa de que o desejo iria diminuir, mas em vão, ele só aumentava. Ainda usando de fala reportada, fala que resolveu não mais pensar no assunto e aceitar sua condição homoafetiva.

Segundo Tannen ([1989]1996:110), o discurso reportado é uma estratégia para enquadrar a informação de forma a facilitar a comunicação e para criar envolvimento. Ainda segundo a autora (p.50), a repetição coloca em evidência a atitude do falante, contribuindo para o significado do discurso. Mauro usa ambos instrumentos a fim de marcar o que sentia, tanto no início, quando lutava contra o desejo, quanto quando se conformou que se sentia atraído por homens:

Segmento 4

T250 – Mauro /.../

“esse desejo vai diminuir” só que acontece que ele aumentava toda vez que eu tentava diminuir ele aumentava sabe↓

/.../

“(não vou) não vou me questionar mais sabe. não vou questionar. eu vou ficar sabe.”

Finalizando a ação, Mauro coloca que estudou psicologia e isso o ajudou para que não visse sua homoafetividade como doença, mas como comportamento.

Goffman ([1963]1975:14) estabelece que um dos estigmas de culpas de caráter individual é a homoafetividade, ou seja, está ligada a comportamento (não podemos deixar de lembrar que entre as culpas estão desemprego, suicídio, política radical, enfim, estão ligadas ao comportamento dos indivíduos). Contudo, para Mauro, é um alívio que a psicanálise, em sua leitura, veja ser gay como comportamento e não doença. A princípio, isso pode parecer estranho, pois seria, de qualquer maneira, passível de estigma. Entretanto, doença, como uma condição congênita, marca a homoafetividade como “anormal”, irreversível e fora do controle daqueles a portam. Portanto, o alívio de Mauro tem razão de ser: não sendo doença, ele é “normal”, ainda que apresente um comportamento indesejado pela sociedade.

O resultado é que a psicanálise o ajudou. Finaliza com uma coda, onde revela que continua fazendo análise:

Segmento 5

T250 – Mauro /.../ hoje em dia eu faço análise sabe.

A segunda parte da história, “A primeira vez que transei com homem”, é suscitada por uma pergunta minha:

Segmento 6

T251 – Tais e a primeira vez que você ficou mesmo com um cara transou com um cara como--? depois isso foi uma coisa que te grilou foi? ou foi uma coisa de “ai graças a deus finalmente”?

Mauro introduz a narrativa falando de seu medo de “transar” com homens:

Segmento 7

T252 – Mauro eu tinha muita vontade de transar com homem mas eu tinha medo sabe↓ mas medo↓ eu não sei de onde vinha meu medo↓ era um medo absurdo.

Mauro repete a palavra *medo* quatro vezes, enfatizando sua hesitação em viver sua homoafetividade plenamente. Fala que não sabe de onde vinha seu medo, contudo, se considerarmos o processo por que passou para aceitar seu próprio desejo, vemos que não poderia ser de outra forma, pois ter relações com um homem seria tornar concreto seu desejo e sua condição gay.

A narrativa prossegue com o relato de uma ida ao bar, onde conheceu um homem que avalia como *maravilhoso lindo, muita areia pro meu caminhão*. Após troca de olhares, conversam e ele menciona que nunca havia feito sexo com homem:

Segmento 8

T254 – Mauro /.../
enfim aí eu contei pra ele que eu nunca tinha transado com homem. aí (isso) acendeu assim sabe↓ o cara falou assim “como assim? você vai transar com um cara agora.”
(assim) “vamos pra minha casa.”

Embora possa parecer contraditório na introdução ter falado em medo e, logo a seguir, contar um episódio em que mal conhece um sujeito, vai para casa dele ter relações sexuais, mais adiante, na coda da história, fala que já estava tranquilo, que já tinha resolvido suas questões internas na ocasião, portanto, deduzo que o medo de que fala

ocorreu bem antes do evento narrado. Isso nos remete a Mishler (2002), quando estabelece que as tramas são governadas pela maneira que terminam, pela situação atual em que os narradores se encontram. Mauro precisa falar do medo para ressaltar que havia ultrapassado esta dificuldade, quando resolveu fazer sexo pela primeira vez. Aqui, a situação atual não é somente relativa ao que Mauro é agora, no momento da entrevista, mas o que era no momento em que aceitou o convite para ir para a casa do rapaz. O medo de que fala serve de ponte entre o primeiro processo de aceitação do desejo e a concretização do desejo.

A ação prossegue:

Segmento 9

T254 – Mauro /.../

ai eu fui pra casa desse cara e tal, eh a gente transou foi ótimo e tal, não gozei
((risos gerais))

Mauro avalia como uma experiência boa, ainda que não tenha atingido o orgasmo. Contudo, no resultado, percebemos que esta avaliação não tem exatamente a ver com o ato sexual *per se*, no sentido de satisfação pessoal momentânea, mas com o fato de ter conseguido fazer sexo:

Segmento 10

T254 – Mauro /.../

mas transei com ele e eh e foi estranho↓
ficou uma coisa meio não fiz por inteiro entendeu↓ a coisa né↑

Aqui, a avaliação é que *foi estranho* por não ter *feito por inteiro a coisa*. Não temos como saber se não foi inteira por não ter havido uma penetração completa, de sua parte, do outro ou de ambos, ou se pelo fato de não ter atingido o orgasmo, deixando uma sensação de incompletude. Porém, como podemos ver pela coda, o importante é que estava tranquilo e percebeu que podia viver sua homoafetividade fisicamente:

Segmento 11

T254 – Mauro /.../

mas já tava-- quando eu transei com homem a coisa já tava tão: trabalha:da sabe↓
que eu acho que quando eu transei já tava tranquilo↓ já “é isso mesmo” sabe↓
“agora esse é só o caminho. é só descobrir o que tem de bom. tem muita coisa boa aí né na frente.”

Em “A psicologia me ajudou”, o sofrimento de Mauro foi passando à medida em que foi se informando, através do estudo, sobre sua condição homoafetiva. O estigma que portava, e reconhecia como tal, foi deixando de ser doença para ser algo relacionado ao seu comportamento, ou seja, passa a ter controle sobre sua homoafetividade. Seu processo passou por todas as fases: primeiro a aceitação, depois o medo da concretização e, por fim, quando já se sentia em condições, a realização do ato sexual, marcando o início de um novo momento para ele.

4.4.1.3 Minha família ficou sabendo

Mauro, quando fala de seu primeiro namorado, no início da entrevista, comenta que foi devido a esse relacionamento que sua mãe descobriu que era homoafetivo. Assim, no momento em que termina as histórias sobre Roberto e Nadine, que veremos na próxima seção, sente que faltou algo e começa a contar a história.

Compreende os turnos 104-112, sendo composta de três partes: “Minha mãe descobriu” (turnos 104-110), “Meu pai quer que eu seja feliz” (turnos 110-112) e “A reação de minhas irmãs” (turno 110).

Minha família ficou sabendo

T104 – Mauro /.../

só que aí uma coisa que eu pulei >acabei pulando< é que eh eu passei eh nesse momento que o roberto volta da suécia antes da da quando ele volta eh e depois que ele lê as cartas e que resolve vir, ele ficou num hotel e aí eu fiquei dormindo com ele todos os di:as no hotel né↓ e aí minha mãe começou a desconfiar ((pigarro)) da minha ausência.

- achou achou estranho um dia eu aparecer com uma marca no pescoço↓ né↑ um chupão. aí minha mãe achou aquilo muito estranho porque a minha mãe é muito conservadora e ela acha que uma mulher não faz um chupão no pescoço de um homem né↓
- T105 – Tais é mesmo é?
- T106 – Mauro é
- T107 – Tais ela desconfiou por causa disso?
- T108 – Mauro ela (desconfi-) ela (descon-) aí ela perguntou pra mim ela falou assim “mauro”-- aí não, aí um dia eu-- ele tava me esperando embaixo do prédio e eu tava me arrumando pra sair com ele, minha mãe apareceu na minha casa, eu comecei achar aquilo estranho↓ minha mãe nunca aparecia. aí ela apareceu e falou “quero conversar com você.” aí e me segurou pelo braço falou assim “ó eu quero saber há quanto tempo você é gay.” aí eu falei pra ela (disse) “olha desde que o dia que eu nasci.” sabe naquela época eu achava que era desde o dia que eu tinha nascido porque foi tudo tão natural pra mim sabe↓ foi tudo (tão) acontecendo tão naturalmente. aí ela: ela: aí eu comecei a conversar com ela ela começou a chorar começou a dizer que era um absurdo, que ela não concebia um homem de quatro pro outro↓ aí eu falei pra ela que eu nunca perguntei o que que ela fazia entre quatro paredes com meu pai >se ela ficava de quatro se ficava de (dei) deitada< então eu não achava: direito dela sabe↑
- T109 – Tais [hã hã
- T110 – Mauro [me perguntar isso e me agredir dessa forma. então eu saí fui embora e tal. eh foi: foi: complicado pra mim porque nesse momento as coisas ficavam claras né↓ ficaram claras pra pra minha família toda↓ porque minha mãe obviamente saiu falando pra todo mundo e eu me me me antecipei e: fui conversar com minhas irmãs↓ falei com elas e tal, elas receberam de uma forma meio estranha. uma irmã minha chorou bastante preocupada com o que seria do meu futuro e tal. enfim. a minha irmã que morava comigo que eu morava com ela ela já sabia já sabia a gente já tinha conversado↓ um dia eu tinha contado pra ela eh até antes de ficar com o roberto ela já sabia. eh o meu pai (fi--) eu fiquei um mês sem ir na casa dos meus pais né↑ e meu pai ficava me ligando e eu tinha pânico do meu pai né↓ um senhor de setenta e cinco anos conservador evangélico e parará e parará e parará. eu: eu: eh eu: aí... ele ele ligava e eu evitava falar com meu pai. eu (não) não queria falar com ele. tinha medo de falar com ele. aí um dia meu pai chegou sete horas da manhã na minha casa depois de um mês e falou que ele não queria que eu me afastasse dele. ele falou assim chorando sabe não queria que eu me afastasse dele. que ele me amava e que minha escolha era uma escolha que eh ele não concordava mas que ele não podia fazer nada em relação a isso, que ele queria que eu fosse feliz. que eu fosse feliz da minha forma. tá entendendo? então pra mim
- T111 – Tais que barato pôrra
- T112 – Mauro foi a coisa mais... complicada↓ como-- né↑ a minha mãe que é a pessoa que eu acho que teria reagido de uma forma melhor né↓ dentro do possível né↓ estou falando de uma pessoa evangélica né↓ não reagiu dessa forma. e meu pai que era uma pessoa que eu menos esperava reagiu de uma forma legal.

Mauro introduz a história falando que sua mãe começou a desconfiar devido à sua ausência e, sobretudo, pelo fato de ter aparecido um dia em sua casa com uma marca de “chupão”. Sendo muito conservadora, acredita que somente homens teriam o ímpeto de beijar de forma tão intensa.

Passa logo à ação, quando sua mãe foi visitá-lo, o que suscitou sua desconfiança, posto que nunca o fazia. A partir desse momento da narrativa, constrói sua mãe como

agressiva. Primeiro fala que ela segurou em seu braço para depois dizer que ela queria saber há quanto tempo era gay. Ao mesmo tempo, se constrói como compreensivo, pois tenta conversar com ela. Em contraste com sua compreensão, sua mãe o ataca, dizendo que isso era um absurdo e falando que *não concebia um homem de quatro pro outro*, ou seja, criando uma imagem grosseira de homoafetividade, enfatizando apenas o aspecto sexual do relacionamento entre gays. Mauro reage com a mesma agressividade, fazendo referências a posições de relações sexuais que os pais poderiam ter, buscando construir a mesma imagem grosseira de que tinha sido alvo. Ele diz claramente que se sentiu agredido com sua pergunta sobre seus atos sexuais – *eu não achava: direito dela sabe ↑ me perguntar isso e me agredir dessa forma*. O resultado é que vai embora, não quer mais conversar. Finaliza a narrativa avaliando que foi complicado para ele, pois sua mãe obviamente contou para toda a família.

Segundo Link, Yang, Phelan e Collins (2004:3-4), o rótulo é um componente essencial para o estigma e a diferença rotulada é ligada a características negativas na mente das pessoas. Para a mãe de Mauro, de acordo com sua narrativa, ser gay é somente uma questão de sexo (ela desconfia dele porque vê um chupão em seu pescoço) e, portanto, é a única coisa que consegue pensar quando tem a confirmação da homoafetividade do filho. Ainda de acordo com os autores, do ponto de vista do estigmatizador, a identificação de diferenças pode acarretar emoções como raiva, irritação, ansiedade, pena e medo, que podem ser identificadas pelo estigmatizado acarretando tanto essas emoções, como também vergonha. Mauro identificou como agressão a atitude da mãe, ou seja, ligada à raiva e à irritação. Sua identificação provocou nele uma resposta igual – sentiu-se agredido, portanto, agrediu também. Provavelmente foi tão forte aquele momento, que até hoje, anos depois, quando narra o episódio, revela ressentimento.

A segunda parte da história, “A reação de minhas irmãs”, começa com Mauro dizendo que resolveu conversar com as irmãs:

Segmento 12

T110 – Mauro /.../

eu me me me antecipei e: fui conversar com minhas irmãs↓ falei com elas e tal, elas receberam de uma forma meio estranha. uma irmã minha chorou bastante preocupada com o que seria do meu futuro e tal. enfim.

O verbo antecipar utilizado aqui demonstra que o entrevistado não tinha intenção de conversar sobre isso com todas as irmãs naquela época. Porém, conversou e avalia que a reação que apresentaram foi meio estranha. Como exemplo, fala que uma chorou preocupada com seu futuro. Parece que o conhecimento da diferença do irmão acarretou emoções ligadas à pena e à ansiedade (Link, Yang, Phelan e Collins, 2004:3-4), que ele não conseguiu identificar o porquê, por isso o estranhamento.

Mauro finaliza essa parte comentando que já havia contado para a irmã que morava com ele e passa a narrar a terceira parte, “Meu pai quer que eu seja feliz”.

Segmento 13

T110 – Mauro eh o meu pai (fi--) eu fiquei um mês sem ir na casa dos meus pais né↑ e meu pai ficava me ligando e eu tinha pânico do meu pai né↓ um senhor de setenta e cinco anos conservador evangélico e parará e parará e parará. eu: eu: eh eu: aí... ele ele ligava e eu evitava falar com meu pai. eu (não) não queria falar com ele. tinha medo de falar com ele.

A introdução trata do medo que sentia do pai e justifica esse sentimento criando uma imagem de senhor idoso, religioso e conservador. Embora idoso, certamente não tinha setenta anos na época, pois o evento tinha acontecido há pelo menos uns sete anos, no tempo em que namorava Roberto. Mauro está não só justificando, como também estabelecendo um contraste com o que acontece na ação, quando ele e seu pai finalmente conversam:

Segmento 14

T110 – Mauro /.../
aí um dia meu pai chegou sete horas da manhã na minha casa depois de um mês e falou que ele não queria que eu me afastasse dele. ele falou assim chorando sabe não queria que eu me afastasse dele. que ele me amava e que minha escolha era uma escolha que eh ele

não concordava mas que ele não podia fazer nada em relação a isso, que ele queria que eu fosse feliz.

De conservador, passível de inspirar medo, o pai passa a amoroso. Ele procura o filho, chorando, pedindo que não se afastasse. Fala de seu amor, de sua aceitação e de que quer ver o filho feliz. A construção que Mauro faz de sua conversa é oposta àquela que teve com a mãe e, conseqüentemente, de seu pai. Enquanto a mãe é construída como agressiva, o pai é tolerante. Ao mesmo tempo, constrói-se como reativo e emotivo, no sentido de responder às emoções que lhe são impingidas: quando agredido, agride; quando amado, ama.

O resultado da narrativa é que seu pai quer que seja feliz da sua forma – *que eu fosse feliz da minha forma*. Na coda, ele recupera o ressentimento com a mãe e revela a surpresa da reação do pai:

Segmento 15

T110 – Mauro /.../

tá entendendo? então pra mim

T111 – Tais que barato pôrra

T112 – Mauro foi a coisa mais... complicada↓ como-- né↑ a minha mãe que é a pessoa que eu acho que teria reagido de uma forma melhor né↓ dentro do possível né↓ estou falando de uma pessoa evangélica né↓ não reagiu dessa forma. e meu pai que era uma pessoa que eu menos esperava reagiu de uma forma legal.

Mauro reconhece o estigma de ser gay, tinha expectativas com relação a seus familiares, não queria sair do armário naquele momento. Contudo, ao ouvir a história “Minha família ficou sabendo”, percebe-se que errou nas expectativas com relação a seus pais e a suas irmãs. A mãe reage de forma inesperada, provocando um ressentimento que persiste até hoje; as irmãs apresentam sinais de preocupação que não consegue entender; o pai, de quem sentia medo, possivelmente baseado na reação da mãe, mostra-se compreensivo. O que fica claro é que o estigma imposto aos homoafetivos invade o cotidiano em suas relações pessoais mais básicas: pais e irmãos.

4.4.1.4 Preconceito

A história emerge após eu perguntar sobre um episódio que seu marido havia contado, quando foi perseguido por rapazes que o queriam agredir. Compreende os turnos 188-200 e é composta de duas partes: “Não queria, mas corri” (turnos 188-198) e “No bar” (turnos 198-200).

Preconceito

- T187 – Tais essa coisa da discriminação↓ o gabe tava me falando que uma vez saíram atrás de você na na rua.
- T188 – Mauro foi isso. aconteceu num desses momentos que eu fiquei galinha:ndo que eu pegava um homem por por=
 T189 – Tais =por noite ((risos))
- T190 – Mauro é, um homem por noite. eu fiquei com um garoto e tal e aí era de noite bem de madrugada assim umas três quatro horas da manhã e era ali na rua da lama ali em botafogo. né↑
 eh eu aí eu fui levar o garoto no ponto de ônibus que ele ia embora e eu ia voltar pro lugar ia continua:r. aí >eu fui deixar o garoto no ponto< e aí tava chovendo uma chuva fina sabe↓ e a gente foi chegando no ponto e não tinha ninguém.
 aí do nada apareceram três caras fortes assim sabe judotecas sabe↑=
 T191 – Tais =sei
- T192 – Mauro vindo na nossa direção. (eu falei assim) “corre” e o garoto que tava na minha que eu tava junto com ele saiu correndo sabe↓ (saiu correndo). eu olhei pra aquilo falei “gente que absurdo eu não vou correr.” sabe↑ “eu não vou correr porque esses caras não vão me intimidar.” e os caras vinham com uma barra de ferro um pau assim e eu falei “não vou correr. vou ficar aqui.” tipo assim “não vou mostrar que estou com medo.” só que quando eu vi aqueles caras chegando muito perto de mim com aquele pau, eu falei “bom não vai dar pra conversar mesmo né↑ ((risos)) ((tais risos)) eu vou correr.”
 aí eu corri tanto, parecia desenho animado aquelas pernas assim↓ ((risos gerais))
 que eu passei o garoto fiquei bem na frente do garoto o garoto ainda foi ainda pegaram o garoto né↓ ele levou umas porradas e tal.=
- T193 – Tais =pegaram ele de pau=
 T194 – Mauro =é. pegaram de raspão assim mas pegaram. e a gente se encontrou depois.
 corri aquela voluntários da pátria toda assim↓ mesmo depois que eu que eu vi que eles não estavam atrás, eu continuei correndo. ((risos gerais))
 e me deu um ódio tão grande nesse dia. eu pensei “gente se eu tivesse um uma arma eu matava esses caras sabe.” porque (sa) sabe foi tudo tão... aí eu eu eu não sei num eu eu acho que eu não questionava as coisas naquela época.
 eu só eu agia muito por impulso sabe↓ acho que tem a ver que eu era adolescente sabe↓ era adolescentão então eu... eu não entendia sabe porque aquilo porque tanta tanta raiva tanto ódio “porque que eu não posso ser eu” sabe↓ eu sempre fui muito assim
 “porque que eu que eu não posso fazer aquilo que eu quero fazer?” e eu eh eu não sei eu fiquei: fiquei com isso na cabeça, eu falei “gente se eu encontrar esses caras eu sabe eu vou fazer alguma coisa sabe↓ vou denunciar ou fazer alguma coisa.” (porque naquele)--mas eu só pensava que se eu tivesse uma arma eu podia matar eles=
 T195 – Tais =ainda bem que você não tinha=
 T196 – Mauro =ainda bem que eu não tinha. ainda bem.
 T197 – Tais raiva só de não saber lutar o tal do jiu jitsu. ((risos))

- T198 – Mauro é verdade. de não ser tão forte né↓ quanto eles. mas já já sofri outros assim já né↑
é que eu sou muito ligado assim eu sou muito eh eu fico muito preocupado com--
ainda hoje-- menos mas ainda hoje eu fico muito preocupado quando entro num num
meio num lugar que pode ser um um lugar meio como vou dizer? hostil↑=
- T199 – Tais =hã hã=
- T200 – Mauro =sabe eu fico muito ligado na na na na reação das pessoas a sabe a mim sabe↓ mesmo.
uma vez a gente tava num bar, tava eu lana pati gabe carol e tal a gente tava conversando
e tava de frente pra um cara que tava beijando uma mulher e tal.
e o cara olhava pra nossa mesa e ficava falando com a mulher. eu também já tava olhando
ficava vendo esse casal e uma hora ele olhou pra mim e fez questão de fazer com os
lábios assim “°viado filha da puta°” sabe↑ cara aquilo me deu uma raiva tão grande.
e eu pensei sabe↓ eu pensei “cara se fosse acho que se fosse outro momento eu iria tomar
satisfação com esse cara”, mas (). °deve ter uns dois anos isso°, eu eu pensei “cara”↓
eu fiquei com muita raiva eu em senti super mal aquilo me deixou muito mal mas eu não
falei nada sabe↓ porque eu sabe↓ que esse cara que o que ele queria era isso sabe↓
e outra coisa também qual é-- sei lá. qual é-- eh sei lá. qual-- que que está por trás disso?
né↑ né↑ né↑ desse cara sabe↓ qual será-- qual é a questão dele↑ qual qual problema dele?
entendeu↑ então eu consegui explorar essas duas situações que eu vivi: de preconceito e
no resto só
- T201 – Tais e de preconceito positivo?

“Não queria, mas corri” – primeira parte

Mauro orienta a história, dizendo que era de madrugada, em Botafogo e que estava levando ao ponto de ônibus o garoto com quem “ficou” naquela noite.

A ação começa quando três rapazes fortes surgem subitamente – *do nada apareceram três caras fortes* – e ele fala para seu companheiro correr. Aparentemente, é uma narrativa sobre como escapou da possível violência que iria sofrer, contudo, podemos perceber que a principal questão é o desenvolvimento de seus sentimentos ao longo dela.

Polanyi (1985: 10) argumenta que histórias são compostas de eventos, definidos como “uma ocorrência em algum mundo que é descrita como tendo caráter instantâneo e não durativo ou iterativo” e proposições descritivo-durativas, que seriam “aquelas que tratam da situação do mundo narrativo que não sejam eventos pontuais da linha de tempo principal” (p.12). No caso da narrativa aqui analisada, podemos considerar como eventos o surgimento dos agressores, a dúvida do narrador sobre se corria ou não e a fuga dos que seriam agredidos. Se não levarmos em consideração a reflexão de Mauro sobre seus sentimentos com relação àqueles eventos, se não levarmos em consideração as proposições descritivo-durativas, a história seria apenas um relato de uma fuga bem

sucedida e não a descrição de um momento de conscientização de discriminação homofóbica e suas conseqüências.

Embora Mauro não especifique no início que os rapazes iam agredi-lo, ou seja, não está dito no mundo narrativo, o fato de chamá-los de *judotecas*, dizer em fala reportada “*esses caras não vão me intimidar*” e acrescentar que estavam armados com *barra de ferro um pau assim*, nosso conhecimento de mundo nos permite inferir que se tratam de pessoas agressivas que usualmente atacam indivíduos indefesos, motivados por preconceitos ou causas banais (alguém olhou para a mulher de algum deles em uma festa, por exemplo).

O ponto da narrativa é o ódio que sentiu, a impotência que experimentou naquele momento e a perplexidade diante do fato de que poderia ser agredido devido à sua orientação sexual marginal, como podemos constatar no segmento abaixo:

Segmento 16

T194 – Mauro /.../

e me deu um ódio tão grande nesse dia. eu pensei “gente se eu tivesse um arma eu matava esses caras sabe.” /.../ eu não entendia sabe porque aquilo porque tanta tanta raiva tanto ódio “porque que eu não posso ser eu” sabe↓ eu sempre fui muito assim “porque que eu que eu não posso fazer aquilo que eu quero fazer?” /.../ mas eu só pensava que se eu tivesse uma arma eu podia matar eles

/.../

T198 – Mauro é verdade. de não ser tão forte né↓ quanto eles.

Ainda que tenha se construído como alguém passível de odiar, Mauro se constrói como um indivíduo bom, pois concorda com a entrevistadora com relação a ter sido melhor não possuir uma arma naquele momento, ou seja, não acredita em uma resposta covarde e se surpreende com a profundidade de seu ódio:

Segmento 17

T194 – Mauro /.../

mas eu só pensava que se eu tivesse uma arma eu podia matar eles=

T195 – Tais =ainda bem que você não tinha=

T196 – Mauro =ainda bem que eu não tinha. ainda bem.

A experiência da agressão sofrida levou o sujeito a se tornar desconfiado e a ficar alerta, como veremos na continuação de “Preconceito”.

“No bar” – segunda parte

Mauro introduz a história dizendo hoje é menos *ligado*, mas que ainda fica preocupado quando está em ambientes que avalia como hostis. Prossegue, fazendo um relato de agressão verbal que sofreu em um bar. A princípio, pode parecer estranho que o rapaz da outra mesa tenha ficado olhando a mesa dele, considerando-se que tinham dois rapazes e três moças. Contudo, Mauro sabia que eu tinha conhecimento de que ele e Gabe eram um casal e Lana e Pati também; a única pessoa que estava desacompanhada era Carol, que não sei se é gay ou não. Assim, não senti necessidade de dar nenhuma informação além dos nomes das pessoas.

Relata a raiva e o mal-estar que sentiu ao perceber as palavras *viado filha da puta* moldadas nos lábios do agressor, mas decidiu não reagir, ainda que pudesse (afinal, o rapaz estava sozinho). Entretanto, não o fez por perceber que, se o fizesse, estaria agindo exatamente como o agressor esperava. Assim, não posiciona-se como impotente. De fato, inverte os papéis: o rapaz da outra mesa é que tinha problemas, não ele, o estigmatizado:

Segmento 18

T200 – Mauro /.../

qual é a questão dele↑ qual qual problema dele?

Finaliza “Preconceito” dizendo que essas foram as duas situações que viveu, porém fala que conseguiu explorá-las, ou seja, retirou um aprendizado de ambos os eventos, não sofreu em vão.

4.4.1.5 Promiscuidade está ligada à masculinidade

A história surge após Mauro relatar seu desprezo por homens que buscam prazeres sexuais em banheiros de lugares públicos. Eu, então, falo que isso acaba contribuindo para uma imagem de gay promíscuo. Ele passa a argumentar que não é uma questão de ser gay, mas uma questão de ser homem e inicia a explicação (Linde, 1993:90), que começa no turno 550, é interrompida no turno 560, retomada no turno 568 e finalizada no turno 580.

Promiscuidade está ligada à masculinidade

- T547 – Tais é engraçado. contribui mesmo pra essa coisa da da imagem porque tem uma imagem do gay [promíscuo né↓
- T548 – Mauro [claro tem.
- T549 – Tais porque eu vejo essa coisa quando eu vejo eh=
- T550 – Mauro =mas não é-- mas aí essa coisa do gay promíscuo entendeu↓ isso tá diretamente relacionado à à à masculinidade↓ não tá relacionado () quando você pensa no no nisso não não tá tipo viados mulheres entendeu↓
- T551 – Tais hã hã
- T552 – Mauro associado ao feminino entendeu↓ isso tá diretamente associado ao [masculino
- T553 – Tais [entendi hã hã ao masculino=
- T554 – Mauro =porque porque que não existe ponto de pegação de mulheres de lésbicas entende↓ não é uma coisa relacionada à homossexualidade entendeu↓ é à masculinidade porque porque se o homem pudesse trepar com a mulher-- se a mulher sabe quiser trepar com um homem como um homem gostaria de trepar, a gente ia ter uma coisa muito promíscua entendeu↓ porque o homem assim se a mulher abrir a perna ele tá metendo entendeu↓ não quer saber
- T555 – Tais [é
- T556 – Mauro [então são dois homens↓ querem a mesma coisa entendeu↓ então eles vão fazer vai ter ponto de pegação mesmo entendeu↓ então pra mim não é uma coisa=
- T557 – Tais =é, tá mais ligada à masculinidade. mas engraçado, socialmente é visto quer dizer, não que o homem não seja visto como promíscuo, mas é um promíscuo aceito=
- T558 – Mauro =aí, é, aceito=
- T559 – Tais =”ah homem é assim”=
- T560 – Mauro =a questão das putas né e tal, que são aceitas e né↑ tem isso. /.../
- T568 – Mauro é, mas é porque o o o homem fica porque é a questão da da da masculinidade né↓ ela é cobrada↓ a mulher não é cobrada em ser feminina sabe↓ não não não cobram da mulher sabe↓ a feminilidade sabe↓ nesse sentido que cobram do homem↓ eles cobram↓ assim↓ é cobrado sabe↓ a mulher a questão do gênero sabe=
- T569 – Tais =hã hã=
- T570 – Mauro =só que eh no caso do homem acho que é uma coisa além disso sabe↓ é uma coisa do do pau mesmo sabe↓ tipo do do do do eh tem a questão do gênero também a questão do provedor e tudo isso sabe↓ mas eh (compor) comportamento sabe de de de de enfim (cada um) num gênero, que eu estou falando né essa coisa do do... de de de ter que demonstrar que é masculino [sabe
- T571 – Tais [tem que provar que é homem [vinte e quatro horas por dia

- T572 – Mauro [de ter que provar
isso sabe e aí passa pelo sexual e por exemplo, a mulher [não
T573 – Tais [é
T574 – Mauro sabe então o homem é aquele que mostra sabe↓ aquela coisa tipo assim
“ah (sim), fulaninho te chamou de viado, mostra o pau pra ele” [entendeu↓
T575 – Tais [é
T576 – Mauro né↑ desde pequenininho lá “mostra o pau. mostra que você é homem.” ((tais risos))
aí tem um monte de viado mostrando o pau dentro do=
T577 – Tais =dentro do banheiro ((risos))=
T578 – Mauro =do banheiro. aí ((risos)) tá mostrando que é homem.
T579 – Tais pra mostrar que é homem. ((risos))
T580 – Mauro né↑

A primeira proposição da explicação é “promiscuidade está ligada à masculinidade, não à homossexualidade”. Mauro começa a enumerar as razões: quando se pensa em promiscuidade homoafetiva, não se pensa em lésbicas; porque não existe ponto de pegação de lésbicas; porque se as mulheres quisessem ter relações sexuais na mesma proporção que os homens, haveria muita promiscuidade; porque “se abrir a perna”, o homem “tá metendo”; como são dois homens querendo a mesma coisa, há promiscuidade.

Eu argumento que a promiscuidade dos homens heterossexuais é socialmente aceita e o entrevistado concorda, lembrando que a existência das *putas* corrobora com essa opinião⁸. A seguir, começa a falar que hoje em dia os homens procuram menos as prostitutas e o assunto é desviado, a narrativa é interrompida e retomada no turno 568.

A segunda proposição de Mauro é “diferente das mulheres quanto à feminilidade, a masculinidade é cobrada dos homens” e enumera as razões: embora tenha as questões relativas a gênero, a masculinidade é uma coisa do *pau*; tem que demonstrar que é masculino; passa pelo sexual; *tem que mostrar o pau* para provar que é homem.

Mauro conclui, fazendo uma ligação com a conversa anterior sobre assédio em banheiros, dizendo:

Segmento 19

T576 – Mauro /.../

aí tem um monte de viado mostrando o pau dentro=

⁸ Ainda que eu tenha usado a palavra errada, falei simplesmente homem, quando queria dizer homem heterossexual, o entrevistado compreendeu e reagiu de acordo com o esperado.

- T577 – Tais =dentro do banheiro ((risos))=
 T578 – Mauro =do banheiro. aí ((risos)) tá mostrando que é homem.
 T579 – Tais pra mostrar que é homem. ((risos))
 T580 – Mauro né↑

Nessa explicação, Mauro faz dois grandes movimentos: mantém e desloca a matriz cultural de inteligibilidade, rompendo e mantendo a relação mimética sexo-gênero.

Primeiramente, alega que a promiscuidade está ligada à masculinidade porque os homens têm um comportamento exacerbado com relação a sexo, não partilhado pelas mulheres. Logo, a questão é que são homens envolvidos, não porque são homoafetivos. Depois, argumenta que os homens têm provar sua masculinidade todo o tempo e que esta masculinidade passa pelo sexo, por mostrar o *pau*. Não fazê-lo implica em não ser homem. Por fim, fala que é devido a isso que tantos gays assediam em banheiros públicos: estariam todos provando que são homens. Ora, mas essa masculinidade sancionada socialmente, que cobra do homem fazer sexo em quantidade, exige que este sexo seja feito com mulheres, não com outros homens, sob perda de perder sua condição masculina. Portanto, Mauro está subvertendo a matriz de inteligibilidade ao mesmo tempo em que a mantém: gays cumprem o papel de homens fazendo sexo indiscriminadamente, porém o fazem com outros homens. Além disso, está rompendo e mantendo a relação mimética sexo-gênero, pois está atribuindo ao fato de ser homem biologicamente ter gênero masculino, contudo, este gênero está deslocado, pois a sua performance é diferente daquela esperada.

Assim, posiciona os homoafetivos como homens, masculinos, submetidos às regras sociais, contudo, deslocados, posto que executam as normas de sexo com pessoas de mesmo sexo ao invés de com pessoas de sexo oposto.

4.4.2 Homoafetividade e relacionamentos amorosos

Nessa parte, analiso três histórias: uma sobre o primeiro namorado, uma sobre um relacionamento com uma mulher e a última sobre seu casamento com Gabe.

4.4.2.1 Meu primeiro namorado

A história surge quando Mauro está terminando de falar sobre o período em que tentava reprimir seu desejo por homens – o final daquela história é a introdução desta.

Compreende os turnos 80-100, tendo duas narrativas encaixadas: “Cartas” (turnos 86-98) e “Nadine” (turno 92-94).

Meu primeiro namorado

- T80 – Mauro /.../
 aí eu fiquei aí quando eu tinha dezenove anos eu fiquei com um cara, aí era meu namoradinho assim. fiquei duas semanas com esse cara. e ele: eh e ele: (huum) depois de duas semanas eu descobri que esse cara era casado. aí foi minha primeira decepção e tal. com vinte anos de idade eu conheci um cara que eu fui apaixonado que era: que foi meu primeiro namorado porque na verdade eu só tive dois namorados que foi esse e o gabe agora. eh... que foi até quando minha família descobriu. que foi quando a minha mãe ficou sabendo eh que eu era homossexual. e aí me apaixonei por um cara um um um chileno sueco ()
- T81 – Tais chileno sueco
- T82 – Mauro é um chileno que que eh aos quatro anos de idade foi pra suécia assim na na ditadura do pinochet o pai era ativista político e foi parar na suécia. se esconderam na embaixada e tal. aí esse cara tava no brasil porque é um cara que era vidrado em carnaval e tal. a gente se encontrou num restaura:nte e foi uma coisa meio estra:nha e tal. tava com uma galera da faculda:de a galera saiu, eu voltei, >fui embora< eu voltei e aí a gente começou a conversa:r >eu descobri que ele não era brasileiro< enfim. fiquei uma noite com ele e eh a gente saiu, saiu pra beber e tal, e foi parar num-- >nunca tinha entrado numa boate gay< fui parar no les boys >que eu sempre passava e via aquilo “um dia vou entrar aí”<. ((Tais risos)) aí aproveitei esse dia e levei ele. aí a gente ficou e tal. e aí... eh eh transou nesse dia e aí ele foi embora no dia seguinte que ele tinha que ir embora. aí fiquei apaixonado por esse cara. eh... e aí ele voltou, a gente se casou e tal. é uma história complicada assim que eu vivi com ele.
- T83 – Tais ah você chegou a morar com ele
- T84 – Mauro é. mas antes disso aconteceram várias coisas assim. você acha interessante que eu conte?
- T85 – Tais acho. super interessante.
- T86 – Mauro acha? enfim, essa é a história mais louca que eu já vivi na minha vida
 /.../
 /.../
- T98 – Mauro /.../
 e aí que o roberto descobriu um dia eles tiveram uma briga horrorosa e aí... e aí ele ele pediu pra ela pegar as cartas↓ ele pegou as cartas↓ leu todas as cartas↓ aí me ligou aí me ligou e disse que tava vindo pro brasil tipo na quando (ah) ele encontrasse passagem... assim mais mais próxima mais rápido.
 aí ele veio realmente ele veio. a gente ficou junto a gente ficou casado um ano e três meses eh enquanto isso enquanto isso eh eu mantive minha amizade com ela. a gente ficou realmente amigos. ((palavra anterior meio rindo)) eh a gente eh eu e roberto depois de um ano e três meses a gente terminou porque ele ficava viajando i:ndo e volta:ndo. e uma vez ele ficou sete meses fora eu não tava mais agüentando aquilo sabe↓ era apaixonado por ele mas eu cara, eu precisava ficar com alguém [sabe↓
 é
- T99 – Tais

T100 – Mauro tinha vontade de ficar com alguém. e aí eu acabei ficando com um cara acabei me apaixonando por esse cara. e aí eh e aí fiquei com esse cara e terminei com ele assim.

Mauro introduz a história fazendo um resumo e apontando a importância desse primeiro relacionamento sério que teve: foi seu primeiro namorado, sua primeira paixão, sua primeira decepção e o motivo pelo qual sua família ficou sabendo que era gay.

A seguir, começa sua narrativa dizendo que se apaixonou por um chileno sueco, no que foi interrompido por mim, que repeti a expressão chileno sueco e ele percebeu que essa repetição não era apenas uma retroalimentação, mas um pedido de explicação. Fornece, então, a informação (Norrick, 2000) acerca do rapaz e prossegue com a ação, orientando sobre onde estavam quando se conheceram (em um restaurante), quem participa da história (ele e o rapaz).

Segmento 20

T82 – Mauro /.../

a gente saiu, saiu pra beber e tal, e foi parar num-- >nunca tinha entrado numa boate gay< fui parar no les boys >que eu sempre passava e via aquilo “um dia eu vou entrar aí< ((tais risos)). aí aproveitei esse dia e levei ele. aí a gente ficou e tal. e aí... eh eh transou nesse dia e aí ele foi embora no dia seguinte que ele tinha que ir embora.

No segmento acima, vemos que sua saída com Roberto, seu primeiro amor, forneceu a oportunidade de Mauro entrar em sua primeira boate gay.

O resultado da narrativa é que se apaixonou por ele e o rapaz volta e se casam. Contudo, a coda avaliativa – *é uma história complicada assim que vivi com ele* – apontava para uma continuação da história, posto que até então Mauro não havia falado de complicação alguma em seu relato. Percebendo, insisto no assunto e obtenho a continuação, sob forma de narrativa encaixada:

“Cartas” – narrativa encaixada

T83 – Tais ah você chegou a morar com ele

T84 – Mauro é. mas antes disso aconteceram várias coisas assim. você acha interessante que eu conte?

T85 – Tais acho. super interessante.

T86 – Mauro acha? enfim, essa é a história mais louca que eu já vivi na minha vida porque o-- eu conheci o roberto e ele foi embora. na época ele tinha que ir embora a passagem dele tava comprada e tal. e aí ele pediu pra que quando eu escrevesse pra ele, eu eu dar um

- jeito de não mostrar que que é um homem que tava escrevendo porque na família dele tava meio complicada:da que já tavam desconfiando. eu colocava a minha inicial né do nome, o meu sobrenome e aparecia um nome de mulher. tipo eh aí fiquei mandando as cartas e tal. isso depois da minha décima carta sei lá↓ eh... ele mandou uma carta dizendo que não sabia o que estava acontecendo que ele só tinha recebido a primeira carta. e eu tava mandando dez e ele falou que ele poderia-- ele falou “olha, eu acho que tá acontecendo alguma coisa aí. de repente alguém tá escondendo as cartas.” só que eu já não morava com meus pais eu morava com a minha irmã né↓
- T87 – Tais
T88 – Mauro
hã hã
eu morava com a minha irmã já. tá. (até acabei não) falando isso.
eu morava com a minha irmã. e aí eu falei “bom tá acontecendo alguma coisa estranha. de repente eu são os correios sei lá.” aí mandei uma carta pra ele com meu telefone >porque eu não tinha dado meu telefone pra ele< . aí deu uma semana né, que é a duração de uma carta, né, o tempo o tempo né↑ de chegar
- T89 – Tais
T90 – Mauro
de chegada da carta é uma semana. aí deu uma semana, ligou lá pra casa da minha mãe uma: uma: mulher uma: chilena. minha irmã até falou assim “olha, ligou uma argentina pra você ((tais risos)) e ela falou que vai ligar daqui a duas horas e tal.”
aí eu fiquei em casa e falei “bom, o roberto deve estar”-- ela falou que o nome era roberta eu falei “bom, o roberto deve ter pedido pra uma amiga ligar né↑ porque ele não sabe qual é a situação da minha casa↓ então ele ele pediu pra essa amiga ligar.” enfim.
aí quando eu eu fui pra casa todo feliz né↓ porque aquele cara que eu tava apaixonado e tal estar me ligando↑ aí quando eu atendi o telefone ela falou “olha, quem tá falando aqui é nadine eh eu so:u mulher do roberto. nós somos casados há cinco anos. nós temos uma filha e eu eu descobri pela sua carta-- eu tenho recebido toda essas cartas o tempo todo-- eu estou segurando as cartas. roberto não sabe entendeu↑ e eu gostaria que você eh hum não escrevesse mais pro roberto que você esquecesse o roberto.” aí eu aquele choque né↓ que eu tomei um choque sinistro. eu fiquei muito muito preocupado assim↓
eu falei “caramba” né↑ “o cara que eu estou apaixonado. como é que eu vou abrir mão desse cara assim? e e como esse cara mentiu pra mim também né?”
é
- T91 – Tais
T92 – Mauro
(aí dá) aquele misto de “caramba eu não vou mais ver esse cara↑” e “ele foi um filho da puta comigo.” aí que que eu fiz? eh aí eu falei pra ela “olha, então você vai me dar um tempo que eu acho que eu deveria falar com ele antes da gente se separar porque eu também não acho certo ficar com um cara casado.” aí ela “não, você não pode falar com ele, ele não pode saber que eu falei com você porque senão ele vai ficar puto comigo e a gente não vai retomar o nosso casamento.” aí eu falei assim “bom mas você tá preocupada com você e eu?” só que a gente ficou nessa história dois meses falando no telefone. eu e ela. conversando sobre o melhor momento↓
/.../
/.../
- T94 – Mauro
aí um belo dia eles tavam-- depois de uns três meses eles começaram a discutir, ela contou que: escondia as cartas e que o irmão dele pegava as cartas quando chegava, ele ficava esperando e pegava a carta e passava pra ela só que o irmão dele não abria. o irmão dele achava que era uma mulher por causa da inicial da inicial
- T95 – Tais
T96 – Mauro
então o irmão ficava bolado com isso. “como que o meu irmão tá tendo um caso?” sabe↑ e aí passava pra ela. aí as cartas estavam na casa de uma amiga, dois andares abaixo que sabia de toda história inclusive sabia que eu existia↓ e tal. ela já sabia como eu era-- (como eu) tinha mandado carta com foto-- já tinha mandado↓ então ela sabia da minha vida toda né↓ sabia que que eu e roberto a gente fez na cama porque eu fala:va sabe↑
[gente que loucura
- T97 – Tais

T98 – Mauro [nas cartas. ela sabia de tudo enfim... eh... e aí que o roberto descobriu um dia eles tiveram uma briga horrorosa e aí... e aí ele ele pediu pra ela pegar as cartas↓ ele pegou as cartas↓ leu todas as cartas↓ aí me ligou aí me ligou e disse que tava vindo pro brasil tipo na quando (ah) ele encontrasse passagem... assim mais mais próxima mais rápido.

Mauro usa discurso reportado direto quase todo o tempo, criando envolvimento e enquadrando a situação (Tannen, 1996). Todas as suas conversas telefônicas com Nadine são reportadas, até na informação sobre como obtinha as cartas, coloca o pensamento do irmão de Roberto como fala reportada direta, gerando expectativa sobre qual seria o resultado da história.

A narrativa é iniciada com uma avaliação – *é a história mais louca que eu já vivi na minha vida* –, preparando a entrevistadora para o que viria. Continua a introdução dizendo que Roberto pediu que não escrevesse o nome completo nas cartas que enviasse a fim de evitar que sua família soubesse que se correspondia com um homem. Finaliza anunciando o conflito: Mauro havia mandado várias cartas, mas o namorado só havia recebido a primeira e desconfiava que alguém estava escondendo as cartas, o que levou o entrevistado a mandar mais uma com seu telefone.

A ação começa com o telefonema da mulher de Roberto, quando Mauro não está. Depois ela volta a ligar, se identifica e pede que não procure mais seu marido. Em nenhum momento da fala reportada o fato de o marido ter uma relação homoafetiva entra em questão. É totalmente irrelevante para Nadine qual o sexo da pessoa com quem ele estava tendo um caso. Simplesmente queria que terminassem. Esse episódio relatado desloca a matriz cultural de inteligibilidade, pois desnaturaliza a ligação entre sexo, gênero e prática sexual (Butler [1990]2003:38) na medida em que as práticas sexuais do marido e do amante sequer são mencionadas pela esposa.

Vejamos o segmento abaixo, parte da ação:

Segmento 21

T90 – Mauro /.../

aí eu aquele choque né↓ que eu tomei um choque sinistro. eu fiquei muito muito preocupado assim↓ eu falei “caramba” né↑ “o cara que eu estou apaixonado. como é que eu vou abrir mão desse cara assim? e e como esse cara mentiu pra mim também né?”

- T91 – Tais é
- T92 – Mauro (aí dá) aquele misto de “caramba eu não vou ver mais esse cara↑” e “ele foi um filho da puta comigo.” aí que que eu fiz? eh aí eu falei pra ela “olha, então você vai me dar um tempo que eu acho que eu deveria falar com ele antes da gente se separar porque eu também não acho certo ficar com um cara casado.”

Mauro também não questiona o fato de Roberto ser casado com uma mulher. A questão é simplesmente que é casado. Assim como Nadine, o sexo da esposa é irrelevante. Sequer está surpreso; seu choque é pela mentira e pelo fato de estar saindo com um homem casado, o que considera condenável.

Butler ([1990]2003:39) alega que, segundo “as leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade”, “certos tipos de ‘identidade de gênero’ parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas”. Portanto, ele também desloca a matriz de inteligibilidade, na medida em que não trata das práticas sexuais como tendo ligação com sexo e gênero.

Mauro interrompe a ação e encaixa uma narrativa sobre seu relacionamento com Nadine.

“Nadine” – narrativa encaixada

- T92 – Mauro /.../
 e aí a gente já chegou num ponto que a filha dele tava no chile e ela estava só esperando a filha voltar porque ela achava que a filha eh retornando retornando do chile o relacionamento deles ia engatar outra vez (não sei que). ia engatar de novo e aí a gente já tava ficando amigo, eu e ela no telefone. a gente se falava três vezes na semana↓
 ih a gente tava emagrecendo juntos os dois. a gente tava ficando super mal. ((tais risos))
 porque
- T93 – Tais ((risos)) [que viagem
- T94 – Mauro [sabe↑ foi uma viagem louca né... e assim e a gente já tava já falando de outras coisas já. ela já ligava pra mim pra já falar de outras coisas. ((tais risos)) que não o roberto. ((risos)) ((tais risos))

O relacionamento de Mauro e Nadine se altera: de ligar para pedir que abandonasse seu marido, ela passa a telefonar para conversar. Ao invés de antagônicos por desejarem o mesmo homem, sofrem juntos a possibilidade de perda. A “traição” de Roberto os une porque ambos foram traídos: ela por ele ter um caso; Mauro porque seu namorado mentiu.

Não se percebe nenhum estigma nos telefonemas entre os dois: nem o de homoafetividade, nem o de amante. Nosso esquema de conhecimento⁹ acerca de situações como essa, de infidelidade, sobretudo com alguém do mesmo sexo, é totalmente rompido, o que fica claro com minha avaliação – *que viagem* –, corroborada pelo entrevistado – *foi uma viagem louca né*.

A narrativa “Cartas” é retomada e Mauro conta que a esposa do namorado revelou que escondia as cartas. Fornece a informação (Norrick, 2000) de que o irmão de Roberto a ajudava e encaixa uma crônica em que conta o lugar onde as cartas eram guardadas:

Segmento 22

T96 – Mauro /.../

aí as cartas estavam na casa de uma amiga, dois andares abaixo que sabia de toda a história inclusive sabia que eu existia↓ e tal. ela já sabia como eu era-- (como eu) tinha mandado carta com foto-- já tinha mandado↓ então ela sabia da minha vida toda né↓ sabia que eu e roberto a gente fez na cama porque eu fala:va sabe↑

T97 – Tais [gente que loucura

T98 – Mauro [nas cartas. ela sabia de tudo enfim... eh...

Essa crônica não é relevante para a narrativa que está sendo contada, contudo, é importante para entendermos mais sobre a motivação para a sedução que Nadine faz com Mauro na história seguinte.

O término da ação de “Cartas” e seu resultado fazem parte da ação de “Meu primeiro namorado”:

Segmento 23

T98 – Mauro aí que o roberto descobriu um dia eles tiveram uma briga horrorosa e aí... e aí ele pediu pra ela pegar as cartas↓ ele pegou as cartas↓ leu todas as cartas↓ aí me ligou aí me ligou e disse que tava vindo pro brasil tipo na quando (ah) ele encontrasse passagem... assim mais próxima mais rápido.

⁹ Falo em esquemas de conhecimento nos termos de Tannen e Wallat ([1987]1998:124): “Usaremos o termo ‘esquema de conhecimento’ para nos referirmos às expectativas dos participantes acerca das pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo, fazendo distinção, portanto, entre o sentido deste termo e os alinhamentos que são negociados em uma interação específica.”

Na narrativa encaixada, o resultado é que, após saber sobre as cartas, Roberto as leu e decidiu comprar uma passagem para o Brasil. Já em “Meu primeiro namorado”, é parte da ação, que é finalizada com *aí ele veio realmente veio*, mas cujo resultado é o segmento abaixo:

Segmento 24

T98 – Mauro /.../

a gente ficou junto a gente ficou casado um ano e três meses eh enquanto isso enquanto isso eh eu mantive minha amizade com ela. a gente ficou realmente amigos.

((palavra anterior meio rindo)) era apaixonado por ele mas eu cara, eu precisava ficar com alguém sabe↓

T99 – Tais é

T100 – Mauro tinha vontade de ficar com alguém. e aí eu acabei ficando com um cara acabei me apaixonando por esse cara. e aí eh e aí fiquei com esse cara e terminei com ele assim.

Mauro casou com seu primeiro namorado e a amizade com a ex-esposa deste permaneceu. Finaliza a história sobre seu romance com Roberto com uma coda esclarecendo o porquê de terem terminado: o marido viajava muito e ele se sentia só.

4.4.2.2 Sedução

A história emergiu quase que como uma continuação de “Meu primeiro namorado”. Na coda da história anterior, Mauro havia dito que tinha terminado com Roberto e, logo após, introduz a narrativa seguinte dizendo que Nadine soube antes do ex-marido que iria terminar, pois tinham ficado muito amigos e ele tinha contado para ela. Começa no turno 100 e acaba no turno 104.

Sedução

T100 – Mauro /.../

ela inclusive sabia antes dele que eu ia terminar com ele porque a gente tava tão amigo que-- ((tais gargalhadas)) ((risos)) e aí ela veio tipo um ano depois que eu e ele a gente tinha terminado eh... a gente já tinha uma intimidade grande porque a gente se falava bastante. ela ficou hospedada na minha casa. eh e um belo dia era natal eh minha mãe não aceitava tipo nem que ela estivesse aqui porque achava um absurdo eu ter me envolvido com com o marido dela↓ eh achava um absurdo eh eu ter destruído uma um lar↓ sabe↑ só que ela ficou na minha casa e no natal o que que eu ia fazer com uma uma

mulher uma sueca na minha casa? entendeu↓ ((tais risos)) “o que que eu vou fazer no natal? não vou poder levar pra minha casa entendeu e não posso deixar ela sozinha.”
 aí ela começou um papo de que ela nunca tinha ido a um motel e aí perguntou se eu podia levar ela pra conhecer só pra conhecer. e aí eu falei “ah tudo bem eu te levo e tal.”
 aí (um dia ela fala) “vamos dar uma volta.” saímos pra comprar lingerie. eu lá do lado dela ajudando a comprar lingerie. ((risos)) ((tais risos)) achando que ela ia levar lingerie pra suécia e tal. e aí a gente foi no natal pra um motel e tal e ela começou a me contar as coisas que o roberto contava pra ela sobre nos nossa sobre nosso sexo né↓ ((pigarro))
 e ela pediu pra eu fazer sexo com ela.

T101 – Tais que loucura. e você ficou a fim?

T102 – Mauro e eu transei com ela. ((risos))

T103 – Tais e foi bom?

T104 – Mauro foi bom. mas foi muito estranho assim↓ depois que tudo acabou eu falei “gente que loucura.” sabe↑ “que coisa louca.”

Mauro fornece uma orientação geral sobre a história: se passa um ano depois de ter terminado com Roberto, ele e Nadine são os personagens e trata-se do período em que esteve hospedada na casa dele, no Rio.

Ele dá uma informação que, diferente do que postula Norrick (2000), é relevante: sua mãe acha um absurdo toda a situação entre os três, sendo assim, não poderá levar a hóspede na noite de natal em casa de seus pais. A partir daí, começa a ação com Mauro perguntando o que poderia fazer no natal com uma sueca.

Nadine certamente planeja fazer sexo com Mauro: pede que a leve a um motel, compra lingerie com sua ajuda. O surpreendente é o fato de ele não perceber todo o movimento que fazia, inclusive o fato de falar sobre sua vida sexual com o ex-marido dela. Ao fazê-lo, ela não só rompe a memória da intimidade dos dois, pois Roberto contava sobre eles, como também pode excitá-lo.

A ação termina com Nadine pedindo que faça sexo com ela e o resultado é que aceita. Na coda, avalia que *foi bom*, mas *estranho*, uma *loucura*, uma *coisa louca*.

Mauro posiciona-se como ingênuo. Ele vai a um motel achando que o que a movia era apenas curiosidade, compra roupas íntimas acreditando que era para ela levar para casa. Não posiciona-se nem como gay nem como heterossexual, mesmo tendo feito sexo com Nadine, pois a questão da prática sexual nunca foi relevante para eles, em nenhum momento é mencionada. Diferente de Zélio e Lauro, que falam explicitamente em desejo por mulher e casos com mulheres, se alinhando com heterossexuais, Mauro não toca nesta questão; teve relações com uma pessoa, não importa de que sexo. Novamente, desloca a matriz de inteligibilidade, pois a loucura a que se refere não é o

fato de ela ser uma mulher e ele ser gay, presumidamente sem interesse por pessoas de sexo oposto, mas o fato de ela ser a ex-mulher de seu ex-marido.

4.4.2.3 Relacionamento com Gabe

A conversa transcorria sobre o fato de Mauro querer se mudar para um apartamento, onde somente ele e Gabe morariam (na ocasião, dividiam apartamento com Lana). Perguntei se a havia conhecido na faculdade e respondeu afirmativamente. Coloquei, então, que ela havia “armado” para que começasse a namorar o atual marido. A partir daí, Mauro começa a história de seu relacionamento com Gabe, que compreende os turnos 432-438.

Relacionamento com Gabe

T431 – Tais =e ela armou () ((gargalhada))=

T432 – Mauro =e ela armou ela inventou ((tais gargalhadas)) inventou. porque o gabe ele eu-- o gabe era aquele cara que: eu sempre vi na faculdade e nunca me despertou o menor desejo. nunca: olhei pra ele com sabe tipo assim “eu pegaria esse cara.” nunca. porque o gabe era hippie.

T433 – Tais hã hã

T434 – Mauro então o gabe tinha um cabelão↓ imagina o gabe barbudo↓ desfilava de bermuda de chinelo de couro sandália de couro sabe↓ bermuda fura:da blusa fura:da sabe↓ aquele cara tipo que se-- que: não me atrairia assim sabe↓ ((tais risos)) e aí a lana inventou que que o-- falou pro gabe que que eu achava o gabe bonitinho ((tais risos)) sabe↓ eu nunca falei isso pra ela↓ que ela queria se aproximar lá da menina né↓ ((tais gargalhadas)) (que era amiga dele né)↓ e aí me utilizou↓ é ((tais gargalhadas)) assim, eu poderia dizer “a lana é uma fada madrinha.” né↓ a lana é ((tais gargalhadas)) nada disso↓ ela me utilizou. e tudo por interesse dela entendeu↓ ((risos)) ((tais gargalhadas)) tudo sabe↓ mas eh se você perguntar isso pra ela ela ficou puta porque ela acha que ela não-- (pensa). sabe↑ ela não fez de sacanagem entendeu↓ ((tais risos)) mas tudo bem né↑ atirou no no que viu acertou no que no que não viu né. ((tais risos)) porque a gente (fi- aí a) a gente acabou bebendo junto no no bar, acabou saindo pra pra continuar bebendo e fuma:r maconha na casa do ga:be e tal. e eu fui lá “hum hum”↓ não tava nem interessado nele. só que a lana bêbada falou assim “olha mauro, esse garoto tá dando mole pra você, porque não pega e tal e tal?” ((tais risos)) três horas da manhã (a gente começou). eu acordei às quatro da tarde. ((tais risos)) aí eu falei assim “ah cara eu estou aqui, não estou fazendo nada↓ vou pegar esse cara.” aí peguei. fiquei com ele assim foi maravilhoso e no dia seguinte tava apaixonado pelo gabe. e: eu liguei pra ele e falei assim-- eu liguei >eu nunca faço isso< eu liguei pra ele falei pra ele “aí” como estava pensando nele, como eu sabe, como tinha sido maravilhoso com ele e tal. ele pra mim assim “ah ah então tá” e “quando a gente se

- vê?” “ah vamos deixar rolar.” ele falou isso pra mim↓ eu fiquei muito puto com ele, falei “cara, vamos deixar rolar, deixar rolar é um fora pra mim sabe↓”
- T435 – Tais é, parece que não tá ligando igual.
- T436 – Mauro é. aí aí a gente: aí a gente eu não falei mais com ele. meu telefone que**br**ou nessa época daí ele não conseguia me liga: r e tal. um dia ele apareceu na faculdade lá e a gente se encontrou reencontrou ficou junto de novo↓ aí desde então a gente: eh no início a gente a (simplesmente) não conseguia se desgrudar sabe↓ a gente não consegue até hoje se desgrudar↓ ((tais risos)) e naquela época ele era assim, ele chegava do traba:lho e eu já tava em ca:sa, ele falava assim “eu estou chegando em casa”↓
aí eu ia pra pra casa dele a gente se encontrava em**baixo** do prédio ele subia.
aí a gente dormia junto todo dia, não conseguia se desgrudar e tal e chegou uma hora que sabe↑
- T437 – Tais hum
- T438 – Mauro “gabe, olha só, não dá pra gente ser mais hipócrita↓ vamos morar junto.” aí eu comecei a morar com ele e com uma galera que ele já morava. ele morava com mais duas pessoas↓ morava eu e ele e mais duas pessoas. (assim) assim que a gente começou morar junto.

Mauro introduz a história falando que Lana inventou que ele havia se interessado por Gabe quando, não só não era verdade, como também nunca havia sentido atração pelo atual marido. A seguir, descreve o aspecto de Gabe para que eu possa visualizar como era na ocasião e entender o porquê de não desejá-lo. Falo que o descreve para mim, pois, hoje em dia, Gabe é um homem belíssimo, que se veste de forma discreta, sendo quase impossível imaginá-lo mal vestido, com jeito de hippie e sem atrativos.

Prossegue dando uma informação (Norrick, 2000), que não consta do relato de seu companheiro: Lana “armou” para que se saíssem por estar interessada na amiga de Gabe. Mas Mauro não tira o mérito de sua ação: *atirou no no que viu acertou no que no que não viu*, ou seja, foi bom que ela tivesse agido como agiu. Passa, então, à ação repetindo a história que seu marido havia contado – estavam todos bebendo no bar, depois foram continuar a noite na casa de Gabe. Contudo, foi apenas por ir, não estava pensando em romance com ninguém em particular.

O relato do movimento de Lana é o mesmo que Gabe faz. Ela funciona como uma espécie de cupido, falando do interesse de Gabe para que Mauro preste atenção no rapaz e insistindo, o que podemos perceber pela repetição da palavra *tal*, que sintetiza os argumentos que dava:

Segmento 25

T432 – Mauro /.../

“olha mauro, esse garoto tá dando mole pra você, porque não pega e tal e tal?”

Entretanto, Mauro relata um telefonema que sequer foi comentado por Gabe, onde revela seus sentimentos no dia seguinte:

Segmento 26

T432 – Mauro /.../

eu liguei pra ele e falei assim-- eu liguei >eu nunca faço isso< eu liguei pra ele falei pra ele “ai” como eu estava pensando nele, como eu sabe, como tinha sido maravilhoso com ele e tal. ele pra mim assim “ah ah entá tá” e “quando a gente se vê?”
 “ah vamos deixar rolar.” ele falou isso pra mim↓ eu fiquei muito puto com ele, falei “cara, vamos deixar rolar, deixar rolar é um fora pra mim sabe↓”

Provavelmente, esse momento marcou para Mauro porque, ao contrário do que costumava fazer, ligou no dia seguinte para dizer quão maravilhoso havia sido e como havia pensado em Gabe, e se decepcionou com a reação do outro. Tinha ficado super impressionado e não estava sendo correspondido com a mesma intensidade. Como podemos ver no segmento abaixo, repetiu, ainda que de forma diferente, o que sentiu:

Segmento 27

T432 – Mauro /.../

três horas da manhã (a gente começou). eu acordei às quatro da tarde. /.../ fiquei com ele assim foi maravilhoso e no dia seguinte tava apaixonado pelo gabe.
 /.../ como estava pensando nele /.../ como tinha sido maravilhoso

A situação se inverteu: de conquistado, passa a conquistador. Por fim, se reencontram na faculdade, tudo se acerta e o relacionamento começa. Novamente, no relato sobre quando foram morar juntos, as versões são totalmente diferentes:

Segmento 28

T438 – Mauro “gabe, olha só, não dá pra gente ser mais hipócrita↓ vamos morar junto.”

A argumentação de Tannen ([1989]1996: 101), de que o “diálogo na conversação é um ato tão criativo quanto a criação do diálogo na ficção” é aqui comprovada: na versão de Gabe, ele é quem propõe morarem juntos, não Mauro. Não estou, contudo, concluindo aqui que um dos dois mentiu propositadamente.

Quando Mauro conta sua história, embora Gabe tenha começado o movimento de conquista, ele ficou mais impressionado com a noite e buscou ver o rapaz de novo, que não teria demonstrado o mesmo interesse. Assim, Mauro passa a se posicionar como conquistador, portanto, ele é aquele que pede para casarem. Provavelmente, ambos estavam pensando nisso na época (os dois falam que não conseguiam ficar um longe do outro) e, na hora que contaram sobre o evento, a situação local e o posicionamento do momento os levaram a se verem, cada um em seu relato, como conquistadores, logo, como aquele que tomou a iniciativa.

Ao longo das histórias aqui analisadas, Mauro denota a dificuldade por que passam os homoafetivos em seu cotidiano. O estigma que porta interfere em suas relações familiares e o coloca em risco em algumas situações, como quando foi perseguido por homófobos.

Sua experiência de sair do armário consigo mesmo foi sofrida, passando por três etapas básicas: aceitação do próprio desejo, medo de sua concretização através de um relacionamento sexual e, por fim, a execução do ato sexual, quando já se sentia preparado para isso.

Durante todo o tempo desloca a matriz cultural de inteligibilidade e rompe com a relação mimética sexo-gênero (Butler, [1990]2003), onde sexo e gênero se refletem mutuamente, através de seus posicionamentos, ora se posicionando como gay, ora não se posicionando nem como gay nem como heterossexual. Suas narrativas demonstram que pensar gênero como prática sexual decorrente de um desejo oriundo de um sexo biológico não abarca todas as possibilidades de expressão disponíveis no mundo real.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei, nessa pesquisa, investigar como os sujeitos entrevistados constroem suas performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida. Para este fim, analisei os diferentes posicionamentos e alinhamentos tomados para si e para os outros no ato de narrar.

Para fins de análise, dividi as histórias em dois grandes grupos: homoafetividade e família e homoafetividade e relacionamentos amorosos, pois família e relacionamentos amorosos têm grande peso na construção homoafetiva dos indivíduos analisados.

Esse capítulo está dividido em duas partes: primeiro discuto os resultados da análise; na segunda parte, discuto mais precisamente a ligação entre os resultados e a teoria queer, gênero e performance, e estigma.

5.1 Resultados da análise

5.1.1 Resultados de Gabe

Gabe constrói sua trajetória homoafetiva através de narrativas de tipo laboviano contadas em seqüência. Quando encaixa alguma narrativa fora da ordem temporal dos acontecimentos, utiliza o recurso da informação para esclarecer em que época o evento se deu, confirmando a colocação de Bourdieu (1998) da necessidade de um eu contínuo, de uma ligação coerente entre o eu do passado e o eu do presente. Mesmo considerando-se o fato de que estava em um período intenso de análise, buscando auto-conhecimento, essa busca está ordenada temporalmente, afetando a organização de suas histórias, revelando a articulação do nível macro com o micro no ato de narrar.

A utilização de repetição e discurso reportado é uma constante em suas histórias, evidenciando os significados e as atitudes que pretende comunicar, contribuindo para a percepção de seus posicionamentos e alinhamentos ao longo da entrevista.

Gabe se constrói como homoafetivo que porta um estigma em todos os momentos. No ato de sair do armário com a família, revela insegurança e vitimização: sempre alguém conta por ele o que quer contar, obrigando-o a um silêncio indesejado. É também

nesse tipo de histórias que transparece o caráter contagioso do estigma (Goffman, 1963). Não pode levar o marido para Portugal porque sua exposição afetaria sua mãe; na narrativa sobre a viagem com o irmão, fala que este percebe que é gay porque está com amigas lésbicas.

A própria tentativa de relacionamento com uma mulher desvela a angústia do estigma. Gabe não quer ser gay por saber que pode vir a ser discriminado. Entretanto, seu passo em direção à heterossexualidade foi a confirmação de sua homoafetividade. Sua tentativa de se alinhar com os heterossexuais através de um ato sexual com a namorada posicionou-o como homoafetivo. Assim, deslocou a matriz cultural de inteligibilidade que vincula prática sexual a gênero.

O estigma tem tal força na vida de Gabe, que este tenta negar seu desejo e, quando não consegue, fica deprimido. Um outro aspecto interessante desse momento de sair do armário consigo mesmo é o fato de que somente acredita que é gay quando se apaixona. A construção que faz, então, de homoafetividade é através do amor e não do desejo apenas, contrariando o pensamento de senso comum de que o erótico é o único ponto de partida para a prática sexual.

O acarretamento de emoções estabelecido por Link, Yang, Phelan e Collins (2004) na percepção do estigma também ocorreu. Na segunda parte da história “Contando para minha mãe”, Gabe alega que vai contar para a mãe que está bem, que está casado com Mauro, para tranquilizá-la, porém, diante da insistência dela para que não conte para o pai, ou seja, reforçando o estigma, ele altera o curso da história, demonstrando ressentimento com a atitude dela. Dessa forma, o que seria uma narrativa de preocupação reverte-se para uma narrativa de ressentimento, nos mesmos termos da narrativa encaixada “Minha mãe não deixa eu contar”, contada durante a história “Viagem a Portugal”. Um aspecto interessante a ser abordado aqui é que, na primeira parte da mesma história, quando sua mãe não quer acreditar que é gay, Gabe não se aborrece, tampouco ressent-se que não queira que conte para o seu pai. Isso reforça o papel da situação local de interação nas construções: na primeira parte, está conversando com a mãe porque ela manifestou preocupação com sua tristeza; na segunda, ele acredita que sua preocupação não está mais relacionada ao seu bem-estar, mas aos problemas que a família terá caso o pai fique sabendo que o filho é gay.

Nessa mesma história, Gabe encaixa uma narrativa sobre sua tristeza com a impossibilidade de se relacionar com Omar, construindo-se como deprimido. Quando relata a mesma situação em “Amor frustrado”, constrói-se como raivoso, revertendo inclusive seu papel de rejeitado para rejeitador. Novamente, a situação local de interação é responsável pelas construções. Naquela, o foco é o porquê de contar para a mãe naquele momento; nesta, o foco é a sua decisão de acabar com uma situação que o incomodava.

Podemos perceber que tanto a situação local da interação, quanto o mundo social mais amplo contribuem para os posicionamentos e alinhamentos adotados nas narrativas. Se, por um lado, o estigma de culpa de caráter individual é sempre presente nas interações, por outro, essas mesmas interações constroem outros posicionamentos e alinhamentos que não têm uma ligação direta com o mundo social.

Os posicionamentos e alinhamentos assumidos por Gabe nas histórias de vida revelam sua consciência de portar o estigma da homoafetividade ao mesmo tempo em que propiciam a construção de sua performance homoafetiva.

Sua performance inclui posicionamento como gay, alinhamento com heterossexualidade, consciência de estigma, ao mesmo tempo em que vive um casamento estável, nos moldes da tradição. Gabe, então, desloca a matriz cultural de inteligibilidade, criando uma matriz subversiva de gênero (Butler, 1990).

5.1.2 Resultados de Lauro

Lauro privilegia a unidade discursiva explicação em suas histórias de vida. Embora utilize discurso reportado, fala vagorosa e repetição para evidenciar suas atitudes, contribuindo para a percepção de seus posicionamentos, as proposições das explicações, que apresenta ao longo de toda a entrevista, contribuem de forma mais incisiva para a construção de sua performance, que aponta para a inadequação da matriz cultural de inteligibilidade.

Na explicação “Ser gay”, motivada por meu pedido de definição sobre o que é ser gay, Lauro constrói-se como homoafetivo e essa construção é realizada através da ultrapassagem de problemas. Na segunda explicação da mesma história, seu posicionamento é construído como sendo meio diferente, através do alinhamento tanto

com a heterossexualidade, quanto com a homoafetividade. Dessa forma, rompe com a relação mimética sexo-gênero (Butler, 1990).

Em mais um movimento de deslocamento, na história “Cultura gay”, argumenta que só vai a boates gay porque o amigo heterossexual “super viado” gosta de ir. Ou seja, o gay vai ao gueto para agradar o amigo “super viado”, que é casado com uma mulher e só tem relacionamentos heterossexuais. Assim, Lauro se alinha aos heterossexuais e seu amigo é alinhado com os homoafetivos, ou seja, a prática sexual não responde pela homoafetividade.

Ao mesmo tempo, Lauro alinha-se com as mulheres tanto com relação à opressão, portanto, como parte de um grupo minoritário, quanto ao que acredita ser o comportamento sexual delas e sua relação com companheirismo.

Em outro momento, evoca, porém desloca, a matriz de inteligibilidade ao se posicionar como homem. Evoca, por estabelecer uma relação mimética entre sexo e gênero – ser homem implica em exercer a masculinidade, através de relacionamentos sexuais variados. Desloca, porque esses relacionamentos que se cobrava não eram necessariamente com mulheres.

O estigma também pode ser percebido em suas histórias. Em “Ser gay”, Lauro fala que tem que “matar dois leões por dia”, adotando um posicionamento assertivo, de resiliência. Na primeira parte de “Cultura gay”, argumenta que introjetou comportamentos a fim de transitar socialmente, ou seja, incorporou os padrões da sociedade que vê sua prática sexual como desvio, como é comum aos estigmatizados (Goffman, 1963). Entretanto, não está colocando que concorda que tem um defeito, apenas que reconhece que, para os “normais”, porta um defeito. Na mesma história, alinha-se com a heterossexualidade, argumentando ter mais amigos heteros que gays. Porém, ao perceber que poderia ser mal interpretado, encaixa uma explicação em cuja proposição esclarece que adora ser gay, ou seja, posiciona-se como homoafetivo.

Na primeira parte de “Vivendo com estigma”, Lauro inverte os papéis: os homens são como moças e os gays são assertivos. Porém, na segunda parte da história, o relato traz o sentimento de vergonha típico dos estigmatizados, mas, ainda assim, inverte papéis colocando que se surpreendia com a “imbecilidade” dos estigmatizadores, que se deixavam atingir por suas provocações.

Assim como Gabe, associa percepção de homoafetividade com amor. Percebeu que era gay porque se apaixonou.

Seu casamento com Zélio segue todos os parâmetros de um casamento tradicional, onde o amor e a tolerância combinados fazem com que valha a pena. Contudo, apesar de novamente evocar a matriz de inteligibilidade, também a desloca, pois o casamento tradicional, pautado em performances inteligíveis, pressupõe pessoas de sexos diferentes.

Percebemos, então, que Lauro evoca e desloca a matriz cultural de inteligibilidade, rompendo com a relação mimética entre sexo e gênero, através, sobretudo, de posicionamentos e alinhamentos assumidos no ato de contar histórias.

5.1.3 Resultados de Zélio

Zélio não privilegia nenhum tipo de unidade discursiva. É sobretudo através dos alinhamentos que podemos perceber a construção de sua performance homoafetiva.

Em termos de estrutura de narrativa, verifiquei que, na explicação “Minha família não quer saber”, Zélio introduz uma informação (Norrick, 2000). Esse fato chamou minha atenção, pois em sua definição, Linde (1993) não faz referência alguma a esse elemento. Um outro aspecto observado com relação à explicação, é o surgimento de uma crônica como forma de reforçar a proposição. Na explicação “A gente não fica se abraçando na rua”, primeira parte da história “Casamento com Lauro”, Zélio encaixa a crônica “Carinho” em que narra lugares onde se acarinavam, todos privados. Ainda com relação a esta crônica, verifiquei que ela pode ocorrer relatando uma seqüência de eventos em vários espaços. Na crônica mencionada, Zélio cita três espaços – casa, casa de amigos e reuniãozinha com amigos – para depois dar a seqüência dos carinhos feitos que, subtende-se, poderiam ser feitos nos três espaços.

Em termos da construção do eu através da atuação na interação (Wortham, 2001), na história “Eu sentia uma atração diferente”, sua atuação da representação que faz de si como indivíduo que está confuso fica claramente refletida em sua fala hesitante, apontando que está se construindo como confuso.

Quanto à construção de performance homoafetiva, os alinhamentos e posicionamentos tomados foram fundamentais. Em “Ser gay é como ser hetero”, Zélio se

alinha com os heterossexuais, recusando o estigma de culpa de caráter individual (Goffman, 1963). Nessa história, insiste que sair do armário consigo mesmo não representou problema de forma alguma. Os problemas a que se refere, no início de seu namoro com Lauro, são problemas que qualquer casal começando a se conhecer poderia ter.

Seu alinhamento com heterossexuais e homoafetivos ao mesmo tempo ocorre na narrativa sobre casos sem importância que teve durante as separações do período de namoro. Zélio explicita que teve poucos casos, mas que estes foram tanto com homens quanto com mulheres. Assim, desloca a matriz cultural de inteligibilidade, pois rompe com a relação mimética entre sexo e gênero.

Em termos de gênero, Zélio o vê como categoria de representação política. Exorta a assunção de uma identidade de gênero gay a fim de formular uma crítica às categorias de identidade dentro das estruturas de poder constituídas. Dessa forma, ainda que corra o risco de reificar as categorias de gênero, busca representação política. Contudo, como a categoria reivindicada não é inteligível, evoca, mas desloca a matriz de inteligibilidade.

Assim como seu marido, Zélio, através de seus posicionamentos e alinhamentos, evoca e desloca a matriz, criando uma matriz rival de subversão de gênero.

5.1.4 Resultados de Mauro

Mauro privilegia a narrativa de tipo laboviano em suas histórias.

Em suas narrativas, podemos perceber o peso do estigma no início de sua trajetória homoafetiva, sobretudo porque cresceu em ambiente religioso. Seu problema não é apenas fazer sexo com outros homens. Não pode sequer desejá-los. Ao contar sobre o primeiro contato físico com um homem, fala da necessidade de se lavar, como que para limpar não só o beijo que recebeu, mas o desejo que sentia. A necessidade de evitar o desejo provocou mudanças concretas em seu cotidiano: parou de ir à praia, andava de cabeça baixa para não se sentir atraído pelos homens que passavam na rua.

Segundo sua narrativa, o conhecimento de psicologia o ajudou a entender e aceitar sua condição homoafetiva, principalmente porque passou a vê-la como comportamento,

não doença. Ainda que consideremos que vê-la como comportamento não o livra do estigma, para ele, é a retomada de controle sobre si.

A aceitação de sua condição gay passa por todas as etapas: negação, aceitação, medo de experimentar uma relação sexual e vivência da homoafetividade.

Nas histórias sobre seu primeiro namorado e a mulher deste, a prática sexual não é importante. Sua indignação com Roberto é porque é casado, não porque é casado com uma mulher. No discurso reportado que faz de Nadine, a indignação é somente porque o marido a trai, não porque a trai com um homem. Sequer essa questão é levantada. O único na história, segundo o relato de Mauro, que menciona prática sexual é o namorado, quando pede que não coloque seu nome no envelope das cartas que enviava. Em seu encontro sexual com Nadine, a questão também não é que ela é uma mulher. Sua avaliação como história louca repousa no fato de ela ser ex-mulher do seu ex-marido.

Mauro desenvolve resiliência (Shih, 2004), após ter escapado de uma agressão, passando a ficar atento em ambientes que considera hostis. Na narrativa da perseguição e fuga, podemos perceber que os argumentos de Polanyi (1985) procedem. Se nos atermos apenas aos eventos e ignorarmos as proposições descritivo-durativas, corremos o risco de perder o ponto da história. Ainda que os eventos apontassem para uma história de homofobia, o ponto principal foi o ódio que Mauro sentiu e que o surpreendeu.

Na história de sair do armário com sua família, os acarretamentos de emoções sugeridos por Link, Yang, Phelan e Collins (2004) ocorreram. Mauro percebe a reação agressiva da mãe e responde com agressão; o pai oferece amor e ele reage com amor.

Embora se posicione como gay, se alinha com as performances de homens heterossexuais. Ao opinar sobre a reputação de promiscuidade que cerca os homoafetivos, argumentou que a questão é que eram homens, lembrando que nunca menciona-se lésbicas com relação a isso. Segundo ele, o fato de serem homens faz com que tenham desejo sexual mais exacerbado, promovendo pontos de “pegação”. O homem a que se refere é o homem cuja performance de masculinidade exige sexo freqüente. A relação mimética sexo-gênero (Butler, 1990) está presente todo o tempo nessa narrativa. Entretanto, está deslocada, posto que inclui homens que fazem sexo com homens.

Mauro desloca a matriz cultural de inteligibilidade ao longo de toda entrevista. Se alinha com as performances masculinas, posiciona-se como gay, mas tem relação com

uma mulher. Entretanto, seu deslocamento mais contundente é o silêncio. A questão da prática sexual nos seus relacionamentos com Roberto e Nadine é tão irrelevante, que nem é mencionada.

5.1.5 Resultados dos quatro entrevistados

No que diz respeito à Teoria Queer, os posicionamentos e os alinhamentos que ocorrem nas histórias analisadas revelam que a matriz cultural de inteligibilidade, que estabelece a relação mimética sexo-gênero-prática sexual, é um construto social que não dá conta do que ocorre nas narrativas dos sujeitos entrevistados.

Os sujeitos se posicionam como homoafetivos, mas também se alinham com heterossexuais. Entretanto, esses posicionamentos e alinhamentos evocam, porém, deslocam a matriz cultural de inteligibilidade. Foi através de alinhamento com a heterossexualidade que Gabe constatou sua homoafetividade.

O alinhamento de Lauro com a masculinidade em sua tentativa de viver várias relações sexuais sem compromisso evoca a relação mimética sexo-gênero, porém a desloca, ao incluir homens em sua busca. Ao mesmo tempo, Lauro se alinhou com as mulheres em termos de papéis sociais no casamento e em termos de pertencimento de grupo minoritário. Contudo, se posiciona todo o tempo como gay.

Mauro se posiciona como gay, sobretudo no que diz respeito ao estigma, porém também se posiciona como homem, masculino, na perspectiva da masculinidade tradicional. Por outro lado, através do silêncio, do não tornar relevante a prática sexual, desloca a matriz cultural de inteligibilidade, rompendo as expectativas de comportamento sexual.

Zélio se alinha tanto com heterossexuais em seu desejo por mulheres, quanto com homoafetivos em seu desejo por homens. Posiciona-se como gay, mas este posicionamento é, sobretudo, de caráter político.

Como expresso no capítulo 3, o que fica evidente é que os posicionamentos e os alinhamentos assumidos pelos sujeitos desvelam a fabricação do conceito de sexo, da ligação mimética sexo-gênero-prática sexual, demonstrando que a matriz cultural de inteligibilidade é uma construção social para manutenção das relações de poder.

5.2 Teoria Queer, gênero e performance e estigma

5.2.1 Teoria Queer e matriz cultural de inteligibilidade

Segundo a Teoria Queer, sexo e gênero são vistos como construções sociais, portanto, em nenhum momento são considerados óbvios ou naturais. Essa abordagem é necessária sobretudo para que possamos compreender como a matriz cultural de inteligibilidade foi construída e como os sujeitos deslocam e mantêm esta matriz a fim de construírem suas performances homoafetivas.

Ao longo deste trabalho, verifiquei que a performance homoafetiva é construída através do deslocamento e da manutenção da matriz cultural de inteligibilidade, que estabelece uma relação mimética entre sexo e gênero, bem como uma relação causal entre sexo e gênero e a expressão de ambos na prática sexual.

Os posicionamentos e alinhamentos ocorridos nas histórias narradas revelam que esta matriz e a relação mimética sexo-gênero-prática sexual são construtos sociais que não dão conta do que ocorre no cotidiano dos indivíduos.

Quando Gabe se alinha com os heterossexuais e vive um relacionamento com uma mulher, o resultado é a constatação de sua homoafetividade. Nas suas narrativas, Gabe se posiciona como gay sobretudo nas histórias em que trata de seus relacionamentos homoafetivos, concretizados ou não. Quando fala que Omar o convidou para ver filmes românticos e para ir a lugares que identifica como gays, está se posicionando como aquele que conhece o gueto gay.

Lauro se alinha com os heterossexuais quando exige de si um comportamento que acredita ser vinculado à masculinidade única e exclusivamente pelo fato de ter nascido com o sexo masculino. Contudo, rompe a relação mimética sexo masculino-masculinidade ao cobrar de si relacionamentos com pessoas de mesmo sexo. Ao narrar que somente vai a ambientes gays porque o amigo heterossexual, que é *super viado*, gosta de frequentar, também a está rompendo. Lauro, ainda, se alinha com as mulheres ao colocar que pertencem ao mesmo grupo de oprimidos. Ao falar sobre o descompasso no seu casamento com Zélio, novamente se alinha com as mulheres na questão dos papéis

sociais, onde o homem tem desejo sexual exacerbado e as mulheres desejam companheirismo. Contudo, se posiciona como gay, sobretudo no relato acerca das dificuldades que a vivência de sua sexualidade gera. Além disso, diz explicitamente que ser gay o torna empoderado, ou seja, sua posição como homoafetivo é clara.

Mauro se alinha e se posiciona como gay sobretudo quando narra sobre os preconceitos que sofreu. Ao mesmo tempo, se posiciona como heterossexual, na perspectiva da masculinidade, quando fala sobre promiscuidade. Por outro lado, não se posiciona nem se alinha à nenhuma prática sexual nos relatos sobre seu primeiro namorado e sua esposa. Naquele momento, é apenas pessoa, sem características sexuais sociais tangíveis. Portanto, desloca a matriz cultural de inteligibilidade, pois sexo, gênero e prática sexual não estão diretamente relacionados em sua performance.

Zélio se alinha com os heterossexuais no seu desejo por mulheres, mas se alinha com gays no seu desejo por homens. Posiciona-se como gay e demanda um posicionamento da mesma ordem de seus pares, argumentando que este é um posicionamento político, ou seja, de ordem social. Podemos perceber, através dos posicionamentos e alinhamentos assumidos no ato de narrar histórias de vida, a presença da matriz cultural de inteligibilidade, ainda que, na maior parte dos casos, deslocada.

Lauro e Mauro atribuem um comportamento de gênero a sexo masculino, representado por corpos machos, traçando uma oposição a sexo feminino, representado por corpos fêmeos. Dessa forma, estão estabelecendo uma relação mimética entre sexo e gênero. Por outro lado, ao se relacionarem com homens, rompem esta relação mimética, desvelando que o sexo, assim como o gênero, é uma construção social.

Gabe desloca a matriz cultural de inteligibilidade em sua tentativa de relacionamento heterossexual: apesar de ser uma pessoa de sexo masculino, sua prática sexual com o sexo oposto foi um esforço, o que confirmou sua homoafetividade. Ou seja, a prática sexual não é o que define a o gênero. Lauro também desvincula prática sexual de gênero ao posicionar seu amigo, cujas práticas sexuais são com mulheres, como gay. Assim, rompe a relação causal entre sexo e gênero e a expressão de ambos através da prática sexual estabelecida pela matriz.

Partindo dos postulados básicos da Teoria Queer e dos Estudos Feministas, busquei perceber o poder sexual incorporado nos diferentes níveis da vida social, expresso discursivamente nos alinhamentos e posicionamentos assumidos.

Procurei problematizar as categorias de sexo e gênero, bem como suas identificações, através dos alinhamentos e posicionamentos que os sujeitos construíam com a homoafetividade, com a heterossexualidade, com a masculinidade, com o sexo masculino e, no caso de Lauro, com a feminilidade e com o papel feminino.

Evitei as estratégias dos direitos civis, da política da dominação e da diferença em favor da desconstrução da idéia de uma identidade de gênero específica para a busca de uma performance de gênero, que revelasse a subversão e manipulação da matriz cultural de inteligibilidade subjacente às performances construídas.

5.2.2 Gênero e performance homoafetiva

Segundo Butler (1990), os atos, gestos e desejo produzem um efeito de uma substância interna, contudo, são produzidos na superfície do corpo. Assim, são performativos, ou seja, produzem a identidade de gênero que dizem expressar, portanto, “constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam”.

Entretanto, o fato de as performances serem construções não significa que estejam livres de restrições. Tampouco que estas restrições restrinjam a performatividade; ao contrário, “impulsionam e sustentam a performatividade”, devendo ser compreendidas como uma repetição de normas regular e restritiva (Butler, 1993:95). Nesse sentido, é uma produção ritualizada, que não é feita por um sujeito em particular; o sujeito é constituído por ela (Butler, 1993:95).

No que tange à performance homoafetiva, não há exatamente uma regra definida, sendo permitido diversos desejos e comportamentos.

A performance homoafetiva inclui relacionamentos com ambos os sexos. Ainda que Gabe estabeleça sua falta de desejo por mulheres, os outros três admitem a possibilidade de desejo e prática deste desejo.

Não há obrigatoriedade de uma frequência de encontros sexuais. Embora Mauro ressalte que isso é uma realidade, por serem indivíduos de sexo masculino, e Lauro

relatar sobre um período em que sentia que deveria ter mais relações também pelo fato de ser homem, não há uma regra quanto às relações.

Assim, as repetições de atos, gestos e desejo na performance homoafetiva não é uniforme; sua produção ritualizada é exatamente a amplitude de desejos e comportamentos.

5.2.2.1 Ser gay

Gabe e Lauro associam a descoberta da homoafetividade com amor: em ambos, a percepção de que eram gays foi devido ao fato de terem se apaixonado. Tanto Lauro quanto Zélio fazem relatos onde revelam terem percebido alguns sinais durante a infância, ainda que não conseguissem entender exatamente do que se tratava. Lauro fala em saber que era meio diferente e Zélio fala de uma atração que até hoje não compreende. Com Gabe e Mauro foi diferente: aquele fala de uma paixão quando jovem adulto e este de uma atração física durante a adolescência. Zélio estabelece que ser gay não é muito diferente de ser heterossexual, porém, ao mesmo tempo, posiciona-se como gay e argumenta que todos assim o deveriam fazer a fim de promover uma transformação social. Contudo, ao narrar sobre o fato de não poder falar com os pais sobre sua homoafetividade, revela que, socialmente, ser gay é muito diferente de ser heterossexual. A visão estigmatizada de sua condição gay o impede, mesmo após mais de uma década de casamento com Lauro, de falar sobre ele ou participar de reuniões familiares com o marido. Lauro alega que a homoafetividade é difícil de ser vivida, mas que suas compensações são maiores que suas desvantagens. Com exceção do empoderamento que a homoafetividade o confere, por perceber que consegue ultrapassar qualquer obstáculo, não detalha compensações específicas que ser gay traria. Parece que a grande compensação é o fato de ter se permitido viver seu amor com Zélio, construir um casamento feliz.

Mauro, após definir ser gay em termos da escolha do objeto, vinculada a teorias da psicanálise, coloca que prefere relatar sobre sua homoafetividade, sem definições, e passa a narrar sobre suas dificuldades iniciais. Assim, ainda que não exclusivamente, ser gay implica em ultrapassar problemas. Podemos perceber, através das narrativas de Gabe,

que, para ele, ser gay também se trata de superar dificuldades. Assim como Mauro, passa por um período de negação do desejo, tentando inclusive um relacionamento com uma mulher. Somente após essa tentativa frustrada é que aceita sua homoafetividade, quando se apaixona por um rapaz.

Por ser estigmatizada, viver a homoafetividade plenamente implica em ultrapassar problemas não só no mundo social, como também problemas internos, de negação dos próprios sentimentos. Ainda que tenham desenvolvido resiliência (Shih, 2004) ao longo de suas vidas, expressa através das diferentes estratégias utilizadas nas interações sociais relatadas, ser gay significa estar preparado para a rejeição, para a agressão. Ser gay também é sempre estar fora do armário com alguns e dentro do armário com outros. Entretanto, apesar das dificuldades geradas pelo estigma, nenhum dos sujeitos apresentou arrependimento ou vergonha. Todos os entrevistados têm vidas amorosas, profissionais e sociais bem estruturadas.

5.2.2.2 Homoafetividade e relacionamentos amorosos

5.2.2.2.1 Relacionamentos com homens

Lauro e Zélio falam de poucos relacionamentos com outros homens, argumentando que não é o feitio deles. Não gostam de casos fortuitos, sem importância, preferindo as relações estáveis. Lauro menciona tentativas de sair com rapazes variados no início de seu namoro com o atual marido, mas alega que não gostou da experiência. Zélio menciona encontros durante breve períodos de término de namoro, mas também coloca que prefere relações estáveis.

Mauro fala de um relacionamento curto e de um outro importante antes de se casar. Porém, diferente dos sujeitos citados acima, passou um período em que saía com diversos rapazes, apenas para ter relações sexuais¹. Ainda que não tenha analisado narrativas em que fala sobre este período, na história analisada em que narra sobre seu relacionamento com Gabe, fala que resolveu ficar com ele porque estava sem fazer nada, já era madrugada e o outro estaria “dando mole”. Em outra narrativa analisada, que trata

¹ Conferir entrevista completa no capítulo 7.

da primeira vez que teve relações sexuais com um homem, este era um rapaz que tinha acabado de conhecer, ou seja, não tinha problemas em ter casos sem importância.

Gabe, durante a entrevista, fala de um período de “galinhagem”², quando saía com vários homens. Assim como Mauro, não analisei narrativas em que fala desse período, contudo, a história analisada sobre a época em que resolveu conquistar seu marido revela que não tinha restrições quanto a ter relações somente por prazer. Gabe alega que se interessou por Mauro após a amiga ter dito que este o achava bonitinho e, como o achava atraente também, partiu para a conquista. Em nenhum momento fala em amor como falou sobre o instante em que viu Omar; o que o moveu no início foi pura atração física.

Diferentes de Lauro, que se sentia na obrigação de tentar vários relacionamentos por ser homem, Gabe e Mauro buscam conhecer sobre as possibilidades do prazer sexual que finalmente se permitiam. Além disso, eram jovens adultos, época em que normalmente se namora muito até que se encontre um par. E foi exatamente o que ocorreu: resolveram ficar juntos apenas por ficar, contudo, se apaixonaram e casaram.

Entretanto, Mauro concorda com Lauro ao argumentar que a promiscuidade tem relação com a masculinidade. Segundo ele, o fato de ser homem implica em um desejo sexual mais exacerbado do que as mulheres e, assim, haveria muitos pontos de “pegação” de gays, posto que se trata de homens se relacionando. Alega, ainda, que não ocorre o mesmo com lésbicas pelo fato de serem mulheres. Em nenhum momento pensou que o desejo masculino maior que o feminino poderia ser uma construção visando ao controle social das mulheres. Mesmo a Lauro, que fala em uma narrativa que sente afinidade com mulheres por serem oprimidas como os gays, escapa essa construção. Em sua narrativa sobre o descompasso que ele e seu marido tinham no que se refere a relações sexuais, Lauro alega que hoje é mais feminino, no sentido de papel feminino, que está mais interessado em companheirismo do que em sexo, ainda que goste bastante deste. Se a frequência de relações sexuais estivesse simplesmente baseada no fato de serem indivíduos de sexo masculino, nos hormônios, como comumente é colocado, não seria possível a Lauro ter um descompasso com o marido.

² Conferir entrevista completa no capítulo 7.

5.2.2.2 Relacionamentos com mulheres

Lauro argumenta que não teve oportunidade de se relacionar com mulheres como acha que deveria, mas não faz nenhum relato sobre alguma situação vivida. Zélio não especifica nenhum relacionamento, mas enfatiza que, nos períodos de separação de Lauro, saía tanto com homens quanto com mulheres. Em suma, ser gay não implica em uma atração exclusiva por homens.

Mauro, similar aos dois citados acima, não vê ser gay como se relacionar apenas com indivíduos de sexo masculino. Embora, no início da entrevista, tenha falado de sua atração por homens e da sua falta de interesse por mulheres, na história sobre o primeiro namorado o relevante foi saber que Roberto era casado, não que era casado com uma mulher. Na fala reportada que faz sobre os telefonemas com a esposa dele, também não atribui a ela nenhuma observação nesse sentido. Nem mesmo quando narra sua relação sexual com Nadine a prática sexual entra em pauta: o bizarro era o fato de ambos terem sido casados com o mesmo homem. Portanto, não vê como necessariamente exclusiva a atração por homens.

Gabe é diferente. Seu namoro e relacionamento sexual com Tati é fruto de um esforço. Não tem desejo por ela e fica gratamente surpreso quando consegue ter uma ereção e sentir prazer na hora do ato sexual. Seu namoro com uma garota foi apenas uma tentativa frustrada de entrar no armário. Na verdade, o efeito foi exatamente o oposto: devido ao empenho necessário para ter relações com ela começou a perceber que era realmente homoafetivo.

5.2.2.3 Romances

Nem Lauro nem Zélio tinham histórias de namoro para contar além do que tiveram antes de casar. Por terem se apaixonado muito novos, com cerca de vinte anos, não tiveram oportunidade de viver muitos relacionamentos. Contudo, a construção que fazem daquele período é a de uma época conturbada, com términos e voltas, brigas e desentendimentos, sempre contornados devido à determinação de Zélio. Porém, Lauro faz questão de colocar que, embora a insistência do marido tenha sido fundamental para

que viessem a ficar juntos definitivamente, sempre desejou um relacionamento estável, apenas achava que devia ter outras experiências por ser homem, o que o levava a romper com o namorado inúmeras vezes.

Gabe narra sobre uma namorada que teve em um esforço de viver de acordo com as regras sociais. O medo de ser estigmatizado chegava ao ponto de tentar esconder de si próprio a atração que sentia por pessoas de mesmo sexo. Após essa experiência frustrada, ainda confuso com relação ao que sentia, conhece um rapaz com quem acredita virá a namorar. Desenvolvem uma amizade tão próxima, que Gabe lê como sinais de interesse todas as propostas de programas que Omar faz. Por fim, se desilude e acaba com a amizade entre os dois. Esse episódio é revelador das dificuldades por que passam os gays no início de suas carreiras amorosas: se homoafetividade não fosse estigmatizada, Gabe poderia ter sido direto e falado de seu amor pelo rapaz, já que nunca foi tímido, nem teve receio de ser rejeitado (não podemos deixar de lembrar que, quando quis namorar Tati, não se intimidou com sua beleza e partiu para a conquista). Contudo, não podia fazer nenhum movimento logo que o conheceu, o que fez com que sofresse meses até que pudesse ser claro e ficasse sabendo que o outro não o queria.

Mauro conta sobre seu primeiro e único namorado além de Gabe. Foi um relacionamento confuso, o rapaz era casado, porém, no final tudo deu certo e eles foram morar juntos, ainda que não tenham ficado casados por pouco tempo. A importância desse romance é colocada pelo entrevistado quando fala que foi o primeiro namorado, a primeira decepção e o motivo pelo qual sua família ficou sabendo que era gay.

5.2.2.2.4 Relacionamento do casal

Lauro e Zélio se empenham em mostrar um relacionamento equilibrado, tradicional. Ambos falam das dificuldades que a vida em comum traz, bem como dos prazeres. A construção que fazem é a de um casal maduro, que não pretende abrir mão de tudo que conquistaram juntos devido a desavenças passageiras. Casamento vale a pena é a grande mensagem de suas narrativas.

Gabe e Mauro, talvez por serem mais jovens e, portanto, seu casamento estar ainda no começo, têm maior preocupação em relatar o início do relacionamento e da

paixão que os envolveu. A construção que fazem é a de dois indivíduos que se amam, que querem sempre estar juntos, que aproveitam as oportunidades para passear. Talvez por ambos estarem apaixonados e desejarem morar juntos na mesma época, ambos se colocam como agentes do início do casamento: Gabe diz que foi ele quem sugeriu que Mauro se mudasse para sua casa e Mauro diz que foi ele quem teve a iniciativa. Os dois usam de fala reportada direta ao contarem suas versões, demonstrando, assim, que o discurso reportado direto é uma criação (Tannen, 1989).

Ambos os casais apresentam casamentos nos moldes tradicionais modernos, onde o modelo igualitário vigora (Heilborn, 2004:189) – as responsabilidades domésticas são divididas, há ênfase no cuidado com a relação. Entretanto, desviam-se da tradição na medida em que são casais homoafetivos, deslocando a matriz cultural de inteligibilidade, que estabelece práticas sexuais entre pessoas de sexos diferentes.

5.2.2.3 Performance homoafetiva

As performances homoafetivas apresentadas pelos sujeitos de pesquisa, através de seus alinhamentos e posicionamentos assumidos nas narrativas de histórias de vida, revelam a falácia da relação causal entre sexo, gênero e prática sexual.

Lauro e Zélio falam de desejo e relações com mulheres e homens; Mauro, ainda que sinta mais atração por homens, teve um caso com uma mulher onde a questão da prática sexual não é mencionada. Gabe só sente desejo por homens; quando namorou uma menina, teve que fazer um esforço para conseguir ter relações sexuais. Assim, o fato de serem homoafetivos de sexo masculino não implica em somente terem desejo e relações com pessoas de mesmo sexo. Logo, não há uma regra específica quanto ao comportamento sexual como há nas performances de gênero masculinas e femininas.

A obrigatoriedade de uma frequência de encontros sexuais também não é uma regra. Lauro acredita que assim deveria ser, por ser do sexo masculino, apontando para uma performance de masculinidade deslocada, porém, alega que não se afina com sua maneira de ser. Mauro corrobora com Lauro na questão de homens desejarem maior frequência de relações sexuais, contudo, também desloca a performance de masculinidade, posto que estas relações podem ser realizadas com outros homens. Zélio e

Gabe não fazem observações nesse sentido, mostrando que essa não é uma questão para eles.

A manipulação do estigma, entretanto, é algo presente em todas as performances. Todos têm consciência de que portam um estigma e de que precisam lidar com ele para viverem bem. Ainda que sejam assertivos, tenham saído do armário e tenham desenvolvido resiliência, evitam se expor a agressões públicas, se contendo nas manifestações de carinho e, no caso do casal mais novo, buscando o gueto nas horas de lazer.

Os relatos sobre casamentos também indicam que não há uma regra de comportamento. Embora experienciem casamentos tradicionais, onde o modelo de fidelidade e vida partilhada esteja presente, não é colocado como a finalidade principal dos relacionamentos gays especificamente. Lauro faz críticas aos que não conseguem manter relacionamentos estáveis, contudo, não está se referindo aos gays somente.

As performances homoafetivas demonstram que a noção de que sexo é natural e, devido a isso, o gênero pode ser inscrito culturalmente, gerando uma relação mimética entre eles, não procede. O gênero não corresponde ao sexo, caso contrário, a própria performance não poderia existir, pois indivíduos de sexo masculino, então, só poderiam desejar e praticar sexo com indivíduos de sexo feminino. Entretanto, os indivíduos analisados, com exceção de Gabe, apresentam desejo e prática sexual com pessoas de ambos os sexos. Há, porém, uma maior incidência de desejo por homens e, conseqüentemente, uma maior frequência de prática sexual com pessoas de mesmo sexo.

Se a matriz cultural de inteligibilidade estabelece uma relação causal entre sexo e gênero, expressa pela prática sexual, então, as performances construídas deslocam esta matriz.

Por outro lado, Lauro e Mauro mantêm a matriz, na medida em que alegam ser próprio dos indivíduos de sexo masculino serem mais interessados em sexo que os indivíduos de sexo feminino. Contudo, simultaneamente a deslocam, pois esse maior interesse pode estar voltado para pessoas de mesmo sexo.

O movimento de manutenção e deslocamento da matriz também fica revelado pelo alinhamento que Lauro faz com as mulheres. Manutenção porque evoca a matriz quando fala de papel feminino e de menor interesse sexual em favor de um maior

companheirismo por parte das mulheres, se comparadas com os homens; deslocamento, porque é um indivíduo de sexo masculino se alinhando com elas.

Como a matriz cultural de inteligibilidade somente permite a existência de prática sexual entre indivíduos de sexos diferentes, então, os casamentos apenas podem ocorrer entre pessoas de sexos diferentes. Novamente, as narrativas analisadas, que falam sobre os casamentos estáveis entre os sujeitos, revelam um deslocamento da matriz, pois são casamentos entre pessoas de mesmo sexo.

A própria manipulação do estigma mantém e desloca a matriz de inteligibilidade. Mantém na medida em que os indivíduos procuram o gueto nas horas de lazer ou evitam carícias públicas, por exemplo, sinalizando o desvio do comportamento socialmente sancionado; desloca porque a própria existência do gueto pontua o fato de que existem performances diferentes daquelas ditas como únicas inteligíveis.

Partindo dos relatos desses sujeitos, parece que a performance homoafetiva é exatamente não haver uma regra rígida de performance. Ou seja, a repetição de atos, gestos e desejos não é uniforme. Em outras palavras, a repetição regular e restrita compulsória para constituição dos sujeitos (Butler, 1993) é, necessariamente, sem uniformidade. Assim, não havendo uma repetição uniforme de atos, gestos e desejo que produza um efeito de substância interna (Butler, 1990), há maior dificuldade de legitimação social, impedindo que seja vista como uma performance própria, sendo, então, colocada como desvio de performances já estabelecidas. Além disso, como a ótica social é baseada na matriz cultural de inteligibilidade e esta matriz é uma heteromatrix, ou seja, como a visão está calcada em um binarismo homo x heterossexual, qualquer performance que não esteja dentro desse pressuposto será tomada como desviante daquelas únicas possíveis de existir.

5.2.3 Estigma

Segundo Goffman (1963), a sociedade categoriza as pessoas e estabelece quais atributos são considerados normais; quando o indivíduo é diferente da expectativa das pessoas, cria-se o estigma. Ainda de acordo com o autor, existem alguns tipos básicos de estigma, entre eles, o de culpa de caráter individual, onde o homossexualismo se

encaixaria. Contudo, por não ser visível, o indivíduo que portar esse tipo de estigma pode escolher encobri-lo. Embora Goffman (1963) ressalte que a manipulação do estigma é algo que pertence fundamentalmente à esfera pública, na intimidade, o encobrimento também ocorre. Há vários gays, por exemplo, que não saem do armário com a família por muitos anos, sendo que, por vezes, nunca o fazem.

Shih (2004) argumenta que indivíduos estigmatizados possuem recursos para lidar com o estigma e desenvolvem estratégias de resiliência na vida social. Assim, estigmatizados não são vistos apenas como pessoas passivas, vitimizadas e passam a serem percebidos também como resilientes.

5.2.3.1 Sair do armário

Nas histórias analisadas, Lauro e Zélio não apresentam relatos sobre dificuldades de se perceberem gays, sendo que o primeiro também não apresenta problemas com sua família, ainda que fale de problemas com a família do marido. Zélio sequer pode mencionar sua homoafetividade e seu casamento com os pais.

Gabe e Mauro contam histórias sobre sair do armário com eles mesmos, onde o sofrimento da descoberta do próprio desejo é bastante forte. Gabe fala de um período de negação, de busca de relacionamento com uma menina, de uma profunda tristeza; Mauro fala do horror que o desejo o inspirava, do medo de viver uma experiência sexual que o levaria a ter que encarar sua condição gay. Questões sobre sair do armário expostas por Sedwick (1990) compareceram tanto nos relatos de Gabe, quanto nos de Mauro.

Quando Gabe conta para sua mãe que é gay, esta questiona sua homoafetividade, inclusive levantando a possibilidade de ser apenas admiração o que sentia por Omar. Gabe não tinha controle sobre a informação que o amigo tinha sobre ele: pensa que percebia que era gay, assim como ele pensava que Omar era, o que gerou ressentimentos mais tarde. Mauro também não tinha controle sobre a informação acerca de sua prática sexual: sai do armário com sua mãe porque ela o interpela, ou seja, ela havia percebido que ele era gay, ainda que por uma razão ligada à visão dela sobre comportamentos masculinos e femininos (o que a levou a descobrir que Mauro era homoafetivo foi o fato de ele aparecer com um “chupão” no pescoço, atitude que a mãe associava com carinhos

sexuais feitos por homens). A revelação de Gabe de que era gay jogou sua mãe no armário com sua própria família. A mágoa potencial de que Sedwick (1990) fala ocorreu tanto com Gabe, quanto com Mauro. Gabe apresenta ressentimentos com relação aos pais até hoje, quando recorda o momento de sair do armário; Mauro apresenta a mesma mágoa, sob forma de raiva, quando recorda-se da conversa com a mãe. Contudo, sair do armário com o pai despertou sentimento de amorosidade entre eles.

Com exceção de Zélio, estar fora do armário provocou em todos a necessidade de uma política de sobrevivência: Lauro se contém e evita carinhos em público para não ter problemas com os outros. Por outro lado, precisa ser assertivo nos ambientes mistos (Goffman, 1963) a fim de garantir respeito e evitar agressões. Estar fora do armário em um ambiente homofóbico obrigou Mauro a fugir de ataques físicos e verbais.

Sair do armário revelou-se, assim, uma tarefa mais complexa do que se imagina. Não é apenas uma questão de mostrar que não tem vergonha da homoafetividade, de se assumir. Sair do armário envolve alterações de ordem sentimental e da ordem de sobrevivência, quando se trata da nossa sociedade, ainda homofóbica, que estigmatiza homoafetivos.

5.2.3.2 O estigma no cotidiano

Nos quatro entrevistados o estigma está presente. Com exceção de Lauro, todos falam sobre problemas ao saírem do armário consigo mesmos e/ou com a família. O próprio fato de ter que sair do armário revela a estigmatização: nenhum heterossexual precisa de um momento para dizer à família que essa é sua prática sexual ou passa por reflexões internas acerca do próprio desejo. Aqueles que portam o estigma da homoafetividade sofrem interferências nos níveis mais básicos de sua vida afetiva, incluindo as relações familiares. No caso de Mauro e Gabe, sobretudo sofrem com a própria descoberta de desejo, passando por momentos de angústia e tristeza.

O estigma de se sentir atraído por pessoas de mesmo sexo provoca em Mauro tamanho desconforto que tenta ignorá-lo, deixando de ir à praia e andando de cabeça baixa a fim de não ficar exposto ao desejo que os homens provocavam nele. Gabe rejeita

de tal forma a possibilidade de ser gay, que tenta um relacionamento com uma menina para não ter que encarar sua homoafetividade.

Lauro reconhece e incorpora o estigma de ser gay: os carinhos públicos são contidos, tem que se impor com sua família e com os colegas de trabalho. Zélio cobra uma postura política de todos aqueles que o portam, a fim de provocar mudanças sociais, sobretudo no que se refere à imagem estereotipada do gay extravagante, promíscuo. Contudo, nenhum dos dois milita por essas transformações, o que pode estar relacionado ao fato de que a militância pode fazer com que se sintam mais diferentes ainda, posto que implica na assunção de que o indivíduo faz parte de um grupo estigmatizado (Goffman, 1963).

Mauro fala de agressões que sofreu pelo simples fato de ser gay; Gabe coloca que não pode levar o marido em uma festa da família portuguesa de sua mãe porque poderia, inclusive, contagiá-la com seu estigma (Goffman, 1963).

Entretanto, todos desenvolveram resiliência (Shih, 2004). Mauro, por exemplo, passou a ficar alerta quando frequenta ambientes em que acredita haver hostilidade; Lauro enfrenta a desconfiança no trabalho através de uma postura impositiva, assertiva; os quatro colocam em foco os aspectos positivos de suas trajetórias, quando narram suas histórias de vida, ainda que relatem sobre dificuldades que enfrentaram e continuam enfrentando.

Percebemos, assim, que os indivíduos estigmatizados não devem ser vistos como seres passivos diante do estigma. Ainda que haja histórias em que a vitimização pelo estigma esteja presente, os entrevistados demonstraram não se conformar com a estigmatização, usando de várias estratégias para lidar com o estigma social da homoafetividade.

5.3 Conclusão

Os indivíduos entrevistados construíram suas performances homoafetivas sobretudo através do deslocamento e da manutenção da matriz cultural de inteligibilidade, criando uma outra matriz subversiva de gênero.

Suas performances desvelaram a fabricação do conceito de sexo e de sua relação mimética com gênero – possuir um determinado sexo não implica em um determinado gênero, tampouco a expressão de ambos está na prática sexual. Dessa forma, não há apenas duas performances de gênero que correspondam a dois sexos.

Um outro aspecto relevante a ser destacado é o fato de a performance homoafetiva permitir diversos desejos e comportamentos. Assim, a repetição de atos, gestos e desejo previsível que produza um efeito de substância interna não é uniforme, o que gera uma dificuldade de legitimação social, impedindo que esta performance seja vista como própria, submetendo-a a um regime de exclusão, logo, estigmatização, através de uma visão de desvio de performances já estabelecidas. Considerá-las desvios mantém a assunção da heterossexualidade intacta, bem como as relações de poder que a sustentam.

Analisar as performances sob a ótica da Teoria Queer evita que as vejamos como reflexo de um grupo minoritário, oposto ao grupo de heterossexuais. A questão é a relação que as performances têm com a matriz cultural de inteligibilidade, pois, dessa maneira, fica desvelado que não há uma relação de natureza e cultura nas questões que envolvem gênero. Tudo é cultura. Se sexo é tão cultural quanto gênero, não há necessidade de haver apenas duas performances de gênero correspondentes aos dois sexos. Abre-se a possibilidade, inclusive, de outras performances não legitimadas entre indivíduos de sexos diferentes, como, por exemplo, indivíduos de sexo masculino que se vestem de mulheres, mas que somente praticam sexo com mulheres.

Perceber performances homoafetivas como próprias, não como desvios, é relevante em termos políticos, pois reafirma posições de sujeitos legítimos, não marginais. Dessa maneira, possibilita maior representação política e social, abrindo caminho para ganhos em termos de cidadania.

Ainda que, aparentemente, isso pudesse nos levar a ver performances homoafetivas como expressões de um grupo minoritário, contrariando o que afirmei acima, argumento que se mantivermos a perspectiva de que são próprias, construídas por sujeitos legítimos, inteligíveis, diminuimos o risco de reificação da homoafetividade como outro. Retomando as palavras de Epstein ([1996]1997:156), o ponto é “manter a identidade e a diferença em tensão produtiva e se basear nas noções de identidade e política identitária, permanecendo alerta contra a reificação”. Portanto, devemos criticar

as categorias e suas representações, mas se não trabalharmos com uma política de gêneros, corremos o risco de impedir uma ação política, que possa garantir direitos iguais para todos.

6. BIBLIOGRAFIA

- ADELMAN, M., AJAIME, E., LOPES, S.B. & SAVRASOFF, T. Travestis e transexuais e os outros: identidade e experiências de vida. In: J.B.H. Góis (Ed.) **Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG** – vol.4, n.1. Niterói: EdUFF, p.65-99, 2000.
- BAMBERG, M. Is there anything behind discourse? Narrative and the local accomplishment of identities. In: W. Maiers, B. Bayer, B. Duarte Esgalhado, R. Jorna & E. Schraube (Eds.) **Challenges to Theoretical Psychology**. North York, Ontario: Captus University Publications, p.220-227, 1999.
- BASTOS, L.C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. In: A. C. Ostermann, D. Fraga e M.E. Giering (Ed.) **Calidoscópio. Revista de Lingüística Aplicada**, V.3,02, maio/agosto de 2005. São Leopoldo: Unisinos, 2005.
- BAUMAN, Z. **Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BERUTTI, E.B. Drag Kings: brincando com os gêneros. In: J.B.H. Góis (Ed.) **Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG** – vol. 4, n.1. Niterói: EdUFF, p.55-63, 2000.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: M.M. Ferreira & J. Amado (Org.) **Usos e abusos da história oral**. Tradução de Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez & Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, p.183-191, 1998.
- BROCKMEIER, J. & CARBAUGH, D. Introduction. In: J. Brockmeier & D. Carbaugh, (Org.) **Narrative and Identity. Studies in Autobiography, Self and Culture**. Amsterdam: John Benjamins, p.1-22, 2001.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”**. New York,

- London: Routledge, 1993.
- CAMERON, D. Performing Gender Identity: Young Men's Talk and the Construction of Heterosexual Masculinity. In: S. Johnson & U.H. Meinhof (Ed.) **Language and Masculinity**. UK: Blackwell Publishers Ltd, p.47-63, 1997.
- COATES, J. & JORDAN, M.E. Que(e)rying Friendship. Discourses of Resistance and the Construction of Gendered Subjectivity. In: A. Livia & K. Hall (Ed.) **Queerly Phrased: Language, Gender, and Sexuality**. New York: Oxford University Press, p.214-232, 1997.
- COSTA, J.F. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- DAVIES, B. & HARRÉ, R. Positioning: The discursive production of selves. In: **Journal for the Theory of Social Behavior** 20, p.43-63, 1990.
- DE FINA, A. **Identity in Narrative: A Study of Immigrant Discourse**. Philadelphia: John Benjamins, 2003.
- EDER, D., EVANS, C.C. & PARKER, S. **School Talk: Gender and Adolescent Culture**. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1997.
- ELLIS, D.G. Research on Social Interaction and the Micro-Macro Issue. In: **Research on Language and Social Interaction**, 32 (1&2), p.31-40, 1999.
- EPSTEIN, S. A Queer Encounter: Sociology and the Study of Sexuality. In: S. Seidman, (Ed.) **Queer Theory/Sociology**. UK: Blackwell Publishers Ltd, p.145-167, 1997.
- ERICKSON, F. Ethnographic Microanalysis. In: S.L. Mackay & N. Hornberger (Eds.) **Sociolinguistics and Language Teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, p.283-306, 1996.
- ESTERBERG, K. 'A Certain Swagger When I Walk': Performing Lesbian Identity. In: S. Seidman (Ed.) **Queer Theory/Sociology**. UK: Blackwell Publishers Ltd, p.259-279, 1997.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa de Albuquerque e J.A. Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUT, J.C. Sexual Politics in Wilhelmine Germany: The Male Gender Crisis,

- Moral Purity, and Homophobia. In: J.C. Fout (Ed.) **Forbidden History. The State, Society, and the Regulation of Sexuality in Modern Europe**. Chicago, London: The University of Chicago Press, p.259-292, 1992.
- FREUD, S. (1930[1929]). **O mal-estar na civilização. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol.XXI. Direção geral de tradução de Jayme Salomão. Comentários e notas de James Strachey e Anna Freud. Rio de Janeiro: Imago, p.67-148, 1996.
- GALASINSKI, D. Deceptiveness of evasion. In: **Text – An Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse**. Vol.16-1, p.1-22, 1996.
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GOFFMAN, E. Footing. Tradução de Beatriz Fontana. In: B.T. Ribeiro & P.M. Garcez, (Org.) **Sociolinguística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, p.70-97, 1998.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, [1959,1975]1985.
- GOLDENBERG, M. **Ser homem, ser mulher: dentro e fora do casamento**. Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- GREEN, J.N. Quem é o homem que quer me matar? Homossexualidade, masculinidade e luta armada revolucionária nas décadas de 1960 e 1970 do século passado. In: D. Lopes, B. Bento, S. Aboud e W. Garcia (Org.) **Imagem & Diversidade Sexual – estudos da homocultura**. São Paulo: Nojosa edições, p.421-427, 2004.
- GUMPERZ, J. **Discourse Strategies**. USA: Cambridge University Press, 1985.
- GUMPERZ, J. & COOK-GUMPERZ, J. Introduction: Language and the Communication of Social Identity. In: J. Gumperz (Ed.) **Language and Social Identity**. USA: Cambridge University Press, p.1-21, 1997.
- GUMPERZ, J. Entrevista com John J. Gumperz. Organização e edição de Maria das Graças Dias Pereira e Pedro M. Garcez. Tradução de Pedro M. Garcez, Maria Cláudia Coelho e Claudia Barcellos Rezende. In: M.G.D. Pereira

- (Org.) **PaLavra**/Departamento de Letras da PUC-Rio. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, p.26-35, 2002.
- HARRÉ, R. & VAN LANGENHOVE, L. Varieties of positioning. In: **Journal for the Theory of Social Behavior**, p.393-407, 1991.
- HARRÉ, R. & VAN LANGENHOVE, L. Epilogue: Further Opportunities. In: R. Harré, & L. Van Langenhove (Eds). **Positioning Theory**. UK: Blackwell Publishers Ltd, p.195-199, 1999.
- HEILBORN, M.L. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.
- HEILBORN, M.L. (Org.) **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- HEILBORN, M.L. Construção de si, gênero e sexualidade. In: M.L. Heilborn (Org.) **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p.40-58, 1999.
- HEKMAN, G. Homosexual Behavior in the Nineteenth-Century Dutch Army. In: J.C. Fout (Ed.) **Forbidden History. The State, Society, and the Regulation of Sexuality in Modern Europe**. Chicago, London: The University of Chicago Press, p.235-257, 1992.
- INGRAHAM, C. The Heterosexual Imaginary: Feminist Sociology and Theories of Gender. In: S. Seidman (Ed.) **Queer Theory/Sociology**. UK: Blackwell Publishers Ltd, p.168-193, 1997.
- JAGOSE, A.R. **Queer Theory. An Introduction**. New York: New York University Press, 2000.
- JOHNSON, S. Theorizing Language and Masculinity: A Feminist Perspective. In: S. Johnson & U.H. Meinhof (Eds.) **Language and Masculinity**. UK: Blackwell Publishers Ltd, p.8-26, 1997.
- JOHNSTONE, B. **Qualitative Methods in Sociolinguistics**. USA: Oxford University Press, 2000.
- KNOBLAUCH, H. Communication, Contexts and Culture: A communicative constructivist approach to intercultural communication. In: A. Di Luzio, S. Günthner e F. Orletti (Ed.) **Culture in Communication: Analysis of Intercultural Situations**. USA: John Benjamins, p.6-33, 2001.
- KIESLING, S.F. Power and the Language of Men. In: S. Johnson & U.H.

- Meinhof (Eds.) **Language and Masculinity**. UK: Blackwell Publishers Ltd, p.65-85, 1997.
- LABOV, W. The Transformation of Experience in Narrative Syntax. In: W. Labov. **Language in the Inner City**. Phil.: University of Pennsylvania Press, p.354-396, 1972.
- LEAP, W.L. (Ed.) **Beyond the Lavender Lexicon: Authenticity, Imagination, and Appropriation in Lesbian and Gay Languages**. Luxemburgo: Gordon and Breach Science Publishers SA, 1995.
- LEAP, W.L. **Word's Out: Gay Men's English**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- LINDE, C. **Life Stories. The Creation of Coherence**. New York: Oxford University Press, 1993.
- LINK, B.G., YANG, L.H., PHELAN, J.C. & COLLINS, P.Y. Measuring Mental-Illness Stigma. In: **Schizophrenia Bulletin**, 2004:30:511-42.
- LOYOLA, M.A. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: M.L. Heilborn (Org.) **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p.31-39, 1999.
- MAYNARD, D.W. Placement of topic changes in conversation. In: **Semiotics** 30-3/4, p.263-290, 1980.
- MCILVENNY, P. Introduction. Researching Talk, Gender, and Sexuality. In: P. McIlvenny (Ed.) **Talking Gender and Sexuality**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p.1-48, 2000.
- MCINTOSH, M. The Homosexual Role. In: S. Seidman (Ed.) **Queer Theory/Sociology**. UK: Blackwell Publishers Ltd, p.33-40, 1997.
- MISHLER, E.G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. Tradução de Claudia Buchweitz. In: L.P. Moita Lopes & L.C. Bastos, (Orgs.) **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. São Paulo: Mercado das Letras, p.97-119, 2002.
- MOITA LOPES, L.P. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem sócio-construtivista. In: B.T. Ribeiro, C. Costa Lima, & M.T. Lopes Dantas (Orgs.) **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, p.55-72, 2001.
- MOITA LOPES, L.P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de**

- raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- NAMASTE, K. The Politics of Inside/Out: Queer Theory, Poststructuralism, and a Sociological Approach to Sexuality. In: S. Seidman (Ed.) **Queer Theory/Sociology.** UK: Blackwell Publishers Ltd, p.194-212, 1997.
- NORRICK, N. Internal Narrative Structure. In: N. Norrick. **Conversational Narrative. Storytelling in Everyday Talk.** Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, p.27-45, 2000.
- NUNAN, A. **A questão da identidade homossexual e sua influência nos padrões de consumo.** Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ, 2001.
- OLIVEIRA, T.L. **“Sei lá, maluco, aí...”: estratégias de evitação de posicionamento do adolescente na construção de identidades masculinas.** Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ, 2002.
- PARKER, R. **Abaixo do Equador.** Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PEREIRA, M.G.D., BASTOS, L.C. & OLIVEIRA, M.C.L. Análise do discurso na perspectiva da interação – do oral ao escrito. **Anais do I Encontro Franco-Brasileiro de Análise do Discurso.** Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras – UFRJ e CIAD – Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.
- PEREIRA, M.G.D. Classes populares e alta tecnologia: um estudo da construção de identidades dos clientes em uma central de atendimento telefônico. In: M.C.L. Oliveira, L.C. Bastos & M.G.D. Pereira. **Alta tecnologia e trabalho: um estudo da interação atendente-cliente em uma central de atendimento telefônico.** Projeto Integrado de Pesquisa – CNPq/PUC-Rio. Departamento de Letras da PUC-Rio, julho de 2001.
- PEREIRA, M.G.D. Sociolinguística Interacional. **Notas de mini curso ministrado no XX Encuentro de Docentes e Investigadores de la Lingüística – ENDIL XX.** Venezuela, 2001.
- PEREIRA, M.D.G. Introdução. In: M.G.D. Pereira (Org.) **PaLavra/Departamento**

- de Letras da PUC-Rio. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, p.7-25, 2002.
- PEREIRA, M.G.D. & BASTOS, L.C. Afeto, poder e solidariedade em encontros de serviço em uma empresa brasileira. In: M.G.D. Pereira (Org.) **PaLavra**/Departamento de Letras da PUC-Rio. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, p.169-208, 2002.
- POLANYI, L. The Structure of Stories. In: L. Polanyi. **Telling the American Story. A Structural and Cultural Analysis of Conversational Storytelling**. New Jersey: Ablex, p.9-30, 1985.
- RIBEIRO, B.T. & PEREIRA, M.G.D. A noção de contexto na Análise do Discurso. In: **Veredas**, V.6,2, (2002) 2004. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2004, p.49-68.
- RINGER, J. (Ed.) **Queer Words, Queer Images: Communication and the Construction of Homosexuality**. New York, London: New York University Press, 1994.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Supervisão da edição brasileira de Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- SANTANA, L.M. Alinhamentos entre meninos e meninas na construção de gênero em sala de aula. In: L.P. Moita Lopes (Org.) **Discursos e identidades**. São Paulo: Mercado das Letras, p.233-248, 2003.
- SCHIFFRIN, D. The Transformation of Experience, Identity, and Context. In: G.R.Guy, C. Feagin, D. Schiffrin & J. Baugh (Eds.) **Towards A Social Science of Language**, vol.2. **Papers in honor of William Labov**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., p.41-55, 1997.
- SEDWICK, E.K. **Epistemology of the Closet**. England: Penguin Books, 1994.
- SEIDMAN, S. "Introduction". In: S. Seidman (Ed.) **Queer Theory/Sociology**. UK: Blackwell Publishers Ltd, p.1-29, 1997.
- SHIH, M. Positive Stigma: Examining Resilience and Empowerment in Overcoming Stigma. In: **ANNALS, AAPSS**, 591, January 2004.
- STEIN, A. & PLUMMER, K. 'I Can't Even Think Straight': 'Queer' Theory and the Missing Sexual Revolution in Sociology. In: S. Seidman (Ed.) **Queer Theory/Sociology**. UK: Blackwell Publishers Ltd, p.129-144, 1997.
- TANNEN, D. & WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de

conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. Tradução de Parmênio Camurça Citó. In: B.T. Ribeiro & P.M. Garcez (Org.) **Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, p.120-141, 1998.

TANNEN, D. **Talking Voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse**. USA, Australia: Cambridge University Press, 1996.

TREVISAN, J.S. **Devassos no paraíso. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record: 2000, 3ª edição revista e ampliada.

TRUMBACH, R. Sex, Gender, and Sexual Identity in Modern Culture: Male Sodomy and Female Prostitution in Enlightenment London. In: J.C. Fout (Ed.) **Forbidden History. The State, Society, and the Regulation of Sexuality in Modern Europe**. Chicago, London: The University of Chicago Press, p.89-106, 1992.

WEEKS, J. The Construction of Homosexuality. In: S. Seidman (Ed.) **Queer Theory/Sociology**. UK: Blackwell Publishers Ltd, p.41-63, 1997.

WIDDICOMBE, S. Identity as an Analysts' and a Participants' Resource. In: C. Antaki & S. Widdicombe. **Identities in Talk**. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, p.191-206, 1998.

WOOD, K.M. Narrative Iconicity in Electronic-mail Lesbian Coming-Out Stories. In: A. Livia & K. Hall. (Ed.) **Queerly Phrased: Language, Gender, and Sexuality**. New York: Oxford University Press, p.257-273, 1997.

WORTHAM, S.E.F. **Narratives in Action: A Strategy for Research and Analysis**. New York: Teachers College, Columbia University, 2001.

7. ANEXOS

7.1 Gabe

- 1 tais bom então primeiro é idade
- 2 gabe eh vinte [e sete vinte e sete anos
- 3 tais eh [escolaridade
- 4 gabe eh nível superior. sou formado em comunicação na ufrj
- 5 tais e: você trabalha com com
- 6 gabe é. eu trabalho eu agora eu trabalho no xxx, que é uma ong, e eu trabalho como fotógrafo e editor de imagem dos websites da ong↓ então eu tenho o website institucional da ong e tenho todos os sites de campanhas e projetos sociais↓ e.. tenho tem muito trabalho da ong na internet eh fotos de divulgação dos projetos e também de: ((ruídos)) eh algumas campanhas que acontecem pela internet de você ter (clicar) e e oferecer eh traba:lho, ou você (partici-) ou você comprar alguma coisa pela internet↓ essa renda vai para algum projeto. então tem muito trabalho da da ong na internet e é uma um das grandes uhum eh eh um dos principais meios de comunicação da ong através dos sites.
- 7 tais (então) você conhece o fulano
- 8 gabe conheço
- 9 tais eu conheço também
- 10 gabe é meu chefe
- 11 tais é seu chefe
- 12 gabe é. aí enfim a gente-- lá eu comecei trabalhando como editor de conteúdo né, fazendo texto e trabalhando com imagem também editando as fotos que que entram entram nos nos sites↓ as fotos das matérias as fotos dos projetos. mas como o volume de trabalho cresceu muito, a coordenadora de comunicação assumiu a: parte de texto e eu fiquei só com a parte de imagem porque.. né↑ tem muito trabalho↓ então eu fiquei (aqui) fotografando os eventos também e principalmente na-- os projetos que eu trabalho mais são principalmente na área de desarmamento né↓ aquelas campanhas por desarmamento e.. e tal. e e e e com a memória da instituição né↓
- 13 tais a parte de.. registro dos projetos e.. e é isso.
- 14 gabe você tá com uma exposição também não tá?
- 15 tais tô agora hum eh acabou hoje. na verdade sacanagem! eu achei que ia demorar mais↓ [a pati me falou da exposição.
- 16 gabe [é. um dia a gente faz a gente ela a gente tem o material em slide também↓ a gente faz uma projeção você ver. dá pra gente fazer.. uma:-- que a projeção eu acho até mais mais legal, que é um material mais completo. na exposição a gente es- escolheu seis fotos de cada um↓ ficou um material mais editado↓ o slide tem o material completo. a exposição é sobre o parque de ibitipoca. a

- gente foi pra ibitipoca um grupo pra fotografar o parque pra fazer a exposição.
- 17 tais manero
- 18 gabe aí (já é) outra coisa↓ eh fotografia de natureza, que é a única coisa que eu fazia muito no início↓ quando comecei a fotografar meus primeiros trabalhos foram nessa área, fazendo foto de de natu- de ecoturismo principalmente↓ eh fiz algumas fotos aí coisa tipo guia quatro rodas da abril, aí fiz uma matéria do pantanal.. que eh foi pro globo.. mas aí foi.. depois foi indo pra outras outras outros terrenos da fotografia.
- 19 tais e vem cá (você) tem religião?
- 20 gabe olha, eu.. fui batizado, fiz primeira comunhão, mas depois da minha primeira comunhão↓ assim eu só fui à igreja em missa de sétimo dia ou pra fotografar. sabe, tipo, num num tenho: num sou.. num SEI
<não é que eu não seja> atualmente sou longe de ser ateu entendeu↑
eu tenho fé sabe eu tenho fé, mas sabe, eu num num consigo categorizar sabe↓ dizer que eu sou sou católico ou se eu sou isso ou sou aquilo, entendeu? tipo eu agora por exemplo tô com uma cordinha no pulso que é do: do budismo↓ eu fui num casamento budista↓
eu fui lá receber a benção do monge assim.. eu eh
- 21 tais ah então é como todo bom brasileiro
- 22 gabe eh exatamente
- 23 tais toma aquela vacina que é o batismo quando é criança pra não levar nenhuma religião a sério ((risos)) não tá nem aí com ()
- 24 gabe exatamente. exatamente. aí, sabe↓ tem um monte de-- sei lá. eu eh.. sabe, às vezes, eu rezo sabe↓ às vezes não. às vezes eu medito sabe↓ tipo eu tenho-- sabe↑ eu mas eu sabe peço muito↓ mentalizo coisas que eu quero sabe↑ tipo sabe tipo converso com sei lá quem na minha cabeça sabe↓ tipo sabe tenho uma fé sabe mas eh.. sabe... num é a num sei dizer sabe que que é esse deus, entendeu? que sabe... num consigo eh... eh... sei lá sabe↓ num num dá pra materializar nem em palavras sabe nem em texto bíblico sabe↓ é uma coisa que não tem matéria sabe e que é só fé e acreditar que existe alguma coisa ou (algo) que sei lá↓ que não é alguém que não é-- que é alguma coisa que pode sabe↑ sei lá tá te ouvindo quando você tá pedindo sabe↓ ah é isso. sabe porque sabe também acredito em-- estou aprendendo astrologia sabe↓ acredito em tudo que que possa fazer você eh.. (fazer) ajudar você entrar em contato com si mesmo sabe, com o que você acredita, com você, sei lá, com seus valores: na verdade (acho) sabe não é-- num num acredito como uma coisa... eh... eh... sei lá:... sabe num num acho que seja místico sabe↓ que seja fantástico↓ que seja sabe eu acho que é simplesmente é. entendeu? sabe tipo num é eh...
- 25 tais (faz) parte até da própria natureza

- 26 gabe exatamente. eh você acred- você ter fé e.. e isso↓ você e da fé de alguma maneira te ajude te ajudar a conseguir coisas, entendeu? mas não de uma for- mas não que isso seja... eh... algo eh... algo fantástico assim eh (não sei)
- 27 tais e vem cá, você tem irmãos?
- 28 gabe tenho dois mais velhos
- 29 tais irmã não, só irmãos
- 30 gabe não. só dois irmãos mais velhos. um tem trinta e dois e o outro tem trinta e um.
- 31 tais eles sabem que você é gay?
- 32 gabe sabem. eh.. nunca foi conversado. eu nunca conversei a respeito disso com eles diretamente sabe↓ a palavra sabe tipo a frase eu sou gay nunca foi dita e nem e nem de outras maneiras↓ tipo sabe “eu sou casado com mauro” sabe. isso nunca foi colocado verbalmente e nunca foi conversado. eles sabem porque eh eu contei contei eh contei primeiro pra minha mãe, né↓ pra minha madrinha que também é uma pessoa muito próxima que mora com meus pais.
e.. depois... basTANte tempo depois eu fui contar pro meu pai sabe e >a minha mãe sabendo que eu ia contar pro meu pai ela já preparou ele< sabe. agora, com meus irmãos eu não cheguei a conversar,
mas eh uma vez que meus pais tão sabendo e a maioria tá sabendo e eles sabendo que eu moro com o mauro há quatro anos sabe↓ e eh enfim eles não saberiam (a não ser) que fossem idiotas completos né↑ e.. eh (mas aí) mauro frequenta minha casa↓ casa dos meus pais (né)↓ eh.. algumas vezes assim já foi a alguns almoços de família sabe e quando (eu fiz) meu aniversário lá, ele foi. então eh... assim.
já mauro já faz de alguma forma parte da família né↓
então... eh sabe foi foi sabe eu tentei sei lá↓ acho que a coisa foi acontecendo meio naturalmente sabe↓ mas eu tenho uma resistência de conversar com meus irmãos mesmo sobre isso porque... pra mim é difícil entendeu? pra mim foi muito mais fácil conversar com a minha mãe↓ foi bem difícil conversar com meu pai↓
foram assim três anos de análise pra conseguir ((risos de tais)) conversar com meu pai a respeit- sabe↓ eh... com meus irmãos eh num sei acho que eu a gente nunca teve muita intimidade pra falar sobre.. namoro sobre.. sabe falar de sexo falar-- nun- nunca teve. entendeu?
a gente sempre sabe sempre teve uma relação distante nesse sentido, assim então eh... da mesma maneira que eu nunca (fal-) quando eu namorava eh quando eu namorava com meninas eu também não conversava com eles sobre isso↓ (entendeu) não falava sobre relacionamento não falava... nada, entendeu↑ e eles também nunca conversaram comigo sabe↓ foram raríssimas vezes que eu que meus irmãos falaram alguma coisa sobre namora:da e eh sei lá.

até crise sabe sabe de estar apaixonado e ser rejeitado e terminar namoro não sei que. isso nunca foi muito conversado entre a gente. a gente nunca teve essa sabe esse tipo de conversa↓ proximidade↓ acho que os três são muito fecha:dos nesse sentido sabe↓

[(eles são)

33 tais [eles são muito mais velhos que você?

34 gabe não. (não é tanto). a diferença é de cinco anos pra um e seis anos pra outro né. o mais velho

35 tais eu perguntei porque aí às vezes acontece até isso por conta de uma distância de [idade

36 gabe [é. pois é. até-- eles dois são muito mais próximos de que eu deles né. porque eles sempre eles eh.. aquela coisa de eh no colégio eles (eram) uma série só de diferença e eu né muito mais novo↓ então que >quando (eles estavam na) adolescência eu era criança quando eu fiquei adolescente eles já eram adultos< então né eu nunca fui muito próximo assim.

eles tinham os mesmos ami:gos saíam tipo↓ eles não saíam (juntos) mas saíam para os mesmos lugares mesmo círculo mesmo círculo de amizade. e eu sempre ali... eu era o pirralho que às vezes me metia nas

37 tais paradas ((risos))

38 gabe coisas deles entendeu↑ quando eu comecei a ficar quando eu era comecei a adolescência, já comecei a querer sabe me sentir mais adultinho↓ eu saí com meus irmãos. e aquela coisa de sair pra ver a namorada me levava de carona pra ir pra uma festinha e me buscava na volta. (tinha um pouco disso). a gente num né eles conviveram muito mais né. e eles fizeram faculdade e iam juntos né↓

os dois fizeram engenharia eu fiz comunicação (né eles) eles fizeram faculdade toda juntos praticamente porque um irmão se atrasou um período eles acabaram fazendo matérias juntos. então até os amigos de faculdade eram os mesmos. e agora eles são [sócios de uma empresa

39 tais [((risos))

40 gabe eles abriram uma empresa juntos e trabalham juntos e se vêem todos os dias. eu vejo eles uma vez por mês e olhe lá e tal↓ então né.

eh eles tem eh aí eles são um ah talvez eles tenham mais esse esse contato esse sei lá. eles têm mais intimidade entre eles↓

eu nunca tive muita. mas, tem o meu irmão mais velho, que mora com meus pais ainda, e o outro irmão ele casou o do meio é casado e tem uma filhinha e e mora com né↑ ele a esposa e com a filhinha (né).

o outro irmão continua morando com meus pais o mais velho.

e o esse irmão mais velho ele é mais próximo de mim um pouco↓

a gente eh e até mais próximo da do mauro também↓ eh mais sei lá ele presencia mais a minha relação com o mauro. ele a gente já viajou junto uma vez pra mauá e ficamos nós três no mesmo chalé sabe eu e o mauro na cama de casal e ele deitado no chão↓

dormindo no chão num colchonete. depois a gente viajou a >recentemente nessa viagem que a gente foi fazer a exposição pra ibitipoca meu irmão foi também<. mesma coisa.

a gente ficou no chalé da pousada↓ eu e o mauro na cama de casal e ele na cama de solteiro. >a gente fez uma viagem junto também< eh teve uma vez-- foi até época que eu falei quando fui contar pro meu pai que eu que eu era gay, ia casar com o mauro e tal, foi a ocasião que eu contei isso foi quando a gente tava indo viajar pra portugal↓

>que minha família toda é de portugal< meu pai e minha mãe são portugueses né... eh o que é uma coincidência que eles se conheceram aqui. faz anos que casaram aqui. por coincidência os dois são portugueses. eh e o meu pai não tem muita família né↓

os pais pais dele já morreram né↓ ele não tinha irmãos.

eh ele só tem alguns irmãos por parte de pai mas uma parte da família que ele não conheceu porque o pai dele sumiu né.. tipo pra ter..

o pai dele tinha outra família sem que ele soubesse ele a e mãe dele e.. o pai dele sumiu pra viver com essa família↓ então meu pai nunca conheceu os irmãos por parte de pai. né, só conheceu no dia da morte do do meu avô e ainda assim foi só pra (ouvir) sabe saber a notícia e o meu pai não queria nem mais saber (que) pra ele..

o pai já tinha morrido há [muito tempo.

[()]

e... eh >mas a minha mãe tem uma família grande lá.

tem oito irmãos< (então) eh e eh só ela >da família toda<

só ela que veio pro brasil. então eles vão com muita frequência pra portugal e aí esse ano que foi dois mil... dois mil ou dois mil e um dois mil e um↓ em dois mil e um a gente-- ah aconteceu essa história de a gente ir pra portugal reunir a família pra passar o natal junto.

a família toda queria passar o natal junto↓ há muito tempo que a minha mãe não ia também↓ a gente não-- eu e meus irmãos a gente não ia lá há... muitos anos. a última vez que eu tinha ido antes (dessa) dessa viagem eu tinha: quatorze pra quinze anos então... foram quase dez anos (né). então aí a gente aí ficou aquela coisa vamos passar o natal, passar o natal junto, passar o natal e o ano novo e tal e eu queria passar o ano novo com meu marido↓ eh

((risos))

então eu (fui) bom eh e eu queria comunicar ao meu pai que eu, sabe, tipo meu pai tava me dando a passagem né↑ pra ir pra portugal e meu pai ia pagar isso, e eu e o mauro a gente tinha nossas economias e eu (quis) ia comprar uma passagem pra ele ir também↓ ele que né↑

pra gente ir junto, mas eu sabia que não tinha a menor condição de eu chegar em portugal depois de dez anos no meio da minha família toda sabe↑ e (ia) chegar com meu marido.

“(olha) gente esse aqui é meu marido (mauro)↓”

41 tais
42gabe

43 tais
44 gabe

não tinha a menor condição↓ minha mãe ia ficar louca. eh então a idéia era a gente-- (mas) ao mesmo tempo não tinha como eu... né↑ eu precisava conversar isso com meus pais né (tipo dizer) que ele tava indo que eu não ia passar o ano novo com eles >(que eu ia) passar o natal com eles< mas que depois eu ia passar o ano novo com o mauro. né↑ (tipo) né↑ (tinha)-- precisei justificar o fato de não estar o ano novo com a família depois de dez a:nos e tal. (aí) né veio toda a conversa e foi aí que eu chamei meu pai pra almoçar. a gente saiu pra almoçar um dia (no centro) na hora do almoço dele do trabalho.

foi super assim... eu tenho meia ho:ra pra contar pro meu pai [(que eu sou gay)

45 tais
46 gabe

(((risos)))

então vamos sentar no restaurante (vamos) direto ao assunto. eu já tava até com revista na bolsa pra dar pro meu pai, sem saber a reação dele, estava com revista sabe, na bolsa sabe, falando sobre o assunto pra ver se eu dava alguma coisa para ele ler pra ele, mas no... fim das contas não foi preciso. quando eu cheguei no almoço >pra almoçar< minha mãe minha mãe chegou um pouco na frente, meu pai tava vindo atrás, a minha mãe veio falar comigo “ah já falei com seu pai não sei que. ele já tá sabendo mas você fala e tal.” >minha mãe se adiantou e falou< (né). e eu não (falava)-- muitas vezes eu adiei essa conversa com meu pai por conta da minha mãe também sabe↓ minha mãe tava o tempo inteiro dizendo “não não fala não sei que. não sei como é que ele vai reagir... melhor não falar, não precisa e tal,” e sempre botando uma (pi-) sabe↑ quando eu precisava justamente de um incenTIvo ((ruídos)) me encoraJAR e faLAR sabe↑ (aí o)-- sabe↑ minha mãe sempre botando sabe fazendo aquele jogo contra né. eu não conseguia falar nunca↓ (nem...) sabe eu-- já era difícil pra mim ter coragem por mim mesmo sabe↓ e vir alguém desencoraja:r eu.. sabe↓ amarelava sempre.

então eu não conseguia. aí nesse dia eu consegui (assim) falar com ele eh não consegui aí tipo aí assim não conseguia e ao mesmo tempo achava eh constrangedor e... constrangedor... pra mim e pra ele chegar e e tacar pá a frase eu sou gay sabe tipo achava achava... que...

eu tentei encontrar sabe outra forma de falar isso↓ (a gente)--

aí eu tentei e falei “olha pai, você sabe que eu moro com o ma:uro há tanto te:mpo” >na época eu tinha mais de dois anos já que a gente tava junto< eh... eh... aí eu falei eu fiquei falan- falei isso↓ “a gente mora jun- a gente não mora junto porque: a gente é amigo sabe↓ a gente mora junto porque: a gente tá junto sabe↓ eh... o mauro é minha família, agora, sabe, a gente...” aí eu comecei a (falar a) falar que eu quer- aí falei que eu queria estar junto de:le no ano no:vo sabe.

“eu sei que ele não podia estar comigo lá.” e então... aí fui... levando fui levando por esse caminho.

47 tais

(e como que ele reagiu?)

- 48 gabe (ele ficou) “não tudo bem↓ eu sei↓ já sei↓ não precisa (não preci- “
aí só que aí ele) me cortou assim de uma maneira que eu fiquei
até.. aí meio “já sei disso” sabe “num num quero falar sobre esse
assunto” sabe. “isso eu já sei↓ isso você não precisa me falar”↓
eh..
“o que eu quero saber é se você vai viajar↓ que dia você vai↓
eu quero marcar a passagem não sei que e tal.” eh..
“o resto não quero mais saber↓ <não quero saber se ele vai se ele
não vai se vai>.” aí eu () “eu vou viajar e tal↓ ele vai também↓
a gente vai”↓ (aí enfim) consegui fazer um esquema de eu
conseguir uma passagem até mais barata↓ depois aí consegui
depois acertar tudo↓ ainda consegui convencer meu pai a não
comprar minha passagem pela pela varig porque ia sair mais caro,
comprar minha passagem pela pela alitalia porque aí conseguia
pegar um vôo, que eu consegui uma passagem né, que eu consegui
uma perna de de lisboa pra roma sem ter que pagar mais por isso
entendeu↓
que eu fui me encontrar com mauro em roma. que o mauro não
quis nem pisar
- 49 tais ((risos))
- 50 gabe em lisboa.
- 51 tais ((gargalhada))
- 52 gabe depois dessa história ele falou “não não quero nem pisar em
lisboa↓ (quero ir) direto pra roma↓ <a gente se encontra em roma e
passa o reveillon em roma>”. e foi o que a gente fez.
a gente foi direto pra roma.
- 53 tais bom, eu nunca fui a lisboa, mas eu fico imaginando que o reveillon
em roma deve ser uma delícia.
- 54 gabe é (muito bom). uma delícia. foi ótimo. o meu irmão foi pra roma
comigo↓ essa história TODA que ah °não que não fosse eh útil pra
entrevista° essa história toda foi pra chegar no fato de que o meu
irmão foi pra roma comigo e foi a primeira vez que que que
aconteceu essa situação de passar algum-- vários dias seguidos eu
meu irmão e o mauro sabe. foi a primeira situação assim tipo..
porque tava aquela situação “(ih) >como é que vai ser com seu
irmão? e tal↑”
aquela coisa “seu irmão vai também pra roma↓ como é que vai
ser<↑
(a gente vai)”-- só que aí.. meu irmão não ia. meu irmão ia ficar só
quatro dias↓ ele ia ficar só dias >vinte e seis vinte e sete vinte e
oito e vinte e nove de dezembro<↓ ele não ia passar o ano novo.
eh e aí ficou aquele clima a gente achando que a gente (ia ter) que
segurar quatro dias fingindo alguma coisa até meu irmão ir embora
pra depois a gente relaxar, só que a gente-- tava com-- a gente em
roma encontrou outras pessoas, outras amigas e tal que já tava aí
com gale:ra. foi um exploração total sabe↓
as meninas falando da mulher que ela pegou e não sei que sabe↓
- 55 tais ((risos))
- 56 gabe e aí ahn “que eu sou apaixonada por fulana...”

- as meninas falando da outra menina↓ e aí na época aconteceu a história que morreu a cassia eller nesse nesse ano novo e a outra menina já ficou assim “aí meu deus a cassia eller morreu e eu não dei um beijo na boca de:la, não sei que”.
- 57 tais ((risos))
- 58 gabe as meninas falando isso e meu irmão ali no meio sabe, então já tava tão escrachado o negócio que acabou sendo mais tranquilo.
(a gente não precisou) falar nada. as meninas escracha:ram sabe e.. eh meu irmão né.. o meu irmão acho que já também já sabia né↓
(de certa forma) desconfiava e tal, mas ele não tinha-- além de não ter tido a convivência ele não tinha (né)↓ não tinha se deparado com a situação e tal. ((ruído)) não conhecia bem uma ()
- 59 tais ((ruídos)) nunca sei onde faz a pausa
- 60 gabe ((ruídos)) ()
- 61 tais ((ruídos)) mas os seus pais com-- depois da história mudou alguma coisa? você acha que continuou igua::l? o que que você achou?
- 62 gabe olha, eu acho que não senti muita mudança não. eh... na verdade eh... porque assim na verdade eu sempre tive muita dificuldade de relacionamento com meu pai entendeu? com a minha mãe foi aquele choque inicial quando eu falei pra ela, ela-- aí eu tinha uma história muito de me comunicar com a minha mãe por carta entendeu↓
do tipo quando ela queria me falar alguma coisa conversar comigo ela escrevia um bilhete... deixava na minha mesa aí eu ia respondia deixava na mesa dela sabe por dificuldade de conversar e tal.
isso é muito da idade tipo desde a minha adolescência já é era assim sabe. e aí depois a gente acabava conversando. e aí nesse sabe quando eu contei pra ela eu contei mesmo sabe↓ (na verda) eu eu ahn tava super deprimi::do, tava passando semanas triste sabe. era época que eu era hum eu tava eu tava mals tava na maior fossa porque eu tava ().
eu tinha me apaixonado pelo meu melhor ami::go, que eu era gay e tava péssimo↓ assim, não tava conseguindo mais lidar com a situação. eu tava no limite assim de loucura né. e foi a primeira vez que eu realmente me apaixonei por outro homem sabe, antes eu tinha tesão eu tinha desejo e tal, mas era uma coisa muito velada que eu ficava-- eu mesmo reprimia eu dava um jeito de fingir que não tava acontecendo pra mim mesmo e tal, mas aí chegou num ponto que não dava mais né. e eu tava apaixonado que ah sabe fica aquela coisa. e aí eu cheguei a ficar mals assim fiquei-- tava triste direto↓ chegava em casa fechava a porta do meu quarto não queria falar com ninguém e tal e tal.
tava sempre triste↓ aí aí um dia ((dirige-se a outra pessoa (é pra mim?))) ((ruídos)) enfim, aí eu contei pra minha mãe pra-- minha mãe me viu chorando um dia, veio me perguntar (que diabo) que tava acontecendo↓ quando eu contei pra ela falei que eu tava apaixonado por um amigo. aí ela ficou tensa “aí meu deus e tal mais não sei que”, aí ela vira e “será que você não tá confundindo as coisas? às vezes é admiração”. “não é isso” (eu disse) “mãe, eu não tô confundindo↓

eu sei muito bem sabe↓ (eu não--) eu sei muito bem o que eu tô sentindo”. e aí expliquei e tal ela se convenceu.

e ficou (por isso mesmo). >”ah mas eu não vou falar com seu pai porque não sei, não vou falar com ele, que não vou falar nada com ele, melhor você também não falar nada pra ele<” (eu falei)

“não eu também--“ nessa época nesse momento eu não tinha a menor... eu não tinha nem vontade de falar com meu pai sobre isso. então... eh... nessa-- ficou por isso durante um tempo. eh... até que um tempo depois quando eu comecei namorar com o mauro que eu aí eh depois eu também saí da casa dos meus pais. antes de eu estar com o mauro eu já tava morando sozinho↓ eu (já) tava dividindo apartamento com dois amigos né↓ eh e isso↓ depois eu fui morar sozinho. entrei-- acho que três meses depois foi que eu conheci o mauro e a gente começou a namorar. e aí depois de um tempo já com o mauro↓ depois de uns três ou quatro meses de namoro que acho-- mais ou menos depois de uns seis meses de eu já estar morando (so-) né eh de eu já estar morando fora, eu resolvi eh conversar com a minha mãe (expli-) dizer que eu tava-- que eu ia morar com ele e tal↓ que ia e dizer que eu tava bem que eu tava feliz sabe que eu tava... numa outra onda. que eu não tava mais naquela depressão... eh que sabe era minha escolha que tava sendo ótimo. e enfim... eh e aí... mas ainda assim minha mãe não quis falar nada com meu pai e ficava me pedindo para não falar nada pra ele, sabe, e eu também, sabe, eu já tinha dificuldade pra falar com ele↓ ela me pediu pra não falar↑ então tá↓ então não vou falar sabe↓ ficou por isso.

63 tais ((risos))

64 gabe então só depois de dois anos já casado com o mauro que eu pude conversar com meu pai. e... eu num eu realmente não percebia não percebi uma-- nenhuma mudança deles comigo.

65 tais com o mauro também não

66 gabe com o mauro foi assim↓ eh.. no começo meu pai meu pai ele é muito seco↓ sabe tipo eh ele não queria ele não queria ser acho que ele não queria ser grosseiro não queria ser antipático, mas ao mesmo tempo ele não se sentia à vontade pra ser simpático também.

67 tais ahã

68 gabe eh aí minha mãe também um pouco mas minha mãe se soltou mais rápido sabe tipo↓ um dia que eu fui com o mauro na casa deles minha mãe já sentou com ele na cozinha↓ eu tava eu tava fazendo outras coisas, quando eu voltei pra cozinha que eu vi mauro tava lá com a minha mãe conversando↓ minha mãe contando a vida dela inteira pra ele.

69 tais ((risos))

70 gabe ah e já eh já minha mãe já.. já.. conversa com mauro encontra com mauro e age na maior naturalidade já bem tranquilo. meu pai um pouco menos, mas eu já percebo um progresso entendeu↓ ele já cumprimenta o mauro com [outra..outra postura

71 tais [outra cara

- 72 gabe com outra cara sabe↓ >”(oi) tudo bom lá? não sei que”< já.. sabe↑
já tem uma () sabe eh ele sabe é cada vez é cada vez mais
receptivo sabe. eu acho que.. cada vez mais ele.. vai se
acostumando com a idéia e tem sido cada vez mais receptivo
[né
- 73 tais [o mauro foi o primeiro
namorado teu
- 74 gabe olha, primeiro namorado sério foi sim.
- 75 tais antes dele você namorou muito?
- 76 gabe não namorei muito não sabe↓ assim sabe, umas galinhagens só e..
assim porque eu tive na verdade eh eu tive um namoradinho no
colégio que foi-- durou pouco tempo também↓ uns de três meses
sei lá... eh aí depois eh.. eh.. eu tive sei lá um outro sabe aqueles
namoricos de colégio de beijinho na boca alguns né↓ de tipo que
durava um mês, depois outro uma semana depois o outro três
meses e tal mas assim... isso né. aí depois na faculda::de eu eu eu
ah namorei uma menina durante durante algum tempo↓ acho que
também foi eh... uns dois ou três meses também. ela na verdade
tinha um namorado e eu era o outro né? ((risos de tais)) eh... eh... e
assim depois de um tempo eu acabei (né) me irritando e a gente
acabou eh terminando↓ e depois eu namorei eh a tati foi minha
namorada né↓ entre as meninas que eu namorei minha namorada
de mais tempo que a gente namorou durante sete meses né↓ e foi
minha última namora:da né↓ depois dela foi assim sabe tipo eu foi
quando quando eu tive que me dar conta que não daria certo sabe
eh.. tipo que mulher não era a parada e que não dava↓
- 77 tais não era sua onda
- 78 gabe não era minha onda me:smo. foi depois depois do namoro com ela
que quando ela quando ela ela que terminou o namoro né.
eu ela falou que () tem alguma coisa errada não dá:: sabe tipo↓
porque tipo não tinha sexo na nossa relação sabe tipo↓ eh.. a gente
era um era uma relação estranha realmente (né o.. e) eu eh só que
eu tava tipo eu investi num relacionamento com ela porque eu
gostava muito dela gostava mesmo↓ assim gostava muito sabe e eu
(investi) eu acreditava que era assim sabe↓ era como se fosse assim
a minha salvação↓ tipo sabe a tati (é minh-) sabe tipo foi (uma
pess-) foi eh a primeira vez que eu que eu aquela coisa de eu ver
uma pessoa sabe↓
vi a vi a tati o primeiro dia que eu vi eu achei ela linda sabe e sabe
aquela coisa↓ a conquista sabe assim tipo eu achei achava ela
linda↓ não conhecia↓ dei um jeito de me aproximar↓ me
aproximei↓ ela se interessou e tal e foi aquela coisa de tipo sabe
ela↓ tem a mulher mais linda do mundo sabe↓ é minha namorada
sabe↓ é um tipo... uma mulher dos meus sonhos sabe↓ aquela coisa
tipo família↓ (não) agora tipo com ela não vai ter sabe tipo eu vou
sabe↓ eu achava que eu ia esquecer homem sabe que eu não ia
mais pensar em homem sabe↓
eu tava como sabe só que num né tipo a coisa não acontecia sabe
tipo.. eh.. eu eu tentava e sabe tentava eh.. era uma coisa tipo tava--

- me forçar sabe↓ eu eu forçava meu desejo↓ na verdade era era uma coisa sabe tipo eu (tent-) eu tava tentando me educar sabe↓ a a a me relacionar com sabe uma mulher sabe tava me (educ-) sabe↓ me educar isso num sabe era
- 79 tais ((rindo)) não adianta
- 80 gabe não adianta. tava lutando sabe contra mim mesmo era (não não)
- 81 tais você chegava a ter tesão nela?
((ruídos))
- 82 gabe olha, a primeira vez que a primeira vez que a gente transou, foi assim
pra mim sabe foi ah eh... foi ao mesmo tempo foi estranho sabe porque eu eh eu consegui↓ eu tive tesão sabe↓ a gente a gente sabe tipo consegui. sabe tipo porque é complicado sabe↓ homem não tem tesão a coisa [não sobe num
[é sem disfarce
- 83 tais
- 84 gabe acontece. mas a () sabe a coisa aconteceu sabe↓ eu tive prazer sabe↓ foi legal e eu (sab) sabe. ao mesmo tempo eu que eu fiquei sabe,
ao mesmo tempo foi assim fiquei feliz tipo assim “sou capaz” sabe↓ tipo de aquela coisa de você “eu sou capaz de de ter desejo sabe por uma mulher e tal”↓ e tipo “sou capaz de” sabe↓ “eu sou capaz de transar com a tati” sabe↓ de a gente “eu posso” eh sabe “eu posso viver essa relação” sabe ↓ “eu posso sustentar isso” sabe↓ mas ao mesmo tempo eh tinha o contrário também tipo assim “eu sei que não” né↑ sabe↑ “eu sei que foi um esforço” sabe. “eu sei que não foi natural não foi uma coisa tipo eu tô morrendo de tesão eu quero transar com você”↓ [agora
- 85 tais [ahã
- 86 gabe sabe foi uma coisa tipo caralho sabe “eu tenho que transar com a tati” ((risos))
- 87 tais ((risos))
- 88 gabe ((risos)) não foi sabe (completa) foi totalmente inverso sabe ((acabou a fita)) ((ruídos))
- 89 tais (mas aí) você tava se tocando que não era bem por aí. mas ao mesmo tempo era um grilo? quer dizer, [você queria
- 90 gabe [sei. eu queria
- 91 tais ser homem () porque era mais fácil?
- 92 gabe exatamente. porque eu não eu não eu num assim eu nunca tinha tido eh eh uh anh eu nunca tinha tido relação com homem nenhum e eu sabe↓ queria (sabe) eu acreditava que eu era capaz de a minha vida assim (). por mais que eu desejasse isso sabe secretamente entendeu. eh.. mas que eu era mas sabe eu... () enfim, eu achava que eu que que era uma coisa que sei lá::.. achava que de repente ia passa::r↓ que de repente eu depois (que) sabe depois que eu que eh sei lá sabe↓
eu me relacionando eu ia eh sei lá com a tati e a coisa pudesse se desenvolve:r. conseguisse sabe de repente passar a ter tesão sabe. mas a coisa não aconteceu e assim eh.. eh.. é óbvio que ela percebia sabe↓ que ela sentia ela sentia péssima↓ sentia uma

- merda (né)↑ porque porra (sabe)... ela achava com algum problema né (com--) “qual meu problema? qual meu problema? que esse cara [num
- 93 tais [não tá se interessando
- 94 gabe não tá se interessando” sabe↓ e ao mesmo tempo eu era super romântico apaixonado↓ levava presente mandava cartão (escrev-) sabe (faz-) sabe. tinha todo um outro lado sabe romântico de carinho de sabe uma coisa apaixonada que sabe no na ca:rne não (refl-) não se refletia sabe. e ela não conseguia e ela não entendia sabe↓
pra ela era muito estranho (sabe)↓ e.. a gente conversou isso uma vez pra dar um tempo no namoro. ficou um tempo sem se sem se encontrar pra gente se ver na faculdade né. então ficava aquela coisa: e acabava acabou começando acabou voltando tentando mais uma vez↓
a coisa num (sabe) não mudou. (ela falou o) sabe num ela me perguntava “mas como é que era com as (suas) outras namoradas?” porque não sei que↓ porque a gente eh sabe tipo ela (perguntou)↓ e aí ela fala::va sabe ela me dizia assim “ah é porque não é só por causa ()” sabe “não é só pela falta de sexo e tal”. mas [era [é
- 95 tais entendeu. não era só por i:sso↓ “a gente não tem mesmo intimidade”↓ “a gente não tem uma intimidade de namorado”↓ não sei que
“a gente é como fosse o melhor amigo” sabe. ela vinha com esse papo. () e perguntava como é que era com as minhas outras namoradas e tal↓ só que.. eu (quer dizer) não tinha tido muitas outras namoradas sabe↑ eu só tinha tido sabe ela foi a segunda pessoa com quem sabe eh a segunda com quem eu tive com quem eu transei sabe↑ então (tipo) eu não tinha muita experiência pra dizer como é que era antes sabe↓
e e ao mesmo tempo eu não conseguia dizer pra ela que (“oh) na verdade eu tenho (minh-) minhas dúvidas se eu (gos-) sabe se eu acho que gosto de homem” sabe↓ não tinha a menor coragem de falar isso sabe↓ isso era uma coisa que eu escondia de mim mesmo como é que eu ia falar isso pra alguém? sabe, não tinha como eu conversar sobre isso com ela↓ era um sabe eu escondia de mim mesmo↓ era pra mim era como sabe eu () eu escondia ta:nto de mim que eu acredita:va que não (exist-) sabe↑ que não existia nessas horas entendeu↓ eh.. (foi) muito muito maluco.
- 97 tais e como é que como é que você como é que rolou assim a primeira vez que você saiu com algum cara?
- 98 gabe é. [aí
- 99 tais [rolou um lance que aí não tinha jeito?
- 100 gabe eh que aí o que aconteceu? foi depois que (ter-) que acabou esse que terminei-- que a tati terminou comigo que eu comecei.. aí eu

comecei a questionar a minha (“eu falei cara”) eu fiz uma tentativa: sabe↓

uma pessoa que eu gostava que eu me apaixonei que eu achava sabe↓ eu sei eu eu idealizei sabe uma uma coisa que eu achava que quando eu chegasse nesse ideal eu ia conseguir↓ eu cheguei nesse ideal e não era nada do que eu tinha idealizado↓ e.. a coisa não aconteceu e eu vi que não ia adiantar namorar outra mulher, que (não--) ia acontecer a mesma coisa↓ e.. nessa época também foi a época de uma época uma época na faculdade também que eu eh.. eh.. eu (conhec-) foi quando eu tive também meu primeiro meu eu conheci o meu primeiro amigo gay mesmo assim que eh.. eh.. foi (aon) aonde eu sei↑ comecei até a a lidar com a sabe↑ a a deixar um pouco sabe eh dar vazão à minha curiosidade sabe↑ através dele entendeu? (tipo) perguntando pra ele ouvindo as histórias dele entendeu? e.. eu comecei a conversar com alguns amigos sabe↓ (>na verdade<) com algumas amigas mais próximas com quem eu tinha mais eh (com) eh que eu tinha mais intimidade pra conversar sobre isso↓ e.. e comecei a colocar sabe minhas curiosidades e falar↓ e aí falei falei com esse (menino) e aí aí (foi) bom↓ o que aconteceu foi que nesse meio nesse tempo foi quando eu conheci o cara que eu apaixonei. o tal cara que assim eu me apaixonei à primeira vista assim viu↓ (ca::ra) >eu tava fazendo o curso de fotografia no primeiro dia de aula o cara chegou na sala< eu olhei::i eh sabe olhei no olho pensei [“fudeu”

101 tais
102 gabe
que

[[risos]]

“quem é esse cara?” e.. se-- o curso durou o curso não durou mais

duas semanas por falta de alunos né. o curso aí teve que ser encerrado porque não tinha muitos alunos↓ só tinha na verdade no fim das contas ficavam só dois↓ eu e ele né↑ e aí a professora encerrou o curso e eu fiquei assim↓ “(e agora?) como é que eu vou ver esse cara?” sabe↑

“eu não vou mais ter motivo pra encontrar ele”↓ mas aconteceu da gente (fic-) em pouco tempo gente se tornou melhores amigos↓ (quer dizer) a gente se via todos os dias tipo eu chegava da faculdade tinha um recado dele pra mim lá↓ em casa a gente (se via--)

eu telefonava pra ele todos os dias, ele me ligava todos os dias a gente fazia tudo junto. as pessoas chegavam aí depois a gente descobriu que tinha alguns amigos em comum as pessoas me perguntavam por ele sabe↑ tipo me encontrava “ah gabe tudo bom? e aí? como é que tá o omar?” e tal. omar o nome da figura. “aí como é que ele tá?” não sei que. me perguntavam como se fosse meu namorado sabe↑

como as pessoas perguntam pra mim “ah e o mauro? como é que tá?” não sei que. perguntavam por ele sabe e ficou-- e a gente era muito muito junto assim o tempo inteiro viajava juntos só os dois sabe↓

e várias situações estranhas dormia na mesma cama sabe eh... eh... tipo de chegar ao ponto de um sabe uma situação que tinha uma viagem que tinha nós dois mais um casal↓ tinham três quartos na casa↓

um quarto com uma cama de casal o outro quarto com uma cama maiorzinha, mas que não chegava a ser de casal e um outro quarto com uma cama de solteiro. o casal foi pro quarto da cama de casal e ele sugeriu que a gente ficasse dividisse a outra cama, que ficasse junto no mesmo quarto, porque o outro quarto era muito empoeirado.

como se a casa inteira não fosse toda igualmente empoeirada.

103 tais
104 gabe

((risos))

e aí eu comecei a acreditar que poderia acontecer alguma coisa porque várias coisas↑ tipo assim a primeira vez que a gente saiu junto foi pra ir no mercado mundo mix, que é uma coisa super super gay, e ele que me convidou pra ir↓ segunda vez que a gente saiu junto foi pra ir no cinema ver beleza rouba:da que é um filme super romântico↓

depois a gente fez essa viagem junto que ele sugere que a gente durma na mesma cama↓ então eu tava acreditando que era uma coisa mútua que sabe tava rolando acreditava que ia acontecer↓

>mas ao mesmo tempo eu não tinha coragem de tomar a iniciativa<

e assim se passaram seis meses. a gente.. unha e carne ali sabe vivendo igual namorado mas num rolava nenhum abraquinho nada sabe↓ mas a coisa tipo depois eu fui eh eh tipo assim depois veio a desilusão sabe↓ nesses seis meses eu não vi ele ficar com ninguém↓ a gente vivia junto então eu saberia se ele tava sabia (que vivia--) de repente ele ficou com uma menina depois outra e outra e começou a galinha:r enlouquecidamente↓ ficava com uma mulher cada dia e aí () a minha desilusão foi um foram situações realmente difíceis porque eh eh ele... tipo assim dia trinta e um de dezembro onze horas onze e cinquenta e nove, a gente fazendo contagem regressiva pro ano novo, quando todo mundo começa a se abraçar que eu acho que vou abraçar ele ele abraça ele vira pro outro lado abraça outra mulher e começa a beijar entendeu↑ isso depois de seis meses sem eu ver ele dar um beijo na boca de ninguém acreditando que ele ia ser meu namorado↓

hum sabe mais cedo ou mais tarde entendeu↑

e aí foi tipo meu mundo caiu nesse momento↓

falei “fudeu” sabe tipo eh “agora não sei o que eu faço” sabe↓ eu ()

105 tais
106 gabe
107 tais
108 gabe

vai ver que ele tava na mesma coisa [que você tava

eu não sei [sabe

()

eu não sei. e... mesmo isso durou a:nos↓ sabe tipo a gente passou o ano bom sabe↓ eu continuei um bom tempo eh sabe tipo fixa:do sabe↓

eu tava obsessivamente fixa:do nele sabe↓ eu eu não conseguia imagina:r sabe (outr-) sabe pra mim ele era sabe era o amor da minha vida sabe↓ (eh) mas era uma loucura platônica da minha cabeça↓ fantasiei sabe↓ idealizei sabe↓ coloquei nele todas as minhas sabe tipo achava que eh sabe↓ coloquei que ele era perfeito que ele era a pessoa e não conseguia tirar isso da minha cabeça e fiquei investindo nisso mesmo sabendo sabe aí veio um papo aí depois veio com um papo que (ele tinha) um amigo (aí)↓ (depois ele) conheceu através de mim sabe uma amiga minha que na época era minha amiga mais pró:xima uma pessoa que eu dividia tu:do sabe↓ conversava tudo↓ e aí foi se apaixonar por ela entendeu?↑ e aí começou (esse) triângulo louco↓

ele apaixonado por e:la e ela sabendo que eu gostava de:le e ele achava que-- aí depois eu acabei contando pra ele que era apaixonado por ele↓ ele depois começou a achar que ela não ficava com ele porque eu sabia que eu era apaixonado por ele. e aí ficou essa loucu:ra. até que um dia (a gente teve que dar) um ponto final nisso. eh... a gente saiu pra conversar eu e ele sabe↓ colocar as coisas e e falar↓ ele num às vezes me ligava pra falar da maria perguntava “ah e aí? () não agüento mais só penso na maria só penso na maria↓ que que você a:cha que que (voc-)” sabe↑ me pedindo opinião até que um dia eu falei “ó vamos sair pra conversar e tal↓ a gente conversa sobre isso”. senti e falei “olha só, não me liga mais pra perguntar da mari:a sabe↓ não me pergunta o que que eu acho, o que a maria sente por você, o que você sente pela maria porque não dá pra mim sabe↓ resolve you sua vida com a maria sabe↓ eu tô fora entendeu↓ porque sabe você sabe o que eu sinto por você entendeu ↓então não vem me dizer nem perguntar se você quer que eu sabe que que eu Acho sabe↓ então sabe não quero mais saber disso↓ chega.” aí ele ficou “é (pô) tem razã:o↓ eu nunca tinha me dado conta disso sabe↓ de como deve ser difi:cil pra você: e ta:l não sei que↓” e (veio com) aquele papo todo de melhor amigo.

aí depois ele (ainda) veio com o papo ”ah você viu aquele filme threesome?” falei “vi cara vi sim” ele “ah então” eu falei assim eu “então [o que?

109 tais [(risos))

110 gabe no threesome todo mundo comeu todo mundo entendeu↓ no threesome todo mundo come comeu todo mundo e até agora ninguém comeu ninguém.

111 tais [(risos))

112 gabe [então (não) sabe eu acho que se fosse isso se fosse isso eu tava feliz sabe↓ mas não é nem isso entendeu↓ o negócio é que a gente está nessa (porra) há mais de um ano que a gente está nessa punheta sabe↓ e ninguém pega ninguém ninguém come ninguém eu não aguento mais sabe↓ eu tô tirando meu time.” a partir daí a gente se afastou um tempo. o detalhe que nesse mesmo dia que a gente saiu pra conversar a gente tinha saído pra ir ver um estúdio, que a gente ia alugar um estúdio junto↓ °>que ele também é

fotógrafo^{<º} a gente ia alugar um estúdio junto ia montar uma empresa e tal↓ começar a trabalhar junto. claro que depois desse dia a gente nunca mais se ligou pra falar de estúdio.

113 tais
114 gabe

é
morreu ali a história do estúdio automaticamente. e aí eu pensei foi quando eu pensei “cara agora eu tenho que entrar de outro homem porque esse eu tô descartando” sabe↓ e aí foi quando eu fui atrás desse meu amigo gay↓ falei “cara vamos sair” sabe. ele acompanhou toda a história eu contava pra ele minhas angústias com omar e tal.

115 tais
116 gabe

ele tinha uma história super parecida com um cara que eu também conheço que era amigo da faculdade também. então a gente se a gente se identificou muito com essa história de amor platônico pelo melhor amigo que não é gay sabe ou que.. sei lá

que não [quer ser
que [não quer ser. aí, a gente começou a sair junto ele-- primeira vez que eu (fiquei com um cara) foi quando eu fui na ca:sa de um amigo dele que-- falou assim “olha vamo vou te apresentar um amigo meu”↓ era (m) era mais velho e tal↓ “também é gay e tal”↓

esse tipo de coisa↓ “eu conversei muito com ele com a história do do pau:lo”, que era o (o cara) que ele era apaixonado, “ele me ajudou mu:ito↓ pô queria que você conhecesse e:le↓ de repente uma pessoa legal pra você conversa:r e tal”↓ aí “vamo lá conhecer teu amigo”.

aí eu fui lá conhecer o amigo. mas (assim) na época eu acho que eu tinha sei lá dezenove vinte anos talvez sei lá não me lembro qual era minha idade↓ acho que vinte eh acho que foi acho que tinha vinte↓

aí eu fui na casa do cara e a gente começou a conversa:r e falei da minha histó:ria que o cara num sei que↓ o cara tinha uns trinta e poucos uns trinta e quatro talvez e aí eu tipo assim achei o cara interessante fiquei ah pô feliz↓ aí ele ficou lá conversa:ndo e tal e nessa coisa da conversa o marcio, que é meu amigo, dormiu no sofá e ficamos eu o escobar conversando↓ continuamos conversando até que falei assim “bom é agora que eu vou experimentar né”↑ aí a gente aí foi quando aconteceu a primeira o primeiro contato tipo assim me deu um beijo ficamos se beijando na cozinha e tal. e... e (mas cara) foi traumático praticamente porque o cara brochou↓

117 tais
118 gabe

[[((risos))
[[((gargalhada)) que merda
eu fiquei “gente” aí eu sabe fui pra casa assim... como no auge da frustração assim... na verdade o cara nem era maravilhoso sabe↓ não tava sabe tipo não tinha a menor expectativa↓ na verdade eu só queria provar sabe.↓ tipo, nem era nada demais assim↓ eu só queria sabe (porra) sabe era a primeira (vez)↓ finalmente ia conseguir sabe me permitir beijar um homem↓ quando vou partir pra

- 119 tais pro [vamo vê
 120 gabe [pro vamo vê, o cara aí o cara veio com um papo falando que não que não era nada comigo que ele pô tinha gostado muito de mim, mas que ele tava num dia muito ruim e tal de stress não sei↓
 que ele veio com um papo todo que ele tava mal. aí, bom, (foi assim) ele perdeu a oportunidade dele também porque eu não voltei a procurar ele. ele voltou a me procurar algumas vezes (eu falei “não não) agora já era sabe”↓ eh.. e aí depois eu fui eh bom partir pra luta né↓
 eu fui pra gue:rra↓ continuei sai:ndo, aí acabei conhecendo depois um outro ca:ra que foi eh () fiquei com o cara e aí: tipo rolou tudo sabe↓ transamos e tal. e o cara o cara era também era um pouco mais velho também era mais velho também mais ou menos da mesma idade do escobar e e era assim eu já tava num momento que eu não era muito seletivo sabe↓ (dizia assim) eu quero sabe tipo eu quero trepar com um cara entendeu↓ não interessa sabe tipo caiu na rede é peixe sabe↓ então.. (e assim) também não era uma coisa assim sabe↓ os primeiros os primeiros homens que eu fiquei não foram experiências muito boas sabe↓ não eram pessoas que eu sabe não eram pessoas muito atraentes↓ não eram sabe não eram sabe tipo sabe eu olho pra trás agora eu vejo nunca ma:is. eu nunca ficaria com esse [ca:ra.
- 121 tais [(risos)]
 122 gabe foi assim na época eu tava assim (tipo) a flor da pele sabe↓
 tipo pra () eu tava quase no ponto de tem peru eu tô pegando↓
 tava muito... sabe tipo querendo extravasar todos aqueles anos que eu sabe que eu tava [sabe travando aquilo
- 123 tais [()
 124 gabe e foi péssimo porque sabe porque depois eu me sentia ma:l sabe↓
 porque se você () tenho ficar com esse ca:ra () e tipo as transas foram rui:ns sabe tipo... mas se sabe tipo assim tinha toda aquela coisa tipo rolava toda aquela tensão aquele tesão sabe↓ toda aquela coisa da da do jogo de sedução e tal. () sei lá, toda uma motivação que eu não ti:nha com mulher sabe↓ era uma minha motivação com mulher era muito... pelo afeto pelo carinho e tal, mas não passava por essa coisa pela coisa física sabe e eu tava pela primeira vez vivendo a coisa física sabe↓ era puramente físico. também era o inverso total né↓
 agora só físico porque assim eram pessoas com quem eu não (ti-) eu não queria ter sabe nenhuma outra relação fora a sexual entendeu↓
 eu acho que () nos primeiros anos que eu me relacionei foram... foram situações assim e >alguns outros que foi pegação de boate< de ir pra boate sabe ficar ali sacando e tal tipo bateu o olho, “é esse aí vamo lá”, sabe↓ às vezes não tinha nem “qual o seu nome?” sabe↓ já ia pra um canto aí tipo aí foi essa galinhagem. depois eu fui passar um carnaval em olinda que eu também era aquela coisa de carnaval “ah dois hoje três amanhã”↓ aí de ir pra (). descobri

que tinha uma rua gay do carnaval (que eu) ia pra a rua gay ficava ali “vamo lá” sabe↓ () né↓ esquema guerra mesmo. aí fiquei nessa galinhagem de de ficar pegando homem, mas sempre sonhando em achar o sabe o homem da minha vida, o homem dos meus sonhos↓ aí ainda remoendo um pouco de coisa sabe de da história do omar sabe↓ ainda tava demorou um tempo até: sabe↑ eu conseguir... sabe↓ supera::r toda... sei lá todo... aquela carga emocional que tinha sabe↓ toda história () sabe de eu continuei apaixonado por ele muito tempo sabe↓ mas não sabe aí fiquei (evite a gente) parou de se ver de se encontrar não foi nenhuma coisa de precisou evita:r sabe↓ a gente simplesmente depois daquela conversa foi natural↓ a gente parou de se ligar de se falar sabe↓ todos dois lados assim↓ não foi nem um nem outro que começou a evitar↓ foi (a missa foi) recíproca [né?

125 tais
126 gabe

[((risos))

aí e (meio mal aí e) depois acabei. aí meu primeiro namorado namoradinho assim, foi um cara que eu conheci também numa boa:te. eh fiquei com o cara e a gente e o cara assim...

>(primeiro) que a gente ficou< o cara já ficou assim

“você vai namorar comigo? você não vai namorar comigo?” e tal.

foi o primeiro cara que eu fiquei que eu me interessei assim tipo↓ era um cara bonito achei ele assim “caralho” sabe↓ “cara mais gato da noite”↓ assim “tô todo orgulhoso”↓ “ah peguei o mais gato peguei o mais gato”. fiquei olhando pra ele achando que ele nunca ia me dar mole, tava me olhando aquela coisa “ah mais gato”↓ o cara era mode:lo fazia fazia eh era ah modelo e ator né↓ fazia fazia uma ponta em mandacaru né↓ uma novela da manchete tava passando ele fazia uma ponta lá, que ele era um soldado na novela e fazia umas participações naquelas coisas de abertura de programa da globo sabe↓ fazia umas coisas assim todo lindo eh... pernambucano e eu tinha uma história uma coisa com pernambuco, que eu tava numa época que eu tava curtindo muito cultura de pernambuco↓ tava estuda:ndo isso↓ tava estudando mangue beat e tal↓ uma história de música pernambuca:na↓ então eu tava todo envolvido com isso de repente eu conheço um pernambucano [maravilhoso

127 tais
128 gabe

[((risos))

gostoso lindo que se apaixonou por mim assim de uma maneira que eu nunca esperei. e o cara ficava fazendo declarações queria namorar “quero namorar com você quero namorar”. só que assim ao mesmo tempo sei lá eu não sei que paranóia, na época eu não fazia análise e assim o cara era tão babão sabe↓ que eu me encheu o saco sabe↓

esse cara babando o tempo inteiro sabe tipo tudo “ah gabe você é () maravilhoso não sei que” sabe↑ era tão inverso sabe↑ assim tipo eu tava sabe eu saí da coisa platônica de ser completamente apaixonado por uma pessoa que tava sabe com quem eu não tinha a menor chance de ter nada e sabe↑ pra um cara que babava assim que tipo... que eu não não também não deu certo sabe↓ tipo muitas

diferenças também eh... enfim eh não dava. não deu certo. tipo era ótimo sabe na cama foi ótimo sabe foi a primeira vez que eu consegui me soltar (). foi muito bom mas não tinha sabe a gente não tinha não tinha afinidade... não sei não sei eh... não dava. não tinha como (assim) não tinha como ser meu companheiro sabe↓ assim meu namorado. era uma coisa muito muito sabe eu tava () eu fiquei deslumbrado porque era um cara lindo e tal não sei que↓ pra mim tava sendo legal isso sabe mas o cara que eu gostava de ficar dar beijo na boca transar sabe↓ mas eu não (ti-) não era uma pessoa com quem eu queria sabe eh não é... não era a pessoa pra eu conversar sabe↓ pra eu eh... sabe não tinha uma troca↓ acho que tinha uma diferença cultural e talvez sei lá eh... não sei. não não batia sabe↓ não não dava pra ser mais do que isso sabe↓ namorico de beijinho na boca de sair pra transar e de sabe () de um namorinho mesmo. e a gente ficou nesse namorinho uns três meses um tempo assim. aí eh.. foi até bom que eu não me envolvesse porque ele acabou voltando pro maranhão↓ (ele) acabou indo morar no maranhão então voltou pra recife depois foi pro maranhão↓ então deve ter sido péssimo se eu tivesse apaixonado [também.

129 tais
130 gabe

[(risos)]

então graças a deus. mas... eu acabei eu acabei falando com ele que que (não tinha mais jeito) (). aí fiquei... naquela↓ comecei a-- fiquei interessado por um outro cara amigo também que não era muito resolvido, mas eu sabia que rolava uma vontade e tal↓ eh e... mas não rolou nada, assim↓ depois voltei a ficar curtindo na noite assim entendeu↓ num-- na galinhagem. até que conheci o mauro através da lana numa coisa numa situação totalmente inusitada↓ assim tipo eu tava numa festa de faculdade sabe tipo na faculdade era onde não rolava nada né↓ na faculdade era um enrustimento só sabe tipo sabe tinha um monte de gay ↓mas sabe era tudo todo mundo meio enrustedo tal. então eu e o marcio éramos os únicos assim que sabe ainda dávamos uma escrachada de vez em quando sabe↓ depois que eu namorei o (miro), o (miro) apareceu na faculdade uns dias as pessoas ficavam comentando “ih será que é namorado dele?” não sei que.

as pessoas fofocavam muito e como eu era muito amigo do marcio e o marcio era muito explicitamente gay abertamente gay, as pessoas ficavam especulando se eu tinha alguma coisa com o marcio mas ao mesmo tempo o marcio era uma pessoa estranha porque ele ele também tinha uma fama de maluco assim↓ ele e eu↓ e ele tem realmente sabe assim umas tendências sei lá mas↓ entendeu↑ talvez ele seja até psicótico não sei. ele é muito ele é maluquinho das idéias.

131 tais
132 gabe

[(risos)]

[() então as pessoas achavam estranho tipo “porra o gabe tá (envol-) se envolvendo com esse maluco e tal não sei que.” só que (porra) era o único o único amigo gay sabe↓ a única pessoa que eu podia falar de homem que eu podia sabe que ele sabe com quem eu

tinha essa identificação sabe ↓ e era uma pessoa uma pessoa que eu gosto muito até hoje que eu tenho como um irmã: o assim ↓ a gente compartilhou muita coisa e... eh...

133 tais
134 gabe

aí teve essa festa aquela hora [()

[e teve a fe:sta ↓ a lana (me falou)-- aí

eu encontrei a lana ↓ a lana tava nessa (fes-) eu tinha na verdade (eu já conhecia) a lana através da tânia, que era uma amiga minha também de niterói e tal, da faculdade e tinha um contato muito tinha muito pouco contato com ela né ↓ ela era amiga de uma amiga ↓

de vez em quando bebia uma cerveja junto no sujinho na faculdade.

e aí um dia ela veio falar comigo dizendo que queria conversar comigo em particular. eu falei “então tá né vamos conversar em particular.” (eu) já sabendo que o assunto era esse né ↓ até porque eu já tinha ouvido rumores de que a lana tinha uma namora:da ↓ já tinha ouvido assim fofocas de faculdade “que a lana num sei que” e aí...

(pensei “bom é sobre iss-) é esse o assunto”. aí a lana veio me falar “não” que ela tava na verdade ela tava querendo saber... eh...

(primeiro) perguntou se perguntou se eu era gay. e falei

“ah (bom) eu sou gay se é isso que você quer saber”.

ela (mas ela) ficou fazendo rodeios pra perguntar. antes que ela perguntasse eu já falei “ó, você quer saber eu sou gay mesmo” ↓

então ela “não é porque um amigo meu te viu no baixo gay isso não quer dizer na:da ↓ tem muita gente que frequenta o baixo gay e não é gay” e tal. eu falei “não mas eu sou se é isso que você queria saber.” mas (aí) eu já tava pensando assim “bom ela quer me apresentar [alguém de repente”

135 tais
136 gabe

(((risos)))

ela “não, é que eu queria saber quem mais na comunicação é gay não sei que”, ela era da psicologia eu da comunicação ↓ estudamos no mesmo campo ↓ as pessoas se conheciam mas não tinham assim muito contato. mas se viam. tinha aquela história de fumar um baseado no laguinho e tal e tal ↓ as pessoas iam lá se (encon-) se viam muito no laguinho. aí ela perguntou “quem mais é?” mas ela tava interessada nas meninas na comunicação e queria saber qual das meninas na comunicação sabe que poderia ser sabe () sabe ↓ qual ela poderia investir. aí eu falei que ela tirar o cavalinho da chuva que lá as meninas não tinha nenhuma lá que é ((ruído forte)) que poderia

137 tais
138 gabe

[rolar

[rolar nada e tal ↓ (ela “pô, não) mas pô, já tinha tanta fulana é tão assim fulana é tão assado e tal” ↓ falando que as meninas pareciam sabe que ela tinha certeza que ela poderia jurar ↓ eu falava

“olha, que eu saiba não ↓ elas são muito minhas amigas ↓ eu nunca soube de na:da sabe.” então ela (“pô) não tem ninguém ninguém pra conhecer?” “olha aqui, só eu e o marcio que é um amigo um amigo meu, não sei se você conhece ↓ somos os únicos que somos

- sabe assumidamente gays. tem uns caras enrustidos aí mas sabe a gente não pode contar com eles sabe”↓
- 139 tais ((risos))
- 140 gabe aí ela falou “ah então pô tem uma galera da psicologi:a e tal tem uma galera que tá sempre comigo.” ela falou “pô, tem um amigo meu que até te acha bonitinho o mauro augusto que tá sempre comigo não sei se você já viu”↓ e quando ela falou isso eu me lembrei dele. sabia quem ele tipo sabia já quem era o mauro↓ sabia quando ela falou que era amigo que tava sempre com ela já associei logo que eu sempre vi ela com ele. ela falou (“ó) você pode tomar uma cerveja com a gente conhecer a gale:ra e tal não sei que↓ chama seu ami:go vamos tomar uma cerveja ju:nto e tal.” falei “pô manero legal conhecer mais conhecer amigos ga:y:s e tal manero”. e aí ela falou que o menino tinha me achado bonitinho eu também tinha achado já achava ele bonitinho. falei “bom ótimo né (q-) já vou conhecer um cara.” aí por coincidência nessa mesma semana eu () tava no no sujinho lá tomando uma cerveja lá na faculdade e eles tavam comemorando ah que eles tinham tinham estreado uma peça de teatro e tal↓ eles tavam lá comemorando justamente essa (gale) essa galera da lana os amigos gays da lana e eu tava lá tomando uma cerveja com meus amigos também. e a lana passava abraçadinha com o mauro né. “ah e aí gabe? vamos lá tomar uma cerveja com a gente”↓ “ah vou lá vou lá não sei que.” eu crente que ela sabe que ela tava, não crente não, ela tava passando exibindo o mauro pra mim. só que o mauro na verdade nunca tinha falado que me achava [bonitinho↓
- 141 tais [((gargalhadas))
- 142 gabe [nunca tinha falado com a lana falar nada comigo↓
- 143 tais [((gargalhadas))
- 144 gabe [ele não tava sabendo de nada↓ ele tava completamente de gaiato na história↓ a lana tava inventando essa [história↓
- 145 tais [a lana tava de [cupido
- 146 gabe e [passando com o mauro ali na minha frente exibindo o mauro. foi () “vamo lá tomar cerveja.” eu crente que ele tinha comentado alguma coisa, tava botando pilha pra ela vir falar comigo né↓ então eu fui na certa né↓ então falei “bom vou lá na cerveja já sei que o cara tá a fim vou lá.” aí fiquei lá tomando cerveja com eles↓ passamos a noite inteira até o bar fechar tomando cerveja. aí eu chamei eles pra ir na minha ca:sa pra gente continuar a noite lá que o bar fechou. fomos (levei) a galera toda na minha casa↓ não conhecia ninguém (“ah) vamos pra minha casa”↓ que já tava morando so- já tava dividindo apartamento com uns amigos tava curtindo a onda de ter uma casa sem pais né↓ que poderia levar
- 147 tais quem [quisesse

- 148 gabe [quem quisesse. levei a galera toda pra lá que tava lá tomando cerveja e eu lá dando mole pro mauro já descaradamente e o mauro nada. e eu assim “pô esse cara é [devagar”
- 149 tais [((risos))
- 150 gabe [() não tava interessa:do.
aí eu falava “pô”↓ fui na cozinha chamava ele pra ir na cozinha ver se saía do meio do né↓ ver se conseguia ficar sozinho com ele e nada↓
e a lana ficava “vai [vai atrás dele não sei que↓
- 151 tais [((risos))
- 152 gabe [ele quer ficar com você e tal vai lá.”
- 153 tais [((risos))
- 154 gabe ele ficou meio assim até que uma hora ele foi e aí a gente acabou eu acabei mandando uma↓ a gente acabou ficando. depois é que eu fui saber que ele nunca tinha falado nada ↓
- 155 tais [((risos))
- 156 gabe [e eu tava lá muito na certa e na verdade
- 157 tais [((risos)) a lana é que resolveu
- 158 gabe [a lana é [que
- 159 tais () [((risos))
- 160 gabe é
- 161 tais é
- 162 gabe tipo aí a gente começou a se ver na faculdade se:mpre. e aí acabou né
- combinamos de sair ju:ntos e tal. foi saindo. foi ficando. aí depois acabou a coisa foi sabe foi foi fluindo assim↓ a gente... sabe (de--) começou a sair começou a namorar foi ficando... acabou que a gente chegou um ponto que a gente não conseguia mais dormir sem o outro. ele dormia na minha casa todos os [dias.
- 163 tais [é
- 164 gabe aí depois dele estar dormindo na minha casa todos os dia eu falei “bom, já que você dorme aqui todo dia vem morar aqui.”
aí ele foi morar comigo. e a gente oficializou a história↓
aí que eu fui contar pra minha mãe que tava... casando com com ele assim casando né↓ (estávamos) morando juntos e aí assim foi.
e na escola quando o mauro ia lá alguém sacava falava olhava alguma coisa?
- 165 tais (oi?)
- 166 gabe não não na faculdade quando
- 167 tais não porque a gente não na faculdade a gente que aí nessa época eu já tava quase formado↓ só ia na faculdade poucas vezes pra resolver coisas de monografia↓ coisa com orientador e tal.
e eh ((mauro entra e todos se cumprimentam)) e... eh então já freqüentava menos a faculdade assim.
- 168 gabe ((dirigindo-se ao mauro)) peraí, que cabelo é esse?
((resposta ininteligível, com ruídos)) ah porque não tinha visto tá cabeludão. aí a gente... e aí mas aí a gente sei lá acho que é.. até meio estranho porque alguns amigos meus não sabiam↓ tipo muitos amigos não sabiam. então e as pessoas começaram como eu

tava eu morava com a tânia que era uma amiga de faculdade também, que era sabe amiga de todos meus amigos de faculdade, acabou que ela é que começou a falar e contar pra todo mundo entendeu↓ tipo empolgada “ah não tão sabendo? o gabe casou↓ não sei que↓ o gabe tá namorando↓ gabe tá casado não sei que↓ com o mauro não sei que↓ ele é ótimo”. começou a contar pra todo mundo sabe↓ aí meus amigos foram (as-) sabendo através de:la e aí ficou aquela coisa né de que de repente eu fiquei sabendo que todo mundo já sabia. e aí (eu tent-) sabe eu tentava sabe tipo... agir naturalmente↓ sabe tipo... encontrava as pessoas eu tava com o mauro apresentava “esse é o mauro”. não chegava “esse é o mauro meu namorado”. “esse é o mauro.”

171 tais
172 gabe

()
as pessoas () já sabiam. na faculdade teve uma coisa no meio disso tudo que eu num num comentei mas que é importante. assim foi importante em todo ao longo de todo o processo. que eu ainda na época de faculdade eu fui comecei a estagiar na na yy que é uma revista gay

173 tais
174 gabe

hum hum
né↓ então comecei a estagiar numa revista gay e sabe e é tipo assim eu já tava sabe sabe dando uma pinta aí entendeu↑ e depois (eu sou) estagiário de redação de uma revista gay↓ e aí sabe eu contei isso na minha casa ↓(na minha na) minha família (todo mundo) sabia que eu trabalhava numa revista gay↓ também sabe eu levava revista pra ca:sa. (eu ainda) chegava e lá eles faziam tinha a yy uma revista de mais de comportamento cultural↓ não tinha não tinha nada erótico nem pornográfico, mas na na mesma editora era feito produzido a revista zz que é uma revista erótica de de nu masculino sabe↓
de homem pelado mesmo. então tipo na minha primeira semana na na na revista eles me deram a coleção inteira da revista das duas da yy e da zz pra eu levar pra casa pra eu le:r, pra me orienta:r pra revista que eu ia escrever pra homens também. e eu cheguei em casa com uma porrada de revista de homem pelado [sabe↓

175 tais
176 gabe
177 tais
178 gabe

[[((risos))]
[um sonho né
[[((risos))]
[aí () aí é sabe minha mãe
entrava no meu quarto tinha uma porrada de revista↓ eu não tinha nem onde guardar no armário sabe↓ ficava ali empilhado né↓
material de trabalho né↓ e aí... então isso foi uma outra coisa que... sabe que... facilitou entendeu↓ que as pessoas já sabendo desconfiar pra pra sabe↑ (do) desconfiar pra ter certeza começa começa com essa história sabe↓ já já andou muito né↓ todo mundo sabendo que eu tava... trabalhando nisso e foi ficando cada vez mais claro pra todo mundo que... na revista também tipo foi logo depois assim eu fiquei tipo logo que eu comecei a ficar com homem entendeu↓ tipo assim eu tinha ficado com um sei lá dois três caras assim↓ minhas duas minhas três primeiras experiências

- assim↓ (depois) comecei trabalhar na revista entendeu↓ então tipo
 assim gay recém saído do armário começando a trabalhar na revista
 sabe↓ e aí sabe↓
 na revista praticamente foi uma escola sabe de escola de
 [homossexualidade] ↓
- 179 tais [()]
- 180 gabe [sabe tipo aprendi tudo ali sabe naquela redação que só tinha gay ↓
 () a editora da revista era a única que não era gay os outros todos
 que trabalhavam na revista eram gays né↓ o editor chefe não
 era gay mas a editora tipo a-- tinha-- a editora adjunta é que tocava
 a revista mesmo né↓ o o editor chefe ele ficava mais na parte
 burocrática e tinha a editora que fazia a revista mesmo↓ tinha toda
 a equipe da redação que era todo mundo gay (então) sabe. os
 assuntos eram a gente só falava sacanagem né na (re) na redação↓
 o tempo inteiro fazendo revista de homem pelado então você
 [imagina
- 181 tais [((risos))]
- 182 gabe [o que não e:ra
 aquela redação↓ que que não são os textos que a gente escrevia pra
 isso né. então escrevendo sobre isso aí então depois me colocaram
 pra trabalhar na sessão da revista revista↓ na homens↓
 na revista de nu tinha uma seção que é o doutor [cock¹
 [((risos)) doutor
- 183 tais [cock]
- 184 gabe [que era uma que era seção que era respondendo as dúvidas dos
 dos leitores e eu fazia essa... essa... então tipo qualquer dúvida
 tama:nho do pau se é norma:l meu pau ser tão tal tama:nho eh
 dúvidas sobre doenças sexualmente transmissíveis, dúvidas sobre
 sei lá questão de relacionamento, “aí meu namorado me chifrou
 que que eu faço?”
 tudo sabe. as pessoas perguntavam pro doutor cock eu tinha que
 responder. e aí sabe eu começava a pesquisar né eu pegava li:vros
 sabe pra pesquisar sobre doenças sobre tudo sabe pra responder
 então eu
 [fui ali também sabe e aí
- 185 tais [()]
- 186 gabe [eu me senti () sabe eu era o sabe o sabe o especialista em
 relacionamento sabe↓ ali no.. então tinha que responder tudo dar
 conse:lho sabe↓ aquela coisa de sabe aí era () adorava fazer isso.
 achava um barato.
- 187 tais e no meio dessa história toda que que pra você ficou sendo que
 seria
- 188 gabe realmente ser gay? é uma coisa mais de comportamento sexual ou
 uma coisa eh que envolve outras coisas?
 ah não tem como dizer que não envolve outras coisas sabe↓
 eh por mais que as pessoas todo mundo fala que ahn eh sabe é é
 eh... tem uma coisa de identificação com grupo mesmo sabe↓ tem

¹ Cock, em inglês, significa pau, pênis.

algumas coisas alguns sei lá sabe↓ algum (eh)... sabe↓ existe uma cultura sabe↓ tem uma sabe tem uns ícones tem ah sabe tem toda uma coisa que acaba sendo comum sabe↓ eh sabe não tem como dizer que... sabe é só só um comportamento sexual sabe↓ acaba tendo sabe outras... sei lá outras coisas que acabam permeando isso até pela: eh... por essa coisa de identificação com o grupo mesmo sabe↓ de... eh... porque a gente não tem aquela sabe↓ o fato da gente não ter total liberdade de de eh de (a-) agir naturalmente sabe↓ de tipo de (na-) sabe de (na-) andar de mão dada na rua dar um beijo na boca sabe↓ de de demonstrar afeto com seu namorado na rua uma coisa que.. sabe↑ não é nem por () por ter paranóia por acha:r que essa coisa que as pessoas vão dizer não.

é que eu posso tomar uma porrada, posso tomar um tiro sabe↓ pode acontecer um monte de coisa sabe↓ tipo a gente (às vezes) tá no carro sabe no carro a gente vai dar um beijo no carro, tô dirigindo, pára no trânsito faz um carinho não sei que↓ você vê que a pessoa no carro ao lado tá olhando de cara feia ↓ai você não sabe que (ma-) que que que é esse maluco [sabe↓

189 tais
190 gabe

[é. que que o cara vai fazer=
=tipo o mauro também já sabe↓ já teve essa história tipo ter que sair correndo na rua pra não tomar porrada de uma gangue de um monte de homem com com barra de ferro na mão (sabe↓) correndo atrás dele pra dar porrada. então sabe não é nem uma coisa sabe de (sabe) por mais por mais bem resolvido que qualquer um possa ser sabe, eu não tô nem dizendo que eu sou o mais do mundo sabe, eu continuo fazendo [análise

191 tais
192 gabe

(((risos)))
pra me dar bem sabe↓ tipo já sabe vejo (meu pro-) se eu disser que eu já sou bem desencanado com isso sabe tipo as pessoas sabem na minha família, sabem no meu trabalho, não escondo de ninguém, eu e o mauro a gente trabalha no mesmo instituição hoje. a grande maioria das pessoas sabem que a gente é um casal que a gente vive junto e... eh... mas a gente sabe não tem como a gente sabe sabe (é) socialmente não é a sabe↑ não é natural sabe pras pesso- (pra outr-) pra pra qualquer pessoa entendeu↑ tem um... então a gente aca:ba indo sabe eh eh (pra) conviver sabe com sabe num sabe num (mundo) mais aonde isso é aceito sabe↓ (num) não que não seja assim só ah ah não é só o gueto entendeu↓ tem o gueto também sabe↓

193 tais
194 gabe

ahã
sabe↓ e vai um pouco além do gueto sabe↓ até um sabe é como se o gueto tivesse se expandido um pouco já sabe↓ atualmente eu acho porque... eh... antes até foi uma coisa que eu até fui percebendo ao longo do tempo também porque no início quando eu comecei a sair,
eu tinha essa visão de de gueto mesmo sabe↓ tipo assim eu tô indo pra boate gay sabe sabe↓ era aquela coisa de gueto mesmo de sabe

- passou aquela porta é outro mundo sabe↓ isso existe também sabe↓
 e tem existe o gueto mas já tem outros sabe↓ tem outros já sabe↓
 já tem um um... sabe↓ tem um um outro... eh... eh... tem uma esfe:ra um pouco maior do que (simpl- do que) só esse gueto exclusivamente gay porque gueto também tem isso né↑ é exclusivamente gay entendeu↓ tipo
- 195 tais huhum
- 196 gabe é aquela boate gay masculi:na (tipo a le boy que) que mulher não entra↓ pra entrar tem que pagar cinqüenta reais sabe↓ pra entrar mulher lá↓ então eles botam pra ninguém pra não entrar mulher mesmo sabe↓ agora tem outras (es-) sabe↓ tem outros espaços onde você sabe fica à vonta:de sabe↓ onde você sabe que o público que frequênta ali é um público que tem a sabe a cabeça mais aberta pra isso↓ que ace:ita que (não não vê que) que sabe não não sabe que não que não
- 197 tais bunker [(seria o tipo?)
- 198 gabe [bunker. eh... tem outros sabe tem outros lugares que são eh prioritariamente gay sabe são mais freqüentados por gays, mas que também são freqüentados por heterossexuais tipo dama de ferro outros lugares () alguns restaurantes que são conhecidos por ter uma freqüência grande de de gays também↓ eh eh enfim, tipo não é só aquela boate onde as pessoas vão pra ah sabe eh (exclui) ((ruído de telefone tocando)) sabe botar pra fora sua sexualidade entendeu↓ só só pra... viver isso tem outros lugares de sociabilização mesmo que (que não [são tão fechados)
- 199 tais [sabe↓ que não são fechados. não são nem
- 200 gabe exclusivamente gays nem são sabe↓ nem aquele lugar onde você vai dar sabe vai dar um beijo no seu namorado e vão te olhar de cara feia e te mandar embora talvez né.
- 201 tais é
- 202 gabe sabe e... e... e então no círculo de relações também (minhas amizade) sabe tipo eu tinha um um meu círculo de amizade meus amigos de faculdade por exemplo que eu eh... a idéia que eu tinha era de que eles não sabe↓ de que sabe de que eles não sabe↓ não.. eu era o único gay ali sabe↑ então tinha aquela visão tipo sabe não () sabe não poderia sabe contar pros meus amigos porque eles não iriam aceitar sabe↓
 eu tinha essa sabe essa fantasia antes de eu de eu assumir a história. depois que eu assumi sabe eu vi que sabe eu não fechei (não sabe) nenhum nenhuma das nenhum dos círculos de relação que eu tinha quando eu era né... tipo eh... sei lá... pro na na visão dos outros heterossexual↓ (quando) eu... sabe eu passei a ser né visto por eles como como gay sabe↑ não não deixei de de ter as minhas relações que eu tinha com eles sa [be
- 203 tais é não rolou [re [jeição
- 204 gabe [() eu passei uma sabe↓ eu continuei tendo os mesmos amigos, continuei me relacionando com as

mesmas pessoas, continuei freqüentando os mesmos lugares que eu freqüentava quando eu não era gay. continuei sabe minha vida continuou igua:l sabe. na verdade a coisa só se expandiu↓ eu só conheci lugares novos conheci pessoas novas (porque) conheci outras pessoas que também são gays que eu não conhecia.

205 tais [()

206 gabe [sabe eu não conhecia não tinha amigos gays tinha um amigo gay que

também não que também só tinha eu de amigo gay sabe.

207 tais é

208 gabe então de repente eu descobri que tinha muitas outras pessoas que nem como eu sabe↓ que também eh... e... eh... na verdade eu só sabe tipo não... eh... não... eu eu até dou muitas vezes prioridade pra ir num lugar onde eu onde eu sabe↓ onde >eu vou me sentir à vontade<

(quer dizer por exemplo) pra sair com o mauro a gente (ah porra)↓ já pra tal lugar (acho porra) cha:to↓ a gente não pode nem... sabe dar um beijo não pode nem (não pode) ficar junto e tal não sei que↓

o lugar↓ (a gente acabando) “porra não you né” sabe “não you pra”

209 tais é. você quer sair (quer fazer quer ficar à) vontade [de dar um beijinho

210 gabe [é. você quer

sair você quer aproveita:r sabe↓ então gente acaba busca:ndo esses lugares entendeu↓ mas eh.. enfim, eu não eu não eu eu percebo sabe eu sabe eu não vou dizer que sabe não sinto não não não vejo preconceito sabe↓ eu não sinto não sabe não sofro (precon-) sabe um preconce:ito negativo né no caso

211 tais ahã

212 gabe eh (acon-) sabe (veio) acontece bastante (eu sei) que tem algumas pessoas lá no meu trabalho no xx sabe↓ tem um cara que não me cumprimenta sabe↓ que eu sabe dou boa tarde fico no vá:cuo entendeu↓ não sei. pode ser que ele não vá com a minha cara sabe↓ pode ser que ele... sabe mas eu sabe pra mim sabe o único sabe o único motivo que ele tem pra não ir com a minha cara é ele saber que eu sou que eu sou gay↓ e vai olhar pra mim mas assim ó (tem viado) aí sabe. porque eu nunca dei motivo pra ele não vir com a minha cara ↓sempre cumprimentei ↓então (faz cara) que não me conhece que sabe que sabe não teria outro motivo... sabe↓ então sabe↓ aí eu já imagi:no que seja sabe já fico (sentindo “ah porra será?” mas também foda-se sabe↓ não tô nem (aí) sabe↓ o cara não quer me cumprimentar beleza parei de dar boa tarde↓ não tem (necess-) sabe↓ não sinto a menor necessidade de dar boa tarde pra todas as pessoas e todas olharem pra mim e falar assim “ó você”... sabe.. e... sabe↓ eu também não gosto de muita ge:nte sabe↓ eu também preconceito (por) outros preconceito por outras coisas sabe↓ de repente eu tenho um preconceito (por)... sei lá sabe hum... sei lá (com)... mauricinhos e patricinhas por exemplo↓ sei lá↓ outros estereótipos que eu também tenho na minha cabeça e

que eu também tenho meus preconceitos sabe. então sabe tipo do mesmo jeito que eu não não sei lá↓ não dou importância sabe pras pessoas que tem preconceito né↓ sabe por eu ser gay↓ eu também sabe assim como eu acredito que... sabe de uma certa (sei lá) sabe tá fo:ra entendeu↓

não faz parte sabe↓ tipo é como sei lá não não faz parte da minha vida sabe↓ o que faz parte da minha vida sabe são sabe os meus amigos meu trabalho minha sabe mi [nha

213 tais
214 gabe

[e [filhos? () gabe, e filhos?

[porque a minha vida-- a gente

pensa a gente (com-) tem conversado às vezes sobre o assunto de filho sabe. eh... a gente já pensou várias sabe↓ a gente já fantasiou muitas coisas e a gente já tentou fazer planos sobre outros assim. a fantasia assim tipo (já rolou) uma fantasia na época que que a que a pati e lana estavam casadas ficava aquela história tipo “ah eu e a lana vamos ter um filho juntos ou então eu e a pati o mauro com a lana a gente faz uma família” eh em outros moldes e tal. a gente tinha essa tinha essa história da gente na verdade falava meio na brincadeira nunca foi levado a sério↓ mas já era uma idéia sabe↓ já era um um início sabe de uma.. sei lá↓ de uma tentativa de sabe de sonhar com a a história sabe

() começar sabe o começo do sonho com a... sabe↓

poder ter filhos assim. hoje a gente já pensa né na na idéia da adoção a gente pensa como uma possibilidade.. é uma coisa muito... é bem possível assim é bem... eh... é a possibilidade↓ é real sabe a gente adotar↓ e também pensamos na na e também tem sei lá pensamos na na (possibili-) sei lá na idéia de de eh ter um filho do jeito anticonvencional↓ ((ruídos)) fazer um filho né↓ eh... mas eh...

215 tais

() mas adotar você acha que aqui no brasil? eu tenho até um amigo americano que é casado (tem) adotou um menino sabe um processo de adoção de uma segunda cria:nça. você acha que aqui no brasil você consegue? porque eu sei que é assim que mulher separada (às vezes) sozinha (às vezes) não consegue

216 gabe

hum

217 tais

ficam.. quer dizer chega na tua vez e aí se tem um ca [sal

218 gabe

[eh

219 tais

hetero dão prioridade=

220 gabe

=pois é. na verdade eu não sei. eh.. (pô assim) existem alguns casos né↑ tem alguns casos de de eh de casais homossexuais com-- que: conseguiram adoção=

221 tais

=tem?=
=já tem uma história o problema eu já fiz eu me lembro que eu fiz

222 gabe
uma

matéria pra yy na época () [tudo

223 tais

[ah! que bom! eu não sabia que aqui

no brasil tinha

224 gabe

na época que eu trabalhava na yy () teve uma matéria com eh

- () não me lembro se eram se eram um casal só ou eram dois mas acho que se não me engano eram dois casais eh brasileiros que conseguiram (a guar-) (do) adotar eh uma criança. tinha uma entrevista o menino↓
já tinha acho que dez ou onze anos de idade né↓ e foi adotado com sei lá com... talvez... foi adotado criança mas não era bebê né↓
foi adotado com... acho que com seis anos talvez sete e já tava e a criança já tinha onze anos↓ e a criança (tava) participava da entrevista também↓ falava que... que... falando que tinha dois pais e tal↓ que que como ele achava () sabe↓ tipo falou achando natura:l↓ achando sabe falando a experiência dele e os pais falando também da... e a matéria era (tamb-) era justamente sobre as dificuldades sabe sobre o que eles batalharam até conseguir↓ sabe tipo foi uma batalha↓
mas conseguiram tipo já tem um histórico. então acho que sei lá pode ser né↑
- 225 tais (é). seria uma coisa assim uma coisa que você tinha muita vontade? você e o mauro?
- 226 gabe é. eu eu eu tenho muita eu tenho vontade de de ter um filho mas é uma coisa que sabe não consigo pensar pra agora assim↓ acredito que daqui a sei lá talvez daqui a bem uns cinco anos assim↓ ainda é muito cedo↓ porque primeiro a gente pensa tem tanta coisa pra gente pensar antes sabe↓ estabilidade financeira↓ sabe tipo num dá pra você também pensar em ter um filho sabe... já que é uma coisa que não vai acontecer acidentalmente de jeito
- 227 tais [é
- 228 gabe [nenhum sabe. já
- 229 tais (não [tem como)
- 230 gabe [que vai ser planejado, planejar direito porque não né não↓ a gente não teria a menor condição agora de de começar a pensar nisso sabe em termos práticos mas... a gente já sonha e já já cogita a possibilidade de adotar↓ é uma coisa que a gente que a gente pensa.
tem algumas amigas que já vieram falar “ah pô se eu estiver encalhada até os trinta e cinco
- 231 tais ((gargalhadas))
- 232 gabe a gente tem um filho junto não sei que.” tem várias sabe
- 233 tais eu tenho um amigo gay que que falou pra mim “tais você tá separada agora”, ele ((risos)) tem a mesma idade que eu nasceu no mesmo dia mesmo mês e mesmo ano que eu,
- 234 gabe (caramba)
- 235 tais (aí) “você tá separada ago:ra eu você não quer não quer ter um filho comigo não? porque aí você não vai ter trabalho você pode entregar pra mim ()” ((risos)) que a minha já tá criada
- 236 gabe hum
- 237 tais “não é não? você dá pra mim que eu () você não vai me encher o sa:co
- 238 gabe ((gargalhadas))
ham

- 239 tais que você não quer” ((risos))
- 240 gabe pois é. a gente ainda tem o negócio é que a gente ainda tem a idéia de tipo querer sabe tipo que seja do nosso sangue sabe↓ que ainda tem essa história tipo de querer eh... e... mas sei lá↓ ao mesmo tempo sabe tipo... eh... adotar também é uma coisa
- 241 tais (é uma [coisa])
- 242 gabe [uma coisa nova. uma solução. uma coisa eh sabe tipo tem tanta
- criança aí que não tem pai nem mãe sabe↓ a gente vai porque que a gente vai fazer questão de (colo-) sabe de fazer mais uma com toda dificuldade que a gente teria pra fazer isso porque... eh... porque é é é complicado né↑ a gente tem uma sei lá uma sei lá. que seja uma pessoa muito amiga que... sabe↑ que seja realmente aquela pessoa que sabe↑
- a gente consiga a mãe perfeita sabe uma pessoa que a gente seja muito amigo que tenha tudo a ver a gente ter um filho junto já é sabe↑ já é estranho entendeu↓ tipo porque (já que) sabe tipo (e) tudo bem se eu fizer tipo que seja eu com uma amiga minha sabe tipo↓ vai ser o meu filho com essa minha amiga entendeu↓ () não vai ser meu filho com o mauro [sabe↓
- 243 tais [é é [verdade
- 244 gabe [e aí () sabe () vai ter uma mãe e um pai que são (sep-) que são separados que nunca tiveram nada juntos na verdade e só... sabe... fizeram uma vez ali pra pra fazer a criança e não e e sabe e sei lá fico me-- isso cria uma uma família sei lá↓ a coisa de eh sabe↑ aí acaba que essa amiga casa com um cara e esse cara vai acabar sendo mais pai da criança do que eu sabe↓ e é muito estranho↓ é com dificuldade↓ é com questão da guarda conjunta↓ acaba criando mais problema
- 245 tais () não esse meu amigo americano um dos motivos que foi a opção deles como casal de adotar foi exatamente isso
- 246 gabe pois é, ado [tando
- 247 tais [pra eles poderem ser realmente os [pais
- 248 gabe [os pais
- exa [tamente
- 249 tais [() e mais ninguém=
- 250 gabe =pois é. ah que aí tendo mais uma (pess-) né você tá colocado no tipo assim eu vou (ter) eu e o mauro a gente estaria colocando mais uma pessoa na nossa relação entendeu↓ tipo assim a gente=
- 251 tais =() pensar na vida de vo [cês (com certeza)
- 252 gabe [na vida da gente que que ãh eh é
- muito
- complica:do sabe tipo a pessoa que vai ser a mãe de um filho de um de nós dois sabe↓ e que é uma coisa que é pra vida inteira mesmo sabe↓ um [filho
- 253 tais [é. não tem jeito
- 254 gabe (e que..) não sei sabe tipo né↑ é muito complica:do eh pensar nisso eh da questão da guarda mesmo da criança sabe↓ de de (vi-) de (vi-) tipo de () sabe de participar da vida da criança↓ de como seria

- participar da vida de uma criança sei lá↓ seria talvez as mesmas dificuldades de pais separados mas... eh não sei sabe não é o que a gente sabe pensa sei lá não é o=
- 255 tais =o que vocês estão a fim né=
- 256 gabe =() eh num sei acredito eu que ninguém nenhum casal pensa em ter um filho pensando em se separar e e com e [sabe
- 257 tais [(com certeza)=
- 258 gabe =e você já criar isso numa relação↓ (você tá) sabe que não [existe
- 259 tais [é
- 260 gabe a a né↑ a comunhão do pai e da mãe é é né↑ tipo (fica até) meio sem propósito sabe↓ eh criar aí sabe então... eh... acho que a idéia a idéia de adotar acaba tendo mais sendo mais próxima eh... por mais difícil que isso possa ser legalmente e tal, todas as questões mas é uma coisa que pode valer a pena batalhar. mas daqui a uns cinco anos a gente pensa nisso.
- 261 tais e a história de fidelidade? é é uma questão na transa de vocês na relação de vocês?
- 262 gabe olha eh bom é (é uma) eu não sei sabe... se é uma questão. a gente a gente é fiel↓ a gente tem uma relação de fidelidade e eh muitas vezes ao longo desses... quatro anos que a gente está junto quatro anos e meio a gente: já conversou muitas vezes sobre () sobre fidelidade sabe↓ já aconteceram alguns casos de infidelidade↓ na verdade um né tipo que eu saiba ((risos))
- 263 tais ((risos))
- 264 gabe sabe um da minha parte né↓ e uma um da parte dele assim tipo uma escapada de cada um. E que foi sabe tipo foram foi foi super difícil a gente lidar com isso sabe↓ tipo tanto quando eu contei pra ele quanto ele me contou sabe↓ foram dois momentos diffíceis sabe a gente... sabe foi na verdade a eh () a eh né↑ (os os) os dois os dois fatos né foram na verdade reflexo de uma de dificuldades que a gente estava tendo no no relacionamento sabe↓ era... era... eh... e... enfim, a gente já chegou sabe a conversar sabe↓ a eh chegamos a pensar em abrir relação↓ (em) ter uma relação aberta↓ já pensamos em... pensamos em mil possibilidades sabe↓ de sabe de... (em) como lidar com... o... sabe o fato de que:: sabe↑ (ele) não vai ser o único homem que vai ter tesão o resto da minha vida sabe↓ nem eu vou ser o único homem que ele vai ter tesão o resto da vida dele sabe↓ e que sabe isso é uma coisa que a gente tem (que) sabe sabe (a gente--) não tem como a gente se iludir sabe sabe↓ tesão é uma coisa que existe sabe atração existe sabe↓ (e é)... e a gente também não po:de eh (fingi-) também acredita:r que nunca mais vai acontecer nenhuma escapa:da sabe↓ então como a gente sabe o que vai acontecer sabe como a gente eh... sei lá né. então (mas) enfim a gente tentou fazer a coisa de sabe combinar fazer planos sabe↑ então o combinado é isso até a gente estabelecer

limites até onde pode ir até onde não pode↓ o que que é permitido↓
o que que não é permitido. só que sabe você (cria) estabelecer essas
regras é um também ao mesmo tempo uma sabe↑ aí você aí sim
você tá criando uma questão uma paranóia em relação a aquilo
porque aí você fica (ali) tipo então se eu posso até tal ponto, então
eu posso isso então não (pos)=

265 tais
266 gabe
267 tais
268 gabe

=é ()

[então aí você fica

[() fica estranho=

=(aí e é estranho. então a gente faz assim). então não tem regra↓
não tem nada sabe tipo nossa (fidelidade) sabe é em relação ao que
eu sabe ao que eu sinto por você e o que você sente por mim sabe↓
sabe↓ eu tenho plena confiança no mauro assim que eu sei que ele
me ama e eu amo e eu amo ele sabe (assim) incondicionalmente↓
a gente é completamente apaixonado se ama muito↓ a gente tem
companheirismo total↓ a gente tem abertura pra conversar sobre
qualquer assunto↓ sobre qualquer↓ tudo sabe. qualquer coisa a
gente a gente conversa sei lá sabe↓ seja eh eh qualquer questão
emocional qualquer questão sabe↓ qualquer tara qualquer
perversão qualquer coisa a gente a gente tem abertura pra
conversar um com o outro.

a gente (se) conversa muito↓ nossa relação sempre foi muito de
sabe de diálogo por mais que eu tenha tido muita dificuldade eh
muitas vezes em... em falar. (eu sou) do tipo só depois que eu
comecei a fazer análise que eu consegui aprender a falar. mas a
gente sempre eh a gente sempre teve esse diálogo. então a a
confiança tá no sentido de que eu sei que não sabe↑ (de) que (ele)
não não vai fazer mal pra mim sabe e eu não vou sabe e eu não vou
fazer mal pra ele e a gente não quer fazer mal um ao outro (em) em
hipótese alguma sabe.

e que e que a questão da fidelidade e e da confiança é por aí
entendeu↓ tipo assim eu sei que eu (não) vou eh (me) colocar em
risco sabe↓

eu sei que se por aca:so acontecer de de repente ele eh tá numa
festinha curtindo, tá louco não sei que, se interessou por alguém
>(o cara) deu mole não sei que, rolou alguma coisa e sei lá< sabe↑
vai que sabe↑ tipo num sei sabe↓ de repente isso poderia acontecer
sabe↓

eu sei que ele não vai me colocar em ri:sco sabe↓ tipo transar com
um cara sem camisinha me passar alguma doença não sei que.

(ELE vai) sabe eu sei que ele vai me preservar sabe↓ eu sei que ele
vai estar fazendo o possível sabe↓ vai estar o tempo vai estar sabe↓
vai ter uma preocupação comigo sabe independente do que
aconteça=

269 tais
270 gabe

=ahã=

=ele vai sabe vai sabe (tá tendo) ele vai ter cuidado comigo (ele)
vai ter essa preocupação↓ assim como sabe no caso se isso
acontecesse comigo eu também teria sabe↓ eu tenho sabe existe

- um compromisso uma responsabilidade que a gente tem um com o outro sabe↓
e (um) uma (ques) uma coisa com sentimentos sabe↓
um respeito pelo pelo
((ruídos))
- 271 tais
272 gabe
pelo sentimento que a gente tem↓ pela relação que a gente tem↓
pela história que a gente tá construindo junto e pelo que a gente pretende construir
((ruídos)) ((alguém entra e faz algo))
- 273 tais
274 gabe
((gargalhada devido a ação da pessoa que entrou))
pelo que a gente pretende construir daqui pra frente sabe. se a gente... sabe se a gente acredita que a gente vai viver ainda muito tempo juntos sabe, que eu acredito sabe↓ eu eu sabe eu invisto nisso eu invisto na nossa relação sabe↓ eu invisto que ela seja eterna↓ que a gente nunca se separe sabe↓ eu não consigo hoje eu hoje eu não consigo me ver separado do mauro↓ não consigo imaginar minha vida sem ele sabe↓ eu sabe eu quero viver com ele sabe sabe tipo... mas ao mesmo tempo a gente sabe se a gente quer viver isso a gente tem que conseguir eh também eh sabe é que a gente nós somos duas pessoas sabe↓ a gente não é um só. sabe a gente tem a gente tem que ter a nossa individualidade↓ a gente tem que ter a nossa subjetividade↓ a gente tem que ter cada um a sua a sua independência a sua sua individualidade senão a gente... senão vira uma coisa paranóica dependente eh a
[gente
- 275 tais
276 gabe
[sufocante=
=exatamente. a gente não sabe eh... tipo eu quero é sabe eu eu quero estar com o mauro↓ eu quero viver com ele↓ não consigo me ver sem ele↓ não consigo sabe não consigo imaginar minha vida sem ele↓
mas eu não sabe tipo (não) não quero sabe ao mesmo tempo eu sabe eu não sabe eu não quero depender dele pra estar pra estar bem pra estar feliz pra me divertir sabe. então a gente eh eh por mais que algumas vezes aconteça por exemplo eh eh () vai ter uma festa eu quero ir ele não quer ir sabe aquela coisa de casal↓ “ah vamos na festa não sei que” “mas eu não quero” “ah não quero ir sem você e tal.” (às vezes) isso acontece então “não, eu prefiro ficar em casa com você eu quero mais estar com você do que estar
[na festa
- 277 tais
278 gabe
[na festa. então vou ficar com você.” “neguinho, não, você queria ir na festa mas você não vai só porque eu não vou, você tem que aprender a ir sozinho não sei que.” “mas eu sei ir [sozinho↓
[((risos))
- 279 tais
280 gabe
se eu quiser ir sozinho eu vou sozinho. mas isso eu não quero. eu prefiro ficar com você do que na festa sabe.” aí fica aquela sabe existe essas coisas que às vezes sabe tem que sabe tem que tá tem que tá olhando pra isso↓ tem que saber sabe tipo às vezes quando você tá eh deixando de sabe se anulando estar [com outro

- 281 tais [estar com outro]
- 282 gabe né↑ [(e aí)]
- 283 tais [é diferente]
- 284 gabe sabe↑ é uma coisa que a gente está assim o tempo inteiro (assim) tá sempre conversando quando acontece esse tipo de situação↓ tipo eh viajar sozinho sabe↓ eh sair sozinho tipo eh... e a questão e a (coi-) a questão da confiança e da fidelidade acaba passando por aí também (porra). “ah vai pra festa sozinho vai sair sozinho vai viajar sozinho não sei que” sabe↑ a gente tem (total) liberdade (e) fazer o que quiser fazer sozinho↓ sabe (assim tipo) não é grudado sabe↓ não é grudado em mim↓ não sou grudado nele↓ a gente pode sabe tipo qualquer qualquer situação em que eu não sabe tipo “você quer ir eu não quero você vai você quer ir eu não posso você vai” sabe↑ eh e... sabe tipo não dá pra um ficar sabe a gente em momento algum a gente fica tolhindo o outro de fazer ou deixar de fazer ou deixar de fazer alguma coisa porque um não vai ou não pode ou porque eh... e... sabe e... tipo já aconteceu no início da relação daquela de rolar paranóia tipo ah o mauro foi pro bar foi (pra boate) sozinho aí eu fico em casa “ah não quero ir então vai você.” “ai meu deus será que ele conheceu? será que [tem alguém]
- 285 tais [((risos))]
- 286 gabe [dando mole? será que ()? será que ele vai aproveitar que tá indo sozinho? quase nunca vai sozinho. será que (ele) vai aproveitar que tá sozinho agora então ()?” às vezes rola umas paranóias (assim) rolavam (). acho que agora não lembro da última vez que rolou sabe. eu acredito que é uma coisa que a gente já tem bem sei lá acho que a gente tá num momento que a nossa relação tá tão tá tão sólida sabe↓ eu acho que a gente tá tão confiante no no que a gente tá vivendo, um no outro, que não tá tendo mais espaço pra esse tipo de coisinha sabe↓
- 287 tais uhum
- 288 gabe de tipo sabe existe ciúme óbvio sabe↓ tipo como (quando um cara) tô numa boate com o mauro (eu vejo) tem um cara dando mole descaradamente pra ele sabe↓ eu fico “PORRA porra eu tô aqui caralho!”
- 289 tais ((risos))
- 290 gabe sabe tipo “pára de olhar meu namorado sabe.” eh... aí... e ele também sabe↓ já teve situações também tipo o cara ficar... sabe↑ (já teve uma) situação do cara (vir) falar com a lana “pô, (esse teu) amigo aí não sei que” “não eles (dois) são casados” “pô mas não rola não? não sei que, (fala aí) com teu amigo.” o cara sondando pela lana↓ a lana vindo falar comigo e com o mauro ((interrupção na fita))
- 291 tais aconteceu de apertar não apertei direito esse negócio
- 292 gabe mas enfim, rola ciúme sim sabe↓ e eh... eu já fui algumas vezes quando tipo a relação tá mais assim tem sempre (aquele) tipo sempre rola aqueles altos e baixos por mais [que a coisa esteja]

- 293 tais [() [é. casamento sempre
tem momentos mais ()
- 294 gabe [por mais convicção
que a gente tenha
- 295 tais [() mais sem graça
296 gabe que a gente acredita (sempre tem aquela fa:se) tipo “porra essa
sema:na só rolou uma ve:z” sabe↑ “pôrra uma semana sem
transa:r” não sei que. (aí) já (fica) aquela coisa né↑ uma sema:na.
aí já começa a pensar “pô se não tá tendo em casa (vai ter) aonde?
não sei que” e aí a gente vai e já conversa “pô se a gente tá ()” aí já
fica aquela coisa de querer inventar alguma coisa sabe↓ então eh
então vamos chamar mais alguém pra fazer a três↓ então vamos
inventar de um dia sair separados não sei que. mas a gente fantasia
isso mas na verdade (nós--) não consegue fazer entendeu↓ não
consegue porque na verdade não é o que a gente quer entendeu↓ a
gente quer um ao outro sabe↓ só que tem alguns momentos que sei
lá↓ paranóia stress trabalho família, não sei que. tem tantas outras
tem tanta coisa (às vezes) pra sabe↑ pirar a cabeça e você não
conseguir sabe relaxar e (não) conseguir viver ah sabe o lado bom
do relacionamento↓ tantas vezes tantas coisas que (às vezes) sabe
às vezes às vezes rola uns desequilíbrios mesmo sabe↓ tipo rola
uma fase que tipo “caralho” sabe “pô (não tô) consigo consigo nem
ter tesão” sabe↓ chego em casa quero dormir↓ minha cabeça tá
explodindo sabe↓ rola sabe na vida de todo mundo sabe↓ não dá
pra achar que (o) casamento vai ser uma maravilha todo dia↓ que
todo dia (vou) chegar em casa no maior pique que a gente vai sabe
vai ter uma hora e meia de trepada toda noite não dá sabe. a gente
tem que saber que sabe que vão rolar os momentos ruins assim
como também rola às vezes aquela semana também que é tipo
- 297 tais [()
298 gabe [(“caralho”) que a gente não vê ninguém mais na vida↓ só (nós). só
existe o outro. sabe tem aquela sabe aquele dia especial (que a
gente) vai comemorar num motel e sabe champanhe e (tudo) sabe↓
tem sabe
- 299 tais motel é é é motel qualquer motel gabe? ninguém na portaria olha=
300 gabe =já aconteceu de a gente sair de um motel porque a gente chegou
na porta e (a mulher) mandou a gente preencher um cadastro que
perguntava até a cor da cueca quase
- 301 tais ((risos))
302 gabe nome do pai nome da mãe local de trabalho telefone de trabalho
303 tais que isso
304 gabe e cpf não sei que, identida:de. só faltava perguntar título de eleitor
certificado de reservista=
- 305 tais =era pra ir embora né [claro
306 gabe =pra ir embora [né (trouxe) uma ficha desse tamanho
“os dois têm que preencher”
- 307 tais [(não)

- 308 gabe [() “como assim? nunca tive que preencher nada pra entrar em motel, cara. se ele fosse meu meu amante () e minha (mulh-) não pudesse saber eu ia botar o telefone da minha mulher aqui?” sabe=
- 309 tais =é também acho=
- 310 gabe =”não tem nada. não tem que preencher nada. nunca preenchi nada pra entrar em motel” “ah mas são normas da casa”
- 311 tais [()
- 312 gabe [“normas da casa é o cacete.” aí a gente deu ré e foi embora nunca mais voltamos nesse motel. mas foi a única vez assim que rolou essa
- 313 tais qual que é esse? ((duas pessoas passaram, ouviram e perguntaram)) tá todo mundo perguntando ((risos))
- 314 gabe ah é o como é que é o nome? ah aquele da tijuca... eh... pior que a gente voltou lá uma vez depois. eh...
- 315 tais não pediram cadastro?
- 316 gabe não pediram cadastro mais. ah [como é que era o nome?
- 317 tais [devem ter perdido muito cliente ((risos))
- 318 gabe bom é um famoso ((vozes atrás)). não. não. palácio do rei é porra é o nosso... nosso motel oficial o palácio do rei. a gente adora. mas eh como é que é o nome? caraca () um (dos famosos) da tijuca ali logo depois logo ali
- 319 tais porque na tijuca? longe
- 320 gabe mais barato
- 321 tais ahn
- 322 gabe ((risos))
- 323 tais eu não sei porque eu não pago motel há anos. eu fiquei casada muito tempo ((risos))
- 324 gabe ahn. é. a gente vai assim pra (faz) comemorações especiais né. a gente tem aqui [o nosso quarto
- 325 tais [()
- 326 gabe [(às vezes) às vezes a gente curte porque é legal sabe
- 327 tais [()
- 328 gabe [a gente curte clima de motel assim de sei lá
- 329 tais () tem umas coisas de banheira de hidro [massagem
- 330 gabe [banheira de hidromassagem com
- 331 tais [() diferente
- 332 gabe [banho de espuma que eu adoro sempre tem... ah é legal é legal
- 333 tais deixa eu fazer uma última pergunta pra você. e e e internet? na fase assim fase de pegar [homem
- 334 gabe [ah rolou [rolou
- 335 tais [rolou muito como forma de se encontrar?
- 336 gabe rolou algumas vezes. assim... na verdade eu só fui me encontrar mesmo com um cara da internet uma vez pra nunca mais porque foi assim... uma merda porque o cara foi logo depois que eu saí da casa (dos) tipo quando eu morava na casa dos meus pais, eu ainda já usava a internet e assim como-- nunca tinha me encorajado de encontrar ninguém.

só ficava naquela do bate papo conversando e tal. (ah eu) nunca tinha chegado a me encontrar. depois que eu fui morar que eu tive o meu meu quarto meu apartamento “bom vou aproveitar tenho que estrear minha cama nova no meu quarto novo vou encontrar com o cara da internet.” aí marquei encontro saí com o cara o cara até interessante e tal a gente saiu ficou levei ele lá pra ca:sa. beleza. só que o cara era cheio de paranó:ia↓ era a primeira vez que ele tava saindo com homem tinha acabado de terminar um (nam-) noivado com a garota que ele namorou não sei quantos anos, estava saindo com homem pela primeira vez, era super problemático. só que aí o cara depois começou a me ligar como se ele já fosse meu namorado de () não sei quantos anos↓ como se eu já fosse noivo dele. ligava assim “pô você não me ligou falou que ia ligar e não ligou.” tinha saído com o cara [uma vez

- 337 tais [()
 338 gabe (o cara) tava me ligando cobrando como se eu... “ah porque você isso porque você aquilo você não me ligou falou que ia me ligar e não ligou. você quer alguma coisa comigo ou não quer? você quer (não sei que)”. alto lá né↑
- 339 tais ((risos))
 340 gabe “a gente saiu uma vez já tá me cobrando se eu não te liguei?”
 341 tais atração fatal ((risos))
 342 gabe que que é isso
 343 tais ((risos))
 344 gabe () cara é maluco. É. falei “porra não quero isso não. (vai) que o cara é um psicopata vai ficar me perseguindo?” aí eu já dei (o) corte.
 e o engraçado que antes de eu dar o corte no cara foi quando eu conheci o mauro. depois ainda (tive) que encontrar o cara uma vez já ficando com o mauro. <“ó conheci um ca:ra e ta:l não sei que: tô namora:ndo não vai rolar mais a gente sair”>. aí eu (acho que nunca mais) encontrei. e aí e aí assim ainda até o tipo assim até hoje internet ainda rola como diversão assim tipo de entrar no no
- 345 tais [no site
 346 gabe [no site no chat lá sabe gays e afins e ficar batendo papo “e aí? de onde você é não sei que e tal” e até e tipo ficar conversando mesmo falando sacanagem sabe↓ eh eh uma coisa tipo um ambiente de fantasia [entendeu↓
- 347 tais [ahã
 348 gabe um lugar pra fantasiar. às vezes é até tipo eh ah sei lá tipo (um um) um
- espaço pra você encarnar um personagem sabe... e ficar ali de sacanagem mesmo sabe↓ tipo mas aí tipo aí quando a pessoa chega e fala que quer encontrar e não sei que eu “ah não” e desconversa, disfarça, e parte pra outro porque sabe só faz sentido ali né.
 porque sabe a o negócio é legal pela brincadeira você conhecer gente. às vezes até pode acontecer tipo já aconteceu de (conhece-) de nessa brincadeira conhecer uma pessoa legal e trocar e-mail↓ trocamos dois e-mails mas (acaba) perdendo contato. é contar que aí eu falo que eu sou (namor-) que eu tenho que eu tenho

namorado, a gente é (ca-) a gente mora junto já não sei quantos anos (sabe). algumas pessoas ficam curiosas “pô que legal não sei que. é tão difícil as pessoas hoje em dia↓ um casal ga:y estar junto muito te:mpo e ta:l↓ e assumir i:sso”.

eu falei “pois é mas é manero a gente tá curtindo”. as pessoas ficam “pô eu queria conhecer vocês”. aí fica aquela conversa mas acaba nunca conhecendo. e acaba sendo um motivo uma coisa (gênero) tipo tô no trabalho agora, se bem que eu nunca mais outra coisa que eu nunca mais (que) eu fiz também aquela coisa de tô no trabalho, tem nada pra fazer, querendo matar um pouco de tempo ou então tô estressado com trabalho não agüento mais trabalhar, () vou vou entrar no site ficar batendo papo. batendo papo como quem não quer nada. ((tosse))

349 tais
350 gabe

()
agora... a... sei lá. brincadeira. rola de brincadeira mesmo. não não chega (a ser) não é (na verdade) rolou nessa época tipo enquanto eu estava solteiro né, na na guerra, ainda rolou algumas vezes de (só sei que aí eu) nunca não tinha coragem de encontrar as pessoas. ficava sempre com medo ser um malu:co↓ “não sei quem é” () depois de conhecer esse maluco aí... ficou meio estranho.

351 tais
352 gabe
mauro

é ()
achei melhor “ah não.” aí (daí a pouc-) logo depois eu conheci o também né↓ aí logo (né) tipo não fazia mais sentido também ficar marcando encontro (né↑) tipo não tinha mais=

353 tais
354 gabe

=é. não tinha mais porque=
=porque marcar encontro na internet. já estava (cas-) já tava namorando casado↓ aí não rolou mais↓ (assim) só rola de brincadeira mesmo. às vezes a gente entrava junto↓ eu e o mauro a gente ficava

355 tais
356 gabe

()
às vezes ele saía pra ir ao banheiro eu entrava e continuava a conversa que ele estava tendo

357 tais
358 gabe

((risos))
com o mesmo personagem assim, encarnando, ele voltava “e aí? o que que ele falou? não sei que” “ah ele falou isso” sabe. mas (assim a gente) às vezes (fazia isso de brincadeira) às vezes↓ eh uma uma vez (ele abaixou) uma conversa minha na internet↓ ficou bolado. “ah que história que foi essa?” que você foi abrir o computador e por acaso sei lá foi lá buscar um arquivo não sei que caiu na conversa que eu tinha tido na internet com um cara aí ficou todo desconfiado, achando (criou logo) um drama. (em) crise. achava que eu tinha ido encontrar o cara. eu falei “não é nada disso. era brincadeira eu tava brincando.”

359 tais
360 gabe
361 tais
362 gabe
363 tais
364 gabe

((risos))
realmente eu tava ali brincando e tal. “pô tô brincando”
()
“(não) tô marcando encontro nenhum ele não” “tá tá” aí
(mas aí) passou
aí passou a gente assim uma vez a gente se encontrou

- 365 tais ((gargalhada))
 366 gabe aí eu na internet com um nome ele com outro. ele botou um apelido que era o apelido que eu chamava ele. (eu) falei “pôrra
 367 tais ((gargalhada))
 368 gabe esse aqui é o mauro.” eu fui entrar pra falar com ele↓ “como é que você é?” “eu sou assim assim assim.” “uh é ele mesmo”
 369 tais ((gargalhada))
 370 gabe “ah então tá não sei que.” aí fiquei conversando até ver quando ele falasse. “ah safado não sei que”
 371 tais ((risos))
 372 gabe “sou eu e tal.” rolou também uma... (depois) até rolou discussão né↑ “você ia encontrar” “não não ia (não sei que)”
 373 tais ((risos))
 374 gabe mas rolou uns flagras assim. mas eh... sabe ah eh acaba o tipo na verdade é só um lugar pra sabe↑ se (fanta-) sabe↑ extravasar as fantasias entendeu↓ tipo fantasiar... algumas coisas brincadeira
 375 tais é, eu acho que
 376 gabe mas foi uma coisa que que assim facilitou a vida de muita gente. a internet porque não tem
 377 tais desculpe
 378 gabe tipo o cara que não tinha coragem de ir numa boate, o cara que tinha eh
 preconceito com coisa de com gueto com essa coisa de sabe↑ encontrou aí pela internet ali que não tá ninguém tá vendo sua ca:ra↓ (você não) sabe↓ você é muito mais fácil você... fala:r escrevendo no computador (fal-) né↑ trocar com a tela do que falar cara a cara com alguém↓ então fica mais fácil falar um monte de besteira.
 então facilitou muito a vida de muita gente ((risos))
 379 tais [(é)
 380 gabe [pra se encontrar mas eu não cheguei não tive tempo de
 381 tais ((risos)) de usufruir=
 382 gabe =de usufruir muito disso porque quando a internet depois que se tornou uma coisa acessível fácil pra todo mundo logo depois eu já tava casado. e () não não curti muito↓ só pra só de brincadeira mesmo.
 383 tais ah então então é isso.
 384 gabe é isso.
 ((ruídos))

7.2 Lauro

- 1 tais ida:de
 2 lauro quarenta e três
 3 tais escolaridade (isso)
 4 lauro eu tenho eu sou doutorando em educação↓
 5 tais em educação. e você trabalha... com com
 6 lauro trabalho. trabalho na xxx. sou técnico em assuntos educacionais e
 lá tô
 (em) convênio de pesquisa e consultoria pra yyy na área de...
 juventude violência (e) cidadania.
 7 tais e religião tem↓
 8 lauro não, religião não tenho não. religiosidade↑ até mais ou menos
 tenho mas...
 9 tais mas religião não [(tem)
 10 lauro [não. religião não. não acredito (não)
 desacredito (po-) por aí
 ((risos))
 11 tais e irmãos?
 12 lauro tenho tenho uma irmã mais velha e tinha um irmão (q-) mais velho
 que eu também dez anos que morreu (há um) há uns três anos.
 13 tais e pai e mãe ainda vivos=
 14 lauro =não. meu pai morreu, minha mãe ainda está viva... gra:ças a deus
 né↓
 15 tais (graças a deus os meus também tão vivos)
 16 lauro ((risos)) ah é (
 17 tais escuta vou fazer (a) eu falo da pergunta estopim↓ o quê que é ser
 gay
 pra você?
 18 lauro o quê que é ser gay? ser ga:y é ter muita coragem né↓ acho que
 todo mundo vai te dizer isso↓ antes de qualquer coisa tem que ter
 muita coragem cara tem que tem que-- é como diz um amigo meu
 né↓ que não é gay mas que é preto né↓ e é casado com uma negra.
 eh ele mata um a gente mata <dois leões> por dia porque... agora↑
 nem ta:nto assim nem tanto mas no começo né↓ eu tinha lá uns
 dezoito, dezessete anos era <barra pesada>. () com a minha
 família nem tanto mas mais pra sociedade mesmo eh... é barra
 pesa:da. são muitas bata:lhas mas tem suas compensações sabe↑
 tem suas compensações.
 19 tais você falou dezessete dezoito anos. foi a época que você=
 20 lauro =foi. quando eu me quando eu-- é é aquele papo né↓ eu (acho)
 (sempre) achei que eu fosse meio <diferente> assim... dos
 meni:nos >se bem< que tem uma uma certa idade na adolescência
 na infância que você não... eu não me sentia muito diferente
 >porque eu achava também que todos os meninos< não eram nem
 muito pra fêmea nem muito pra macho. >todo mundo era assim
 meio que< menino né↓ uma categoria assim... de meninos. mas
 depois eu fui sacando que tinha alguma diferença <embora eu
 nunca tenha me sentido...> exclusivamente gay sabe↓ (eu) nunca...

- tive essa. eu sempre achei que até por conta da barra ser pesada, no meu caso eu... transei mais a coisa de ser gay... né↑ mais gay mais homossexual assim (hum) uma coisa de atitude sei lá o quê↓ mas na minha cabeça eu nunca me achava muito eu nunca me achei muito gay pra te falar a verdade. sempre gostei de homem mas nunca me achei muito gay↓ sempre tive atração por mulheres também, mas acho que foi até por uma questão de... falta de tempo falta de contato↓ eu eu não consegui já consegui algumas vezes ter relações mas menos do que eu acho que deveria, pra te falar a verdade. esquisito né↑ mas é verdade.
- 21 tais então você mas você começou sua vida assim [quando ()
22 lauro [gay? eh com
dezoito anos. dezoito anos foi quando eu... e::u tive minha primeira relação <me apaixonei> e tive minha primeira meu primeiro caso assim de uns meses né↓ namoro (namoro [assim↓)
23 tais ah o primeiro primeiro primeiro... relaciona[mento
24 lauro [ah eu tinha tive
mas eu tinha também=
25 tais =todo mundo me fala de uma (fa-) de uma primeira fase de=
26 lauro =adolescência?
27 tais é. de quando [()
28 lauro [de juventude?
29 tais ()é. de juventude↓ de uns dezenove anos↓ uma fase (que a gente chama de fa-) fase da galinhagem.
30 lauro é?
31 tais () a maioria [()
32 lauro [não não [eu
33 tais [(você deu) sorte [(logo no princípio)
34 lauro [é. eu nunca fui eu-- sempre
assim sabe↓ assim eu sempre quis ser mais galinha mas eu nunca fui galinha. sempre fui (meio) assim
35 tais (nunca foi seu seu instinto)
36 lauro nunca foi. eu até me forçava antes da gente se conhecer de ter essa auto conhecimento né↓ você fica assim “ah pô perai pô eu não sou feio eu não sou isso não sou aquilo pô, deixa eu aproveitar.” mas... era como se eu tivesse cantando na nota errada. não me saía bem não gostava↓ acho (mas ao) mesmo tempo que eu achava ridículo querer já ficar junto de sabe assim meio casado meio achava ridículo, “não↓ tem que aproveitar porra ↓sou homem antes de tudo sou homem né↓ tem que botar pra quebrar.” mas tu sabe que eu vou te falar eu tive muitas a... tive muitas oportunidades, mas se eu te disser que eu conto nas minhas mãos as vezes a... as transas que eu já tive↓ é é isso. eu não tive não tive uma vida... assim sexual amorosa. tive () gostei me interessava mas sexual nunca tive muita porque também não não era não batia muito comigo, muito embora eu me sentisse como homem na obrigação de galinhar↓ mas é aquilo que eu te disse↓ achava que eu estava cantando na nota errada↓ mal. me sentia mal.
37 tais e você logo que você começou você abriu logo pra pra tua família

- 38 lauro olha só é assim↓ eu tinha quando era menor quinze treze doze anos sei lá o quê, a gente tem aqueles contatos com os coleguinhas rola mesmo quer dizer pelo menos comigo rolou é primos, colegas, assim↓ mas é uma coisa mas pode ser com prima também↓ podia ser com prima essas coisas... (pra) depois eu me apaixonei por muitas meninas também me apaixonei por muitas meninas↓ assim nunca tive () sempre fui tímido também nunca fui galinha essas-- (uma porção de) de coisas malucas mas assim com... dezoito anos foi que eu realmente me apaixonei e aí fiquei logo junto. fiquei junto o que? uns nove meses por aí. aí depois fiquei um tempão sozinho↓ uns dois anos↓ você imagina vinte anos dezoito anos dezenove anos vinte anos uns dois anos sozinho aí tive uma um caso assim↓ (uns) três meses que não era nada pessoa sem graça não achava a menor graça. aí depois também (mal) só uma vez que eu consegui transar com uma pessoa que eu conheci no mesmo dia pra você ter uma idéia↓ só uma vez. é uma coisa que não não bate comigo. e achei horrível sabe↓ (eu não queria) é chato ()
- 39 tais [((risos))
- 40 lauro [“(uma pessoa) muito legal tenho que me dar liberdade” sabe↑ (aquele) papo furado “tenho que me dar liberdade, tenho que transar, tenho que me dar, tenho que conhecer.” qual nada. achei uma porcaria. aí↑ acabei aí quando eu conheci o zélio eu tinha vinte e um anos. (ah pô) já estou com o zélio vinte vinte e três anos↓ eu tinha vinte e um vinte anos vinte anos. foi em oitenta. aí eu fiquei: i idas e vindas relutei pra cara:mba pra ficar junto porque eu achava que eu não podia ficar junto que não era uma coisa muito legal que eu tinha que experimentar mais↓ aí eu me separa:va aí queri:a eh mas não consegui:a achava muito chato↓ aí voltava. o zélio sempre foi muito () ele sempre foi muito determinado com o que queria↓ então a determinação dele-- sempre me esperou sempre insistiu e eu acho que isso acabou me ganhando porque no fundo (eu acho o que) é o que eu sempre queria entendeu↓
- 41 tais hum hum
- 42 lauro estar assim meio que casa:do essas coisas
- 43 tais eh esse eh e filhos ()
- 44 lauro ah muita vontade já tive mui:ta vontade. já tive pra ter... não sei se deixei de ter vontade↓ eu não sei se hoje tenho saco. mas já tive muita vontade (assim) eu tive uma grande amiga uma grande amiga que a gente teve teve mesmo quase quase quase há uns quinze anos atrás... não↓ quinze não. mas uns treze por aí. a gente teve-- eu (me) fui me preparando fazendo exames pra ter filho. mas depois eu achei que a minha amiga ela estava muito apaixonada sabe↓ e (ficou) né era apaixonada por mim a gente eu sabia disso, ela também não escondia↓ era uma pessoa maravilhosa encantadora mas () era amiga.
- 45 tais é

- 46 lauro (né) a gente até teve uma uma coisa mas num... >foi horrível () sei lá não sei< não foi muito legal e aí -- mas não por isso que a gente poderia ter de novo sabe↓ você sabe↓ >dando uma força uma forcinha a gente poderia transar de novo ou fazer uma inseminação< na época nem se falava muito nisso, mas aí a gente acabou acabou eu acabei correndo do pau porque eu achei que ela ia ficar muito dependente não sei o que. eu não sei se eu queria ter um filho com uma outra mulher, se eu queria ter um filho pra mim, se eu queria ver a cara, essas coisas sabe↑ eu não sei eu não me senti muito e aí de uns anos pra cá essa coisa ve:m murchando, mas às vezes eu sinto uma vontade sabe↑ de botar um menino no mundo uma menina (sempre) gosto de mulher pra caramba. sei lá sabe↓ acho que seria uma coisa bacana mas eu não tenho pensado muito nisso não.
- 47 tais e o e o...
- 48 lauro o zélio?
- 49 tais o zélio.
- 50 lauro pô o zélio noutro dia me falou “pô se você tivesse um filho... pô ia ser tão legal eu ia dar a maior força de sabe↑ (de) ia ser tão legal pra mim”. porque agora eu acho que pra ele seria mais até importante do que pra mim↓ acho que ele: é mais pai mais paizão sabe↑ que ele adora criança↓ eu nunca gostei de criança não gosto. não não elas não... tem uma criança ou outra mas elas não tem assim... uma... alguma coisa que me... desperte.(não) vai dizer que eu sou herodes nem que eu sou um bruxo nada disso.
- 51 tais [não
- 52 lauro [mas mas é que não... acho a criança perversa entendo criança demais↓ nunca imbecilizei e acho que por isso que as crianças me respeitam. eu tenho até uma história né porque eu tenho uma irmã tem dois filhos meu irmão também teve dois filhos, mas com esses dois meninos eh com os dois filhos do meu irmão eu não tive muito contato↓ mas com os dois filhos da minha irmã uma tem vinte e dois o outro vai fazer vinte vinte e um↓ agora eu sempre tive muita ligação e sempre fui muito... presente com eles e sempre fui muito duro. eu não sou mole não. assim duro. pegava pesado mas pegava né leve também e um dia desses-- no aniversário né↑ minha irmã depois separou↓ um dia desses aqui num aniversário qualquer a minha sobrinha tava conversando comigo e é uma menina maravilhosa uma jóia. uma um presente. e ela tava (dizendo assim) que “você sabe né tio que o meu pai verdadeiro sempre foi você” aí
- 53 tais ah ((risos de satisfação))
- 54 lauro e depois o menino falando a mesma coisa >(quer dizer pô)< sabe↑ aí parece que tem umas certas compensações na vida sabe↓ mas eu não sei. não sei. °(você perguntou mesmo o que mesmo?)°
- 55 tais eu tinha perguntado se você queria ser pai [()
- 56 lauro [é é
- 57 tais (se era uma coisa que [marcou assim)

- 58 lauro [é é isso é. então ah então acho que meio que eu... sublimei um pouquinho né com os filhos da minha irmã de uma certa maneira↓ são maravilhosos e eles também hoje reconhecem em mim uma figura de de né de educação de presença que... sei lá foi importante. >eu acho que é< (vai indo vai) mas... não sei quem é que sabe não >(é que) o maluco do woody allen não teve filho com cinqüenta?<
- 59 tais ((risos)) [é verdade
- 60 lauro [isso pra gente é mais mole do que pra vocês né↓ de repente sei lá
- 61 tais agora você falou que você você foi veio morar com o zélio quando você tinha uns vinte vinte e um=
- 62 lauro =não [não
- 63 tais [você morava com seus pais?
- 64 lauro =não não. eu não morei com o zélio. foi assim, a gente começou eu tinha vinte e um... e o zé tinha:... dezanove depois ele fez vinte. a diferença da gente é um ano e pouco eu sou mais velho. eh então aí >idas e vindas idas e vindas idas e vindas aquilo< não sabia se queria se eh eh >aquela coisa toda< até que há uns <quinze> (dezesseis)-- eu me considero casado porque na verdade... eu vou te falar (a verd-)-- eu nem me lembro direito como é que é a vida sem o zélio você entendeu?
- 65 tais hum hum
- 66 lauro a gente tá junto há tanto tempo e junto ou não muito junto a gente tá há tanto tempo que pra mim é é... como se fosse uma... (um desses) quase uma geração vinte e três anos↓ parece uma coisa só que não teve interrupção, não teve hiato. então mas morar a gente-- quando ele-- >foi assim< aí eu tinha a minha casa. na minha casa morava com a minha mãe morava com a minha família mas o zélio dormia lá. sabe eu não dava muitas explicações (assim) acho que eu sempre fui muito impositivo. eu também não sei se foi legal isso mas sempre fui muito impositivo. aí o zélio dormia minha mãe briga:va ela sempre brigou muito brigava comigo falava [mas (não)
- 67 tais [ela ela
- 68 lauro percebia que vocês [(transavam)
[ela percebia
mas ela já percebeu o outro anterior... ela percebeu (mas eu às vezes) eu não sei sabe↓ ela sempre gostou muito do zélio. ele... adorava minha família adorava... ele. ele namorava minha prima. pra você ter uma idéia né quando a gente começou ele era namorado da minha prima. e foi ele que começou a dar em cima de mim não fui eu que comecei a dar em cima dele não. e assim né ele namorava-- é aquela coisa de criança né↑ a minha prima era mais no:va o que ela tinha uns dezesseis dezessete anos ele já devia ter... e aí a gente assim não sei que e aí “não não sei que” mas aí depois ele terminou com ela e a gente engatou. aí foi assim aí às vezes ele dormia na minha casa, outras vezes eu entrava escondido na casa dele que ele era meu vizinho né e a gente dormia junto↓ mas assim

a minha família (tá acostu-) acho que ela foi se acostumando também igual a mim a ter aquela figura na minha vida. assim no começo não era muito legal mas eu já não me lembro <quando>. eu já não me lembro eu já não sei precisar pra você (qual) é que foi o tempo que eles... pararam de... tem tanto tempo↓ pararam de implicar com o zélio assim minha irmã no começo era muito ciumenta mas hoje ela ado:ra aquela coisa eh (devia estar aquela) coisa monótona a gente se dá bem↑ é quer dizer com a minha família. eu com a família dele eu não me dou bem↓ não a família dele (se vai) é outra história. é radical. não acei:ta ah engole mas não aceita a coisa não é verbalizada↓ com a minha família eu acho que por eu ser mais impositivo então a coisa sempre foi mais às claras e a minha família é mais tolerante também↓ muito <doida> família meio maluca mais louca mais tolerante mais assim... agora a gente começou a morar junto o que uns quinze anos... quinze anos talvez quando ele comprou um (apartam-)-- aí ele quis sair da casa dele que ele também não se sentia bem aí comprou um apartamento lá em são gonçalo (onde) a gente morava↓ aí eu ficava muito lá. ficava lá quatro dias dois dias na casa da minha mãe. aí meu pai já tinha morrido meu pai morreu em oitenta e cinco↓ oitenta e cinco por aí e aí a gente (fica) ficava na casa da minha mãe ficava lá e ele ficava lá em casa não sei que e aquilo↓ agora morar junto na mesma casa direto a gente mora desde noventa e... acho que noventa e cinco↓ quando essa minha amiga morreu quando essa minha amiga morreu. há uns oito nove anos por aí essa minha amiga que eu quase tive um filho morreu.

69 tais
70 lauro

aí aí vocês aí já vieram pra cá morar=
=é. aí não aí a gente veio aí eu comprei um apartamento no no catete↓ aí fiz uma reforma e a gente veio pra cá, o zélio não queria vir mas eu sempre trabalhei aqui no rio e... queria mudar. aí a gente veio pra cá aí a vida ficou junto ficou boa aí a gente depois mudou de lá ficou um tempo aí veio morar aqui em botafogo aí nós depois viemos (mudamos pra cá) continuamos aqui em botafogo↓ aí compramos essa casa essa casa (já) foi comprada por nós dois. o apartamento do catete foi comprado por mim, o de botafogo aqui na são clemente foi comprado por mim↓ mas essa aqui já foi comprada por nós dois a gente já... as nossas coisas são todas divididas >(é tudo meio misturado mas)< misturada sabe

71 tais

hum hum é isso me lembrou um um negócio (aqui) e essa história do do casamento legaliza:do e tudo↓ eh... como é que você vê assim

72 lauro

[o rumo que está tomando se estão conseguindo ()
[ahn ah () infelizmente ainda não tem né↓ a gente ainda não tem uma legislação, (você) hoje tem algumas (pess-) alguns juizes que reconhecem como dire:ito eh eu eu eu por exemplo eh eu eu gostaria que fosse que aquela que aquele que aquela proposta da marta suplicy que ela fosse (colocada) como união civil né↓ de homossexuais. porque é a coisa mais óbvia do mundo tu constrói a tua vida do lado de uma outra pessoa eu hoje é uma preocupação

que a gente tem por exemplo essa é uma preocupação↓ porque eu tenho quarenta e três o zélio tem quarenta e dois. a gente tá junto. essa casa nossa é uma casa é grande deve tá valendo uma grana boa, a gente tem mais dois apartamentos tem mais umas coisinhas que a gente foi foi foi fazendo pela vida e aí se eu morro (é possível). eh como as coisas estão em nosso nome possivelmente metade não vai pro zélio quer dizer as coisas estão-- esse apartamento tá <em nome do zélio os outros dois estão no meu nome e no do zélio> mas eu ainda não fiz a gente tem que fazer <nada> assim mais efetivo que deixasse ele como meu herdeiro universal e nem ele fez↓ aliás↑ ele atualmente não tá nem podendo fazer porque o pai dele é empresário tem um posto tem dois postos de gasolina↓ e se uma coisa que acontece é o seguinte o zélio também é sócio porque qualquer coisa que possa acontecer de repente né↑ eh as coisas podem vir em cima da gente então de repente eu também posso ser penalizado por um problema com o <pai> com a irmã=

- 73 tais =é
- 74 lauro a família dele é mais complicada=
- 75 tais =mais (complexa)
- 76 lauro eles brigam por exemplo, eu sei que se eu morresse hoje... não não ia ter condição da minha irmã e da minha mãe que são as minhas herdeiras diretas não. não teria nem sentido não fazem parte delas nem isso é um valor pra gente a coisa de querer ficar um com a coisa do outro↓ elas sabem que o zé é meu herdeiro é com ele que eu construí minha vida é isso aí e ele decide depois como ele quiser. mas a família dele (de jeito) eu tenho plena consciência que se é ao contrário a coisa fica complicada. você entendeu?=
 77 tais =é
- 78 lauro comigo eu eu não vou ser o herdeiro universal. o máximo que eu vou ter é metade e assim vai ter muita porrada vai ter vai ter exposição: essas coisas todas. você entendeu?
- 79 tais hum hum
- 80 lauro por isso que eu acho que se a gente pudesse oficializar uma uma uma coisa assim uma uma uma união né↓ uma união civil pô seria muito legal.
- 81 tais até porque (testamento) aqui no brasil pode ser que tenha mudado com esse novo código mas até um tempo atrás
- 82 lauro [tem é
- 83 tais [você podia dispor só de vinte e [cinco por cento
- 84 lauro [é e se contesta se contesta pra [cara:mba
- 85 tais [(é é complicado)
- 86 lauro você entendeu. então a gente eu me sinto e acho que ele também se sente por um lado meio que... meio que... desamparado. >ele não se sente tanto porque ele também acredita muito na minha família a minha família não--< mas eu acho que ele se sente ele já me falou em relação a família dele
- 87 tais ele fica com medo de=

- 88 lauro =fica fica com medo de se (expor)
- 89 tais sempre me lembra essa história do jorginho guinle [que foi uma
- 90 lauro [ah totalmente
- 91 tais que foi uma coisa=
- 92 lauro =um marco né?
- 93 tais pra mim foi um marco porque a a mãe do ca:ra o cara viveu vinte
- anos
- 94 lauro é
- 95 tais com aquele cara e que na hora que ele tá doente no final da vida ele não tinha instrumento legal pra cuidar do do marido dele
- 96 lauro não tinha. aquela dolores louca né dolores
- 97 tais (maluca)
- 98 lauro dolores sei lá o que esqueci o nome da socialaite. ela ficou nessa também↓ (mas nego) gosta muito de dinheiro né↓ são uns valores nessa sociedade dinheiro né () falando capital que você tem que é que eu também adoro dinheiro↓
- 99 tais não mas tudo bem [né ()
- 100 lauro [(com limites)
- 101 tais eu também gosto mas é assim né mas não=
- 102 lauro =o negócio é não fazer da tua [vida
- 103 tais [não quando você
- compromete=
- 104 lauro =ah não [né
- 105 tais [o que você acredita
- 106 lauro a ideologia né é um negócio é como eu falo aí↓ o negócio é não fazer da tua vida u:m tudo por dinheiro do sílvio santos entendeu? porque tudo tem limites. a minha vida não pode ser um programa de auditório de mau gosto então... não dá
- 107 tais e agora e no casamento como é que é essa questão de fidelida:de ciúme como é que é?=
 108 lauro =é é assim eh... eu eu não eu não sei eu... eu já assim eu quando a gente tava junto antes até de estar morando eu já tive-- eu me forcei essa coisa que eu tô te falando↓ sempre tive assim uma coisa “ah pô mas sou homem vamos ver como é que é”. eu queria experimentar ter (a) emoção de experimentar a traição sabe? infantilidade bobagem e eu até me force:i assim né, a ter um um relacionamento assim fora e voltar. mas no começo mas foi não foi uma coisa legal a gente teve separa:do também um tempo não. os períodos que eu tive separado do zélio eu nunca nunca traí traí traí ah (nem lia traição) nem considero mas tive outras experiências junto com o zélio. eu sei que o zélio teve que ele me contou e numa experiência num período que a gente ficou separado (então) ficou muito fudido muito fudido↓ aí ele né↑ era uma menina maravilhosa até eu pegava se fosse ele foi uma pessoa maravilhosa pra mim também e aí ele teve uma transa com ela, aí depois teve um outro cara também nesse período que o cara ficou muito em cima aí depois a gente voltou↓ assim mas é isso. a a a traição a fidelidade eu acho que eu não sei se hoje eu ia abandonar o que a gente tem né↓ nossa vida em comum por conta de um de uma traição↓ mas eu também não sei eu não sei↓ eu acho que a gente é

- meio imprevisível né↓ porque eu sei que talvez no meu caso eu conseguisse ter uma ser infiel dentro dessa bobagem de fidelidade
- 109 tais hã hã
- 110 lauro né (nã-) e talvez () talvez. >também não sei a gente não sabe< compromettesse muito a minha relação. agora eu não sei se-- eu conscientemente racionalmente acho que isso não ia comprometer minha vida com ele não. se ele fosse-- mas eu não sei. eu não sei talvez eu agisse eu não sei porque às vezes eu sou meio imprevisível (explosivo), talvez eu não agisse dessa maneira raciona:l
- 111 tais hã hã
- 112 lauro centrada não sei. não sei ((risos))
- 113 tais e ciúme é uma coisa...
- 114 lauro eu sou ciumento e disfarço muito bem sabe↓ eu sou ciumento mas de atenção sabe
- 115 tais hum hum
- 116 lauro sabe assim disfarço bem. já fui menos ciumento e estou ficando cada vez mais ciumento↓ e tento me (disfarçar) e tento me segurar porque... não acho que é uma coisa legal não é legal pra mim também. acho que não é legal pra ele e... estou ficando mais ciumento mais possessivo. o tempo tá me dando muito senhorio que eu não tô gostando
- 117 tais hum hum
- 118 lauro sabe igual como diz uma música “pegando muito ar daquelas” (sabe) “de minha senhora”. é uma música de de sua senhora. fátima guedes é que fala pegando muito ar de sua senhora. não tô gostando. não tô gostando desse negócio (em mim). ando me segurando mas tô mais possessivo tô fazendo mais cara feia↓ tô isso tô assim mas não acho que tá sendo uma coisa legal. e o zélio por sua vez eu tenho percebido que ele tá mais solto mais leve >ele sempre foi muito mais desesperado< nessa relação sabe↓ (sempre foi muito mais) sempre dava a impressão de que gostava muito mais de mim do que eu gostava dele... e não é que tenha que eu esteja gostando mais ou menos mas é porque eu tô mais possessivo e ele tá menos possessivo muito embora assim a... as demonstrações de carinho de afeto continuam as mesmas↓ aliás ele permanece ele é igual e parece a mesma coisa de quando eu conheci↓ eu mudei muito mas ele parece a mesma coisa de quando eu conheci há vinte e três anos atrás↓ parece mesmo. eu mudei eu realmente a frequência sexual eh diminuiu pra caramba↓ agora outras coisas entram no jo:go outros valo:res. isso no meu caso né me apeguei mais mas ele (cons-) continua com a mesma paixão inclusive física
- 119 tais hum hum
- 120 lauro sabe aquela paixão física aquele
- 121 tais que bom
- 122 lauro aquele desejo é legal mas (viu) hh aí fica uma coisa (às vezes eu até não pô)
- 123 tais dá um descompasso

- 124 lauro dá um certo descompasso porque hoje eu tô muito mais feminino sabe assim dentro do que
- 125 tais [hã hã
- 126 lauro [dessa coisa de papel feminino eu acho o companheirismo mais bacana mais legal (outro) também gosto mas gosto né↓ a gente gosta de ter relação sexual↓ mas não é com a mesma frequência de jeito nenhum e não é na mesma proporção do zélio entendeu?
- 127 tais hã hã
- 128 lauro já foi mais agora não. meus valores são outros. eu consigo ficar ah semanas sem transar e o zélio se puder transa todo dia. você entendeu?
- 129 tais entendi (lógico)
- 130 lauro é um descompasso né mas a gente tenta equacionar isso↓ eu já brigo muito às vezes “porra (ó) isso vai acabar com a nossa relação porque é ruim você se sentir força:do” não sei que. “ah mas se não forçar às vezes não der uma uma prensa você não vai porque você não gosta do”-- e o pior é que eu não acho que eu acho que eu gosto até mais só que... gosto mais ou tô mais... sei lá mais ciente da nossa situação e me sinto até mais feliz com a situação mas ao mesmo tempo: não tenho o mesmo impulso entendeu↓ >nem pra ele nem pra outros<...
>(a mesma coisa)<
- 131 tais hã hã agora você falou em afeto em carinho como é que é vocês freqüentam mais lugares gays? ou [ou ou ou
[não não
- 132 lauro ou é irrelevante como é que é?
- 133 tais é olha a gente já [freqüentou mais
- 134 lauro [porque o carinho me lembrou porque
- 135 tais certo certo
- 136 lauro em certos lugares você vai-- [sei lá na churrascaria porção
- 137 tais [certo... certo. fica difícil né↓
- 138 lauro é. se você fizer um carinho nada nada impede a lei até [protege
- 139 tais [entendi
- 140 lauro entendi
- 141 tais o restaurante inteiro vai ficar virando (pra sua mesa)
- 142 lauro eu tô muito condicionado ô tais. eu a gente já tá muito condicionado muito embora eu tenha muito carinho e tenho muita vontade às vezes de demonstrar e o zélio também. o zélio é mais carinhoso do que eu até eu sou mais... mais contido eh... a gente a gente é um negócio essa (cerceamento) de limites que a sociedade me colocou... dentro né do-- já foram tão-- porque já não sinto realmente eu eh... sabe? eu já internalizei já introjetei. quer dizer eu não me sinto em desvantagem por estar num lugar e não estar estar afetando assim sabe↓ não estar fazendo tendo um gesto de carinho às vezes a gente tem né↓ quando dá bate aquela coisa você olha “pôrra que cara legal como eu gosto desse cara. é legal estar com esse cara.” aí já sabe aperta a mão aquelas coisas, mas a gente não se sente em desvantagem (com o que) nem está se dando a liberdade em lugares heterossexuais que são a maior parte dos lugares que eu vou↓ porque eu já fui muito a lugar gay mas pra te

- falar a verdade eu eu eu me sinto meio que um gay assim meio atípico sabe↓ eu não eu não me identifico muito com a cultura gay eu... >adoro ser gay<
- 143 tais hum hum
- 144 lauro não posso te (men-) adoro. eu acho que se eu não fosse gay eu eu não sei como é que eu ia ser porque isso dá muita liberdade pra gente↓ quando você se coloca você se é como você se sente meio que... emponderado sabe↓ dá uma parece que você pode (qualquer) coisa muita coisa quando você assume sabe↓ mas ao mesmo tempo a cultura gay da forma como ela se apresenta... não me interessa muito↓ já me interessou. (a gen-) chega uma época que frequentava <mas frequentava muito mais> uma coisa mais antropológica pra conhecer pra tentar entender os mecanismos do que por admiração-- então eu ia a boate pra ver basfond boate gay de zona sul >e pra seduzir também que eu sempre gostei muito de seduzir pra te falar a verdade< sempre gostei de jogar sedução né↓ novo não sei que↓ sem finalizar porque a (fin-) a finalização realmente nunca me interessou muito↓ mas seduzir eu sempre gostei muito
- 145 tais a paquera
- 146 lauro paquera. de seduzir não >nem paquerar muito eu sempre gostei< assim (pra te fa-) eu pode parecer pretensão mas é assim eu sempre fui muito bonitinho e sempre chamei atenção, então por conta disso sempre me senti muito na na situação de não precisar fazer nada pra chamar pra coisa e sempre ((risos)) e gostava de me mostrar pra ter [()
- 147 tais [(é
- gostoso)
- 148 lauro alimentado o ego sabe assim
- 149 tais mas é gostoso [(mesmo)
- 150 lauro [de alimentar o ego sabe de assim “ai meu deus que... continua ali não sei que”. hoje menos, bem menos. bem menos. a idade ih também não tem mais vinte nem trinta anos↓ mas hoje menos. e também já é uma coisa que não ((tais tosse)) não me interessa muito não. mas assim o lugar gay a coisa do gueto eu nã:o hoje eu não <°tolero°> () eu até tô ((risos)) tendo que fazer uma mea culpa sabe↓ porque eu estou tentando pensar o que que é que não está funcionando comigo. eh até sei não é mas eu acho às vezes o ambiente meio baba:ca então hoje eu tenho a gente se relaciona o zé também. mas ele ele até tem mais tolerância com lugar gay do que eu. eu entro fico dez minutos acho a música ridícula horrorosa parece que o mercado direcionado pro gay é (im-) é imbecilizante é de músicas bate estaca ((interrupção da fita)) eu não encontro eu não encontro assim em ambiente gay <dificilmente> eu encontro pares entendeu?
- 151 tais hã hã
- 152 lauro então não↓ então a maior parte dos meus amigos são todos hetero são todos heterossexuais tenho muito gay amiga né↓ sapatão viado

sapatão↓ eu falo assim porque hum ã essa palavras (não me dizem) elas são pesadas são mas não pesam muito comigo não eu me sinto à vontade de falar↓ mas mas não sei... hoje o melhor o casal mais amigo da gente não é gay.

153 tais

hum hum

154 lauro

e assim no meu trabalho só eu sou gay. mas a gente tem uma relação com a amanda com a >leila flávia mauro< uma relação tão (que tudo) na verdade parece tudo muito igual. depois que você ultrapassa determinadas conquistas que você tem determinadas conquistas assim como né de modo de vida, o que me interessa são as relações e como é que as pessoas vivem as relações e isso eu encontro mais tenho encontrado mais ((tais tosse)) com o pessoal heterossexual, você entendeu? fica muito mais parecido com o que eu vivo do que por exemplo outras relações↓ eu tenho amigos assim às vezes são casados também mas que não por exemplo um casal de amigos que () muito mariqui:nha sabe↓ uma coisa (um pouco) eu não acho não sei não não bate muito comigo

155 tais

hum hum

156 lauro

eh então esse eu vou. eu vou. assim às vezes eu vou porque a gente vai. esses meus amigos também adoram, meu amigo é super viado o marido da minha amiga né, ele tem uma uma alma ele é animado ali, ele é super viado sem sem ser né↓ e aí a gente vai porque a gente se diverte. e:le gosta às vezes de ficar rindo acha a cultura gay muito engraçada de travesti↓ eu acho mas já achei mais e cada vez acho menos entendeu↓ eu tô meio que cansado. mas ainda vou. mas freqüento mais lugar heterossexual hh

157 tais

agora você acha que de uma maneira geral esses espaços são são importantes assim no [início principalmente quando ()

158 lauro

[ah acho acho importante sim acho importante mas eu não queria que fossem. mas estão menos guetificados sabe↓ eu assim um negócio que eu fico pensando é que... eu vejo uma garotada e vejo hoje muito nas meninas... mais do que nos garotos nas meninas de vinte anos eu vejo uma... coragem maior do que vejo nos homens está acontecendo alguma coisa aí com vocês↓ a mulheres tem realmente saltado dado saltos inclusive numa coisa que há vinte anos atrás era era um (ter-) era parecia um território muito mais masculino. a afrenta ao à à coisa estabelecida era parecia muito mais presente entre os gays homens né

159 tais

hum hum

160 lauro

os homossexuais hoje eu sinto que... as meninas estão tomando mais essa essa... frente. hoje eu vejo meninas se beijando no metrô, no bar. com muito mais freqüência do que eu vejo meninos eu até vejo mas hoje eu vejo as mulheres né↓ e assim os lugares gays eu também tenho percebido que eles estão mais malhados né >como a gente fala< estão mais misturados. mas ainda ((telefone toca)) tem uma coisa de gueto ainda tem uma coisa de gueto sabe assim tem. mas muito menos do que na minha época de juventude >deixa eu só atender rapidinho (vai)< ((interrupção da fita))

- 161 tais eu queria te perguntar também também era nessa coisa que a gente tava falando do afeto não sei que e preconceito. já você já se viu em alguma situação [assim
- 162 lauro [eu já já já vi sim e me vejo ainda sou professor eh mas a gente eu acostumo. olha só, é aquilo que eu te falei né↓ eu sempre fui uma característica né↓ eu sempre fui muito impositivo sempre assim sabe↓ e tive que ser assim por questão até de sobrevivência >porque senão não sei como é que eu ia ser< é eu não sei uma bichinha fraquinha ou sei lá o que. não sei. mas a gente tem que se impor pra caramba e eu sinto entre os os os caras né, os heterossexuais homens, sinto uma (sei que) muitas vezes eles quase se colocam como a mercê dos gays >sabe assim tipo< a a situação às vezes se inverte né↓ quando homem é assim né↓ homem que não é gay eh quando tá com outro (grr) desdenha, quando tá sozinho parece que fica se sentindo ameaçado fica quase como se fosse uma moça que vai ser atacada por um lobão. um lobo né?
- 163 tais hum hum
- 164 lauro mas mas eu sinto sim já senti sinto muito cada vez me importo menos com isso, já me importei claro assim... já tive já já tive que em alguns momentos o fato de ser viado chegou na frente
- 165 tais hum hum
- 166 lauro isso me deixou chateado né↓ porque eu nunca me senti assim né↓ assim super viado eu sempre achei que né↓ é é isso que eu tô te falando eu nunca me senti assim um o gay um gay () como eu sinto que eu sinto como algumas pessoas se sentem. assim é... sempre me impus sempre foi a minha maneira política de viver mas assim nunca me senti... hum nem com tesão de levantar determinadas bandeiras porque eu acho que é uma coisa tão absurda intolerância coisa você sabe↑ eu não sei eu eu sou guerreiro de uma outra frente
- 167 tais hum hum
- 168 lauro tem gente que é guerreira mesmo de chegar bater fazer, eu sou uma pessoa me imponho já meti... o bati forte assim “pôrra sou viado sim e daí? qual é o problema? não tô afim de ninguém aqui não”.
- 169 tais [(claro)
- 170 lauro [já fiz isso em ambiente de trabalho↓ já fiz isso e já provei isso em outras sem falar assim mas já já dei essa prova↓ só que é assim é igual a cara de pt né↓ até por ser viado pra ter que ser respeitado você tem que praticamente ser santo.
- 171 tais hã hã
- 172 lauro você entendeu? porque é sabe igual como diz o pessoal do pt “pôrra, petista não pode deslizar uma vez não pode ter uma mulher que corneie, não pode um dia ((risos)) sei lá fazer uma negociata (aprontar) com não sei quem porque fudeu, nego joga pra joga pra baixo”. quer dizer às vezes você tem um cara corrupto que faz faz uma coisa absurda “ah é tá tudo bem ele é assim, não presta mesmo.” agora aquele não pode mijar fora do penico porque senão cai tudo. com a minha situação praticamente eu senti que é mais ou menos assim. eu sempre tive muita necessidade de me impor e de

- me dar ao respeito. não sei se tava errado se tava certo mas foi a maneira foi a estratégia que eu arranjei de me fazer respeitar na vida entendeu↓
- 173 tais agora já aconteceu assim na rua de alguém=
- 174 lauro =já:: [()]
- 175 tais [eh ser agressiva até
- 176 lauro já. não porque também quando eu era mais jovem eu >(eu tô falando com você mas)< eu era mais danadinho eu botava gostava de botar roupas botava (o que assim) calças (verm-)-- há vinte anos vinte e cinco anos usar calça vermelha-- botava roupas que os homens que não eram gays né, que os heterossexuais não usavam muito né assim↓ gostava de ter uma... acho que eu também gostava de chamar atenção e de ser polêmico mas ao mesmo tempo eu também não me sentia muito forte mas eu fazia aquela coisa que você vai fazer (uma opção) sei lá. hoje eu nunca parei pra pensar sobre isso (e se tinha não me dava--) como é que chama mesmo no mundo gay? dar coiô me vaiava “é é é viado” falavam assim e muitas vezes já me senti muito encabulado com isso, muito encabulado↓ até porque nunca é como eu te falei apesar de ser às vezes até ter uma postura meio agressiva né↓ na roupa no jeito não sei que né↑ dando pinta sei lá o que. eu achava que (ainda) acho que na minha cabeça é uma coisa tão secundária
- 177 tais hã hã
- 178 lauro sei lá. eu não achava uma coisa eu ainda me chocava com o que eu despertava muito embora eu tivesse consciência de que eu ficava... fazendo pra chocar mesmo. mas eu ainda me chocava com a imbecilidade das pessoas de aceitar uma provocação tão boba. uma calça uma meia uma meia de outra cor uma camisa estampada isso achava uma <imbecilidade>. eu acho que isso é que me tocava no no gênero humano sabe↓ era meio que decepcionado e um pouco envergonhado mas eu também não conseguia deixar de ser assim
- 179 tais hã hã e positiva? porque também tem a o que a gente chama de discriminação positiva
- 180 lauro hum hum
- 181 tais que sempre tem “ah todo gay é super inteligente”
- 182 lauro é [sei. “é muito amigo” ()]
- 183 tais [() “todo gay é sempre lindo”
- 184 lauro [é ((risos))
- 185 tais [“todo gay é sempre bem transada a roupa”=
- 186 lauro =é
- 187 tais né tem tem essa discriminação [positiva que eles chamam de positiva
- 188 lauro [tem tem mas ()]
- 189 tais você sente isso também ou não
- 190 lauro sei lá. te:m. mas eu até eu até (sin-) não sei sinto mas não sinto como uma coisa a negativa é muito mais forte, a positiva existe existe mas (pra te falar) não me interessa muito↓ você entendeu? assim <(também eu não acho que é) porque o nego é gay> que ele é isso ou aquilo acho que o macho em si a gente né↑ a categoria de macho a gente é muito podado podado pra caramba. deve ter muito

cara legal (eu falo) eu falo pras meninas né↑ tem muito cara legal e deve ter muito mais ainda do que os caras se deixam ser... e eu acho que assim que o gay tem essa coisa >ah não sei que< porque o gay é aquilo que eu te falei eh... né↑ assim não digo todos mas alguns... levam porrada tão na batalha acaba tendo uma liberdade de ser mais, de romper com mais de romper com mais papéis do que de repente o pobre do macho heterossexual daquele que está sendo assim↓ aí daí é que talvez venha né↑ “ah o gay né↑ o cara é viado né↓ um cara da vanguarda olha como é que olha olha a história aí. as pessoas que fizeram a história tudo viado.” é eu acho que é (por) aí eu fico pensando não sei se é por questão de ser viado. (nã-) é claro que é por conta da questão de ser viado mas certamente não é por conta da sexualidade.

- 191 tais hã hã
- 192 lauro é por conta da eu acredito que é por conta de que você pra ser viado você tem que romper, tem que se mexer e tem que romper com determinadas coisas, tem que pensar de uma maneira muito mais profunda do que você: teria que pensar se você tivesse uma sexualidade eh...
- 193 tais socialmente aceita
- 194 lauro é. careta. (não sei) assim você entendeu? mas não vejo essa diferença↓ não eu não vejo↓ agora eu às vezes eu tenho pena dos homens dos heterossexuais tenho pena. eu olho e vejo assim “(pô) coitadinhos”. coitados que ainda tem muito chão pra andar. mas sinto que essa garotada tem melhorado pra caramba
- 195 tais é. a geração jovem é bem [diferente
- 196 lauro [sinto sinto sim. não tenho essa coisa de saudosismo. lidar fazer pesquisa com jovem me fez sabe↓ ver que saudosismo que é ah que eram bobagem né pura bobagem que é pura nostalgia de-- (não) eu acho que tá melhorando sim vai melhorar mais acho que as pessoas são mais tolerantes sim, muito embora o mundo também tenha aspectos que são piores em determinadas coisas tem (muitas) que estão muito melhores inclusive na questão da ()
- 197 tais você tá dando aula pra que faixa etária? [()
- 198 lauro [eu dou aula para jovem pro pessoal que tá entrando em universidade. dou aula de
- 199 tais [ah
- então deve ser
- 200 lauro [sociologia e de [políticas públicas
- 201 tais [dezenove vinte anos
- 202 lauro dezenove vinte anos. eu levo pancada pra caramba de aluno aquela coisa natural↓ né↑ que você leva de aluno que fica muito-- como eu dou turma de pedagogia muita mulher muita noventa [e tantos por cento
- 203 tais [é
- pedagogia é que nem letras [é que nem a minha área
- 204 lauro [noventa e tantos por cento. mulher adoro mulher me dou sempre me dei muito melhor (com) mulher↓

- teve uma certa fase da vida que eu comecei “pô será que eu sou mulher?” (com) né↓ cabeça de mulher.
- 205 tais hã hã
- 206 lauro não. mas eh eh eh depois que eu comecei a sacar que é não é questão de identificação, opressão que... as mulheres vivem mais da mesma forma que eu... sempre vivem mais né? opressão por ser por ser viado e isso sempre me deu uma identificação muito maior então eu sempre preferi ficar com as mulheres do que ficar com os homens. >(sempre penso) que o mundo masculino é muito sem graça< sem graça entendeu?
- 207 tais futebol e cerveja ((risos))
- 208 lauro mui:to sem graça () achava as mulheres-- também tem tem cada tipinho que não presta (de nada), mas no geral eu sempre tive muita mais interloção opção por mulher por conta disso↓ e é assim eu acho que essa coisa da discriminação da questão de ser minoria cria muita cumplicidade... entendeu? (assim)
- 209 tais hum hum. nessa questão eh assim de de você falou de identificação eh você como uma identidade né↑ claro que eu sei que “ah é uma categoria artificial não sei que ()”
- 210 lauro sei sei ()
- 211 tais mas tem um ladinho da gente que é-- eu por exemplo, se alguém perguntar se é identidade de gênero eu vou dizer mulher
- 212 lauro hã hã
- 213 tais né? e eh você como identificação de gênero você diria eh gay?
- 214 lauro não. num sei↓ cara sabe que eu nunca eu já pensei
- 215 tais que eu distingo assim orientação sexual=
- 216 lauro =certo sei
- 217 tais de de sexo biológico=
- 218 lauro =sei.
- 219 tais de gênero.
- 220 lauro sei. cara eu eu faço eu tô dentro quer dizer eu eu tô inserido numa cultura gay sou gay↓ mas eu me sinto homem também assim homem dentro (dentro dos homens)↓ eu me sinto mulher sei lá. às vezes eu me sinto mulher porque eu me sinto muito:: próximo das mulheres, mas também acho que eu essa minha relação com as mulheres só é tão próxima porque eu como homem eu consegui ultrapassar algumas coisas que alguns homens, até por conta não serem colocados à prova não tiveram que ultrapassa:r↑ mas assim eh eu sou gay eu sei que eu sou gay. mas eu () eu não me sinto muito assim↓ isso que eu te falei
- 221 tais hã hã
- 222 lauro eu num eu num eu num consigo me definir ((risos)) sabe↓
- 223 tais hã hã como uma identidade [()
- 224 lauro [eu não <consigo>. eu não consigo eu às vezes eu falo com uns amigos meus >quando eu fico puto< pôrra quando eu tô muito puto que eu vou a lugar fico muito puto que eu não gosto do que vejo sabe↓ °(é foda)° eu °detesto viado°, mas não é questão de detestar viado↓ eu detesto aquele modus vivendi e aquela coisa que como muito muito viado assume aquela

- coisa meio cachorra| cachorro sabe↓ meio... sei lá de macho mas escroto. >um negócio que eu não gosto< tem muito ah aliás quanto mais é o que me parece que quanto mais assim afetado () mais macho o cara é. que o cara mais dentro desse coisa de macho cara fica porque galinha, tudo aquilo que o homem tem de podre
- 225 tais hã hã
- 226 lauro o o gay como um mulherzinha repete. eu acho um horror↓ igual sapatão essas coisas↓ agora eu mesmo eu não sei te dizer pra te falar a verdade eu me sinto gay tudo bem também realmente. não é mas eu nã:o me sinto ga:y assim (sint-) no fundo eu não me sinto ga:y
- 227 tais hã hã
- 228 lauro (como) também não me sinto ho:mem, também não me sinto mulhe:r, às vezes eu me sinto mais mulher às vezes eu me sinto muito homem. às vezes eu me sinto muito gay também↓ sei lá tô ai eu tô entre os três ((risos))
- 229 tais e a internet? você acha que que eh como instrumento assim de de-- não você que você tá (com) [estável mas ()
- 230 lauro [hã hã sei de de (conh--)-- [acho legal pra qualquer pessoa
- 231 tais [() legal pra conhecer
- 232 lauro acho que é legal pra qualquer pessoa mas aquele papo né↓ que me parece que tive lendo uma vez que por conta da internet a aids tinha voltado a subir entre os homens↑ porque tem ocasionado muitas e:h encontros muito fortuitos não sei que e tem e tem trazido de volta uma cultura assim de sexo muito casual sei lá o que, de negócio que você descreve <não sei que>... eu acho que é eu a eu eu acho que é agora por um lado o restante das pessoas... não gays também↓ que se dão tão bem (sabe)↓ mulheres que (conhecem) caras legais
- 233 tais hã hã
- 234 lauro e que... tá tudo tão difícil né↓ as (com-) a comunicação tá difícil e às vezes pôrra isso é um meio de comunicação tão legal também né↓ você tá escrevendo você tá falando de si sabe↓ eu acho uma coisa legal eu acho acho legal acho legal nunca pensei <muito nisso>. mas acho que é uma forma de comunicação pôrra se a gente consegue de alguma maneira quebrar romper com essa barreira de incomunicabilidade que colocam entre a gente entre as pessoas pô então é legal. sabe↓
- 235 tais hã hã. eu acho que eh acho também que a internet-- eu mesma nunca entrei em nenhum (chat)
- 236 lauro [nem eu
- 237 tais [mas eu acho que eu sabe↑ o que que acontece a primeira vez que eu sentei num computador eu fui trabalhar
- 238 lauro hã hã
- 239 tais e eu eu olho pro computador pra mim >o computador é trabalho<
- 240 lauro hã hã
- 241 tais (pô) >cara eu acabo de trabalhar (no computador) eu desligo aquilo<,

- [não quero ((gargalhada))
- 242 lauro [entendi entendi. você fica mesmo é com um objetivo né↓
- 243 tais eu entro na internet eu vejo meu e-mail eu entro em algum site, se eu preciso de alguma informação que eu não
- 244 lauro [han han
- 245 tais [que eu não tenho outra maneira de obter, >aí entro no site faço isso faço aquilo vupt desligo< [((gargalhada))
- 246 lauro [acabou acabou o papo. eu era assim. hoje estou <viciado>
- 247 tais é mesmo?=
 248 lauro =eu era assim. eu achava que era assim↓ não tinha essa relação. hoje eu tenho com a internet uma relação não é dependência mas eu gosto adoro adoro ficar na frente do computador. ganhei barriga com isso inclusive adoro ficar na frente de um computador↓ gosto de ficar ali gosto de (escrever) não gosto eh tô de saco cheio de escrever né↓ >(com o negócio de tese)< mas eu gosto de escrever no computador eu gosto de de entrar nos sites eu gosto daquela daquele aparelho↓ tanto é que eu comprei um notebook ((risos)) pra poder levar pros outros lugares, até pra casa da minha mãe levar também poder me comunicar me comunicar não me me conectar. agora chat eu nunca fui nunca entrei num chat .
- 249 tais hum hum
- 250 lauro e acho assim uma coisa (est-) eu já vi né↓ às vezes rindo com os amigos assim o negócio de chat pornô pornográfico↓ acho aquilo de um mau gosto eh tão grosseiro↓ a grosseria daquilo me bota tão... me agride tanto sabe que esses acho um horror. no entanto reconheço que tem gente que precisa↓ pra mim é uma coisa grosseira mas tem pessoas que precisam né↑ quer dizer cada um sabe onde lhe aperta o calo↓ mas mas assim adoro a internet a internet tem sido uma fonte pra mim de conhecimento de sabe↑ eu aí eu >tive passei por um problema de saúde< aí >tá com a (cor) não sei que uma alteração< () no glu no grubo () no google. o negócio era pum pum tinha duas páginas três páginas tudo sobre aquilo então essa minha sede de conhecer as coisas de saber fica tão fácil↓
- 251 tais hã hã
- 252 lauro eu acho maravilhoso↓ e essa coisa de se conhecer também enquanto você puder. é pra romper barreira? dez. dez entendeu↑ é isso.
- 253 tais deixa eu ver aqui minha cola
- 254 lauro vai. ((tais risos)) é eu já devo ter falado todos os teus temas né↓ que eu falo pra caramba eu falo mui:to
- 255 tais agora ah uma outra coisa não tá no meu tema não. meus temas foram basicamente cobertos mas é que me chamou atenção. você falou que você teve uma uma menina que você namorou
- 256 lauro tive. uma não tive [outras
- 257 tais [você teve... foi mais ou menos eh a mesma proporção eh que [namorou

- 258 lauro [do que por homens?
- 259 tais é
- 260 lauro não. não. sempre sempre namorei mais homens. mas assim vou te falar uma coisa segredo pra você↓ grande segredo. ((tais risos)) assim... hum eu acho que eu me relacionei menos com mulher do que eu devia como eu já falei pra você eu deveria ter me relacionado mais. eu acho que essa coisa às vezes ter que enfrentar assumir uma situação...
>eu acho que o zélio também< isso é uma coisa que nós dois temos parecidos. muito embora eu assim eh () zélio é hum mais másculo do que eu ele faz mais a linha mais másculo. muito embora assim em muito dos costumes eu seja mais ah impositivo que (fa-)-- não cuido de casa. não suporto nada de casa. não gosto de (coisnha) e o zélio apesar de ser bem mais másculo do que eu (ué) dentro dessa figura masculina ele é bem ele tem mais essas (con-)-- você vê como é que essas esses papéis são
- 261 tais hã hã
- 262 lauro você vê como é que o gay como é que eh desperta↓ como é que o gay ele ultrapassa certas coisas e ainda se dá certas liberdades. o zélio apesar de ser assim ele é um cara bem mais entre aspas feminino um comportamento muito mais feminino do que eu
- 263 tais hã hã
- 264 lauro que sempre sempre fui mais↓ se eu deixasse fluir a minha coisa assim eu seria bem mais masculino. e isso eu acho até que por conta de:: viver um pouco:: eh assim eu eu tive poucas oportunidades de me relacionar. menos do que eu queria. eu queria ter conhecido mais mulheres sempre adorei mulher
- 265 tais hã hã
- 266 lauro não foi uma coisa acho bonito e ah hoje menos. menos. mas tinha atração achava bonito aquele corpo bonito sabe↓ conheço gays que não acham
- 267 tais é, eu conheci alguns que não têm [mesmo
- 268 lauro [eu acho [li:ndo
- 269 tais [têm zero de
- tesão
- 270 lauro [eu acho lindo
- 271 tais [gosta de
- mulher pra bater papo
- 272 lauro [eu acho lindo.
me dá vontade de de algumas me dá vontade de beijar sabe↓ de abraçar de tocar↓ mas eu também acho que eu sempre fui muito mais assediado por homem fui muito assediado por mulheres, mas sempre fui muito assediado por homens↓ então quase que parece que-- eu tenho uma amiga que (ela ta-) a gente tava conversando e ela tava falando sobre isso. ela é tão assediada por mulheres que ela... ela tá experimentando menos homens do que ela acha que deveria aí eu virei pra ela falei “cuidado com isso” né↑ já que ela tá não quer casar não sei que↓ “cuidado com isso cuidado porque” você entendeu? aí às vezes né pô aquele papo né↓ você acaba não escrevendo (mui-) tanto a tua história como você gostaria. eu já

- (dev-) eu deveria eu acho que eu poderia ter tido me casado. já olhei pra muita mulher me me como tal qual uma mulher me imaginei casado com aquela mulher com filhos sabe↑
- 273 tais hã hã
- 274 lauro agora não. eu já já olhei pra muita menina sim. mas eu tive poucas mulheres na vida. pouquíssimas. homens pouquíssimos também↓ te falei não conto nos dez dedos↓ mas... senti que deveria ter ido mais fundo algumas vezes é um problema que eu devo carregar (fazer o que né)↓ ((tais risos)) é ué eu vou fazer o quê? tem coisas que a gente não resolve. eh (pra) tu ver eu tenho pavor de avião. não gosto de avião. tento tentei de todas as maneiras resolver racionalmente. eu entendo tudo só tem um lado emocional que não suporta aquele meio↓ eu entro me sinto mal. sabe assim eu entro só penso “vou cair. isso aqui vai vai me cair vai me levar (cair)”
- 275 tais eu sou louca por avião pra mim o único defeito do avião é o
- 276 lauro você é louca? ((risos))
- 277 tais é o espaço das pernas
- 278 lauro sei
- 279 tais que eu que sou pequena sou baixa né↓ tenho um metro e cinquenta [e nove
- 280 lauro [é mesmo?
- 281 tais acho que não dá pra esticar direito porque eu sempre tenho que ir na classe econômica ((risos))
- 282 lauro é né é foda.
- 283 tais só viajei na executiva uma vez. >ganhei um upgrade não sei nem mais porque<. na executiva não. tem aquele espaço bacana mas econômica é pior do que ônibus rio petrópolis
- 284 lauro hã hã
- 285 tais em termos de espaço de pernas
- 286 lauro hã hã
- 287 tais tipo ah ih eu não esquento minha cabeça.
- 288 lauro pôrra eu tenho pavor. já fui comissário.
- 289 tais você foi comissário?
- 290 lauro fui. pra tentar vencer esse medo e pra-- porque também tem uma coisa eu sou tímido. eu fiz uma vez uma prova e fui reprovado () “o quê? fui reprovado?” (sempre fui muito) metido né↓ eh tudo eh era metido pra caramba↓ disse “não, vou passar.” aí fiz de novo passei. só que eu () odiava aquilo↓ (já) tinha alguma coisa desencadeou em mim um pavor e o meio me me bota muito mal↓ muito embora eu entenda que (é) seguro, eu conheço as estatísticas, eu sei que se balançar ah e até hoje já estudei até as instruções que ainda tenho, vai balançar vai fazer isso mas dificilmente vai cair é muito azar >não sei que assim< mas num passa por aí sabe?
- 291 tais hã hã
- 292 lauro quer dizer (são)-- aí o que que me acontece vou deixar de viajar? não. tenho que conviver com isso é que nem isso pra minha minha eu sei que tem uma relação com mulheres que podia ter sido mais intensa↓ no entanto hoje meu tipo de vida com a vida que eu tenho↓ (pô) eu sou bem casado eu acho que eu sou um cara bem

casado sabe↓ assim acho que eu tenho uma posição privilegiada em relação a a muita gente então o cara é bacana legal, eu sou bacana legal gente se... (entende)↓ sei lá tem horas assim que eu fico pensando “meu deus”. eu tava falando com a minha sobrinha isso “minha filha não é sexo. é alma.” é uma compreensão tã:o maior do que (eh) assim é uma cumplicidade que se estabelece tão maior tão mais profunda do que a física que >até física nem tanta né, assim né tem um certo descompasso< mas tem uma cumplicidade espiritual que não é espírito (você me entendeu↓) você entende↑

293 tais

[entendo o que você tá falando

294 lauro

[no sentido do espírito da da da coisa de você conhecer o outro o outro te conhecer, você mentiu o outro saber que você tá mentindo↓ esse jogo pra mim é uma coisa tão excitante↓ tão fascinante sabe↑ da convivência... e do e do amor também (isso tudo) é mesclado com amor é um negócio que (tu me) é um negócio que é muito grande. você entende↑ é uma coisa muito grande é um negócio que não dá pra abrir mão.

295 tais

hã hã

296 lauro

então por mais que eu tenha os meus problemas eu não consigo--pelo menos até hoje é igual a (aquilo)↓ até hoje eu sei. eu não conseguiria abrir mão hoje conscientemente não conseguiria (abrir) abrir mão disso por mais que isso seja represente algum problema não sei que que “ah e se:?” sabe↑ “e se?” e a vida não é laboratório entendeu ou é isso ou é aquilo. infelizmente. >mas então< isso que eu tenho hoje e que não é só questão de ter uma vida juntos financeira e relativamente estável é uma cumplicidade:: espiritual no sentido de... que às vezes me assusta↓ isso me juro que me assusta é saber que não posso mentir que eu não vou conseguir mentir ou que eu vou mentir e que ele vai saber que eu estou mentindo mas ele vai aceitar porque ele sabe que eu sou assim que às vezes as pequenas mentiras a gente mente faz isso faz aquilo. como eu também percebo assim sabe↑ é uma coisa muito esquisita tais. é muito esquisita↓ eh e isso é um negócio que eu hoje não conseguiria abrir mão. pra resolver outras coisas você entendeu↓ é até porque no fundo no fundo todo mundo tá buscando é isso

297 tais

298 lauro

ih eu acho que [(sim)

299 tais

[encontrar um pessoa

300 lauro

[eu acho que sim.

301 tais

[que afine de não precisar às vezes nem

falar=

302 lauro

=não precisar falar e é é uma coisa assim que eu também eu tenho muito disso. no meu grupo de trabalho também é assim. e assim com a tua tia também a gente se deu muito bem eu me vi muito na ada e vi a ada muito eh em mim assim ada tem um quê de impetuosa. ada é tudo né↑ super ativa. e assim eh uma mulher ela é li:nda né↑ uma mulher li:nda e assim o negócio dela eh... mas sabe eu eu percebo que no meu grupo de amizades tem horas que a gente se conhece eu gosto muito do conhecimento eu gosto muito

- da do dia-a-dia das relações construídas assim e bem construídas. então eu ado:ro conhecer os meus (ami-) eu adoro saber onde eu estou pisando conhecer as pessoas e gosto pra caramba que me conheçam também que (sabe↑) sabe↑ que
- 303 tais hã hã
- 304 lauro que vou no meu limite pra poder ir no limite dos outros, com delicadeza, da mesma forma como eu tento ir os outros eu tenho tido no meu casamento muito e tenho nas minhas outras relações↓ sabe eu só não tenho muito com a minha mãe porque a minha mãe é ela é do contra ela briga comigo eu amo a minha mãe
- 305 tais hã hã
- 306 lauro é o clichê né↑ o viado que adora mãe. amo adoro, só que minha mãe ((risos)) nunca seria minha amiga se não fosse a minha mãe↓ ela é minha amiga pra caramba ela é muito doida é maravilhosa engraçada↓ mas ela tem comigo uma relação de... às vezes não é meio de mãe é () é de ser do contra falar coisas do contra. “o zélio (você) olha o que você tá fazendo com o zélio. você não presta.” olha que coisa↑
- 307 tais hã hã
- 308 lauro e o negócio dela é ser do contra entendeu↓ ((tais risos)) então não é pra questão=
- 309 tais =pegar no pé=
- 310 lauro =é. e não é pra questão de eu ser dele ser né↓ meu marido meu meu meu sei lá meu companheiro sei lá o que e é é a coisa de pegar no meu pé sabe. ((tais risos)) é só com ela que eu vivo às turras mas também é uma relação de amor. só com ela que eu admito viver isso porque ela é foda↓ é foda. ((tais risos)) mas com meus amigos também a gente estabelece essa cumplicidade é <muito legal> por isso que a gente trabalha junto há tanto tempo. a gente trabalha junto há há eu (estudei) relações estáveis sabe↓
- 311 tais hã hã
- 312 lauro () eu trabalho junto com esse grupo há uns vinte (e poucos) vinte anos
- 313 tais caramba
- 314 lauro e a ada a gente só não trabalhou junto porque não teve oportunidade↓ mas agora eu tenho assim a maior (a maior) coisa com ela sabe eu gosto dela pra caramba↓ foi uma eu sempre (conheci) sempre conheci não sei que mas não tava trabalhando e de uns anos pra cá a gente tá trabalhando, vai voltar a trabalhar porque é:: dá pra estabelecer. dá pra dar esporro dá pra estranhar sabe↓ dá pra estranhar dá pra=
- 315 tais =dá pra ser de verdade
- 316 lauro pôrra é isso, cara, eu não consigo ser de outro jeito como a ada também não consegue como as as ((interrupção da fita)) a do ou de pior eu acho que a pior coisa que tem é: é nego: é você se sentir enganado sabe↑ acho que é muito ruim muito embora eh >(quando a gente é) hipócrita eu acho (que você não) faz o que<-- ah eu até poderia me enganar de vez em quando porque ah eu sei

- como é que é isso eu sei que eu não vou fazer por mal blá blá blá blá blá blá, mas eu não acho que é uma uma relação legal não↓ ((começam latidos de um cão)) ô rô rô rô é o zélio que deve estar (vindo)
- 317 tais (ela tá [ouvindo])
- 318 lauro [ela sente quando ele chega lá embaixo ela sente. ((tais risos)) é é. e é mesmo. ele tá chegando aí.
- 319 tais é. não não eu acho isso-- ((tosse)) é claro que quando gente fala né de poder ser direto é claro que uma vez ou outra
- 320 lauro [() totalmente
- 321 tais [todo mundo dá seu jogo de cintura até [porque tem momentos que a gente sente
- 322 lauro [totalmente. e tem tem coisas que não precisam ser faladas né↓ não precisam ser faladas.
- 323 tais tem momentos que a gente sente que o outro [não tá numa época pra ouvir ()
- 324 lauro [é:: não não tá preparado pode crer não tá preparado. não é o momento. não é não é (não não) não vai ser legal.
- 325 tais ou a gente tá com preguiça de ((risos))
- 326 lauro é. e estabelecer novas relações começar do princípio é o ó né↑ é muito chato. educar. ah é muito chato. e e assim eh então às vezes é legal você... não precisa ser verdadeiro o tempo todo sendo verdadeiro o tempo todo. não precisa ficar falando [verdades
- 327 tais [é
- 328 lauro sendo [verdadeiro o tempo todo. entendeu?
- 329 tais [é exatamente [é perfeito isso
- 330 lauro [eu acho (que) eu [acho
- 331 tais [não precisa ficar falando verdades pra ser verdadeiro.=
- 332 lauro =entendeu? você é você é e assim e amizade tolerância e casamento é assim eh... o limite é saber que você tem seu limite o outro saber que você tem seu limite e assim tentar... manejar né (que) se valer a pena↓ a gente só tá junto porque vale a pena. é isso que eu te digo nosso casamento só funciona porque vale a pena↓ eu não saberia te dizer o quê que eu poderia fazer de melhor se não tivesse com o zélio. não sei. não sei. sinceramente. pode ser que eu veja né °(não tô te dizendo)°, mas eu não saberia te dizer se eu poderia estar tendo uma coisa melhor hoje. eu acho que de jeito nenhum estaria então eu estou na situação que eu queria estar. você entendeu?
- 333 tais hã hã
- 334 lauro é pois é↓ graças a deus. eh agora tem muita gente ô ô tais que não pensa assim. eu não sei não sei... menos entre as mulheres (mun-) no mundo gay tem muita gente que pensa assim↓ não sei também se (pessoas) amigos meus que são meio que desiludidos com com as relação:es né↑ aí é um pouquinho introjetado demais essa maluquice da: subjetividade individualidade do eu acima de tudo porque pra viver uma relação você tem que... não tô dizendo não tô

- dizendo não tô dando receita mas assim se pra no meu caso a gente tem que abafar um pouco o ego e é difícil pra caramba
- 335 tais hum hum
- 336 lauro enxergar o outro ver o limite do outro o espaço do outro... é difícil pra caramba né↓ é difícil muito difícil. isso às vezes é pesado a gente briga (pra) caramba mas prevalece sabe↓ aquilo que eu te falei↓ a coisa do valer a pena sabe () a gente se engalfinha↓ briga mesmo. eu fico insuportável ele também fica insuportável mas prevalece o que é bom↓ o que é bom tá guardado sabe↓ não
- 337 tais hum hum
- 338 lauro o que é bom continua ali muito embora arranhe volta. é legal é legal agora eu sei que não é todo mundo que consegue e também as relações não tão pra isso. eu acho acho inclusive que o mundo não tem preparado as pessoas pra viver isso e nem as pessoas estão convencidas hoje pela própria:: sociedade de que isso é uma coisa muito válida. estão muito individualizadas (são) “ai o meu espaço”. então às vezes tu vê (a coisa) “ai ai o meu espaço”-- ficam introjando uma coisa sabe↑ um (indiv-) um individualismo exacerbado que não traz felicidade e ao mesmo tempo elas ficam sem saber como... dar a volta naquilo. mas é isso que tão que tão passando como: positivo como socialmente válido hoje e:: sabe↑ até isso eu tive que quebrar porque eu também me enganei com isso. “não e eu e meu prazer e meu corpo e eu eu eu”. quando eu fui perceber que eu não tô sozinho no mundo mesmo. não tem esse papo de que... eu (só me) construo-- a sociologia é maravilhosa né↓ você só se contrói como o homem (vivendo) na sociedade através de olhar o outro você se enxerga. eu dependo sinceramente dependo profundamente do outro entendeu↑ dependo <profundamente sem sombra de dúvida>. não tenho a mínima vergonha não, eu dependo sim dependo porque só assim é que eu (me) consigo me entender [sabe↑
- 339 tais [hum hum
- 340 lauro mas só assim. é isso.
- 341 tais () bom eu acho que é por aí mesmo. eu acho também [()
- 342 lauro [é. é. eu também né↓ sei lá↑ né↓ de repente-- (mas) tô vivendo assim-- tá, de vez em quando eu () mas vamos vivendo assim↓ mas a gente vive bem. se dá bem né↓ como eu tô te falando eu me divirto bem também com meus amigos. agora assim eh hh como eu te falei eu não eu não me sinto assim o ga::y (ai meu deus) às vezes meio que como uma entidade↑ assim que não não me sinto muito na obrigação de ter que ser sabe↓ (menos) muito homem. acho que a gente chega num ponto da vida em que você já não se sente tanto na obrigação de... eh de ser tão homem de ser tão gay de ser ter medo de ser mulher. eu já não me sinto muito nessa:=
- 343 tais =hã hã
- 344 lauro nessa obrigação↓ e isso é uma coisa não tô dizendo que () santo não.
- 345 tais [não. entendi.

- 346 lauro [eu tô dizendo que a duras penas eu consegui um espaço que eu gosto. sabe eu gosto de estar onde eu tô e de de ter essa liberdade porque eu, como diz a música, eu sei o quanto eu tive que pagar por essa liberdade e não abro mão disso não. e até de depender do outro de (por exemplo) não, eu dependo si:m, dependo pra ser feliz do outro si:m, vou ter que baixar a crista sim, muitas ocasiões não tenho mais muito entendeu↓ sabe↓ de achar que eu... me basto bábábábábá↓ que a maturidade (é que quem) dá na gente né↓
- 347 tais é verdade
- 348 lauro que tem mil coisas horríveis que a maturidade trás↓ o corpo não é o mesmo a gente começa a engordar começa isso começa aquilo↓ mas você começa a olhar pras coisas e começa a entender por outra ótica. e aí isso dá uma “aí” né↓ tu olha assim sabe não é tão complicado. ((tais risos)) não é tão complicado não não. eu () tava conversando com a minha irmã um dia desses↑ minha irmã né mais velha do que eu me ensinou muito sempre me ensinou muito também↓ sempre adorei ela (sempre se deu) muito bem↓ eu tava falando com ela (assim) “meu deus né minha irmã as coisas”, (ela tá tendo um negócio com a filha dela tá), <a minha sobrinha tá transando com o namorado> e tá impondo que somos todos assim é uma coisa, botando namorado dentro de casa porque é porque é namorado dela transando com ela. assim “não admito que alguém ache ((tais tosse)) que alguém ache que essa minha relação é uma relação que não presta, que é isso que é aquilo e que vai acabar e que vão me vulgarizar por isso, que eu não sou uma pessoa assim, que eu (sou)” né↓ “não sou desse jeito↓ então eu não admito nem que levantem a hipótese de eu estar vivendo uma relação leviana, então eu acho que eu tenho o direito de botar ele sim no meu quarto sim bábábá bábábá”<. e aí a minha irmã a gente tava eh () veio essa conversa né↓ aí uma porção de valores que a minha irmã tinha coitada, ela casou virgem com vinte e poucos vinte e tantos anos e não sei o que (assim). meu deus do céu quanta quanta bobagem que a gente né
- 349 tais é
- 350 lauro a gente às vezes com um pouquinho de-- aí tem um filme peggy sue que é assim né↓ a mulher leva uma porrada (aí [volta né)
- 351 tais [ah eu vi eu vi
- 352 lauro é um barato. ela leva uma porrada e aí é aquele-- é o sonho, deve ser o sonho de todo mundo ter dezoito vinte anos com a cabeça de quarenta e cinco anos quarenta quarenta e cinco sei lá quantos anos ela tinha↓ e ela meu deus do céu ((risos)) ela fez uma porção de coisas que tavam-- que ela não pôde fazer >mas de repente fazem até< parte também (daquele filme) né↓ () falando pra caramba.
- 353 tais mas é bo:m. mas pra mim tá bom.
- 354 lauro tá bom? ah se tá bom pra você pra mim tá

7.3 Zélio

- 1 tais as primeirinhas são eh idade?
 2 zelio tenho quarenta e dois anos↑
 3 tais e: escolaridade
 4 zelio é terceiro grau.
 5 tais em que?
 6 zelio em turismo e hotelaria.
 7 tais turismo e hotelaria. você trabalha com isso?
 8 zelio não não. trabalho numa empresa familia:r é um posto de gasolina. é do meu pai e a gente trabalha juntos.
 9 tais administra lá (né)
 10 zelio isso isso.
 11 tais e:
 12 zelio e acumulo uma terceira: profissão também eu sou enfermeiro ((risos))
 13 tais ah é? a:h e trabalha com isso também?
 14 zelio trabalho. faço uns plantões de vez em quando.
 15 tais ah é? onde?
 16 zelio é. lá em niterói no xxx. no xxx. no hospital do yyy ((estalo de língua)) do da eh yyy.
 17 tais a:h
 18 zelio () é. tipo zzz.
 19 tais e turismo e hotelaria acabou nunca trabalhando↑
 20 zelio não não. eu↑ acabei há pouco tempo também. eu cisme i (>com essa coisa<) fazer alguma coisa ligada a hotelaria.hh eu pretendo (procurar algum o que) ((tosse)) abrir uma pousada assim numa cidade mais tranquila e:: aí fiz o curso gostei muito, só tô aguardando agora (abrir) uma pousada, pra trabalhar.
 21 tais ((risos)) e: tem religião?
 22 zelio religião? eu quer dizer, eu fui criado na religião católica né↓ tem algumas coisas assim que de repente ... (a gente) procura acreditar pra poder ajudar um pouco né↓ mas num sou assim... não vou a igreja ... não não acho que eu sou - - não. eu sou religioso (não não) eh eh sou religioso? é sou religioso. não tenho religião mas eu so:u [um pouco religioso.
 23 tais [hã hã não (fez escola)
 24 zelio não não nada.
 25 tais e: irmão?
 26 zelio tenho uma irmã.
 27 tais uma irmã↑
 28 zelio isso.
 29 tais mais velha ou mais nova?
 30 zelio mais nova três anos.
 31 tais e pais? os dois são vivos ainda↓
 32 zelio os dois são vivos pai e mãe.
 33 tais e e são casados ainda↓
 34 zelio são casados.
 35 tais eu vou fazer a primeira.
 36 zelio hum.

- 37 tais isso aí é só pra eu () eh que que é pra você ser gay, zelio?
- 38 zelio ... nada muito diferente do que não ser eh entendeu↓ é... ou um pouco opção ou uma u:m o que↑ surgiu na minha vida uma opção e:: foi super tranquilo assumir isso, eu tinha dezoito anos de idade e eu chegue:i >sei lá< eu tinha uma namorada tinha tido já algumas namoradas mas acabei sentindo atração por (por) homem e:: tudo bem.fui embora ver o que que era, entendeu↓ e foi foi tranquilo sem problema. sem problema. então eu não vejo... é quer dizer é claro existe um... preconcei:to né↑ que você ainda percebe algumas coisinhas, mas acho que é muito é muito de como você se coloca entendeu↓ né↑ ver aquelas pessoas e...eu nu:m não tenho nenhum problema não. pra mim eu acho que ser gay é: como ser hetero ()
- 39 tais hã hã
- 40 zelio não sinto uma diferença assim muito grande
- 41 tais e você (falou que essa transição) de assumir foi super tranqüila sem problema.
- 42 zelio tranqüilo. sem problema. sem problema nenhum. não tive nenhum problema↑ foi tipo assim “bem eu acho que:: eu gosto disso. vou ver qual é a boa” entendeu↓ e e começou logo com uma relação:o↓ foi com o lauro↓ começou logo com uma relação com ele uma relação eh legal quer dizer (hum)... a gente brigou muito↓ acho que é porque eu era muito novo também né↑
- 43 tais [hã hã
- 44 zelio [eh tipo assim “ah eu quero conhecer muitas pessoas quero ter muitas experiências”.lh e com isso:: você acaba >quer dizer< isso mais por parte dele. eu tava muito afim de investir na relação↑ e:: e ele: sempre meio mais maluquinho do que eu né↓ ma:s eu fui insis-muito certo do que eu queria. (assim) “não, tô a fim de investir vou investir nessa relação e tal.” aí foi meio complicado no início mas depois... foi super tranqüilo. ((tosse))
- 45 tais e na na sua família a sua irmã como é que ela
- 46 zelio ah não eh eh quer dizer... minha irmã já já abri pra ela e meus pais preferem
- que eu não abra né↓
- 47 tais hum hum
- 48 zelio preferem que:: >quer dizer< que eu não... fale pra eles. mas claro que sabem. ((palavra anterior meio rindo)) minha mãe não. minha mãe é mais tranqüila mas meu pai não gosta, com certeza acha que eu deveria casar essa coisa toda. minha irmã també:m ela não se mete mas também num não é muito legal >entendeu<↓ porque ela é... ela é::... ela é protestante então já acha que isso não é muito ce::rto aquela coisa toda=
- 49 tais =e qual igreja?=
=universal do reino de deus.
- 50 zelio =universal do reino
- 51 tais universal do reino
- 52 zelio é. essa coisa essa maravilhosa igreja↓
- 53 tais ((risos)) eu sou (muito suspeita pra falar) [()

- 54 zelio [eu odeio essa igreja. eu odeio.olha que podia pode ser qualquer outra ((palavra anterior meio rindo)) menos essa. eu falo pra ela “não podia ter escolhido uma outra qualquer? logo essa?”
- 55 tais ((risos))
- 56 zelio eu escolhambo ((palavra anterior meio rindo)) (com ela). mas ela tá feliz eu acho que sei lá. é
- 57 tais é escolha dela
- 58 zelio é escolha dela. é isso aí. o seu caminho.
- 59 tais e... e você falou que seus pais você acha que eles preferem... não saber↓
- 60 zelio é. não, saber eles sa- claro que eles sabem pô. há-- que? há vinte e poucos anos que eu não apareço com uma namorada ((palavra anterior meio rindo))... na casa deles ((risos)) e vou e vivo com outro homem↑
- 61 tais e outra (acabei esquecendo) de perguntar pra pra pro lauro.e e como é que fica essa coisa essas festas de de família? natal eh reveillon essas coisas. reveillon nem tanto mas natal como normalmente é uma festa de família
[()
- 62 zelio [natal↑ natal↑ eu vou eu vou vou na casa deles luiz às vezes passa por lá tal,
eu vou lá, fico com eles o natal e depois vou encontrar com o luiz. e ano novo a gente passa sempre junto.... (você) entendeu↑ (sempre) passa junto. ou então ou junto com a família dele que às vezes se junta pra fazer fe:sta ou então eh a gente faz festa entre ami:gos uma festa junta com todo mundo faz uma festa.
- 63 tais e vem cá eh e casamento e tudo.... como é que é essa história pra você de fidelidade?
- 64 zelio olha, isso isso isso pra mim já foi eu já tive já foi pior pra mim entendeu↓ isso de repente eu descobri se que o lauro se pudesse ter tido uma uma aventura pra mim ia ser muito complicado eu ia ficar muito chateado. hoje eu tenho eu sinto um pouco mais de segurança com relação a isso entendeu↓... eu sinto um pouco de segurança. eu acho que isso não ia eu ia ficar chateado, mas não ia interferir na minha nessa engrenagem que já foi formada entendeu↓
- 65 tais hã hã
- 66 zelio pra mim isso já é seguro. (é huum) pior do que isso seria deixar de gostar de mim. entendeu↓
- 67 tais hum hum
- 68 zelio então isso (pra mim) não teria problema. >quer dizer< claro que teria (não) daria problema? não sou tão a:h não pode fazer à von não não é isso. mas... se... algo acontecesse (com o luiz) sei lá (a gente não sabe) de repente “ih caramba vacilo meu tal” mas uma aventu:ra↑ eu ficaria muito chateado.ficaria muito chateado. mas não seria pra mim o eu eu não abriria mão da relação por conta disso. a não ser que... sabe↓ eu não gosto mais de você, me apaixonei por outra pessoa aí é outra história.
- 69 tais é. aí não tem, aí não temhh jeito.

- 70 zelio aí não tem jeito. aí você tem que né? () então, põe (vai) manda rodar mesmohh né↓ manda embora.
- 71 tais (e sobre) você ciúme você nã:o
- 72 zelio ah sinto. claro que eu sinto. sinto. mas... hoje dá pra controlar né↓ já fui muito ciumento. muito. já sofri mu:ito.... mas acho que era pura infantilidade e a a gente vai amadurecendo acho que nada melhor do que você ir envelhecendo né porque você vai amadurecendo você vai vindo como as relações como a gente complica muito a vida dela a sua relação com o outro, como você quer controlar a vida do outro né↑ e: eu já fui muito ciumento muito, doentio. mas tô assim tranquilo. consigo controlar legal ((risos))
- 73 tais ((risos)) e filho? você pensa=
- 74 zelio =filho↓ olha eu já tive muita vontade de ter filho. muito mesmo inclusive... a gente tem uma grande amiga que é amiga minha e dele... e ela tá ela ela:: a gente ela tinha muita vontade de ter filho também só que ela a relação dela também ((assovio)) ela tinha uma namorada e e nu::m não podia ter, claro. >quer dizer< até poderia de né↑ mas a gente tinha combinado de se de brincadeira a gente falava assim “ah vamos ter um filho junto? vamos vamos embora” até um dia que a gente (falou assim) “vamos vamos ter?... vamos ter? vamos embora.” aí fiz exa:mes tu:do aquela coisa toda.hh só que acabou a coisa esfriou entendeu↓
- 75 tais hum hum
- 76 zelio e depois disso eu nunca mais pensei em ter não porque acho que agora eu: seria mais complicado pra mim, com quarenta anos ter um filho↑ não é que seja tarde, mas com com o projeto que eu quero o meu os meus projetos (por exemplo) eu quero ir embora pro interior eu quero viver a vida mais tranqüila num lugar mais legal.hh curtir esse trabalho que eu tô a fim de investir↑ e de repente, você vai pra um lugar desses daqui a a pouco (você já) se você tem um filho você vai ter que voltar pra cidade se você tiver a fim de dar um- - né↑
- 77 tais uma boa escola
- 78 zelio uma boa esco:la, um bom um bom alicerce pra vida dele. aí não sei se (o cara) eu abriria mão disso agora não entendeu↓
- 79 tais hã hã [tem
- 80 zelio [mas eu eu tive já muita vontade de ter filho.... aí eu tenho meus sobrinhos tem o meu sobrinho↑ tem o meu sobrinho que é: por parte da minha irmã↑ e tenho os sobrinhos parte de lauro que são assim meus sobrinhos mesmo que me consideram ti:o.hh me chamam de tio, então são meus filhos né que eu ajudo também a criar desde criança (sempre)... sempre cuidei deles também então a gente:: né↑ acaba sendo também um pouco seu também. (então) meus filhos são
- 81 tais () tranqüilo ()

- 82 zelio e sem problemas sabia↑ sem- - pelo menos por enquanto... assim “ai meu deus não tive filho (>não sei quê<)” não. sem problema nenhum. pra mim... uma opção.
- 83 tais vocês nunca pensaram em adotar também não↓
- 84 zelio ...até sim entendeu↑mas é tão complicado né↑ adota:r eh eh não com relação a você criar um filho de uma outra pessoa mas a a lei é muito complicada
- 85 tais a estrutura burocrática=
- 86 zelio =a estrutura burocrática né↑ muito:... a a estrutura burocrática é muito complicada muito chata você tem que ficar.hh de repente:... sendo controlado né: eu acho que um casal hetero já é complicado imagina um casal gay né↓
- 87 tais eu sei que eu eu tenho uma prima que ela tem problema pra ter filho e teve uma época que ela pensou em adotar e ela tava separada. ela não conseguia nunca.(entendeu) ela acabou desistindo porque toda vez que chegava a vez dela... na lista lá de de adoção vinha um casal... atrás dela um casal que fossem dois duas pessoas pegavam o bebê porque aí a as os lugares de adoção acham melhor o bebê ficar com duas pessoas em vez de uma mulher só
- 88 zelio a:h tá
- 89 tais aí ela sempre perdia a vez né↓ ela acabou desistindo ((palavra anterior meio rindo))
- 90 zelio pois é, né↑ aí é: [bem mais complicado ()
- 91 tais [() tem um casal um irmão que a gente chama de irmão americano do meu... do meu ex-marido ele↑ ele↓ casou com um çara muito legal e lá é bem mais tranquilo [essa coisa
- 92 zelio [eles adotaram?=
=eles adotaram um [menininho
- 93 tais [pois é
- 94 zelio vão adotar- - até mudaram pra uma casa maior pra adotar mais um outro pra ter irmão e tudo (né)↓
- 95 tais
- 96 zelio aí é legal né↑ mas aqui é meio complicado [isso
- 97 tais [aqui é meio complicado até pra
- mulher sozinha é complicado.
- 98 zelio eu não sei se é porque:: () complicam um pouquinho por conta... (né) desse tráfico de órgãos né de... tráfico de cria:ças de repente de as pessoas estarem... estarem.... >sei lá< usando adoção pra pode:r >sei lá< não sei.
- 99 tais [é ()
- 100 zelio [eu não sei se é i:sso, eu não sei de repente eu fico imaginando que deve ser por conta disso né↓... sei lá (mas há) há uns anos atrás pra mim seria mais- - eu não vou dizer pra você que hoje eu não adotaria, ou teria de repente um filho mas... sabe eu nesse momento [eu não penso
- 101 tais [não é prioridade não=
- 102 zelio =não é prioridade não. não é prioridade não. já foi. já tive muita vontade há uns dez anos atrás com trinta anos tava com muita vontade de ter filhos e- - ... mas hoje acho que- - eu tenho medo

- também entendeu↓ não sei se eu vou ser um bom pai↑ carinho tudo bem mas com relação a você a dar uma educação legal, com essa vida louca né↓ droga pra caramba pra todo lado aí... (eu tenho sabe) eu fico um pouco assustado (com isso)... você acaba virando- quer dizer tenho medo de acabar virando um pai careta né↑ e de repente querendo, você querendo controlar... o seu filho de... não é controlar (de) ter um controle tão grande e (acab::ar) (prejudicando) [né (atrapalhando a) vida
- 103 tais [é (essas coisas) não tem jeito ((risos)) (você acaba) eu tenho uma filha. agora ela já tá grande né () mas eu (quando) dei um celular pra ela... ela “ai mãe que legal que você me deu” eu falei “você não tá entendendo ((zelio risos)) deixa eu ser clara pra eu pra você”
- 104 zelio (risos) [()
- 105 tais [“pra eu não ganhar elogios e e e obrigadas você achando que eu estou dando só que eu estou dando por minha causa” ((gargalhada)) ()
- 106 zelio ((risos)) pois é engraçado, até eu acho interessante (não é) pôxa eu experimentei drogas já fumei maconha.hh mas pra mim foi uma coisa tão tipo assim foi só uma aventura entendeu↑
- 107 tais hã hã. é aquela coisa da (da experiment) ()=
- 108 zelio =é pra mim eu sabia que era uma aventura. é um período legal curti a beça me fazia bem me fazia bem porque eu me diverti:a tal↑ mas hoje a droga tem um outro peso né é uma coisa mais é mais complicado↓[tem a cocaína que também não
- 109 tais [(mas cara) é e eu acho que a droga hoje ela se misturou com crime comum.
- 110 zelio é:: [tá vendo?
- 111 tais [e acho que quando a gente era novo o cara que era traficante ele era traficante de drogas=
- 112 zelio =é.
- 113 tais não era sequestrador=
- 114 zelio =é. criminoso↓
- 115 tais não era ladrão não era: não era bandidão↓
- 116 zelio não. não.
- 117 tais né↑
- 118 zelio e hoje você conso- quer dizer hoje se você consome isso você tá:: tá mantendo isso tudo [né o crime né↓
- 119 tais [é. sem querer você indiretamente=
- 120 zelio =né? então eu tenho muita preocupação com relação a droga. a educação pô eu acho que você- - eu sou do bem, acho que eu seria teria um filho do bem também (né)
- 121 tais ()
- 122 zelio você vai passando também. com relação a droga (não sei que) °que eu fico preocupado.°
- 123 tais é. não, é uma preocupação. eu dei sorte porque a minha filha nunca foi a praia dela não. (sabe)
- 124 zelio que bom=

- 125 tais =mas tem tem muita garotada.() que caindo (na roubada)
- 126 zelio tem, tem sim. e e cada vez hum garotada assim mais jovens né↑
- 127 tais é [()
- 128 zelio [treze anos, doze anos... eh eu fico assim impressionado.... (pô se eu disser que) eu vi em friburgo uns garotos assim de uns treze anos, você vê que de classe média doidos mas doidos doidos doidos doidos. e atrás de- - você percebia que era um tipo assim eh procurando: alguém que pudesse dar a: cocaína né↓ dar pra eles ou vender pra eles não sei. mas (que) dá até pena né↓ disso meu deus do céu. podia ser meu filho [né↑
- 129 tais [ah é verdade.=
- 130 zelio =() loucura↑ o pai deve tá pensando que ele tá na casa de uma namoradinha tal tá aqui na rua↑
- 131 tais na cheiração.
- 132 zelio é:
- 133 tais em vez de estar na pegação [tá na cheiração ((risos))
- 134 zelio [é pois é, que seria mais né? mais agradável
- mais
- 135 tais divertido ((tais risos)) na idade dele namorar muito↑
falando em namorar muito quando você- - tem uma coisa que tem aparecido em todas as entrevistas que eu faço, é que no início de quando descobre eh que pode que pode ser gay que pode usufruir do do do do desejo sexual que quiser. eh segue logo (a seguir) um período de >muita galinhagem<
- 136 zelio não↓
- 137 tais você teve esse período?
- 138 zelio não, não tive não. vontade eu tive. eu tive vontade (de assim) de galinhar mesmo. mas como a gente tinha uma relação entendeu, até por exemplo eh a gente... brigou muito né↓ a gente ficava separado um mês dois meses alguma das brigas, no início até uns vinte e poucos anos e:h às vezes acontecia de nesse período arrumar uma outra paque:ra entendeu↑
- 139 tais hã hã↑
- 140 zelio ma:s ((assovio)) mas nada que fosse assi:m quantidade não, °entendeu°↓ (eram só) envolvimentos (que uma vez eu tive)
- 141 tais uma namoricadinha
- 142 zelio é é é é. até com até com mulher também. não era só com com homem não com mulher também.... mas não foi assim, dá pra contar ((risos)) não foram muitas pessoas não...
- 143 tais ...e no trabalho assim você sente... no trabalho como é que é a história↓
- 144 zelio tranquilo. tranquilo. (tranqüilinho como pode ser um) trabalho. não falo nada até porque eu trabalho- - >quer dizer< no trabalho no trabalho (eu) trabalho com minha família né↓ com meu meu pai e minha irmã.
- 145 tais você tem frentista não tem no posto
- 146 zelio tem frentista eh e a minha relação com fun- com os funcionários normal sem problema sem, sem piadinha sem, sem cantada de repente sem nada. não rola nada.hh e:: é uma relação super legal

- normal mesmo sem, sem assim sem- - normal que eu estou querendo dizer não é que se porque poderia ser anormal né mas é é sem nenhum tipo de de agressão ou de: piadi:nha alguma coisa ou ou até algum tipo de atração de alguém com relação a mim.
- 147 tais hã hã
- 148 zelio ou eu eu, de repente também pudesse investir, não num tem não rola nada disso. ((tosse)) nada disso. normal. agora não é uma coisa- - a gente não eu não abro assim pra todo mundo né↓ bem todos sabem mas não é uma coisa... (não sei ficar) eu sou gay ó eu sou gay. não. sabem que né, pôrra tantos anos que eu tenho minha vida com o lauro todo mundo sabe que eu sou que eu tenho uma relação, que eu sou casado... e:: e:: comentam devem comentar claro entre eles lá mas, diretamente pra mim nada nunca falaram nada não.
- 149 tais e e na rua assim, já aconteceu de algum dia- - que tem uns relatos às vezes tem um dos dos meninos que me deu entrevista... que ele- - um cara (justiceiro) desses malucos saiu de bastão
- 150 zelio não ()
- 151 tais atrás dele já aconteceu algum episódio
- 152 zelio não↓
- 153 tais alguma coisa assim piadinha alguma coisa na rua desagradável
- 154 zelio não↓
- 155 tais dessas de discriminação (desse) tipo
- 156 zelio ...que eu... que eu me lembre não. ... (não não foi) não sei se posso dizer que foi discriminação. mas uma vez um grupo gra:nde assim. tinha um monte tinha umas um monte umas ami:gas eu lauro mais uns outros amigos eram umas dez pessoas >sei lá< ou menos um pouco↓ a gente na praia mais de bagu:nça↓ mas era uma bagunça↑ na praia você percebia que as pessoas se afastavam assim. acho que (foi o único que) eu senti assim entendeu ou aquele pessoal é muito brabo né entendeu↓
- 157 tais hã hã
- 158 zelio ou tinha muito- - ou são viados e e putas né↓ só não sei mas () é que a gente ria muito, se (diver) tava se divertindo muito, já tinha tomado umas cervejas também, e (tudo) de bobeira brincando na praia lá. (e isso a gente) percebeu que as pessoas se fastavam assim um pouquinho.
- 159 tais ((ruído)) a:h
- 160 zelio depois ainda começamos até a fazer piada disso brincando () ((tais risos)) daqui a pouco a gente tá sozinho na praia ((risos gerais))
- 161 tais que praia que era?
- 162 zelio era lá em niterói, camboinhas.
- 163 tais camboinhas agora tá na maior moda também, né↓
- 164 zelio é é?
- 165 tais tá agora tá na maior onda camboinhas.
- 166 zelio é (mas é)
- 167 tais de um ano pra cá mais ou menos.
- 168 zelio é mesmo é↑ mas lá é um inferno também. é::
- 169 tais cheíssimo?

- 170 zelio cheíssimo. igual ou pior do que aqui. não não vou dizer que é pior mas que seria igual a a essas da da zona sul também. tá um inferno. só que aqui é mais fácil de você ir pra sua casa e lá não, é um caminho só.
- 171 tais hã hã
- 172 zelio entendeu↓ então é engarrafamento, deus me livre. é: complicado. já fui muito mas ((tais tosse)) (sofria um pouquinho). mas eu acho que foi a única situação assim que eu vi, que eu lembre pelo menos agora nesse momento, que eu percebi assim um pouquinho de... preconceito (eu acho)
- 173 tais e positivo? que tem um preconceito que a gente chama de preconceito positivo é quando “ah toda casa de gay é bem decorada” “todo gay é bonito” “todo gay é inteligente”
- 174 zelio ah é, tem um assim um, já escutei muito isso. mas não foi por preconceito [()]
- 175 tais [é (quer dizer) [discriminação positiva que a gente fala
- 176 zelio [()] é é é é, acaba sendo preconceituosa né↓ a observação. mas tipo assim “ai vocês dois são isso é um desperdício. vocês são tão bonitos tão charmosos puxa vida isso é um desperdício. qualquer mulher fica revoltada com isso” ((tais risos)) isso já escutei um (mais) de vezes. ((risos)) você acha - - ou então quer me consertar “a:h eh se eu te pego de jeito eu te conserto” é uma brincadeira entendeu ↓ mas você percebe: (entendeu) um pouquinho de... aí eu falei assim “olha” - - como é que é?, quando ela falou assim “ai que desperdício” “ó desperdício pode ser pra você. garanto que pra muita gente não é. “((risos gerais))
- 177 tais é verdade ((risos gerais)) desperdício não é alguém está (aproveitando)
- [()... ()]
- 178 zelio ((risos)) [(pois é) pra você ué ((risos)) pode ser pra você mas ó garanto ((palavra anterior meio rindo)) que tem gente que não acha. ((risos gerais)) (mas enfim)... eh, ah outra coisa também: m↓ a gente tem amigos que comentam da nossa relação, amigos hetero mesmo que comentam que “ah meu deus se eu tivesse uma relação igual a de você:s”. entendeu... eh uns comentários assim legais (assim que a gente escuta). a gente tem uma relação muito muito boa assim com... as outras pessoas né↑ com os outros amigos muitos amigos heteros que - - é o tipo de coisa que a gente nem discute
- 179 tais hã hã
- 180 zelio esse tipo de () eh nós somos ah meus amigos gays ou - - não isso não pinta. é: a coisa é:: são meus amigos, entendeu↓ =
- 181 tais =seus amigos () =
- 182 zelio =é é é (num num) você percebe não é nada, não é o medo de falar. é porque é tão natural eh a relação com os amigos que a gente tem uma coisa tão... tão natural tão sem- - não pinta problema↓ e e um comentário desses pode até ser feito (num sinal) quando alguém - - de repente aprese- vou (te) dar um exemplo eh nós fomos apresentados pra você, (pau) e:: ah conversando e tal e depois você

- percebe “eu acho que esses dois tão juntos” ou “então são tem um caso e tal” “são namorados” “são casados”. aí você até comenta “ah vem cá esses dois” - - “ah, são sim” é capaz de fazer um comentário até↑
- 183 tais hã hã
- 184 zelio nesse nesse, né nesse ponto.=
- 185 tais =() [percebeu () pessoa ()
- 186 zelio [() é a pessoa perceber e perguntar entendeu↓ mas num não é importante não faz, não precisa ser dito não. a relação é é outra mesmo.
- 187 tais e eu vou te perguntar um negócio. e nessa coisa que eu até perguntei pra (essa) e essa coisa de ... ele me falou que vocês freqüentam mais eh... não lug- lugares que <não são necessariamente [gays.]>
- 188 zelio [gays.] não,
- 189 tais [né gays resaurantes (e boates)
- 190 zelio [não, não, não, não,
- 191 tais como é que é pra você essa história de=
- 192 zelio =eu gostava de ir pra boate pra pra me divertir pra dançar tal.hh mas hoje eu acho tão chato boate
- 193 tais hum hum
- 194 zelio eu acho tão chato, eu gosto de ir assim pro- - é o: “vai ter uma roda de samba lá na praça mauá”, como tem de vez em quando.
- 195 tais hã hã
- 196 zelio aí lá vai todo mundo. entendeu↑ aí a gente vai ah vai ter não sei que... na rua ou entã:o lugar mais aberto sei- - que vá todo mundo. eu não gosto muito de gueto não.
- 197 tais hã hã
- 198 zelio nem lugar muito he- hetero nem nem lugar muito gay principalmente (também). eu gosto da coisa misturada isso é que é bom, tem todo mundo.
- 199 tais é essa coisa de gueto é muito engraçada. esse irmão americano do meu ex-marido antes dele casar com esse atual marido ele foi casado com um com um negro. e ele judeu.... branco. então eles moravam- - em los angeles tem muito isso né↓ bairro isso bairro aquilo. eles moravam numa fronteira do bairro negro ((palavra anterior meio rindo)) com o bairro judeu ((palavra anterior meio rindo. (eu falei) “eu não acredito” ((palavra anterior meio rindo))
- 200 zelio caramba, é complicado hein
- 201 tais aí aí eu falei porque ainda eu fiquei sacaneando “porque porque vocês estão sem dinheiro pra morar em west hollywood?” porque os gays que ganham dinheiro todos vão morar em west hollywood. todo mundo já sabe. morou em west hollywood... nove entre dez a (chan) probabilidade de da pessoa ser gay.
- 202 zelio é mesmo?
- 203 tais e gay de dinheiro. gay rico. bem de vida. então tem uma coisa assim, eles tem essa marcação de guetos. mas eu te perguntei até mais voltada pra questão do afeto público (a única) coisa chata... né porque o que eu (queria) que tava falando com ele [()
- 204 zelio [ah certo certo mas=

- 205 tais =quer fazer um carinho vamos dizer assim=
 206 zelio = é é mas=
 207 tais =isso é porque eu sou peguenta=
 208 zelio =é mas=
 209 tais =então isso ()=
 210 zelio =certo. não, mas olha só por exemplo, a gente eh quer dizer não tem essa coisa de ficar se abraçando na rua. até acho que até que de repente... como isso nunca foi muito assim permitido né↓ a gente:... até não faz muito. mas na rua não. mas também quando eu vou pra um bar desses uma uma boate uma coisa, a gente também não fica se agarrando também. entendeu↓ (então) ah porque lá pode (se agarrar) eu faria isso lá. mas lá também a gente não faz↓
- 211 tais hã hã
 212 zelio em casa a gente faz muito isso, ou de repente na casa de algum amigo, você tá numa reuniãozinha com os amigos tal e com as amigas e de repente um faz um comentário você chega faz um carinho tal
- 213 tais é.
 214 zelio isso tem mas... não é: assim. de repente até tantos anos que a gente não precisa ficar.hh né↓ quer dizer não é não é que você tenha que mostrar o carinho mas, a gente faz quando tá a fim, né↓ quando tá a fim tá tudo a gente: não tem que fica:r-- no início-- >péra aí eu tô acabando me confundindo<. no início a gente até: tinha uma coisa muito de ficar se agarrando ou de mão da:da de repente às vezes dirigindo e tal mas assim
- 215 tais hã hã
 216 zelio tá tocando é uma coisa né↑... e:: precisava até mais disso. até fazia às vezes na rua, até mesmo na boate e tal quando ia a um bar ou >sei lá<. mas... num num era assim. não era (não) fazia muito. a gente não ficava se abraçando se agarrando na na rua. mas foi passando o tempo e tal e: a gente: >sei lá< não não não sente necessidade disso (sabia)↓ de ficar se agarrando em público ou dentro de uma boate ou um bar. pode até acontecer de ir num bar e rolar um um afago qualquer mas... é não é porque é ali não entendeu↓=
- 217 tais =hum hum=
 218 zelio =porque ali pode não.... é porque acho que a gente- - pô a gente vive junto a gente se dá super bem não tem um dia que a gente que um chegue em casa o outro chega e tal, que a gente não não sente- - por exemplo às vezes eu chego antes espero ela pra gente jantar junto. então a gente tá sempre conversando muito, tá sempre eh se toca:ndo né↓ fazendo um carinho ou falando alguma coisa carinhosa↓ então eh a gente se dá muito bem. eu acho que isso já, de repente: né↑ você não precisa: ser toda hora, né=
- 219 tais =hã hã=
 220 zelio =ficar toda hora fazendo isso que a gente em casa.hh... a gente assis- eh a gente deita pra assistir filme (fica) “ah vamos ver um filme” “vamos embora”↓ a gente () leva um vinho pra cama pra ficar tomando vinho conversando assistindo o vinho o filme, às

- vezes pára o filme, se for um vídeo, pára o filme pra continuar conversando depois continua, então a gente tem sempre muito pra falar, é incrível. (eu digo assim) meu deus do céu como é que a gente fala↓ ((tais risos)) fala mas a gente tem sempre muita coisa pra falar. quando é até da própria relação, da relação com os amigos, da dos projetos que a gente tá a fim de fazer junto, mas é muita coisa. você não você não acredita como a gente fala.
- 221 tais ai↑ que bom↓
- 222 zelio não, é é é incrível. legal mesmo. (e procura) a gente procura acorda-- a não ser quando eu tenho que sair muito cedo, a gente procura (sempre) tomar o café junto, aí tá sempre conversando, falando alguma coisa o:u ou o que vai fazer o problema que vai tem que resolver o que a gente precisa fazer na casa precisa + precisa fazer ou a ,se a gente vai viaja:r e tal. tá sempre a gente tá sempre procurando ficar junto fazendo as coisas juntos em casa principalmente que é a hora que a gente tá mais perto, pra pode::r pra poder né↑ sei lá↑ falar um pouco um do outro e tal.
- 223 tais é. aproveitar também [a hora que tá junto
- 224 zelio [aproveitar [claro claro ()
- 225 tais [porque durante o dia cada um
- trabalha num lugar, né?
- 226 zelio é↓ e outra coisa e::: e se eu passasse sinceramente eh se eu passasse o dia inteiro junto ((batida)) não-- eu com certeza tenho certeza não ia rolar (isso) de ficar enjoa:do não. ((fim da fita)) mas eu queria investir (naquilo). fui investindo fui investindo, e cada vez foi melhorando melhorando melhorando e hoje eu acho que a minha relação acho uma relação super sólida. super sólida. não sei. pode até- -... eu acho que comigo não acontece entendeu↑ ah de repente dar a louca e: se apaixonar por uma outra pessoa querer investir numa outra relação.... eu acho que não vale a pena. até porque: tô feliz amo gosto muito gosto do que (a gente) tá construindo juntos gosto do tempo junto
- 227 tais [hã hã
- 228 zelio [eu gosto tipo assim pô a gente tem vinte e três anos juntos. eu acho legal eu gosto disso=
- 229 tais =bacana isso=
- 230 zelio =isso vai pesando né↓ vai pesando... tipo assim como vale a pena né↑ como vale a pena entendeu↓ então quer dize:r cada vez vai ficando melhor... (olha só) pra mim é coisa definitiva. sólida definitiva. é isso que eu quero e vai ser e pronto.
- 231 tais e vem cá e me diz uma coisa e essa e essa imagem que agora o pessoal tá fazendo do do do gay como alvo de consumo no fundo no fundo agora como alvo, né?
- 232 zelio é é é.
- 233 tais de de vendas de produtos e
- 234 zelio é é eu
- 235 tais não sei que e determinado estilo como é que você vê isso?
- 236 zelio ... bem... eu... >quer dizer< e::h mercado né↑ eu não eu não vejo nada nem contra nem a favor também não↓ eu (acho que)... e::h é mais é- - criaram mais um mecanismo de consumo quer dizer de de

- né↑ direcionar o consumo pra pra esse grupo né↓ mas eu eu fiz eu nesse nesse curso que eu fiz eu vi muito isso entendeu↓ como tão seguindo pra turismo gay: hotéis pousadas entendeu↓ segmentando mesmo né o- e e eles consideram um público: na ma- na maior parte né é um público que pode consumir né↑ classe média que pode consumir então estão investindo muito nisso. agora... (pra mim) não me diz nada não se... ((latidos)) sei lá também não não ((latidos)) não sou contra nem a favor ((latidos)) acho que sei lá↓ ((latidos))
- 237 tais e a internet? você acha assim-- eu sei que no no seu caso você e o lauro já estão há há muito tempo. ((latidos)) mas assim conhecidos de vocês vocês sentiam a internet eh como ((latidos)) facilitadoras de conhecer gente↑
- 238 zelio ó ó eu (com isso) é engraçado.eu tenho experiências eh de internet assim com amigos que:- - heteros que se e que casaram. engraçado duas pessoas já conhecia. nem são meus amigos dois clientes, duas duas clientes... eh uma menina que era uma secretária de uma empresa multinacional, ganhava muito bem uma vida super estabilizada aqui no no brasil, mas ela diss- “eu não consigo arrumar um namorado zélio. arruma um namorado pra mim. ((tais riso)) eu quero eu quero namorar e tal” de brincadeira. ((meio rindo)) de repente um dia na internet conversando com- - acho que era com um americano↓ um americano↑ e começaram a conversar a teclar a telar a conversar, de repente, o cara diz “ah vou no brasil te conhecer”. veio e: começaram, gostaram um do outro, começaram a a a continuaram continuar se correspondendo ela foi pra lá, passou lá uns dois meses↓ ela depois voltou pra cá↑ resumindo casaram ela foi embora pra lá está super feliz entendeu↓
- 239 tais [a:h (que legal)
- 240 zelio [encontrou o o amor da vida dela↑ e uma outra é uma menina uma repórter que: inclusive era comadre de lauro, ela: também conheceu um um camarada assim na internet... e tava assim tá eles estão namorando aí né↓ ((tais risos)) é. agora no no meio gay a internet é usado >quer dizer< pelo que eu vejo né↑ muito pra poder- - pra aventuras né↓
- 241 tais pra pegação.
- 242 zelio pra pegação. entendeu↓ (bem se bem que) no hetero também tem essas salas tem tudo né↓=
- 243 tais =tem tudo.=
- 244 zelio =tem pra pegação tem pra encontro tem pra não sei quê.... agora tem umas que são intere- interessantes. que eu até gosto (quer dizer) é que eu não tenho tempo, mas é de você poder entrar nessas salas que você fala com o mu:ndo inte:iro↓
- 245 tais hã hã
- 246 zelio poder- - a sobrinha dele conhece um mo:nte de gente assim. toda parte do mundo de ficar conversando ((tais tosse)) entra e começa um grupo a a conversar tal, daí daqui a pouco começam a mandar foto pra um pros outros (tudo assim) uns pros outros um pro outro e ficam amigos. eu acho super interessante né o- - não tem não tem

- não: tem distância mais, você pode falar com a pessoa lá no outro do outro lado do mundo.hh virar seu amigo ou sua amiga e: eh isso aproxima muito né↑ a barreira não tem muita barreira acho muito legal.... agora... nesse meio gay aí isso é usado mais pra mais pra [°pegação mesmo, é°
- 247 tais eu acabo [pegação mesmo. eu nunca (entro) eu tava comentando com o lauro
- nunca entrando porque a primeira vez que eu sentei em frente a um computador foi pra trabalhar. eu não consigo olhar pra computador como como
- 248 zelio passa- [passatempo]. é.
- 249 tais [passatempo]. eu sento, eu escrevo no computador, eu entro na internet, eu vejo meu e-mail, vejo faço a pesquisa que eu tiver que fazer, alguma coisa muito específicahh [()
- 250 zelio [eu conheço uma garota que ela super inteli- super inteligente ela ela é uma diagramadora de jornal↑... bonita é meio gordinha mas é bonita s:ensua:l. tudo que você possa imaginar. muito legal. pô é gente boa mas ela pega na internet↓ pega pega homem né↑ pega (mas faz assim) parece parece atéhh gay né nessas nessas nessas salas↓ que ela pega um um dia tá com um ((batida)) um dia tá com outro ((batida)) (sabe coita:da da menina) sei lá. é muito louco mesmo isso né↑
- 251 tais °é. e é gozado isso°=
- 252 zelio =e ela olha engraçado eu não conheço nenhum homem que: assim nenhum gay que que saia tanto assim como ela.((tais risos)) “(ué eu gosto) fazer o que”... >sei lá<. louca né mas...
- 253 tais é () eu conheci pessoas que fizeram pegação assim na... na internet.hh mas eu eu ia ficar tri grilada né, sei lá↓
- 254 zelio é perigoso né↑
- 255 tais é eu ia ficar meio na nóia↓
- 256 zelio ah é e sei lá [de repente... o problema é se
- 257 tais [(depois) teve um a um amigo meu que falou assim “o outro também tá pensando que eu posso ser [perigoso↓” ((risos)) né?
- 258 zelio [é é é. mas a gente tem um amigo que já- - não foi internet não. foi assim na rua né↓ na lapa que ele vai sempre lá naquele pagode na lapa aquela
- 259 tais hã hã
- 260 zelio aquela muvuca ali, que é até interessante né
- 261 tais que é interessante=
- 262 zelio =é=
- 263 tais =tem um um um barzinho que tinha um chorinho, delicioso
- 264 zelio tem ali o semente né↑ ali na esquina ali.
- 265 tais na esquina
- 266 zelio o ele já duas vezes—olha, o pedro também é outro também. cara super inteli- - aliás é uma das pessoas mais inteligentes que eu conheço.hh- pô faz tá fazendo mestrado e::m <literatura francesa> um cara muito legal gente boa também. mas... carente. então acaba

- se envolvendo numas situações[↑] ele já por duas vezes já... boa noite, cinderela[↑]
- 267 tais tomou boa noite cinderela.
- 268 zelio duas vezes. levaram pra casa dele ((batida)) roubaram ((batida)) a casa dele
- 269 tais ah eu tive um amigo (que foi um) [boa noite cinderela ()
- 270 zelio [() “pô deixa de pára de ser carente”=
- 271 tais =ele parou no hospital.
- 272 zelio é mesmo é[↓]
- 273 tais ...ele parou no hospital. e ele diz até hoje que não sabe como o cara botou botou droga no na bebida dele. que ele não saiu. ele deixou () “não acredito (roberto) que você”[↓]
- 274 zelio no copo, te jogam que você nem percebe. ()
- 275 tais “como que você?” “tais eu estava bebendo água de côco. eu não sei como o cara enfiou o troço lá.” (°eu falei “pôrra”°). e ele parou no hospital. boa noite cinderela é
- 276 zelio é é muita baixaria né[↑] então quer dizer é perigoso por isso você pode pode ser um assaltante né[↓] uma pessoa querendo te roubar.hh e não é só isso também hoje essa coisa de doença é tão complicado né[↑]
- 277 tais é. é também acho.
- 278 zelio é sei lá[↓] ah camisinha é uma camisinha mas é:: não ss- sei lá é arriscado. mesmo com a camisinha sem camisinha eu acho que é arriscado de qualquer jeito.... então é meio complicado.=
- 279 tais =e a gente também tá ficando (mais velho) ((meio rindo)) se (gente) tivesse vinte anos ((gargalhada))
- 280 zelio aaaaah pois é também né[↑] pois é. pois é.
- 281 tais que com vinte anos tudo acontece com o outro.
- 282 zelio é
- 283 tais ((risos)) [nunca é com a gente.
- 284 zelio [é é não pois é. eu estou falando... hoje né[↓]
- 285 tais porque eu vejo assim eu namorava assim pra caramba quando eu era garota. eu não tinha () e eu me separei há pouco tempo. eu me vejo assim às vezes- não consigo me imaginar... sabe assim no mesmo es- esquema de paquera de antes de eu ter me casado né[↓] eu não consigo imaginar (ainda por cima agora que--) naquela época eu tinha [vinte e pouquinhos
- 286 zelio [é é
- 287 tais [eu casei com vinte e quatro. vinte e três vinte e quatro por aí.
- 288 zelio [é é. e você hoje também tá muito mais [exige:nte (també:m)
- 289 tais [é:.
- 290 zelio (uma relação e tal) a não ser que >sei lá< ah se hoje eu me separasse como eu ficaria[↑] acho que a princípio, eu ia querer namorar um pouco. namorar namorar namorar.... quer dizer embora eu acho que no início meu eu não ia ser feliz ((batida)) (tá sabendo) eu não ia ser [com certeza
- 291 tais [não é a tua praia
- 292 zelio não ia ser feliz ((batida)). mas como seria uma coisa diferente[↑]=

- 293 tais =hã hã=
 294 zelio =acho que eu gostaria.hh entendeu↑e depois, com certeza ((batida)) ia querer me casar. ficar com alguém. assim mas ficar legal não é a:h paranóia ou então uma coisa que... de repente pensar que ah vai isso é pra durar- - não (quero que dure mesmo). pra sempre.
- 295 tais ...casar [(é pra sempre)
 296 zelio [casar mesmo (né). ma:s... eh sei lá é: que namorar também é bom também né↑ namorar é bom també:m. (né)
 297 tais namorar é bom. é eu eu gostei. gostei dos dois estados. ((risos))
 298 zelio é é é é. a:h não namorar é bom claro que é. de repente beijar uma- - perder um beijo aqui ((batida)). daqui a pouco daqui a pouco não vamos dizer ah um mês daqui um mês daqui a um mês você tá com outro namorado ou namorada, caramba eu já estou com outro. quer dizer eh durante um período deve ser interessante né↓ deve ser interessante. aí você começa depois sentir falta ()
- 299 tais (de ver vídeo) ((risos)) ()
 300 zelio é↑ é↑ de ver vídeo de viajar junto
 301 tais é.
 302 zelio sentar pra conversar né↓ a cumplicidade né↑ falta isso pra caramba.
 303 tais é verdade.... o que eu chamo borboletar você não
 304 zelio [é é é
 305 tais [você não constrói né↑ a intimidade né↓
 306 zelio ah nada né↑ não constrói. você de repente você começa sempre a a desco- vai sempre descobrir coisas assim né↑ (pô)... não é desse jeito não gosto assim queria que fôsse desse- de outra maneira e tal. e a gente vai ficando mais velho vai ficando mais exigente entendeu↓ [então eu acho
- 307 tais [é verdade.
 308 zelio cada vez vai ficando mais difícil você conseguir uma uma relação legal né↑
 309 tais é verdade é verdade.
 310 zelio porque no início você até vai embarca não dá certo tenta de novo. mas agora você se- pra ficar numa relação legal ((assobio)) mesmo... eu: eu ia ter que pensar mu::ito (bem). eu não ia não ia embarcar muito fácil não. ia ser meio complicado.
- 311 tais e me diz uma coisa e nessa coisa da identidade ((tosse)) a gente sempre... eh divide- claro que a gente sabe que as coisas não são estanques né↑ sempre divide. eh sexo biológico a orientação sexual que tá pautada num na atividade sexual preferida. e a questão da identidade de gênero.... pra você como é que é ? (quem que) você acha que tem uma identidade... gay... sua ou ou não é nada disso não não tem identidade de gênero ou é masculino ou é feminino ou é um contínuo [como é que é pra você
- 312 zelio [como eu me acho (se eu ah) que eu sou...
 313 tais assim identidade de gênero. como você se vê em identidade de gênero.

- 314 zelio não, eu sou gay. eu sou gay até politicamente e sou a coisa que: né↑ você ah eu sou sou eu sou:: eu me acho... eu sou homem- - não, eu sou homem claro. mas politicamente correto eu sou gay ((batida)) e: eu acho que todo gay tem que ser gay ((batida)) até pra poder fortalecer isso e tentar acabar um pouco com o preconceito. não sei se é isso que você tá querendo que eu [né↑ a pergunta
- 315 tais [não eu queria isso mesmo
- 316 zelio né↑ entendeu de tentar romp- fazer com as pessoas né↑ assumir isso de uma maneira legal não é se coloc- não é-- por exemplo muita gente acha que o gay é é: aquela bicha maluca que vai sair dando pra todo mundo comendo todo mundo ou ou agarrando: entendeu↓ o primeiro homem que vê na rua
- 317 tais [associa com
- 318 zelio [bicha maluca né bicha maluca
- 319 tais [associa com promiscuidade e (irresponsabilidade)
- 320 zelio [promiscuidade ou então aquela ou então aquela: aquela festa da banda de ipanema que é legal divertida entendeu↓ mas que o gay é aquilo é
- 321 tais hã hã
- 322 zelio é é carnaval fantasia. não. gay não é:: um modo- quer dizer é modo de vida né↓ modo de vida não, mas é uma opção sexual que tem que ser () tem que ser respeitada entendeu como qualquer outra e... e eu acho então que a gente tem que se colocar e e se fazer respeitado e assumir que é gay até porque as pessoas “tá vendo? olha”...não tem nada a ver entendeu↓ eh... não tem nada não é diferente de ninguém. é igual é igual a qualquer um. é uma opção sexual que vive igual a mim igual a qualquer outra pessoa, fica de galinhagem um dia com com os amigos, que eu já fiquei muitas vezes de galinhagem como te falei (em praia) de de brincadeira de de de farra e: como qualquer pessoa também que você pega os seus amigos e () nenhum é é isso entendeu↓ eu sou eu sou gay me assumo como gay ((duas batidas)) porque eu acho que a gente tem que assumir ((batida)) pra poder fortalecer isso e fazer com que isso.hh transforme um pouco né↓ essa opinião de: gueto (promíscuo)... é é (bo) são bolhas né↑
- 323 tais hã hã
- 324 zelio não tem nada muito:
- 325 tais (>é isso que eu acho<) e essa coisa do do você você já fez parte de algum grupo?
- 326 zelio não
- 327 tais de...
- 328 zelio não
- 329 tais de militância (qualquer)?
- 330 zelio não não. só do pt.
- 331 tais hum hum.
- 332 zelio eu fiz parte assim >quer dizer< não a militância gay dentro do pt. mas única única militância ((batida)) que eu fiz até hoje foi partidário.
- 333 tais hã hã. campanha política↑

- 334 zelio campanha política... desde desde a fundação do do do meu partido.
 335 tais é mesmo? desde a fundação?
 336 zelio é. desde mil novecentos e oitenta. mil novecentos e oitenta né↑
 oitenta? é.
 337 tais [() um pouco mais tarde.
 338 zelio [é. desde essa época na faculdade... fazia faculdade... já já ia pra rua já:... pra trabalhar né↑ ajudar a divulgar o partido↓... e sempre foi isso ((tosse)) época de campanha boca de u:rna... entendeu de, daquilo de você conversar com as pess- fazer política com um com outro de conversar explicar aquela coisa, as pessoas acham que é chato fazer com um com outro. isso (sim foi minha militância sempre foi por aí). partidária.
 339 tais e a história do do casamento né↓ que que é claro que a gente sabe que o nome que dão até pra poder
 340 zelio ah o da un- da união civil=
 341 tais =da união civil=
 342 zelio =eu acho eu acho que é super importante.... não é um casamento tipo assim religioso [que eu acho isso uma bobagem.
 343 tais [é é é (porque eu acho bobagem)=
 344 zelio =eu acho bobagem como entendeu↑ uma cerimônia dessa eu acho uma bobagem um casal hetero pro gay então você... né↑... agora você de repente fazer uma festa pra comemorar como a gente faz, a gente comemora aniversário de casamento chama os amigos todos. junta um monte de gente↓ ah isso eu acho legal entendeu↑ você comemorar isso. e- - mas a união civil eh eh... isso eu acho muito importante (porquanto) pô () eh que que a gente faz? a gente tá construindo tudo junto↓ a nossa casa construída com a minha grana e com a dele o que a gente o investimento que a gente tá querendo fazer pro futuro aí e tal.hh pô a gente constrói tudo junto de repente eu morro... eh pôxa minha família vai vai querer ficar com a minha parte? uma coisa que a gente construiu junto? então não. eu acho que isso tem que ser logo... né↑ ver se essa lei consegue passar logo pra poder dar um pouco de segurança na relação do né↑ homossexual.
 345 tais é. porque isso é: eu [tava falando (com o lauro né)
 346 zelio [a gente a a coisa que mais preocupa a gente é isso.
 347 tais é porque isso é uma coisa que deixa (fragilizado) eu () eu sempre me lembro que eu fiquei muito chocada quando morreu o filho do do [jorginho guinle
 348 zelio [jorginho guinle é
 349 tais que a mãe dele louca=
 350 zelio =tirou tudo
 351 tais é quando-- não só a parte do dinheiro, mas quando ele ficou perdeu a consciência já tava terminal, o o marido dele não podia ficar com ele=
 352 zelio =não podia=
 353 tais =porque legalmente ele não tinha poder legal=
 354 zelio =é. é.=
 355 tais =ela que tinha o direito de [cuidar

- 356 zelio [é
 357 tais dos últimos (dias). o cara vive vinte anos com alguém depois na hora agá quando a pessoa tá morrendo você não pôde se [despedir↑
- 358 zelio [é.
 359 tais [porque não tem instrumento legal (de leis) de proteção↓
 360 zelio [(...) é. eu tin- eu tenho um amigo que ele vivia junto com outro companheiro dele... por um momento de malu- de loucura lá que... o cara tinha uma vida super legal, mas o-- (uma loucura) e se jogou (assim) do prédio. aí morreu. o companheiro que vivia lá no no apartamento-- a mãe- - o apartamento tava em nome do outro↓ no dia seguinte a mãe botou o camarada pra fora. e ele como tava muito fragilizado muito (ele disse) “eu não quero brigar por nada disso. eu não quero brigar por nada. eu quero sair daqui.” aí no dia seguinte saiu de lá da do apartamento. ela botou ele pra fora↓
- 361 tais ()
 362 zelio (viviam um tempo) pôxa↓ viviam um tempo juntos lá. o apartamento tava no nome de outro, mas viviam juntos... >quer dizer<
- 363 tais [é () é não
 364 zelio [não tem nenhum direito né↑ legalmente né↑... então tem que sairhh sair essa lei logo pra poder dar um pouco mais de tranquilidade.hh na relação né↑ na na na na- você constrói junto com seu companheiro.
- 365 tais é.
 366 zelio eu tenho muito- - a coisa que mais me preocupa aqui hoje sabia. que mais me preocupa de repente ficar pensando o que que a gente pode fazer↓ faz um testamento... [(não sei que)...pode ser ()
- 367 tais [mas testamento eu tava comentando com o lauro a não ser que mudou mas antigamente, testamento você não podia dispor de mais de vinte e cinco por cento do seu ()
- 368 zelio pois é
 369 tais setenta e cinco por cento tem que ir para os seus [herdeiros.
 370 zelio [(pois é) então de qualquer maneira sabe o que a gente começou a fazer↑ estamos botando tudo cinqüenta por cento tudo nosso é metade. cinqüenta por cento de um cinqüenta por cento do outro. que mal ou bem os cinqüenta por cento já já já já já=
 371 tais =já tá resolvido.
 372 zelio já tá resolvido entendeu↓ e os outro cinqüenta a gente tenta ver se faz sei lá↑=
 373 tais =dá mais argumentação jurídica também.=
 374 zelio =jurídica també:m↑=
 375 tais =porque porque apresenta [um padrão né
 376 zelio [os amigos todos claro claro. conta em conjunto, isso tem tudo junto. agora.hh é o tipo de coisa que não [precisava ficar brigando na justiça entendeu↓
 377 tais [não precisava é é ()

- 378 zelio não tem que se brigar na justiça por isso. é um direito do seu companheiro pô que... conviveu contigo anos aí dividiu a vida dividiu a- entendeu de repente: né↑ você vê tá sua casa invadida... >sei lá< é isso é uma coisa que preocupa que me preocupa muito.
- 379 tais esse esse lado da... da... discriminação é é cruel porque fica parecendo que é uma maluquice né↑ =
- 380 zelio =é.=
- 381 tais =quando apresentaram a proposta dizendo “ah daqui a pouco [nós hetero é que vamos virar minoria” ((risos)) [é é.
- 382 zelio (que parece) é ((risos)) um total... delírio.
- 383 tais é é.
- 384 zelio é é.
- 385 tais porque um porque um um alguém passa a ter o direito que você tem você vai passar a não ter só porque o outro teve↓
- 386 zelio pois é. (entendeu↑)
- 387 tais [é.essa era a desculpa do branco pra libertar o negro também ((risos)) né aí
- 388 zelio [é é é é é é.
- 389 tais né aí (bom) “quem vai quem vai trabalhar?” ((risos))
- 390 zelio pois é. [(que não é né?)
- 391 tais [tem ...tem tem essa história né↑ e e... como que você vê essa essa... você vê esses movimentos, você acha que tá para:do você acha que tá andando... esses movimentos eh por direitos mesmo legais?
- 392 zelio é eu acho que tá tá andando né↑ eu acho que tá andando sim. eh de vez em quando eu leio na internet algumas coisas que... tão fazendo isso tão fazendo aquilo. você vê no mundo aí o que tá acontecendo né↓ alguns países já estão estão legalizando né=
- 393 tais =na holanda tem=
- 394 zelio =holanda e: tem tem (acho que) alguns estados dos estados unidos estados unidos=
- 395 tais =o havaí
- 396 zelio o havaí também né↓
- 397 tais ah é. mas não tem não tem... não tem validade... eh federal. só estadual.
- 398 zelio [só estadual
- 399 tais [só no (condado)
- 400 zelio ah é então quer dizer alguns paí:ses aí já tão- - a suécia também não é isso? a suécia?
- 401 tais (sabe que eu não sei)
- 402 zelio eu acho que tem também- - (alguns não) tem alguns países aí que é [()
- 403 tais [() que tem eh um registro... eh de união estável eh a holanda é é casamento mesmo nos moldes casamento civil, mas nos moldes eh clássicos de casamento.
- 404 zelio clássicos mesmo.

- 405 tais só que que eh mudou a redação pra... °>como é que é?<°
casamento entre duas pessoas e aí na hora que você define [o que
são pessoas ()
- 406 zelio [(o que são pessoas.) é
tão interessante >quer dizer< casamento união civil.
- 407 tais é↑
- 408 zelio entendeu↑ é uma coisa só pra te dar direito- - (nêgo) pensa logo
que é e:h sacanagem não sei que. não↑ é só pra dar direito ao
companheiro de né de ter direito ao que construíram [junto↑
- 409 tais [é. porque é acho que pensão já tem
direito.
- 410 zelio pensão e eu acho que já [()
- 411 tais [é complicado mas [já tem
- 412 zelio [é é..hh eu tentei no meu
plano de
saúde↑ e:h colocar lauro. fui lá levei toda documentação que
poderia ajuda:r, do tipo assim conta conjun:ta muito te:mppo, ah o
apartamento, o outro apartamento que a gente vivia era em nome
dele, mas eu tinha várias contas no meu nome (apartame:nto) e:
levei um monte de coisa. mas aí eles falaram que eu teria que entrar
na justiça e conseguir alguma coisa através de liminar.
- 413 tais hã hã
- 414 zelio entendeu↓ aí deu vontade de fazer só pra pode:r criar... entendeu↓
ma:is um mecanismo pra dar pra dar força né ao movimento. mas aí
acabe:i falta de tempo acabei não batalhando por isso mas também,
tinha o plano de saúde também dele, mas eu queria incluir no meu
porque o meu é do zzz então de repente você pode colocar um
companheiro companheira
- 415 tais (companheiro) é.
- 416 zelio e: até (pensei assim) “pôxa vou entrar nessa”. de repente até faço.
parece que tinha, existia um caso no rio grande do sul. a menina me
falou lá. um caso no rio grande do sul de uma liminar. que:
- 417 tais eu acho que deve porque e:h
- 418 zelio isso já tem um ano mais ou menos já deve ter de repente até mais
algum cas- mais alguns casos né↓
- 419 tais é e e tem e como tem a questão da pensão... né que já por inss
[quer dizer
- 420 zelio [é é
- 421 tais já faz todo um sentido.=
- 422 zelio =é é.
- 423 tais faz todo sentido.
- 424 zelio é é. isso acaba fortalecendo né↓ pôxa se tão dando o direito já tem
alguma jurisprudência em alguns casos. eles são fortalecidos
[com certeza
- 425 tais [é é verdade=
- 426 zelio =(agora) o problema.hh o problema que eu acho são esses
deputados lá da- - protestantes lá também (que ficam criando
dificuldade [pra gente lá)
- 427 tais [gente você viu o último da você viu

a notícia- - esqueci até te perguntar pro luiz se ele tinha visto. você viu saiu- - tem uns dez dias talvez talvez um pouquinho mais eh esse louco desse um desses caras da alerj um desses... eh assembleia de deus sei lá da vida, que querendo colocar na na... na pauta lá que o governo teria o governo estadual teria passaria a ter obrigação de contribuir eh pra kombis ou instituições religiosas ((zelio ish)) que estivessem fazendo trabalho pa- eh com homossexuais que <quisessem deixar de ser homossexuais>. ((zelio tsc tsc tsc tsc tsc tsc)) (como se fôsse) um trabalho de redenção ((risos))

- 428 zelio () e é uma doença né↑
 429 tais e o cara querendo botar isso pra votação.... por isso que você falou [que o minc é o meu herói ((risos))
 430 zelio [() quem é quem é esse cara hein↓ °meu deus°.
 431 tais ai saiu o nome dele no jornal e eu guardei ah... eu [guardei pô.
 432 zelio [aquí na câmara estadual aqui? aqui no rio?=
 433 tais =aquí, [do rio de janeiro.=
 434 zelio [é?... [e o carlos minc deve ter fica-
 435 tais [(e tanto) que o minc... instantâneamente [pulou
 na
 436 zelio [ele
 deve ter fica:do:
 437 tais pulou na- - o minc- - eu eu engraçado. eu nunca fui especificamente de nenhum partido. a única coisa que eu sempre fiz a minha vida inteira foi votar no minc.
 438 zelio é mesmo↑=
 439 tais =porque =
 440 zelio =mas ele é muito legal. [muito legal
 441 tais [todas as vezes que eu vejo alguém vir com uma coisa alucinada ele chega ele ele não contemporiza. ele diz o seguin- “isto é alucinado”. ((meio rindo)) “como gastar dinheiro em homo- para pra transformar homosex- eh homossexual em heterossexual? (pô) primeiro. quem disse que é isso que é assim? isso aí é medicalizar de novo uma coisa que a própria organização=
 442 zelio =pois é =
 443 tais =mundial da saúde desmedicalizou” né↓ e aí ele aí falou isso [()
 444 zelio [(mas aí é
 um bando
 de safados) né [()
 445 tais [você não chegou a ver↓=
 446 zelio =não não cheguei a ver não....
 447 tais [nossa senhora.
 448 zelio [não cheguei a ver não. isso é- - °deus me livre° é uma coisa tão absurda que não dá nem pra você... pensar que se- - “meu deus do céu como é que alguém pensa dessa maneira ainda né↑” que... que pode se tratar um homossexual [(como um doente)
 449 tais [(o homossexual não precisa se tratar né)
 450 zelio ou então com um psicólogo né pra poder consertar o desvio:...
 451 tais é.

- 452 zelio que... ((tosse)) sei lá é meio complicahhdo (tudo) isso.
- 453 tais bom a a °como é que se diz? eh° conselho regional de psicologia é. é proibido né, pelo estatuto é proibido você... fazer (com) psicologia eh com fins de de alteração de orientação sexual.
- 454 zelio é mesmo é?
- 455 tais é.=
- 456 zelio =pô legal né =
- 457 tais =e foi eles lançaram como um estatuto. eu não sabia disso [fiquei sabendo
- 458 zelio [legal né
- 459 tais porque antes de começar as entrevistas eu eu fui pesquisar né↑
- 460 zelio é.
- 461 tais até porque não é meu universo. eu não sou nem homem nem gay. =
- 462 zelio =é=.
- 463 tais =então eu tive que pesquisar ler e [(pra conhecer direito)
- 464 zelio [esse seu trabalho esse seu trabalho é só com gays
- [homens
- 465 tais [masculinos. ((zelio °ah°))... porque eu fiz um mestrado com masculinidade. então... esse lastro do que deve ter sido a infância em termos de de ideais e expectativas isso eu tinha estudado o homem. mas eu eu não fiz construção de de de [identidade feminina
- 466 zelio [agora é agora é engraçado. isso não é é uma coisa que você- - mesmo eu quando era criança eu tinha: e:h e:h minhas namoradinhas eu sempre soube eu percebia que eu sentia uma atração diferente. se bem que eu acho que não dá nem pra comparar porque criança sente atração por tudo né↓=
- 467 tais =hum hum =
- 468 zelio =acho que é a descoberta↓ não dá nem pra dizer que que isso poderia-- isso já eu já tinha definido isso quando era criança não. que eu que eu gostava de homem (lá) de- - mas... mas estranho eu sentia. eu: achava bonito homem assim bonito... (engraçado mesmo)↓ eu sentia uma- - um meus col- eu tinha algum colega que você eles eh né↑ eu ia- - aquele- - quando eu- - aquele colega- - eu tinha um amigo, gostava assim ó (eu não não) ((tais tosse)) uma escola, coisa e outra..... eh aquele o certo amigo ali sempre tinha uma relação mais... mais afeti:va entendeu↑ [isso
- 469 tais [hum hum
- 470 zelio >é claro< não rolava nada.. mas... sempre eu achava eu gostava ma:is↓ agora não sei se isso aí de repente é é porque toda criança... não tem maldade né↓ ou de repente é aberta a tudo né↑
- 471 tais é.
- 472 zelio ou se de repente já era minha minha sexualidade né↓ que já
- 473 tais que tava... [se manifestando de alguma maneira
- 474 zelio [já já...já... é é é... () muito estranho (isso).... ((tsc)) mas é isso.
- 475 tais deixa eu te perguntar mais uma coisa (eh) você falou ((fim da fita)) que você que você se (considerou) muito cedo né?

476 zelio é é. mas eu tive (uns) eu tive algumas namoradas assim na adolescência... na juventude... entendeu↓ até - depois de lauro eu tive foi- - quando a gente se separou uma dessas separações, eu tive um caso com uma mulher. entendeu↓ mas foi assim foi uma transa assim só. depois não tive mais nada. só mesmo na ((interrupção da fita))

7.4 Mauro

- 1 tais idade
- 2 mauro vinte e sete
- 3 tais escolaridade↑
- 4 mauro eu sou formado em terceiro grau completo né↓ grau superior↓ como queira↓ sou psicólogo. sou bacharel em psicologia.
- 5 tais e: você tá trabalhando como psicólogo↓
- 6 mauro ai essa isso é meio complicado porque eu trabalho na ong↓ e na ong existem vários projetos↓ e eu trabalho em vários projetos. um desses projetos eu trabalho como psicólogo. e eu poderia dizer que eu trabalho como psicólogo né↓ porque na verdade nem é um trabalho de psicólogo, qualquer mas qualquer pessoa da área de humanas poderia estar fazendo, não um psicólogo↓ mas eu classifico como um trabalho de psicólogo.
- 7 tais tá.(que aí acaba sempre eh) jogando com o teu conhecimento (né)↑
- 8 mauro isso. eu e na área social e eu psicólogo na área social, que é a área que eu gosto de trabalhar, ele: ele faz tudo né↓ trabalha com produção ele: carrega lá o que tem pra sabe material pra levar pro pra sala de aula↓ ele ele: organiza ele contra:ta eu faço tudo isso sabe↓ eu faço entrevista também eu dou aula eh eu faço tudo entendeu↓
- 9 tais você trabalha com psicologia social. maneiro
- 10 mauro [é
- 11 tais [manei[ro
- 12 mauro [é o que eu gosto de fazer é a parte da psicologia que me interessa.
- 13 tais é. e de nove entre dez coisas que eu leio pro eh até pra esse trabalho é de psicologia é de psicologia social ()
- 14 mauro é. eu trabalho eu trabalho com psicologia social só que eu odeio a teoria social. eu acho ela completamente esburacada assim completamente:... não dá base↓ nenhuma sabe↑ enfim eu não gosto. eu gosto de como-- se eu for utilizar alguma coisa teórica eu utilizo a psicanálise né↓ que eu que eu mais gosto, mas prática tem mais ()
- 15 tais
- 16 mauro mas dá pra eu associar né a prática social com a psicanálise. é complicado mas enfim estou (contando pra ver)
- 17 tais eh você tem religião
- 18 mauro acho que todos os temas que você tocar aqui (riso) vão ser temas complexos pra mim porque religião é é uma coisa que é um um significativo importante da minha vida. que eu venho de uma família evangélica ortodoxa assim gerações e gerações de ortodoxos.
- 19 tais é mesmo?
- 20 mauro é complicadíssimo↓ minha mãe evangélica meu pai também sabe↓ então é complicado↓ só que eu não... não tenho religião. só que: algumas coisas são introjetadas né↓ quando você é pequenininho que fica difícil né↓ (até a própria)-- quando eu tiver falando aí

sobre a questão da homossexualidade isso vai entrar também porque tá o tempo inteiro lá martelando entendeu↓ a coisa fica ali. sabe↓ a coisa tá eh é não tem como né↓ porque eu acho que quando eu comecei a me dar conta das sabe↓ de de tudo que eu tava deixando de viver sabe↓ de (quan)- de tudo que eu... sei lá, que eu me permitia fazer, mas quando eu comecei a me dar conta de que isso não era meu entendeu↓ foi quando eu comecei a me afastar. sabe↓ porque eu fiz parte de grupo de jovens do: do coro e não sei que. apesar de nunca entendeu assim nunca soube cantar. ((tais risos)) ((risos)) mas fazia parte porque era uma coisa meio eh... meio eh... (tradiç-) tradição mesmo né↓ o jovem quando chegava aos treze quatorze anos ele entrava pro grupo↓ enfim aí aos treze anos foi quando eu saí. nunca mais voltei pra igreja↑

- 21 tais essa igreja evangélica que você falou é qual delas?
 22 mauro é assembléia de deus.
 23 tais assembléia (de deus).
 24 mauro assembléia de deus. desde meus avós assim bisavós sei lá↓ todo mundo é dessa igreja.
 25 tais hã hã. e irmão? você tem irmãos, mauro?
 26 mauro tenho irmãos. tenho irmão o que, homens?
 27 tais homens e mulheres
 28 mauro homens e mulheres. eh minha mãe meu pai eh comigo são cinco filhos. só que meu pai meu pai tem setenta e cinco anos↓ meu pai teve uma outra família antes e ele tem mais cinco filhos↓ então eu tenho hum
 29 tais cacilda becker ((risos))
 30 mauro é. vários irmãos. ((risos))
 31 tais e você tem contato com esses irmãos?
 32 mauro eu tenho mais contato com os meus irmãos eh filhos da minha mãe. entendeu↓ só que eu tenho contato também-- aliás esse é o momento de retomada de de (rela-) relação com esses outros irmãos entendeu↓ então é alguma coisa assim que eu tô construindo agora↓ eh tem mais três irmãs e mais dois irmãos homens e assim com as mulheres né, eu tenho uma relação ótima né↓ com os homens eu não tenho nenhuma. entende↑ mas
 33 tais eles devem ser da minha faixa etária
 34 mauro sim, mais velhos até né
 35 tais é porque o-- se o meu pai-- o teu pai tem setenta e cinco o meu pai tem setenta e cinco cinco (é né)
 36 mauro é, mas você tem que idade?
 37 tais quarenta e cinco.
 38 mauro então, eu tenho uma irmã que tem quase cinqüenta anos.
 39 tais caramba
 40 mauro é, enfim, é é aquela coisa assim↓ o contato que eu tive com eles quando era mais novo era uma coisa bem distante né↓ era era uma outra realidade também né↓ não era não era da mesma mãe então eh era aquela coisa distante mas ao mesmo tempo uma coisa paternal sabe↓ eh foi meio estranho (ali).
 41 tais mas a a a primeira mulher do seu pai é viva ou↑

- 42 mauro não, não é. não é.
- 43 tais ele já tava viúvo quando casou com a sua mãe?
- 44 mauro não, não tava.
- 45 tais tava separado↓
- 46 mauro tava. é. e esse é um assunto bem bem-- mais um dos assuntos complexos porque eu estou trabalhando isso na minha análise ((risos)) agora. assim essa coisa familiar essa coisa de origem e tal (enfim).
- 47 tais e você é o mais novo
- 48 mauro sou não, eu tenho duas irmãs mais novas do que eu.
- 49 tais dos homens dos
- 50 mauro dos homens sou eu.
- 51 tais dos homens você é o mais novo
- 52 mauro sou o mais novo.
- 53 tais (mas tem mais duas novinhas)
- 54 mauro isso.
- 55 tais hã hã. agora então vou fazer a a questão da pergunta gatilho↓ ((risos)) que que é ser gay pra você?
- 56 mauro olha só, você... eh que que é ser gay pra mim? deixa eu ver se eu já pensei sobre isso. ((risos)) ((tais risos)) eu acho que nada mais é do que o sujeito que faz uma escolha sabe↓ eu vou eu vou é usar teoria mesmo agora porque eu acredito piamente sabe↓ eu acho que é o sujeito que faz uma escolha de objeto que... de de objeto igual né do objeto homem né no caso de homosexual masculino, no caso mulher uma mulher também↓ eu acho que a diferença é essa. que que é ser gay? (assim) não sei, acho que uma pessoa que faz uma escolha.
- 57 tais então tá vinculado pra você tá vinculado mesmo a comportamento sexual↑
- 58 mauro é, tá. tá.
- 59 tais na escolha de de
- 60 mauro é essa escolha. é escolha de objeto sabe↓ acho que comportamento já é uma coisa que vai além disso.
- 61 tais hã hã
- 62 mauro entendeu↑ eu acho que é o que é o desenrolar disso aí. né↑ mas ser gay ser gay pra mim é (simplif-) porque pra mim não é uma ah (você) sabe↓ classificação essa rotulação sabe↓ é é é pra mim é meio nebulosa assim sabe↓ eu eu... enfim, eu eu não vejo-- não me sinto diferente das outras pessoas sabe↓
- 63 tais hã hã
- 64 mauro tipo eu fiz-- é só uma escolha entendeu↓ porque se você for lá ver no dia a dia é tudo igual, tudo a mesma merda, os mesmos problemas.
- 65 tais tudo a mesma merda
- 66 mauro tudo a mesma coisa então acho-- pra mim... é é isso. sabe↑ agora eh (comporta-) quando você entra na questão do comportamento aí sim aí tem outras coisas sabe↓ sei lá. aí também não dá pra transmitir pra te dar uma definição↓ eu acho que se eu posso falar é de como é como é eh o mauro ser gay

- 67 tais é
- 68 mauro entendeu?
- 69 tais é por aí mesmo.
- 70 mauro pôxa é complicado. sei lá. hum eh cara eh eu gosto muito de homens sabe↓ ((risos)) ((tais risos)) então acho que
- 71 tais não, concordo. acho homem o máximo. ((risos))
- 72 mauro ((risos)) não vamos entrar nisso porque senão daqui a pouco eu vou estar falando de outras coisas que não tem nada a ver. ((tais risos)) eh... deixa eu pensar... eh tudo tudo foi tão-- eu acho que eu não questionei as coisas. eu acho que eu estou fazendo assim essa esse resgate agora sabe↓ porque foi (tu-) tudo tão natural sabe↓ que foi acontecendo na minha vida acho que fica mais legal eu falar do de como foi né↑ porque aí eu não preciso pegar um conceito alguma coisa
- 73 tais é, não, não, (é).
- 74 mauro né? eh... assim eu vim de uma família evangélica e tal em que-- e que em determinado momento esse desejo começa a (apa-) aparecer né↓ aí que começa a ser... a ser... a ser claro pra mim.
- 75 tais você era pequeno ainda
- 76 mauro não, eu não era pequeno. eu já tinha já quinze anos de idade quando eu quando eh... isso ficou claro pra mim né↓ porque... acho que antes disso eu tinha pensado sabe aquela coisa aquele pensamento que você sabe↑ “quem eu sou?” que isso sabe↑
- 77 tais hã hã
- 78 mauro e você tenta de certa forma excluir da sua da sua consciência, mas é foda né↑ porque não não vai embora né fica ali. fica ali né↓ e aí em determinado momento acho que com uns quinze anos de idade eu fiquei com um cara do meu trabalho↓ eu fazia um estágio-- na verdade que era um estágio-- eh eu tava na secretaria de trabalho né↓ que eu desde pequeno sempre sempre quis trabalha:r ser independente e tal, eu até acho que é por essas coisas mais inconscientes sabe, até porque acho que minha família não aceitari:a minha forma de de de vida sei lá minhas escolhas↓ aí resolvi ser independente muito cedo e:... no trabalho tinha um cara que eu achava lindo maravilhoso mas eu olhava pra ele e não sabia o que que me atraía naquele cara↓ eu queria ver eu queria estar perto dele sabe↓ era um cara que era que trabalhava no almoxarifado. eh... e: aí esse cara começou a olhar pra mim também. ele-- e eu achava estranho aquilo e um dia eu fui-- eu eu inventava sempre um motivo pra pra ir no almoxarifado. era buscar era fazer uma requisição de material
- 79 tais hã hã
- 80 mauro aí fui no dia e no dia que eu cheguei ele pegou e trancou a porta. assim. trancou a porta. e ele se aproximou de mim e veio e me deu um beijo assim sim sem nada sabe↓ eu abri a porta e fui embora sabe↓ desesperado. fui embora pra minha casa↓ assim. cheguei eu lembro que eu cheguei em casa eu me lavava. sabe↑ como me lavava. que nojo. que coisa horrorosa isso. e aí eu fiquei uns dois dois anos sem sem querer estar com nenhum outro homem. só que

tava ali né↓ aquele dese:jo e tal e eu querendo lutar contra aquilo↓ e eu cheguei ao ponto de eh não ir à praia porque eu ia à praia e achava os homens de sunga sabe↓ ficava de pau duro porque via um homem de sunga sabe↓ aí eu deixei de ir à praia. só que aí no meio da rua tinha um problema porque eu olhava pros homens e não olhava pras mulheres. eu falei “bom tá acontecendo alguma coisa né↓” e aí eu resolvi que na rua eu ia andar de cabeça baixa pra poder não ver ((risos)) e aí eh... e: aí fui ficando com meninhas e tal só que nada muito: muito: sério sabe↓ não tinha a menor vontade de ficar com meninas só ficava porque era uma cobrança (pra mim) >me sentia cobrado< e era uma cobrança que eu que fazia né↓ eh... aí eu fiquei aí quando eu tinha dezenove anos eu fiquei com um cara aí era meu namoradinho assim. fiquei duas semanas com esse cara. e ele: eh e ele: (huum) depois de duas semanas eu descobri que esse cara era casado. aí foi minha primeira decepção e tal. com vinte anos de idade eu conheci um cara que eu fui apaixonado que era: que foi meu primeiro namorado porque na verdade eu só tive dois namorados que foi esse e o beto agora. eh... que foi até quando minha minha família descobriu. que foi quando a minha mãe ficou sabendo eh que eu era homossexual. e aí me apaixonei por um cara um um um chileno sueco ()

81 tais
82 mauro

chileno sueco
é. um chileno que que eh aos quatro anos de idade foi pra suécia assim na na ditadura do pinochet o pai era ativista político e foi parar na suécia. se esconderam na embaixada e tal. aí esse cara tava no brasil porque é um cara que era vidrado em carnaval e tal. a gente se encontrou num restaura:nte e foi uma coisa meio estra:nha e tal. tava com uma galera da faculda:de a galera saiu, eu voltei, >fui embora< eu voltei e aí a gente começou a conversa:r >eu descobri que ele não era brasileiro< enfim. fiquei uma noite com ele e eh a gente saiu, saiu pra beber e tal, e foi parar num-- >nunca tinha entrado numa boate gay< fui parar no les boys >que eu sempre passava e via aquilo “um dia eu vou entrar aí”. ((tais risos)) aí aproveitei esse dia e levei ele. aí a gente ficou e tal. e aí... eh eh transou nesse dia e aí ele foi embora no dia seguinte que ele tinha que ir embora. aí fiquei apaixonado por esse cara. eh... e aí ele volto:u, a gente se caso:u e tal. é uma história complicada assim que eu vivi com ele.

83 tais
84 mauro
85 tais
86 mauro

ah você chegou a morar com ele
é mas antes disso aconteceram várias coisas assim. você acha interessante que eu conte?
acho. super interessante.
acha? enfim, essa é a história mais louca que eu já vivi na minha vida porque o-- eu conheci o roberto e ele foi embora. na época ele tinha qur ir embora a passagem dele tava comprada e tal. e aí ele pediu pra que quando eu escrevesse pra ele, eu eu dar um jeito de não mostrar que que é um homem que tava escrevendo porque na família dele tava meio complica:da que já tavam desconfiando. eu colocava a minha inicial né do nome, o meu sobrenome e aparecia um nome de mulher. tipo eh aí fiquei mandando as cartas e tal. isso

depois da minha décima carta sei lá↓ eh... ele mandou uma carta dizendo que não sabia o que estava acontecendo que ele só tinha recebido a primeira carta. e eu tava mandando dez e ele falou que ele poderia-- ele falou “olha, eu acho que tá acontecendo alguma coisa aí. de repente alguém tá escondendo essas cartas.” só que eu já não morava com meus pais eu morava com a minha irmã né↓

87 tais
88 mauro

hã hã
eu morava com a minha irmã já. tá. (até acabei não) falando isso. eu morava com a minha irmã. e aí eu falei “bom tá acontecendo alguma coisa estranha. de repente eu são os correios sei lá.” aí mandei uma carta pra ele com meu telefone >porque eu não tinha dado meu telefone pra ele<. aí deu uma semana né, que é a duração de uma carta, né, o tempo o tempo né↑ de

89 tais
90 mauro

de chegar
de chegada da carta é uma semana. aí deu uma semana, ligou lá pra casa da minha mãe uma: uma: mulher uma: chilena. minha irmã até falou assim “olha, ligou uma argentina pra você ((tais risos)) e ela falou que vai ligar daqui a duas horas e tal.” aí eu fiquei em casa e falei “bom, o roberto deve estar”-- ela falou que o nome era roberta eu falei “bom, o roberto deve ter pedido pra uma amiga ligar né↑ porque ele não sabe qual é a situação da minha casa↓ então ele ele pediu pra essa amiga ligar.” enfim aí quando eu eu fui pra casa todo feliz né↓ porque aquele cara que eu tava apaixonado e tal estar me ligando↑ aí quando eu atendi o telefone ela falou “olha, quem tá falando aqui é nadine eh eu so:u mulher do roberto. nós somos casados há cinco anos nós temos uma filha e eu eu descobri pela sua carta-- eu tenho recebido toda essas cartas o tempo todo-- eu estou segurando as cartas. roberto não sabe entendeu↑ e eu gostaria que você eh hum não escrevesse mais pro roberto que você esquecesse o roberto.” aí eu aquele choque né↓ que eu tomei um choque sinistro. eu fiquei muito muito preocupado assim↓ eu falei “caramba né↑ o cara que eu estou apaixonado. como é que eu vou abrir mão desse cara assim? e e como esse cara mentiu pra mim também né?”

91 tais
92 mauro

é
(aí dá) aquele misto de-- “caramba eu não vou mais ver esse cara↑” e “ele foi um filho da puta comigo.” aí que que eu fiz? eh aí eu falei pra ela “olha, então você vai me dar um tempo que eu acho que eu deveria falar com ele antes da gente se separar porque eu também não acho certo ficar com um cara casado.” aí ela “não, você não pode falar com ele, ele não pode saber que eu falei com você porque senão ele vai ficar puto comigo e a gente não vai retomar o nosso casamento.” aí eu falei assim “bom mas você tá preocupada com você e eu?” só que a gente ficou nessa história dois meses falando no telefone. eu e ela. conversando sobre o melhor momento↓ e aí a gente já chegou num ponto que a filha dele tava no chile e ela estava só esperando a filha voltar porque ela achava que a filha eh retornando retornando do chile o relacionamento deles ia engatar outra vez (não sei que). ia engatar de novo e aí a

- gente já tava ficando amigo, eu e ela no telefone. a gente se falava três vezes na semana↓ ih a gente tava emagrecendo juntos os dois. a gente tava ficando super mal. ((tais risos)) porque
- 93 tais ((risos)) [que viagem
- 94 mauro [sabe↑ foi uma viagem louca né... e assim e a gente já tava já falando de outras coisas já. ela já ligava pra mim pra já falar de outras coisas. ((tais risos)) que não o roberto. ((risos)) ((tais risos)) aí um belo dia eles tavam-- depois de uns três meses eles começaram a discutir, ela contou que: escondia as cartas e que o irmão dele pegava as cartas quando chegava, ele ficava espera:ndo e pegava a carta e passava pra ela só que o irmão dele não abria. o irmão dele achava que era uma mulher por causa da inicial da inicial
- 95 tais
- 96 mauro então o irmão ficava bolado com isso. “como que o meu irmão tá tendo um caso?” sabe↑ e aí passava pra ela. aí as cartas estavam na casa de uma amiga, dois andares abaixo que sabia de toda história inclusive sabia que eu existia↓ e tal. ela já sabia como eu era-- (como eu) tinha mandado carta com foto-- já tinha mandado↓ então ela sabia da minha vida toda né↓ sabia que eu e roberto a gente fez na cama porque eu fala:va sabe↑
- 97 tais [gente que loucura
- 98 mauro [nas cartas. ela sabia de tudo enfim... eh... e aí que o roberto descobriu um dia eles tiveram uma briga horrorosa e aí... e aí ele ele pediu pra ela pegar as cartas↓ ele pegou as cartas↓ leu todas as cartas↓ aí me ligou aí me ligou e disse que tava vindo pro brasil tipo na quando (ah) ele encontrasse passagem... assim mais mais próxima mais rápido. aí ele veio realmente ele veio. a gente ficou junto a gente ficou casado um ano e três meses eh enquanto isso enquanto isso eh eu mantive minha amizade com ela. a gente ficou realmente amigos. ((palavra anterior meio rindo)) eh a gente eh eu e roberto depois de um ano e três meses a gente terminou porque ele ficava viajando i:ndo e volta:ndo. e uma vez ele ficou sete meses fora eu não tava mais agüentando aquilo sabe↓ era apaixonado por ele mas eu cara, eu precisava ficar com alguém [sabe↓
- 99 tais [é
- 100 mauro tinha vontade de ficar com alguém. e aí eu acabei ficando com um cara acabei me apaixonando por esse cara. e aí eh e aí fiquei com esse cara e terminei com ele assim. ela inclusive sabia antes dele que eu ia terminar com ele porque a gente tava tão amigo que-- ((tais gargalhadas)) ((risos)) e aí ela veio tipo um ano depois que eu e ele a gente tinha terminado eh... a gente já tinha uma intimidade grande porque a gente se falava bastante. ela ficou hospedada na minha casa. eh e um belo dia era natal eh minha mãe minha mãe não aceitava tipo nem que ela estivesse aqui porque achava um absurdo eu ter me me envolvido com com o marido dela↓ eh achava um absurdo eh eu ter destruído uma um lar↓ sabe↑ só que ela ficou na minha casa e no natal o que que eu ia fazer com uma mulher uma sueca na minha casa? entendeu↓ ((tais risos)) “o

que que eu vou fazer no natal? não vou poder levar pra minha casa entendeu e não posso deixar ela sozinha.” aí ela começou um papo de que ela nunca tinha ido a um motel e aí perguntou se eu podia levar ela pra conhecer só pra conhecer. e aí eu falei “ah tudo bem eu te levo e tal.” aí (um dia ela fala) “vamos dar uma volta.” saímos pra comprar lingerie. eu lá do lado dela ajudando a comprar lingerie. ((risos)) ((tais risos)) achando que ela ia levar lingerie pra suécia e tal. e aí a gente foi no natal pra um motel e tal e ela começou a me contar as coisas que o roberto contava pra ela sobre nos- nossa-- sobre nosso sexo né↓ ((pigarro)) e ela pediu pra eu fazer sexo com ela.

- 101 tais que loucura. e você ficou a fim?
- 102 mauro e eu transei com ela ((riso)).
- 103 tais e foi bom?
- 104 mauro foi bom. mas foi muito estranho assim↓ depois que tudo acabou eu falei “gente que loucura”. sabe↑ “que coisa louca.” só que aí uma coisa que eu pulei >acabei pulando< é que eh eu passei eh nesse momento que o roberto volta da suécia antes da da quando ele volta eh e depois que ele lê as cartas e que resolve vir, ele ficou num hotel e aí eu fiquei dormindo com ele todos os di:as no hotel né↓ e aí minha mãe começou a desconfiar ((pigarro)) da minha ausência. achou achou estranho um dia eu aparecer com uma marca no pescoço↓ né↑ um chupão. aí minha mãe achou aquilo muito estranho porque a minha mãe é muito conservadora e ela acha que uma mulher não faz um chupão no pescoço de um homem né↓
- 105 tais é mesmo é?
- 106 mauro é
- 107 tais ela desconfiou por causa disso?
- 108 mauro ela (desconfi-) ela (descon)-- aí ela perguntou pra mim ela falou assim “marco”-- aí não, aí um dia eu-- ele tava me esperando embaixo do prédio e eu tava me arrumando pra sair com ele, minha mãe apareceu na minha casa, eu comecei achar aquilo estranho↓ minha mãe nunca aparecia. aí ela apareceu e falou “quero conversar com você”. aí e me segurou pelo braço falou assim “ó eu quero saber há quanto tempo você é gay”. aí eu falei pra ela (disse) “olha desde que o dia que eu nasci.” sabe naquela época eu achava que era desde o dia que eu tinha nascido porque foi tudo tão natural pra mim sabe↓ foi tudo (tão) acontecendo tão naturalmente. aí ela: ela: aí eu comecei a conversar com ela ela começou a chorar começou a dizer que era um absurdo, que ela não concebia um homem de quatro pro outro↓ aí eu falei pra ela que que eu nunca perguntei o que que ela fazia entre quatro paredes com meu pai >se ela ficava de quatro se ela ficava de (dei) deitada< então eu não achava: direito dela sabe↑
- 109 tais [hã hã
- 110 mauro [me perguntar isso e me agredir dessa forma. então eu saí fui embora e tal. eh fo:i fo:i complicado pra mim porque nesse momento as coisas ficavam claras né↓ ficaram claras pra pra minha família toda porque minha mãe obviamente saiu falando pra todo mundo e eu me me me antecipei e: fui conversar com minhas

irmãs↓ falei com elas e tal, elas receberam de uma forma meio estranha. uma irmã minha chorou bastante preocupa:da com o que seria do meu futu:ro e tal. enfim. a minha irmã que morava comigo que eu morava com ela ela já sabia já sabia a gente já tinha conversado↓ um di:a eu tinha contado pra e:la eh até antes de ficar com o roberto ela já sabia. eh o meu pai (fic--) eu fiquei um mês sem ir na casa dos meus pais né↑ e meu pai ficava me ligando e eu tinha pânico do meu pai né↓ um senhor de setenta e cinco anos conservador evangélico e parará e parará e parará. eu: eu: eh eu: aí... ele ele ligava e eu evitava falar com meu pai. eu (não) não queria falar com ele. tinha medo de falar com ele. aí um dia meu pai chegou sete horas da manhã na minha casa depois de um mês e falou que ele não queria que eu me afastasse dele. ele falou assim chorando sabe não queria que eu me afastasse dele. que ele me amava e que minha escolha era uma escolha que eh ele não concordava mas que ele não podia fazer nada em relação a isso, que ele queria que eu fosse feliz. que eu fosse feliz da minha forma. tá entendendo? então pra mim

- 111 tais que barato pôrra
- 112 mauro foi a coisa mais... complicada↓ como-- né↑ a minha mãe que é a pessoa que eu acho que teria reagido de uma forma melhor né↓ dentro do possível né↓ estou falando de uma pessoa evangélica né↓ não reagiu dessa forma. e meu pai que era uma pessoa que eu menos esperava reagiu de uma forma legal. enfim eh aí vivi outras coisas sabe eh fiquei sozi:nho, galinhei pra cara:mba, pegava um homem por-- a cada final de sema:na sabe↓ tinha uma época que eu que eu saía de segunda à sexta pegava de segunda à sexta quatro homens diferentes ((tais risos)) tal. tinha até uma agendinha que eu colocava lá tipo eh quantos homens eu fiquei num ano que eu coloca:va assim. aí fazia uma média. “ah esse ano fiquei com três por mês.” ((tais risos)) ((risos)) coisa de adolescente né↑ gay adolescente. tipo um comportamento até meio feminino né↑ aquela coisa de menina de colocar na agenda
- 113 tais é. de escrever na agenda
- 114 mauro de escrever. eh aí vivi outras coisas tal até que eu conheci o gabe na faculdade e a gente tá casado assim há quase cinco anos.
- 115 tais eu tava perguntando eu tinha perguntado pra ele negócio de filho e tudo. você pensa também né de ter filhos um dia?
- 116 mauro [é eu penso.
- 117 tais [não agora é claro eu sei mas
- 118 mauro eu penso eu eu eu fico oscilando sabe↓ tem uns momentos que eu acho que eu quero um filho: natural, que eu quero ter um filho com uma mulhe:r e que e se for natural vai ter que ser (nor--) eu não quero eh eh sabe↑ ter que usar uma seringa ou alguma coisa artificial sabe↓ quero fazer o filho conceber mesmo que eu posso né↑
- 119 tais hã hã
- 120 mauro se-- que eu quero então eh... só que às vezes eu acho que eu devo (adot-) adotar uma criança. acho que não tem porque ter um filho

né↓ é muito é muito egoísmo da minha parte de querer ter um filho sabe↓ tanta criança aí precisando sei lá. eh às vezes eu falo que “não, eu não quero ter filho. pra quê?” sabe↓ vai ser um problema eu vou ter que lidar com várias questões sabe, em relação a própria questão da homossexualidade porque eu não pretendo viver com uma mulher. então eu fico oscilando sabe já (tive)-- eu trabalhei numa ong lá em santa teresa que era uma ong que atendia umas crianças né que eram órfãs↓ e tinha um garotinho pequenininho o vanderson davis tinha quatro anos que o garoto se apegou a mim de uma forma sabe↑ e o garoto e era impressionante como ele parecia comigo↓ ele era ((tais risos)) fisicamente parecido comigo. eu falei “gente” eu-- assim acho se não fosse se fosse em outra época se ele já não tivesse quatro anos naquela época fosse daqui a uns três anos, eu teria adotado o vanderson sabe↓ porque foi uma relação bem

- 121 tais bem legal
- 122 mauro bem legal. eu me apaixonei pelo pelo garoto. eu queria muito. que fosse meu filho.
- 123 tais você cresceu aonde?
- 124 mauro eu
- 125 tais em que bairro?
- 126 mauro eu cresci ah eu cresci eu me mudei bastante né. eu minha família é do interior meu pai é de minas. eu eu tive uma parte da minha vida que eu que eu vivi em minas eh uma outra parte eu vivi no leme e uma outra parte assim alguns—não, na infância na infância não, mas acho que a partir dos... oito talvez oito (durante) uns três anos eu morei em realengo. então eu vivi eh em vários lugares.
- 127 tais você sentiu muita diferença do realengo pro leme? porque primeiro foi leme depois realengo↓
- 128 mauro [cara foi foi
- 129 tais [(ou foi realengo) primeiro? não, primeiro leme não foi?
- 130 mauro não, foi assim. foi, (não), foi. eu sempre morei assim a vida inteira minha família morou no leme só que meu pai é do interior, então meu pai tinha um sítio em minas em em visconde do rio branco então do leme eu vivi uma boa parte lá em lá no sítio. só que houve momentos da da vida dos meus pais que eu acredito, que não é uma coisa dita, que eles se separaram
- 131 tais hã hã
- 132 mauro entendeu? e meu pai comprou um apartamento em realengo sabe↓ e minha mãe eu morava com minha mãe nessa época então eh eu não vivi muito tempo que eles logo logo volta:ram, enfim aquele apartamento foi vendi:do, então assim... é muito diferente. mas era realengo era uma uma realidade muito próxima do sítio. [porque
- 133 tais [ah (tá.) cidade do interior
- 134 mauro tem uma coisa de interior tinha uma coisa (assim) de ter bicho perto sabe↓ tinha umas tinha umas (uum) uns sitiozinhos perto sabe↓ então assim era muito mais próximo do que ((tais tosse)) o leme.
- 135 tais você falou que você foi morar uma época com a sua irmã. você foi morar com que idade mais ou menos?

- 136 mauro ah eu fui com dezessete anos. fui fui morar com a minha irmã. a minha irmã ((tais tosse)) era três anos mais (no-) mais velha do que eu e ela também sempre foi a gente é muito parecido eu essa irmã a gente é muito parecido e muito unido. sabe[↑] ela ela é muito é muito (dif-) diferente da relação que eu tenho com meus outros irmãos. e aí ela foi morar sozinha. eh (e falou “marco,) você não quer vir morar comigo? quer?” e eu já tava com aquela coisa né[↑] assim de tendo que me que me adequar porque minha mãe era era assim sabe[↓] “você mora aqui e você tem que se adequar (assim. ser desse jeito)”. enfim. aí eu fui morar com a minha irmã a gente foi morar na glória depois a gente se mudou pra copacabana eh aí eu fui aí eu fui-- foi depois disso depois disso eu conheci o gabe. né[↓] depois que eu comecei que eu morei com ela dos dezessete até vinte e dois anos. vinte e dois anos.
- 137 tais e ela tinha quantos?
- 138 mauro ela tinha eu tinha dezessete ela tinha vinte.
- 139 tais ela é três anos mais velha
- 140 mauro três anos.
- 141 tais aí você falou que você galinhou bastante[↓] você ia em muito lugar gay ou ou ou era ou era assim acaso, você conhecia a pessoa e ()?
- 142 mauro ah eu acho que eu passei por todas as fases assim. eu acho que eu vivi todas as fases da da possíveis assim. eu: eh no início eu num eu num conhecia uma pessoa ao aca:so assim[↓] ah eu olhava e descobria que a pessoa era gay. não, eu ia na certa sabe[↓] eu ia nos lugares que eu achava que eu ia encontrar. e:h e:h eu não sei acho que isso foi uma coisa meio ruim porque eu descobri por mim mesmo, então você quando você descobre assim eu acho que você o o essa forma de descoberta é muito pelo óbvio né[↑] você vai muito pelo óbvio né[↓] você vai pro lugar gay entendeu são lugares meio que hoje em dia eu olho pra—“caramba o que eu fiz na minha vida,” sabe[↓] eu fui em lugares eu entrei em cada buraco (que você não) tem idéia sabe[↓] eu fui pra lugares trashes mesmo já já fui pra... pra umas boates malucas assim que eram buracos sabe[↓] na lapa
- 143 tais [na lapa ((risos))
- 144 mauro [na lapa tinha uma tem uma boate que até hoje em dia ela é até meio cult assim sabe, que chama buraco da lacraia o nome do lugar. eu fui e me aproximei de pessoas sabe meio nada a ver sabe só pelo fato-- eu queria me identificar entendeu[↓]
- 145 tais hã hã
- 146 mauro eu queria me identificar então ((fim da fita)) como pessoa gay também. um outro gay então assim que eu fui indo assim até o momento de eu decidir o que eu queria sabe[↓] eu fiz coisas assim já: já: eh tudo sabe[↓] pegação no aterro eu fiz fiz pegação no arpoador, eu fiz
- 147 tais pegação no aterro. você não ficava grilado de levar uma dura não?
- 148 mauro ficava. com certeza.
- 149 tais você chegou a levar dura?

- 150 mauro nunca levei dura. nunca. nunca levei. eu morava na glória né então ali era ali do lado↓ então um belo dia eu estou ouvindo minha irmã conversando com com o namorado dela e aí ele ((interrupção da fita))
- 151 tais ficava antenado
- 152 mauro ficava antenado. o que eu: associava né à à homossexualidade eu ia atrás entendeu↓ e eu queria descobrir e eu e e e assim embora tenha sido eh isso tenha acontecido há pouco tempo né↓ tem dez anos↓ é muito diferente de hoje em dia. eh hoje em dia é tudo muito sabe fácil. eu sofri pra cacete entendeu↓ eu eu me metia-- mas eu também eu tenho isso sabe↓ de de procurar sou curioso pra cacete então eu ouço uma coisa quero ir lá ver, não adianta me dizer “ah isso não não é legal” sabe↓ se eu quiser saber eu vou lá entendeu. eu fiz muito muito por aí daí foi que eu descobri né ouvi minha irmã conversando com o namorado que lá era um lugar gay. então eu falei “bom, então vou conhecer esse lugar.” fui um dia e aí eu achei uma figura lá interessante tal. eu achei aquela coisa meio meio suja sei lá aquela coisa na rua sabe↓ “que cara é esse?” tal. mas ao mesmo tempo eu tava querendo sabe me me relacionar sexualmente com outro cara e aí rolou sabe↓ rolou. a aí dali você conversa com esse cara esse cara te fala outra coisa entendeu↓ e aí você e aí foi aí quando foi eu comecei a conhecer as boates, comecei a conhecer comecei a conhecer pelo lado errado. eu acho sabe↓ porque eu conheci primeiro lá o buraco né o submundo pra depois sabe↑ eh ir chegando mais próximo daquilo que e:u que é [hoje
- 153 tais [sua praia
- 154 mauro que é minha praia sabe. então eu passei por coisas (assim) absurdas. mas não me arrependo não. acho que hoje em dia eu olho falo “caramba fui eu mesmo” sabe↑ ((tais risos)) “que fez aquilo?” sabe↑ (mas) foi uma descoberta foi... foi foi louco. foi muito louco. o buraco da lacraia é aquele que tem aquela mulher maluca que come--
- [qual era o nome?
- 156 mauro hum, não, não, [a laura de vison? eu esqueci o nome do lugar. é um lugar ali na lapa também mas não é
- 157 tais é é que eu me lembrava que era na lapa
- 158 mauro não, é.
- 159 tais e que era um lugar assim bem doido
- 160 mauro não, é.
- 161 tais a pati é que me falou. eu num eu não cheguei a ir ao buraco da lacraia. eu quase fui um vez com um amigo meu. “você quer conhecer?” “ah eu acho que eu quero.” mas aí na hora eu tava com sono e (preguiça) [pra cacete
- 162 mauro [mas
hoje em dia era é é deve ser uma coisa mais legal. nunca mais fui. mas na época era aquele lugar que tipo umas figuras muito estranhas sabe↓ e era aquela coisa eu ia pra: pra pegar entendeu↓ eu não entrava num lugar desses pra-- eu não tinha amigos de bar

sabe↓ eu não tinha isso. então assim quando eu saía de casa era pra pegar alguém entendeu↓ e “eu vou pra pegar alguém” e esse buraco da lacraria tipo era muito engraçado que tinha uns caras parecia um grupo de pagode assim. ((risos)) um grupo de pagode (tipo) que tava me dando mole sabe↓ uns ca:ras ((risos)) ((tais risos)) sabe↑ muito engraçado isso porque não tinha ninguém interessante sabe. não tinha. e eu era aquela pessoa (tipo) “eu tenho que pegar alguém” entendeu↑ então meu nível ia abaixando abaixando abaixando até que eu pegava o melhorzinho dos piores ((risos)) ((tais risos))

163 tais e e na e a sua família com o com o gabe?

164 mauro como assim?

165 tais vêm o gabe como seu marido mesmo?

166 mauro ah [tá. como eu

167 tais [a transa deles com o gabe o gabe (em relação)

168 mauro ah da minha família com o gabe em relação ao gabe. eh a minha família é uma família-- cara, assim, as minhas irmãs adoram o beto sabe. a relação é ótima e tal, embora não sejam amigos sabe↓ são pessoas que: adoram o beto se dão super bem. agora a minha mãe meu pai não. minha mãe meu pai não querem saber. entendeu↑ e eu acho que é eh é isso sabe↓ eles não pode:m lidar não conse:guem lidar eles o sonho deles é que eu vire heterossexual e case na igreja. eles acham que isso vai acontecer um dia. então eles não aceitam sabe↓ só que uma coisa meio louca é que quando eu terminei com o roberto o roberto o roberto o roberto é um cara muito: expansivo assim um cara abe:рто pra caramba. é um cara sabe embora ele fale espanhol sabe eh não fale português e tal, eh ele conquistou minha família toda sabe↓ então minhas irmãs amam o roberto até hoje e o roberto fica na casa da minha irmã quando vem ao brasil e tal. e minha mãe já conheceu o robe:рто e é isso que minha mãe-- na época que minha mãe não aceitava sabe↓ só que quando eu terminei com o roberto o roberto veio passar o reveillon aqui e o roberto só me conhecia e minhas irmãs, e aí eh eu falei com a minha irmã que eu achava que não tinha nada a ver o roberto passar o reveillon com minha família e tal. só que eu não ia passar o reveillon com minha família. eu falei “bom acho que não tem nada a ver, mas beleza.” eh eh eh o roberto foi passar o reveillon com minha família com meus pa:is sabe, ((tais risos)) com as minhas irmã:s e e tal. eh minha mãe no dia seguinte falou que eu não tinha coração porque “como eu pude deixar? o rapaz veio de de estocolmo ((tais gargalhada)) e você deixa o garoto aí sozi:nho não sei quê.” eu fiquei sem entender nada aquela coisa mas

169 tais é que vocês já tinham terminado mas

170 mauro é

171 tais (não ameaçava) mais também né↑

172 mauro pois é. enfim, mas eh eh mas é tranquilo. também acho que que também minha família é meio complicada↓ minha família é aquela família que ataca o tempo inteiro então eu prefiro que a relação seja mesmo de uma

- [distância sabe.
173 tais [distante
174 mauro porque com o roberto, se eu sabe eu brigava com o roberto e minha irmã tomava partido sabe↓ minha irmã ficava sem falar comigo porque eu (parei) porque eu briguei com o roberto. ((tais risos)) então era e todo mundo tomava o partido dele porque ele era o máximo sabe ((tais risos))↓
175 tais então natal essas coisas acaba que que vocês eh passam separados↓ ou vão↑
176 mauro é. a gente passa a gente passa separado cada um na sua casa. tem isso sabe↓ eu acho que que é até importante pra que a gente continue tendo nosso espaço sabe. eu acho que eh seria ideal sabe passar o natal na casa dele, ele passar na minha eu sei lá ideal demais. até eu não curto isso também, essa coisa de bem seguindo essa esse modelo heterossexual sabe↓
177 tais [hã hã
178 mauro [que eu tanto condeno sabe↓ que eu acho que não tem nada a ver sabe↓ eu não quero reproduzir. entende↑ óbvio que eu que acabo reproduzindo em vários momentos sabe↓ mas eh mas eu não sinto falta disso sabe↓ essa coisa de ah de natal e tal eu acho que eh é isso sabe. a família dele a família dele tem uma relação melhor comigo, aos pouquinhos a mãe dele o pai dele... o pai dele não. o pai dele sabe eu sou o mauro “tudo bem como vai” e nada mais nunca tive uma conversa com ele. a mãe dele que já já tem uma relação mais legal embora a família do gabe, eh os dois irmãos do gabe nã- oficialmente não saibam entendeu↓ oficialmente não não sabem e eu sou o cara que divide o apartamento com ele entendeu↓ mas assim é óbvio que sabem né é óbvio óbvio.
179 tais () (não tem como né)
180 mauro é. eles sabem que eu sou gay isso aí eles sabem. porque eu falei pro gabe “olha se não quiser que eles saibam beleza, mas eu não vou ficar me escondendo sabe↓ de seus irmãos sabe↓ não vou.”
181 tais hum
182 mauro eu não escondo da minha família sabe↑ que é mais que foi um (porre) que eu já lutei pra cacete pra pra sabe↑ pra que eh fosse uma coisa que eu pudesse viver minha vi:da assim sem depender de ninguém. imagina se eu vou sabe esconder pra família dele↑ não vou, não vou fazer isso mesmo.
183 tais é verdade. você fica-- chegar pra-- estressa pra caramba pra poder resolver depois (o que fazer) ((risos))=
184 mauro é, não, não vou fazer isso sabe. e a mãe dele é uma pessoa que: me trata super bem sabe↓ eh tenho eu tenho uma relação legal com a mãe dele↓ a madrinha do gabe é uma pessoa fabulosa tem oitenta e poucos anos. foi a primeira pessoa que soube ((risos)) da família do gabe ((tais risos)) sabe. eh me aceitou desde o início sabe↓ até ela brinca assim “ah se eu fosse mais nova ia arranjar uma sapatão pra mim.” ((tais risos)) sabe↑ é uma figura uma figuraça é dinda mara joão. ((tais risos)) ela é super gente boa e através através dela ela era meio aquela pessoa que fazia ponte porque a mãe do gabe é

muito amiga amiga dessa madrinha, então ela vi:nha (ver e) conversa:va sabe↓ ela vinha saber quem era a pesso:a que tava do lado do ga:be sa:be↓ ela vinha meio que na de espiã mas ao mesmo tempo ((tais risos)) ela ela (desen-) ela desenvolveu uma relação comigo sabe↓ e hoje em dia () eu também já fui na casa do beto várias vezes eh fui no aniversário da madri:nha, que fez questão que eu estivesse lá: eh... geralmente eu vou quando os pais não estão. ((tais risos)) mas é porque pro gabe é muito importante porque o gabe quer que eu tenha uma relação com a família dele que o gabe, ele acha que “ah pô porque que a geisa” é a mulher dele que morreu “por que que você não pode ter uma relação diferente sabe? por que que você eh não pode ter uma relação parecida sabe e eles te receberem bem?”=

- 185 tais =é, de (fa-) de família mesmo né=
- 186 mauro =é, mas porque é outra realidade também né↓ o gabe tem o o gabe não tem essas questões voltadas para a religião (e pro) e os pais dele não são tão conservadores sabe assim↓ são assim (por causa da idade) mas não tanto sabe↓
- 187 tais essa coisa da discriminação↓ o gabe tava me falando que uma vez saíram atrás de você na na rua.
- 188 mauro foi isso. aconteceu num desses momentos que eu fiquei galinha:ndo que eu pegava um homem por por=
- 189 tais =por noite ((risos))
- 190 mauro é, um homem por noite. eu fiquei com um garoto tal e aí era de noite bem de madrugada assim umas três quatro horas da manhã e era ali na rua da lama ali em botafogo. né↑ eh eu aí eu fui levar o garoto no ponto de ônibus que ele ia embora e eu ia voltar pro lugar ia continuar. aí >eu fui deixar o garoto no ponto< e aí tava chovendo uma chuva fina sabe↓ e a gente foi chegando no ponto e não tinha ninguém. aí do nada apareceram três caras fortes assim sabe judotecas sabe↑
- 191 tais sei
- 192 mauro vindo na nossa direção. (eu falei assim) “corre” e o garoto que tava na minha que eu tava junto com ele saiu correndo sabe↓ (saiu correndo). eu olhei pra aquilo falei “gente que absurdo eu não vou correr.” sabe↑ “eu não vou correr porque esses caras não vão me intimidar.” e os caras vinham com uma barra de ferro um pau assim e eu falei “não vou correr. vou ficar aqui.” tipo assim “não vou mostrar que estou com medo.” só que quando eu vi aqueles caras chegando muito perto de mim com aquele pau eu falei “bom não vai dar pra conversar mesmo né↑ ((risos)) ((tais risos)) eu vou correr.” aí eu corri tanto, parecia desenho animado aquelas pernas assim↓ ((risos gerais)) que eu passei o garoto fiquei bem na frente do garoto o garoto ainda foi ainda pegaram o garoto né↓ ele levou umas porradas e tal.=
- 193 tais =pegaram ele de pau=
- 194 mauro =é. pegaram de raspão assim mas pegaram. e a gente se encontrou depois. corri aquela voluntários da pátria toda assim↓ mesmo depois que eu que eu que eu vi que eles não estavam atrás, eu

continuei correndo. ((risos gerais)) e me deu um ódio tão grande nesse dia. eu pensei “gente se eu tivesse um uma arma eu matava esses caras sabe.” porque (sa-) sabe foi tudo tão... ai eu eu eu não sei num eu eu acho que eu não questionava as coisas naquela época. eu só eu agia muito por impulso sabe↓ acho que tem a ver que eu era adolescente sabe↓ era adolescentão então... eu eu não entendia sabe porque aquilo porque tanta tanta raiva tanto ódio “porque que eu não posso ser eu” sabe↓ eu sempre fui muito assim “porque que eu que eu não posso fazer aquilo que eu quero fazer?” e eu eh eu não sei eu fique:i fiquei com isso na cabeça, eu falei “gente se eu encontrar esses caras eu sabe eu vou fazer alguma coisa sabe↓ vou denunciar ou fazer alguma coisa.” (porque naquele--) mas eu só pensava que se eu tivesse uma arma eu podia matar eles=

- 195 tais =ainda bem que você não tinha=
 196 mauro =ainda bem que eu não tinha. ainda bem.=
 197 tais =raiva só de não saber lutar o tal do jiu jitsu. ((risos))
 198 mauro é verdade. de não ser tão forte né↓ quanto eles. mas já já sofri outros. assim já né↑ é que eu sou muito ligado assim eu sou muito eh eu fico muito preocupado com-- ainda hoje-- menos mas ainda hoje eu fico muito preocupado quando entro num meio num lugar que pode ser um um lugar meio como vou dizer? hostil↑=
 199 tais =hã hã=
 200 mauro =sabe eu fico muito ligado na na na na reação das pessoas a sabe a mim sabe↓ mesmo. uma vez a gente tava num bar, tava eu lana pati gabe (carol) e tal a gente tava conversando e tava de frente pra um que cara que tava beijando uma mulher e tal. e o cara olhava pra nossa mesa e ficava falando com a mulher. eu também já tava olhando ficava vendo esse casal e uma hora ele olhou pra mim e fez questão de fazer com os lábios assim “°viado filha da puta” sabe↑ cara aquilo me deu uma raiva tão grande. e eu pensei sabe eu pensei “cara se fosse acho que se fosse outro momento eu iria tomar satisfação com esse cara” mas () °deve ter uns dois anos isso°, eu eu pensei “cara” eu fiquei com muita raiva eu me senti super mal aquilo me deixou muito mal mas eu não falei nada sabe↓ porque eu sabia que esse cara que o que ele queria era isso sabe↓ e outra coisa também qual é-- sei lá. qual é-- eh sei lá. qual-- que que está por trás disso? né↑ né↑ né↑ desse cara sabe↓ qual será-- qual é a questão dele↑ qual qual problema dele? entendeu↑ então eu consegui explorar essas duas situações que eu vivi: de preconceito e no resto eu só
 201 tais e de preconceito positivo? porque eu sempre falo preconceito positivo é aquela história que neguinho fica “ah não, isso aí essa casa tá bem decorada, claro, porque é casa de [viado
 202 mauro [ahhh
 203 tais todo viado tem bom gosto, todo viado é inteligente, todo viado isso, todo viado aquilo=
 204 mauro =pois é né=
 205 tais =isso você vê também? isso isso rola?

- 206 mauro isso rola bastante. é óbvio que isso não é uma coisa que me deixa puto sabe↓=
 207 tais =hã hã=
 208 mauro =porque não é uma coisa agressiva sabe↓ eu acho que as pessoas tem direito de expressar sabe o sei lá↓ o que elas pensam entendeu. eu acho acho mesmo mas eu acho que rola esse preconceito positivo que você tá falando. eu acho que que não sei acho que passa mais despercebido sabe↓ eu não dou muita: não dou muita importância pra isso↓ não acho que-- acho que acontece que é que é até natural porque eh a gente vive num país que é super preconceituoso entendeu↓ a gente vive numa cultura que é preconceituosa e: e eu acho isso uma coisa como você falou né↑ positiva sabe.
- 209 tais hã hã
 210 mauro porque eu acho que é a forma que as pessoas têm pra lidar com isso elas não sabem sabem entende=
 211 tais =hã hã=
 212 mauro =eh eh é igual aquela coisa de de eh de pessoas que querem se:r se mostrar muito: abertas sabe↓ querem mostrar “eu sou aberto” entendeu↓ outro dia um um cara que: um cara acho que o cara mandou muito mal. teve uma exposição que a gente fez há pouco tempo eu chamei umas pessoas do meu trabalho e chamaram um cara que trabalhou com eles também que eu não conhecia e que no assim, no meu trabalho eu nunca cheguei e falei pras pessoas “ah eu sou gay”. nunca me preocupei com isso entendeu.
- 213 tais hã hã
 214 mauro mas como era uma coisa que não era falada, pra algumas pessoas algumas pessoas foi falado porque são amigos. (agora) essas pessoas que foram na exposição não eram exatamente amigas então não tinha falado mas também nunca tinha escondido. e o cara chegou pra mim assim muito eh... como foi? eh ele falou assim “ah pô você podia”-- que eu ia () tava me chamando pra viajar “ah eu vou eu vou eu vou com vocês e tal”. e ele ele falou assim “e aí seu namorado vai com a gente?” assim sabe↑ sem a menor intimidade assim. aí eu falei assim, eu olhei pra ele e tal aquela coisa de todo mundo querendo saber mesmo querendo ter ((tais risos)) confirmação. falei assim “não, ele não vai.” ((tais risos)) sabe eu respondi naturalmente mas eu achei aquilo uma sabe↑ ele querendo ser sabe mostrar pras pessoas que ele não tinha o menor sabe que ele agia naturalmente. mas você age naturalmente quando você tem algum tipo de relação com as pessoas né↓ não era que sabe não era questão aquilo aquele cara não conhecia entendeu.
- 215 tais hã hã
 216 mauro ele quis se mostrar mais=
 217 tais =tipo “ah tá vendo? eu não ligo.”
 218 mauro tipo assim “eu falo naturalmente disso” entendeu↓ é ((tais risos)) ter namorado é como perguntar pela seu namorado é como perguntar pela sua namorada entendeu↓ isso que
 219 tais [hã hã

- 220 mauro [ele quis agir dessa forma enfim mas. é isso sabe↓ eu acho que acontece as pessoas querem lidar de alguma forma com isso né↓ querem ter alguma opinião querem querem-- ou ou porque hoje em dia está tão-- hoje em dia não dá pra esconder né↓ na época que eu comecei assim ficar com homem era (dife-) era diferente são dez anos () ((risos))
- 221 tais mas fez muita diferença [de dez anos pra cá sim.
- 222 mauro [mas faz muita diferença muita
- 223 tais até por essa coisa do consumo. o que que você acha dessa história que estão que está agora todo mundo falando tanto, que sai em reportagem da veja eh alvo de de de de consumo mesmo né↓ de vendas. [(o público gay)
- 224 mauro [bem, eu acho que é uma realidade entendeu↓ eu acho que se eu tivesse um negócio hoje em dia obviamente eu ia vender eu ia querer vender pro pro pro público gay, porque é obviamente um público que eh eu não sei eu não sei te dizer porque, mas em geral o o os gays tem um nível de instrução maior sim sabe↑
- 225 tais hã hã
- 226 mauro eu acho que até pelas dificuldades que eles passam durante a vida, eles querem se mostra:r, querem se diferencia:r e aí aquela via sei lá acadêmica ou enfim é é é fazendo sucesso na vida. então assim você pode ver isso não sei se eu se você já leu alguma coisa a respeito disso, mas tem uma coisa sabe↓ o eu não sei dizer o que que é mas os gays tem uma coisa de sucesso sabe↓ de de de não-- sei lá de mostrar pra pra pro que são capazes porque tem muito isso né↓ tem muito eu vivo eu venho de uma de uma geração que que o que o gay era visto como incapaz mesmo sabe↓ era era doença sabe↓ ainda era sabe eu
- 227 tais [comportamento desviante
- 228 mauro [ainda era era. aquela coisa sabe é é é anormal sabe↓ é é uma coisa:. enfim é acho que o que que por por-- essa coisa de sucesso é o público↓ que se você separar o universo gay você vai ver que são pessoas que têm em comum um poder aquisitivo gra:nde e tal e não tem fi:lhos
- 229 tais é, (tem poder aquisitivo)
- 230 mauro então então você não tem essas despesas você vai gastar com o que? com roupa com boa:te com com produtos importa:dos enfim↓ então se eu tivesse um negócio eu eu abriria ((tais risos)) um negócio pra gay com certeza que eu sei que eu ia ganhar dinheiro.
- 231 tais e nessa coisa da (fase) da pegação a internet-- você acha que-- você chegou a usar a internet?
- 232 mauro usei internet. usei. inclusive hum quando eu eu estava na faculdade já fazia bolsa de pesquisa em noventa e seis eh internet era uma coisa ainda muito recente sabe↓ em noventa e seis. e eu entrei na internet um dia não sei, tinha um garoto que era o ás do computador lá no meu trabalho que na bolsa né↑ pra mim era o trabalho na época, que me encontrou num chat assim do nada assim

ele apareceu e “o que você está fazendo aqui?” sabe[↑] e aí tipo depois disso todo mundo ficou sabendo e aí eu não me preocupei mais com isso. ((tais risos)) enfim mas mas eh utilizei utilizei já. eu tenho eu tenho um grande amigo assim uma pessoa que eu adoro assim que eu acho que fora o gabe assim é a pessoa que tem o melhor coração no mundo sabe[↓] porque é uma pessoa maravilhosa e eu conheci na internet[↓] a gente se conheceu falando “ai que esse esse e-mail tá meio: complica:do, as pessoas são pessoas que estão muito mais preocupadas com a aparência e com coisas” sabe[↓] “e ninguém tem conteúdo e não sei quê.” e comecei a conversar com ele e tal, já não tava querendo pegar mais ninguém nessa nessa época e: a gente saiu pra: () se conhecer pra continuar o papo eh pessoalmente e tal[↓] e quando eu cheguei era um cara lindo maravilhoso. eu falei “gente porque que eu ((risos gerais)) porque que eu já deixei claro que a gente vai ser amigos?” sabe[↑] ((tais risos)) e aí eh eh eh e aí conheci ele com a com a internet uma pessoa que eu adoro. (um dia) a internet serviu pra pra eu: encontrar essa pessoa maravilhosa mas já encontrei pessoas também já por sabe[↓] encontrei pessoas só pra tregar, já encontrei pessoas eh pra ficar e não tregar, já encontrei pessoas só pra conversar e tal[↓] utilizei pra muita coisa.

- 233 tais como assim ficar e não tregar? ficar é como?
- 234 mauro porque eu acho que eh... ah... eu acho que é tipo sair pra conversar e tal[↓] aí sabe você não vai pra um motel, não vai pra um pra casa de ninguém[↓] você vai pra conversar pra uma boate dar uns beijos isso
- 235 tais ficar ficar feito:
- 236 mauro ficar namoradinho
- 237 tais sei
- 238 mauro namoradinho comportado
- 239 tais ((risos)) essa idéia é excelente. deixa eu ver a minha cola aqui ((risos))... ah deixa eu te perguntar um negócio não está exatamente aqui não, mas essas dicas que tem aqui-- você então falou que você namorou menina uma época né[↑]
- 240 mauro namorei um ano e três meses. casei. casado.
- 241 tais não, menina menina
- 242 mauro ah menina
- 243 tais acho que foi só na fase de antes de de de você se assumir como como gay ou
- 244 mauro namorar sim. namorar eh eu namorei meninas até dezessete anos.
- 245 tais e depois você namorou homens.
- 246 mauro namorar (não).
- 247 tais como é que é esse negócio de assim de assumir pra família tudo bem (você já falou) não sei que. mas e com você? com você foi muito complicado?
- 248 mauro foi. eu não te falei que que eu me cobrava tanto eh eh eh a não ter esse tipo de comportamento? eu me cobrava não não ser gay sabe[↓] que eu achava-- era na bíblia. tá lá sabe[↓] você não pode entendeu[↓]

- um homem não (envelhece) com outro homem sei lá o que entendeu↓=
 249 tais =como é que você transou isso na sua cabeça pra você conseguir [(ultrapassar)
 250 mauro [cara eu sofri muito eu sofri muito sabe↓ eu eu não me aceitava eu ficava com meninas e não sentia tesão↓ eu: eu: sofria eu não era uma coisa legal sabe↓ e eu não aceitava isso então eu tive que mudar, em algum momento eu ia sabe↓ esse desejo vai diminuir só que acontece que ele aumentava toda vez que eu tentava diminuir ele aumentava sabe↓ e aí chegou uma hora que eu falei “(não vou) não vou me questionar mais sabe. não vou questionar. eu vou ficar sabe.” e aí é assim eu faço eh eu (estud-) eu eu eu eh eh faço psicologi:a né↑ estudei psicologi:a e tal isso me ajudou pra cacete entendeu↓ a (ques-) a olhar pra um outro pra uma outra via sabe↓ de não me de não de não uma coisa eh de não olhar pela pela doença sabe↓ mas uma coisa de comportamento mesmo sabe↓ pega a psicaná:lise (a opção) da esco:lha enfim tudo isso me ajudou. hoje em dia eu faço aná:lise sabe.
 251 tais e a primeira vez que você ficou mesmo com um cara transou com um cara como--? depois isso foi uma coisa que te grilou foi? ou foi uma coisa de “ai graças a deus finalmente”?
 252 mauro eu tinha muita vontade de transar com homem mas eu tinha muito medo sabe↓ mas medo↓ eu não sei de onde vinha meu medo↓ era um medo absurdo. eu eu uma vez saí fui prum bar e aí tinha um cara maravilhoso lindo assim pra mim assim, não estou dizendo que essas pessoas são maravilhosas não, mas pra mim eram sabe=
 253 tais =hã hã=
 254 mauro =eu falava assim “caralho muita areia pro meu caminhão” e aí essa cara começou a olha:r pra mim começou a olha:r e aí a gente sentou junto começou a conversa:r, enfim aí eu contei pra ele que eu nunca tinha transado com homem. aí (isso) acendeu assim sabe↓ o cara falou assim “como assim? você vai transar com um cara agora.” (assim) “vamos pra minha casa.” aí eu fui pra casa desse cara e tal, eh a gente transou foi ótimo e tal, não gozei ((risos gerais)), mas transei com ele e eh e foi estranho↓ ficou uma coisa meio não fiz por inteiro entendeu↓ a coisa né↑ mas já tava-- quando eu transei com homem a coisa já tava tão: trabalha:da sabe↓ que eu acho que quando eu transei já tava tranquilo↓ já “é isso mesmo” sabe↓ “agora esse é só o caminho. é só descobrir o que tem de bom. tem muita coisa boa aí” né “na frente.”
 255 tais ah porque eu sempre pergunto também eh porque quando eu pergunto o negócio de de o que é ser gay tem a ver com a questão de identidade de gênero né
 256 mauro hum
 257 tais porque eu faço um distinção assim eh pra mim tem a questão de ser homem ou mulher, que é biológica, tem a questão do comportamento sexual, que é ser homosexual
 258 mauro [hum hum
 259 tais [hetero ou bi e tem a questão de gênero se identificar como gênero.

- 260 mauro entendi
- 261 tais como gênero é masculino feminino gay [lésbica
- 262 mauro [hum
- 263 tais eu pergunto isso porque tem tem pesquisas-- tem u[m monte de caras que transam e
- 264 mauro [é psicologia
- social
- 265 tais e e não se não se vê gay nem se vê bi nem se vê se vê ou só homem ou só mulher
- 266 mauro é, não, por isso que eu falei né↑ que a questão pra mim a questão é de escolha entendeu. escolha de objeto. porque a minha assim eu posso até ser visto por por outras pessoas como fazendo parte de alguma coisa fechada entendeu↓ de um grupo: sabe↓ que você classifica como gays e tal. mas eu acho que a minha vida é tão sabe↑ eu vivo tão outras coisas sabe↓ que não me permitem pensar num grupo sabe↓=
- 267 tais =hã hã=
- 268 mauro =eu eu tenho eu tenho um relacionamento com pessoas que: que: sabe↓ sabem que eu sou gay e a questão da homossexualidade não passa por ali sabe↓
- 269 tais hã hã
- 270 mauro são pessoas sabe↓ e essa essa forma eu me relaciono com essas pessoas porque pra mim é dessa forma.
- 271 tais hã hã
- 272 mauro sabe são são-- não importa sabe↓ acho que em algum momento foi pra mim
- isso tudo que você tá falando sabe↓ eh eh eh até pra até porque a gente eu acho que que isso que você tá falando essa coisa do do gênero ela permite com que-- ela permite o gueto sabe↓ ela permite: eh eh por um lado é bom por um lado é ruim [sabe↓
- 273 tais [hã hã
- 274 mauro mas você mas você começa eu fico pensando esses garotinhos hoje em dia que estão virando gay sabe↓ estão virando não, que são gays que escolhem isso e tal eh... como eles estão se identificando com uma coisa que sabe↓ tá pronta entendeu↓ uma coisa que eu eu tive chance de em determinado momento falar “caralho não é isso” sabe↑
- 275 tais [hã hã
- 276 mauro [“não é isso.” mas por muito tempo eu fiquei reproduzindo sabe, uma uma outra coisa sabe uma outra coisa. (assim) ser gay pra mim era aquilo sabe↓ era jeito de de me vestir era era... sabe↑ era comportamento era lugar sabe↓ hoje em dia não é não é mais nada disso sabe↓ hoje em dia não é. sabe eu acabo indo pra lugares gays até porque sabe eu não posso beijar o gabe no no hipopotamus sabe↓ embora eu não gostaria de ir pro [hipopotamus
- 277 tais [()]
- entendi um lugar que () um lugar que não seja específico=
- 278 mauro =e um lugar-- e assim eu eu me identifico com a música sabe↓ então eu vou pra lugares eh eu gosto da música e a música é uma

- música que eu eh que é ouvida pelo público gay também, também sabe por outros públicos e pelo público gay então=
- 279 tais =é isso aí () (dance)=
- 280 mauro =é. ((tais gargalhada)) eu não vou eu não eu não gosto de pagode então eu nunca vou pra um pagode gay né↓ não sei se existe né↓ ((risos))
- 281 tais sabe que eu também não sei
- 282 mauro mas sabe sabe que deve existir↑
- 283 tais deve existir
- 284 mauro deve existir. deve existir. sabe onde? no subúrbio.
- 285 tais é.
- 286 mauro porque no subúrbio a relação com a questão da homossexualidade é de outra é de outra ordem né↓ as pessoas têm uma relação completamente diferente. eu acho que no subúrbio as pessoas são menos preconceituosas.
- 287 tais é mesmo?
- 288 mauro sabe ah acho. acho porque eu tenho amigos vários amigos eh e que assim por um lado, a questão do estereótipo ela é mais forte porque eh o que eles o não aceitam muito é aquele cara que é masculino entendeu↓ não aceitam não. eles não entendem. eles não conseguem entender como aquele cara de barba na cara é gay entendeu↓
- 289 tais hã hã
- 290 mauro porque o gay pra eles é aquela coisa que você olha e fala gay entendeu↓
- 291 tais hã hã tem que ser efeminado.
- 292 mauro tem que ser isso sabe.
- 293 tais você tem algum problema com gay efeminado? eu estou perguntando isso porque um entrevistado meu me falou que “me (inco-)” que ficava incomodado
- 294 mauro eh >deixa eu te dizer< eh se eu olhasse como pessoa que: eh... porque a questão da da dessa coisa feminina no homem sabe, ela me incomoda um pouco porque algumas pessoas utilizam isso como uma forma agressiva entendeu↓ de você se colocar.
- 295 tais hã hã
- 296 mauro né↑ então eu acho que aquela eh o sujeito não encontrou uma forma de se colocar entendeu↓ então ele ele quer falar que ele é homossexual mas ele utiliza sabe os meios errados que é agressão sabe↓ que é aquela coisa baixo ní:vel e e efeminada dema:is você entendeu? que é uma coisa que eu percebi nessa vivência que eu tive no meio gay porque eu passei por todas as as possibilida:des↓ eu acho né↓ eh nesse meio eu vi pessoas que que que te força:vam a voz sabe↓ pessoas que forçavam o jeito de se vestir (pô) sabe↓
- 297 tais hã hã
- 298 mauro tudo isso pra mim era uma coisa muito (lou-) agressiva entendeu↓ tipo assim “sou viado e daí? vai tomar no cu.”
- 299 tais [hã hã
- 300 mauro [“vai se fuder” entendeu↓ e eu não acho que é por aí↓ isso dessa forma incomoda. agora se o cara sabe, eh eh é efeminado que é--

- sabe eh a questão é dele entendeu↓ e eu não gosto de-- eu gosto de homens femininos, não gosto de homens sabe eh
- 301 tais efeminados ()
- 302 mauro isso não gosto pra assim pra desejar pra querer estar na cama com esse cara beijar não gosto sabe↓ eu gosto de homens femininos. você percebeu, o gabe é um homem feminino não é↑
- 303 tais é, exatamente.
- 304 mauro não é um homem efeminado.
- 305 tais mas não é efeminado de jeito nenhum. não é mesmo.
- 306 mauro eu é é a minha escolha assim de homem
- 307 tais você falou o tempo todo () então pra você a a questão de de homossexualidade é uma escolha é alguma coisa que você=
- 308 mauro =ela vem da escolha mas não é uma escolha consciente. não acredito numa escolha consciente porque eu acho que essa escolha é feita eh num num momento assim-- é (complicado) falar agora-- é-- (quer dizer porque) eu acredito eu acredito na na na psicanálise entendeu↓ eh parte da teoria psicanalítica a questão lá do do complexo de édipo né↓ e depois da saída do complexo de édipo o complexo de castração que é com-- pelo medo da castração né↓ no caso o menino faz-- no caso >(do lado do menino)< o menino ele ele ele faz uma escolha pelo: pelo: eh: com medo da castração, ele faz a escolha pelo: pelo: objeto da mãe entendeu↓
- 309 tais hum hum
- 310 mauro né↑ que seria o o o o homem. então é uma escolha. é uma escolha inconsciente=
- 311 tais =hã hã=
- 312 mauro =sabe, mas é uma escolha entendeu↓ então (tem pe-) eu eu eu conheço pessoas que que dizem que se pudessem eh “ah se eu pudesse ter escolhido eu não seria gay” entendeu↓ () né eu conheço pessoas que falam isso já ouvi várias vezes sabe↓ eh... porque a escolha não é uma escolha que é consciente não. é sabe↑ eu não sei se tivesse lá em-- lá com cinco seis anos de idade se eu: ah escolheria ser gay sabe↓ hoje em dia eu te digo que eu não não deixaria de ser gay=
- 313 tais =hã hã=
- 314 mauro =mesmo se tivesse uma (coisa)-- “você gostaria de não ser gay?” sabe↓ eu não faria essa escolha entendeu↓
- 315 tais hã hã
- 316 mauro mas por muito tempo eu pensei que acho que teria sido melhor não ser sabe↓ (entendeu)↑
- 317 tais ia ser mais fácil né↑
((interrupção da fita))
- 318 mauro teria: teria orgulho de mostrar pras amigas dela que-- porque é é aquela coisa eu sinto porque eu sempre fui o melhor filho. eu sempre fui o melhor aluno. eu sempre fui perfeito. entendeu↓ pra minha mãe sabe↓
- 319 tais hum hum
- 320 mauro sempre fui muito amigo da minha mãe↓ sempre-- quando eu tinha seis anos de idade eu voltava da escola com a mãe de um amigo

- meu, eu para:va tá “pára aqui que eu vou pegar uma flor” e levava uma flor pra minha mãe todo dia entendeu↓ quando passeava com ela “ah mãe deixa eu pegar essa flor pra você” e tal↓ e eu-- então assim eu sempre fui aquele filho perfeito sabe↓ eh eh eh a única coisa que tem (na área né↑) pra pra decepcionar minha mãe é o fato de eu ser gay entendeu↓ claro que não deve ser por acaso né↑ ((risos)) ((tais risos))
- 321 tais mas então pra você a escolha está vinculada mesmo na questão da psicanálise mesmo
- 322 mauro acho que sim. eh eu acho que que eh obviamente que eu num eu num nem nem sempre: nem sempre tive consciência do do do da psicanálise né↓ nem sempre eu tive esse conhecimento da psicanálise entendeu↓ só que a partir do momento que eu comecei a estudar eu comecei a a a falar “(pô) é é isso sabe↓ é isso↓ acredito nisso acredito nisso” sabe↓
- 323 tais hã hã
- 324 mauro porque eh eu não acho que uma pessoa depois de que depois de-- não acho que é uma opção “ah eu sei, tenho isso eu tenho isso, (vou sempre ser isso)”
- 325 tais hã hã
- 326 mauro entendeu↑ eu não acho que é isso que seja isso. não acho que seja genético sabe↓ e tem várias provas aí que que a coisa não é genética né↓ tanto caso-- gêmeos que (voc-) que um é gay o outro não é↓ então sabe gêmeos têm quase a mesma carga genética e e não faz-- outro dia mesmo eu conheci um casal, um casal não, eh dois irmãos um era gay outro não era sabe↓ genética=
- 327 tais =bom acho que é mesmo o trevisan que fala se fosse eh genética (então tudo ia ser o bi). se é a questão de um-- questão de cromossoma (né↑ ia ser o) [()
- 328 mauro [pois é. pois é. enfim.
- 329 tais então é pela psicanálise mesmo então né↑
- 330 mauro eu acho-- eh eu acredito na psicanálise. eu acho eh não sou o psicanalista não sou não, mas eh gosto de estudar sabe↓ e acho que
- 331 tais você pensa em fazer uma
- 332 mauro penso penso. mas eh... pra mim é tão complexo porque eu eu estou eu eu poderia até estar estar associando mais a psicanálise a prática social. poderia sabe, até teoricamente. mas eh eu não sei eu eu gosto tanto da área social↓ eu sempre tenho ido né, pra pra pra pra procurado né↓ cinco anos eu trabalho na área social então eh (isso) acho que só agora eu estou que eu estou olhando mais pra teoria (sabe e tal)↓ eu já atendi já fiz atendimento e tal. não gosto de clínica e tal. mas é difícil fazer essa associação com a parte social e sabe↑ é difícil. eu sinceramente estou começando agora então
- 333 tais você falou que você trabalha na ong. gabe também trabalha lá
- 334 mauro [trabalho
- 335 tais [você nunca se esbarram? vocês trabalham em lugares diferentes?
- 336 mauro não, a gente a gente trabalha em lugares diferentes. a gente trabalha em casas diferentes eh ele trabalha na glória eu trabalho em laranjeiras, só que a gente almoça sempre junto. °eh°... agora em

- outubro a gente vai vai trabalhar na mesma casa porque a ong vai se concentrar numa
- 337 tais numa casa só
- 338 mauro numa casa só e: eh e eu vou (ter que)-- ele vai trabalhar no primeiro andar eu vou trabalhar no segundo né↓ ((tais risos)) mas é (tipo) tranquilo assim↓ eu acho que se a gente trabalhasse no (mesmo campo) se a gente fizesse parte da mesma equipe seria um problema↓ imagina ele ser meu chefe↑ ou eu ser o chefe dele↑ ou então↑
- 339 tais [hã hã
- 340 mauro [a gente ter que discutir alguma coisa embora a gente trabalhe muito bem juntos sabe↓ isso é uma coisa que eu acho que é bem legal assim↓ a gente-- eu fotografo também né↓ e o gabe é fotógrafo também↓ e a gente já fez uns alguns trabalhos juntos a gente fez até (umas) a gente fez duas exposições juntos e: a gente trabalhando junto assim direto em casa com computador, fotoshop, e não sei que, e a gente trabalha bem juntos.
- 341 tais e essa exposição que vocês fizeram eu acabei perdendo. vocês não vão fazer ela de novo não?
- 342 mauro não (de novo). talvez talvez essa exposição vá pro museu da república mas não está certo. mas seriam (tipo) com poucas fotos né↓ seria duas fotos de cada um talvez né↓
- 343 tais é que a (pati) na época que ela me falou “ah tá tendo a exposição não sei que não sei que lá”-- só que aí depois né no dia que ela podia eu não podia aí quando eu podia ela não podia. acho que nem ela acabou indo.
- 344 mauro ela não foi. ((riso))
- 345 tais é. ((gargalhadas))
- 346 mauro ela não foi. uma falha gravíssima (nela).
- 347 tais não, essa história de combinar e de de de ir junto é complexo
- 348 mauro hum
- 349 tais sempre acaba um não indo ou ambos não indo.
- 350 mauro pois é né, (a pati foi a pati) que foi o maior maior furo dela cara, porque é como se sabe↑ tipo você abrindo uma exposição e alguém da sua família não ir sabe↓ porque é minha família né↑ (assim tipo)
- 351 tais vou falar pra ela (que não vai dar pra) defesa dela ((gargalhada))=
- 352 mauro =não, eu já fui muito assim, já fui muito ((tais gargalhada)) vingativo↓ hoje em dia estou menos↓ ((risos)) ((tais risos))
- 353 tais se vingar [dela
- 354 mauro [é, me vingar dela [“não vou”
- 355 tais [“não vou [na sua defesa”
- 356 mauro [“não vou”
((risos))
- 357 tais você tá fazendo análise há quanto tempo?
- 358 mauro dois anos.
- 359 tais dois anos.
- 360 mauro dois anos. estou fazendo tem dois anos.
- 361 tais começou um ano então antes da () a mulher do do ()
- 362 mauro é.

- 363 tais sentiu muita diferença assim[↑] na sua
 364 mauro na minha vida? nossa como como. eu hoje a minha a minha analista falou uma coisa pra mim outro dia que eu fiquei assim-- pra caramba. eh ela falou assim “você não”-- porque ela () a gente tava falando de alguma questão minha complicada e tal e aí eu virei pra ela e falei assim “ó lucia mas eu não faço análise pra virar outra pessoa entendeu↓ eu não estou fazendo análise pra virar outra pessoa.” ela falou assim “você faz análise pra virar outra pessoa sim. porque porque análise é ela serve pra tirar aquilo que não é seu de você entendeu↓ pra você trabalhar aquilo que não é seu.” então é como você estivesse fazendo o trabalho de um de um de um escultor sabe↓ né[↑] tem até uma entrevista do do do rodin que o freud utiliza em várias eh eh em vários momentos quando ele vai falar da psicanálise, que fala que é como uma escultura a psicanálise↓ é tirar aquilo sabe↓ porque perguntaram pra rodin que-- como que ele faz escultura↓ ele falou simplesmente tiro da pedra sabe↓ ou do do material lá que ele usava. aquilo que não é a escultura entendeu↓=
- 365 tais =hã hã=
 366 mauro =e é isso. a psicanálise é isso. pelo que ela me explicou era isso. e eu falei “caramba então realmente pô” sabe↓ “é me transformar em outra pessoa sim. mas a pessoa que eu sou” entendeu↓ tirar aqueles ranços né↓ aquelas coisas familiares né↓ aquelas essas coisas que me fizeram sofrer em relação a questão homossexual entendeu↓ é isso que eu estou conseguindo ter que deixar. é duro deixar mas-- sabe eh eu tenho conseguido e nesse sentido eu estou me transformando sim em outra pessoa=
- 367 tais =[hã hã
 368 mauro [sabe[↑] muito mais eh sei lá. eu estou ah eu estou consciente do do do de onde de onde está aquilo que eu quero sabe↓ de fazer de não ficar me mais me: me: sacaneando sabe↓ que >eu já me sacaneei muito< e aí acho que com a análise eu estou fazendo isso muito menos.
- 369 tais e lá no prédio? o pessoal já se tocou que você e o e o e o mauro são casados
 370 mauro eu e o gabe
 371 tais tsc você e o gabe. eu troco sempre o nome de vocês=
 372 mauro =olha, eu eu acho que é aquela coisa quer dizer todo mundo: eh ([)
 373 tais [que no início eles deviam de achar que eram dois (meni-) né dois casais hetero
- 374 mauro ah mas eu acho que assim, a menina que mora no segundo andar que é é gay [também
 375 tais [ah tá.
 376 mauro tá, o pessoal do primeiro andar é ah eh eu acho que-- (ó) esse é um prédio muito tranquilo↓ as pessoas são muito tranquilas muito preocupadas com a vida delas mesmas e sabe[↑] elas não tão preocupadas com os outros↓ não tem mesmo questão↓ elas não têm não têm-- isso nunca ficou claro sabe↓ >se eles sabem se eles não sabem<.

- 377 tais não, eu perguntei só porque o teu prédio é pequenininho né↓ foi só=
- 378 mauro =eu acho que devem saber↓ eu acho assim acho-- tenho quase certeza. sabem. só não tenho certeza porque nunca ouvi de ninguém (você) entendeu? mas eu acho que é tranquilo assim↓ as pessoas sabe-- no primeiro andar tem dois loucos físicos que moram lá e tem uns filhos maravilhosos↓ crianças eh=
- 379 tais =aquele menininho que subia lá e ()=
- 380 mauro =é. e e no terceiro andar é a dona joa:na que é uma velhi:nha assim muito fofa↓ então assim eu não não tenho como te dizer se sabem ou não↓ se sabem ou se não sabem↓ são pessoas ótimas.=
- 381 tais =() que é um prédio pequeno=
- 382 mauro =é.=
- 383 tais =porque quando o prédio é grande tudo bem, a gente sabe que ninguém fala↓ eu meu meu prédio eu moro aqui há uns duzentos mil anos () minha mamãe mudou pra esse prédio em setenta e oito, mesmo assim-- o tempo que eu saí-- mas na casa da minha mãe eu sempre vim e eu nunca fui de () cara de ninguém ((risos)) que de vez em quando eu erro ((risos))
- 384 mauro ah por que é muita [gente
- 385 tais [muita gente né=
- 386 mauro =muita gente=
- 387 tais =quer dizer, nem é dos prédios maiores né, de dez andares=
- 388 mauro =é=
- 389 tais =né↑ são=
- 390 mauro =depois de um tempo dá pra você conhecer todo mundo é=
- 391 tais =quatro apartamentos por andar=
- 392 mauro =é. a gente não fica muito em casa também↓ a gente chega do trabalho cansado quer fazer alguma coisa pra comer e aí sabe↑ assim de vez em quando tinha uma época que a gente fazia mais festas assim↓ hoje em dia não tem isso↓ aí a gente chegava ah (pra) vizinha e () faz tempo que tá muito barulho aí dona sebastiana “ah não, quê isso. (aqui é) um lugar muito calmo. tem que fazer um barulho de vez em quando mesmo. ((tais risos)) mas isso (com a gente né)↓
- 393 tais que maravilha. ((risos))
- 394 mauro maravilha.
- 395 tais ((risos)) aqui nunca teve problema com festas. acho que é porque as paredes são grossas
- 396 mauro [é
- 397 tais [e acho que tá todo mundo velho. tá tudo meio surdo nesse prédio. ((gargalhadas))
- 398 mauro é. ((risos)) ((tais gargalhadas))
- 399 tais já teve uns festões aqui. nessa casa.
- 400 mauro pô, essa casa é ótima pra dar festas também né↓
- 401 tais boa, né↑
- 402 mauro combina combina.
- 403 tais é ótima pra dar festas né↑
- 404 mauro que casa. essa casa é ótima.

- 405 tais aqui teve muita festa. (muita festa). teve uma que a pati deu aqui e essa vou te dizer, foi-- parecia uma boate (de você) sabe[↑] boate que você anda de lado↓ ((mauro gargalha)) juro por deus. acho que o dedê botou u:m barril de: chopp lá na
- 406 mauro [nossa
- 407 tais [na varanda↓ era barril de chopp.
- 408 mauro que isso=
- 409 tais =mas era lotado↓ de você realmente passar mal=
- 410 mauro =e não teve reclamação (nem nada)?
- 411 tais nenhuma. ninguém reclama aqui. ((risos))
- 412 mauro que ótimo né↓ que ótimo. o próximo lugar que eu vou morar-- porque a gente vai sair de lá né↓=
- 413 tais =ah é. ele vai voltar ele vai=
- 414 mauro =é. ele já tá aí já há bastante tempo né↓ ele nem ficou lá o tempo que ele ia ficar, mas eh mas é isso sabe↓ acho que chega uma hora que que eh=
- 415 tais =vocês não dirigem né?
- 416 mauro a gente não dirige o quê?
- 417 tais carro.
- 418 mauro o gabe dirige.
- 419 tais o gabe dirige. você que não dirige.
- 420 mauro é, eu não dirijo não eu não dirijo.=
- 421 tais =ali pra quem não dirige é que é complicado.=
- 422 mauro é complicadíssimo. não, mas nem por isso, assim eu acho que ele ele vai querer sabe, que a gente continue lá, porque ele tá-- a grana tá fazendo diferença pra e:le e tal↓ e assim mas no dia que ele tiver condições ele vai querer voltar↓ mas acho que chega um momento assim eu e o gabe a gente (está) numa fase de que a gente: a gente quer ter a nossa casa↓ eu ele.=
- 423 tais =só vocês dois.
- 424 mauro só nós dois. () sério porque eu tenho que falar isso pra lana sabe↓ () eu adoro e tal e eu conheço a lana há anos e sei como ela vai reagir e tal↓ a gente enfim a gente tem que escolher né↓ a gente quer-- (não quero deixar de viver o que)-- eu quero viver do que-- não quero magoar uma pessoa.
- 425 tais claro.
- 426 mauro uma das coisas que eu aprendi na análise, (quer dizer), posso decepcionar as pessoas↓ eu tenho que decepcionar [elas
- 427 tais [de vez em quando [não tem
- 428 mauro jeito [de vez
- em quando↓ é, é, de vez em quando↓ é isso.
- 429 tais você conheceu a lana na na faculdade (mesmo)?
- 430 mauro conheci a lana na faculdade↓ conheci a lana na faculdade eh eu conhecia uma meni:na né↓ que era uma amiga minha desde o início da faculdade que um dia a gente de tanto brincar um com o outro “ah eu sou gay” ela falava que ela era lésbica né↓ aquela brincadeira↓ um dia a gente encheu a cara e contou um pro outro que aquela brincadeira era tudo verdade que sabe[↑] e começou a

contar-- uma falar da vida e tal (e nisso) começou a fazer uma matéria que que era uma matéria de teatro na faculdade↓ e aí essa minha amiga conheceu a lana. “ah conheci uma menina ótima que é gay também não sei que.” eu me aproximei da lana↓ nessa época eu continuava me aproximando das pessoas simplesmente pelo fato delas serem gay e tal e aí, sorte sabe↑ a lana era uma pessoa ótima e a gente é amigo há uns oito anos=

431 tais

=e ela armou () ((gargalhada))=

432 mauro

=e ela armou ela inventou ((tais gargalhadas)) inventou. porque o gabe ele eu-- o gabe era aquele cara que eu sempre vi na faculdade e nunca: me despertou o menor desejo. nunca: olhei pra ele com sabe tipo assim “eu pegaria esse cara.” nunca. porque o gabe era hippie.

433 tais

hã hã

434 mauro

então o gabe tinha um cabelão↓ imagina o gabe barbudo↓ desfilava de bermuda de chinelo de couro sandália de couro sabe↓ bermuda fura:da blusa fura:da sabe↓ aquele cara tipo que se—que-- não me atrairia assim sabe↓ ((tais risos)) e aí a lana inventou que que o-- falou pro gabe que que eu achava o gabe bonitinho ((tais risos)) sabe↓ eu nunca falei isso pra ela↓ que ela queria se aproximar lá da menina né↓ ((tais gargalha)) (que era amiga dele né↓) e aí me utilizou. é ((tais gargalhada)) assim, eu poderia dizer a lana é uma fada madrinha né↓ a lana é ((tais gargalhadas)) nada disso. ela me utilizou. e tudo por interesse dela entendeu↓ ((risos)) ((tais gargalhadas)) tudo sabe↓ mas eh se você perguntar isso pra ela ela ficou puta porque ela acha que ela não-- (pensa) sabe↑ ela não fez de sacanagem entendeu↓ ((tais gargalhada)) mas tudo bem né↑ atirou no no que viu acertou no que no que não viu né. ((tais risos)) porque a gente (fi- aí a) a gente acabou bebendo junto no no bar, acabou saindo pra pra continuar bebendo e fuma:r maconha na casa do gabe e tal. e eu fui lá “hum hum”↓ não tava nem interessado nele. só que a lana bêbada falou assim “olha mauro, esse garoto tá dando mole pra você porque não pega e tal e tal?” e ((tais risos)) três horas da manhã (a gente começou). eu acordei às quatro da tarde. ((tais risos)) aí eu falei assim “ah cara eu estou aqui, não estou fazendo nada↓ vou pegar esse cara.” aí peguei. fiquei com ele assim foi maravilhoso e no dia seguinte tava apaixonado pelo gabe. e: eu liguei pra ele e falei assim eu liguei >eu nunca faço isso< eu liguei pra ele falei pra ele “ai” como eu estava pensando nele, como eu sabe, como tinha sido maravilhoso com ele e tal. ele pra mim assim “ah ah então tá” e “quando a gente se vê?” “ah vamos deixar rolar.” ele falou isso pra mim↓ eu fiquei muito puto com ele, falei “cara, vamos deixar rolar, deixar rolar é um fora pra mim sabe↓”

435 tais

é, parece que não tá ligando igual.

436 mauro

é. aí aí a gente: aí a gente eu não falei mais com ele. meu telefone quebrou nessa época daí ele não conseguia me liga:r e tal. um dia ele apareceu na faculdade lá e a gente se encontrou reencontrou ficou junto de novo↓ aí desde então a gente: eh no início a gente a (simplesmente) não conseguia se desgrudar sabe↓ a gente não

- consegue até hoje se desgrudar↓ ((tais risos)) e naquela época ele eh era assim, ele chegava do trabalho e eu já tava em casa, ele falava assim “eu estou chegando em casa”↓ aí eu ia pra pra casa dele a gente se encontrava embaixo do prédio ele subia. aí a gente dormia junto todo dia, não conseguia se desgrudar e tal e chegou uma hora que sabe↑
- 437 tais hum
- 438 mauro “gabe, olha só, não dá pra gente ser mais hipócrita↓ vamos morar junto.” aí eu comecei a morar com ele e com uma galera que ele já morava. ele morava com mais duas pessoas↓ morava eu e ele e mais duas pessoas. (assim) assim que a gente começou morar junto. então você (vo-) na verdade-- que você toda-- desde que você saiu de casa (você) nunca morou você e você né↑
- 439 tais
- 440 mauro eu sozinho não. nunca. nunca morei. o máximo que eu cheguei disso era com a minha irmã que trabalhava feito uma cachorra durante o dia inteiro sabe↓ e chegava em casa de noite e desmaiava. sabe. mas sozinho sozinho nunca. nunca. ainda não tive essa experiência não sei se eu vou ter né↑ ((tais risos)) um dia. vamos ver.
- 441 tais pôxa, beleza, então mauro, tem mais (alguma coisa)=
- 442 mauro =ai mas tem assim tanta coisa↓ mas enfim-- se você fizesse essa entrevista em outro momento iam sair outras coisas sabe↓ a (acho que foi o que)
- 443 tais foi saindo.
- 444 mauro foi saindo.
- 445 tais não, mas tá ótimo.
- 446 mauro é.
- 447 tais ((ruídos)) tenho aqui-- (tenho que dar uma olhada). então vamos lá. ((ruídos))
- 448 mauro porque é eh eh eh fidelidade eu acho que eu tenho uma concepção até hoje um pouco diferente do do gabe nessas coisas↓ agora ele não sabe que eu estou com você. eh. eu acho que que a fidelidade é por muito tempo-- eh eu eu sou uma pessoa que eu tenho uma dificuldade () sabe↓ tenho dificuldade em ser fiel nesse eh vamos dizer nesse eh nessa concepção mais mais eh culturalmente aceita entendeu↓
- 449 tais hã hã
- 450 mauro porque eh a vida inteira assim dos relacionamentos que eu tinha eu sempre ficava com outras pessoas sabe. sempre ficava. eh e: só que em determinado momento assim na análise mesmo eu percebi que que a a questão da infidelidade não era em relação ao outro sabe↓ era em relação a mim mesmo sabe↓ eu eu eu acabava na verdade-- não, a questão da fidelidade era era minha sabe↓ eu eu tava sendo infiel porque eu queria entendeu↓
- 451 tais hã hã
- 452 mauro então várias vezes o fato de ter ficado com uma outra pessoa era justamente pra-- por isso que eu tava que eu me sacaneei pra cacete sabe↓ era justamente pra não viver uma coisa maravilhosa.

- era justamente pra não viver uma coisa que tava dando certo. entendeu↓ era justamente me impossibilitar sabe↓=
- 453 tais =de dar certo=
- 454 mauro =de dar certo entendeu↓ então eu eu sabe, já comemorei-- quando eu namorava com o roberto e quando a gente tava eh eh quando a gente tava fazendo um ano de namoro, ele tava viajando já há uns quatro meses. eh eu como eu-- tava no dia do nosso de comemorar nosso um ano, eu tava com outra pessoa entendeu↓ tava com outro cara assim↓ o cara lá mal por ter apaixonado por mim e eu não me envolvia por ele porque eu tinha o roberto e o roberto tava lá na suécia e eu tava=
- 455 tais =hã hã=
- 456 mauro =sabe no dia do do do do=
- 457 tais =do aniversário=
- 458 mauro =de comemorar (o) nosso aniversário com outro cara entendeu↓
- 459 tais hum
- 460 mauro então fazia essas coisas entendeu↓ eh e sempre foi assim sabe↓ inclusive tipo no início do nosso namoro até uns tem uns tem uns dois anos e tal, eu fiquei com outra pessoa fiquei com outro cara. eh escolhi um cara eh eh igual ao gabe ((tais risos)) sabe↓ escolhi um cara loiro de olho verde eh muito parecido com o gabe sabe, e descobri que era sabe↓ era pôrra traír o gabe com quem? com ele mesmo sabe. (porque me envolver) com o cara? sabe, enfim. ele até ficou sabendo disso. (a gente) ficou mal uma época por conta disso↓ enfim, mas chega uma hora na relação que você que você não sabe mais se você é atraente, se você desperta desejo em outras pessoas sabe↓ acho que foi mais também pra isso sabe.
- 461 tais hã hã
- 462 mauro eu tenho o tempo inteiro (aquele)-- de vez em quando volta volta isso assim “(caralho) será que eu ainda sou atraente? será que eu? [sabe↑
- 463 tais [hã hã
- 464 mauro aí às vezes em-- quando bate aquele-- hoje em dia hoje em dia eu já não tenho esse ímpeto do sabe de ah sabe↓ se eu sentir vontade eu vou lá e vou fazer entendeu, que é óbvio óbvio que eu sinto vontade entendeu↓ uma vez homens maravilhosos me dando mole e tal. (tipo) no trabalho tem homem que sabe que-- tem um tem um francês no meu trabalho agora que é impressionante, mas lindo maravilhoso↓ fica olhando pra mim o dia inteiro ((gargalhadas gerais))
- 465 tais tortura ((gargalhada))
- 466 mauro é uma tortura. mas eu não não não vou não↓ dessa vez não vou me sacanear entendeu↓
- 467 tais enfim então é então é de uma maneira que não é a maneira tradicional
- 468 mauro é=
- 469 tais =essa de infidelidade
- 470 mauro é, com certeza não é a de
- 471 tais a infidelidade é com você.

- 472 mauro a infidelidade comigo sabe↓ não é em relação a a a ele sabe↓ porque eu sei que antes de sacanear ele eu vou estar me sacaneando muito entendeu↓ mas mesmo assim é duro é duro.=
- 473 tais =é porque=
- 474 mauro =algumas vezes é [muito
- 475 tais [fissura por uma [pessoa
- 476 mauro [é porque assim
- 477 tais [faz parte da sua vida
- 478 mauro [é porque eu eu eu por muitas vezes assim eu acredito em sexo sem amor sabe↓ acredito nisso acredito em tesão sabe↓ acho que tipo tesão eu vou sentir sempre entendeu↓ agora um relacionamento construído sabe e tipo e e também sabe↑ o que que eu vou botar a perder também sabe no meu relacionamento com ele sabe↓ já sabe hoje em dia eu penso assim é uma coisa que eu penso recentemente sobre dessa forma entendeu↓ mas eh eh já fiquei já fiquei com um () com uns garotos (com esse garoto) eu tive um caso com esse garoto sabe↓ eh comigo ([é complicado).
- 479 tais [caso mesmo de ir ao cinema? essas coisas eu sempre falo
- 480 mauro [não
- 481 tais [tem uma coisa que é branda e tem uma coisa quando você vai quando você namora
- 482 mauro [é
- 483 tais [vai ao cinema e jantar [fora (é diferente).
- 484 mauro [é, foi foi foi assim, a gente não chegou a ir ao cinema, mas a gente pegou um vídeo em casa serve? ((gargalhadas gerais))
- 485 tais pois é, tipo programa de namorado né↓
- 486 mauro então a gente viu vídeo e tal, ele tinha acabado de de de de terminar também um relacionamento que ele (fa-) que ele tinha há uns cinco anos também↓ enfim eu fui viver-- na época eu tava mal com o gabe, isso não justifica nada, mas enfim é “vou viver isso e tal.” eu sabe↑ chegou um momento também que eu falei “não, não é.” sabe↑ “não vale a pena. porque que eu estou fazendo isso?” sabe↓ “e aí eu vou me” o que? bate uma culpa, bate tudo isso (não sei que lá). enfim aí=
- 487 tais =você contou pra ele ou ele descobriu?=
488 mauro =cara assim eh o o gabe-- o que aconteceu foi o seguinte eh o gabe teve uma historinha, ficou teve rolou uma coisinha lá tipo que não foi isso o que eu vivi, porque não foi um caso↓ o que ele teve foi um contato sexual com um cara entendeu↓ que não foi-- (um dos) mais idiotas possíveis↓ foi tipo não sei quantas-- (não sei como te responder). uma punheta sacou↑
- 489 tais hã hã
- 490 mauro bateu punheta com um cara. foi isso que ele fez. só que ele ficou muito mal muito mal e eu conheço muito o gabe sabe↓ a gente se conhece muito assim o jeito como o outro fica entendeu↓ e eu como eu sou muito perceptivo sabe e aí o gabe tava um dia lá mal

em casa, eu percebi “que que foi que aconteceu?” já desconfiando sabe o que que foi que aconteceu. “ah nada, (tô meio mal) e tal.” aí eu virei pra ele e falei assim “gabe (o que foi que aconteceu)? você pode falar pra mim sabe↓ a gente pode conversar sobre isso. não vai--” aí ele me contou o que-- (tava bolado) que tinha acontecido isso e não sei o não sei o que. chorou ficou mal e sabe↑ e eu e eu sabia que era uma coisa que era possível acontecer sabe↓ que podia acontecer comigo sabe. aí eh aí de uma forma muito legal, eu acho né, a gente pôde trabalhar essa questão conversa:r falar sobre isso, falar sobre desejo de outras pessoas↓ eu falei que eu também tinha mas que ainda não tinha fe:ito e tal e parará e parará. passaram-se uns três meses eh eu não sei eu eu acho que isso ficou entendeu↓ ficou aquela coisa aquela aquele orgulho aquela coisa meio sabe↓ “tá tudo bem, vou me dar bem. mas cara também não é agora porque agora eu estou tem tem uma cartinha branca pra usar aqui né↑” então

- 491 tais tem um precedente ((risos))
- 492 mauro tem precedente né. e aí eu fiquei com esse caso. só que eu num eu não-- embora eu tenha feito pegação uma época da minha vida, hoje em dia é uma coisa que... não me interessa entendeu↓ não acho legal isso. sabe. eh então não fiz não ia fazer a mesma coisa só porque ele fez entendeu↓ eu me envolvo com as pessoas eu fico com pessoas não ia ficar com um desconhecido e era um cara que é uma pessoa que é conhecida da gente sabe↓ uma pessoa que é que tem-- não é amigo sabe↑ mas é uma pessoa que eu conheço é um amigo da lana de niterói entendeu↓
- 493 tais é que circula né↑
- 494 mauro é que circula. e aí eu eu não consigo fazer isso sabe↓ de ir pro banheiro e fazer uma sacanagem não consigo (sacou)↓ e aí eu a gente ficou aí foi ficando foi ficando foi fica:ndo, foi se ve:ndo mais e aí sabe↑ e aí foi toma:ndo uma coisa sabe, eu achei que tava apaixonado por esse garoto que ia terminar com o gabe sabe↓ enfim. só que aí sabe chegou um momento que não era nada daquilo. (falei) “gente, não é isso. eu estou apaixonado pelo gabe sabe↓” porque eu acho que que serviu pra eu ver o que eu sentia por ele. enfim. sabe. mas já já depois disso eu fiquei com outro garo:to eu fiquei
- 495 tais e você () e você acabou contando pro pro gabe
- 496 mauro contei contei desse desse menino eu contei. mas aí na minha análise, eu eu tava conversando com a minha analista, ela falou que eu não devo contar pro gabe sabe. ela falou assim “você não deve contar isso pra ele. isso não diz respeito ao gabe. diz respeito a você. (entendeu)↑ pára de jogar merda no ventilador e parará parará parará.” enfim. só que o único que eu transei foi esse garoto. foi foi o alfredo.
- 497 tais eu tinha uma amiga que dizia assim “não contar é ruim. contar é péssimo.” ((risos))
- 498 mauro eu achava que eu devia contar pra e:le porque a gente devia escolhe:r e tal. sabe↑ então isso sabe (isso eu isso eu) isso que eu

- percebi na minha análise. era uma forma que eu tava encontrando de botar tudo a perder [entendeu↓
- 499 tais [hã hã
- 500 mauro de me sacanear mais uma vez sabe↓ pô que o gabe é a pessoa que eu tô apaixonado, que é um cara maravilhoso, sabe, que é caralho tipo eu não vou me envolver, eu acho que eu não vou me envolver com outra pessoa como ele [entendeu↓
- 501 tais [hã hã
- 502 mauro e ter uma relação maravilhosa sabe que a gente tem. com outra pessoa eu eu acho que não vou ter entendeu↓ então “porque que eu estou botando isso a perder sabe? porque eu estou inventando que eu estou apaixonando por esse garoto?” que não tava sabe. não tava mesmo. não tava. (mas tipo) também de pirraça com ele também sabe↓ acho que por ele ter feito.
- 503 tais ficou com ciúme (assim)
- 504 mauro eu fiquei com ciúme e tentei entender sabe↓ essa tendência de psicólogo sabe↓ tentei compreender sabe que isso faz parte do sabe↑ (só que) eu acho que chega um momento que não deu entendeu↓ fiquei com aquele orgulho de macho ferido sabe↓ aquela coisa “como ele desejou outra pessoa que não eu?” entendeu↑
- 505 tais a cabeça entende, [mas o coração não. ((risos))
- 506 mauro [é é é pois é. enfim. aí por conta disso eu acabei, eu acho né, acabei ficando com esse garoto e tal. mas-- e aí teve uma outra vez que eu fiquei por ficar assim porque a lana tava terminando com a pati e tal e ele eh ela ficou com uma menina, e aí essa menina tinha um amigo que não queria ficar sozinho, aí e eu ((tais risos)) aí eu dei um beijo no menino assim.
- 507 tais uma bobaginha.
- 508 mauro foi uma bobagem (mas nada assim)-- mas aí já o alfredo foi uma coisa mais séria assim foi mais foi mais complicado. bem complicado. complicado () qualquer momento () ((tais risos)) me abrindo meu coração tipo sei lá é complicado. eu só não sei lidar ainda com isso↑ sabe↑ (como é que é) desejo, o que que é natural que rola que acho que todo mundo tem entendeu↓ o que que eu faço com ele entendeu? quando ele rola entendeu quando ele aparece sabe↓
- 509 tais hum
- 510 mauro porque eu acho que é assim eh eh por uma boa parte da minha relação com o gabe isso não surgiu. sabe, aí tudo bem. “ah tal você tá abrindo (latifúndio?)” sabe abrindo espaço na relação porque acontece que abriu um espaço porque tinha um espaço pra acontecer entendeu↓ só que aí da aí passa um tempão não é nada disso sabe↓ você não precisa você não pensa e tal. aí vem em determinado momento aparece de novo sabe↓ “quê isso?” sabe↑ que eu que eu questiono sabe↓ que eu questiono muito se se sabe↓ ah aparece é isso mesmo. eu devo conversar com o gabe (da gente), ter uma relação aberta sabe↓ não é isso que eu quero. eu não quero que ele fique com outras pessoas entendeu↓

sabe. é impressionante. como como tem viado que adora banheiro sabe↓ então eh (e eu) fico meio puto sabe porque: eu acho que é o tipo de coisa que faz com que as pessoas sejam preconceituosas também sabe=

- 529 tais =hã hã=
- 530 mauro =entende↑ é é pôrra tipo por isso tem (gen-) acho que tem gente que pensa que gay quer trepar o tempo inteiro sabe=
- 531 tais =é=
- 532 mauro =porque cara tem umas pessoas que que aí bicha de banheiro () esse termo que eu inventei geralmente são que aqueles gays feios e que não conseguem ninguém vão pro banheiro tentar conseguir uma coisa mais efêmera sabe↓ um uma gozadinha sabe e tal. e aí eh e no caso do gabe ele já sabia que eu falava isso, ele já sabia as opiniões que eu tinha ((interrupção da fita))
- 533 tais ([)
- 534 mauro [é
- 535 tais [e até disse disse
- 536 mauro a gente mete os pés pelas mãos mesmo na na-- olha é difícil se relacionar sabe↓ é muito difícil sabe↓ acho que ele ele acho que as pessoas fazem essas coisas (in-) inconscientemente mesmo sabe↓ eh não acho que ele tenha pensado “vou fazer isso porque o mauro vai ficar puto comigo. isso ele não gosta” entendeu↓ mas porque deu o desejo né↑ de fazer uma parada↓ tipo assim que né↑ era a parada que eu não gosto que eu acho que é absurdo que eu acho que sabe↓ eu não gosto. eu eu tenho sabe é uma coisa que me incomoda↓ isso me incomoda sabe. isso é uma coisa que me incomoda sabe. essa coisa de banheiro sabe↓ que se for se eu for fazer minha análise eu vou descobrir-- sei lá. tipo eu tinha cinco anos de idade tipo uma vez fui num banheiro tinha um homem tocando punheta na minha frente sabe↓ e eu num eu num num não entendi muito aquilo sabe↓ tipo e e pô eu tinha cinco anos meu pau era pequinininho um pau de garotinho sabe↓ eu vi um pau gigante na minha frente aquela coisa vermelha de cabeça pra fora eu falei-- sabe↑ eu fiquei aquilo me deixou
- 537 tais era um pedófilo.
- 538 mauro [era.
- 539 tais [você deu você deu foi sorte. ((risos)) você tava ([)
- 540 mauro [pois é. e meu pai vou perguntar pro meu pai meu pai ficou na porta e eu entrei entendeu↓ e aí sabe eu vi aquela cena (que) vai de repente né↓ vai que tem a ver hoje em dia eu eu ter-- porque é uma coisa que me incomoda muito sabe↓ o eu quando entro sabe, no banheiro, vejo que tem um eu saio entendeu↓ eu ou então eu sabe faço questão de falar pôrra () sabe=
- 541 tais =é porque homem tem isso né↓ na organização do banheiro masculino que tem aquele mictório um do lado do outro né, sem privacidade↓ se você quiser privacidade tem que entrar na parte da do [do reservado

- 542 mauro [do reservado, é, tem
isso. e e e e tem muita gente tem tem gente que só tem relação
sexual dessa forma entendeu↓ no banheiro sabe↓ e é uma parada
que pôrra sabe eu quero ir lá fazer meu xixi tranquilo sabe↓
((risos))
- 543 tais ((risos)) não foi lá [pra transar.
- 544 mauro [não fui lá pra [transar
- 545 tais [tem lugares mais
interessantes. ((risos))
- 546 mauro é, pois é. e olha que as pessoas que fazem isso nunca são
interessantes entendeu↓ nunca são são pessoas-- geralmente sabe,
já tem aquela coisa já sabe, associada àqueles banheiros fedorentos
sabe↓ enfim.
- 547 tais é engraçado. contribui mesmo pra essa coisa da da imagem porque
tem uma imagem do gay [promíscuo né↓
- 548 mauro [claro tem.
- 549 tais porque eu vejo essa coisa quando eu vejo eh=
- 550 mauro =mas não é-- mas aí essa coisa do gay promíscuo entendeu↓ isso tá
diretamente relacionado à à à à masculinidade↓ não tá relacionado
() quando você pensa no no nisso não não tá tipo viados mulheres
entendeu↓
- 551 tais hã hã
- 552 mauro associado ao feminino entendeu↓ isso tá diretamente associado ao
[masculino
- 553 tais [entendi hã hã ao masculino=
- 554 mauro =porque porque que não existe ponto de pegação de mulheres de
lésbicas entende↓ não é uma coisa relacionada à homossexualidade
entendeu↓ é à masculinidade porque por que se o homem pudesse
trepas com a mulher-- se a mulher sabe quiser trepar com um
homem como um homem gostaria de trepar, a gente ia ter uma
coisa muito promíscua entendeu↓ porque o homem assim se a
mulher abrir a perna ele tá metendo entendeu↓ não quer saber
- 555 tais [é
- 556 mauro [então são dois homens↓ querem a mesma coisa entendeu↓ então
eles vão fazer vai ter ponto de pegação mesmo entendeu↓ então pra
mim isso não é uma coisa=
- 557 tais =é, tá mais ligada à masculinidade. mas engraçado, socialmente é
visto quer dizer, não que o homem não seja visto como promíscuo,
mas é um promíscuo aceito=
- 558 mauro =aí, é, aceito=
- 559 tais =“ah homem é assim”=
- 560 mauro =a questão das putas né e tal, que são aceitas e né↑ tem isso. hoje
em dia menos né↓ os homens procuram menos as putas né↓ porque
acho que as mulheres estão mais mais liberais.
- 561 tais é [()
- 562 mauro [elas estão dando mais estão dando mais. ((risos))
- 563 tais ((risos)) porque e tinha uma uma geração-- teve uma época que era
assim era meio pegava mal sabe↓

- 564 mauro é. então hoje em dia-- não, hoje em dia hoje em dia elas tão desesperadas sabe porque não tem homem↓ o primeiro que aparece elas estão laçando sabe↓ elas estão meio desesperadas as mulheres né, com relação aos homens, porque não tem homem no mercado não↓ sei que tem umas que dizem que tem muito gay ((risos)) ((tais gargalhada)) e aí os que sobram você tem que laçar logo↓ (o cara) ou é casado ou é gay.
- 565 tais é, uma vez eu ouvi um papo assim “tem muito gay. tá diminuindo o número de homens. tem muito gay.” eu falei “mas tem muita lésbica [também”
- 566 mauro [claro
[claro
- 567 tais “[tá diminuindo proporcionalmente. ((risos)) dá pra todo mundo.”
((risos))
- 568 mauro é, mas é porque o o o homem fica porque é a questão da da da da masculinidade né↓ ela é cobrada↓ a mulher ela não é cobrada em ser feminina sabe↓ não não não cobram da mulher sabe↓ a feminilidade sabe↓ nesse sentido que cobram do homem↓ eles cobram↓ assim↓ é cobrado sabe↓ a mulher a questão do gênero sabe=
=hã=
- 569 tais =só que eh no caso do homem acho que é uma coisa além disso sabe↓ é uma coisa do do pau mesmo sabe↓ tipo do do do do eh tem a questão do gênero também a questão do provedor e tudo isso sabe↓ mas eh (compor-) de comportamento sabe de de de de enfim (cada um) num gênero, que eu estou falando né essa coisa do do... de de de ter que demonstrar que é masculino [sabe
- 571 tais [tem que provar que é homem [vinte e quatro horas por dia
- 572 mauro [de ter que provar isso sabe e aí passa pelo sexual e por exemplo, a mulher [não
- 573 tais [é
- 574 mauro sabe então o homem é aquele que mostra sabe↓ aquela coisa tipo assim “ah (sim), fulaninho te chamou de viado, mostra o pau pra ele” [entendeu↓
- 575 tais [é
- 576 mauro né↑ desde pequinininho lá “mostra o pau. mostra que você é homem.”
((tais risos)) aí tem um monte de viado mostrando o pau dentro do=
=dentro do banheiro ((risos))=
- 577 tais =do banheiro. aí ((risos)) tá mostrando que é homem.
- 578 mauro pra mostrar que é homem ((risos))
- 579 tais né↑
- 580 mauro
- 581 tais eu uma vez eu fui no banheiro masculino num teatro o cara ficou tão constrangido coitado↓ fiquei até com pena↓ mas o banheiro feminino estava com a luz apagada e eu queria fazer meu xixi. eu não [ia acertar no vaso sanitário ((risos))
- 582 mauro [ah e até que é que é perigoso

- 583 tais aí botei a cara assim, vi que não tinha nenhum homem, entrei na parte do vaso né↓ fiz meu xixi lépida e fagueira, quando eu abri a porta o cara tava mijando↓ eu nunca vi alguém ficar tão vermelho feito o cara. ((riso))
- 584 mauro engraçado né↓
- 585 tais e surpreso. acho que por um segundo ele ficou na dúvida se ele tava no banheiro errado. ((gargalhada))
- 586 mauro pois é, né. ((risos))
- 587 tais tadinho
- 588 mauro tadinho
- 589 tais podia ter pego uma cena de viado no banheiro
- 590 mauro podia ter pego↓ mas acho que-- tem até uma história muito engraçada↓ uma amiga minha eh eh que a gente tava-- uma amiga gay né e tal porque essa essa minha amiga é muito interessada no sexo masculino gay essa coisa do tipo eh pegação sabe↓ olhar olhou e o que às vezes trepa faz tudo e não fala uma palavra entendeu↓ e ela hum super interessada nisso achava o máximo e tal. e aí um dia a gente tava em rio das ostras a gente fez uma viagem de solteiros né↓ que o gabe tava nos estados unidos. eu fui pra rio das ostras com ela essa amiga e mais duas outras amigas. e aí um dia a gente começou a beber e tal e as outras duas foram dormir e a gente ficou andando lá na praça central, lá na na praia né. rio das ostras tem como em todo lugar né pegação de homem né↓ e tinha um cara lá e foi atrás de uma de uma de um quiosque e o cara tipo me viu, só que ele não viu ela↓ então (ele ficava batendo punheta)↓ ele ficava olhando pra mim sabe↓ e aí (tipo) eu achava aquilo muito engraçado↓ e ela tava perto de mim e eu falava assim “ó tá vendo que ele tá batendo punheta?” que ela queria ver entendeu↓ ((tais risos)) aí ela ficava meio que escondia atrás de mim, ele ficava batendo punheta pra mim e ela ficava vendo sabe↓ quando o cara viu ela o cara saiu assim desesperado foi embora sabe↓ tipo é uma coisa que é não é permitida às mulheres sabe↓ tipo tá fora do do do do do universo sabe↓ é pra é pra homem mesmo entendeu↓ num
- 591 tais eh você sente muita diferença assim de boate eh que tenha mais lésbica e boate que tenha mais gay? uma diferença de aceitação? quer dizer das lésbicas de aceitarem mais o homem no espaço delas do que os-- que no les boys todo mundo diz que é super=
- 592 mauro =não, mas mas isso isso=
- 593 tais =preconceituoso=
- 594 mauro =mas isso tem a ver com uma coisa mais mais cultural mesmo sabe↓ eu acho que existem lésbicas, existem gays, existem lésbicas e lésbicas, gays e gays, entendeu↓ então existem as lésbicas que que são pessoas que não são preconceituosas↓ por isso que eu digo que pra mim gay é é sabe é só um sujeito que escolheu [sabe
- 595 tais [não, não, mas eu pensei assim eu estou falando
[do espaço estou falando do espaço

- 596 mauro [então então, aí então aí tem tem boates, não isso que eu que eu ia continuar eh existem boates de lésbicas que é são boates de lésbicas com nível mais baixo de instrução até entendeu↓
- 597 tais hã hã
- 598 mauro e aí elas são masculinas. elas são homens. entendeu↓ eu lembro de ter ido numa dessas uma vez eu tava dançando e tal. e tinha uma morena linda assim dançando perto de mim e tal eu sabia que era lésbica e tal, e a gente começou a dançar junto né↓ e aí ela (veio dançar aquela coisa) sedutora e eu dançando com ela também, não sei que (dança) e tal não sei que. aí estou dançando com ela daqui a pouco eu parei de dançar e virei assim pra pegar alguma coisa e passou uma mulher né↓ isso já tem uns seis anos. passou uma mulher e e me deu uma ombrada assim sabe↓ () um pouco pra trás assim↓ aí eu olhei quando eu olhei eu vi eu identifiquei rapidamente que ela ia dar outro (papo). aí só () veio em direção eu peguei meu ombro e fiz assim pá nela né↓ dei uma ombrada nela () tipo e bem mais forte né↓ tanto que ela foi indo pra trás. quando ela veio pra cima de mim eu falei “olha só, você é lésbica mas você não tem peru não tá?” eu falei pra ela isso ((gargalhadas gerais)) que ela tava achando que ela era homem sabe↓ tipo assim “minha mulher e tal. qual é?” ((tais risos)) eu falei “minha filha, você não tem peru ainda sabe.”
- 599 tais é como fosse o eh=
- 600 mauro =como se ela fosse o macho da relação e como se ela () ela pode fazer o que ela quiser, agora no momento que ela vem me dar ombrada=
- 601 tais =é
- 602 mauro ela está entrando no meu espaço e aí eu vou dizer realmente essas coisas pra ela entendeu↓
- 603 tais ((risos)) ai (jesus)
- 604 mauro e aí tudo tudo é tã:o tudo é tão parecido sabe↓ eu não consigo sabe↓ tem essa coisas tem essas essas particularidades essa coisa da pegação, mas é uma coisa que que eu acho que não é não é não é de um grupo sabe↓ eu vejo muito mais relacionado à à que- à questão [social
- 605 tais [questão do masculino
mesmo
- 606 mauro do masculino sabe↓ tá tá dentro do masculino sabe↓ tá dentro do do do-- é porque são homens que gostam de homem sabe↓ mas são homens entende↓
- 607 tais hã hã
- 608 mauro porque homem que gosta de mulher sabe faz de outro jeito porque sei lá↓ as mulheres as mulheres sabe também têm a contrapartida delas também né↓ tem que conquistar sabe↓ hoje em dia tá diferente↓ hoje em dia elas transam na primeira vez mesmo.
- 609 tais é, hoje em dia tá mais solto ()
- 610 mauro graças a deus. ((tais risos)) graças a deus.

- 611 tais essa história da da repressão é muito é muito (pesada.) o movimento feminista-- por isso que eu vejo às vezes assim movimento gay-- você faz parte de algum movimento?
- 612 mauro não, não faço. não faço.
- 613 tais eu vejo assim, embora por um lado aparentemente tem uma coisa de distinção né↑ fica vinculando a () mas por outro lado infelizmente a gente pra ter mudança precisa ter um movimento.
- 614 mauro claro claro.
- 615 tais o movimento feminista tinha uma coisa até de exagero no início que também de-- eu me lembro quando eu era garota, que era o auge do movimento feminista, criaram até a roupa unisex né↓
- 616 mauro hum hum
- 617 tais então você ia comprar calça, calça de homem e calça de mulher tinha o mesmo corte. cara, não dá [pra ter o mesmo corte. ((risos))
- 618 mauro [não dá até porque biologicamente
[é diferente, é
- 619 tais [não dá. a bunda [é outra.
- 620 mauro [é é
- 621 tais [né↑ na frente não tem né↑
- 622 mauro [hum não, é, não tem pau. não tem
- 623 tais um tem pau o outro não tem. o caimento fica diferente. não adianta. então as mulheres compravam roupas unisex e faziam () ((risos))
- 624 mauro é e o pior é que a mulher quer usar uma coisa pra pra pra mostrar que não existe diferença entendeu↓ mas uma diferença muito-- você não pode (exclu-)
- 625 tais é que essa diferença é completamente relevante.
- 626 mauro com certeza
- 627 tais diferença biológica dane-se né?
- 628 mauro com certeza com certeza.
- 629 tais mas passa por isso, (quer dizer) tem que cair no primeiro no no né no exagero pra poder
- 630 mauro não ()
- 631 tais () pra poder sei lá, chamar atenção não sei
- 632 mauro não, o que eu acho é que você precisa chamar atenção pra você mostrar que existe a diferença não é?
- 633 tais é
- 634 mauro você chama a atenção e mostra “ó, nós somos diferentes e a gente tá (lutando) por isso.” é
- 635 tais é isso mesmo. isso aí fica porque eu vejo o movimento gay nesse lado↓ porque eu já entrevistei umas pessoas que-- não que eram assim meio putas com o movimento gay “acho também meio demais não sei que. fica com é é alimentando uma distinção.” mas eu eu fico às vezes pensando, [alimenta uma distinção
- 636 mauro [óbvio
- 637 tais sem dúvida, né, [não tem jeito.
- 638 mauro [óbvio
- 639 tais mas será que não precisa fazer
- 640 mauro é o preço né↑

- 641 tais esse movimento primeiro pra poder depois fazer um outro movimento de de?
- 642 mauro pois é, mas tem que ser um movimento consciente né↓ não pode ser uma
- 643 tais é, tem que saber o que tá fazendo.
- 644 mauro tem que tem que saber o que tá fazendo com certeza.
- 645 tais você nunca fez parte assim porque nunca quis? ou
- 646 mauro não, nunca.
- 647 tais não rolou.
- 648 mauro nunca. é porque eu sempre-- eu eu nunca-- essa coisa do que você tá falando (isso daí) da diferenciação e tal e às vezes exagero sabe↓ como se-- pra mim sempre foi assim sempre foi eh eu só eu só só gosto de de de alguém do mesmo sexo entendeu↓
- 649 tais hã hã
- 650 mauro eu num-- eu acho importante o movimento gay mas nunca tive vontade de participar entendeu↓ já fui a passeatas acho legal sabe↓ não tenho problema nenhum com a minha homossexualidade sabe↓ eu também não saio falando pra todo mundo “oi, sou gay. prazer meu nome é mauro. sou gay.” sabe↑ eu não faço isso mas como é
- 651 tais é como um cara que eu entrevistei falou “pois é, nenhuma mulher também chega pra mim me cumprimenta e fala ‘oi, eu sou hetero’.” ((risos))
- 652 mauro é, ninguém fala isso. então sabe não não é por aí sabe↓ então não não eh não sei↓ acho que hum conheci um cara uma vez que tava (horrorizado) acha um absurdo eu não ser uma pessoa=
- 653 tais =engajada=
- 654 mauro =engajada em movimento sabe↓ sinceramente não fiz questão. acho que se fizesse faria () não fiz. não, acho legal, acho que eh eh eh acho acho que tem seu seu espaço, acho que tem sua importância sabe↓ acho que não é a única via sabe↓ também eu acho que você eh você não precisa fazer movimentos sabe↓ acho que não é não é por aí sabe↓ ah mas acho que tem tem sua importância também () enfim. mas nunca me interessei não. nunca tive vontade de de me sabe de me me rotular sabe↓ que eu acho que eu me sinto muito rotulado () sabe↓ (fulano) é tipo é como se eu () cláudio nascimento cláudio nascimento. (pra mim o que que que é o) cláudio nascimento? ele é gay só entendeu↓ ((risos)) ele é () (ficar) ficar evidente é
- 655 tais () (ficar) ficar evidente é
- 656 mauro você é gay porque num num
- 657 tais não, é, nem o que ele conquistou como gay
- 658 mauro é
- 659 tais o fato de ele ser gay.
- 660 mauro é, não sei nem o que ele faz da vida dele entendeu↓ não sei se ele faz (qualquer coisa). só sei que ele é gay então sabe eu não sei se-- pra mim não é interessante.
- 661 tais você conhece gente que que milita?
- 662 mauro sabe eu eu (conh-) eu tive contato na época que o gabe trabalhava na xxx↓ porque o gabe trabalhou↓ ele deve ter te contado.
- 663 tais foi

- 664 mauro na xxx e eu tinha contato. eu ia na xxx eu conhecia algumas pessoas mas eh eh enfim. até cheguei a escrever pra xxx também. ((risos)) ((tais risos)) o gabe tava de saco cheio eu resolvi escrever lá pra ele uma matéria↓ eh mas nunca tive contato próximo não. nunca tive uma coisa nunca nunca me interessou.
- 665 tais eu entendo. eu nunca fiz parte do movimento feminista não. achei acho bom (que) [existia
- 666 mauro [acho ótimo
- 667 tais porque eu acho [que tem coisas
- 668 mauro [é, eu acho importante. ah eu acho importante e acho que não é a única via
- 669 tais hã hã
- 670 mauro mas eu acho que é importante sabe↓ acho que pessoas fazem-- eu acho também com com as sua vida também eu acho que que eh por exemplo, quando eu trabalho num lugar e e as pessoas sabem que eu sou gay e e e eu sou competente entendeu, no meu trabalho, eu acho que embora não não seja essa minha intenção as pessoas que nem tão raciocinando sabe, estão mudando também o ponto de vista delas [também.
- 671 tais [é
- 672 mauro acho que tudo é válido. acho válido. tem uma novela falando de de lésbicas na adolescência↓ acho que eu não penso só em rio de janeiro↓ eu sei que lá no piauí tem outra [realidade.
- 673 tais é [(verdade)
- 674 mauro as pessoas têm mais dificuldade de de sabe↑ então eu acho tudo válido sabe↓ embora eu escolha outras vias.
- 675 tais aliás, a novela passa no piauí. ((risos))
- 676 mauro passa. eu acho ótimo que passa no piauí.
- 677 tais passa no interior todo.
- 678 mauro inclusive ontem passou uma cena super interessante daquela da suzana vieira que eu queria bater palma pra ela assim [tipo
- 679 tais [ah eu vi. olha que eu não vejo. quando eu vou pra itaipava é que eu vejo novela que a minha amiga vê novela e eu vejo. e eu vi essa cena de ontem.
- 680 mauro hum hum. eu acho assim que nem foi uma cena primorosa nem acho que tenha sido muito bem trabalhada e tal, mas se você pensar no piauí. pensa no piauí quando você tiver assistindo isso. ((meio rindo))
- 681 tais é
- 682 mauro eu falei “caralho” sabe↑ é bater palma pra suzana vieira que sei lá
- 683 tais foi um discurso maneiro
- 684 mauro foi um discurso maneiro sabe foi
- 685 tais rapidinho sem grandes complicações ela [()
- 686 mauro [nada. [é
- 687 tais [bem terra
- 688 mauro [a terra
- 688 mauro [claro claro. sabe é isso aí↓ sabe eu achei muito maneiro.

- 689 tais o que eu gosto também é que as meninas são-- a a uma delas eu não sei o nome porque eu só vejo-- [eu vejo essa novela umas duas vezes por mês.
- 690 mauro [uma é a rafaela. é é e rafaela é que
- 691 tais mais bonita. qual que é a [a mais bonitona de olho grande?
- 692 mauro [clara clara.
- 693 tais que tem cabelo mais castanho?
- 694 mauro clara
- 695 tais clara, pois é. e eu acho legal é que a outra não é tão linda mas é bonitinha e essa é linda né↓ que também sempre [tem aquilo [“ah (sapato é) feia”
- 696 mauro [é. tem uma amiga minha e aí () [tem uma amiga minha que ela fala cara, que que eh eh “sapatão é mulher feia entendeu↓ isso é mulher que tá tá abandonada sabe↓ que não tem outra opção.” e aí ela né aí ela fala aí ela tem uma amiga que é que é muito feia↓ sabe muito feia mesmo e que não fica com ninguém. (ela fala assim) “ah essa menina ela seria tão feliz se ela gostasse de mulher. ((tais gargalhada)) a vida dela ia se resolver.” sabe↑ ((risos)) é preconceito né↑
- 697 tais é preconceito por que até parece que alguma lésbica ia achar ela bonita ((gargalhada))
- 698 mauro como se lésbicas gostassem de mulheres feias. ((tais risos)) até parece né↑ até parece.
- 699 tais mas tem. que tinha isso no movimento feminista tinha isso. () inclusive porque a grande cabeça do movimento feminista internacional foi a betty friedman que era feia pra cacete↓ (então) ficou também aquela (imagem) “ah mulher que sai eh lutando pelos direitos são as mulheres que são abandonadas pelos maridos. ((mauro risos)) não têm quem sustente. ((gargalhada)) é tudo (ganhar bem)” ((gargalhada))
- 700 mauro e tem tempo né pra ficar inventando né coisas=
- 701 tais =é, tem tempo pra inventar coisa e tem necessidade de ganhar o próprio dinheiro.
- 702 mauro claro
- 703 tais porque não tem
- 704 mauro quem sustente
- 705 tais ninguém que se interesse por elas
- 706 mauro é, isso é verdade. ((risos)) isso é muito legal.
- 707 tais essa é a história. ai ai. é isso aí. vou te liberar, mauro, são dez pras onze.
- 708 mauro menina ()

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)